

VICTOR SERGE

*O Ano I
da Revolução
Russa*



editora ensaio

MOVIMENTO DE IDÉIAS/IDÉIAS EM MOVIMENTO

VICTOR SERGE

O Ano I da Revolução Russa

"A classe operária é a única que tem tudo a ganhar, em qualquer circunstância, com o conhecimento da verdade. Ela nada tem a esconder, pelo menos na história. As mentiras sobre o social servem sempre, servem ainda, para a enganar. A classe operária as refuta para vencer e vence ao refutá-las. No entanto, já ocorreu de alguns historiadores proletários adaptarem a história a preocupações de atualidade política. Desse modo, submeteram-se a tradições que nunca foram as suas e sacrificaram, por interesses parciais e passageiros, interesses superiores e permanentes de sua classe. Tomei cuidado para não os imitar."

VICTOR SERGE



editora ensaio

MOVIMENTO DE IDÉIAS/IDÉIAS EM MOVIMENTO

O Ano I da Revolução Russa

Enquanto a *revolução social* foi o segredo generoso do século XIX, a *alma de natureza política* dos eventos posteriores, em contraste gritante, é o pífio mistério desvendado do colapso da revolução no século XX.

Tais são os pólos que balizam o zênite mesquinho deste fim de época, cujo espírito caiu de borco, lá do cimo de fundada esperança, no porão da indiferença autocomplacente e insensata, que avilta o errático cortejo majoritário de céticos e desiludidos.

De outra parte, nada a lamentar quanto à implosão de partidos e estados - mitos sempre perversos. Ao contrário, sua desagregação, mais do que tardia, dá início a um desbloqueio, mesmo sob entulho traumático, que poderá conduzir ao reencontro e à retomada dos fios com os quais há de ser possível urdir os verdadeiros complexos humano-societários imanentes à lógica do trabalho emancipado.

Decerto, longa e complexa jornada, da qual um dos passos é o esclarecimento do pesadelo vivido: a impostura do *socialismo oficial*, que acaba de se esfacular, minado e apodrecido fundamentalmente por suas inviabilidades genéticas. Impossibilidades de raiz que não podiam ser removidas por meras práticas políticas, e que enfrentadas, sem alternativa, como o foram - por monstruosa saturação política - redundaram em impasses e mutilações que comprometeram, por fim, a própria existência de países. E o que é muitíssimo pior: o dramático e monstruoso voluntarismo político - intrínseco à política sem *resolução ou alma social* - por seus desastres irredutíveis acabou, em escala planetária, por demolir o mandato social - teórico e prático - em favor da revolução do trabalho, que havia alimentado, por quase um século, o melhor da inteligência e da sensibilidade dos homens.

Por certo, a inteligibilidade do grande desastre não pode ser oferecida em um único livro, porém, O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA é um extraordinário ponto de partida: ímpar em sua condição de um "dos raros depoimentos de conjunto sobre uma época terminada para sempre", ou, mais precisamente, de testemunho de um grande autor a respeito da *República dos Sovietes* - "a primeira fase do drama histórico que começou pela insurreição vitoriosa de 17" - os "primeiros tempos heróicos da revolução, no decorrer dos quais se moldaram os homens, se definiram as idéias, se criaram as instituições". O curto período de doze meses no qual germinou o que houve de melhor, de verdadeiramente novo e positivo na revolução russa, e que por um momento não só

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

BIBLIOTECA REVOLUCIONÁRIA

O ANO I
DA
REVOLUÇÃO
RUSSA

E
A CIDADE EM PERIGO

VICTOR SERGE

TRADUÇÃO

LÓLIO LOURENÇO DE OLIVEIRA

BIBLIOTECA REVOLUCIONARIA

"BIBLIOTECA REVOLUCIONARIA"



editora ensaio

MOVIMENTO DE IDÉIAS/IDÉIAS EM MOVIMENTO

TÍTULO ORIGINAL
L'AN I DE LA RÉVOLUTION RUSSE

© EDITIONS LA DÉCOUVERTE/PARIS/1989

© DA EDIÇÃO BRASILEIRA: EDITORA ENSAIO/SP/1993

CAPA

WALTER HÜNE

REVISÃO

SANDRA FERRAZ BRASIL

E

EQUIPE ENSAIO

COMPOSIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E FILMES

ENSAIO - EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

GRÁFICA EDITORA HAMBURG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Serge, Victor, 1890-1947.

O Ano I da Revolução Russa/Victor Serge; [tradução Lólio Lourenço de Oliveira]. - São Paulo: Ensaio, 1993.

1. União Soviética - História - Revolução - 1917 - I. Título.

93-1784

CDD-947.0841

Índices Para Catálogo Sistemático

1. Revolução russa: História 947.0841

APOIO CULTURAL

GOVERNO LEONEL BRIZOLA

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

FUNDAÇÃO DE ARTES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

SECRETÁRIO

EDMUNDO MONIZ

SUB-SECRETÁRIO

JOSÉ CURSINO RAPOSO

1993

TÍTULO SELECIONADO PELA

editora ensaio

MOVIMENTO DE IDÉIAS/IDÉIAS EM MOVIMENTO

Rua Tupi, 784

01233-000 - São Paulo - SP

Telefones: (011) 66-4036/66-3168

DEDICO ESTE LIVRO A DOIS REVOLUCIONÁRIOS PROLETÁRIOS:

A UM MORTO QUERIDO,
VASSILI NIKIFOROVITCH TCHADAEV,
MILITANTE DA ORGANIZAÇÃO COMUNISTA DE LENINGRADO
(1917-1928), CUJA INTELIGÊNCIA ÍNTEGRA, FIRMEZA DE
CARÁTER E DEDICAÇÃO ABSOLUTA - *FLAMA INTERIOR ÚNICA* -
NÃO SE DESMENTIRAM NA MAIS AMARGA TORMENTA E QUE
TOMBOU MUITO ANTES QUE PUDESSE MOSTRAR TODA A
MEDIDA DE SUAS FORÇAS A SERVIÇO DA REVOLUÇÃO,
ASSASSINADO DURANTE UMA MISSÃO, A 26 DE AGOSTO DE
1928, NAS PROXIMIDADES DE ARMAVIR (KUBAN), - E

A UM GRANDE VIVO

V.S.*

* Publicado na primeira edição de
O Ano I da Revolução Russa, Librairie du Travail.

ÍNDICE

TOMO UM

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO	15
PREFÁCIO INÉDITO	19

I-INTRODUÇÃO: DA SERVIDÃO À REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

1 - 1861: A EMANIPAÇÃO DOS SERVOS	25
2 - 1881: A "VONTADE DO POVO"	27
3 - 1885: NASCIMENTO DO MOVIMENTO OPERÁRIO	30
4 - 1895-1903: O PARTIDO DO PROLETARIADO	33
5 - O PARTIDO "SOCIALISTA-REVOLUCIONÁRIO"	36
6 - 1905: A PRIMEIRA REVOLUÇÃO RUSSA. AS CAUSAS	39
7 - 1905: A BATALHA	42
8 - 1905: OS RESULTADOS	46
9 - 1907-1914: A REAÇÃO E O IMPERIALISMO FRANCO-RUSSO	49
10 - 1917	51

II-A INSURREIÇÃO DE 25 DE OUTUBRO DE 1917

1 - AS MASSAS	55
2 - O PARTIDO DO PROLETARIADO	57
3 - A CAMINHO DA INSURREIÇÃO	59
4 - OS CHEFES PROLETÁRIOS	62
5 - LENIN	64
6 - A MILÍCIA VERMELHA	66
7 - VIGÍLIA ARMADA	68
8 - KRONSTADT E A FROTA	72
9 - A TOMADA DO PALÁCIO DE INVERNO	73
10 - O CONGRESSO DOS SOVIETES	75
11 - EM MOSCOU: CRISE ECONÔMICA E SUBLEVAÇÃO	77
12 - O INÍCIO DO TERROR BRANCO	80
13 - ORGANIZAÇÃO E ESPONTANEÍSMO	83

III-AS CLASSES MÉDIAS DAS CIDADES CONTRA O PROLETARIADO

1 - OS GRANDES DECRETOS: A PAZ	85
2 - A TERRA	87
3 - O PRIMEIRO CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO	89
4 - A REVOLTA DOS <i>JUNKERS</i>	90
5 - A DIVISÃO COSSACA MARCHA SOBRE PETROGRADO	91
6 - O SOCIALISMO DA CONTRA-REVOLUÇÃO	94
7 - A SABOTAGEM	97
8 - A INICIATIVA DAS MASSAS	99
9 - O ÁLCOOL	102
10 - A CRISE DO PODER	103
11 - REALISMO PROLETÁRIO E RETÓRICA "REVOLUCIONÁRIA"	108
12 - AS CLASSES MÉDIAS DAS CIDADES E A REVOLUÇÃO	110
13 - AS "LEIS DE GUERRA" NÃO SE APLICAM À GUERRA CIVIL	113

IV-PRIMEIROS FOCOS DE GUERRA CIVIL. A CONSTITUINTE

1 - O DIREITO DAS NACIONALIDADES	115
2 - A RESISTÊNCIA DO GQG. A TROPA CONTRA OS GENERAIS	117
3 - KALEDIN. DERROTA DA CONTRA-REVOLUÇÃO COSSACA	119
4 - A UCRÂNIA	123
5 - A TRAGÉDIA DA FRENTE DE BATALHA ROMENA	126
6 - MASSACRES DE OFICIAIS	128
7 - O ARMISTÍCIO	129
8 - MÃOS À OBRA	131
9 - AS ELEIÇÕES PARA A CONSTITUINTE	134
10 - A DEFESA DA CONSTITUINTE	138
11 - A CONSTITUINTE. DESMORONAMENTO	141
12 - O "CONTROLE OPERÁRIO DA PRODUÇÃO"	146
13 - A BURGUESIA E A PEQUENA BURGUESIA DERROTADAS SEPARADAMENTE	150

V-BREST-LITOVSK

1 - A RÚSSIA E O IMPERIALISMO	153
2 - O PROBLEMA EM JANEIRO DE 1918	155
3 - A FÓRMULA IMPERIALISTA DE UMA PAZ SEM ANEXAÇÕES	157
4 - SEGUNDO CZERNIN E LUDENDORF	159
5 - NEGOCIAÇÕES	160
6 - LENIN EM MINORIA	164
7 - AS TESES DE LENIN	166
8 - A TESE DE TROTSKY	168
9 - "NEM PAZ, NEM GUERRA"	169
10 - O CANCELAMENTO DAS DÍVIDAS E OS ALIADOS ..	171
11 - "A PÁTRIA SOCIALISTA EM PERIGO"	175
12 - LENIN PREVALECE	177
13 - O TRATADO	179
14 - RESISTIR SEM FRASES	180
15 - PROBLEMAS E TÁTICAS	183
16 - A INTEGRIDADE DO PARTIDO PROLETÁRIO	186
17 - OS RESULTADOS DA PRIMEIRA PAZ IMPERIALISTA ...	188

VI-A TRÉGUA E O GRANDE RECUEO

1 - A OCUPAÇÃO DA UCRÂNIA	191
2 - NA FINLÂNDIA, OS PROLETÁRIOS TENTAM UMA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA	194
3 - O TERROR BRANCO NA FINLÂNDIA	199
4 - A "INDEPENDÊNCIA" DO CÁUCASO	204
5 - A COMUNA DE BAKU. O MASSACRE DOS 26	208
6 - LENIN NO III CONGRESSO DOS SOVIETES	211
7 - O PROBLEMA	213
8 - "PERECEREMOS SE..." - LENIN NO VII CONGRESSO DO PCR	215
9 - A TESE DO SACRIFÍCIO HERÓICO	218
10 - A DOCTRINA E A AÇÃO NO VII CONGRESSO DO PARTIDO BOLCHEVIQUE	221
11 - NASCIMENTO DO EXÉRCITO VERMELHO	224

TOMO DOIS

I-A ESCASSEZ E A INTERVENÇÃO TCHECOSLOVACA

1 - A ESCASSEZ	231
2 - O DESARMAMENTO DOS ANARQUISTAS	233
3 - A REVOLUÇÃO E SEUS DISSIDENTES	237
4 - DUAS TESES. BUKHARIN: CONTINUAR A OFENSIVA	239
5 - DUAS TESES. LENIN: SUSPENDER A OFENSIVA	242
6 - DIALÉTICA DOS ACONTECIMENTOS	246
7 - A REAÇÃO NA UCRÂNIA. A FOME	248
8 - COMPLÔS E PREPARATIVOS DE UMA INTERVENÇÃO DOS ALIADOS	251
9 - A SUBLEVAÇÃO DOS TCHECOSLOVACOS	254
10 - NACIONALIZAÇÃO DA GRANDE INDÚSTRIA	257
11 - DIANTE DA FOME	260
12 - GUERRA AOS AGRICULTORES RICOS	263
13 - ANARQUIA E DEMOCRACIA SOVIÉTICA	265
14 - ESTADO DE CLASSE, EXÉRCITO DE CLASSE	270

II-A CRISE DE JULHO-AGOSTO

1 - MAPA DA RÚSSIA	275
2 - OS CHEFES	277
3 - O PARTIDO E OS HOMENS	282
4 - O V CONGRESSO DOS SOVIETES	284
5 - ASSASSINATO DO CONDE MIRBACH. SUBLEVAÇÃO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA	286
6 - O FIM DO "BLOCO SOVIÉTICO"	288
7 - YAROSLAV	291
8 - A POLÍTICA DE NOULENS	294
9 - AMEAÇAS E TRAIÇÃO	296
10 - A CONSTITUIÇÃO SOVIÉTICA	298
11 - O CONTRA-GOLPE DAS VITÓRIAS TCHECOSLOVACAS	301
12 - O FIM DOS ROMANOV	304

III-O TERROR E A VONTADE DE VENCER

1 - O COMITÊ DOS CONSTITUINTES DE SAMARA	309
2 - A CAMINHO DO TERROR	311
3 - OS ATENTADOS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS	315
4 - AS JORNADAS DE SETEMBRO	318
5 - O CASO LOCKHART	320
6 - SVIAJSK	322
7 - PRIMEIRA VITÓRIA: A TOMADA DE KAZAN	326
8 - O VOLGA, OS URAIS, O KUBAN	329
9 - APOGEU DA CONTRA-REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. O DIRETÓRIO DE OUFA	333
10 - PERMANÊNCIA DO TERROR	336
11 - ESBOÇO DE UMA COMPARAÇÃO: 1793 E 1918	339
12 - TEORIA DO TERROR	342

TOMO TRÊS

IV-A REVOLUÇÃO ALEMÃ

1 - O DESMORONAMENTO DOS IMPÉRIOS CENTRAIS	347
2 - TUDO PELA REVOLUÇÃO ALEMÃ	350
3 - NOVOS PERIGOS	353
4 - OS DADOS DA REVOLUÇÃO ALEMÃ	355
5 - OS SOCIALISTAS DA CONTRA-REVOLUÇÃO NO PODER	358
6 - O EMBAIXADOR DOS SOVIETES, IOFFE, EXPULSO DE BERLIM	360
7 - O GRANDE EXÉRCITO DO DON. KRASNOV	362
8 - A QUEDA DE SAMARA	366
9 - OS ALIADOS NA SIBÉRIA. KOLTCHAK	368
10 - O VI CONGRESSO DOS SOVIETES. ANULAÇÃO DO TRATADO DE BREST-LITOVSK	371
11 - A RECONQUISTA DA UCRÂNIA	373
12 - VITÓRIA DOS PROLETÁRIOS DA RÚSSIA	376
13 - DERROTA DOS PROLETÁRIOS DA ALEMANHA	378
14 - PRINKIPO	381

V-O "COMUNISMO DE GUERRA"

1 - O BLOQUEIO E A PRODUÇÃO	385
2 - AS FINANÇAS	386
3 - A AGRICULTURA	388
4 - A DIALÉTICA DA VIDA ECONÔMICA	389
5 - O ESFORÇO DO PROLETARIADO E A BUROCRACIA ..	391
6 - A PRIMEIRA TENTATIVA DE ORGANIZAÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOCIALISTA	393
7 - A NOVA ATITUDE DOS MENCHEVIQUES. O PROLETARIADO E AS CLASSES MÉDIAS	395
8 - A VIDA LITERÁRIA	398
9 - O ENSINO, AS CIÊNCIAS, AS ARTES	399
10 - A VIDA, OS COSTUMES	401
12 - NOVAS RELAÇÕES ENTRE AS MASSAS E O PARTIDO ...	403
13 - LENIN CONTRA KAUTSKY	406
14 - A DOCTRINA. NO LIMAR DO ANO II	408

TRINTA ANOS DEPOIS

POSFÁCIO INÉDITO	413
------------------------	-----

A CIDADE EM PERIGO

A CAMINHO DA RÚSSIA - PREFÁCIO	437
--------------------------------------	-----

SEGUNDO ATAQUE DO EXÉRCITO BRANCO DO GENERAL YUDENITCH CONTRA PETROGRADO, 20-30 DE OUTUBRO DE 1919

PERIGO PERMANENTE EM PETROGRADO	441
A DERROTA	442
A MENTALIDADE DO SOLDADO	443

OS VERSALHESES FORÇARAM UMA PORTA	445
HOUE UM MOMENTO	447
UM ARTIGO DE TROTSKY	448
PETROGRADO À NOITE	449
OS COMUNISTAS	450
ATITUDE DA POPULAÇÃO NEUTRA	452
CONFUSÃO, IMPROVISACÃO, DÚVIDA, INQUIETAÇÃO	454
A REPÚBLICA EM PERIGO	455
O SOVIETE	456
A FORÇA MORAL	458
LEV DAVIDOVITCH TROTSKY	461
A LEI DE FERRO	462
EM PEDRO E PAULO	463
A VIRADA	464
O ESFORÇO DO PARTIDO	466
OS ANARQUISTAS	467
UM GESTO	468

YUDENITCH

O QUE SE PASSOU DO OUTRO LADO DA FRENTE DE BATALHA?	471
DENTRO DO CÍRCULO DE FERRO E FOGO	471
A FINLÂNDIA E A ESTÔNIA	472
O GENERAL INGLÊS MARCH	474
UM GOVERNO DEMOCRÁTICO	475
UM EXÉRCITO NACIONAL	476
A VITÓRIA E O DESMORONAMENTO	477
AS CAUSAS	478

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

Procurei oferecer neste livro um quadro verídico, vivo e racional das primeiras lutas da revolução socialista russa. Desejando, acima de tudo, resgatar aos olhos dos proletários os ensinamentos de uma das épocas mais importantes e decisivas da luta de classes nos tempos modernos, só poderia expor o ponto de vista dos revolucionários proletários. Esse modo de proceder terá, para o leitor leigo em doutrinas comunistas, a vantagem de lhe mostrar a maneira como os que fizeram a revolução a entendiam e a entendem ainda hoje.

A imparcialidade do historiador não passa de uma lenda destinada a corroborar convicções de interesse. Os trabalhos sobre a grande guerra seriam suficientes para destruir essa lenda, caso isso fosse necessário. O historiador é sempre "de seu tempo", isto é, de sua classe social, de seu país, de seu meio político. Mas a única parcialidade isenta hoje, compatível com a grande preocupação da verdade, é a do historiador proletário. Porque a classe operária é a única que tem tudo a ganhar, em qualquer circunstância, com o conhecimento da verdade. Ela nada tem a esconder, pelo menos na história. As mentiras sobre o social servem sempre, servem ainda, para a enganar. A classe operária as refuta para vencer e vence ao refutá-las. No entanto, já ocorreu de alguns historiadores proletários adaptarem a história a preocupações de atualidade política. Desse modo, submeteram-se a tradições que nunca foram as suas e sacrificaram, por interesses parciais e passageiros, interesses superiores e permanentes de sua classe. Tomei cuidado para não imitá-los. Se me ocorreu, o que aliás é provável, de haver em algum momento deformado a verdade, foi sem saber, por falta de informação suficiente ou por erro. Por tais razões este livro é, certamente, bastante imperfeito. Absorvido por outros trabalhos, vivendo como militante numa época muito movimentada, nunca dispus do tempo e da calma necessários ao estudo da história. Os que fazem a história raramente têm, por razões análogas, oportunidade de a escrever.

Por outro lado, a matéria não está acabada. Os fatos são muito recentes, muito vivos, as cinzas do braseiro estão ainda quentes, queimam quando as tocamos... Existe na Rússia uma literatura muito mais abundante do que rica sobre a Revolução de Outubro. Memórias, relatos, notas, documentos, estudos parciais aparecem em profusão. Mas, é preciso dizê-lo, nada é mais difícil do que beneficiar-se dessa imensa do-

documentação; demasiado subordinada à propaganda, faltam-lhe quase completamente as obras sistemáticas, de conjunto. A história dos partidos, da guerra civil, do exército vermelho, do terror, das organizações operárias sequer é esboçada. Além de algumas obras muito sumárias, nenhum trabalho sério sobre a história da revolução foi ainda publicado na URSS (e não haveria razão para se espantar com isso). Os escritores militantes foram os únicos a tratar mais profundamente de alguns dos problemas pelos quais se interessam. As memórias, às quais nessas condições é preciso sempre recorrer, apresentam muitas falhas. Os revolucionários, na melhor das hipóteses, são cronistas apenas passáveis; além disso, na maioria das vezes escreveram com objetivos determinados: comemoração de aniversários, homenagens, polémicas, e até mesmo deformação da história, segundo a conveniência de certos interesses de momento. Os trabalhos parciais, como as monografias locais, oferecem poucas garantias científicas.

Utilizando-me da maior parte dessa documentação, dediquei-me atentamente a procurar o traço comum a todas elas. Apresentei inúmeros detalhes e citações para fornecer ao leitor elementos de avaliação bem precisos. Somente indiquei minhas fontes quando me utilizei de trabalhos anteriores que possuíam valor real, quando me pareceu útil ressaltar a importância de um testemunho e, finalmente, com a intenção de facilitar as pesquisas para o leitor.

Se for possível, continuarei esses trabalhos. Agradecerei muitíssimo aos leitores que queiram assinalar as insuficiências desta obra e as questões que lhes pareça necessário esclarecer.

É oportuno que se defina, aqui, qual o lugar do Ano I na história da revolução. O Ano I da revolução proletária - ou da República dos Sovietes - começa a 7 de novembro de 1917 (25 de outubro, pelo calendário antigo) e acaba, naturalmente, a 7 de novembro de 1918, no momento em que explode a revolução alemã. A coincidência é quase perfeita entre o calendário e a primeira fase do drama histórico que começou pela insurreição vitoriosa e terminou pela extensão da revolução à Europa central. Vemos então, pela primeira vez, proporem-se todos os problemas que à ditadura do proletariado cabia resolver: organização do abastecimento, da produção, defesa interna e externa, atitude perante a classe média, os intelectuais, os camponeses, a vida do partido e dos soviets.

Esta primeira fase, proporíamos chamá-la *conquista proletária*: tomada do poder, conquista do território, conquista da produção, criação do estado e do exército, conquista do direito à vida....

A revolução alemã abre a fase seguinte que é a da *luta internacional* (ou, mais exatamente, *da defesa armada* - às

vezes *agressiva* - do núcleo central da revolução internacional). Em 1919, forma-se uma primeira coalizão contra a República dos Sovietes. Os aliados, julgando insuficiente o bloqueio, estimulam a formação de estados contra-revolucionários na Sibéria, em Arkhangelsk, no sul e no Cáucaso. Em outubro de 1920, no fim do Ano II, a república, atacada por três exércitos brancos, parece estar a ponto de sucumbir. Koltchak marcha em direção ao Volga; Denikin, depois de invadir a Ucrânia, marcha em direção a Moscou; Yudenitch, apoiado por uma esquadra inglesa, marcha em direção a Petrogrado. Milagrosa energia dá vitória à revolução. A fome, as agressões, o terror, o regime heróico, implacável e ascético do "comunismo de guerra", continuam. No ano seguinte, a coalizão européia lança a Polónia contra os soviets, no momento em que o fim do terror acaba de ser decretado. Enquanto se realiza em Moscou o II Congresso da Internacional Comunista, o exército vermelho chega às portas de Varsóvia, deixando no ar a ameaça de uma nova crise revolucionária na Europa. Este período termina, em novembro-dezembro de 1920, com a derrota de Wrangel na Criméia e a paz com a Polónia. A guerra civil parece ter acabado, mas as revoltas camponesas e a insurreição de Kronstadt revelam, de forma brutal, a gravidade do conflito entre o regime socialista e as massas camponesas.

Uma terceira fase, que se pode chamar de *reconstrução econômica*, inicia-se em 1921, com Nova Política Econômica (cuja abreviação é NEP) e termina em 1925-1926 com o retorno do nível de produção àquele do período anterior à Grande Guerra (embora, é bem verdade, com uma população maior). Relembremos resumidamente o que é a NEP. Após as derrotas da classe operária européia, a ditadura do proletariado foi obrigada a fazer concessões econômicas à pequena burguesia rural: a abolição do monopólio dos cereais, a liberdade de comércio e a aceitação da presença do capital privado dentro de certos limites. O estado socialista conservou todo o poder de direção no domínio da economia e não fez nenhuma concessão política. Esta importante "retirada" (foi Lenin que empregou esta palavra), cujo objetivo era preparar o caminho ulterior em direção ao socialismo, pacificou o país e facilitou a sua reedificação.

Depois de 1925-1926, a história da revolução proletária da Rússia entrou em sua quarta fase. Completou-se a reconstrução econômica, cinco anos após o término da guerra civil, o que constitui um êxito admirável para um país duramente castigado, dependendo unicamente dos próprios recursos. É preciso, a partir de então, aumentar a produção, pois é necessário que ela atinja o mesmo nível dos grandes países capitalistas. Todos os problemas são propostos sob uma nova luz. Fase de industrialização. Retomada, cada vez mais exa-

cerbada, da luta de classes. Agravamento das dificuldades de uma revolução proletária contida dentro das fronteiras nacionais e rodeada por países capitalistas. Mas este é o presente, a vida, a luta. Nada melhor para facilitar sua compreensão do que o conhecimento dos primeiros tempos heróicos da revolução, no decorrer dos quais se moldaram os homens, se definiram as idéias, se criaram as instituições.

Doze anos se passaram depois dos acontecimentos estudados neste livro.

A república proletária, fundada pela insurreição de 7 de novembro de 1917, está viva. A classe operária se mostrou, na Rússia, capaz de exercer o poder, organizar a produção, resistir vitoriosamente aos inimigos do exterior e do interior e ser perseverante no cumprimento de sua missão histórica - que é a de construir uma nova sociedade - e isso nas condições mais ingratas possíveis. Os ensaios e os erros dos homens, as dissensões e as lutas políticas, ao invés de embaçar esse importante fato a nossos olhos, devem ressaltá-lo. A revolução proletária continua. Um duplo dever se impõe, desde já, a todos aqueles cujos interesses de classe não os colocam contra ela: internamente - isto é, na URSS e no movimento operário revolucionário internacional - servir à revolução combatendo os males que a atingem, esforçando-se para contribuir na elaboração e na aplicação incessante de uma política inspirada nos interesses superiores do proletariado mundial; externamente, defender a primeira república dos trabalhadores, velar pela sua segurança, acompanhar seus trabalhos e suas lutas, para daí extrair os ensinamentos que iluminarão amanhã, para outros povos, os caminhos da transformação do mundo¹.

V.S.

JANEIRO DE 1930

PREFÁCIO INÉDITO 1938

Terminei em Leningrado, em janeiro de 1930, as últimas páginas deste livro e as primeiras do prefácio. Depois disso, passaram-se oito anos. E que anos! Destino singular o desta obra, feita unicamente com material da época, no contato cotidiano com os participantes da revolução e com a preocupação única de preservar, ainda que apressadamente, uma verdade já ameaçada ... Pois transformou-se num dos raros depoimentos de conjunto sobre uma época terminada para sempre, o qual, dadas as circunstâncias, tornou-se mais atual e mais vivo do que a maioria dos livros publicados até hoje sobre este tema. Vários deles foram publicados na URSS. Todos aqueles publicados antes de 1937 foram retirados das bibliotecas e de circulação e destruídos. O simples fato de possuí-los ou lê-los é passível de punição, pois a história oficial, enveredando pela via das falsificações as mais impudentes e risíveis, encarrega-se de destruir os documentos, as memórias, as lembranças e até os fatos oficiais de outrora! O leitor, conhecedor de russo, que confronte as sucessivas edições das enciclopédias editadas pela Livraria do Estado de Moscou, poderá avaliar como me expresse de forma moderada.

Esperava poder continuar este estudo sobre a revolução russa. Mesmo preso, continuei a acumular notas, textos, depoimentos e a colocar no papel elementos para um livro, tão extenso quanto este, cujo título deveria ser *O Ano II*. Quando deixei a Rússia, banido em abril de 1936, a polícia política reteve (ilegalmente; mas esta palavra é motivo de riso) todo esse material, como também dois outros livros já terminados, fruto de longos anos de trabalho. Outros pesquisadores escreverão "O Ano II", mas sua tarefa será difícil. Pois os homens daquela época foram eliminados e com eles suas obras.

Consideremos por um momento os caminhos percorridos nestes últimos oito anos pela revolução russa. Em 1925-1926, ela entra no que se pode chamar sua quarta fase. Completou-se a reconstrução econômica, cinco anos após o término da guerra civil, o que constitui êxito admirável para um país duramente castigado, dependendo unicamente dos próprios recursos e onde as classes trabalhadoras tomaram tudo em suas mãos. Atinge-se o nível de produção e de consumo de 1913. Doravante é preciso aumentar a produção para alcançar o nível dos países da Europa. Todos os problemas são propostos sob um novo ângulo, em função das relações en-

1. A maior parte deste livro foi escrita na URSS. Sinto não ter podido utilizar várias obras importantes editadas no estrangeiro. Foi impossível consegui-las.

tre a agricultura e a indústria, o campesinato e a ditadura do proletariado. É neste momento que a maioria dos homens do partido e do estado. O poder lhes escapa, passa para novos homens, arrivistas do dia seguinte da revolução, instalados nos gabinetes do partido do governo, dos quais o secretário geral do Comitê Central, um bolchevique georgiano, de cerca de cinquenta anos, quase desconhecido nos anos decisivos da revolução, Iossif Djugachvili - Stalin -, ex-Koba das organizações terroristas do Cáucaso (1906-1907), torna-se um símbolo vivo, ao mesmo tempo que dirigente hábil e duro. A ideologia se transforma, apesar de as pessoas aparentarem, em discussões confusas, respeitar a sua forma, para conservar os antigos símbolos prestigiados. Por preconizarem a industrialização, a democratização, primeiramente do partido, e a seguir do regime, uma política internacional ativamente revolucionária no exterior e principalmente na revolução chinesa amplamente influenciada pelos russos, os mais notáveis e mais ilustres entre os combatentes dos primeiros tempos e entre os colaboradores de Lenin, em primeiro lugar Trotsky, são excluídos do partido em fins de 1927 e, logo depois, presos ou deportados. A mesma sorte teve o autor deste livro.

A crise do trigo, causada pela fragilidade da atividade socializada que não consegue prover às necessidades dos agricultores, obriga então o triunvirato Stalin-Rykov-Bukharin, que sucedeu o triunvirato Zinoviev-Kamenev-Stalin, a impor ao país, ao mesmo tempo que o primeiro plano quinquenal de reequipamento industrial, a coletivização compulsória e quase completa da agricultura. Não podendo oferecer aos camponeses o valor de troca do seu trigo, é preciso coagi-los a plantar e a colher. De 1926 a 1928, viveu-se uma crise política extremamente grave. Estes anos viram a burocracia, ainda nada consciente de si mesma, expulsar do poder os revolucionários que haviam construído o estado soviético.

A coletivização compulsória da agricultura provoca a espoliação e a deportação de vários milhões de camponeses, o extermínio do gado e a fome generalizada de 1930 a 1934. Esta nova fase da evolução do regime se caracteriza pelo recurso ao terror contra os camponeses, técnicos e operários (em menor grau) e pelas surdas lutas nos círculos dirigentes, que, entretanto, continuam a proclamar, em toda circunstância, sua unanimidade "monolítica". Pouco a pouco, a perseguição às oposições dissimuladas se institui em caráter permanente no partido. A república dos soviets, apesar de ter conseguido, a um custo incalculável de trabalho e sofrimento humano, um novo e formidá-

vel parque industrial, torna-se um estado totalitário, no qual a polícia é o principal instrumento de governo do "Bureau Político".

Uma transformação dessa ordem implica, ao mesmo tempo, uma profunda negação e uma modificação da estrutura social, fatos estes que são rigorosamente conexos, ou melhor, um mesmo e único fato. Se os ideais de 1917-1918, venerados oficialmente, são, na verdade, especializados, isso se dá porque a revolução igualitária chegou, em quinze anos, a uma nova desigualdade suficientemente grave e estável para que surja um antagonismo irremediável entre dirigentes e dirigidos, administradores das riquezas coletivizadas, donos do estado e massas trabalhadoras novamente exploradas. Eis o resultado de uma revolução socialista dirigida por um proletariado muito frágil, num país agrícola imenso e, mais ainda, rodeado por países que continuam a ser capitalistas.

Esta é a origem da terrível crise política iniciada entre 1936 e 1938, no decorrer da qual o ditador da burocracia empenha-se em liquidar, um após outro, o antigo partido da revolução e da guerra civil, e seu próprio partido, aquele que o colocou no poder contra o primeiro, imbuído em demasia de idéias socialistas. Os bolcheviques mais conhecidos morreram fuzilados, depois de monstruosos processos onde até mesmo seu próprio devotamento, habilmente manipulado por uma Inquisição, foi usado para desonrá-los, mediante falsas confissões. Outros, menos célebres, morreram, às centenas e milhares, fuzilados sem processo. Os obscuros participantes da revolução, às centenas de milhares, lotam os campos de concentração, enquanto uma constituição dita "democrática" é outorgada ao país pelo Chefe. Os autores dessa constituição, seis meses depois, não mais existem; às dezenas, os deputados dos novos conselhos desaparecem durante as eleições ou logo após terem sido eleitos, apesar das imunidades. Mas a constituição não deixa sequer vestígio dos antigos soviets, concebidos em 1917 como órgãos essenciais do estado¹.

Dentre os homens cujos nomes serão encontrados nas páginas seguintes deste livro apenas um sobrevive, Trotsky, perseguido há dez anos e refugiado no México. Lenin, Dzerjinski e Tchitcherlin morreram antes, evitando assim a proscrição. Zinoviev, Kamenev, Rykov e Bukharin foram fuzilados. Entre os combatentes da insurreição de 1917, o herói de Moscou, Muralov, foi fuzilado; Antonov-Ovseenko, que dirigiu o assalto ao palácio de Inverno, desapareceu na prisão; Krylenko, Dybenko, Chliapnikov, Glibov-Avilov, todos membros do primeiro

1. Em meu livro, *Destino de uma Revolução*, encontram-se um balanço e um quadro detalhados da evolução da URSS entre 1917 e 1937.

Conselho dos Comissários do Povo, tiveram a mesma sorte, assim como Smilga, que dirigia a frota do Báltico, e Riazanov; Sokolnikov e Bubnov, do *bureau* político da insurreição estão presos, se é que ainda vivem; Karakhan, negociador em Brest-Litovsk, foi fuzilado; dos dois primeiros dirigentes da Ucrânia soviética, um, Piatakov, foi fuzilado, e o outro, Raczowski, velho alquebrado, está na prisão; os heróis das batalhas de Svlajsk e do Volga, Ivan Smirnov, Rosengoltz e Tukhatchevski foram fuzilados; Raskolnikov, posto fora da lei, desapareceu; dos combatentes dos Urals, Mratchkovsky foi fuzilado, Bieloborodov desapareceu na prisão; Sapronov e Vladimir Smirnov, combatentes de Moscou, desapareceram na prisão; o mesmo aconteceu com Preobrajenski, o teórico do comunismo de guerra; Sosnovski, porta-voz do partido bolchevique no primeiro Executivo Central dos soviets da ditadura, foi fuzilado; Enukidze, primeiro secretário desse Executivo, foi fuzilado. A companheira de Lenin, Nadejda Krupskaya, terminou seus dias não se sabe em qual cativeiro... Dentre os homens da revolução alemã, Yoffe suicidou-se, Karl Radek está preso; Krestinski, que continuou atuando na Alemanha, foi fuzilado. Da oposição socialista-revolucionária de 1918, Maria Spiridonova, Trutovski, Kamkov, Karelin, provavelmente sobrevivam, porém na prisão já há 18 anos. Blumkin, que aderiu ao partido comunista, foi fuzilado. Entre os homens que, no Ano II, asseguraram a vitória da revolução, pequeno número ainda vive: Kork, Iakir, Uborevitch, Primakov, Muklevitch, chefes militares dos primeiros exércitos vermelhos, foram fuzilados; fuzilados os defensores de Petrogrado, Evdokimov e Bakaev; fuzilados, os bolcheviques do Cáucaso, Mdivani, Okudjava, Eliava; fuzilado Fayçulla Khodjaev, que teve papel de grande importância na sovietação da Ásia central; desaparecido na prisão, o presidente do Conselho dos Comissários dos Sovietes da Hungria, Bela-Kun...

A vitória da revolução, guardadas as devidas proporções, não custara muitas perdas aos vencedores; dez anos mais tarde, ao contrário, a reação burocrática, que conquistou o poder sem combate, aniquilou, submersa num mar de lama e de sangue, toda uma geração... E, assim, chegamos onde estamos. Um dos problemas essenciais, neste momento, é saber se a ditadura totalitária em sua forma atual, isto é, policial e terrorista, é compatível com o simples funcionamento da produção nacionalizada. Temos todas as razões para não crer nesta possibilidade.

O enorme empreendimento de transformação social iniciado em 1917, num país atrasado e devastado pela guerra, permanece, entretanto, admirável, por mais de uma razão: pelas energias e esperanças que suscitou e, também, por sua conquista histórica. As bases de uma nova ordem, fundada não mais na propriedade privada dos meios de produ-

ção, mas na propriedade socializada, subsistem. Esta economia, regida por um plano único, embora nas mãos de um poder freqüentemente nada inteligente e quase sempre bárbaro, mostrou-se dotada de uma vitalidade e de uma capacidade criativa extraordinárias. Seria preciso realmente descrever totalmente no homem e ignorar por completo os caminhos da história para admitir que a atual reação, que, por suas características, nos leva de volta ao despotismo russo dos séculos anteriores, possa ser a última palavra da revolução russa. Este pesadelo será vencido, como tantos outros antes dele. O verdadeiro balanço da revolução russa só poderá ser feito quando germinarem as sementes lançadas em profusão nos anos de fecundo desenvolvimento de um grande povo.

VICTOR SERGE
PARIS, SETEMBRO DE 1938.

I-INTRODUÇÃO: DA SERVIDÃO À REVOLUÇÃO PROLETÁRIA

1 - 1861: A EMANCIPAÇÃO DOS SERVOS

Os acontecimentos encadeiam com tanta perfeição na história do mundo que é preciso recuar ao passado longínquo para se ter uma idéia imparcial das causas de um fato - sobretudo quando se trata de um fato tão grandioso como a revolução russa.

O fim do século XVIII e a primeira metade do século XIX são marcados, na história da Europa ocidental, por uma transformação social das mais dolorosas, porém radical e de uma incalculável fecundidade: a revolução burguesa.

As monarquias do antigo regime, herdeiras do feudalismo - a que aliás haviam vencido em sangrentas lutas, com o apoio do povo das comunas, o segmento revolucionário nessa época - baseavam-se na grande propriedade fundiária (nobiliária ou feudal), no absolutismo burocrático das dinastias reais e na hierarquia da corporação do estado, sendo a nobreza e o clero superiores à burguesia. Entre estas classes sociais, algumas, as antigas classes dominantes, declinavam; a outra, a burguesia comerciante, manufatureira, financeira e parlamentar, com vigorosas raízes no seio mesmo da população de artífices, imbuída de tradições de trabalho, de economia, de probidade, de dignidade, de liberdade política - a liberdade política é cara às classes tuteladas -, cada vez mais poderosa, cada vez mais consciente de suas necessidades, isto é, da necessidade de vencer os obstáculos que impediam seu desenvolvimento, caminhava em direção ao poder. A revolução francesa de 1789-1793 abre a série de revoluções burguesas. "O que é o terceiro estado (burguesia)?", indagava-se, em 1789, o abade Sieyès, um dos homens do Termidor e do Brumário. - "Nada. O que deve ser? Tudo." A revolução burguesa, na Europa ocidental, só terminou por volta de 1850. Os exércitos de Napoleão a levam de Madri e Lisboa a Viena e Berlim. As revoluções de 1830 e 1848 são suas últimas convulsões políticas. Entretanto, a revolução industrial se concretiza de forma talvez mais profunda do que a outra (a primeira máquina a vapor, a de Watt, é de 1769; Fulton inventa, em 1807, o barco a vapor, e Stephenson, em 1830, a locomotiva; o tear de Jacquart é de 1802). A grande indústria

mecânica, auxiliada pela estrada de ferro, concentra nas cidades do trabalho e da miséria uma nova força transformadora: o proletariado. Assim, mal termina a revolução burguesa, caracterizada pela abolição dos privilégios feudais, da monarquia nobiliária e das castas, pela conquista das liberdades necessárias ao desenvolvimento industrial, pela hegemonia social da burguesia e por atribuir total poder ao dinheiro, novas lutas começam a se travar no novo terreno que ela criou: antes mesmo de conhecer seu papel de libertador da humanidade, o proletariado reclama seu direito a uma existência humana...

Durante toda a primeira metade do século XIX, a Rússia permanece à margem das convulsões revolucionárias do ocidente. Ali, o antigo regime (servidão, privilégios da nobreza e da Igreja, autocracia dos zares) é muito sólido; a conspiração militar chamada dos "dezembristas", em 1825, em nada o abala. Entretanto, a partir de 1840 a necessidade de grandes reformas se faz sentir: a produção agrícola é insuficiente, a exportação de trigo também, o desenvolvimento das manufaturas, às quais falta mão-de-obra, é lento; a autocracia e a servidão são um empecilho ao desenvolvimento capitalista. A situação é perigosa. O ato "libertador" de 19 de fevereiro de 1861, que aboliu a servidão, é um paliativo inteligente para ela. O lavrador "libertado", mas obrigado a comprar ínfimas porções de terra habilmente recortadas, passa da servidão feudal à servidão econômica: trabalhará muito mais. A indústria manufatureira encontrará na zona rural a mão-de-obra de que necessita. Com uma população, na época, de 67 milhões de almas, a Rússia contava com 23 milhões de servos pertencentes a 103.000 proprietários. As terras aráveis que os lavradores "libertados" tiveram que alugar ou comprar foram avaliadas aproximadamente pelo dobro de seu preço real (342 milhões de rublos em vez de 180), de modo que os servos da véspera viram-se ao mesmo tempo livres e terrivelmente endividados...

Desde a grande reforma do "zar libertador", Alexandre II, até a revolução de 1905, a situação dos camponeses russos continuava cada vez pior. A reforma de 1861 lhes concedera, aproximadamente, cinco hectares de terra para cada habitante masculino. Em 1900, o rápido crescimento da população só deixara aos mujiques menos de três hectares por cabeça: 70% dos lavradores terão menos terra do que a necessária para alimentar suas famílias. Mas quinze anos depois da reforma, por volta de 1876, a exportação de trigo da Rússia para o mercado europeu aumentou 140%, provocando sensível baixa do preço mundial de cereais. De 1857 a 1859, a Rússia somente exporta 8,75 milhões de *quarters*¹ de cereais. De 1871 a 1872, 21,08 milhões. A libertação dos servos foi um bom negócio para o comércio, a indústria, a propriedade fundiária e a burocracia remanescente. Os camponeses trocaram de jugo e se tornaram vítimas

1. Medida inglesa que equivale a um quarto de quintal.

de fomes periódicas.

A abolição da servidão na Rússia coincide com a guerra de Secessão e a abolição dos escravos nos Estados Unidos (1861-1865). O desenvolvimento do capitalismo exigia, nos dois mundos, que o trabalhador livre - livre para vender seu trabalho - substituísse o escravo ou o servo; ele trabalha melhor, muito mais, conscienciosamente. A grande indústria mecânica é incompatível com as maneiras primitivas de opressão; ela institui a opressão econômica dissimulada - por meio da fome -, tão eficaz quanto a violência não disfarçada.

2 - 1881: A "VONTADE DO POVO"

Ao mesmo tempo em que se concretizava a grande reforma, o zar libertador reprimia com um banho de sangue os patriotas da revolução polonesa de 1863 (1.468 execuções)...

Se, por um lado, a reforma de 1861 abria para a Rússia o caminho para o desenvolvimento capitalista, não permitia que ele ali pudesse funcionar sem entraves. A igualdade civil não existia. Um severo regime burocrático e policial era obstáculo a qualquer iniciativa. As corporações privilegiadas, ainda existiam no estado; a burguesia, mantida longe do poder, via constantemente seus interesses, - os quais chamava sinceramente de "os interesses do progresso" - desprezados pelo pensamento reacionário, ou sacrificados em benefício dos interesses da corte, da nobreza e da grande propriedade fundiária.

Os distúrbios agrários eram constantes. No seio da pequena burguesia, privada de direitos, privada de futuro, tão maltratada pelo antigo regime como pelo capitalismo nascente, a juventude intelectual, envolvida pelas idéias avançadas do ocidente, oferecia terreno favorável para germes revolucionários. As reformas, tal como a reforma judiciária, o estatuto das administrações locais, a abolição dos castigos corporais (1863-1865), eram acompanhadas de medidas rigorosas e cruéis como a deportação do pensador Tchernichevski para a Sibéria, onde passou 20 anos. A fraqueza da burguesia propriamente dita, mais inclinada para um compromisso com a reação, a inexistência de qualquer movimento liberal, a situação desesperada dos homens do campo, das camadas

28

mais pobres da população e dos intelectuais sem fortuna, tratados com desprezo pelas castas privilegiadas, os rigores da repressão, a influência do socialismo ocidental impregnado das tradições revolucionárias de 1848, dão origem ao primeiro movimento revolucionário russo de grande envergadura, o dos *narodniki* (da palavra povo, *narod*: populistas). Os *narodniki* querem uma revolução popular; vêem na antiga comuna rural russa, o *mir*, a base possível de um socialismo camponês. Pregam que as minorias esclarecidas têm imperiosos deveres para com o povo; têm fé na personalidade, no "pensamento crítico", no idealismo da elite intelectual. Pedro Lavroff² e Mikhailovski fornecem uma filosofia a esse movimento. O indômito Bakunin lhes ensina a revolta.

Esta é a época da "marcha em direção ao povo". Aos milhares, homens e mulheres jovens da aristocracia, da burguesia, da pequena burguesia buscam o povo, renunciando a suas carreiras e ao conforto, para trabalhar com as próprias mãos, conhecer a fadiga e a fome, o trabalho e a prisão, a Sibéria e Genebra... Constituem-se círculos de "revoltados" e conquistam a simpatia dos meios esclarecidos. São perseguidos. De seus destroços surge, em 1878, a Sociedade Secreta "Terra e Liberdade" que, por sua vez, logo se divide em dois partidos: o da Partilha Negra, partidário da propaganda na zona rural, e o da Vontade do Povo (*Narodnaia Volia*), partidário do terrorismo. "A história é lenta demais", diz um de seus chefes, Jeliabov; "é preciso sacudi-la: ou a nação estará degenerada antes que os liberais retomem o poder e ponham mãos à obra". O programa desse partido é bastante confuso: a terra para o povo, as fábricas para os operários; assembléia constituinte, república; constituição. Alguns *narodniki* se contentariam com uma monarquia constitucional. Eles viam, sobretudo, o que era preciso destruir: o que seria construído depois, os preocupava muito menos. Não dispondo de nenhum outro meio de ação, os homens da Vontade do Povo recorreram aos atentados individuais. "Nosso partido não pode fazer nada além disto", escreveu um deles, poucos dias antes de subir no cadafalso. "O assassinato político é uma de nossas armas mais eficazes na luta contra o despotismo russo", proclama o órgão do partido, *Terra e Liberdade*. O partido conta com menos de cinquenta homens, mas devotados até a morte, enérgicos, intrépidos, inteligentes, admiráveis.

O primeiro atentado marcante foi da estudante Vera Zaslitch, que atirou no general Trepov (1878). Um processo monstruoso acabara de ser encerrado: 193 pessoas acusadas de atividades revolucionárias compareceram diante dos juizes

2. Pierre LAVROFF, *Lettres historiques*, 1823 (Paris, 1900), *Essai sur l'histoire de la pensée*, trabalhos sobre o Estado, a Comuna de Paris.

29

de Petersburgo. De 770 acusados, 70 morreram na prisão, durante o período de instrução do processo, que durou vários anos. O processo escandaloso terminou com 94 absolvições, 36 deportações e uma condenação a 10 anos de trabalhos forçados. Entretanto, o chefe da polícia de Petersburgo, Tepov, submeteu um estudante preso ao açoite. "Castigo legal", explicou, "posto que B..., condenado, não é nobre". Vera Zaslitch foi absolvida. Pode-se imaginar o clima exaltado em que nasceu o terrorismo russo.

A partir daí, os atentados se sucedem. O terrível Comitê Executivo do Partido Vontade do Povo, pronunciava, secretamente, sentenças de morte, devidamente motivadas, que eram a seguir comunicadas aos interessados: o czar recebeu a sua. Depois, os justicelros agiam. O chefe de polícia Mezentsev foi apunhalado na rua, em Petersburgo, por desconhecidos³; o governador de Kharkov, um príncipe Kropotkin, foi executado. O czar respondeu ao assassinato dos seus lacaios enviando todos os delitos políticos aos conselhos de guerra e erguendo forças ao capricho da ira policial. A nação assistia muda a este duelo entre o despotismo e um punhado de revolucionários. De 1872 a 1882, houve um total de seis atentados (dentre os quais três mortais) contra altos funcionários, quatro atentados contra os chefes da polícia, quatro atentados contra Alexandre II, nove execuções de alcagüetes e 24 casos de resistência armada à polícia. Trinta e um revolucionários foram enforcados ou fuzilados. A Vontade do Povo visava, sobretudo, a cabeça do regime, "a fera coroadada". A 14 de abril de 1879, o estudante Soloviev atingiu Alexandre II com cinco tiros de revólver. A 1 de dezembro do mesmo ano, uma explosão provocou o descarrilhamento do trem imperial. A 17 de fevereiro de 1880, a sala de refeição do palácio de Inverno explodiu alguns instantes antes da família imperial entrar. A 1 de março de 1881, em Petersburgo, Alexandre II foi, finalmente, morto, destroçado por bombas. O jovem regicida Ryssakov, preso, traíra e entregara seus camaradas: os cinco justiceiros Sofia Perovskaia, Jeliabov, Kibaltchiche, Mikailov e Ryssakov foram enforcados. Com a morte destes homens, o partido perdeu seus melhores chefes, algumas das mais belas personalidades revolucionárias da história. Foi decapitado.

3. O escritor Stepniak (Kravtchinski), autor de *Rússia Subterrânea*, executou Mezentsev.

3 - 1885: NASCIMENTO DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Durante os dez anos seguintes (1881-1890), a reação atua com rigor, perseverante, restabelecendo a servidão em mais da metade. Desde a sua celebração, o novo czar Alexandre III proclama a autocracia "inabalável"; em seguida (1881), é criada a Okhrana ("A defensiva"), polícia secreta que tinha enormes poderes e muito crédito. Uma lei sobre a imprensa institui a censura preventiva para os jornais mal vistos pelas autoridades (1882), que podem, mesmo, ser fechados. A criação do cargo de chefes das comunas rurais (*Zemskie Natchalniki*), escolhidos entre os nobres, por designação dos proprietários fundiários e gozando de grandes poderes, consagra a servidão legal do camponês (1889). Os direitos dos nobres crescem, o ensino superior é reservado, por lei, às classes dirigentes; os estudantes, obrigados a usar uniforme, são submetidos a uma estreita vigilância policial. São criados o Banco Fundiário dos Nobres e o Banco Fundiário dos Camponeses, um para assistir aos fidalgos provincianos e aos proprietários de terras, o outro, para ajudar o progresso dos agricultores ricos. A russificação da Polônia, da Finlândia, das províncias bálticas e do Cáucaso prossegue com dureza; os judeus, submetidos a recentes pogroms (1881-1882), são agora obrigados a residir nas províncias do sudeste e na Polônia; as capitais lhes são proibidas e quase um milhão e meio de judeus são expulsos das cidades onde se haviam estabelecido e retornam a seus locais de origem (1888). A superpopulação e a horrível miséria das aglomerações israelitas resultam desta legislação que só será abolida em 1917. O número de vagas reservadas aos judeus nas universidades fica limitado a 10% nos territórios ditos judeus e a 2% nas capitais. A. Rambaud constata que, sob Alexandre III, a situação dos judeus assemelha-se um pouco à dos huguenotes franceses com a revogação do Édito de Nantes⁴.

As causas desta reação eram puramente econômicas, como bem demonstrou M.N. Pokrovski⁵. Já assinalamos o

impulso dado à exportação de trigo russo - ou seja, ao desenvolvimento do capital comercial - pela libertação dos servos. Nesta época, os preços mundiais do trigo eram muito altos; caíram a partir de 1870. O preço do frumento russo no exterior caiu de 1,54 rublos o *poud* (o *poud* equivale a 16,38 kg) para 74 *kopeks*, diminuindo em mais da metade. Ora, a exportação de cereais tinha na economia russa um peso enorme. A autocracia recorreu ao protecionismo e exigiu o pagamento em ouro dos direitos alfandegários. O camponês pagou mais caro por todos os artigos manufaturados. Como lhe haviam tirado as melhores terras por ocasião da reforma "libertadora" de 1861, ele teve que penar ainda mais para viver e arrendar as terras - muitas vezes, as mesmas terras que lhe haviam sido tiradas - a preços elevados (o arrendamento de terras decuplicou no governo de Saratov, entre 1860 e 1880). Assim, a pauperização dos agricultores foi rápida; em 11 anos, o gado dos camponeses da província de Orel diminuiu em um quinto. Em 1884, de 9 milhões de famílias de agricultores, 2,5 milhões não possuíam cavalos (M.N. Pokrovski). As medidas legais tomadas para impedir a proletarização do camponês que havia desejado, em primeiro lugar, fixar-se à gleba, foram impotentes em face dos fatores econômicos.

A indústria russa alça vôo nesse momento. A miséria da zona rural põe a sua disposição 10 milhões de proletários famintos. O trabalho intensivo dos agricultores que, cada vez mais, deixam de produzir eles próprios os tecidos, as ferramentas etc., de que necessitam para concentrar todo seu esforço no cultivo de cereais, lhe assegura um vasto mercado interno. Os capitais estrangeiros afluem. Avallada para o ano de 1877 em 541 milhões de rublos, a produção industrial global da Rússia passa, em 1897, a 1.816 milhões; os capitais estrangeiros investidos na indústria se elevam a 1,5 bilhão de rublos. Em 10 anos (1887-1897) os efetivos do proletariado metalúrgico passam de 103 a 153 mil e os do proletariado têxtil de 309 a 642 mil.

As condições de vida desse proletariado eram as mais miseráveis. Os tecelões da região de Moscou viviam, via de regra, na própria fábrica, dormindo nas oficinas. Era raro que os trabalhadores mais bem pagos dispusessem de um quarto só para toda sua família; comumente, várias famílias se amontoavam em uma só peça. Nas cidades, toda uma população em estado lamentável se alojava nos porões. A mortalidade infantil era espantosa. - A jornada de trabalho não era limitada, era freqüente a jornada de 14 horas. Em 1899, os tecelões de Petersburgo, que até então haviam trabalhado 14 horas por dia, obtiveram, com a greve, a jornada legal de 11 horas e meia. Os salários eram pagos muito irregularmente. Em 1883, em 110 das 181 tecelagens de Moscou, o pagamento dos salários dependia somente do

4. A. RAMBAUD, *Histoire de Russie*, p. 770, Hachette.

5. M. N. POKROVSKI, *História da Rússia*.

arbitrio patronal! As multas eram em grande número e a qualquer pretexto. As indústrias faziam negócios altamente vantajosos.

A partir de 1850, as greves se multiplicam. Por volta de 1875, o pequeno grupo de Tchaikovski⁶, do qual fazia parte Pedro Kropotkin, milita entre os operários de Petersburgo. Em 1877, durante um processo contra operários, o tecelão Pedro Alexeev pronuncia estas memoráveis palavras: "Dia virá em que a mão musculosa do trabalhador reduzirá a pó o despotismo". A primeira manifestação operária socialista aconteceu em Petersburgo, no átrio da catedral de Kazan, a 6 de dezembro de 1876; ali, o estudante G.V. Plekhanov, futuro dirigente da social-democracia russa, desfralda, pela primeira vez na Rússia, a bandeira vermelha...

A Sociedade dos Operários do Norte foi fundada em 1878-1879 pelo marceneiro Estevam Khalturin, amigo e companheiro de luta de Jellabov. Khalturin fracassa na tentativa de criar uma organização operária, consagra-se ao terrorismo e morre na forca, em 1882. A primeira greve vitoriosa dos operários russos - realmente vitoriosa, embora a intervenção das tropas e 600 prisões houvessem, de início, assegurado uma vitória formal ao patrão - foi a da fiação Morozov em Orekhovo-Zuev, em 1885. No ano seguinte, uma lei deu ganho de causa aos grevistas de Orekhovo-Zuev.

O primeiro grupo revolucionário russo de tendência marxista foi fundado, na Suíça, por G.V. Plekhanov em 1883, um ano antes da dissolução do Comitê Executivo do Partido Vontade do Povo. É o grupo da Emancipação do Trabalho. Reúne apenas cinco exilados. As primeiras organizações social-democratas nasceriam na Rússia somente dez anos mais tarde.

É em 1892 que começam a se formar, em Petersburgo e em Moscou, as Uniões de Combate para a Emancipação da Classe Operária. Elas só se consolidam em 1895. A de Petersburgo tem dois animadores: V.I. Lenin e I.O. Martov⁷. Dela também participava a professora primária N.C. Krupskaja. Vladimir Illich Ulianov - que, mais tarde, assinaria seus escritos como N. Ilin e, depois, N. Lenin - tem 25 anos. Filho de um diretor de escola de Simbirsk, ele é, como a maioria dos intelectuais revolucionários e fundadores do movimento socialista russo, de origem pequeno-burguesa. Seu irmão Alexandre, envolvido em um dos últimos complôs da Vonta-

6. Tchaikovski, liberal, teria um triste fim. Durante muito tempo, dedicou-se ao cooperativismo russo. Durante a intervenção dos aliados na Rússia, presidiu o governo branco de Arkhangel (1919). Morreu no exílio, em 1926.

7. Iuri Ossipovitch Martov (Zederbaum), teórico e polemista de grande talento, seria por toda a vida adversário de Lenin e dirigente do menchevismo. Internacionalista durante a guerra, tentou, num determinado momento (1919-1921) adotar uma atitude de oposição leal aos bolcheviques. Morreu no exílio, em 1923.

de do Povo, foi enforcado em 1887. O adolescente Lenin amadureceu à sombra deste patíbulo erguido para seu irmão mais velho. Por suas opiniões subversivas, foi expulso da universidade de Kazan, onde cursava a faculdade de Direito.

4 - 1895-1903: O PARTIDO DO PROLETARIADO

A partir dessa época, a história da Rússia segue dois caminhos convergentes, porém distintos. Toda a atenção dos historiadores dirige-se apenas a um deles, o único que estava em evidência. Eles estudam os fatos e os gestos dos imperadores, as ações diplomáticas, as conquistas, as mudanças de governo, as reformas; dão atenção à fome (a grande fome de 1891) e, algumas vezes, às agitações. Estes acontecimentos têm sua importância e não queremos diminuí-la, mas o observador levado pelo desejo de conhecer a história da Rússia - e do mundo - deve, hoje em dia, prestar maior atenção em outros acontecimentos: nas perturbações no campo, nas greves, na formação de partidos revolucionários - e nas necessidades econômicas que a eles se ligam por laços de causalidade direta.

A época de que trataremos aqui (1890-1903) é a do aparecimento do partido proletário. Ela é marcada pela aproximação - depois, pela aliança - franco-russa (1891-1894); pelo avanço dos russos na Ásia central (Turquestão, Pamir), onde entram em conflito com os ingleses, e no extremo-orient, onde contribuem para tirar do Japão os frutos da vitória de 1895 sobre a China; pelos massacres dos armênios na Turquia; pelas intrigas da diplomacia russa nos Bálcãs, onde manda assassinar o estadista búlgaro Stambulof (1894); pela primeira conferência de paz de Haia, reunida por iniciativa de Nicolau II; pela guerra do Transvaal, a guerra hispano-americana, a guerra da China, a aliança anglo-japonesa, o princípio do cerco da Alemanha... A expansão colonial das potências européias - em outros termos, a partilha do mundo entre grupos capitalistas nacionais - completa-se. Basta a indicação sucinta destas datas para entrever o profundo trabalho que, já nesta época, encaminhava a sociedade capitalista em direção a este ponto crucial de mudança: a grande guerra imperialista. As forças da revolução também

se preparavam, geradas pelos mesmos fatores de desenvolvimento capitalista, mas ignoradas, crescendo na sombra. A Internacional proletária renasce em 1889 no Congresso de Paris (II Internacional), onde Plekhanov, representando os primeiros grupos social-democratas russos, diz que "a revolução russa triunfará como revolução da classe trabalhadora - ou não triunfará".

Vivas polémicas prosseguiram na Rússia entre socialistas-populistas (*narodniki*) e marxistas. Os primeiros proclamam que a evolução capitalista da Rússia agrícola não é necessária nem provável; vêem na antiga comunidade rural o embrião de um socialismo agrícola especificamente russo; o proletariado lhes parece um fator revolucionário importante porém secundário. Concebem a própria revolução como devendo substituir a autocracia por um regime democrático baseado no direito do povo... Plekhanov e Lenin lhes respondem demonstrando a inelutabilidade do desenvolvimento capitalista da Rússia e formulando a doutrina da hegemonia do proletariado, chamado não a servir a revolução de outras classes, mas a fazer a sua, em suma, a representar um papel decisivo nos destinos do país.

As Uniões de Luta para a Libertação do Proletariado existem aqui e ali. Em Petersburgo, milita o estudante Krassin, em Odessa, Riazanov, Stieklov, Tsiperovitch, fazem parte; em Tula, Khintchuk. Um pouco mais tarde (1896), o estudante Bronstein, o futuro Trotsky, colabora, em Nikolaev, na fundação da Sociedade Operária do Sul da Rússia.

O I Congresso da Social-Democracia Russa realiza-se em Minsk (Rússia Branca), em 1894. Dele participam nove delegados, Pedro Struve⁸ redige o manifesto do partido. Neste encontramos uma idéia muito justa: "quanto mais se caminha para o leste da Europa mais a burguesia parece frágil, covarde e vil e maiores são as tarefas culturais e políticas que cabem ao proletariado".

A propaganda socialista penetra no seio do movimento operário russo não sem antes se deformar sob a influência dos elementos avançados da burguesia liberal que ingressam nas organizações social-democratas, tais como Prokopovitch e Mme Kusskova⁹. A tendência oportunista deste momento foi chamada de *economicismo*; ela afirma que os operários devem se interessar somente pelas questões econômicas, pouco lhes importando a política! Esforça-se por orientar o

8. A evolução de Pedro Struve merece ser registrada; passando para o reformismo e, depois, para o liberalismo, torna-se mais tarde um adulator de Stolypin. Struve, que é atualmente um dos dirigentes dos exilados monarquistas, teve papel de primeira importância nos conselhos de Denikin e de Wrangel.

9. Ambos pertencem atualmente ao grupo de exilados liberais. Em outubro de 1917, Prokopovitch sucedeu a Kerenski à frente do ministério clandestino que dirigiu a sabotagem.

movimento proletário para um trade-unionismo apolítico. Condena a idéia de uma revolução violenta e acredita na evolução do capitalismo, no que está de acordo com Bernstein, que, na social-democracia alemã, trabalha na "revisão de Marx". Por outro lado, o *marxismo legal* se implanta na Rússia; a burguesia liberal encontra nele uma excelente arma. Plekhanov e Lenin combatem essas ideologias que, se se impusessem ao movimento operário, o corromperiam e o desviariam. A clarividência, a nitidez das posições e a intransigência proletária de que dão prova provocam admiração. Posteriormente Plekhanov mudará, fraquejará e trairá. Lenin permanecerá toda a vida inabalavelmente, com uma clarividência genial, fiel à classe da qual ele se fez servidor.

É na prisão (1896) que Lenin escreve sua brochura sobre *As Greves*. É desterrado na Sibéria (1897) que define, num pequeno livro-programa, as *Tarefas da Social-Democracia Russa*. De volta do desterro, exilado em Munique, publica, em 1900, os primeiros números da primeira *Iskra* (A centelha¹⁰), que assumiu uma dupla tarefa: defender o pensamento proletário contra desvios, mutilações e deformações e reunir, em torno do proletariado, as simpatias de todos os elementos de oposição revolucionária. A *Iskra* combate todas as variedades de oportunismo russo, assemelhados ao bernsteinismo e ao millerandismo francês¹¹; entra em luta contra as primeiras organizações "socialistas-revolucionárias russas"; esforça-se por unir ao proletariado os estudantes e os intelectuais. No período de 1894 a 1903, os estudantes constituem a vanguarda do movimento revolucionário; as classes médias cada vez mais tomam partido contra a autocracia. "Lenin", escreve V. Nevski¹², "e outros membros da redação da *Iskra* tomaram por muitas vezes a defesa dos intelectuais revolucionários contra as declarações demagógicas daqueles que gritavam: 'Abaixo os intelectuais!'". Enfim, a *Iskra* condenou, em nome da ação das massas, o terrorismo individual dos socialistas-revolucionários.

Em 1902, publica-se *Que fazer?*, uma das obras definitivas de Lenin. Nela, Lenin insiste sobre a necessidade de formar, enfim, uma organização revolucionária capaz de uma ação firme e constante; "revolucionários profissionais", inteiramente dedicados ao movimento, devem ser sua viga mestra: só a

10. Cinco futuros mencheviques dirigiam, com Lenin, esse primeiro órgão da social-democracia russa: Plekhanov, Martov, Axelrod, Potressov e Vera Zassulitch.

11. O socialista Millerand entrou, em 1899, para um ministério de "defesa republicana", do qual também fazia parte o fuzilador da Comuna, Galliffet.

12. V. NEVSKI. *Aperçu de l'histoire du PCR*, p. 170.- Lenin queria que a organização revolucionária soubesse "unir a ciência socialista e a experiência revolucionária, adquiridas durante dezenas de anos pela inteligência revolucionária, ao conhecimento do meio operário, aos dons de agitação no seio das massas e de direção das massas, peculiares aos operários avançados".

este preça será passível resistir à famidável máquina da autocracia e, finalmente, quebrá-la. A partir de então Lenin trabalha incansavelmente para fazer essa organização.

O II Congresso da Social-Democracia Russa se reúne, em 1903, em Bruxelas, mas as investidas da polícia abrigam-na a transferir-se para Londres. Sessenta militantes participam do II Congresso. Entre eles: Tratsky, de volta da Sibéria, Naé Jordania¹³, N. Bauman (morta em 1905). Os congressistas se dividem em *majaritárias (bolcheviques)* e *minoritárias (mencheviques)* sobre as diversas questões definidas por Lenin e Plekhanov, ambas bolcheviques. Plekhanov exige, em relação aos liberais, uma atitude isenta de compromissos, defende a pena de morte para as proprietárias fundiárias e para a dinastia, e se posiciona contra o fetichismo parlamentar; Lenin exige, durante um memorável debate sobre a antiga primeira das estatutas da partido, que a filiação impenha a abrigação de militar numa organização clandestina; abrigação essa que a formulação das mencheviques evitava impedir a fim de abrir a partido aos intelectuais simpatizantes. O congresso consagrou a cisão entre bolcheviques e mencheviques.

5 - O PARTIDO "SOCIALISTA-REVOLUCIONÁRIO"

O Partido Socialista-Revolucionário¹⁴ nasce na mesma época que inúmeras grupos onde se conservam as tradições das *narodniks*, combatidas por Plekhanov e Lenin. Diferentemente da social-democracia, partido da proletariado, a Partido Socialista-Revolucionário quer ser a mesma tempo da proletariado, das camponeses e dos intelectuais progressistas. Como nas primeiras organizações marxistas, há nele um maior número de intelectuais; mas enquanto a social-democracia exige que eles se juntem a serviço da proletariado e não lhes dá a palavra senão na medida em que se tornam porta-vozes da proletariado, os intelectuais, considerados como tais, têm um papel decisivo na Partido Socialista-Revolucionário. A doutrina dos *narodniks* proclama, de

13. Jordania foi, de 1920 a 1922, presidente da república menchevique da Geórgia.

14. Consultar A.I. SPIRIDOVITCH, *O Partido Socialista-Revolucionário* (em russo). Obra escrita por um policial a partir dos documentos do Akhrana.

fata, que as individualidades conscientes, "datadas de pensamento crítico", formando minúsculas de elite, têm, sobre a destino da sociedade, uma influência de primeira ordem. Esta concepção, típica dos intelectuais progressistas, que atribui ao "pensamento crítico" e ao valor moral do indivíduo uma importância exagerada, é prova de grave falta de compreensão das forças econômicas, do papel das massas, da ação das massas e da luta de classes. Pretender concretizar, contra a autocracia, na seia de um partido único, a aliança de operários, camponeses e intelectuais, ou seja, a pequena burguesia instruída das cidades, é, aliás, desconhecer a luta de classes: num partido assim, os operários, forçosamente mantidos sob tutela, não poderiam pretender fazer sua própria política e deveriam, afinal, servir à política das classes médias. Retomando os temas das antigas *narodniks*, os socialistas-revolucionários viam nas camunas camponesas a base da futura socialismo russo. Sua ação era dirigida sobretudo para a juventude intelectual e para os camponeses. Ao contrário dos social-democratas que condenavam o terrorismo individual em nome da ação das massas (sem contestar, aliás, que certas atos de legítima defesa ou de represálias contra a governação fossem perfeitamente naturais), eles a exigiram como tática. Suas resoluções exigiam que ele fosse exercida em conformidade com a ação das massas ou para estimulá-la e sob a direção rigorosa do partido. Um partido de intelectuais, apoiado nos agricultores, não podendo usar a ação das massas operárias, das quais as formas mais simples são a greve e as manifestações de rua, não podia recarregar a atentadas terroristas. Percebe-se a abisma que separa os socialistas-revolucionários dos marxistas revolucionários.

Na verdade - Lenin já a escreveu há muito tempo e a história tem dado provas disso em abundância - os dirigentes socialistas-revolucionários não passavam, muitas vezes, de liberais armados de bombas e de *brownings*. Da mesma maneira, o Partido Socialista-Revolucionário deu provas, até 1917, de grandes qualidades revolucionárias - até seu malogro político, logo após a revolução de março. A pequena burguesia luta muito bem. As massas deste partido, sobretudo, foram admiráveis. Os socialistas-revolucionários, como os social-democratas (e os anarquistas, pequena mas ardente minoria), pavaaram as prisões, as campos de trabalhos forçados e as recantos mais longínquas da Sibéria. Eram belos revolucionários profissionais; forneceram centenas de quadras à causa revolucionária, heróis e mártires. Seu desmarcar, depois de março e outubro de 1917, foi desolador: revela a incapacidade das classes médias para dirigir uma revolução em nossos dias e a grande perigo das ideologias confusas.

As diversas organizações socialistas-revolucionárias fundiram-se, em 1901, para constituir um partido único. Os primeiros

chefes do partido foram: Catarina Brechko-Brechkovskaia, velha militante de grande coragem (presa pela primeira vez em 1874), que tinha sido enviada duas vezes para trabalhos forçados, conhecido o desterro, vivido sem cessar na ilegalidade; Gregori Guerchuni, fundador da Organização de Combate do partido Revolucionário, militante de uma inteligência viva e de um devotamento sem limites; Michel Gotz, combatente de longa data da Vontade do Povo; o político Victor Tchernov¹⁵, o engenheiro Evno Azev - agente secreto da Okhrana - que seria convocado para dirigir a Organização de Combate do partido... Esta organização foi formada em 1902 por Guerchuni; seu primeiro ato, no mesmo ano, foi a execução do ministro da Instrução Pública, Sipiaguin, pelo estudante Balmachev (enforcado). O Partido Socialista-Revolucionário publicou, no dia seguinte, a justificação para o ato. No ano seguinte, o governador de Ufa, Bogdanovitch, morre justificado. A prisão de Guerchuni, entregue por Azev, coloca este último à frente da organização terrorista. Terrorista por vocação, de coragem a toda prova, ficará sob as ordens do agente provocador: Boris Savinkov. Em 1904, o presidente do Conselho, Plevhe, morre esfaqueado por uma bomba lançada por Egor Sazanov. Savinkov havia organizado esta ação sob as ordens de Azev. Depois, foi a vez do sátrapa de Moscou, o grão-duque Serge Alexandrovitch, executado por Ivan Kaliaev. Os terroristas Sazanov e Kaliaev estão entre as mais belas figuras da história da revolução russa. Os atentados se seguiram, cada vez mais numerosos. Durante a revolução de 1905, após o rescrito imperial de 17 de outubro, o Partido Socialista-Revolucionário, completamente desorientado, decretou o fim do terror; amainada a reação, o partido faz voltar à ação sua organização de combate. Os atentados cometidos pelo Partido Socialista-Revolucionário foram em número de 58, em 1905; de 93, em 1906 e de 74, em 1907¹⁶. Composto por elementos díspares, o Partido Socialista-Revolucionário viu, muitas vezes, elementos de direita ou de esquerda afastarem-se dele. Em 1906, uma esquerda anarquista sai do partido para formar a União dos Maximalistas, cujos pequenos grupos se notabilizaram por cometer atentados extremamente audaciosos.

15. M. Gotz morreu em 1906, Guerchuni morreu em Paris em 1920, depois de anos de duras lutas das quais deixou notáveis *Memórias* (traduzidas para o francês); Brechko-Brechkovskaia, que aderiu à burguesia liberal a partir de 1917, tornou-se uma das vedetes do grupo de exilados brancos; V. Tchernov, atualmente exilado, ministro do governo de Kerenski e, depois, presidente da Assembléia Constituinte, levou seu partido de renúncias a desastres.

16. Cifras do Museu da Revolução de Leningrado. Os atentados de importância puramente local (e houve centenas deles) não estão computados.

6 - 1905: A PRIMEIRA REVOLUÇÃO RUSSA. AS CAUSAS

Costuma-se dizer que a revolução de 1905¹⁷ foi o "ensaio geral" da revolução de 1917. Toda a história anterior da Rússia moderna não foi mais que a preparação para este ensaio geral.

Às vésperas de 1905, dez milhões de famílias camponesas possuem 73 milhões de *déciatines*¹⁸; 27.000 proprietários fundiários, dos quais 18.000 nobres, dispõem de 62 milhões de *déciatines*; e um terço aproximadamente desse imenso domínio pertence a 699 riquíssimos senhores, sustentáculo o mais seguro da autocracia. As melhores terras, evidentemente, não são as dos camponeses. O quinhão de terra desses últimos tinha sido, desde 1861, retalhado de maneira a tornar o antigo servo tão dependente quanto possível do senhor ao qual, na maioria das vezes, deve arrendar por condições ruinosas parcelas sem as quais não poderia viver; paga multas ou "direitos" para transpor uma terra inculta onde passa a estrada da aldeia, quando leva o gado ao pasto, sob mil pretextos. A partir de 1900, os preços dos cereais sobem no mercado mundial; ávidos por lucros, os proprietários aumentam o preço das terras e dos arrendamentos, às vezes até o dobro. Ora, a população rural havia aumentado; em 1861, os camponeses tinham em média a posse de pouco mais de cinco hectares de terra *per capita* masculina; em 1900, a média correspondente cai abaixo de 2,5. Os estatísticos estimam que há, na zona rural, uma dezena de milhões de braços supérfluos... Os anos 1895-1896, 1897, 1898, 1901 são anos de fome (durante os quais a exportação de cereais continuava...)

Esta miséria do camponês e do proletariado é para as classes ricas uma fonte de riqueza. No período de 1893 a 1896 as exportações russas atingem em média, por ano, o valor de 661 milhões de rublos; de 1905 a 1908, apesar de

17. N. POKROVSKI, *Resumo da História da Rússia*, III parte; L. TROTSKY, 1905 (trad. francesa, editada pela Librairie de L'humanité); N. REJKOV, *História da Rússia*, t. XI e XII.

18. A *déciatine* equivale a pouco mais de um hectare (1,092 ha).

uma crise Industrial, da guerra russo-japonesa e da revolução, a média anual de exportações atinge a 1,055 bilhão rublos. A acumulação (anual) de riquezas passa, nesse mesmo lapso de tempo, de 104 milhões para 339 milhões. O capital estrangeiro aflui a este país onde a mão-de-obra é paga a vil preço e onde se faz fortuna rapidamente. De 1894 a 1900, perto de 500 milhões de rublos-ouro (o rublo vale nessa época 2,66 francos) de capitais franceses são investidos na indústria russa.

Criada recentemente, a indústria russa se desenvolve vigorosamente em condições muito peculiares. As fontes de mão-de-obra são ilimitadas, mas a mão-de-obra qualificada é rara e não há uma aristocracia operária privilegiada. A técnica dessa indústria de um país agrícola é, na maioria das vezes, atrasada: é fácil fazer bons negócios. Em contrapartida, sua concentração atinge, sob a influência do capital estrangeiro, um grau ainda mais elevado que a da indústria alemã. Este capitalismo, de estrutura moderna, é entravado por instituições retardatárias de mais de um século em relação a ele.

Nenhuma legislação trabalhista, nenhum sindicato; nenhum direito de associação, de reunião, de greve ou de palavra. Os operários, em suma, *não têm direito algum*. A jornada de trabalho varia entre 10 a 14 horas. Nas usinas metalúrgicas de Briansk, no sul, o salário é (em 1898) de 70 kopeks para uma jornada de 12 horas. Os operários têxteis ganham de 14 a 18 rublos por mês e são sobrecarregados por descontos. A jornada de trabalho é mais longa do que em qualquer lugar da Europa e o salário, o mais baixo. Ora, este proletariado de oficinas e de fábricas, concentrado em alguns grandes centros, forma uma massa de 1.691.000 de homens (1904).

A própria indústria sofre com este estado de coisas. O patronato têxtil - que não encontrava, na zona rural arruinada, senão um mercado miserável - simpatizou, no início, com a revolução de 1905; o patronato metalúrgico que trabalhava para o estado, deixou-se, por sua vez, abalar depois do desastre da Manchúria.

O descontentamento era muito grande no seio da pequena burguesia. Os agricultores abastados tinham nos proprietários fundiários um obstáculo a seus projetos. Os comerciantes, os artífices, as pessoas comuns e, mais ainda, os intelectuais, eram profundamente lesados em seus interesses, ofendidos em sua dignidade, pelo regime de castas e pelas arbitrariedades burocráticas. Com exceção dos grandes proprietários de terras, da nobreza rica, da corte e de parte da alta burguesia, todas as classes da sociedade sentiam necessidade de grandes mudanças.

O ano de 1902 foi marcado por agitações no campo. Aldeias inteiras foram açoitadas e fuziladas. A imponente greve de massas de Rostov, à margem do Don, foi uma revelação

do poderio operário. No ano seguinte, uma greve quase geral abarcou o sul. Os pogroms anti-semitas de Kichinev, organizados pela polícia de von Plevhe, foram uma resposta a esses movimentos populares; centenas de judeus foram decapitados. Na mesma época, os policiais do tzar tiveram a idéia de enquadrar e organizar, eles próprios, o movimento operário. O policial Zubatov fomentou, em Moscou e depois em Petersburgo, a fundação de associações operárias, colocadas sob a tríplice égide da polícia, do patronato e do clero. Mas a força dos acontecimentos obrigou esse "socialismo policial" a apoiar greves. Em janeiro de 1905, ocorre um conflito nas usinas Putilov entre os operários e a direção. Esta havia acabado de demitir quatro membros da associação operária patrocinada pelas autoridades e dirigida pelo pope Gapone. Este "sindicado negro" se vê, de repente, no comando de todo um proletariado na iminência de perder a paciência.

Gapone é uma figura singular. Parece ter acreditado sinceramente na possibilidade de conciliar os verdadeiros interesses dos operários e as boas intenções das autoridades. Foi ele, também, que organizou o movimento para enviar ao tzar a petição que deu origem ao massacre de 9 (22) de janeiro de 1905. A petição dos operários de Petersburgo a Nicolau II, redigida por Gapone e aprovada por dezenas de milhares de proletários, foi ao mesmo tempo uma dolorosa súplica e uma reivindicação audaciosa. O que, exatamente, ela pedia? Jornada de 8 horas, reconhecimento dos direitos dos operários, uma constituição (responsabilidade dos ministros perante a nação, separação entre a igreja e o estado, liberdades democráticas). De todos os pontos da capital, os peticionários, carregando ícones e cantando hinos religiosos, puseram-se em marcha sobre a neve, numa manhã de janeiro, para ir até o "paizinho tzar". Em todas as esquinas havia emboscadas. A tropa os metralhou, os cossacos descarregaram as armas. "Tratem-nos como insurretos", havia dito o Imperador. A fuzilaria foi particularmente intensa sob as janelas do palácio de Inverno. Centenas de mortos, centenas de feridos, este foi o balanço da jornada¹⁹. Esta repressão, absurda e criminoso, dá início à primeira revolução russa. Este foi também - com 12 anos de antecedência - o suicídio da autocracia.

19. Gapone conseguiu fugir, viveu por algum tempo no estrangeiro, retomou contato com a polícia imperial, prestou-se a suas manobras e foi executado, em 1906, como agente provocador, por um socialista-revolucionário que agia por ordem de Azev.

7 - 1905: A BATALHA

Este massacre de proletários fez passar por todo o país, onde a guerra russo-japonesa agravava todos os descontentamentos, um sopro de revolução. A greve, quase geral, se estendeu a 122 cidades ou localidades industriais e a dez linhas de rede ferroviária. Em Varsóvia, revestiu-se de um caráter insurrecional atestado por 90 mortos, 176 feridos e 733 prisões.

Já havia um ano que a guerra russo-japonesa não passava de uma sucessão de reveses. As causas da guerra eram múltiplas: o antigo regime, prossequindo em sua política de expansão territorial, tinha os olhos voltados para a Manchúria, excelente zona de colonização; o domínio de Port Arthur deveria abrir a China ao comércio russo; os capitais franceses interessados na conclusão da Transiberiana cobijavam o extremo-orient; o czar, chefe de uma família imperial cada vez mais numerosa e difícil de dotar, sonhava em aumentar a fortuna dos Romanov, na Coréia; finalmente, o desejo de consolidar a aristocracia por meio de uma vitória militar não era, com certeza, estranha aos homens de estado russo. Por outro lado, o Japão, espoliado pela Rússia dos frutos de sua vitória de 1894 sobre a China, decidido a conquistar a Coréia e, ao fazê-lo, resolver pelas armas seu litígio com a Rússia, era encorajado a isso pelo imperialismo inglês desejoso de reduzir a influência russa na Ásia. A guerra eclodiu em fevereiro de 1904 e terminou com a paz de Portsmouth, a 5 de setembro de 1905. Os russos, vencidos em todos os combates, em Yalu, em Lyao-Yang, em Mukden e em Port Arthur, onde capitularam, perderam toda sua frota na batalha naval de Tsu-Shima (maio de 1905). Cada revés, mostrando a fragilidade militar da autocracia - que nunca duvidara de uma vitória fácil - teve as mais graves repercussões, tanto no interior do país quanto no próprio teatro das operações. Essas derrotas desonrosas deviam-se à incúria administrativa, à incapacidade dos dirigentes, à situação conturbada do país, onde fora preciso deixar as melhores tropas. A guerra custou 1.300 milhões de rublos. Nicolau conseguiu obter quase toda essa importância (1.200 milhões de rublos) no estrangeiro, principalmente na Bolsa de Paris.

Não tentaremos fazer, em algumas páginas, um resumo das peripécias da revolução de 1905. Apenas indicaremos suas datas e características mais importantes. As agitações agrárias começam em fevereiro. No dia 4 deste mês, o grão-duque Serge é executado em Moscou pelo Partido Socialista-Revolucionário; a 17 de abril, um édito imperial (*ukaz*) promulga a liberdade de consciência... sem diminuir os direitos da Igreja ortodoxa, Igreja do estado. Em maio, acontecia o Congresso Bolchevique de Londres (III Congresso da Social-Democracia Russa).

Desde 1903, a facção bolchevique da social-democracia russa vivia tempos difíceis. O dirigente do partido, Plekhanov, havia aderido aos mencheviques, logo após o II Congresso, assim como Trotsky (este, por pouco tempo; durante toda a revolução, colaboraria com os bolcheviques, situando-se na verdade a sua esquerda). "Este foi um período de confusão, hesitação e desagregação", diz Lenin. O Partido Bolchevique nascia, em realidade, destas terríveis lutas internas. Ele era o único preparado, o único armado de um pensamento claro, às vésperas da revolução. Os mencheviques detinham o poder nos órgãos dirigentes do partido; recusavam-se, apesar da gravidade do momento, a reunir um congresso onde pudessem estar em minoria; os bolcheviques fazem seu congresso em Londres e os mencheviques reúnem-se numa conferência em Genebra.

Nada explica melhor a vitória bolchevique, em 1917, do que sua atitude em 1905. Os mencheviques pregavam que a revolução seria burguesa, levaria a burguesia ao poder e nele a instalaria firmemente, abrindo para a Rússia uma era de grande desenvolvimento capitalista. Em sua opinião, o proletariado devia evitar o desempenho de um papel de dirigente dos acontecimentos e constituir, no seio da democracia burguesa, um poderoso partido de oposição. A insurreição operária seria uma loucura. Os bolcheviques censuravam seus adversários por se colocarem a reboque das classes ricas; o proletariado, diziam eles, deveria se colocar no comando da sublevação popular; a revolução burguesa somente se completaria pela "ditadura democrática dos operários e dos camponeses", cujas conquistas permitiriam ao proletariado caminhar, em seguida, em direção ao socialismo. A idéia central de Lenin era que não poderia mais haver uma revolução puramente burguesa, dada a existência de um proletariado numeroso, poderoso e consciente. Trotsky e Parvus constituíam, neste momento, uma terceira tendência dentro da Social-Democracia Russa. Indiferentes ao oportunismo dos mencheviques, ligavam estreitamente, na sua teoria da revolução permanente, os destinos da revolução russa ao movimento operário europeu.

Lenin e Krassin fizeram passar no congresso, em Londres, a participação do partido em um governo revolucionário que não temesse nem a acusação de jacobinismo nem o recurso ao terror. "É estúpido e criminoso temer, em período revolucionário, a participação no poder." O congresso atribuiu ao partido a tarefa de preparar a insurreição (Lunatscharski e Bogdanov foram os relatores).

A primeira fase da revolução foi de mobilização. Os partidos, os grupos se constituíram (reacionários, liberais, *zemstvos*, diversas uniões da pequena burguesia, congresso camponês, sindicatos operários).

No dia seguinte ao "domingo vermelho", começaram a aparecer sindicatos por todos os lados, ilegais ou tolerados, muitas vezes obrigados a se reunirem nas florestas. Depois, os acontecimentos se precipitaram. A 15 de junho, o corajoso *Knaz-Potiemkin* se amotinou²⁰. No campo de Novaia-Alexandria, irrompe uma sublevação militar, organizada pelo oficial Antonov-Ovseenko²¹. Lutava-se nas ruas de Lodz (Polônia). Quinhentos mortos. A autocracia viu que seria necessário fazer um sacrifício para retomar o controle da situação. A 6 de agosto, um decreto imperial cria a дума do império, segundo o projeto de uma comissão Bulguin. Essa assembleia, puramente consultiva, deveria ser eleita por sufrágio censitário, por cúrias, com a ajuda de um sistema extremamente complicado. Cada grande proprietário fundiário seria eleitor, no entanto dez pequenos proprietários elegeriam apenas um eleitor de sua cúria. Nas cidades, somente a burguesia tinha direito a voto, os operários estavam excluídos. Os intelectuais ricos (acima de 1.300 rublos de aluguel por ano) votavam. São Petersburgo teve 9.500 eleitores numa população de 1,5 milhão de pessoas. A burguesia procurou satisfazer-se com esse simulacro de parlamento.

No começo de outubro a greve geral teve início num conflito aparentemente secundário. Os tipógrafos de Moscou exigiam que os sinais de pontuação lhes fossem pagos como letras. Gradativamente, por solidariedade, a greve se estendeu a todas as indústrias moscovitas e, depois, aos ferroviários de todo o país. Greve formidável, completa; as lojas fecharam as portas. No dia 13 constituía-se o Soviete (Conselho) dos Operários de Petersburgo, composto de um deputado para cada grupo de 500 operários. Ao mesmo tempo, a revolta dos camponeses se estendia por toda a Rússia. Centenas de "ninhos de senhores" foram queimados, 2.000 casas de proprietários foram reduzidas a cinzas. A autocracia

20. Por onze dias, ele arvorou a bandeira vermelha. A frota não se atreveu a dar-lhe combate. Com o esgotamento dos víveres, a tripulação acabou por se refugiar na Romênia.

21. Voltaremos a encontrar Antonov-Ovseenko durante a Revolução de Outubro.

hesitou entre a ditadura militar e capitulação. A greve dos ferroviários e o estado de espírito das tropas fizeram-na optar por um projeto de capitulação relativa, apresentado pelo conde Witte: o manifesto imperial de 17 de outubro transformou a дума em assembleia legislativa e concedeu direito de voto (em dois e três graus) à pequena burguesia urbana e aos operários. Mas este foi o sinal: todas as liberdades democráticas foram de fato conquistadas; nasceu uma imprensa revolucionária que as autoridades, impotentes, tiveram de tolerar.

Nas jornadas seguintes iniciaram-se os pogroms²² anti-semitas, foi dada anistia a delitos políticos e restabelecida a autonomia da Finlândia. O levante militar de Kronstadt marcou o fim de outubro; a seguir, eclodiu a revolta da frota do Mar Negro cujo chefe, o tenente Schmidt, corajoso porém indeciso, nada mais fez do que morrer honradamente. Um grande fato decisivo domina estes acontecimentos: o exército, apesar dessas espantosas deserções, manteve-se, de modo geral, obediente.

O Soviete de Petersburgo fora dirigido, de início, por um advogado popular, Khrustalev-Nossar, logo preso e substituído por Trotsky. Dirigido por Trotsky e inspirado pelos bocheviques, mantém uma luta tão mais difícil, quanto mais se fazia sentir a prostração do proletariado de Petersburgo. O soviete tentou conquistar a jornada de 8 horas com uma greve, mas fracassou. Um ano de lutas havia esgotado os operários da capital: a prisão do soviete provocou apenas uma greve parcial, de curta duração.

Em Moscou, no entanto, onde o proletariado havia sido menos ativo durante os meses precedentes, a efervescência atingia seu apogeu. Os revolucionários mais clarividentes assinalaram, em vão, a probabilidade de uma derrota. A greve geral começou a 7 de dezembro, ratificada pelos socialistas-revolucionários e pelos bolcheviques. Ela foi, logo de saída, insurrecional: os pequenos grupos de combate das organizações operárias cobriram a cidade de barricadas a fim de impedir o deslocamento das tropas. Não eram muitos e estavam pessimamente armados; o movimento foi tardio: um regimento de simpatizantes aos revolucionários foi desarmado pouquíssimo tempo antes; a prisão fortuita da maioria dos membros do comitê insurrecional deixou a insurreição sem comando. Mas o subúrbio operário da Krassnaia Pressnia, embora com grande atraso, defendeu-se de maneira admirável. A artilharia os arrasou. Os insurretos conseguiram, em grande parte, fugir. Não obstante, o almirante

22. A iniciativa dos pogroms coube à polícia e à União dos Verdadeiros Russos... ultra-reacionária, patrocinada pelas autoridades. Cerca de 4 mil judeus foram mortos e 10 mil feridos, em 110 cidades e vilas; 500 foram mortos em Odessa.

Dubassov fuzilou mais de 250 pessoas, arbitrariamente denunciadas...

A revolução obtivera grande êxito no sul e vitórias no Cáucaso. Janeiro de 1906 foi um mês de fuzilamentos. Por toda parte, as expedições de represálias restabeleceram a ordem com um frio furor. Semearam ódios terríveis nas províncias bálticas, na Sibéria e no Cáucaso.

A primeira revolução russa custou ao povo russo cerca de 15.000 mortos, mais de 18.000 feridos e 79.000 prisioneiros.

A autocracia foi salva, em 1905, pelas hesitações e pelo espírito reacionário da burguesia liberal, as hesitações das classes médias revolucionárias, a inexperiência e a falta de organização do proletariado (nem o devotamento nem a solidariedade puderam substituí-la), a fraqueza do partido proletário²³, o caráter elementar dos movimentos no campo, a fidelidade relativa da tropa e a intervenção do dinheiro francês.

8 - 1905: OS RESULTADOS

A derrota da primeira revolução russa estava longe de ser completa. As massas operárias e camponesas tinham perdido o respeito pela aristocracia e aprendido a se confrontar com a opressão - modificação psicológica de importância impossível de ser avaliada.

Os operários, enfim, enxergavam claramente o complicado mosaico dos partidos; a partir daí, cada vez mais, ligam-se a seu partido de classe. Os anos de reação foram terríveis para o movimento revolucionário, como todo o dia seguinte a uma derrota: o individualismo, o ceticismo, a falta de coragem, a renúncia dos frágeis então se manifestaram de diversas formas. Na crise moral sobrevinda, o núcleo do Partido Bolchevique amadureceu para as lutas futuras e fez o balanço de uma experiência já formidável. O proletariado não tem outra escola além da luta. Classe explorada, classe opr-

23. Em 1905, o partido bolchevique tinha entre 12 e 13 mil membros e, embora houvesse entre eles inúmeros intelectuais, exercia sua influência sobre os meios puramente proletários; os mencheviques contavam com cerca de 15 mil adeptos. Sua influência exercia-se sobretudo sobre a pequena burguesia, os artífices e, algumas vezes (especialmente na Geórgia), sobre os camponeses. O proletariado russo atingia, na época, cerca de três milhões de homens; assim sendo, as duas facções da social-democracia organizavam apenas uma centésima parte dele. V. NEVSKI, *História do PCR*, cap. XI.

mida, classe de vencidos por definição, é nos reveses que aprende a vencer; o simples fato de se rebelar e agir já é, num certo sentido, uma vitória. Suas derrotas, as mais impressionantes, igualam-se, por vezes, na história a fecundas vitórias. Assim foi em 1905.

Para a burguesia russa, ao contrário, sua revolução democrática de 1905 foi uma derrota bem caracterizada. Nela, o papel do proletariado mostrara-se de maneira singularmente inquietante. Faltara unidade à burguesia. Em certos momentos, as classes médias, no ardor do combate, haviam seguido a classe operária. A alta burguesia, as finanças e a metalurgia, apavoradas com o crescimento do socialismo, mostraram-se muito inclinadas a pactuar com a grande propriedade fundiária e a autocracia. A divisão da sociedade russa em castas, os privilégios da nobreza, dos proprietários de terra, da Igreja e da Coroa, a desigualdade civil e a autocracia sobreviveram a 1905. O capitalismo russo, para o qual o fluxo de capitais estrangeiros oferecia grandes possibilidades de desenvolvimento, permaneceu entravado em todos os seus movimentos e continuou a ser solapado pela corrupção, pela incúria e pela burocracia do antigo regime. Nenhuma das causas da revolução foi afastada ou suprimida.

O governo reacionário de Stolypin, sucessor de Witte, cuja máscara constitucional prestou enormes serviços ao tzarismo - assim se complementam, a serviço da contra-revolução, o liberalismo e o conservadorismo - compreendeu muito bem que o ajuste de contas fora apenas adiado. De forma bastante inteligente, empenhou-se em bloqueá-lo pela reforma agrária de 1906-1910 que favoreceu, no seio do campesinato, o desenvolvimento da propriedade privada e o enriquecimento dos agricultores remediados. Um banco agrícola transfere fundos de propriedade de terra, aliás insuficientes. Os camponeses pobres foram convocados a colonizar a Sibéria, a Ásia central e o extremo-orientes. Essa política pretendia criar um campesinato abastado, bastante numeroso, ligado ao regime, privilegiado. Os instintos de propriedade fariam deles aliados da nobreza e da alta burguesia reacionária. Na opinião de Stolypin, a criação de uma classe de agricultores ricos deveria conjurar, em vinte anos, o perigo da revolução. Mas de 1912 em diante consolidou-se o despertar do movimento operário. Depois foi a guerra imperialista.

Enquanto os mencheviques comentavam o "erro histórico da insurreição de Moscou" ("Não era preciso pegar em armas!" dizia Plekhanov), Lenin e os bolcheviques tiravam ensinamentos de 1905. É preciso conhecer a obra de Lenin de 1905-1906. É um modelo de dialética revolucionária e, mais ainda: é uma introdução à história da Revolução de Outubro. Lenin destacou a importância dos soviets - "órgãos de

luta direta das massas", "órgãos da insurreição" - e, em consequência, sua incompatibilidade com o antigo regime: os acontecimentos de Moscou serviram-lhe para demonstrar a necessidade da organização insurrecional; preconizou a guerra de guerrilhas, à qual os bocheviques recorreram inúmeras vezes (na Letônia principalmente), para resistir à reação e preparar ações posteriores; desenvolveu sua teoria da frente única, "acordo de combate feito entre o partido do proletariado e os partidos da democracia revolucionária"; estudou a técnica da insurreição. Os fatos tinham confirmado suas avaliações sobre o papel da burguesia liberal e o oportunismo socialista. Seu pensamento vivaz de marxista revolucionário opôs-se, sem cessar, à doutrina rígida, livresca e circunspecta dos mencheviques. Em 30 de setembro de 1906, escrevia, respondendo a todos os que o tratavam de "blanquista", de "anarquista", de "bakuninista": "O marxismo se distingue de todas as formas primitivas do socialismo por não restringir o movimento a qualquer uma das formas de luta. Admite os mais diversos modos de ação sem, entretanto, os "inventar", mas limitando-se a generalizar, organizar e elevar à consciência os modos de ação das classes revolucionárias que surgem espontaneamente, no decorrer do movimento. Decididamente inimigo de todas as formas abstratas, de todas as receitas doutrinárias, o marxismo requer uma atitude atenta em relação à luta das massas, luta esta que, acompanhando o desenvolvimento dos acontecimentos e da consciência destas, do agravamento das crises econômicas e políticas, suscita, sem cessar, novas modalidades de ataque e de defesa. O marxismo não repudia nenhuma forma de luta /.../. O marxismo não se satisfaz, em nenhum caso, com as formas de luta existentes ou possíveis num dado momento, reconhecendo a inelutabilidade, quando a conjuntura tiver mudado, de modalidades de ação ainda desconhecidas dos militantes do presente momento. Neste sentido, pode-se dizer que longe de ter a pretensão de ensinar às massas modalidades de ação imaginadas nos gabinetes pelos fazedores de sistemas, o marxismo é continuamente a escola da prática das massas.

" /.../ O marxismo exige, incondicionalmente, o estudo histórico da questão das formas de luta. Propor essa questão exteriormente à situação histórica concreta é não compreender o ABC do materialismo dialético. Em diferentes momentos da evolução econômica, diferentes formas de lutas são condicionadas pelas situações políticas, nacionais, culturais, bem como pelos costumes, que por sua vez modificam as formas secundárias, auxiliares da ação"²⁴.

24. Sobre a Guerra de Guerrilhas (30 de setembro de 1906).

Sua teoria da guerra civil, que veremos aplicada em outubro de 1917, estava desde já definida.

As próximas linhas, extraídas de um artigo datado de 26 de outubro de 1906, não nos fariam pensar que foram escritas em 1917?

"Lembremos que a grande luta de massa se aproxima. Será a insurreição armada. Ela deve ser o quanto possível simultânea em todo o país. As massas devem saber que caminham para uma luta armada, sangrenta, desesperada. A massa deve estar imbuída do desprezo pela morte para assegurar-se da vitória. A ofensiva deve ser impulsionada com o maior vigor; a agressão e não a defesa, deve se tornar a palavra de ordem das massas, e a exterminação impiedosa do inimigo, seu objetivo. A organização da luta será flexível e móvel, os elementos hesitantes da tropa serão levados a entrar em ação. O partido do proletariado consciente deve exercer seu dever nesta grande luta."

9 - 1907-1914: A REAÇÃO E O IMPERIALISMO FRANCO-RUSSO

Os primeiros anos do século XX foram totalmente cobertos pela preparação da guerra imperialista. A divisão do mundo em grandes potências econômica e politicamente governada pelos grandes bancos acabou. A Alemanha, privada das suas excelentes colônias, ameaça o domínio inglês dos mares e faz, no mundo inteiro, concorrência ao comércio britânico, que só pode ser remediada pelo canhão. Dos dois lados do Reno, as metalúrgicas alemã e francesa se desafiam. O império germânico cobiça as colônias francesas e sonha assegurar sua influência sobre a Turquia. Seus interesses e os do império austríaco se chocam com os da Rússia, cujas intrigas dominam, há mais de trinta anos, a política dos pequenos estados balcânicos, e que cobiça Constantinopla, necessária à exportação de seus cereais. Os armamentos são febrilmente procurados. "A partir do fim do século XIX há", escreve M. S. Pokrovski, "um imperialismo franco-russo"²⁵. Em 1900, os capitais investidos na

25. M.N. POKROVSKI, "As origens da guerra imperialista", in *Revolução Proletária* (agosto de 1924).

Indústria russa elevavam-se (em milhões de rublos-ouro) a capitais russos, 447,2 (ou seja, 21%); capitais estrangeiros, 762,4 (ou seja, 35,9%); capitais obtidos pela colocação no estrangeiro de valores russos, 915,6 (ou seja, 43,1%). No total, 79% dos capitais investidos na indústria russa eram provenientes do estrangeiro! Se acrescentarmos a isso os 9,349 bilhões de francos-ouro, emprestados pela república francesa a Nicolau II, pode-se ter uma idéia da influência das finanças sobre o destino do império russo. Em 1914, os capitalistas franceses detinham o poder sobre 60,7% indústria russa de fundição e sobre 50,91% da de carvão. Às vésperas da revolução, os bancos de Petrogrado dispunham de um capital de 8,5 bilhões de rublos, dos quais 55% pertenciam aos bancos franceses.

Não relembremos, aqui, a preparação militar da guerra, desde 1907, se não antes, pelos estados-maiores russo e francês, de acordo com o almirantado inglês. O almirante Koltchak, ao prestar depoimento em Irkutsk, pouco antes de ser fuzilado (1920), disse que o estado-maior e o almirantado russo tinham, desde 1907, fixado o prazo decisivo para a conflagração européia em 1915. Sabe-se que o estado-maior russo acelerou o curso para a guerra, habilmente dirigida por M. Poincaré, por meio da provocação de Sarajevo²⁶.

No momento em que eclodiu a guerra, grandes greves acabavam de se desenrolar em São Petersburgo, atestando o poderio operário. O partido bolchevique tinha conseguido publicar, na Rússia, jornais e revistas (*Pravda*, *Zvezda*), muitas vezes fechados, muitas vezes renascidos, para penetrar todos os meios operários e participar de todos os movimentos de massas proletárias. A partir de 1910, o proletariado russo entrou numa fase de reconstrução e de atividade; conseguia aumentar os salários e diminuir a jornada de trabalho; os protestos que ocorreram após o massacre de Lena atestaram o seu despertar. Os trabalhadores das minas de ouro de Lena (Irkutsk, Sibéria) explorados de maneira odiosa, alojados em barracões infectados, pagos em bônus da companhia (capital inglês...), entraram em greve no final de maio de 1912. Exigiam jornada de 8 horas (em vez da jornada de 10 horas), 30% de aumento de salários e a demissão de diversos membros do pessoal. A companhia mandou atirar sobre a multidão desarmada; houve 270 mortos. Em Moscou e Petersburgo, grandes greves de protestos reagiram contra este crime patronal.

No seio da social-democracia russa a cisão entre bolcheviques e mencheviques, unidos, em um dado momento, no congresso unitário de Estocolmo (1906), aprofundou-se entre

26. O atentado de Sarajevo foi cometido por instigação do estado-maior russo. Ver em *Clarté*, nº 74, de 1 de maio de 1924, V. SERGE, *La Verté sur l'Atentat de Sarajevo*.

1906 e 1914. Os bolcheviques combatem as tendências "liquidacionistas" nascidas com a derrota da revolução (trata-se da liquidacionistas" do movimento ilegal e da ação revolucionária).

A guerra alarga ainda mais o fosso entre eles. Enquanto os socialistas-revolucionários se convertiam ao patriotismo e os liquidacionistas mencheviques respondiam a um telegrama de Vandervelde dizendo que "não se opõem à guerra", o Comitê Central do Partido Bolchevique, lembrando a Comuna de Paris e as decisões dos Congressos Socialistas Internacionais, adota a palavra de ordem formulada por Lenin de "transformação da guerra imperialista em guerra civil". Os cinco deputados bolcheviques da дума, bem como Kamev, são presos, em novembro de 1914, e deportados para a Sibéria. Os bolcheviques são, nessa época, em Petrogrado, uma dúzia de grupos que contam no total com 120 membros.

Eles trabalham firme na reconstituição da Internacional, desarticulada nos dias 2 e 4 de agosto de 1914. Vão a Zimmerwald e a Kienthal. A atitude de Trotsky, até então distante das duas principais facções da social-democracia russa, pouco diferia da deles²⁷.

10 - 1917

A burguesia russa - ao contrário do corrilho reinante dos proprietários fundiários dos nobres e dos burocratas - recebe a guerra com entusiasmo. A guerra não iria realizar os seus anseios? Obrigar a autocracia a uma abdicção constitucional ou pelo menos a realizar grandes reformas? Esta burguesia muito ligada à da Europa ocidental era, aliás, imperialista.

"/.../ O que se via eram exércitos lutarem sem munição, reduzidos em plena batalha ao uso de armas brancas; a traição instalada nos estados-maiores e talvez na corte; os fornecedores da guerra acumularem repentinas fortunas; a corrupção completar a obra da incúria; um *staretz*²⁸ devasso, Rasputin, conselheiro do czar, nomear e demitir ministros, entre

27. V. NEVSKI, *História do PCR*, p. 386, 1926.

28. *Staretz*, palavra russa que significa velho nome dado na Rússia antiga a certos eremitas ou peregrinos, considerados como taumaturgos ou profetas, e, frequentemente, escolhidos como conselheiros espirituais.

uma orgia e outra; o país rolar a olhos vistos abismo abaixo. A guerra revelava a gangrena do regime."

Em janeiro de 1917, a alta dos preços superava sensivelmente a dos salários (na proporção de 130 para 163); a produção diminuía. O enorme esforço exigido da Rússia pelos aliados, que teve seu auge em 1916, deixava o país exaurido. Inflação. Deterioração das estradas de ferro. Crise de abastecimento. O pão e o combustível iam faltar na capital. O governo, sobrecarregado pela especulação, procurava em vão taxar os víveres e regularizar a vida econômica. A burguesia, submissa à influência dos aliados, pretendia se reproximar da autocracia; a corte e a casta dos proprietários de terras, reunidos em torno do czar, viam a salvação numa paz em separado com a Alemanha. Esta tendência inquietante e os terríveis reveses do exército russo incitaram os aliados a encorajar, no seio da burguesia, as veleidades de um golpe de estado. Por volta de 1917, a maioria dos homens políticos russos e dos generais, assim como vários grão-duques, buscavam em evitar, à custa de uma revolução no palácio, a revolução na rua. Ninguém ousou. As conspirações de salão só conseguiram chegar ao assassinato de Rasputin, pelo dirigente de extrema-direita Purichkevitch e por um certo príncipe Yussupoff.

A revolução surge nas ruas, descendo das fábricas com milhares de operários grevistas, aos gritos de "Queremos pão! Queremos pão! Impotentes, as autoridades os viram chegar. Evitar a crise não estava a seu alcance. A confraternização das tropas com as manifestações operárias nas ruas de Petrogrado levou a cabo a queda da autocracia (25-27 de fevereiro de 1917). A rapidez dos acontecimentos surpreende as organizações revolucionárias, embora tenham estado trabalhando em sua preparação.

Imediatamente, formaram-se dois governos: o Comitê Provisório da Duma improvisou o governo da burguesia, à frente do qual se achavam incorrigíveis reacionários que só pensavam em, depois da abdicação do czar, redigir uma constituição, salvar a dinastia e fazer com que o populacho voltasse a obedecer; o Soviete dos Operários e dos Soldados foi o governo dos proletários. Os dois poderes rivais tinham sua sede, a princípio, lado a lado, no palácio Tauride, observando-se e tratando-se com certa cordialidade. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários dirigiam o soviete, mas a massa os pressionava, os vigiava, os estimulava. O primeiro governo provisório, o do príncipe Lvoff, na realidade inspirado por Milliukov, dirigente do Partido Constitucional Democrata, dito, *Cadet* - partido da grande burguesia liberal - esperava por uma monarquia constitucional sob a regência de Michel Romanov, na espera da maioridade do tzarevitch Alexis. Mas o soviete agia. Sua *Disposição (Prikaz)* número 1, de 1 de

março, abolia os títulos no exército, ordenava a eleição de comitês em todas as unidades de tropas, e as punha, na realidade, à disposição do soviete, o qual provocou a prisão do Imperador e da família imperial e impediu a partida do czar para a Inglaterra. O soviete proclamou sua intenção de paz; o governo burguês, a sua fidelidade aos aliados. A dualidade de poderes era um conflito de poderes.

Um ministério de coalizão (burgueses liberais-*cadets*-mencheviques, socialistas-revolucionários), presidido por Kerenski, forma-se no princípio de maio. Seu programa resume-se em duas palavras: democracia e constituinte. Revela-se impotente para combater a crise econômica, pois para isso seriam necessárias medidas enérgicas que não se podem tomar sem prejudicar a burguesia. Cede à pressão dos aliados e desencadeia a ofensiva de 18 de junho, carnificina inútil e que só poderia ter sido inútil. Recusa autonomia nacional à Finlândia e se desagrega em função da questão da autonomia ucraniana: os ministros burgueses são demitidos. Kerenski monta um novo gabinete, onde a influência dos *cadets*, decididos a sabotar a revolução, é muito mais forte ainda ... Esse remanejamento ministerial ocorre durante os tumultos de julho, prólogo da insurreição de outubro. O proletariado e a guarnição militar já não suportam mais as comédias ministeriais. "Todo o poder aos soviets." O Partido Bolchevique julga a ofensiva prematura: a província não a seguiria. Sanciona, porém, a ação das massas, o que lhe acarreta, no dia seguinte aos tumultos, a pena de ser posto fora da lei. Trotsky é preso. Lenin e Zinoviev espancados. A imprensa denuncia os bolcheviques como agentes da Alemanha.

Fica-se entre duas ditaduras. Ou a do proletariado ou a da burguesia. A conferência democrática de Moscou aplaude o general Kornilov, o ditador de amanhã, que quer disciplina para o exército - através da pena de morte -, a ordem interna e um poder forte. Ele tenta um golpe de força, aliado a Kerenski e ao antigo terrorista socialista-revolucionário Savinkov (9 de setembro). Abandonado por Kerenski, fracassa. Mas esta aventura mobilizou as massas e entregou as ruas ao proletariado.

Vejamos alguns textos pouco conhecidos sobre as intenções da burguesia na véspera do golpe de força de Kornilov. Na conferência de governo em Moscou, no dia 13 de agosto, Prokopovitch expunha o programa da burguesia: "Garantia dos direitos dos proprietários, controle do estado sobre a produção, preço máximo como norma dos benefícios, organização do trabalho (e tarefa mínima) para os operários." Alguns dias depois, M. Riabuchinski, um dos poderosos capitalistas russos, falando ao Congresso da Indústria e do Comércio, exigia que "o governo comece a pensar e agir burguesemente". "Talvez", continuava ele, "seja preciso que a

mão calejada da fome sufoque os falsos amigos do povo /.../. "Que o capitalismo renuncie aos lucros, excessivos", dizia Prokopovitch, "e o operário ao lazer supérfluo /.../".

O Partido Socialista-Revolucionário, verdadeiro partido governante naquele momento, adia a aplicação de seu próprio programa agrário e as eleições para a constituinte, cede à burguesia, obedece aos aliados. A fome se aproxima a passos largos. Os alemães tomam Riga, ameaçam Petrogrado. Tem-se a impressão de que há interesses em deixar Petrogrado cair: não seria, deste modo, libertado por Luddendorf da grande preocupação de conter o proletariado da capital? As revoltas dos camponeses começam.

Três grandes problemas, a resolver sem demora, resumem-se em três palavras: paz, terra e pão! A paz, desejada por milhões de camponeses e proletários em armas, a burguesia não pode oferecer, pois ela faz sua guerra! A terra, exigida por 100 milhões de camponeses, a burguesia não quer dar, pois é solidária com os proprietários fundiários e se recusa a atentar contra a propriedade privada, princípio fundamental de sua dominação. O pão que o proletariado das cidades pede, a burguesia não pode lhe dar porque a escassez é o resultado de sua guerra e de sua política ... A queda da autocracia não resolveu nada. É preciso uma outra revolução.

As massas o percebem e se encaminham para isso. O partido do proletariado bem o sabe e se prepara para isso.

II-A INSURREIÇÃO DE 25 DE OUTÚBRO DE 1917

1 - AS MASSAS

Trotsky acabara de provocar, na tribuna do pré-parlamento, a retirada dos bolcheviques da assembléia. Sua voz metálica tinha lançado à mais alta autoridade da república o desafio dos proletários e dos camponeses. Ele saía. Passou diante dos marinheiros que faziam a segurança da assembléia. As baionetas tremeram. Rostos duros se voltaram para o tribuno. Os olhos faiscavam. Vozes o interrogaram, mostrando, com um gesto, as baionetas: "Quando enfim vamos usá-las?" Era 6 de outubro. A Conferência Democrática, sucedâneo de um parlamento da revolução, organizada pelos socialistas-revolucionários e os mencheviques, fora aberta em Moscou em meados de setembro. As greves a tinham expulsado de lá, com os garçons de hotéis e de restaurantes se recusando a servir os participantes. Ela se transferira para Petrogrado. Deliberava, agora, sob a proteção de marinheiros escolhidos entre os mais confiáveis. E as baionetas destes guardas tremiam à passagem do tribuno bolchevique: "Quando, enfim, vamos usá-las?"¹

Este era o estado de espírito generalizado na frota. Quinze dias antes do 25 de outubro, os marinheiros da esquadra do Báltico, então na Baía de Helsingfors, exigiam que não se perdesse mais tempo e que a insurreição "santificasse a destruição, que nos parecia inevitável, da frota pelos alemães"². Eles concordavam em morrer: mas pela revolução. Desde 15 de maio, o Soviete de Kronstadt se recusava a reconhecer o governo provisório. Depois dos acontecimentos de julho, os comissários encarregados por Kerenski de realizar, a bordo dos navios, a prisão dos "cabeças bolcheviques" só tinham recebido esta resposta lacônica: "Cabeças somos todos nós!" Era verdade. A massa tinha, então, inúmeras cabeças.

Delegados vindos das trincheiras tinham no Soviete de Petrogrado uma linguagem cominatória: "Até quando durará esta situação insustentável? Os soldados nos encarregaram de lhes

1. N. BUKHARIN, "Souvenirs", in *Révolution prolétarienne*, n° 10, 1922. Bukharin conclui, após relatar este incidente: "A partir de então, podíamos tomar o poder em Petrogrado /.../. Decidimos nada fazer, por não termos segurança de contar com grande êxito na província."

2. I. FLEROVSKI, "Kronstadt pendant la révolution", in *Révolution prolétarienne*, n° 10, 1922.

anunciar: se atitudes enérgicas não forem tomadas até 1 de novembro, as trincheiras serão esvaziadas, o exército inteiro voltará para casa. Vocês se esquecem de nós! Se não encontrarem uma saída para a situação, nós viremos, nós mesmos, expulsar nossos inimigos a golpes de baloneta - mas vocês irão também com eles!" Tal era, relata Trotsky, a voz do front de guerra³.

No princípio de outubro, a insurreição surgia por todos os lados, espontaneamente; os tumultos nos campos se estendiam pelo país inteiro. "As províncias de Tula, Tambov, Riazan, Kaluga, se sublevaram. Os camponeses que esperavam da revolução a paz e a terra, decepcionados, se insurgem, apropriam-se das colheitas dos proprietários, queimando suas residências. O governo de Kerenski reprime, quando tem força. Felizmente, estas forças são restritas." "Esmagar a insurreição camponesa", advertia Lenin, "seria o mesmo que matar a revolução"⁴. Nos soviets das cidades e das forças armadas, os bolcheviques, ainda há pouco em minoria, tornaram-se maioria. Nas eleições das dumas (municípios) de Moscou, obtêm 199.337 votos entre os 387.262 eleitores. Dentre os 710 eleitos, há 350 bolcheviques, 184 *cadets*, 104 socialistas-revolucionários, 31 mencheviques e 41 de diferentes tendências. Na véspera da guerra civil, os partidos moderados, médios, desmoronam, os partidos extremistas crescem. Enquanto os mencheviques perdem toda a influência real e o Partido Socialista-Revolucionário, partido do governo, que parecia anteriormente dispor de enorme influência, passa para o terceiro plano, os constitucionais democratas, *cadets*, partidos da burguesia, aliam-se em oposição aos revolucionários. Nas eleições anteriores, em junho, socialistas-revolucionários e mencheviques tinham obtido 70% dos sufrágios; caem para 18%. Entre 17.000 soldados consultados, 14.000 votam nos bolcheviques.

Os soviets se transformam. Cidadelas dos mencheviques e socialistas-revolucionários, agora se bolchevizam. Formam-se all novas maiorias. A 31 de agosto, em Petrogrado, e a 6 de setembro, em Moscou, as moções bolcheviques apresentadas nos soviets obtêm, pela primeira vez, a maioria. A 8 de setembro os comitês menchevistas socialistas-revolucionários dos dois soviets renunciaram. A 25 de setembro, Trotsky é eleito presidente do Soviete de Petrogrado. Ninguém ocupa a presidência do Soviete de Moscou. A 20 de setembro, o Soviete de Tachkent toma o poder oficialmente. As tropas do governo provisório o retomam⁵. A 27 de setembro, o Soviete de Reval decide, em princípio, a transmissão de todos os poderes aos soviets. Poucos dias antes da Revolução de Outubro, a artilharia democrática de Kerenski abre fogo contra o soviete sublevado de Kaluga.

É preciso ressaltar aqui um fato pouco conhecido. Em Kazan, a insurreição de outubro triunfou antes mesmo de ter sido desen-

3. L. TROTSKY, *A Revolução de Outubro*, folheto, 1918.

4. V. SERGE, *Lénine 1917*, p. 55.

5. V. SERGE, *Lénine 1917*, p. 45.

cadeada em Petrogrado. Um dos participantes dos acontecimentos em Kazan relatou o seguinte diálogo entre militantes:

- Mas o que vocês teriam feito se os soviets não tivessem tomado o poder em Petrogrado?

- Impossível renunciar ao poder; a guarnição não o toleraria.

- Mas Moscou teria esmagado vocês!

- Não. Você está errado em pensar assim. Moscou nunca conseguiria fazer isso com os 40.000 soldados de Kazan"⁶.

No imenso país, massas inteiras de classes trabalhadoras, camponeses, operários, soldados partem para a revolução. Onda elementar, irresistível, de uma força comparável à do oceano.

2 - O PARTIDO DO PROLETARIADO

As massas têm milhões de rostos; não são nada homogêneas; são dominadas por interesses de classe, diversos e contraditórios; só alcançam a consciência verdadeira - sem a qual nenhuma ação fecunda é possível - mediante a organização. As massas sublevadas da Rússia de 1917 alcançam a clara consciência da ação necessária, dos meios, dos objetivos a serem atingidos mediante o órgão do Partido Bolchevique. Isto não é uma teoria, é a expressão de um fato. As relações entre o partido, a classe operária e as massas trabalhadoras aparecem aqui com notável nitidez. O que querem, confusamente, os marinheiros de Kronstadt, os soldados de Kazan, os operários de Petrogrado, de Ivanovo-Voznessensk, de Moscou, de toda parte, os camponeses que saqueiam as residências senhoriais, o que querem todos eles, sem a possibilidade de expressar, claramente, suas aspirações, de as confrontar com as possibilidades econômicas e políticas, de estabelecer os objetivos mais racionais, de escolher os meios mais adequados para atingi-los, de escolher o momento mais favorável para a ação, de se entender de ponta a ponta do país, de informar-se uns dos outros, de disciplinar-se, de constituir, em uma palavra, uma força exclusivamente inteligente, instruída, voluntária, prodigiosa, o que todos eles querem o partido o exprime em termos claros e o faz. O partido lhes revela aquilo que pensam. O partido é o

6. C. GRASSIS "Octobre à Kazan", in *Révolution Proletarienne*, n° 33, 1924.

vínculo que os une a todos, de ponta a ponta do país. O partido é sua consciência, sua inteligência, sua organização. Quando os artilheiros dos couraçados do Báltico, ansiosos pelo perigo que ameaça a revolução, buscam uma saída, lá está o agitador bolchevique para mostrá-la. Não poderla ser diferente, é evidente. Quando os soldados na trincheira querem expressar sua vontade de acabar com a carnificina, elegem para o comitê do batalhão os candidatos do Partido Bolchevique. Quando os camponeses, não suportando mais as tergiversações do "seu partido" socialista-revolucionário, se perguntam se já é tempo de agir por conta própria, a palavra de Lenin chega até eles: "Tome a terra, camponês!" Quando os operários percebem a maquinação contra-revolucionária a rodeá-los por todos os lados, o *Pravda* lhes fornece as palavras de ordem que pressentiam e que são também as que a revolução necessita. Ante os cartazes bolcheviques colocados nas esquinas, os miseráveis, ali reunidos, exclamam: "Mas é isso mesmo!" É isso mesmo. Esta é a aprovação deles.

Por isso é que o percurso das massas até a revolução se expressa por um importante fato político: os bolcheviques, pequena minoria revolucionária em março, tornam-se, entre setembro e outubro, o partido da maioria. Fazer distinção entre as massas e o partido torna-se impossível. É uma única corrente. É evidente que há, entre a multidão, outros revolucionários esparsos, socialistas-revolucionários de esquerda (os mais numerosos), anarquistas, maximalistas, que querem também uma revolução: punhado de homens envolvidos pelos acontecimentos. Lideranças lideradas. Quão confusa é sua consciência da realidade, veremos, mais tarde, por inúmeros indícios. Os bolcheviques, graças a sua justa compreensão teórica da dinâmica dos acontecimentos, identificam-se, ao mesmo tempo, com as massas trabalhadoras e com a necessidade histórica. "Os comunistas não têm interesses diferentes dos de todo o proletariado", está escrito no *Manifesto Comunista* de Marx e Engels. O quanto esta frase, escrita em 1847, nos parece, atualmente, correta!

Depois dos tumultos de julho, o partido, que acaba de passar por um período de ilegalidade e perseguição, é apenas tolerado. Ele se organiza em colunas de assalto. Pede a seus membros abnegação, paixão e disciplina: em troca, lhes dá somente a satisfação de servir ao proletariado. E, contudo, crescem seus efetivos. Em abril, o partido contava com 72 organizações, num total de 80.000 membros. Em fins de julho, seus efetivos atingem 200.000 filiados, agrupados em 162 organizações.

3 - A CAMINHO DA INSURREIÇÃO

Na verdade, o partido bolchevique caminha para o poder com firmeza, lucidez e habilidade surpreendentes, desde a queda da autocracia. Basta, para se convencer disso, ler as *Cartas de Longe*, escritas por Lenin, antes de sua partida de Zurique, em março de 1917. Mas como toda definição de um fato histórico que pretenda ser exata, esta é um pouco estreita. O partido caminha para o poder desde o dia em que seu comitê central de exilados, quase desconhecido (Lenin e Zinoviev), afirmava que a "guerra imperialista deve ser transformada em guerra civil" (1914), e antes ainda quando ele nascia para a guerra civil (Congresso de Londres, 1903). Chegando a Petrogrado a 3 de abril de 1917, Lenin, após haver retificado a posição política do órgão central do partido, define, em seguida, os objetivos do proletariado e recomenda incansavelmente aos militantes a conquista, por persuasão, das massas operárias. Nos primeiros dias de julho, quando ondas populares furiosas rebentam pela primeira vez contra o ministério de Kerenski, os bolcheviques se recusam a seguir o movimento. Estes líderes - no verdadeiro sentido da palavra - não são liderados. Não querem uma insurreição prematura; a província não está preparada, a situação não está madura. Eles freiam, resistem à corrente, afrontam a impopularidade. A consciência do proletariado encarnada no partido entra em conflito com a impaciência revolucionária das massas. Perigoso conflito. Fosse o inimigo mais forte e inteligente e a impaciência das massas lhe teria proporcionado uma vitória muito fácil. "Agora", dizia Lenin a seus amigos, no dia seguinte dos tumultos de julho, "eles vão fuzilar a todos nós". Teoricamente, a visão de Lenin estava correta: era a única oportunidade para a burguesia infligir ao proletariado uma grande sangria preventiva, decisiva por meses, se não por anos. Felizmente, a burguesia não teve a clareza de Lenin para avaliar seu próprio jogo. Não ousou e, certamente, não por falta de vontade.

Depois de julho, seus membros mais ativos pensam em reparar essa fraqueza. Sonham com um poder forte. Fica-se entre duas ditaduras: o regime Kerenski é apenas um Inter-regno. O golpe de estado frustrado de Kornilov (Savinkov e Kerenski nos bastidores) provoca nova mobilização do prole-

fariado. Daí para frente, a situação se complica cada vez mais, ameaçando tornar-se desesperada para o proletariado, para quem as privações aumentam e que tem o claro sentimento de que, se não vencer, será massacrado; também é grave para os camponeses que veem a revolução agrária, prometida pelos socialistas-revolucionários no poder, ser seguidamente adiada, à espera de ser brutalmente escamoteada por algum Bonaparte da derrota; é grave para o exército e para a armada, obrigados a continuar, a serviço de classes inimigas, uma guerra desesperada; é grave para a burguesia, para quem a desorganização dos transportes, a deterioração dos equipamentos industriais, as derrotas na frente de batalha, a crise da produção, a escassez, a impossibilidade de conter as massas, a falta de autoridade do novo regime, a debilidade do seu mecanismo de coerção se deteriora, a cada dia.

Depois dos tumultos de julho, Lenin diz a V. Bontch Bruevitsh: "A insurreição é inevitável. Em breve será obrigatória. Não pode deixar de sê-lo". A partir de meados de setembro, o partido começa a se orientar de forma resoluta em direção à batalha. A Conferência Democrática, que constituirá o pré-parlamento, realiza-se de 14 a 22 de setembro. Lenin, ainda na ilegalidade neste momento, exige impetuosamente a retirada da facção bolchevique da Conferência, onde um certo número de camaradas estariam inclinados, aliás determinados, a aceitar o papel de oposição parlamentar. Apoiada pela maioria do partido, a opinião de Lenin é vencedora. Os bolcheviques saem batendo a porta. Trotsky lê sua declaração. A palavra inflamada de L. D. Trotsky, que acabara de apreciar as doçuras da prisão sob o regime da burguesia e dos mencheviques, corta como uma espada todas as tramas urdidas pelos diferentes oradores do centro. Ele diz, em termos claros e nítidos, que nenhuma volta atrás seria possível; que os operários sequer pensavam nisso; que os operários só viam o caminho da nova revolução. Fez-se um completo silêncio; um arrepio passou entre as poltronas e camarotes onde estavam os chefes da burguesia... Os aplausos ecoaram nas tribunas e na platéia... "Ali, firmou-se definitivamente a vontade de insurreição e foi preciso muito tato, muita autoridade do comitê central para que a vontade geral, expressa claramente, não se traduzisse em ação direta, porque era muito cedo e os tumultos de julho poderiam ter-se repetido mas de forma ainda mais sangrenta."⁷

Nos últimos dias de setembro ou nos primeiros dias de outubro, o Comitê Central do Partido Bolchevique - Lenin,

7. Vladimir Bontch-Bronevitch. "De juillet à octobre". in *Révolution Proletarienne*, nº 10, 1922. O autor desse artigo foi um dos amigos íntimos de Lenin.

Trotsky, Stalin, Sverdlov, Iakovleva, Oppokov, Zinoviev, Kamenev - reúne-se em Petrogrado, na casa do menchevique Sukhanov. Discute-se o próprio princípio da insurreição. Kamenev e Zinoviev (Noguin e Rykov, que tinham mais ou menos a mesma opinião, não estavam na reunião) pensavam que a insurreição talvez fosse vencedora, mas que a seguir seria quase impossível manter o poder, devido às dificuldades econômicas e à crise de abastecimento. A maioria pronunciou-se pela insurreição e chegou até a fixar a data para 15 de outubro⁸. Insistamos, entretanto, em um ponto. Esta maneira de pensar não era, por certo, sinal de uma tendência ao oportunismo ou à fraqueza menchevique, em homens que haviam dado provas, durante anos de luta, e que, a seguir, durante toda a guerra civil, se mostrariam isentos de qualquer fraqueza. Denotava, entre firmes revolucionários, uma certa super-avaliação das forças do adversário e uma certa falta de confiança nas forças do proletariado. Não se brinca com a insurreição. O dever do revolucionário é perscrutar, com antecedência, todas as possibilidades. Se avaliam a derrota da revolução, sua inquietude nada tem em comum com o medo da revolução dos oportunistas que temem, antes de mais nada, a vitória do proletariado. E quando certos temores legítimos baseiam-se numa avaliação errônea dos fatos, constituem grande perigo para a política geral do partido; podem desviá-la de modo irreparável. O tempo que, em determinados momentos, trabalha em favor da revolução, pode trabalhar contra ela, passado o momento: uma ação simplesmente adiada pode muito bem ser uma ação perdida. O proletariado italiano pagou muito caro sua fraqueza de 1920; a ocasião que se oferecia ao proletariado alemão em 1923 virá outra vez, mas quando? O erro dos adversários da Insurreição era, portanto, grande, grave e eles depois se convenceram disso⁹.

A 10 de outubro, o Comitê Central do Partido Bolchevique (presentes: Lenin, Zinoviev, Kamenev, Stalin, Trotsky, Sverdlov, Uritski, Dzerjinski, Kollontai, Bubnov, Sokolnikov, Lo-

8. Relato estes fatos baseado em "Les souvenirs des combattants d'octobre", publicado pela *Révolution Proletarienne* em 1922, e num pequeno livro, publicado em 1919, intitulado *Moscou en octobre 1917*. A argumentação dos camaradas contrários à insurreição está exposta e magistralmente refutada por Lenin em sua *Carta aos Camaradas*, de 16-17 de outubro de 1917. (*Sur la route de l'insurrection*, edição da livraria de L'Humanité, p. 171.)

9. Inúmeros documentos, publicados recentemente no tomo XXI das *Obras Completas* de N. Lenin (nova edição), parecem indicar que uma verdadeira tendência de direita estava em vias de consolidar-se no partido, para o qual ela pretendia o papel de uma poderosa oposição proletária em uma democracia parlamentar. Era desconhecer que a questão da democracia não se colocava (pois estava-se entre duas ditaduras) e sujeitar-se ao império das mais perigosas ilusões.

mov) aprovou, por dez votos a dois, a preparação imediata da insurreição. Essa preparação foi confiada a uma direção política composta por Lenin, Trotsky, Zinoviev, Stalin, Kamenev, Sokolnikov e Bubnov.

4 - OS CHEFES PROLETÁRIOS

Relação comparável à que existe entre as massas operárias e o partido existe, no seio do partido, entre o conjunto de militantes e os chefes.

O partido é o sistema nervoso - e o cérebro - da classe operária. Os chefes e os quadros têm, dentro do partido, o papel do cérebro e do sistema nervoso no organismo. Não se deve tomar esta comparação ao pé da letra: a diferenciação das funções num organismo vivo é muito diferente do que numa sociedade. Mas por mais conscientes que sejam, os militantes do partido não podem conhecer a situação no seu conjunto; a informação, a ligação, a instrução, a preparação teórica e profissional (do revolucionário) lhes faltam inevitavelmente, apesar de seu valor pessoal, quando não fazem parte dos quadros do partido, selecionados por anos de trabalho e de luta, apoiados pela boa vontade de todo o movimento, dispendo da máquina do partido, acostumados ao pensamento e à ação coletiva. Da mesma maneira que o soldado na trincheira só vê uma ínfima parcela do campo de batalha e não pode, seja qual for sua capacidade, conhecer a ação que está sendo empreendida, da mesma maneira que um mecânico diante de sua máquina não pode, com uma só olhada, abarcar o funcionamento de toda a fábrica, o militante, apenas com seus próprios meios, só pode se guiar por idéias gerais, sentimentos e conhecimento parcial dos fatos. Os verdadeiros chefes proletários são, ao mesmo tempo, guias, pilotos, capitães e diretores de empresas: trata-se de uma formidável empresa de demolição e de construção social. A eles cabe descobrir, pela análise científica dos processos históricos, o significado dos acontecimentos, suas tendências, as possibilidades que oferecem, bem como conceber o que o proletariado pode e deve fazer, não pela própria vontade ou inspiração momentânea, mas por necessidade histórica¹⁰. Em suma, conhecer o real, perce-

10. Não se trata do objetivo que, em dado momento, se propõe este ou

ber o possível, conceber a ação que será o elo entre o real e o possível.

Ao fazer isto, colocam-se, invariavelmente, do único ponto de vista dos interesses superiores do proletariado; de tal modo que seu pensamento é o do proletariado, armado de uma disciplina científica. A consciência de classe do proletariado atinge, assim, sua mais alta expressão entre os chefes da vanguarda organizada da classe operária. Sua personalidade só é grande na medida em que encarne as massas. Neste sentido, ela é gigante - e anômima. Eles exprimem os sentimentos de todos e uma virtualidade que é também, para o proletariado, uma necessidade: terrível impersonalidade! Sem dúvida. Mas seu mérito - o gênio de um Lenin - advém do fato de que o desenvolvimento da consciência de classe nada tem de fatal; o sentimento de todos pode muito bem permanecer latente, sem se expressar, num determinado momento; as possibilidades contidas numa situação podem não ser percebidas; a ação necessária à salvação ou à vitória do proletariado pode não estar concebida. A história recente do proletariado da Europa ocidental oferece muitos exemplos de acontecimentos abortados em consequência da fragilidade da consciência de classe. Completamos a definição do chefe proletário, homem dos novos tempos, em contraste com os chefes das classes dirigentes de outrora e das classes poderosas de hoje. Estes últimos são instrumentos cegos da necessidade histórica: o revolucionário é seu instrumento consciente¹¹.

A Revolução de Outubro nos oferece o exemplo de um partido proletário, por assim dizer, ideal. Relativamente pouco numeroso na verdade, seus militantes vivem com as massas, no seio das massas; longos anos de provações - uma revolução, a ilegalidade, o exílio, a prisão, incessantes lutas de idéias - formaram seus quadros admiráveis e chefes autênticos, cuja ação comum concretizou a unidade de pensa-

aquele proletário, ou mesmo todo o proletariado. Trata-se de o que é o proletariado e do que lhe caberá historicamente fazer por sua própria natureza." K. Marx, *A Sagrada Família*.

11. Comparar com as previsões voluntárias de Lenin em 1914-1915 (*Contra a Corrente*) e sobre a revolução russa, em setembro de 1917 (*Cartas de Longe*), as do presidente Wilson em 1918-1919: as ilusões do wilsonismo contribuíram poderosamente para a vitória dos aliados, servindo, desse modo, a um objetivo diametralmente oposto ao de seu protagonista. Comparar a clarividência e a vitória de Lenin à falta de visão e às derrotas dos homens de estado da burguesia moderna: os chefes do imperialismo alemão e o desastre da Alemanha; Clemenceau e a paz de Versalhes; Poincaré-Cuno e a guerra do Ruhr.

Deve-se, evidentemente, distinguir entre as intenções do presidente Wilson, promotor do direito das nacionalidades, da liberdade dos mares e da Sociedade das Nações, e o papel social do wilsonismo, derradeira ideologia de guerra dos aliados; pessoalmente, não parece que Wilson tenha querido servir à causa de uma coalizão imperialista contra outra, o que, na verdade, fez.

mento. A iniciativa de todos e o realce de personalidades fortes se harmonizam no partido com uma centralização inteligente, uma disciplina voluntária, o respeito às direções reconhecidas. Este partido, dotado de excelente aparelho de organização, não apresenta a menor deformação burocrática. Nele não se observa nenhum fetichismo, não possui tradições malsãs ou sequer equívocas; sua tradição principal é a da guerra ao oportunismo; ele é revolucionário até a medula dos ossos. Assim, não deixa de ser notável que hesitações profundas e tenazes ocorram em seu interior às vésperas da ação e que vários de seus militantes, os mais influentes, se pronunciem veementemente contra a tomada do poder.

5 - LENIN

Referimo-nos antes à força da integridade de Lenin, homem feito de um só bloco, dedicado inteiramente, em todos os momentos de sua vida, a uma única obra. Ele formava uma só unidade com seu partido e através do partido, com o proletariado; nas horas mais decisivas, estava unido como carne e osso aos trabalhadores da Rússia e, além das fronteiras ensangüentadas, aos proletários e oprimidos de todos os países. É assim que surge em outubro de 1917, como o chefe por excelência, o chefe único da revolução proletária. O estado de espírito das massas, em setembro-outubro, já conhecemos. Em meados de setembro, Lenin exorta, em uma carta decisiva, o Comitê Central do partido a tomar o poder sem perda de tempo. Imediatamente, segue-se outra carta, onde trata do *Marxismo e Insurreição*. O poder ainda não tinha sido tomado e Lenin, sabendo que, muitas vezes, é mais difícil conservá-lo do que tomá-lo, e que o essencial é mostrar aos revolucionários sua própria força, escreve o folheto intitulado *Os Bolcheviques Conservarão o Poder?* (fim de setembro). A 7 de outubro, um novo artigo, um novo apelo: *A Crise Está Madura*. A partir deste momento, uma impaciência infernal o envolve. Suas epístolas ao Comitê Central, ao partido, aos militantes, uma após outra, continuam persuasivas, autoritárias, urgentes, cortantes. Ele passa por cima do Comitê Central e dirige-se aos Comitês de Moscou e de Petrogrado: *Contemporizar Torna-se um Crime!* (princípio de outubro). A 8 de outubro publicam-se seus

Conselhos de um Espectador sobre a Insurreição. Nos dias 16 e 17, uma longa e memorável carta: *Aos Camaradas*, refutando, com energia, as objeções dos adversários do levante. As últimas hesitações são vencidas. O chefe Lenin, formado em 23 anos de luta (desde 1895), agindo em consonância com os camponeses, operários e soldados, marinheiros e todo o povo que trabalha, marcou a hora e deu o sinal da ação decisiva. Foi necessária toda sua energia - e a de alguns outros - para contornar as hesitações que corriam o risco de se tornar funestas.

Seus textos dessa época foram reunidos em um volume sob o justo título de: *A Caminho da Insurreição*. É um livro veemente do qual é ainda difícil avaliar toda a importância. Modelo de dialética revolucionária, tratado de teoria e prática insurrecional, tratado sobre a arte de vencer a luta de classes, pensamos que se equipara ao *Manifesto Comunista*, do qual é o complemento necessário, no despontar da era proletária¹².

A doutrina de Lenin sobre a insurreição pode ser resumida em algumas linhas: "A insurreição, para ser coroada de êxito deve ter como apoio não um complô, nem um partido, mas a classe avançada. Isto, em primeiro lugar. A insurreição deve se escorar no ímpeto revolucionário do povo. Isto, em segundo lugar. A insurreição deve se apoiar num ponto exato da história da revolução em crescimento, no momento em que a atividade das massas populares atinge seu mais alto grau, em que as hesitações nas fileiras inimigas atingem também seu mais alto grau, bem como entre os frágeis amigos da revolução equivocados e indecisos. Isto, em terceiro lugar. Por essa maneira de propor as três condições para a insurreição, o marxismo difere do blanquismo" (*Marxismo e Insurreição*). E neste preceito de Marx: "Não brinque nunca com a insurreição mas, ao começá-la, saiba firmemente que é preciso ir até o fim".

Por que Lenin, nesta hora, ao lado de tantos outros homens de valor que, como ele, querem a revolução proletária, e dos quais vários enxergam o caminho tão bem quanto ele, por que ele é o chefe único? Inúmeros militantes responsáveis de Moscou e de Petrogrado - e isso para falar apenas das capitais e dos meios dirigentes do partido, uma restrição lastimável - marcham deliberadamente para a insurreição. Trotsky, presidente do soviete, não teve, desde sua chegada à Rússia, a menor hesitação sobre o caminho a seguir; tinha exatamente o mesmo ponto de vista de Lenin, exceto em pequenos detalhes práticos¹³. No Comitê Central do partido, a grande maioria

12. A livraria de *L'Humanité* publicou uma tradução francesa muito boa que, infelizmente, carece de uma introdução histórica e notas explicativas. Em *Lenine, 1917* (Librairie du Travail), ofereci uma análise pormenorizada desses textos de Lenin.

13. Internado num campo de concentração em Amhurst (Canadá) no momento em que Lenin chegava à Rússia, Trotsky só chegou a Petrogrado nos primeiros dias de maio. Seus artigos sobre a revolução russa, escritos nos Estados Unidos,

dos militantes vota pela ação. Mas ninguém entre esses revolucionários goza de uma ascendência comparável à de Lenin. A maioria deles, seus discípulos, o reconhecia como mestre. Trotsky, cujas qualidades de organizador da vitória se revelam neste momento de maneira notável, esteve por muito tempo na social-democracia russa, distante tanto dos mencheviques quanto dos bolcheviques, isolado; na verdade, nunca havia feito o papel de chefe de partido. Inúmeros bolcheviques lembram dele como adversário. Tendo entrado em fins de julho para o Comitê Central (no VI Congresso do PCR), poucos dias depois de ter aderido ao partido, ele é um grande recém-chegado. Ora, é precisamente o partido que faz o chefe, sem partido, não há chefe: uma verdade óbvia. Por ter sido o criador do partido do proletariado é que Lenin se torna o chefe da revolução.

6 - A MILÍCIA VERMELHA

Os acontecimentos se desenrolam nas duas capitais, de forma muito diferente, mas com incrível paralelismo.

A iniciativa da formação das milícias vermelhas foi, em Petrogrado, dos operários das fábricas, que a tomaram instintivamente desde a queda do tzarismo. Começaram a se armar, desarmando o antigo regime. Em abril, dois militantes bolcheviques, Chliapnikov¹⁴ e Eremeev, começaram a sistematizar a organização espontânea das milícias vermelhas. As

têm um tom análogo ao dos artigos de Lenin publicados na mesma época. A partir de 5-6 de maio ele se entende com a redação do *Pravda* e com o CC bolchevique sobre uma ação conjunta. Nessa época, ele pertencia à organização social-democrata chamada dos "unionistas", a que também pertenciam Volodarski, Lunatcharski, Manuiski, Karakhan, Ioffe e Uritski e que se fundiu com o Partido Bolchevique em julho de 1917.

Trotsky usou a palavra pela primeira vez no Soviete de Petrogrado a 5 (18) de maio, no dia seguinte ao de sua chegada da América. Exortou o soviete: "1. a desconfiar da burguesia; 2. a controlar seus próprios chefes; 3. a confiar em sua própria força revolucionária". E concluía: "Creio que nossa próxima ação transferirá o poder aos sovietes".

14. Operário metalúrgico, bolchevique exilado, Chliapnikov militou ilegalmente em Petrogrado durante os últimos meses do antigo regime, sobre os quais escreveu interessantes memórias (*As Vésperas de 1917*). Foi um dos organizadores do sindicato dos metalúrgicos russos. Mais tarde, Comissário do Povo para o Trabalho (outubro de 1917); em 1921, foi um dos dirigentes da "oposição operária" do PCR.

primeiras formações regulares, se é que se pode falar assim dessas milícias operárias, constituíram-se nos subúrbios proletários, principalmente em Vyborg. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários tentaram, a princípio, opor-se ao movimento. Em junho, numa sessão a portas fechadas do soviete, onde tinham neste momento a maioria, o social-democrata Tseretelli exigiu o desarmamento dos operários. Tarde demais. Os estados-maiores dos bairros estavam criados. Um estado-maior principal assegurava a coordenação geral. Formadas por fábricas, na base do voluntariado coletivo - e não individual; a fábrica decidia sobre isso e ou todos da fábrica formavam um contingente ou todos se alistavam - as primeiras milícias vermelhas assumiram a proteção das grandes manifestações operárias. Quando ocorreram os tumultos de julho, as milícias de Vyborg impuseram respeito, tranqüilamente, às tropas de Kerenski. Petrogrado tinha, naquele momento, perto de 10.000 milicianos vermelhos. O golpe de estado de Kornilov (25-30 de setembro), o avanço de uma divisão cossaca contra a capital e a contra-revolução iminente obrigaram o soviete menchevique e socialista-revolucionário a armar, precipitadamente, os trabalhadores. Isso não ocorreu sem atritos: os operários da fábrica de munição de Schlüsselburgo enviaram a Petrogrado uma chalana de granadas e o soviete se recusou a recebê-la. A própria milícia vermelha tomou a carga! A iniciativa operária acudia a tudo, frustrando a má vontade dos socialistas da paz social. A mobilização do proletariado contra Kornilov mostra que uma contra-revolução frustrada pode ser tão deplorável para a burguesia quanto uma sublevação frustrada para o proletariado.

Em setembro, o manejo de armas era ensinado em 79 fábricas de Petrogrado. Em inúmeras usinas todos os operários portavam armas. A organização militar do Partido Bolchevique não conseguia fornecer a essa massa um número suficiente de instrutores. Às vésperas da Revolução de Outubro, os efetivos da milícia vermelha somavam 20.000 homens agrupados em batalhões de 400 a 600 homens, cada um deles dividido em três companhias, uma seção de metalhadoras, uma seção de ligação, uma de padioleiros e por vezes providos de um carro blindado. No comando dos batalhões e companhias encontravam-se sub-oficiais (operários). O serviço se fazia por plantão. Dois terços dos operários trabalhavam nas fábricas, o outro terço ficava "de guarda" e o tempo de serviço era pago como horas de trabalho. Os estatutos da milícia vermelha estabelecem que, para ser admitido, é preciso a indicação de um partido socialista, de um comitê de fábrica ou de um sindicato. Três faltas injustificadas acarretam a exclusão. As infrações disciplinares são julgadas por um júri de camaradas. O uso de armas sem autorização é considerado crime. As ordens devem ser cumpridas

sem discussão. Seus membros são portadores de um documento de identidade. Os quadros dirigentes são eleitos; na realidade, eram muitas vezes designados pelos comitês de fábrica ou outras organizações operárias e a escolha dos chefes era sempre submetida à sanção dos soviets distritais. Os chefes, caso não tivessem instrução militar, eram obrigados a fazer cursos especiais¹⁵.

É oportuno assinalar, a propósito desta grande iniciativa do proletariado de Petrogrado, que ela era a concretização do desejo e do conselho imperativo - mas ignorado - de Lenin. Em uma de suas *Cartas de Longe*, datada de Zurique, 11 (24) de março de 1917, e que só seria publicada mais tarde como documento histórico, Lenin, ao tratar da "milícia proletária", conclamava os operários a que "não deixassem que a polícia fosse restabelecida não abandonassem as instituições locais!" e constituíssem, sem perda de tempo, uma milícia que englobasse as mulheres e os jovens. "É preciso", concluía, "conseguir prodígios em termos de organização".

Em Moscou, a formação das milícias foi muito mais difícil. As autoridades - à frente das quais estavam socialistas-revolucionários e mencheviques - tinham conseguido, de certa forma, desarmar os operários e parte da guarnição. Foi preciso fabricar granadas em segredo, conseguir explosivos na província. A organização do comando e a comunicação foi deploravelmente tardia. Esses problemas e esses atrasos iriam custar ao proletariado de Moscou uma sangrenta batalha de rua que durou seis dias.

A organização militar do partido contava com mais de 100 mil soldados e um certo número de oficiais. Ela iria formar por toda parte comitês revolucionários-militares, órgãos dirigentes da insurreição.

7 - VIGÍLIA ARMADA

O conflito entre os dois poderes - o governo provisório presidido por Kerenski e o soviete -, em Petrogrado, entra em sua fase aguda a partir de 16 de outubro, quando o Comitê Revolucionário Militar, de que fazem parte Antonov-Ovseenko, Podvoiski, Tchudnovski, se instala junto ao soviete. O presidente do soviete presidia também o Comitê Revolu-

15. G. GHEORGHIEVSKI, *Ensaio de História da Milícia Vermelha*, Moscou, 1919.

cionário Militar. A guarnição de Petrogrado estava de acordo com o bolchevismo. O governo, alegando a eventualidade de uma ofensiva alemã, pretendeu enviar para a frente de guerra os regimentos mais revolucionários. Dotado de serviços de comunicação, de informações e de armas, o CRM começou a designar comissários junto a todas as unidades das tropas; por outro lado, a burguesia se armava, mas a nomeação de comissários junto aos depósitos de armas a impediu de continuar; os delegados do CRM foram bem recebidos pelos soldados que sabiam que o comitê estava decidido a impedir o envio de soldados para a frente de batalha.

O CRM recusou-se, de fato, a aceitar a ordem de partida dada para os regimentos vermelhos. Ao se negar a fazê-lo, justificou habilmente que era preciso mais informações sobre a necessidade de defesa... O CRM assumiu, em relação à milícia vermelha, a função de quartel-general. Ele ordenou, finalmente, que as tropas não obedecessem a qualquer ordem emanada do comando da praça. A partir daí, a insurreição, de certa maneira, estava latente. Dois poderes se desafiavam e duas autoridades militares, uma das quais - a insurrecional - anulando deliberadamente as ordens da outra.

O II Congresso Pan-russo dos Sovietes deveria se realizar em Petrogrado, no dia 15 de outubro. Os mencheviques conseguiram adiá-lo até o dia 25 (7 de novembro no novo calendário), obtendo assim, para o governo provisório da burguesia, um sursis de dez dias. Ninguém duvidava que o congresso, onde os bolcheviques teriam a maioria, se pronunciasse pela tomada do poder. "Vocês marcam a data da revolução!", diziam os mencheviques aos bolcheviques. Para que a decisão do congresso - que era certa - não fosse platônica, era fundamental que contasse com o apoio das armas. A respeito da data da insurreição se defrontaram duas opiniões: Trotsky queria que a ação estivesse ligada ao Congresso dos Sovietes, pois acreditava que a iniciativa insurrecional do partido teria menos chance de arrastar as massas; Lenin achava "um crime" temporizar até o Congresso dos Sovietes, temendo que o governo provisório pudesse esmagar a revolta com uma vigorosa ofensiva. Os acontecimentos não justificaram, de modo nenhum, esse legítimo temor; o inimigo se revelou muito mais frágil do que o previsto. Em nossa opinião, as duas concepções eram igualmente justas, mas estavam situadas em diferentes níveis e por isso se chocavam. Uma, *estratégica*, inspirava-se na necessidade de relacionar a ação do partido às reivindicações mais inteligíveis para as mais amplas massas ("todo o poder aos soviets"), o que seria uma condição para o êxito. A outra, de política geral, tendia a eliminar toda ilusão sobre a possibilidade de constituir um verdadeiro poder proletário, antes da

Insurreição. Ao admitir essa possibilidade teórica, por que não se poderia dizer *sem* insurreição? E essa trilha, não sabíamos onde ia terminar... Desde 1906, Lenin escarnecia a tendência de "dissimular ou suprimir a palavra de ordem insurreição, graças ao conceito de organização do poder revolucionário /.../". Sua doutrina realista poderia ser assim resumida: *primeiro vencer*. Lenin queria que a insurreição antecederesse ao congresso; diante do fato consumado, a única opção para o congresso seria aprová-la. Deixou isso bem claro numa reunião que teve com os organizadores da ação¹⁶. Estava obsessivamente interessado nos detalhes da preparação e não admitia, por nenhum motivo, adiar a ofensiva. Nevski e Podvoiski insistiam em mostrar a ele que alguns dias a mais na preparação só fariam aumentar as chances de êxito: "O inimigo também se aproveitará disto!", ele respondia com obstinação. Antonov-Ovseenko conta sobre uma entrevista com Vladimir Ilitch, poucos dias antes da batalha, numa casa do subúrbio operário de Vyborg. Lenin, procurado pela polícia de Kerenski, Lenin, que se fosse preso provavelmente seria morto com um tiro, veio à reunião completamente irreconhecível: "Vimo-nos na presença de um velhinho de cabelos brancos, de pincenê, aparência ótima, jeito bonachão; parecia um músico, um professor ou vendedor de livros usados. Ele tirou a peruca e reconhecemos seu olhar onde queimava, como de costume, uma chama de humor: 'Quais são as novas?' Estava perfeitamente seguro, indagou da possibilidade de chamar a frota para Petrogrado. Quando objetaram que isto poderia deixar desaguarnecida a frente marítima, ele replicou de maneira peremptória: 'O que é isto! Os marinheiros certamente compreenderão que a revolução está mais ameaçada em Petrogrado do que no mar Báltico'".

Situada no centro da cidade, em uma pequena ilha do rio Neva, bem guarnecida por canhões, a fortaleza de Pedro e Paulo era motivo de muita preocupação para o CRM. Sua artilharia ameaçava o palácio de Inverno. Seu arsenal dispunha de 100.000 fuzis. Sua guarnição parecia fiel ao governo provisório. Trotsky propôs tomar a fortaleza a partir de dentro... através de um comício. E conseguiu (com Lachevitch).

A jornada de 22 de outubro foi a do Soviete de Petrogrado; foi, na verdade, o plebiscito grandioso da insurreição.

16. A ação conciliou as duas teses. A sublevação aconteceu no dia do congresso dos Sovietes, mas começou logo cedo, enquanto o congresso só começaria a deliberar à noite, sob o ruído da fuzilaria. Aliás, Lenin enganou-se neste ponto. Nos primeiros dias de outubro, escrevia ao Comitê Central: "A vitória está garantida em Moscou, ninguém nos oferecerá resistência. Em Petrogrado pode-se esperar. Não é preciso começar em Petrogrado". Na verdade, a vitória estava garantida em Petrogrado, onde a insurreição triunfou sem dificuldade, enquanto que, em Moscou, enfrentou uma resistência encarniçada.

Como acontece muitas vezes, quando ocorrem fatos de grande monta, a causa imediata parece ter pouca importância: porque, na realidade, no encadeamento das causas ela é apenas o último elo, freqüentemente frágil. O Comitê Executivo Central dos Sovietes, ainda sob a direção dos socialistas da paz social, controlava o dinheiro do Soviete de Petrogrado. Este tinha necessidade de um jornal. Para conseguir fundos para sua criação, decidiu-se organizar, no dia 22, uma série de grandes comícios. A imprensa burguesa, assustada com essa mobilização das massas, anunciou um tumulto. Kerenski se expressou numa linguagem aparentemente enérgica, mas que apenas alardeava coragem: "Toda a Rússia está conosco! Não temos nada a temer". Ele ameaçou "os elementos, os grupos, os partidos que ousam atentar contra a liberdade do povo russo, arriscando, ao mesmo tempo, abrir a frente de combate à Alemanha e uma eliminação definitiva e completa!" Um Gaiffet! Um Cavaignac! Ameaças inúteis! Era tarde demais. A jornada do dia 22 constituiu uma formidável mobilização de massas. Todas as salas estavam repletas. Na Casa do Povo (*Narodni Dom*), milhares de homens encheram os corredores, as galerias, as salas; no grande *hall*, verdadeiros cachos humanos se penduraram, agitados, na estrutura metálica do edifício... John Reed estava lá, suas anotações sobre esta assembléia, onde a voz de Trotsky empolgou a multidão, merecem ser citadas¹⁷. "Ao meu redor as pessoas pareciam entrar em êxtase. Tive a sensação que a multidão ia entoar, de repente, espontaneamente, sem nenhum sinal, um hino religioso. Trotsky leu uma resolução que dizia que 'pela causa dos operários e dos camponeses derramaremos a última gota de sangue: - Quem concorda?'. A multidão incalculável levantou as mãos como um só homem. Eu via aquelas mãos levantadas e os olhos ardentes de homens, mulheres, adolescentes, operários, soldados, mujiques /.../. Trotsky continuava a falar. As inúmeras mãos continuavam erguidas. Trotsky escandia as palavras: 'Que este voto seja o vosso juramento! Vocês estão jurando empregar todas as suas forças, não recuar diante de qualquer sacrifício para apolar o soviete que se empenha em completar a vitória da revolução e em lhes dar a terra, o pão e a paz!' As inúmeras mãos permaneciam erguidas. A multidão concordava. A multidão jurava /.../. E em toda Petrogrado acontecia a mesma coisa. Por toda parte ocorriam os últimos preparativos e prestavam-se os últimos juramentos. Milhares, dezenas de milhares, centenas de milhares de homens. Já era a insurreição."

17. J. REED, *Dez Dias que Abalaram o Mundo*.

8 - KRONSTADT E A FROTA

As forças revolucionárias de Kronstadt receberam, na manhã do dia 25, a ordem de se preparar para tomar a defesa do Congresso dos Sovietes (pois toda a ofensiva se realizava com uma aparência formal de defensiva). Detenhamo-nos um pouco sobre a preparação de Kronstadt, a respeito do que um dos participantes (I. Flerovski) deixou excelente relato. Nele se destaca o aspecto racional, projetado, a perfeita organização da insurreição concebida como uma operação militar a ser conduzida de acordo com as regras da arte de guerra: e aparece de forma evidente o contraste com os movimentos espontâneos ou mal organizados, tão numerosos na história do proletariado. "A preparação para a intervenção em Petrogrado foi feita, exclusivamente, à noite [...]. O Clube Naval estava repleto de soldados, marinheiros e operários, todos prontos para o combate [...]. O estado-maior revolucionário determinava, com precisão, o plano de operações, designava as unidades e as equipes, contabilizava os víveres e munições, nomeava os chefes. Trabalho intenso durante toda a noite. Os navios de guerra *Amor*, torpedeiro lança-minas, o *Raia* da *Liberdade* (antigo *Alexandre III*), velho couraçado, e o monitor *Abutre* foram designados a participar da operação. O *Amor* e o *Abutre* deveriam levar a Petrogrado parte das tropas. O couraçado deveria se colocar na entrada do canal para manter, sob seus canhões, a estrada de ferro costeira. Uma atividade intensa, mas silenciosa, se desenrolava pelas ruas. Os destacamentos do exército e as tripulações da frota se dirigiam para o porto. À luz das tochas só se viam as fisionomias sérias, concentradas das primeiras fileiras. Nem risos, nem vozes. Apenas o passo ritmado dos homens em marcha, breves ordens de comando e a passagem ruidosa de canhões interrompiam o silêncio. No porto, os barcos eram carregados rapidamente. Os destacamentos alinhados no cais esperavam, pacientemente, o momento do embarque. É possível, pensava eu comigo mesmo, que estes sejam os últimos minutos antes da maior revolução? Tudo acontecia com tanta simplicidade e nitidez que se podia pensar na véspera de uma operação militar qualquer. Isso se parece tão pouco com as cenas de revolução que conhecemos

através da história [...]. 'Esta revolução', dizia-me um companheiro, 'vai se realizar com boas maneiras'."

Esta revolução se realizou com as boas maneiras proletárias: com organização. Foi por isso que ela venceu em Petrogrado de maneira tão fácil e completa.

Tomemos dessas memórias outra cena significativa: a bordo de um navio a caminho da insurreição. O delegado do estado-maior revolucionário se apresenta na sala dos oficiais. "Ali, o humor é diferente. Estão inquietos, preocupados e desorientados. Quando entro e os saúdo, os oficiais se levantam. Escutam, em pé, minhas breves explicações e a ordem: 'Iremos, armados, derrubar o governo provisório. O poder passa para os soviets. Não contamos com a simpatia de vocês e nem precisamos dela. Mas, exigimos que permaneçam em seus postos, cumprindo pontualmente seus deveres e obedecendo a nossas ordens. Nós os pouparemos de demonstrações supérfluas. Isto é tudo'. - 'Entendido', responde o capitão. Os oficiais, no mesmo instante, dirigiram-se a seus postos. O capitão subiu até a popa."

A maioria da frota veio apoiar o proletariado e a guarnição. Os cruzadores *Aurora*, *Oleg*, *Novik*, *Zablaká*, *Samson*, dois torpedeiros e ainda outros navios subiram o rio Neva.

9 - A TOMADA DO PALÁCIO DE INVERNO

Tês camaradas, Podvoiski, Antonov-Ovseenko e Lachevitch¹⁸, haviam sido encarregados de organizar a tomada do palácio de Inverno. Com eles estava Tchudnovski, um grande militante dos primeiros dias que, em breve,

18. Podvoiski, membro do Partido Bolchevique desde muitos anos, um dos criadores da organização militar do partido. Mais tarde, Comissário do Povo para a Guerra da RSFSR e depois da Ucrânia soviética. Ultimamente, tem-se dedicado à preparação militar da juventude e à cultura física.

Antonov-Ovseenko, antigo oficial, jornalista, exilado, foi durante a guerra, em Paris, redator dos órgãos internacionalistas *Goloss*, *Naché Slovo*, *Natchalo*. Aderiu ao Partido Bolchevique em 1917, tornou-se um dos chefes do exército Vermelho durante a guerra civil. Chefe da direção política do exército, em 1923, foi, posteriormente, representante dos soviets na Tchecoslováquia.

Lachevitch, velho militante bolchevique, mais tarde membro dos Comitês Revolucionários de Guerra de Petrogrado (1919-1920) e, a seguir, da Sibéria, após a queda de Koltchak, substituindo o Comissário do Povo para a Guerra, em 1926. Falecido em 1928.

morreria na Ucrânia. A antiga residência imperial está situada no centro da cidade, à margem do Neva; na outra margem, a 600 metros, a fortaleza de Pedro e Paulo fica bem em frente ao palácio. Ao sul, a fachada do palácio dá para uma praça toda calçada onde se ergue a coluna Alexandre I. Lugar histórico. Ao fundo, formando um semi círculo, as grandes construções do antigo estado-maior e antigo Ministério das Relações Exteriores. Nesta praça estalaram, em 1879, os tiros do revólver do estudante Soloviev, diante do qual se viu fugir, correndo em zig-zag, pálido e com a cabeça abaixada, o autocrata Alexandre II. Em 1881, a dinamite do marceneiro Estevam Khalturín, explodindo sob os apartamentos imperiais, sacudiu esses sombrios edifícios. A 22 de janeiro de 1905, sob estas mesmas janelas, a tropa abriu fogo sobre a multidão de peticionários operários carregando ícones, vindos até o czar, o paizinho do povo, cantando hinos religiosos. Neste lugar houve mais de 50 mortos e mais de 1.000 vítimas no total; a autocracia foi atingida, mortalmente, por suas próprias balas...

A 25 de outubro, desde o amanhecer, os regimentos dos bolcheviques e as milícias vermelhas começaram a cercar o palácio de Inverno, sede do ministério de Kerenski. O assalto deveria ser feito às 9 horas da noite, embora Lenin se impacientasse, exigindo que tudo terminasse o mais rápido possível. Enquanto o círculo de ferro se fechava lentamente ao redor do palácio, o Congresso dos Sovietes se reunia em Smolny, em um antigo instituto para moças da nobreza. Ainda clandestino, algumas horas antes de encarnar a ditadura do proletariado, ainda disfarçado, Lenin caminhava nervoso, de um lado para o outro, numa saleta do Instituto. Para todos que chegavam, perguntava: "O palácio? Ainda não foi tomado?" Estava furioso com os vacilantes, os contemporalizadores, os indecisos. Ameaçava Podvoski: "É preciso fuzilá-lo! Fuzilá-lo". Os soldados, reunidos ao redor de braseiros, nas ruas vizinhas do palácio, também demonstravam impaciência. Podia-se ouvi-los resmungar: "Os bolcheviques também viraram diplomatas!" Mais uma vez, o sentimento de Lenin, até num mínimo detalhe, era o mesmo da massa. Podvoski, confiante na vitória, adia o assalto. A agitação desmoralizava o inimigo condenado. Cada gota do sangue revolucionário, facilmente poupado, era, nestas condições, preciosa.

Uma primeira intimação para que se rendessem foi feita, às 6 horas, aos ministros; às 8 horas, um segundo ultimato. Um parlamentar bolchevique discursava aos defensores do palácio; os soldados de um batalhão de elite se rendem aos insurretos; são recebidos com um enorme hurra, na praça transformada em campo de batalha. O batalhão feminino se rende alguns minutos mais tarde. Os ministros, aterrorizados, protegidos, num salão às escuras, por um grupo de jovens

aspirantes, ainda hesitam em capitular. Kerenski os havia abandonado, prometendo logo voltar à frente de tropas fiéis.

Esperavam ser despedaçados por uma multidão furiosa. O canhão do *Aurora* - que atira com pólvora seca! - desmoraliza completamente os defensores. O assalto dos vermelhos encontra apenas uma frouxa resistência. As granadas explodem nas escadarias de mármore e o corpo a corpo começa nos corredores. Na penumbra de uma imensa antecâmara, aspirantes lívidos, enfileirados, calam a baioneta diante de uma porta lambrisada.

Este é o último reduto do último governo burguês da Rússia. Antonov-Ovseenko, Tchudnovski e Podvoiski afastam essas baionetas inertes. Um jovem lhes murmura: "Estou com vocês!" Lá está o governo provisório: treze senhores trêmulos, dignos de dó, treze rostos descompostos, imersos na escuridão. Ao saírem do palácio, cercados pela milícia vermelha, um clamor se eleva pedindo a pena de morte. Soldados e marinheiros têm a veledade do massacre. A milícia operária os contém. "Não maculem com excessos a vitória proletária!"

Na fortaleza de Pedro e Paulo, velha bastilha por onde passaram todos os heróis da liberdade russa, os ministros de Kerenski vão se juntar aos ministros do último czar. Está tudo terminado.

Nos bairros próximos, a circulação normal não foi interrompida. No cal, os eternos curiosos olhavam tranquilamente...

Um detalhe sobre a organização da ofensiva. Para que algum êxito passageiro do inimigo não viesse a interromper seu trabalho, os chefes militares da insurreição tinham preparado dois quartéis-generais de reserva.

10 - O CONGRESSO DOS SOVIETES

Enquanto os vermelhos cercam o palácio de Inverno, reúne-se o Soviete de Petrogrado. Lenin sai da clandestinidade. Lenin e Trotsky anunciam a tomada do poder. Os soviets vão oferecer a todo o país uma paz justa; os tratados secretos serão publicados. A primeira palavra de Lenin ressalta a importância da união dos operários e dos camponeses que ainda não fora firmada: "No interior da Rússia a imensa maioria dos camponeses disse: 'Basta de histórias com os capitalistas, estamos com os operários!' Um único decreto, abolindo a propriedade fundiária, fará com que os

camponeses confiem em nós. Compreenderão que sua salvação só existe na união com os operários. Instituiremos o controle operário da produção /.../".

O Congresso Pan-russo dos Sovietes só se instala à noite, no grande salão de festas de Smolny, todo branco, inundado pela luz de enormes lustres. Quinhentos e sessenta e dois delegados estão presentes: 382 social-democratas bolcheviques, 31 sem partido, simpatizantes dos bolcheviques, 70 socialistas-revolucionários de esquerda, 36 socialistas-revolucionários de centro, 16 socialistas-revolucionários de direita, 3 socialistas-revolucionários nacionalistas, 15 social-democratas internacionalistas unidos, 21 social-democratas mencheviques partidários da defesa nacional, 7 delegados social-democratas das organizações nacionais e 5 anarquistas. O salão transbordava, febril. O menchevique Dan abre o Congresso em nome do antigo Executivo Pan-russo; o canhão troa sobre o Neva enquanto se elege a direção do congresso.

A resistência do palácio de Inverno agoniza. Kamenev, "alegre e endomingado"¹⁹, substitui Dan na presidência. Propõe uma pauta com três pontos: "1. organização do poder; 2. a guerra e a paz; 3. assembléia constituinte". O início da sessão cabe aos partidos da oposição menchevique e socialista-revolucionária. Em nome dos primeiros, Martov, o dirigente mais probo e melhor dotado, Martov, cuja extrema debilidade física parecia manifestar, apesar de sua grande coragem pessoal, a falência da idéia que defendia. "Martov, bem plantado, como de costume, a mão nos quadris, uma mão trêmula, lívida, ele próprio retorcido e insignificante, meneando a cabeça desgrenhada, exige que se dê uma solução pacífica ao conflito". Já era tempo! Mstislavski toma a palavra em nome dos socialistas-revolucionários de esquerda. Seu partido desprezava o governo provisório, era favorável à tomada do poder pelos soviets, mas havia-se recusado a participar do golpe de força. Seu discurso é cheio de nuances. Todo o poder aos soviets, certamente, ainda mais que já há um fato consumado. Mas as operações militares devem cessar imediatamente. Como deliberar ao som dos tiros de canhão? A isso Trotsky retruca vivaz: "Quem se sente incomodado pelo som do canhão? Ao contrário, nada melhor do que isso para se trabalhar!"

O canhão faz retinir os vidros das janelas. Os mencheviques e os socialistas-revolucionários de direita denunciam "o crime cometido contra a pátria e a revolução", e eis que um marinheiro do *Aurora* assoma à tribuna para responder. "Olhar inflexível", relata Mstislavski, "gestos rápidos, sem hesitações, discurso cortante e direto, assim era este homem. Logo que subiu à tribuna, ágil e forte, mostrando seu peito cabe-

19. MSTISLAVSKI. *Cinco Jornadas*.

ludo e balançando graciosamente a cabeça e o cabelo crespo, a sala toda explodiu em aclamações /.../. 'O palácio de Inverno acabou, diz ele. O *Aurora* está atirando quase à queima roupa! 'Ail' geme, a seus pés o menchevique Abramovitch, alucinado, torcendo as mãos. 'Ail' A esse queixume, responde o homem do *Aurora*, com um gesto magnânimo, mas com incrível desenvoltura, tranqüilizando-o num murmúrio audível, que parecia conter uma risada: 'Os tiros são de pólvora seca. Não é preciso mais do que isso para os ministros e para as mulheres do batalhão de elite'. Tumulto. Os mencheviques da defesa nacional e os socialistas-revolucionários de direita, em torno de 60 delegados, começam a se retirar 'para morrer com o governo provisório'. Não foram muito longe: seu pequeno cortejo, ao dar com as ruas bloqueadas pelas milícias vermelhas, dispersou-se sozinho /.../".

No final da noite, os socialistas-revolucionários de esquerda decidiam-se, enfim, a acompanhar os bolcheviques e a permanecer no congresso.

Lenin só subiu à tribuna na sessão do dia seguinte, dia 26, quando foram votados os importantes decretos sobre a terra, a paz e o controle operário da produção. Apareceu sob prolongada aclamação. Esperou que ela terminasse encarando com calma aquela multidão vitoriosa. Depois, sem sequer um gesto, apoiando as duas mãos na tribuna, os largos ombros ligeiramente inclinados para o auditório, diz simplesmente: "Estamos começando a construir a sociedade socialista".

11 - EM MOSCOU: CRISE ECONÔMICA E SUBLEVAÇÃO

A necessidade econômica da revolução se fez sentir muito mais diretamente em Moscou.

A cidade era administrada por uma дума (câmara municipal) composta de elementos burgueses, pequeno-burgueses e intelectuais, entre os quais os socialistas-revolucionários e os *cadets* dispunham de uma maioria bastante estável, à qual freqüentemente se juntavam os mencheviques. Assembléia impopular. Ali, as tribunas populares se manifestavam ruidosamente - como na Convenção - aplaudindo a oposição bolchevique. No dia 24 de setembro, a reeleição das dumas

distritais ofereceu aos bolcheviques a oportunidade de sondar as massas. Os bolcheviques obtiveram maioria em 14 dos 17 distritos. Elas reforçaram também os *cadets*. Os partidos de conciliação social saíram esmagados das eleições.

Essa vitória dos bolcheviques se deveu a sua compreensão das necessidades da massa operária. A escassez era pungente; as últimas reservas de trigo estavam acabando, aproximava-se o dia em que a cidade ficaria sem pão. A ração fora reduzida a 100 gramas por dia por pessoa²⁰. O péssimo funcionamento dos transportes impedia qualquer melhora no abastecimento. Era preciso tomar medidas de salvação pública extremamente enérgicas: centralização do abastecimento, municipalização da indústria do pão - em outras palavras, expropriação das padarias -, requisição de locais, inscrição obrigatória de todos os habitantes em listas únicas de abastecimento. Os bolcheviques exigiram essas medidas. Elas implicavam outras. A crise de abastecimento fazia parte dos projetos da guerra social das classes ricas. Ela complementava os efeitos da sabotagem da produção, feita pelo patronato. Por isso, para dar solução de fato à escassez, era preciso ter nas mãos toda a produção.

Os bolcheviques exigiram:

1. A desmobilização imediata das empresas industriais que, antes da guerra, produziam artigos de primeira necessidade. "A continuação da guerra acarretava a perda da capacidade de ação revolucionária do proletariado e do exército, isto é, a perda da revolução" (A. Schlichter).

2. A requisição de fábricas, para acabar com a sabotagem da produção pelos industriais e para facilitar a rápida retomada da produção dos tempos de paz. O objetivo era dar ao camponês, em troca do trigo, produtos industriais.

3. Trabalho obrigatório para os empregados da indústria que poderiam ser tentados a reagir à socialização por meio da greve.

4. Requisição dos estoques para evitar a especulação.

No fim da primeira semana de outubro, os trabalhadores do couro, de Moscou, entram na décima semana de greve. E a greve não é fácil com uma ração de 100 gramas de pão! Os sindicatos dos lenheiros, dos metalúrgicos, dos têxteis e dos trabalhadores municipais preparavam-se para a greve. O patronato, por sua vez, organizava uma espécie de sabotagem da produção: *lock-outs* parciais, fechamentos de empresas sob múltiplos pretextos, restrições disfarçadas ou declaradas da produção, vendas de equipamentos, liquidações - tudo isso justificado por uma "situação generalizada insustentável". A situação real do operário moscovita era de

20. A. SCHLICHTER, *As Memoráveis Jornadas de Moscou*. B. VOLIN, "Le Soviet de Moscou avant octobre", in *Révolution Proletarienne*, 1922.

extrema gravidade. Desde o começo da guerra, o preço dos víveres havia aumentado 6,5 vezes; os dos artigos manufaturados de primeira necessidade (tecidos, sapatos, lenha para calefação, sabão etc.) haviam aumentado cerca de 12 vezes; os salários, ao contrário, só haviam, em média, quadruplicado. Os operários pediam, em vão, o reconhecimento de seus comitês de fábrica. O governo provisório, simpático ao patronato, demonstrava evidente má vontade para com eles. Greves desesperadas podiam eclodir a qualquer momento. A crise atingia seu ponto máximo. A 19 de outubro, a maioria bolchevique do Soviete de Moscou, enfrentando essa situação, adotou, por proposta de Bukharin e de Smirnov, uma série de medidas que poderiam ser qualificadas de insurrecionais.

O soviete decidiu satisfazer, de acordo com os sindicatos, as reivindicações dos grevistas; decidiu deter os capitalistas acusados de sabotar a produção; conceder a moratória para os adjuvés; e mobilizar as massas para a tomada do poder pela democracia revolucionária. Os sindicatos foram convidados a instituir, por sua conta, a jornada de 8 horas de trabalho; os coureiros em greve receberam ordens de, por sua conta, repor as fábricas em funcionamento.

Alguns dias depois, o partido realiza um congresso urbano. Nele Semachko, Ossinski e Smirnov falam de insurreição. "Com cifras e dados estatísticos em mãos", escreve uma testemunha, "demonstram que, se o proletariado, que é o único que pode terminar a guerra, não tomar o poder, a Rússia estará arruinada, o pão e o combustível irão faltar, as estradas de ferro e as fábricas deixarão de funcionar /.../. Seus discursos têm caráter científico, até mesmo acadêmico. Não parecia uma assembléia de revolucionários projetando a subversão social, mas a assembléia de uma sociedade científica. O auditório, metade do qual se compunha de representantes de organizações militares, parecia indiferente. Ninguém pediu a palavra para contestar. Quando foi posta em votação, todas as mãos se levantaram: o congresso votou unanimemente a favor da insurreição." Tratava-se de uma coisa evidentemente necessária na opinião de todos²¹.

A 23 de outubro, o Soviete de Moscou promulga seu decreto n. 1 sobre o controle, pelos comitês de fábrica, da contratação e da demissão de operários. A 24 de outubro, o soviete aprova a organização da milícia vermelha. Cada uma dessas votações era motivo de lutas tempestuosas com os mencheviques e os socialistas-revolucionários. Ambos defendiam encarniçadamente o que chamavam de democracia e legalidade.

21. N. NOROV, *As Jornadas de Outubro em Moscovo*. Ver também V. SERGE, "La Révolution d'Octobre à Moscou", *Bulletin Communiste* de 1 de setembro de 1921.

A 25 de outubro, quando a ação já se desencadeia em Petrogrado, o Soviete de Moscou cria - embora tardiamente - seu Comitê Revolucionário Militar. Os socialistas-revolucionários e os mencheviques exortam o proletariado a que não perca o sangue-frio, não siga o exemplo nefasto dos usurpadores de Petrogrado. Somente a Assembléia Constituinte estará qualificada a estatuir sobre os destinos da Rússia. Derrotados pelo voto, os mencheviques entram, entretanto, no CRM para "dar um desfecho o mais indolor possível à tentativa de golpe de estado dos bolcheviques". Em outras palavras, para sabotar a insurreição! São admitidos no CRM...

A дума da cidade, reunida na véspera, a portas fechadas, sem os conselheiros bolcheviques, tinha, por sua vez, criado o Comitê de Salvação Pública. O prefeito socialista-revolucionário Rudnev presidiu esses preparativos para o combate. O coronel Riabtsev, outro socialista-revolucionário, armou precipitadamente os alunos das escolas militares - *junkers* -, os estudantes, a juventude das escolas. Em resumo, armou a juventude das classes burguesas e médias.

12 - O INÍCIO DO TERROR BRANCO

A batalha das ruas durou seis dias e foi duríssima. A iniciativa das operações coube ao Comitê de Salvação Pública que, no dia 27, enquanto as dumas deliberavam, em sessão conjunta, intimou o CRM a se dissolver no prazo de 15 minutos. Foi uma luta confusa, violenta e sangrenta, cujos lances não vamos relembrar aqui. A topografia de Moscou é a de uma cidade que cresceu, durante séculos, em círculos concêntricos, em torno dos palácios e das igrejas do Kremlin, espécie de cidade interior, fortificada, rodeada de altas muralhas guarnecidas de ameias e torres. Do alto, o Kremlin parece um triângulo, cuja base ladeia a margem esquerda do rio Moscou. Construída sobre colinas, cheia de ruínas estreitas e irregulares, que formam um emaranhado, ornada de inúmeras igrejas rodeadas de jardins e cercada por longas avenidas arborizadas, a cidade oferece várias possibilidades ao ataque e à defesa. Desde o primeiro momento, porém, as tarefas estratégicas dos dois adversários foram bem precisas. O CRM estava instalado no soviete, no centro da

cidade, acima da rua Tverskaya, na antiga residência do governador. Acabar com esse quartel-general foi o objetivo das tropas da ordem. A tarefa do CRM, ao contrário, era resistir o maior tempo possível para que as milícias vermelhas dos subúrbios chegassem em seu socorro, atacando os brancos pela retaguarda. Nessas condições, a tomada do Kremlin pelos brancos foi apenas um episódio, aliás muito significativo.

Os vermelhos eram numericamente superiores. "Nossos inimigos", diz Murálov, "deviam ter aproximadamente 10.000 homens; 2 escolas militares, 6 escolas de sub-oficiais /.../ as colunas militares dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques, a juventude das escolas; nós não tínhamos menos que 50.000 combatentes leais /.../ ou seja, 15.000 homens da ativa, 25.000 da reserva, 3.000 operários armados, 6 baterias leves e algumas peças pesadas". De um lado, os elementos burgueses e pequeno-burgueses, inclusive os intelectuais; do outro, a massa dos soldados e dos operários. No entanto, a falta de organização e as hesitações dos vermelhos determinaram a incerteza da luta.

No dia 28, à meia noite, os *junkers* - alunos das escolas militares - cercam o Kremlin. O Comitê de Salvação Pública já ocupa as estações ferroviárias, a usina elétrica, a central telefônica. Isolado do CRM, Berzin, comandante do Kremlin, a quem se afirma que a "ordem foi restabelecida", rende-se sob a promessa formal de que seus homens terão suas vidas poupadas. Ele próprio vai abrir as portas. É imediatamente agarrado, espancado, insultado pelos *junkers*. Um coronel lhe diz: "Então, você ainda está vivo? É preciso matá-lo". Os operários do arsenal do Kremlin só ficam sabendo da capitulação quando seu comitê de fábrica é preso. Pela manhã recebem ordem de, munidos de carteira de identidade, perfilarem-se numa das grandes praças do Kremlin próxima ao gigantesco canhão do czar Fedor Ivanovitch. Lá, três metralhadoras são bruscamente descobertas diante deles. Cito o relato de um dos sobreviventes²². "Esses homens não podem, porém, imaginar que vão ser fuzilados sem julgamento, sem razão, justamente eles que não tinham combatido! Um comandante grita: 'Atenção! Sentido!' Os homens se imobilizam em posição de sentido. É dado, então, um sinal e o alarido de três metralhadoras em ação se mistura aos gritos de terror, aos estertores e aos soluços. Todos os que não foram atingidos pela primeira descarga se precipitam em direção à única saída: uma portinha estreita aberta atrás deles. O fogo das metralhadoras continua: ao fim de alguns minutos, formase diante daquela porta um monte de homens tombados, urando e sangrando que são liquidados pelas metralhadoras. A metralhadora salpica de carne e sangue as paredes dos

22. Ilyja NOSKOV, *As Jornadas de Outubro em Moscovo*.

prédios vizinhos." Esse massacre não é um fato isolado. Os brancos prendiam e fuzilavam por todos os lados. Na escola militar Alexandrovskoe, uma corte marcial dava, em 30 segundos, sentenças de morte que eram imediatamente executadas no pátio. Tenhamos em mente esses fatos. Eles atestam a firme vontade que havia entre os defensores do governo provisório, de afogar em sangue a insurreição operária. O terror branco começava.

A notícia do massacre do Kremlin interrompeu as negociações de armistício entre o CRM e o coronel Riabtsev. Os brancos só procuravam ganhar tempo, na esperança de receber reforços. O CRM compreendeu que era preciso vencer ou morrer. Estava quase cercado, mas as milícias vermelhas e regimentos rebelados acorriam em massa, vindos de todos os subúrbios, em seu socorro, de tal modo que os que o cercavam acabaram encurralados dentro de um círculo de ferro. Dia 29, à noite, depois de um dia terrível durante o qual o estado-maior da insurreição quase sucumbiu, foi assinada uma trégua de 24 horas, logo rompida pela chegada de um batalhão de choque que se juntou aos brancos. Os vermelhos, por sua vez, recebiam artilharia. Baterias entraram em ação nas praças. Os brancos recuaram para o lado do Kremlin. Depois de longas tergiversações, devidas ao receio de provocar a destruição de monumentos históricos, o CRM decidiu ordenar o bombardeio do Kremlin. Os brancos capitularam a 2 de novembro, às 4 horas da tarde. "O Comitê de Salvação Pública é dissolvido. A guarda branca entrega as armas e é dissolvida. Os oficiais poderão ficar com as armas correspondentes a suas patentes. Nas escolas militares só ficarão as armas necessárias aos exercícios. O CRM garantiu a liberdade e a inviolabilidade de todos", estas foram as principais cláusulas do tratado assinado entre os brancos e vermelhos. Os combatentes da contra-revolução, os que fuzilaram no Kremlin e que, se vitoriosos, não teriam poupado a vida dos vermelhos - temos provas disso - estavam livres.

Clemência nefasta! Esses *junkers*, esses oficiais, esses estudantes, esses socialistas da contra-revolução iam se dispersar pela vasta Rússia para organizar a guerra civil. A revolução voltaria a encontrá-los em Yaroslav, no Don, em Kazan, na Criméia, na Sibéria e em todas as conspirações do interior.

13 - ORGANIZAÇÃO E ESPONTANEÍSMO

As insurreições de Petrogrado e de Moscou apresentam diferenças impressionantes.

Em Petrogrado, o movimento, longa e minuciosamente preparado, é essencialmente político; trata-se da tomada consciente do poder. A revolução acontece numa data estabelecida, de acordo com a ordem de Trotsky. Dois fatores dominam os acontecimentos: o partido e a guarnição. A ação é conduzida com uma energia ponderada, sem a menor hesitação. O êxito é rápido e de baixo custo. Quase nenhum sangue derramado.

A insurreição de Petrogrado nos oferece o modelo de movimento de massas perfeitamente organizado.

Em Moscou, a espontaneidade das massas predomina sobre a organização. O movimento obedece a um determinismo econômico quase imediato; a consciência política dos fins e meios neste caso é menos clara; as tentativas, as hesitações, os atrasos criam obstáculos. Um adversário muito inferior em número, no entanto bem organizado, decidido, dotado de nítida consciência política do objetivo - o restabelecimento da ordem - e do meio - o terror - mantém-no por longo tempo em situação crítica e lhe inflige pesadas perdas.

Nos subúrbios de Moscou, os operários armaram-se como puderam. Muitas vezes, iam combater por iniciativa própria. Faltavam armas. Faltavam cartuchos. Quando havia canhões, faltavam os morteiros. Quando havia morteiros, percebia-se que as alças de mira estavam com defeito. A ligação era insatisfatória. Não havia serviço de observação. "Lutávamos muito mal, éramos vencidos por pelotões inimigos", diz Muratov, que dirigia os vermelhos. Não havia unidade de comando, os brancos tinham a iniciativa; a ocupação dos pontos estratégicos mais importantes compensou, por algum tempo, sua inferioridade numérica.

Não há dúvida de que o entusiasmo dos combatentes era admirável; somado a uma boa organização teria feito maravilhas. Deixado por sua própria conta, não pôde impedir que a batalha fosse longa, incerta e custosa.

O CRM só foi constituído demasiado tarde, no dia 25, e hesitou muito. Conduziu negociações supérfluas com os socialistas-revolucionários e os mencheviques, errou ao assinar o armistício do dia 29, no exato momento em que os vermelhos iam tomar a central telefônica, e deu provas de uma magnanimidade deplorável em relação aos contra-revolucionários vencidos.

As insurreições de Petrogrado e de Moscou são, em nossa opinião, movimentos de tipos diferentes. A de Moscou lembra - muito de longe, diga-se - o tipo atrasado de revolta proletária cujo exemplo perfeito nos é oferecido pela revolta dos operários parisienses em junho de 1848, expressamente provocada pela política econômica da burguesia. A provocação econômica desempenha papel importante nos acontecimentos de Moscou. A revolta responde a ela e, por vezes, deixa-se manobrar. O inimigo visa ao massacre. A insurreição de Petrogrado é, ao contrário, a primeira realização de um tipo novo de revolta armada, que a insurreição de Hamburgo, em 1923, iria repetir. A conjuração de um grande partido nela se conjuga com a ação das massas: ambas se desencadeiam num momento determinado, após preparação minuciosa; o imprevisto é reduzido ao mínimo; as forças envolvidas são empregadas com a maior economia. Em Hamburgo, a derrota - na verdade foi mais uma retirada²³ - não provocou grandes perdas. Ora, a regra é que se paga muito caro pelas derrotas. Mantidas iguais as outras condições, os acontecimentos de Petrogrado e de Moscou mostram, pelo seu contraste, a enorme superioridade das ações bem organizadas sobre os movimentos em que predomina a espontaneidade. À luz dessas experiências, pode-se reduzir as condições de vitória do proletariado a estas regras elementares da arte militar: máximo de organização e energia na ação; superioridade de forças no momento e nos pontos decisivos.

III-AS CLASSES MÉDIAS DAS CIDADES CONTRA O PROLETARIADO

1 - OS GRANDES DECRETOS: A PAZ

Depois da retirada dos mencheviques e socialistas-revolucionários de direita, o II Congresso Pan-russo dos Sovietes constata, em breve moção, que "a saída dos conciliadores, ao invés de enfraquecer os soviets, fortifica-os, pois expurga de elementos contra-revolucionários o poder operário e camponês". O canhão se calou. Vitória completa. Negocia-se, nos bastidores, com os partidos vencidos e com o poderoso sindicato dos ferroviários ligados aos mencheviques. O terreno está limpo mas são imensos os perigos. Logo avaliaremos sua extensão. É preciso agir com rapidez. A palavra está com o congresso. Se hesita, se erra, se o que diz não corresponde à expectativa das massas, amanhã tudo estará perdido. É preciso encontrar as palavras que conquistam, votar os textos que unirão à revolução o povo sofrido das trincheiras, o povo exasperado dos campos, o povo das cidades.

Votou-se primeiro o decreto sobre a paz.

"O governo operário e camponês, constituído após a revolução de 24 e 25 de outubro, apoiado pelo soviets /.../ convida todas as nações beligerantes e seus governos a abrir, o mais breve possível, as negociações de uma paz justa e democrática /.../."

Os italianos acabavam de ser massacrados em Caporetto, a Romênia fora invadida, a guerra submarina transformava qualquer navio em presa encurralada, os engenheiros alemães preparavam o bombardeio de Paris, a França, a Alemanha, a Itália, a Áustria, esgotadas, despojadas, sofrendo terríveis racionamentos, submetiam-se...

O decreto definiu como justa e democrática "uma paz imediata sem anexações (isto é, sem conquistas de territórios estrangeiros, sem reunião forçada de nacionalidades estrangeiras) e sem indenizações".

"O governo declara que não considera, absolutamente, essas condições de paz como condições de um ultimato; está disposto a examinar todas as outras condições que sejam propostas, limitando-se a insistir sobre sua discussão mais rápida possível por qualquer dos países beligerantes, da maneira mais nítida possível, e excluindo todo e qualquer equívoco e todo e qualquer sigilo."

23. Ver Larissa REISSNER, *A Insurreição de Hamburgo* (em russo e em alemão).

O decreto proclamava a abolição da diplomacia secreta e a anulação "imediate e incondicional" dos tratados secretos "cuja tendência, o mais das vezes, é assegurar vantagens e privilégios aos capitalistas e aos proprietários fundiários da Rússia". Todos os países beligerantes eram convidados a concluir, imediatamente, um armistício de pelo menos três meses. Um apelo "aos operários dos três países mais avançados da humanidade, a França, a Inglaterra e a Alemanha", finalizava o documento. Relembrando os serviços prestados por esses proletários à causa do progresso e do socialismo, exortava-os a dedicarem-se à causa da paz e da emancipação dos trabalhadores.

Posto em votação, o orador dos socialistas-revolucionários de esquerda anunciou que seu partido aprovaria o decreto, embora não aprovasse seus termos. Lenin respondeu às críticas. Alguns julgavam a linguagem da revolução muito moderada.

"Dizem-nos", replicou Lenin, "que não falar em termos de ultimato é manifestar a nossa fraqueza. Mas, já é tempo de renunciar às antigas lantejoulas burguesas das frases sobre a força do povo /.../.

"A força se manifesta, ao ver da burguesia, quando as massas vão cegamente para o matadouro /.../. A burguesia só reconhece um governo quando ele pode, usando todo o poderio do mecanismo governamental, jogar as massas para onde bem entende. Nossa concepção de força é diferente. Em nossa opinião, o que faz um governo forte é a consciência das massas. Ele é forte quando as massas sabem tudo, julgam tudo, aceitam tudo conscientemente.

"Queremos a paz mas não tememos a guerra revolucionária. Se o povo alemão nos vê dispostos a negociar todas as ofertas de paz, isso será a última gota, e eclodirá a revolução alemã. Estamos dispostos a discutir todas as propostas; isso não quer dizer que as assinaremos."

Esta foi a argumentação de Lenin. O decreto foi aprovado por unanimidade. A guerra acabou! Os rostos brilhavam¹. "A Internacional" sou e depois "Adeus aos Mortos", pungente como o soluço profundo da multidão.

Retornaremos, nos capítulos sobre a paz de Brest-Litovsk, à política de paz dos soviets. Esta primeira iniciativa política simbólica da revolução conferiu-lhe, desde o primeiro dia, um caráter internacional. Era um desafio ao velho mundo, um apelo audacioso feito aos povos, contra toda a velha sociedade. Um apelo destinado a penetrar profundamente nas consciências. Paz imediata, sem anexações nem indenizações! Lembremo-nos de quais eram os objetivos da guerra para as duas coalizões imperialistas².

1. John REED, *op. cit.*

2. Os dos aliados, o Tratado de Versalhes os concretizou pelo desmembramento da Áustria-Hungria, a anexação de todas as colônias alemãs (2.950.000 Km² povoados por 12,4 milhões de habitantes), a anexação de 70 mil km² de território

2 - A TERRA

Lenin havia dedicado parte de sua noite à redação do decreto sobre a terra. Por si só, este decreto iria tornar invencível o novo poder, ao lhe assegurar a simpatia de milhões de camponeses. Lenin contava com isso. "Se tivermos tempo de promulgar esta lei", dizia ele na manhã do dia 26, "que alguém tente, depois, revogá-la!" Para redigir esse texto decisivo, Lenin inspirou-se em 242 mandatos dos soviets rurais concordando com o programa agrário do Partido Socialista-Revolucionário. Assim, aquilo que os socialistas-revolucionários não cansaram de falar, os bolcheviques o fizeram, despojando o partido, ainda ontem no governo, do programa que legitimava sua influência nos campos.

O artigo primeiro do decreto é curto: "I. A propriedade fundiária das terras está abolida, a partir de já, sem indenização".

Os bens dos proprietários fundiários, os domínios dos mosteiros, das igrejas, etc. com todo o conjunto de seus bens, vivos ou mortos, passam para os soviets rurais. Os tribunais revolucionários irão punir todo atentado a esses bens que são, doravante, bens da nação. (Este artigo visa as destruições de equipamentos, edifícios etc., pelos proprietários despojados de seus bens.) O documento constituído pelas reivindicações dos camponeses (ou mandatos) deve servir de guia na aplicação das medidas, enquanto não estejam prontas "as decisões definitivas da assembléia constituinte".

Ao expropriar os proprietários fundiários, donos de patrimônios, o decreto não abolia a propriedade privada do solo; os bens dos agricultores, ainda que ricos, não estavam em questão. O proprietário fundiário, descendente de antigas famílias feudais, ou burguês enriquecido, era execrado igualmente por agricultores ricos, médios e pobres, todos descendentes de servos. O decreto criava assim o bloco da

alemão (6,55 milhões de habitantes) e pela imposição à Alemanha do pagamento, a título de reparação de danos de guerra, de uma importância fixada inicialmente em 172 bilhões de francos-ouro. Os principais objetivos de guerra dos impérios centrais eram: a anexação das colônias francesas, da bacia carbonífera de Briey, a anexação - dissimulada ou não - da Bélgica, da Sérvia e da Salônica e expansões a leste (Polônia e países bálticos). Os Tratados de Brest-Litovsk e de Bucarest nos dão uma idéia precisa disto.

totalidade dos camponeses em torno dos soviets. Os doutrinários - eles existiam - julgaram Lenin tímido, exatamente quando se mostrava - tanto quanto seu partido - extremamente revolucionário, de modo realista, afastado do habitual. Não era esta a revolução do proletariado? Ora, a abolição da propriedade *feudal* das terras foi, em quase toda a Europa, fruto das revoluções burguesas. O proletariado vitorioso se limitava a completar, na zona rural, a revolução *burguesa*. Fazia para os camponeses russos, o que o terceiro-estado - a burguesia francesa -, personificada pelos jacobinos, fez entre 1789 e 1793 pelo camponês francês: libertá-los da servidão e lhes dar acesso à propriedade. A revolução burguesa se completava - e era superada por um vigoroso atentado ao princípio da propriedade privada! Porém, não seria isso uma anulação do programa do Partido Bolchevique, que previa a nacionalização do solo? Censurava-se Lenin por adotar o programa agrário dos socialistas-revolucionários e não o seu.

"Pouco importa", respondeu Lenin, "como governo democrático, não podemos deixar de considerar a vontade das massas populares, mesmo se estivermos em desacordo com elas.

"A vida mostrará quem tem razão /.../. Na elaboração de novas formas de governo, devemos seguir a vida, deixar uma total liberdade à obra criativa das massas populares. O governo anterior tentou resolver a questão agrária com a ajuda da velha burocracia inamovível do tzar. Em vez de ser categórica com a questão, a burocracia só combateu os camponeses /.../ Os camponeses querem, eles próprios, resolver a questão das terras. Nada de emendas aos projetos /.../. Os camponeses agirão dentro do espírito do nosso programa ou do socialista-revolucionário? Pouco importa! O essencial é que eles tenham absoluta certeza de que não há mais proprietários fundiários nos campos e que eles mesmos têm de organizar suas vidas".

Temos, infelizmente, desses debates apenas os relatórios dos secretários das sessões. As estenógrafas abandonaram o congresso com os adversários dos bolcheviques. O decreto sobre as terras foi votado por unanimidade pelos presentes contra um voto e oito abstenções.

Que vantagens este decreto assegurava aos camponeses? Na Ucrânia e nas regiões vizinhas ao Mar Negro, a grande propriedade fundiária representava cerca de um quinto das terras cultivadas. Na Rússia central, não chegava a 7,5% aproximadamente (2.916 *déciatines* sobre 39.222, em 36 províncias; a *déciatine* equivale a 1,092 hectare). Em toda a Rússia, porém, os camponeses, oprimidos pelos impostos, servidões e dívidas, tinham um rendimento inferior ao do operário. Eles consideraram-se beneficiados.

3 - O PRIMEIRO CONSELHO DOS COMISSÁRIOS DO POVO

O primeiro governo dos soviets foi constituído nessa mesma sessão, depois de intensos debates. O congresso designou um novo Comitê Executivo Pan-russo dos Soviets, composto de 102 membros, dos quais 62 bolcheviques, 20 socialistas-revolucionários de esquerda, social-democratas internacionalistas e diversos grupos de menor importância. O primeiro Conselho de Comissários do Povo - o termo fora proposto por Trotsky - foi constituído apenas por bolcheviques: presidente, N. Lenin; interior, A. I. Rykov; Agricultura, V. P. Milutin; Trabalho, A. G. Chlupnikov; Guerra e Marinha, um comitê de três, V. A. Antonov-Ovseenko, N. V. Krylenko, F. M. Dybenko; Comércio e indústria, N. V. Noguín; Instrução Pública, A. V. Lunatcharski; Finanças, I. Stepanov-Skvortsov; Relações Exteriores, L. D. Trotsky; Justiça, G. I. Oppokov (Lomov); Abastecimento, I. A. Teodorovitch; Correios e Telégrafos, N. P. Glebov-Avilov; Nacionalidades, I. V. Djughachvili (Stalin). Não foi designado o Comissário do Povo para Vias e Comunicações, sem dúvida devido às tensas relações com o Comitê Pan-russo dos Ferrovias.

Os socialistas-revolucionários de esquerda, vítimas de eternas hesitações, haviam se recusado a participar do poder, embora convidados pelos bolcheviques que não estavam, absolutamente, interessados em governar sozinhos. Na verdade, governar sozinhos era assumir, inteiramente, todas as responsabilidades massacrantes daquele momento, deixar aos rivais, aos adversários ocultos, aos indecisos, o papel confortável de oposição, situação difícil para um partido que, há meses, vem sendo denunciado, pela imprensa burguesa, como um partido de agentes do inimigo, cujos chefes, acusados de alta traição, haviam chegado através da Alemanha em um vagão lacrado. Mas os socialistas-revolucionários de esquerda, aliados preciosos e, além disso, representantes dos camponeses, preconizavam um governo de coalizão que reunisse todos os partidos soviéticos onde os girondinos, a partir de então ligados à contra-revolução, recebessem também um ministério. "Não nos restava", dizia Trotsky, "senão deixar que o partido socialista-revolucionário de esquerda tra-

balhasse para reconduzir, por meio da persuasão, seus vizinhos de direita para o caminho da revolução. Acreditamos ser nosso dever assumir, em nome de nosso partido, todas as responsabilidades enquanto eles se consagrariam a essa empreitada sem esperanças³.

O II Congresso Pan-russo dos Sovietes terminou na manhã do dia 27 de outubro, após ter estado reunido toda a noite.

Neste mesmo dia, ao mesmo tempo que enviava a todos os países beligerantes suas propostas de paz, o Conselho dos Comissários do Povo abolla, por decreto, a pena de morte...

4 - A REVOLTA DOS JUNKERS

A insurreição era vitoriosa. A situação poderia parecer desesperada.

A cidade só tinha víveres para alguns dias. Nada na administração funcionava. O novo governo não tinha sequer escritórios ou servidores. Delegados dos exércitos, dos regimentos, dos soviets, das províncias, dos sindicatos demonstravam-lhe, sem dúvida, de hora em hora, a simpatia das massas, mas os telegamas ameaçadores não cessavam de chegar a Smolny; os comitês dos exércitos, o GQG, as duas municipais, as administrações das províncias, todos os corpos constituídos, em suma, todos os estados-maiores anunciavam aos "usurpadores", aos "traidores", aos "bandidos que desencadeavam a guerra civil", o restabelecimento da ordem e o castigo. Os jornais da burguesia continuavam a ser publicados, cheios de revelações sensacionais sobre o tenebroso lado secreto do golpe de estado, anunciando a aproximação dos regimentos vindos da frente de guerra, a presença de Kerenski no comando de dois corpos de exército a alguns quilômetros da capital. Um novo governo provisório se havia constituído em segredo; os socialistas contrarrevolucionários, mencheviques e socialistas-revolucionários preparavam uma revolta armada. A Agência Telegráfica Central se recusava a transmitir os despachos emitidos pelos Comissários do Povo e o Comitê Executivo dos Ferroviários, claramente hostil ao novo regime, sabotava as comunicações... As notícias de Moscou eram confusas: batalhas nas ruas, negociações, tomada do Kremlin pelos brancos. A opinião "ge-

3. L. TROTSKY, *A Revolução de Outubro* (ed. de 1918).

ral" da burguesia, das classes médias, da imprensa e dos estrangeiros era que a equipe bolchevique não duraria. A princípio, pensava-se que duraria alguns dias, depois algumas semanas (depois alguns meses). Era absolutamente extravagante pensar que o proletariado pudesse manter-se no poder.

Uma multidão bem vestida se comprimia na bela Perspectiva Nevsky, artéria central da cidade, comentando as notícias, exigindo energicamente o restabelecimento da ordem, e muitas vezes ofendendo as milícias vermelhas⁴. Ocorreram mortes isoladas de operários e de soldados. Os alunos das escolas militares acabaram ocupando a estação central da telefônica. A dia 29 de outubro, as milícias vermelhas cercaram, no centro da cidade, o Palácio dos Engenheiros e a Escola Militar, onde estavam aquartelados os *junkers*. Carros blindados vieram postar-se nas vizinhanças destes edifícios. Canhões de guerra estenderam seus delgados perfis nas ruas. Intimados a render-se em dez minutos, os *junkers* responderam com tiros de fuzil. Sua resistência foi quebrada pela primeira granada que abriu um rombo na fachada da Escola Militar. Alguns tentaram fugir se defendendo: foram massacrados.

Por quem lutaram esses filhos da pequena burguesia? Um dos chefes militares do Partido Socialista-Revolucionário escreveu, nessa ocasião, ao general Krasnov, que marchava para Petrogrado: "Nossas forças são 200 ou 300 *junkers* e 50 militantes armados de granada⁵. O Partido Socialista-Revolucionário, que dispunha exclusivamente dessas forças, sem nada em comum com o proletariado, tinha pensado em apoiar, na cidade, a ofensiva militar de Kerenski, de Krasnov e do Grande Quartel General (a *Stavka*) de Mohilev.

5 - A DIVISÃO COSSACA MARCHA SOBRE PETROGRADO

De que forças dispunha o "chefe do governo provisório", em seu quartel de Gatchina? Que forças deverão se opor a elas? As tropas da guarnição, confiantes no poder da

4. "Nos meios aliados e burgueses de Petrogrado, renasce a esperança de um rápido esmagamento dos insurretos [...]. Todos esperam ardentemente o triunfo de Kerenski e de Savinkov. Espera-se, deste último, uma repressão implacável." Carta de Jacques Sadoul a Albert Thomas, de 27 de outubro (9 de novembro) de 1917.

5. Dos autos do processo dos socialistas-revolucionários, Moscou, 1922.

agitação, mostravam-se pouco dispostas a lutar. Muitos oficiais se escondiam. Os outros eram hostis, salvo algumas exceções. Em uma reunião de oficiais, convocada pelo governo da revolução, a que compareceram Lenin e Trotsky, não se encontrou, de saída, um só que estivesse disposto a aceitar o comando supremo das milícias vermelhas. Finalmente, o coronel Muraviev se ofereceu com insistência. Era um homem de talento, muito ativo e muito ambicioso. Membro do Partido Socialista-Revolucionário, havia reprimido aqui e acolá "contuios bolcheviques" no exército, depois aderiu aos socialistas-revolucionários de esquerda. O comando lhe foi confluído, mas um Comitê de Cinco o assessorava, encarregado de vigiá-lo, se necessário de demiti-lo de suas funções, e de fuzilá-lo ao menor sinal de traição. Ele se mostrou leal, de uma enorme energia, bom organizador, bom soldado. Dividiu com Trotsky o mérito da vitória de Pulkovo (depois de alguns meses, seu espírito aventureiro o traiu: comandante-chefe do exército vermelho na frente tchecoslovaca, tentou passar para o lado inimigo e, desmascarado, estourou os miolos). Outros oficiais o seguiram, freqüentemente levados pela aversão ao regime de Kerenski; odiavam a democracia e por isso escolhiam a política do quanto pior, melhor. Foram úteis. Um velho coronel, Walden, comandou a artilharia vermelha nas colinas de Pulkovo e salvou Petrogrado.

Era preciso improvisar tudo. A sabotagem permeava todos os serviços do exército. Os cartuchos, as granadas, as peças de reposição dos armamentos estavam desaparecidos; faltavam aparelhos telefônicos e ferramental de engenharia. As milícias operárias e as usinas acudiram a todos, tomaram todas as iniciativas, desde abastecer a artilharia com munições até preparar as trincheiras.

Em Petrogrado, Podvoiski acabava de substituir, no comando daquela praça, Antonov-Ovseenko, que estava esgotado. Ele contou como Lenin irrompeu em seu gabinete: "O Conselho dos Comissários do Povo", disse Lenin, "designou-me, bem como a Stalin e a Trotsky, para ajudá-los". Na verdade Lenin, não confiando em ninguém, queria acompanhar pessoalmente as operações. Rodeou-se imediatamente de colaboradores e se pôs "sem perceber", a dar ordens. Finalmente, Podvoiski, irritado, exaltou-se contra essa intromissão em seus assuntos, exigindo que o dispensassem de suas funções. Lenin, então, explodiu em ameaças: "O que? Eu o levarei a julgamento diante do tribunal do partido! Nós o fuzilaremos! Ordeno que continue seu trabalho sem impedir que eu faça o meu". "Foi somente no dia seguinte", escreve Podvoiski, "que avalliei, vendo os resultados, o valor do trabalho de Lenin

/.../ e o que fazia sua força: nas horas graves, enquanto nos desgatávamos em esforços dispersos, a concentração do pensamento, das forças e dos recursos atingia nele o mais alto grau.⁶

Kerenski havia se refugiado junto aos cossacos do general Krasnov. Os cossacos representavam, no antigo exército, o elemento reacionário por excelência; o espírito de casta era cuidadosamente mantido entre esses camponeses privilegiados das longínquas regiões do sudeste. Monarquista, ambicioso, destinado a se tornar, na guerra civil, uma das vedetes da contra-revolução, Krasnov assegurava a eles que esmagariam, sem dificuldade, a anarquia instalada em Petrogrado. Na própria capital, a sublevação militar preparada pelos socialistas-revolucionários não deveria remover muitos obstáculos? Eles ocuparam Gatchina e Tsarskoie-selo, a menos de 20 km da capital. As colinas de Pulkovo se elevavam, agora, entre eles e Petrogrado. Do alto dessas colinas, a artilharia pesada lhes infligiu severas perdas (300 a 500 mortos, em 30 de outubro). Os cossacos, surpreendidos por essa resistência, desmoralizados pela agitação, cercados pela hostilidade das populações operárias, recuaram, em desordem. Os ferroviários tinham tão pouca vontade de lhes fornecer um trem, que era preciso horas em vez de 15 minutos; os telefonistas se recusavam a transmitir os telegramas de Krasnov⁷. Esta última aventura do "chefe do governo provisório, comandante supremo dos exércitos da república", do "tribuno" Kerenski, grande orador e perspicaz personagem, teve um fim lastimável. O tribuno da democracia teve somente, ainda desta vez, tempo para se safar, no momento em que Krasnov, seu subordinado - que o desprezava - se preparava para entregá-lo aos bolcheviques, "a fim de ver se ele não era um covarde"⁸. Em resumo, o próprio Krasnov foi entregue pelos cossacos, que não opuseram resistência à ocupação pelos vermelhos do palácio de Gatchina. A revolução errou ao se mostrar magnânima em relação ao chefe da divisão cossaca. Ele deveria ter sido fuzilado no ato⁹. Depois de alguns dias, recobrou a liberdade, prometendo, sob palavra de honra, que não empunharia armas contra a revolução. Mas, existem compromissos de honra com os inimigos da pátria e da propriedade? Ele iria incendiar e banhar de sangue a região do Don.

6. PODVOISKI, *A Organização Militar do Partido. Arquivos Vermelhos*, nº 8.

7. S.A. PIONTKOVSKI, *Crestomaçã da Revolução de Outubro*.

8. Depoimento do general Krasnov.

9. Krasnov, se vitorioso, não teria hesitado em fuzilar seus inimigos (ou em enforcá-los). Sua proclamação de 28 de outubro de 1917 anunciava uma repressão implacável. Veremos, a seguir, o que fez no Don. A maior humanidade se alia, no início de uma revolução, aos rigores mais severos. Paga-se caro pela magnanimidade.

6 - O SOCIALISMO DA CONTRA-REVOLUÇÃO

Nada é mais lamentável neste momento do que o desmoralamento moral dos dois grandes partidos da democracia socialista. Poderosos pelo seu prestigioso passado, por sua influência na zona rural, junto aos intelectuais, junto às classes médias esclarecidas e, ainda recentemente, junto a importantes minorias operárias, os socialistas-revolucionários tinham tido todas as condições de tomar o poder, sem sequer atentar contra a velha legalidade, e de governar na condição de socialistas. O país os teria seguido. A maioria do seu partido protestou, em seu IV Congresso, contra o Comitê Central por não tê-lo feito. Os chefes dos socialistas-revolucionários, dominados pelo fetichismo da democracia formal, temendo, além disso, qualquer anarquia das massas e a revolta na zona rural, sonhando com uma democracia parlamentar onde sua nobre eloquência feita reinado, tinham preferido, em vez deste árduo caminho, a colaboração com a burguesia liberal. Os socialistas-revolucionários tinha exercido, no governo de Kerenski, uma grande influência. O próprio Kerenski pertencia ao partido, como também seu ministro da Agricultura, Victor Tchernov, verboso teórico do socialismo popular, autor de um programa de reforma agrária cuja aplicação ele próprio procrastinou seguidamente. Nos soviets, os socialistas-revolucionários, apoiados pelos mencheviques, tinham tido a maioria. Eram maioria, também, na дума municipal de Moscou e detinham quase a metade dos mandatos na дума de Petrogrado. Seu dirigente, Avksentiev, presidia o Conselho Legislativo Provisório da República. Pareciam dispor de equipes importantes de homens de ação. Seu Comitê Central, desencadeando, a seu bel-prazer, ondas de atentados terroristas, oferecendo centenas de heróis e de mártires à revolução, não tinha feito tremer nas bases o antigo regime?

Os mencheviques, minoria do Partido Operário Social-Democrata Russo, disputando, há mais de 20 anos, com os bolcheviques, em lutas fracionais que eram, na realidade, as da intransigência revolucionária e do oportunismo socialista; influentes nos centros industriais, junto aos intelectuais, nas cooperativas, nas direções dos sindicatos, nos antigos meios

governamentais aos quais forneciam homens de estado notáveis por suas qualidades pessoais e pelo passado revolucionário, como Tchaidze, Tseretelli, teóricos e agitadores tão bem dotados quanto o grande fundador da social-democracia russa G.V. Plekhanov, I. Martov, Dan, Abramovitch - os mencheviques também se pronunciavam com hesitações análogas a favor da colaboração entre as classes, da democracia, da assembléia constituinte contra a "anarquia", o "socialismo prematuro", a "histeria bolchevique" e... "a guerra civil" (sic).

A 26 de outubro, esses dois partidos socialistas tomavam a iniciativa, na дума municipal de Petrogrado, de constituir um Comitê de Salvação da Pátria e da Revolução, no qual admitiram três *cadets* representantes da alta burguesia (M. Nabokov, a condessa Panina e um desconhecido). A organização militar dos socialistas-revolucionários se encarregou da preparação da sublevação nas escolas militares. Gotz¹⁰ designou para chefe do movimento um coronel; Avksentiev assinou a ordem para as escolas militares pegarem em armas e agirem. O órgão oficial do partido, o *Dielo Naroda* (A Causa do Povo) anunciou a presença do "presidente do Comitê Central do partido, presidente honorário do Soviete Pan-russo dos Camponeses, V. M. Tchernov, no comando das tropas do general Krasnov". Depois do desarmamento dos *junkers*, o Comitê de Salvação Pública, o Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário, os dois signatários da ordem de combate, Avksentiev e um menchevique, renegaram em conjunto - por medo das consequências e para poder recomeçar - o golpe que haviam preparado e pelo que várias centenas de jovens tinham pago com sangue¹¹. O apelo do Comitê de Salvação Pública, divulgado no dia 27 de outubro, dizia literalmente: "Resistam de armas em punho à aventura insensata do CRM bolchevique! Chamamos todas as tropas fiéis à revolução a se reunirem junto à Escola Militar Nicolas e a se agruparem em torno do Comitê de Salvação Pública /.../".

Nenhuma unidade do exército respondeu a este apelo.

Depois desse desonroso e louco empreendimento, a cons-

10. A.R. Gotz: um dos chefes e fundadores do Partido Socialista Revolucionário; participou da ação terrorista desse partido em 1906-1907; perseguido no antigo regime, desterrado para a Sibéria, foi um dos inspiradores do regime Kerenski e, depois, da resistência armada contra os soviets. Condenado à morte no processo dos socialistas-revolucionários (Moscou, 1922). Avksentiev, uma das figuras mais representativas do mesmo partido, mais tarde membro do diretório siberiano deposto por Koltchak. Exilado.

11. "Fiquei indignado. Era uma renegação odiosa. Gotz havia participado da preparação da insurreição. Avksentiev havia assinado /.../." Depoimento do socialista-revolucionário Rakitin-Brown, lido no processo dos socialistas-revolucionários, em Moscou, junho de 1922. A acusação contra os socialistas-revolucionários, feita por Krylenko, amplamente divulgada na época, contém uma documentação avassaladora sobre todos estes fatos.

piração girondina contra a revolução instalou-se de forma permanente. Nela, os socialistas-revolucionários, mais ativos que os mencheviques e mais acostumados à ilegalidade, tiveram o papel mais notável.

Isto não quer dizer que a mentalidade contra-revolucionária dos social-democratas fosse menos declarada. Durante a batalha eles escreveram: "Nesta hora grave pela qual passam Petrogrado e o país inteiro, a revolução recebe um terrível golpe e esse golpe não foi dado pelas costas pelo general Kornilov, mas em pleno peito, por Lenin e Trotsky". Conclusão: operários, juntem-se "para evitar a guerra civil" ao Comitê de Salvação Pública, isto é, à reação. Nove dias depois da revolução, no dia 3 de novembro, tem lugar em Petrogrado uma conferência menchevique. Nela, dois pontos de vista opostos se expressaram. Abramovitch assim os resume: "A minoria diz que é preciso opor à força dos bolcheviques uma outra força: a das baionetas. A maioria diz que os bolcheviques têm a simpatia da massa do proletariado e do exército, que se trata de uma insurreição de *sans-culottes*, que reprimi-la seria jogar os soldados na negra reação e no anti-semitismo e desencadear as forças da direita [...]. Por isso, é preciso evitar, através da conciliação, a guerra civil". "Nos primeiros dias", diz Dan, "tivemos a esperança de que o complô bolchevique pudesse ser liquidado pelas armas. A tentativa falhou [...]" (textual). "Por isso é que", completa Dan, "nos colocamos, de agora em diante, a favor da conciliação". Esses fuziladores frustrados do proletariado russo eram contra a guerra civil porque não podiam ser os vencedores! Dan preconizava uma política cuja tendência era cindir os bolcheviques, aproximar os "bolcheviques razoáveis" de um amplo acordo democrático, isolar os outros e, finalmente, esmagar "a soldadesca reunida em torno de Lenin e de Trotsky". O raciocínio de um chamado Weinstein deve ser citado como um exemplo de casuismo socialista a serviço da reação: "Se a democracia não reprime o bolchevismo, nem mesmo com armas, outros o farão em seu lugar"¹². Na votação, venceu a tendência irreconciliável, aquela que pregava a luta acirrada contra o bolchevismo.

Os homens que sustentam esse discurso não estão à direita do partido. A direita da social-democracia é representada pela tendência da defesa nacional, que tinha como órgão de imprensa o *Edinstvo* (A Unidade) e como dirigente o velho grande homem, o Guesde russo, Georges Valentinovitch Plekhanov. Acamado, doente, o velho Plekhanov, ao receber

12. *Rabotchala Gazeta* (Gazeta Operária), órgão oficial do Partido Operário Social-Democrata Russo de 5(18) de novembro de 1917, citado por Illya Vardine (Os Mencheviques após a Revolução de Outubro), em *Cinco Anos*. - Exilados, Abramovitch e Dan ainda representam, no Executivo da Internacional Socialista, a social-democracia russa.

Jacques Sadoul a 17 de outubro, disse-lhe sobre os bolcheviques: "É preciso não só abater mas também esmagar essa canalha, afogá-la no sangue. Este é o preço da salvação da Rússia". Sadoul escreveu a Albert Thomas: Plekhanov "está convencido da iminência do conflito e o deseja tão apaixonadamente a ponto de dar a entender, ele, cujos escrúpulos democráticos você conhece, que se o movimento não se desencadeasse espontaneamente, seria preciso provocá-lo". "Os bandos bolcheviques" são, a seu ver, uma "horível mistura de idealistas utópicos, de imbecis, de traidores e de provocadores anarquistas"¹³. O pensamento do velho Plekhanov era profundo. Insondável. Ao menos, ele deduzia, com uma lógica implacável, todas as conseqüências de sua atitude de socialista da defesa nacional.

O órgão de Máximo Gorki, o *Novaya Jizn* (A Vida Nova) que, naquele momento, adotava uma atitude de neutralidade, definiu, nestes termos, a política da "democracia moderada" (tratava-se, sobretudo, de socialistas): suas organizações "convidam todos os cidadãos a se recusarem a obedecer aos bolcheviques, a resistir ativamente à sublevação, a recorrer à sabotagem e à desorganização do abastecimento. Sua palavra de ordem era: contra os bolcheviques todos os meios são válidos"¹⁴.

7 - A SABOTAGEM

" Todos os meios são válidos!" Não eram apenas palavras. A democracia contra-revolucionária recorria, muitíssimas vezes, a uma arma inexorável, aliás contrária aos costumes de guerra: a sabotagem sistemática de todos os empreendimentos de interesse geral (abastecimento, serviços públicos etc.). A guerra entre as classes, desde o seu começo, rompia o modelo convencional do direito de guerra.

13. Jacques SADOUL, *Notes sur la Révolution Bolchevique*, carta de 18 de outubro, p. 47. Bem sabemos que a Sra. Plekhanov, em 1922, após anos de silêncio, opôs um desmentido parcial a J. Sadoul. Porém, as notas de nosso camarada, além de apresentarem inegáveis garantias de sinceridade e de veracidade, são, em geral, quanto a esse ponto, bastante conformes com os fatos e com os textos - infelizmente para a memória de Plekhanov.

14. *Novaya Jizn*, número de 28 de outubro de 1917, citado por A. ANYCHEV, em seu *Ensaio de História da Guerra Civil* (1925).

Quando os vermelhos vitoriosos entraram nos edifícios da дума municipal de Moscou, só encontraram destroços. Os processos serviam para bloquear as janelas. Os armários e as mesas, vazios. As máquinas de escrever, sem funcionar. Os funcionários da cidade - 16 mil homens -, em greve. Essa greve contra a revolução operária durará quatro meses, em uma cidade que, às vésperas da revolução, já estava ameaçada pela fome e pelas epidemias. "Retomar as atividades administrativas da cidade, nessas condições, significava uma dificuldade extraordinária. Por um lado, a greve de todos os funcionários, sem exceção, médicos, professores, engenheiros, o boicote dos empregados, a sabotagem praticada pelos novos funcionários e, por outro lado, a necessidade de pagar aos operários seu salário normal (as administrações civis e militares ocupavam, em Moscou, mais de 200 mil operários), a necessidade de alimentar dezenas de milhares de refugiados e de prover, a qualquer custo, a manutenção dos serviços de águas, de esgotos, de bondes, matadouros, gás, eletricidade - esse era o problema com que se defrontaram, subitamente, os trabalhadores e militantes muito inexperientes, só podendo contar com seus próprios meios para resolvê-los."¹⁵ A participação de certos grupos de operários qualificados na sabotagem e na greve mostra bem o papel que nisso representou a influência dos socialistas da contra-revolução.

Em Petrogrado, a situação era semelhante. Vejamos mais de perto os efeitos da sabotagem nas grandes administrações do estado. No departamento agrícola do Ministério do Abastecimento, todos os funcionários e empregados, sem exceção, aderem à greve e... levam consigo os processos dos casos em andamento. A seção de abastecimento do soviete, um pequeno grupo de militantes, ocupou um enorme imóvel deserto. Ali, faltava de tudo. "Nós encontramos", escreve um camarada, "Kalinin e eu, alguns pedaços de açúcar no fundo de uma caixa. Fizemos chá..." O Ministério do Abastecimento foi "tomado por Schlichter, acompanhado por uma equipe da milícia vermelha. Já não havia ali quase ninguém /.../".

No Banco do Estado, a greve começou mais tarde, no dia 14 de novembro. Um militante assim escreveu sobre este tema: "Encontrei o prédio deserto. Obolenski, Platakov e Smirnov, reunidos num escritório, se perguntavam como obter algum dinheiro para o Conselho dos Comissários do Povo, que não tinha sequer papel ou tinta; negociava-se com o pessoal subalterno. Um único funcionário havia permanecido em seu posto /.../. Os bolcheviques, depois de mil formalidades, conseguiram 5 milhões de rublos: V. D. Bontch-Bruevitch

15. ANIOUTKIN. *As Jornadas de Outubro em Moscou* (edição de 1920).

utilizava esse tesouro com parcimônia¹⁶... Em certos bancos, os empregados concordavam em trabalhar mas, temendo ter que responder mais tarde por sua complacência, pediam que os obrigassem a permanecer, para isso colocando milícias vermelhas nos locais. Os funcionários da tesouraria do estado permaneceram trabalhando para vigiar os fundos sobre os quais tinham responsabilidade.

No Ministério das Relações Exteriores, Trotsky não encontrou ninguém. Um príncipe Tatischeff, a quem fora dada ordem de prisão, finalmente consentiu em abrir as instalações. O Comissariado das Relações Exteriores funcionava em Smolny, sem instalações e sem pessoal. Trotsky, absorvido aliás pelas tarefas militares, tinha nessa ocasião uma idéia bastante sumária de política exterior: "Só assumi este trabalho para poder consagrar mais tempo ao partido. Minha missão é limitada: publicar os tratados secretos e encerrar o expediente"¹⁷. Vários documentos haviam desaparecido.

No Ministério da Justiça, permaneceram doze empregados subalternos e um funcionário.

Resumindo: em todos os ministérios, em todas as administrações, em todos os bancos, o espetáculo era o mesmo; e em todos esses lugares também haviam desaparecido os recursos e os processos mais importantes.

Um governo oculto funcionava presidido por Prokopovitch, que havia sucedido, oficialmente, a Kerenski, "demissionário". Este ministério clandestino dirigia a greve dos funcionários, em conluio com um comitê de greve. As grandes firmas do comércio, da indústria e do sistema bancário continuavam a pagar seus funcionários em greve. Assim agiam o Banco Agrícola de Tula, o Banco Popular de Moscou, o Banco do Cáucaso. O antigo Executivo Pan-russo dos Sovietes (mencheviques e socialistas-revolucionários) utilizavam seus recursos financeiros, tirados da classe operária, para o mesmo fim.

8 - A INICIATIVA DAS MASSAS

"São necessários prodígios de organização proletária!" A salvação está nesta frase de Lenin¹⁸. Essa resistência múltipla de classes inteiras só podia ser combatida com êxi-

16. *Souvenirs*. BOGDANOV, *Révolution Proletarienne* n° 10, 1922.

17. S. PETROVSKI, *Souvenirs*, *ib.*

18. Escrita desde março de 1917, num sentido muito preciso.

to pela iniciativa de massas mais numerosas e mais ativas. A política do partido e do regime consiste sobretudo, nesse período, em despertar, estimular, às vezes guiar, o mais das vezes sancionar as iniciativas das massas. Por decreto, foi determinado aos Comissariados do Povo que trabalhassem "em contato íntimo com as organizações de massa de operários, operárias, marinheiros, soldados, empregados". O decreto de 28 de outubro (10 de novembro) deixa aos cuidados das municipalidades a tarefa do abastecimento local. Um decreto do mesmo dia convoca-as a resolver a crise de moradia por seus próprios meios, outorgando-lhes o direito de requisitar, seqüestrar e confiscar os imóveis. Esse decreto é característico: ele prescreve a iniciativa e a toma, numa circunstância muito especial, pois trata-se de um grave atentado à propriedade privada. O decreto de 14 de novembro convoca os operários a que controlem eles próprios, por meio de seus comitês, a produção, os negócios e a situação financeira das empresas. Já sabemos que o decreto sobre as terras outorgava aos soviets rurais a mais ampla iniciativa.

Pasto que não havia governo central, tudo dependia da iniciativa das massas. O Conselho dos Comissários do Povo não era mais que uma alta autoridade... moral. "Suas primeiras reuniões", escreve Chliapnikov¹⁹, "realizaram-se no pequeno gabinete de Lenin, no segundo andar do instituto Smolny. No início, contava apenas com um chefe de serviço, V. Bontch-Bruevitch e um casal de colaboradores. Creio que nem se redigiram atas das primeiras reuniões." As reuniões eram longas. Grande quantidade de questões práticas exigiam soluções imediatas. Discutia-se com delegações estrangeiras. O conselho decidiu que os comissários do povo receberiam salários iguais ao salário médio de um operário qualificado (500 rublos por mês), mais um abono de 100 rublos por mês, por membro da família que não trabalhasse. No comando desse governo de uma revolução, Lenin se consagrava a dar provas de autoridade, exigindo o exato cumprimento das formalidades, a começar por ele mesmo, incultando, assim, em seus colaboradores diretos e, por extensão, a outros níveis, o sentimento de poder, de confiança e de respeito de uma autoridade que, por isso mesmo, ia se criando²⁰.

Não será supérfluo dar, aqui, alguns exemplos da iniciativa das massas. O sindicato dos metalúrgicos, cujo secretário Chliapnikov acabava de ser nomeado Comissário do Povo para o Trabalho, forneceu a esse ministério os primeiros elementos do seu novo pessoal. O Comitê Central do Sindicato dos Trabalhadores do Mar e dos Marinheiros encarregou-se de organizar a nova administração dos portos. Em muitas

19. *Révolution Proletarienne* n° 10, 1922.

20. Ver L. TROTSKY, *Sobre Lenin*, cap. V: 'O poder governamental'.

administrações e empresas, o pessoal subalterno foi conduzido à direção porque o pessoal superior havia abandonado os cargos. Ele aceitou.

Os tribunais haviam desaparecido, com exceção de alguns que as milícias vermelhas tiveram de dissolver. Uma equipe de soldados procedeu à dissolução do velho "senado governamental", formado por juristas eminentes. Os juizes de paz, muito populares, permaneceram em função. Pessoas presas, funcionários, oficiais, ladrões, eram continuamente levados até Smolny. Uma comissão de investigação judiciária, reduzida na verdade a um militante sobrecarregado, ocupava no andar superior de Smolny uma sala atulhada de peles de carneiro, mobiliada apenas com uma mesa e duas ou três cadeiras. A comissão procedia a interrogatórios sumários e decidia sobre a prisão nos porões da antiga casa de educação das filhas da nobreza. Nos subúrbios operários, os próprios operários criaram tribunais. "O primeiro desses tribunais foi criado no subúrbio de Vyborg. O promotor público e o advogado de defesa eram escolhidos entre os presentes, que participavam dos debates. O veredito era votado pelo público. Composto, na maior parte, de operários, esse tribunal funcionava muito bem /.../."²¹ Em Smolny, um tribunal análogo nasceu da comissão de inquérito que já conhecemos, e preocupou-se, sobretudo, com o combate ao banditismo. Os malfeitores detidos eram interrogados e julgados sem formalidades pelas pessoas presentes à Câmara 75. "Certo dia", conta Bontch-Bruevitch, "foi trazido um bando de falsos moedeiros que se recusavam a confessar. No entanto, encarados por 40 pares de olhos e pressionados pelas perguntas dos operários, aqueles homens se dobraram. Um deles caiu de joelhos, gritando: 'Não aguento mais, tenho que dizer toda a verdade /.../'. Não soubemos o que fazer com aquela gente, a fortaleza de Pedro e Paulo estava lotada." Foi trazido também um maníaco que, nas ruas centrais da cidade, havia apunhalado 22 pessoas... Não tardou para que o problema da criminalidade, herança do antigo regime, se apresentasse. Nas prisões, os detidos por crime comum reuniam-se, faziam petições, solicitavam que lhes fosse permitido inaugurar uma nova vida; em sua maior parte, foram libertados. Muitos deles não tardaram a voltar à prisão. Tribunais formais só se organizaram mais tarde: foram formados por delegados do Soviete de Petrogrado, cada um deles assistido por dois operários tomados das listas dos comitês de fábrica.

21. "Souvenirs" de Kozlovski e de Bontch-Bruevitch, *Révue Proletarienne*, 1922.

9 - O ÁLCOOL

Por um momento, a contra-revolução acreditou haver descoberto a arma mais mortal: o alcoolismo. Concebida ocultamente, a intenção abominável de afogar a revolução no vinho, antes de afogá-la em sangue, de transformá-la numa rebelião de multidões ébrias, chegou a começar a ser executada a sério. Havia em Petrogrado ricas adegas de vinho, preciosos estoques de bebidas destiladas finas. Surgiu no seio da multidão - ou, mais exatamente, ali foi plantada - a idéia de saqueá-las. Bandos rapidamente enlouquecidos arremeteram contra as adegas dos palácios, dos restaurantes, dos hotéis. Foi uma loucura generalizada. Foi necessário formar equipes de elite das milícias vermelhas, de marinheiros, de revolucionários, para enfrentar o perigo por todos os meios. Havia até os que colhiam o vinho nos respiradouros das adegas, inundadas pelas centenas de barris arreventados; metralhadoras impediam o acesso a elas. Porém, por mais de uma vez, o vinho subiu à cabeça dos metralhadores. Destruíam-se às pressas os estoques de vinhos velhos para que o veneno escoasse rapidamente pelo esgoto. - Antonov-Ovseenko escreveu: "O problema foi especialmente grave com relação às adegas do palácio de Inverno. O regimento de Preobrajenski, encarregado de tomar conta delas, embebedou-se e já não servia para nada. O regimento de Pavlovski, nosso apoio revolucionário, também não resistiu. Enviaram-se equipes de homens tirados de diversos regimentos: embebedaram-se. Os comitês também não resistiram. Mandou-se dispersar a multidão com carros blindados, mas suas equipes logo cambalearam. Ao cair da noite, era uma bacanal. 'Bebamos os restos dos Romanov', diziam alegremente, no meio da multidão. Afinal, a ordem foi restabelecida pelos marinheiros vindos de Helsingfors, homens de aço, mais dispostos a se matar do que a beber. No subúrbio de Vassili-Ostrov, o regimento da Finlândia, dirigido pelos elementos anarco-sindicalistas, decidiu fuzilar no ato os saqueadores e fazer explodir as adegas de vinho"²². Esses libertários não eram de melas medidas. Felizmente!

Esses excessos eram *deliberados*. Todos os meios são bons! Coisa semelhante ocorreu por todo o país e, muitas vezes, a mão do inimigo era visível. Um dos combatentes da Revolução

22. Antonov-Ovseenko, *Notas sobre a Guerra Civil*, t. I.

de Outubro na frente de combate da Romênia, relata, por exemplo, o seguinte: "De repente, o álcool apareceu na frente de combate em enormes quantidades. Chegava em barris cheios, etiquetados como *petróleo* ou *benzina*. As tropas, esgotadas com as privações, logo ficavam sabendo - Como? Este é o segredo dos envenenadores que faziam as remessas - e se lançavam, batalhões e regimentos inteiros, por vezes, sobre aquela riqueza; havia casos de defenderem seus barris a golpe de baionetas ou a tiros de metralhadora. Assistimos a isso em Minsk e, mais para a retaguarda, em Orcha [...]. Em Orcha, recebemos um primeiro carregamento de 17 vagões de álcool enviados de Smolensk, não pudemos definir por quem, por volta de 15 de novembro [...]; alguns dias depois, chegou-nos um segundo carregamento de 22 vagões etiquetados como *aveia*, *arenque*, *madeira*, e contendo tonéis de vinho. Havíamos mandado de volta o primeiro, que, aliás, os soldados pilharam durante a viagem, não sem murmurar ameaças dirigidas a nós [...]. Até mesmo membros do Comitê Revolucionário haviam cedido à tentação de beber [...]. Formamos um grupo de sete homens de absoluta confiança, bem armados, que trabalharam sem descanso, das 10 da noite às 11 da manhã, num lugar afastado, para arreventar os tonéis de carvalho do segundo comboio"²³.

Em Petrogrado foi necessário (a 2 de dezembro) nomear um comissário extraordinário, munido de plenos poderes, para combater o flagelo. Foram impostas medidas draconianas. Alguns saqueadores de adegas foram fuzilados no ato. Trotsky, falando ao soviete, dizia: "A vodka é uma força política, tanto quanto a palavra. A palavra revolucionária desperta para a luta contra os opressores. Se vocês não conseguirem deter a marcha da embriaguez, só nos restará como recurso empregar os carros blindados. Lembrem-se disto: cada dia de bebedeira mais os aproxima da vitória e nos leva de volta à escravidão". O mal foi vencido em uma semana.

10 - A CRISE DO PODER

Já durante a insurreição em Petrogrado, e durante todo o período das batalhas de rua em Moscou, continua havendo negociações entre bolcheviques e os partidos da "democra-

23. I. DIMITRIEV, *Octubre au Front Roumain, Révolution Proletarienne*, 1922.

cia socialista". Os socialistas-revolucionários de esquerda preconizam, insistentemente, a formação de um governo de grande coalizão socialista; como se verá, esta solução também parece a melhor aos militantes influentes do partido bolchevique. As negociações se iniciam por iniciativa do *Vikgel* (designação abreviada do Comitê Executivo Pan-russo do Sindicato dos Ferroviários), onde os mencheviques e os socialistas-revolucionários (de direita) detêm a maioria. O *Vikgel* é uma potência, um estado dentro do estado. A 26 de outubro, quando o Conselho dos Comissários do Povo ainda não dispõe de nenhum organismo governamental, o *Vikgel* é obedecido em todas as redes. Pode deter, a seu bel-prazer, o transporte de tropas e munições: e não deixa de fazê-lo. "Decididamente inimigo da guerra civil", opõe-se igualmente, com fingida imparcialidade, ao transporte de tropas vermelhas e brancas. As negociações têm lugar na дума municipal de Petrogrado, que é também o foco de resistência do Comitê de Salvação Pública. A bem dizer, Lenin (e a maioria do Comitê Central do partido estava firmemente a seu lado), em momento algum, levou muito a sério as negociações, destinadas a ocupar o tempo do adversário.

De início, enquanto o desfecho da batalha de Moscou esteve indefinido, o *Vikgel* - e as organizações democráticas que se agrupavam em torno dele - propôs condições draconianas: 1. colocação de todas as tropas à disposição da дума municipal; 2. desarmamento dos operários e entrada na cidade das forças de Kerenski; 3. libertação das pessoas detidas; 4. dissolução do Comitê Revolucionário Militar. Era a rendição incondicional. As vitórias de Puikovo e de Moscou levaram o *Vikgel* a se mostrar bem menos exigente. Riazanov²⁴, partidário do acordo, expôs ao Executivo Pan-russo dos Sovietes (*Vtsik*) as novas condições da democracia socialista. Seria formado um ministério socialista, no qual os bolcheviques deteriam a metade das pastas, especialmente as do Interior, do Trabalho e das Relações Exteriores (exigia-se, além disso, que nem Lenin, nem Trotsky participassem deste ministério, o que convinha aos desígnios mencheviques). O ministério responderia perante um Conselho da Nação, a ser constituído por 150 membros do Executivo Pan-russo dos Sovietes, 75 delegados dos soviets camponeses, 80 delegados do exército e da armada, 40 delegados dos sindicatos e 70 membros socialistas da дума municipal. Prometia-se uma maioria de 60% para os bolcheviques. A aquiescência a esse projeto teria sido, por parte destes últimos, uma abdicação velada. A insuficiência de sua maioria dentro de uma assembléia quase-parlamentar se traduziria, obrigatoriamente, por uma política hesitante; o vigor da minoria socialista de oposição e sua representação no poder se traduziriam pela sabotagem de todas as medidas revolucionárias;

a decepção das massas enfraqueceria os bolcheviques, enquanto a consciência do perigo, junto à burguesia e às classes médias superiores, seria levada ao mais alto grau. A maioria do Comitê Central do Partido Bolchevique, contando, acertadamente, com o apoio sem reservas das massas do partido e do proletariado, rejeitou este projeto.

Pouco depois, citou-se uma crise no Comitê Central do partido e no Conselho dos Comissários do Povo. A respeito desses fatos, citamos o *Boletim do Comitê Central do Partido Operário Social-Democrata Russo (bolchevique)*, n. 7, de 5 de novembro de 1917: "O *Vtsik* aprova, por 34 votos a 24, a resolução Lenin-Trotsky sobre a liberdade de imprensa. Os Comissários do Povo Nuguin, Rykov, Miliutin e Teodorovitch renunciam. Eles dirigem ao *Vtsik* e ao Conselho dos Comissários do Povo a seguinte declaração: 'Criemos na necessidade de formar um governo socialista de todos os partidos soviéticos. Somente esse governo permitiria consolidar os resultados das lutas heróicas da classe operária e do exército revolucionário nas jornadas de outubro e novembro; julgamos que um governo exclusivamente bolchevique não se poderia manter senão por métodos políticos de terror. O Conselho dos Comissários do Povo se compromete com este caminho; não podemos acompanhá-lo /.../'. Chliapnikov partilha desse ponto de vista, mas julga que não pode abandonar seu posto. Kamenev, Rykov, Miliutin, Zinoviev e Nuguin saíram do Comitê Central do Partido Bolchevique."

A atitude da maioria do Comitê Central é exposta com clareza em dois documentos. O primeiro é o dirigido pela maioria à minoria, datada de 3 de novembro. Ali se lê que "A política atual de nosso partido define-se pela moção proposta pelo camarada Lenin e aprovada ontem, 2 de novembro, pelo Comitê Central. Essa moção considera traição à causa do proletariado toda tentativa de levar nosso partido a furtar-se ao poder que lhe é confiado, com base em nosso programa, pelo Congresso Pan-russo dos Sovietes, em nome de milhões de operários, soldados e camponeses". A minoria é convidada a submeter-se ou a sair do partido. "Uma cisão seria extremamente deplorável. Porém uma cisão franca e honesta valeria infinitamente mais do que a sabotagem no interior (do partido), o não-cumprimento de nossas próprias resoluções, a desorganização e a prostração /.../. Nem por um minuto duvidamos de que, se nossa divergência for levada perante as massas, nossa política será apoiada sem reserva e com abnegação pelos operários, soldados e camponeses revolucionários, e que a oposição vacilante será, em pouco tempo, condenada ao isolamento e à impotência." Este texto foi assinado por N. Lenin, L. Trotsky, I. Stalin, I. Sverdlov, M. Uritski, F. Dzerjinski, A. Ioffe, A. Bubnov, V. Sokolnikov, M. Muranov.

Por mais grave que fosse, a crise permaneceu circunscrita à cúpula do partido e foi de curta duração. No Executivo Pan-rus-

24. O historiador marxista Riazanov, que atualmente dirige o Instituto Marx-Engels de Moscou.

so dos Sovietes, Lenin só se referiu a ela, incidentalmente, numa frase desdenhosa a respeito da "saída de alguns intelectuais". E acrescentou: "Manterão o poder aqueles que crêem no povo, aqueles que se lançaram no cadinho da vigorosa criação popular /.../".

O *Pravda* de 7 de novembro publicou um apelo às massas, cujas passagens essenciais são as seguintes: "Que todos os de pouca fé, os vacilantes, os que duvidam, aqueles que se deixam intimidar pela burguesia ou pelos clamores de seus cúmplices diretos ou não, se envergonhem disso. Não há sequer sombra de hesitação junto às massas /.../". Os demissionários eram simplesmente qualificados de desertores.

O *Pravda* do mesmo dia, ou do dia seguinte, publicou uma *Carta aos Camaradas*, assinada por G. Zinoviev. Nela, Zinoviev afirmava que os mencheviques e os socialistas-revolucionários haviam repellido as condições dos soviéticos; na nova situação, assim criada, ele retrava sua demissão de membro do Comitê Central e exortava seus camaradas de oposição a que fizessem o mesmo. "É nosso direito e nosso dever", escrevia ele, "admoestar o partido contra os erros. Mas ficamos com o partido. Preferimos cometer erros com milhões de operários e de soldados e com eles morrer, do que deles nos separar neste momento decisivo da história /.../. Não haverá, não pode haver cisão em nosso partido." Não temos conhecimento, na história do movimento operário, de exemplo de crise tão grave que tenha terminado de maneira tão simples e saudável. As grandes qualidades do partido bolchevique - seus hábitos de pensamento coletivo, sua disciplina, sua vigorosa dignidade moral, seu costume de esgotar inteiramente as divergências, a insignificância para seus militantes do fator amor-próprio, o profundo apego que eles têm à classe operária e à organização - manifestaram-se, uma vez mais, neste caso. O patriotismo britânico está bem expresso na vigorosa divisa: *Right or wrong my country* (Certo ou errado, meu país!). A mentalidade bolchevique implica, qualidade inestimável na guerra entre as classes, um patriotismo semelhante, de classe e de partido: mais vale estar errado com o partido do proletariado, do que ter razão contra ele. Não há sabedoria revolucionária mais profunda do que essa.

Os protagonistas da grande coalizão socialista temiam que o Partido Bolchevique - que, ao espírito deles, costumava por certo representar apenas a minoria mais consciente da classe operária - se visse, quando no poder, isolado das massas operárias e camponesas propriamente ditas. Não se apercebiam exatadamente da imensa influência exercida pelo partido e, a partir das jornadas de julho, da força que lhe podia conferir uma política adequada aos interesses vitais de todos os trabalhadores. Temiam a guerra civil no interior da democracia socialista, e não se pode negar que, para eles, esse temor naquele momento era legítimo: o caráter contra-revolucionário do oportunismo so-

cialista ainda não havia sido demonstrado, como foi mais tarde, sobejamente, na própria Rússia e na Alemanha. Talvez fosse de se esperar - se bem que nessa esperança houvesse alta proporção de ilusão - que os partidos socialistas hesitassem em cerrar fileiras ao lado da contra-revolução, em mandar atirar contra "tumultos da população" proletária, em pegar em armas contra os verdadeiros socialistas. Isso era, evidentemente, subestimar a corrupção democrática desses partidos, a influência que sobre eles adquirira a burguesia, o espírito reacionário de seus chefes, e a mentalidade e os interesses imediatistas das classes médias inferiores que predominantemente representavam. Erro manifesto, após as experiências edificantes do socialismo de defesa nacional a que se havia assistido, de ambos os lados das linhas de fogo, a serviço dos estados-maiores. Por sua vez, o socialismo da contra-revolução, familiarizado com o poder, concebida, desde logo e com clareza, sua missão: recusava-se a pactuar com a sublevação bolchevique, a qual se propunha tratar, como vimos, com a sangria. Sua intransigência foi de grande ajuda à revolução: além de haver rapidamente aberto os olhos de alguns bolcheviques, ainda possuídos pelas ilusões da democracia, pôs imediatamente às claras a sabotagem da revolução e fixou limites para ela. A revolução não experimentou sabotagem interna, não teve inimigos em seus conselhos superiores; a traição não era admitida entre seus chefes. Experiência contrária teve, em 1919, o proletariado húngaro. Alguns dias antes da tomada do poder, o Partido Comunista Húngaro fundiu-se com o Partido Social-Democrata. Durante todo o período de ditadura do proletariado na Hungria, social-democratas recém-camuflados de comunistas ocuparam postos os mais importantes, de tal modo que não houve medida revolucionária nem medida de resistência à contra-revolução que não fosse maculada de sabotagem pela social-democracia e que a traição estivesse em toda parte, pouco importa se consciente ou não. Limitemo-nos a lembrar que, após o afastamento de Bela-Kun, formou-se um ministério social-democrata que assegurou a transição entre a ditadura do proletariado e o regime Horthy. Assegurar a transição para o terror branco não é, de modo geral, a missão dos socialistas da contra-revolução? Aquilo com que Plekhanov sonhava na Rússia, o social-democrata Noske fez na Alemanha. Com a ajuda dessas experiências, vemos hoje em dia o quanto foi grave o erro dos demissionários de 4 de novembro: vemos também a superior clareza de que deram prova Lenin e, com ele, a maioria do Comitê Central e do partido, durante aqueles dias. Naquele momento, o papel de Lenin foi análogo ao que fora às vésperas da insurreição e de igual importância para o êxito da revolução²⁵.

25. Sobre esses fatos, As *Notas sobre a Revolução Bolchevique*, de J. SADOUL, contém interessantes relatos.

11 - REALISMO PROLETÁRIO E RETÓRICA "REVOLUCIONÁRIA"

Outro tipo de discussão tinha lugar no Executivo Pan-russo dos Sovietes, onde os socialistas-revolucionários de esquerda, imbuídos de amplo e nebuloso idealismo, adotavam uma atitude de oposição leal, no âmbito do nascente regime dos soviets.

A 4 de novembro, enquanto se demitiam os bolcheviques dissidentes, os socialistas-revolucionários de esquerda, eles também partidários da grande coalizão socialista, chamavam de volta seus representantes das organizações dirigentes dos soviets. Observemos os debates desse dia, em que Lenin teve de defender contra eles o realismo revolucionário mais simples e mais salutar.

Tratava-se da liberdade de imprensa, mais especialmente da *Retch* (A Palavra), órgão de Miliukov e da alta burguesia liberal. Os jornais burgueses continuavam a ser publicados. Seu papel, nos primeiros embates da guerra civil, foi muito importante; insuflaram aqui o ódio, a combatividade, o espírito de reação; lá a confusão, o pânico, a calúnia. Era preciso reduzi-los ao silêncio, o que, aliás, só se fez a longo prazo²⁶. O orador dos socialistas-revolucionários de esquerda, Karelin, erigiu-se em defensor dos grandes princípios, declarou que se pretendia "amordaçar o pensamento" e que a guerra civil era "uma desonra". A essas lamentáveis invectivas, Lenin replicou: "Nomeemos uma comissão para investigar a respeito da dependência dos jornais burgueses em relação aos bancos. Queremos saber qual é a liberdade que paga esses jornais? Não é ela a de comprar pilhas de papel e de alugar pilhas de escrevinhadores? Livremo-nos dessa liberdade de imprensa escravizada ao capital /.../".

26. A ditadura do proletariado hesitou, durante muito tempo, em suprimir a imprensa inimiga. Só foram suprimidos, no dia seguinte ao da insurreição, os jornais burgueses que preconizavam abertamente a resistência armada à "usurpação bolchevique", à "sangrenta anarquia", ao "golpe de força dos agentes do Kaiser". Apenas em julho de 1918 é que os últimos órgãos da burguesia e da pequena-burguesia foram suprimidos. A imprensa legal dos mencheviques só foi desaparecer em 1919; a dos anarquistas hostis ao regime e a dos maximalistas foi publicada até 1921; a dos socialistas-revolucionários de esquerda até mais tarde ainda.

Lenin propôs que se estabelecesse o monopólio da publicidade para privar os jornais do inimigo dos recursos dos anúncios. E teve de refutar as objeções dos tipógrafos que defendiam a publicidade burguesa, pois ela é que os alimentava...

Os socialistas-revolucionários de esquerda censuraram, também, o Conselho dos Comissários do Povo por atentar (já!) contra a legalidade soviética ao promulgar decretos sem a sanção prévia do Executivo Pan-russo dos Sovietes. "Com que direito? Arbitrariedade!", exclamavam esses revolucionários singulares. Lenin teve de explicar a eles que o novo poder não dispunha do vagar para se enredar em formalidades, que o momento era grave demais, que não se admitia nenhuma demora. (Disto eles não tinham dúvida alguma!) Lenin completou: "Nenhum objeto, nenhuma libra de pão deve escapar ao recenseamento, pois o socialismo é, antes de mais nada, recenseamento. O socialismo não se cria por meio de ordens vindas de cima. Ele é avesso ao automatismo oficial e burocrático; o socialismo vivo é obra das massas populares".

Tendo um socialista-revolucionário dito: "O ocidente se caia vergonhosamente", atraiu contra si uma resposta enérgica. "As revoluções", diz Lenin, "não são feitas de encomenda. A Alemanha está, hoje, no ponto em que estávamos algum tempo antes da queda da autocracia. Desacreditamos o socialismo? (Os socialistas-revolucionários haviam dito isso também, para completar o colar de pérolas.) Então, vamos lá!

"/.../ O atual regime não convoca as massas a criar as melhores formas de vida? /.../ Teremos uma república do trabalho. Aquele que não trabalha, que não coma!"

O realismo proletário se consolida nessas discussões frente a frente com o fraseado "revolucionário" dos socialistas-revolucionários de esquerda, excelentes revolucionários pelo sincero desejo que têm de servir ao socialismo, por sua coragem e por sua probidade, porém, como toda a burguesia radical de que representam o elemento mais avançado, escravizados às grandes palavras a que se reduz a ideologia da democracia burguesa.

É incessante o apelo de Lenin à iniciativa das massas. A espontaneidade das massas lhe parece a condição necessária do êxito da ação organizada do partido. A 5 de novembro, assina um apelo à população, convocada a combater a sabotagem. A maioria do povo está conosco, nossa vitória é certa: "Camaradas, trabalhadores! Lembrem-se que são vocês mesmos que, a partir de agora, administram o estado. Ninguém virá em seu socorro se vocês mesmos não se unirem, se vocês não tomarem em suas mãos todos os negócios do estado /.../. Reúnam-se em torno de seus soviets. Consolidem-nos. Mãos à obra, de baixo para cima, sem es-

perar nenhum sinal. Instituem a ordem revolucionária mais severa, reprimam impiedosamente os excessos anárquicos dos bêbados vadlos, dos *junkers* contra-revolucionários, dos seguidores de Kornilov etc. Instituem o mais rigoroso controle de produção e o recenseamento dos produtos. Detenham e entreguem ao tribunal do povo revolucionário todo aquele que ouse prejudicar a causa do povo [...]."

Os camponeses são convocados a "tomar por si mesmos, no ato, a plenitude do poder". *Iniciativa, mais uma vez iniciativa, sempre iniciativa!*, está é a palavra de ordem que Lenin lança às massas no dia 5 de novembro, dez dias depois da insurreição vitoriosa.

12 - AS CLASSES MÉDIAS DAS CIDADES E A REVOLUÇÃO

Dois grandes fatos gerais caracterizam os primeiros dias logo após a revolução.

1. As classes médias das cidades (o decreto sobre a terra satisfaz as classes médias do campo, que somente bem mais tarde irão se sublevar) aderem inteiramente à contra-revolução. São elas que lhe fornecem as forças vivas, os batalhões de choque. Nas batalhas de rua de Moscou e de Petrogrado, como nas encostas de Pulkovo, a burguesia certamente não se defende ela mesma, como também não dispõe de corpos organizados de mercenários. Quais são seus derradeiros defensores? Os oficiais, os cossacos - voltaremos a falar dos cossacos -, os alunos das escolas militares, a juventude das escolas superiores, os funcionários públicos, os empregados de maior categoria, os técnicos, os intelectuais, os socialistas, todos gente de condição média, mais ou menos explorados, porém nitidamente privilegiados no seio da exploração e participantes da exploração. A *inteligência técnica organiza, a uma só vez, a produção e a exploração*²⁷; ela é, desse modo, levada a se identificar com o próprio sistema e a conceber o modo capitalista de produção como o único possível. A pequena burguesia, instruída, remediada, mantida sob tutela pela burguesia, muitas vezes ameaçada de pau-

27. Essa fórmula feliz é oferecida por L. KRITZMAN, em sua notável obra sobre *O Período Heróico da Revolução de Outubro* (ensaio de análise do "comunismo de guerra").

perização e, assim, próxima do proletariado - daí sua inclinação para o socialismo - é propensa às mais nefastas ilusões. Muito mais culta que o proletariado, muito mais numerosa e avançada do que a burguesia propriamente dita, julga-se convocada a dirigir a sociedade. As ilusões democráticas do último século, nascidas em parte desse estado de espírito, tem, por sua vez, contribuído para mantê-lo. O socialismo da pequena burguesia é um socialismo de "dirigentes", liberal, confuso, temeroso, individualista, ora utópico, ora reacionário; a cultura da pequena burguesia é capitalista, conseqüentemente orientada para a defesa da velha ordem e da educação das massas de conformidade com os interesses dos ricos; a mentalidade pequeno-burguesa tende a separar, sobretudo em política, a ação da palavra, sendo esta considerada um derivativo da ação, ou um substituto enganador da ação (recordem-se os "gestos simbólicos" do radicalismo francês). Os melhores espíritos das classes médias russas, simpáticos à revolução muito antes que esta se tornasse realidade, julgavam necessário limitar-se a uma revolução que teria dado início a uma era de sábias reformas. A revolução proletária lhes parecia uma ascensão de bárbaros, uma queda na anarquia, uma profanação da idéia mesma de revolução. Este ponto de vista foi expresso vigorosamente por Maximo Gorki, em suas *Considerações Inatuais*, publicadas pela *Novaia Jizn* (A Vida Nova). As classes médias queriam que a revolução *burguesa* instituisse uma república democrática, em que elas fossem as classes dirigentes e em que o desenvolvimento capitalista prosseguisse sem entraves: concepção esta bastante nítida nos mencheviques e nos socialistas-revolucionários que, naquele momento, foram os ideólogos mais clarividentes da pequena burguesia.

Além disso, seu utopismo sentia-se chocada com a realidade da revolução; como era grande a diferença entre o idílio romântico sonhado por tantas vezes e a dura e sangrenta realidade! Habitados a viver em meio a realidade duras e sangrentas, a sofrer necessidades indistigáveis, formados na escola da repressão e da guerra imperialista, os operários e os soldados tinham mentalidade totalmente diferente.

Às classes médias esclarecidas, a Revolução de Outubro parecia o golpe de força de um punhado de doutrinários fanáticos, apoiado por um terrível movimento do povo ignorante. Veremos que Gorki emprega exatamente estes termos. O problema da guerra e da paz, atingindo-as em seu patriotismo (o patriotismo é produto seu por excelência; o proletariado é internacionalista; a burguesia não professa senão um patriotismo de negócios composto com um cosmopolitismo financeiro), do mesmo modo que atin-

112

gia os revolucionários pequeno-burgueses em seu romantismo, aprofundou o fosso existente entre a revolução e aquilo a que se denominava -erradamente - "a democracia".

Prever antecipadamente que a democracia pequeno-burguesa, toda ela, com a energia do desespero, cerraria fileiras ao lado da contra-revolução, a ponto de seguir os generais monarquistas, a ponto de sonhar com um Galliffet, a ponto de proceder a execuções em massa de insurretos - isto não era possível. E essa impossibilidade explica os erros de alguns bolcheviques: até os fuzilamentos do Kremlin, o Comitê Revolucionário Militar de Moscou parece haver nutrido a esperança de que os socialistas-revolucionários e os mencheviques não iriam muito longe contra a revolução operária: o erro da minoria do Comitê Central do PCR e do Conselho dos Comissários do Povo foi admitir a possibilidade de uma concentração socialista, isto é, de um retorno da pequena burguesia socializante ao proletariado. Na verdade, a atitude contra-revolucionária das classes médias não era rigorosamente determinada por seus interesses de classe; percebemos hoje que eles teriam tido toda vantagem em submeter-se ao regime dos soviets; sua pouca importância numérica, sua falta de homogeneidade e a formidável superioridade de organização, de valor moral e de pensamento do proletariado (o partido, o espírito de classe, o marxismo), a adesão das massas da pequena burguesia rural à revolução, tudo as destinava a uma cruel derrota: pior do que isso, a um desbaratamento total; sua resistência, porém, devia tornar maior a ruína, devastar o país. Fossem elas um pouco mais clarividentes na avaliação das forças em presença e se teriam poupado - e poupado o país - de muitas calamidades. Sem dúvida, as classes médias não terão sempre essa atitude diante da revolução proletária; é bem provável que o poderio e o espírito de decisão do proletariado venham a conseguir, nas batalhas sociais do futuro, induzi-las a se manter neutras, de início, e, a seguir, a aderir a ele. Decididamente, elas acompanham e acompanharão os mais fortes; quando perceberem que a classe operária é a mais forte, elas a acompanharão. Na Rússia, em outubro de 1917, as classes médias se enganaram: a vitória do proletariado lhes pareceu impossível. Por muito tempo, não acreditaram nisso, esperando, dia após dia, semana após semana, o desmoronamento do bolchevismo. De fato, *para crer na vitória de uma classe, que até então jamais havia vencido na história, que não tinha sequer experiência do poder, ou competência, ou riqueza, ou instituições próprias - exceto algumas formações de combate-, seria preciso estar tão profundamente penetrado pela missão*

113

histórica do proletariado quanto os bolcheviques o estavam; - em uma palavra, era preciso ser marxista revolucionário. A anulação desse móvel psicológico da atitude contra-revolucionária da pequena burguesia russa é um dos importantes resultados históricos da Revolução de Outubro.

13 - AS "LEIS DE GUERRA" NÃO SE APLICAM À GUERRA CIVIL

2. Essas jornadas se caracterizam, também, pela forma de que, nelas, se reveste a guerra civil. Os vermelhos, não sabendo ainda empregar repressões, praticamente ignorando a necessidade das repressões, propensos a se deixar enganar quanto à democracia socialista, mostram-se de uma deplorável mansidão. Comparem-se as condições impostas pelo CRM vitorioso de Moscou ao Comitê de Salvação Pública e as que esse comitê branco, longe de ser vencedor, tentara impor ao CRM. Neste caso, os brancos massacraram os operários do Arsenal do Kremlin; naquele, os vermelhos libertam, condicionalmente, seu inimigo mortal, o general Krasnov. Aqui, os brancos conspiram para o restabelecimento *implacável* da ordem; ali, os vermelhos hesitam em suprimir a imprensa reacionária. A inexperiência era, seguramente, uma das causas profundas dessa perigosa mansidão dos vermelhos.

Em contraposição, a contra-revolução, logo de saída, empenhou-se a fundo, irrefletidamente. Não há dúvida de que a guerra civil só iria se tornar violenta com o passar do tempo, com a ajuda estrangeira; porém, desde 26 de outubro, a luta foi muito mais cruel do que as guerras entre estados diferentes. Estas geralmente se submetem a certas leis; existe um direito de guerra; - na guerra entre classes, não existe direito, não há "convenções de Genebra", não há costumes cavalheirescos, não há não-beligerantes. A burguesia e a pequena burguesia recorreram, de saída, à greve e à sabotagem de todas as empresas de utilidade pública, de todas as instituições, uma arma interdita pelos costumes de guerra. Em parte alguma, na Bélgica ou na França invadida, os técnicos se puseram em greve com a chegada do inimigo. A sabotagem foi uma tentativa de organizar a fome, isto é, de atingir toda a população operária, sem distinção entre combatentes

114

e não-combatentes. A utilização feita do álcool é igualmente significativa. E toda a conspiração contra-revolucionária foi uma preparação para o terror branco.

O que se dá é que as guerras entre estados são, habitualmente, guerras intestinas entre ricos, que professam uma mesma ética de classes, uma mesma concepção do direito. Tem sido mesmo muito forte, em certas épocas, a tendência a reduzir a arte da guerra a um jogo bastante convencional. A arte moderna da guerra data da Revolução Francesa que, opondo uma nação burguesa em armas aos exércitos das antigas monarquias, exércitos profissionais, baseados no recrutamento compulsório e nos mercenários, e comandados por nobres, anulou de um só golpe as convenções antiquadas de tática e de estratégia anteriores. Os europeus só se afastam das regras atuais da guerra com respeito a povos que consideram inferiores²⁸; do mesmo modo, na guerra entre as classes, as classes dirigentes, convencidas de estar defendendo a "civilização" contra a "barbárie" operária, acreditam que todos os meios são lícitos. Estão em jogo interesses demasiado grandes, todas as convenções são abolidas e como a ética - não existe uma ética humana, só existem éticas de classes ou de grupos sociais - deixa de exercer sobre os combatentes sua ação moderadora, as classes exploradas rebeladas são declaradas pela contra-revolução "indignas da humanidade". Essas verdades podiam ser entrevistas, nitidamente, ao final da primeira semana do regime dos soviets. Veremos, mais adiante, o massacre dos prisioneiros tornar-se regra na guerra civil, e os estados capitalistas, durante muitos anos, tratarem a Rússia comunista como um país fora da lei.

28. Os franceses algumas vezes, durante a conquista da Argélia. Lembremos, também, os métodos de guerra e de dominação dos ingleses na Índia; o saque do palácio de Pequim pelas tropas europeias, em 1900; as atrocidades dos italianos na Tripolitânia; dos franceses na Indochina e no Marrocos; dos britânicos no Sudão. Em nenhuma guerra dos tempos modernos, os vencidos foram tratados com tanta ferocidade quanto os da Comuna de Paris, em 1871.

IV - PRIMEIROS FOCOS DE GUERRA CIVIL. A CONSTITUINTE

1 - O DIREITO DAS NACIONALIDADES

Os importantes decretos de 26 de outubro consolidavam apenas um dos aspectos da revolução. Não bastava, porém, anunciar aos milhões de soldados o início de uma ação audaciosamente revolucionária em favor da paz e proclamar a mais de 100 milhões de camponeses que, a partir de então, eles eram os donos da terra. A ação pela paz sacudia o jugo do imperialismo que pesava, sangrento, sobre milhões de soldados. A expropriação dos proprietários fundiários sacudia o jugo feudal que, há séculos, pesava sobre os camponeses. Faltava desferir um golpe decisivo contra o imperialismo, continuador das tradições conquistadoras da Grande Rússia feudal e comerciante. Como previa Elisée Reclus¹ desde 1905, a verdadeira revolução russa, sob pena de comprometer irremediavelmente seu destino, devia libertar imediatamente as nacionalidades subjugadas pelo império abatido.

Do ponto de vista das nacionalidades, a população do império era composta como se segue²: grandes russos, 56 milhões; ucranianos, 22,3 milhões; russos brancos, cerca de 6 milhões; poloneses, 8 milhões lituanos, 3,1 milhões; alemães, 1,8 milhões; moldávios, 1,1 milhão; judeus, 5,1 milhões; finlandeses, 2,6 milhões; povos do Cáucaso, 1,1 milhão; povos de origem finesa (estonianos, carélios etc.), 3,5 milhões; povos tártaros, 13,6 milhões. O estatuto do império se caracterizava pela hegemonia absoluta da nação conquistadora grã-russa; sua língua era a única ofi-

1. Elisée Reclus, falando da revolução russa, dizia, em 1905, em um discurso de uma agudeza que seríamos tentados a qualificar de profética: "A Rússia será totalmente revolvida até sua última choupana. Forçosamente será levantada uma questão diversa da das classes: a dos povos de línguas diferentes, de consciências nacionais distintas. O que chamamos de Rússia é uma enorme extensão de conquistas em que estão amalhadas vinte nacionalidades subjugadas /.../'. Essa página merece ser lida. *Correspondência*, t. III.

2. De acordo com o recenseamento de 1897. Não é preciso dizer que a população crescera muito sensivelmente em vinte anos; no conjunto, porém, sua composição não havia variado.

cial e sua religião, a ortodoxa do rito grego, era a religião do estado. No entanto, os grão-russos constituíam, no império, apenas uma minoria de 56 milhões sobre 129 milhões. Entre março e outubro de 1917, o governo provisório, preocupado com a integridade territorial do antigo império e, mais ainda, com as vantagens materiais que a burguesia obtinha da subjugação dos povos conquistados, havia *continuado* a política nacional do antigo regime, não recuando sequer diante dos perigosos conflitos com a Finlândia e a Ucrânia. Aliás, teria sido impossível às antigas classes dirigentes se comportarem de maneira diversa. Ora, a queda da autocracia determinara o despartar dos movimentos nacionais que se traduziam, notadamente na Finlândia e na Ucrânia, por tendências autonomistas. Acrescente-se que a questão nacional, na maior parte dos alógenos, tinha a ver, muito de perto, com a questão agrária, uma vez que os povos subjugados eram, em sua maioria, povos agrícolas.

A 2 de novembro, enquanto se lutava em Moscou - naquele dia, a artilharia vermelha atirava contra o Kremlin -, enquanto os combatentes vitoriosos de Pulkovo eram alegremente recebidos pela população de Petrogrado, o governo dos soviets promulgava a *Declaração dos Direitos dos Povos da Rússia*, que se pode resumir em três pontos: 1. Igualdade e soberania dos povos; 2. Direito dos povos a dispor de si mesmos, até a se separar para constituir estados independentes; 3. Abolição de todos os privilégios nacionais e religiosos e livre desenvolvimento de todas as minorias nacionais e étnográficas.

Este documento capital nada mais continha do que o programa exposto por Lenin desde abril e maio.

Ele deve ser cotejado com um manifesto aos trabalhadores muçulmanos da Rússia e do Oriente, publicado 20 dias depois (a 22 de novembro), assinado por Lenin e pelo Comissário para os Assuntos das Nacionalidades, Djughachvili-Stalin. Nunca, antes, haviam os europeus usado linguagem semelhante para com povos oprimidos, subjugados, conquistados, "protegidos" há séculos: os tratados secretos, atribuindo Constantinopla à Rússia, nós os rasgamos. Rasgado também foi o tratado da partilha da Pérsia! Rasgado o tratado de partilha da Turquia! Anulada a anexação da Armênia! "A partir de agora, declaram-se livres e invioláveis suas crenças e seus costumes, suas instituições nacionais e culturais. Organizem livremente, sem entraves, a vida nacional de vocês /.../. Vocês devem ser os donos de seus países /.../. Sua sorte está em suas próprias mãos."

2 - A RESISTÊNCIA DO GQG. A TROPA CONTRA OS GENERAIS

○ Grande Quartel General - em russo, a *stavka* - de um país em guerra é uma espécie de capital militar, tão importante quanto a outra. A *stavka* foi, no dia seguinte ao da insurreição proletária, a última esperança da contra-revolução. Ela resistiu, pensadamente, até 18 de novembro³.

Sua sede, felizmente, estava a uma boa distância de Petrogrado e de Moscou, em Mohilev, pequena cidade (60 mil habitantes) da Rússia branca, onde o proletariado e o partido bolchevique eram igualmente fracos. Um Comitê dos Exércitos, eleito no início da revolução, colocado sob a influência do Partido Socialista-Revolucionário, representava, na *stavka*, a mais alta autoridade "revolucionária"; entendia-se, aliás, muito bem com o comando superior, reprovava os conluios bolcheviques, afirmava a fidelidade indefectível do exército à pátria e aos aliados e a "firme vontade dos soldados de continuar a guerra até o fim". A 31 de outubro, anunciou, oficialmente, sua decisão de "responder pela força à força dos bolcheviques". Suas tropas "marchavam sobre Petrogrado" para restabelecer a ordem naquela cidade. "Nem uma só gota de sangue, proclamava, será derramada em vão /.../. Se a direita pretende tirar partido dos acontecimentos em benefício da contra-revolução, nós nos ergueremos contra ela com todo o nosso poderio." Neste mesmo dia, o general comandante-chefe, Dukhonin, intimava os bolcheviques a se submeterem incondicionalmente ao governo provisório. Essa linguagem enérgica não passava de *palavrório*. A massa dos soldados recebia, entusiasmada, a notícia da nova revolução. O Comitê dos Exércitos logo teve de diminuir suas pretensões, propondo satisfazer-se com uma grande coalizão socialista. Isso fracassou quando chegaram à *stavka* os chefes do Partido Socialista-Revolucionário, Tchernov e Gotz. A *Rada*, parlamento nacional da Ucrânia, também se pronunciou contra os bolcheviques. Ocorreu aos socialistas da contra-revolução promover uma aproximação com ela.

3. G. LELEVITCH, *Outubro na Stavka*.

O Comitê dos Exércitos propôs a criação de um governo da ordem, à frente do qual seria colocado V. M. Tchernov. Os representantes dos aliados estimulavam esses esforços. Durante essas negociações, essas intrigas, esses conciliábulos, essas expectativas, os soldados e a massa agiam. Os exércitos do norte e do noroeste passaram-se para os bolcheviques; os batalhões de elite de São Jorge se mostravam mais do que em dúvida, hostis aos generais e aos socialistas-revolucionários; impediam a partida da *stavka* para o sul; com frequência cada vez maior, os soldados prendiam seus oficiais.

A 9 de novembro, Lenin, Stalin e Krylenko telefonaram ao general Dukhonin e exigiram que mantivesse imediatamente negociações de armistício com os austro-alemães. Não obtendo senão respostas evasivas, terminaram essa conversação telefônica retirando Dukhonin do comando: "O sub-tenente Krylenko está nomeado comandante-chefe". Como, porém, desarmar o estado-maior? Os comissários do povo ainda não dispunham de qualquer organismo governamental; ignoravam a debilidade do adversário. Uma vez mais, estavam contando com as massas. Um radiograma redigido por Lenin convocava a tropa a intervir:

"Soldados, a causa da paz está em suas mãos. Vocês não permitirão que os generais contra-revolucionários sabotem a grande obra da paz, vocês os colocarão sob severa vigilância para impedir linchamentos indignos do exército revolucionário e para não lhes permitir que escapem ao tribunal que os espera. Vocês observarão a mais estrita ordem revolucionária e militar.

"Que os regimentos da frente de batalha elejam, imediatamente, mandatários para manter negociações formais de armistício com os inimigos. O Conselho dos Comissários do Povo os autoriza a isso. Informem-nos, por todos os meios, sobre o curso das negociações. O Conselho dos Comissários do Povo é o único qualificado a assinar o armistício definitivo".

Este texto provocou, no Executivo Pan-russo dos Sovietes, uma discussão (10 de novembro) no correr da qual Lenin tornou mais claro e preciso seu pensamento: "Não se pode vencer Dukhonin a não ser apelando para a iniciativa e o sentimento de organização das massas. A paz não será feita de cima para baixo, é preciso obtê-la de baixo para cima. Não temos a menor confiança nos generais alemães, mas temos confiança no povo alemão. Na luta travada com a *stavka*, é preciso ir até o fim, sem se preocupar com as formalidades /.../. Sou contra as medidas fracas".

As próprias tropas da *stavka* se voltaram contra ela; a 18 de novembro, no momento de fugir e se deslocar para a Ucrânia, o estado-maior viu-se diante dos soldados. "A *stavka*", escreve em suas *Memórias* o exilado Stankevitch, que ali-

se encontrava na ocasião, "mal havia começado os preparativos de partida, quando multidões de soldados agitados surgiram, declarando que não permitiriam que o GQG partisse /.../. A *stavka* não tinha um soldado sequer para defendê-la /.../. Dukhonin dizia que estava sendo vigiado por seu ordenança"⁴. Apenas os oficiais aliados, alguns generais e algumas unidades reacionárias conseguiram escapar. Com a chegada de Krylenko e dos marinheiros vermelhos, o generalíssimo Dukhonin, detido, foi massacrado na estação ferroviária de Mohilev.

Tenhamos em mente que a resistência da *stavka* assinala o início da intervenção dos aliados contra a revolução. O general Lâvergne, chefe da missão francesa, e um oficial superior norte-americano haviam, oficialmente, estimulado a resistência de Dukhonin. Uma nota ameaçadora de Trotsky registrou esse fato.

Em todas as frentes, a revolução se reduz, analogamente, a um conflito entre, de um lado, as massas, e, de outro, o comando e os quadros. E o desfecho do conflito foi o mesmo em quase toda parte.

3 - KALEDIN. DERROTA DA CONTRA-REVOLUÇÃO COSSACA

Esmagada nas capitais, esmagada no GQG, a resistência da contra-revolução se concentrou, logo a seguir, no sul. O verdadeiro asilo dos derrotados de Petrogrado, de Moscou e de Mohilev, devia estar além da Ucrânia nacionalista, hostil a tudo quanto fizesse lembrar o antigo jugo grão-russo, na região sudeste, nas regiões cossacas do Don e do Kuban. Pequena burguesia rural, de fortes tradições militares, privilegiada ao tempo do antigo regime, a população cossaca parecia aos generais perfeitamente talhada para fornecer suas primeiras tropas à contra-revolução. Haviam-se constituído nessas paragens regimes autônomos. O *Donski-Krai* (país do Don) era uma espécie de república cossaca, presidida por um chefe militar eleito (*atamã*), o general Kaledin, que aderira à contra-revolução. Uma *rada*, vago parlamento, tinha sua sede em Iekaterinodar, capital do Kuban; compu-

4. STANKEVITCH, *Mémoires*.

nha-se de cossacos e intelectuais socialistas que representavam com tal candura a parcela rica da população que sua "constituição" privava do direito de voto os agricultores pobres (não cossacos) e os proletários...

A partir desse momento, e durante muitos anos sangrentos, a história dos cossacos do Don e do Kuban, típica pequena burguesia rural, será uma história de hesitações e de tumultos sem fim. Alternadamente solicitados e atraídos pela revolução e pela contra-revolução, irão mostrar-se, em definitivo, totalmente incapazes de decidir por si mesmos. Democratas, hostis às tentativas de restauração do antigo regime, alheios ao patriotismo nacional da burguesia grã-russa, jamais deixarão de resistir, mais ou menos, aos generais brancos; sempre será colocada uma questão cossaca embaraçosa nos conselhos dos exércitos nacionais. Partidários ferrenhos da propriedade privada, combaterão apaixonadamente contra os proletários comunistas. Logo após a Revolução de Outubro, o ideal dos cossacos é a independência regional. Queriam preservar suas paragens contra "a anarquia bolchevique". Nisto como, aliás, em tudo o mais, os mediócrs políticos do Don dão mostras de uma cegueira muito característica.

No momento em que Krylenko entrava na *stavka* de Mohilev, o homem do golpe de força frustrado de setembro, o homem da restauração da pena de morte nas forças armadas, o ditador outrora sonhado pela burguesia russa e aliada, Kornilov, deixava tranqüilamente o monastério de Bykhovskoe, onde o governo provisório havia mandado interná-lo. Duplicidade ou fraqueza? Ambas: Kerenski havia confiado a guarda de seu cúmplice, prisioneiro por formalidade, a um destacamento de cavalaria inteiramente devotado ao prisioneiro! Kornilov pôs-se à frente de seu destacamento e abriu caminho para o Don, onde chegou em princípios de dezembro, sozinho, disfarçado de camponês, não sem antes haver escapado de ser entregue aos bolcheviques por seus próprios soldados, tão devotados⁵. "Ali, o velho general Alexeiev⁶ vinha se dedicando, desde o início de novembro, à organização de um exército de voluntários da ordem /.../. Aos milhares, oficiais e *junkers* afluíam de todos os cantos da Rússia, a Novotcherkassk e a Rostov." O general Denikin se exprime com elogiável precisão sobre a natureza dessas forças da contra-revolução. À convocação para o exército de voluntários responderam "os oficiais, os *junkers*, a juventude das escolas e muito, muito poucos outros elementos /.../. A

5. "Esfalfados, não entendendo nada do que acontecia, profundamente perturbados, os cavaleiros diziam ter feito o que lhes fora possível e continuar, como no passado, devotados ao general, mas...

- "Ah! que podemos fazer", indagavam a seus oficiais, "quando toda a Rússia é bolchevique?"... DENIKIN, *Notas*.

6. Alexeiev exercera o comando supremo do exército russo durante a guerra imperialista, na qualidade de chefe do estado-maior do czar - generalíssimo.

nação não se ergueu /.../. Em condições de recrutamento como essa, o exército teve, desde sua origem, um defeito orgânico profundo: revestiu-se do caráter de um exército de classe. Não podia ser de outra forma".

"Era evidente", escreve ainda Denikin⁷, "que nestas condições o exército de voluntários não poderia cumprir sua missão na Rússia inteira." Que esperavam então os generais? Conter o bolchevismo ainda não organizado, cuja poderosa capacidade de organização ignoravam, e esperar pelos acontecimentos.

A formação deste exército foi difícil. A grande massa dos oficiais vacilava, escondia-se, adaptava-se; com a quebra dos quadros da subordinação militar, estes soldados de carreira se sentiam completamente desorientados; finalmente, por toda parte, o ódio vigilante das massas lhes barrava o caminho. Os que iam para o Don tinham de correr inúmeros perigos para chegar até lá; para os soldados, o oficial fugitivo a caminho do sul era um fora-da-lei que devia ser morto. Alexeiev teve que se desdobrar em prodígios de energia para formar suas primeiras unidades. Faltava dinheiro. A burguesia das grandes cidades, mais que desamparada, fornecia muito pouco. Logo chegou o momento em que não pôde dar nada. "As embaixadas aliadas estavam aterrorizadas" (Denikin). Os próprios cossacos não viam com bons olhos essa arregimentação de patriotas armados em seus territórios. Os generais reacionários tiveram que incluir, em sua convocação de 27 de dezembro, a soberania do povo exercida pela assembléa constituinte. Não obstante, o Conselho Cossaco do Don decidiu fiscalizar o exército de voluntários e dele "eliminar os elementos contra-revolucionários". Em seus melhores momentos, o exército não teve mais do que três a quatro mil homens. Em compensação, abundavam os oficiais superiores. Dois generalíssimos, aliás desentendendo-se entre si, estavam em seu comando: Alexeiev e Kornilov. Com Kaledin, formavam um triunvirato.

O exército começou a agir na repressão de uma sublevação operária em Rostov e em Taganrog (26 de novembro e 2 de janeiro), contra a qual não fora possível convocar os cossacos. Não demorou muito para que estivesse numa posição incômoda. O chão se abria sob seus pés. Os operários da região vizinha do Donietz eram ameaçadores; os cossacos desconfiavam e se esquivavam e, movidos por seu patriotismo paroquial, somente concordavam em defender, contra as incursões dos vermelhos, seu próprio território, ou seja, o território de suas respectivas aldeias; as milícias vermelhas e as unidades do exército do Cáucaso, voltando a entrar na região, cercavam rapidamente o Don, investiam

7. DENIKIN, *Notas Sobre os Grandes Distúrbios da Rússia*.

contra o Kuban. O Conselho dos Comissários do Povo punha fora da lei os chefes da contra-revolução cossaca: "As guardas locais devem agir com a maior energia contra os inimigos do povo, sem esperar por ordens superiores. Está proibida toda negociação com eles. A população ou os ferroviários que lhes prestarem ajuda serão castigados com todo o rigor das leis revolucionárias." (Proclamação de 28 de novembro.) O regime dos soviets não se satisfazia com essa medida. As milícias vermelhas operárias de Petrogrado, de Moscou, de Kharkov, das minas do Donietz, apoiadas pelos marinheiros e por algumas unidades do exército, começavam, sob o comando de Antonov-Ovseenko, um vasto movimento convergente no sentido de isolar o Don da Ucrânia para, a seguir, apoderar-se de Rostov e de Kiev. Não é preciso dizer que nessa guerrilha que se fazia na maior parte, ao longo das ferrovias com a ajuda de trens blindados ou simplesmente armados, o estado-maior vermelho da frente de combate do sul só podia dar diretrizes gerais. Dois chefes notáveis estavam sob as ordens de Antonov: um socialista-revolucionário de esquerda, Sablin, à frente dos contingentes operários de Petrogrado e de Moscou, e um sub-oficial bolchevique, Sivers, que logo depois seria morto, à frente dos contingentes do Don. De início, os vermelhos sofreram revezes, especialmente em Matveev-Kurgan, próximo a Taganrog; a sublevação operária nesta cidade restabeleceu a situação, expulsando os brancos. Os cossacos hesitavam ou dividiam-se em jovens e velhos, ricos e pobres, combatentes e gente da retaguarda; constituíam-se unidades de cossacos vermelhos, os operários agiam; a contra-revolução, representada pelos oficiais, entregue à própria sorte - carecendo de qualquer ajuda externa -, estava condenada. A luta terminou em fins de janeiro (no dia 29), com o suicídio do atamã Kaledin e com a difícil retirada de Kornilov rumo ao Kuban.

Algumas palavras do derradeiro discurso de Kaledin, pronunciado no Conselho Cossaco do Don, enquanto os vermelhos entravam em Novotcherkassk, revelam, de maneira admirável, a derrota dessa primeira fase da contra-revolução: "Após a partida de Kornilov, não nos restará mais do que um punhado de homens, 100 a 140 baionetas [...]. Como qualificar este desastre desonroso? O mais vil egoísmo foi nossa perdição. Ao invés de defender a terra natal contra o inimigo, seus melhores filhos, os oficiais russos, fogem vergonhosamente diante de um punhado de usurpadores. Não há mais sentimento de dever, nem sentimento de honra, nem amor à pátria, nem sequer simples moralidade". Nada mais restava ao atamã do que fazer saltar os miolos; seu sucessor, Nazarov, não soube, nesse desmoronamento da democracia cossaca, nem organizar a resistência, nem fugir; os vermelhos o surpreenderam em plena sessão do Conselho dos Cossacos e

o fuzilaram (12 de dezembro).

Nessa mesma ocasião, lutas confusas, análogas, no fundo, às do Don, pois colocavam em presença os mesmos elementos sociais, travavam-se no Kuban, terminando em 1º de março com a vitória dos vermelhos. O regime dos soviets se instalava - é bem verdade que por pouco tempo - em Ekaterinodar.

A sublevação dos cossacos dos Urais que, dirigidos pelo general Dutov (25 de novembro a 18 de janeiro), haviam tomado Oremburgo, terminava também por uma derrota.

Sincronismo significativo.

4 - A UCRÂNIA

Ao sul da grande planície russa, a vasta região do Dnieper está para a Rússia assim como a Provença está para a França. Clima mais suave, mais ensolarado, terras de admirável fertilidade, mais bem-estar, mais alegria, mais liberdade pelo passado, uma língua menos modulada porém mais sonora - meridional -, isto é o bastante para diferenciar bem profundamente os povos estreitamente aparentados da Ucrânia e da Grande Rússia. Percebe-se, imediatamente, a natureza econômica da diferença que existe entre eles. Antes da guerra de 1914-1918, três quartos da produção total de carvão do império provinham da Ucrânia; analogamente, dois terços dos minérios de ferro; três quartos do manganês; dois terços do sal; quatro quintos do açúcar; e nove décimos dos cereais exportados pela Rússia⁸. Era, de longe, a região mais rica do império. Os teóricos do movimento nacional ucraniano, burgueses naturalmente, censuravam o antigo regime por drenar, sistematicamente, para a Grande Rússia propriamente dita, os capitais e as riquezas da Ucrânia; por estimular o tráfico dos portos do Báltico em detrimento do Mar Negro; de pôr obstáculos ao desenvolvimento das indústrias ucranianas; finalmente, estavam em condições favoráveis para denunciar as durezas inqualificáveis da russificação. Com a queda da autocracia, o despertar do movimento nacionalista ucraniano seria imediato. Constituiu-se uma espécie de assembleia ucraniana, a *Rada*, que logo entrou em conflito com o governo provisório do

8. G. SAFAROV, "A Questão Nacional", in *Cinco Anos*, 1922.

príncipe Lvov. A Ucrânia exigia ampla autonomia. Os bolcheviques foram os únicos que deram sustentação a essa reivindicação. Assim, a *Rada* saudou a Revolução de Outubro como uma libertação mas, ao sacudir a tutela da burguesia grã-russa, a burguesia e a pequena burguesia ucranianas não pretendiam acompanhar o proletariado pelos caminhos da revolução social. Ora, os soviets operários da Ucrânia marchavam lado a lado com os da Grande Rússia. Desde 22 de outubro, o Soviete de Kiev havia formado um Comitê Revolucionário para tomar o poder. Por algum tempo, o soviets e a *Rada* formaram um só bloco contra os *cadets*, os mencheviques e os socialistas-revolucionários russos da municipalidade de Kiev, que defendiam o governo provisório de Petrogrado. Quando a causa de Kerenski foi perdida, outro bloco se constituiu imediatamente: os *cadets* (constitucionais democratas russos, partido da alta burguesia grã-russa, é bom lembrar) juntaram-se, desta vez, à *Rada* contra o bolchevismo. O conflito entre a "República Popular da Ucrânia" e o Soviete de Kiev se resolveria, a partir de então, a tiros de fuzil.

Nosso camarada G. Safarov ofereceu uma curiosa análise da distribuição das populações na Ucrânia. Na zona rural, os grão-russos constituem minorias por vezes muito exíguas (menos de 1/30, aproximadamente, da população na província de Poltava, 1/10 na de Kiev etc.); em contraposição, nas cidades, isto é, nos centros industriais e comerciais, o elemento grão-russo é, em geral, em maior número do que o ucraniano; nas pequenas cidades, freqüentemente predominam os judeus. Acrescentemos que a população das cidades não representa, no total, senão um décimo da do país. "Progressivamente, as cidades caíam sob a influência do elemento estrangeiro. A composição da sociedade ucraniana se apresentava, esquematicamente, com o seguinte aspecto: no topo, a burocracia russa, os proprietários fundiários e os capitalistas russos; a seguir, a pequena burguesia comercial, industrial e artífice das cidades, russa e judia; mais abaixo, a pequena burguesia rural ucraniana e seus intelectuais; finalmente, na base, o proletariado russo e ucraniano das cidades e da zona rural." A pequena burguesia rural - agricultores ricos e médios - constituíam, com seus intelectuais, a força do movimento nacionalista; como no Don e no Kuban, ela era ao mesmo tempo democrata e contra-revolucionária. Independência, república, propriedade: ela estava pronta a lutar encarniçadamente por esse ideal das jovens burguesias vencedoras.

A *Rada* de Kiev era composta por 213 agricultores, 132 representantes das forças armadas, 100 operários, empregados, intelectuais etc.

A *Rada* tentou dançar conforme a música. Seu manifes-

to de 6 de novembro é um curioso pastiche das declarações do governo dos soviets. Proclama o confisco das terras dos proprietários fundiários, da coroa etc., a partir de então propriedades da nação (uma assembléia constituinte ucraniana disporá delas); decreta a jornada de 8 horas; institui o controle governamental da produção industrial (controle *governamental*, não controle operário, se bem que os operários devam participar dele...); promete tomar medidas energéticas para pôr fim à guerra; abole a pena de morte; promulga uma ampla anistia política; anuncia uma reforma dos tribunais de acordo com "o espírito do povo"; anuncia uma ampla autonomia das instituições locais (quais?); marca as eleições da constituinte ucraniana para 27 de dezembro e a reunião desta assembléia para 9 de janeiro.

Sempre mantendo esta linguagem habilidosa, a *Rada* concedia aos oficiais brancos e às unidades de tropas concentradas no Don o direito de livre passagem por seu território; recusava esse direito às tropas vermelhas que se dirigiam para o sul; desarmava as formações soviéticas. O Conselho dos Comissários do Povo lhe dirigiu, a 4 de dezembro, um ultimato que começava por estas palavras significativas: "Reconhecemos, sem reservas nem condições, os direitos nacionais e a independência nacional do povo ucraniano /.../."

A *Rada* teve que tirar a máscara. Sua resposta confundiu numa mesma reprovação os elementos de extrema-direita e os bolcheviques, a anarquia das tropas vermelhas e a luta fratricida travada sobre o território dos Comissários do Povo. A *Rada* preconizava uma grande coalizão socialista e o estatuto federativo da república. Este documento, assinado por Vinnitchenko, Petliura e Mirny, era uma declaração de guerra.

Lutava-se já. A greve geral estourou em Kiev. A *Rada* caiu sob os golpes associados das milícias vermelhas de Petrogrado, de Moscou e de Kharkov, comandadas pelo vencedor de Pulkovo, Muraviev, e de algumas tropas vermelhas da frente de guerra da Romênia. Os vermelhos entraram em Kiev a 26 de janeiro. Uma vitória aliás incompleta; a guerra entre bandos irá durar até 1921 no sul da Rússia. Constituiu-se, em Kharkov, um governo dos soviets da Ucrânia.

Intervindo a favor da contra-revolução, a França não se limitara a reconhecer precipitadamente a independência da Ucrânia e a enviar a Kiev uma missão militar; Stephen Pichon havia concedido, no início de janeiro, à *Rada*, um empréstimo de 180 milhões de francos. A *Rada*, apoiada desse modo pelo governo francês, solicitou então, aconselhada por representantes franceses - o general Berthelot -, o apoio dos impérios centrais contra o bolchevismo.

5 - A TRAGÉDIA DA FRENTE DE BATALHA ROMENA

Na frente de batalha da Romênia, um exército russo de perto de um milhão de homens, posto sob o comando do general Chtcherbatchev, rematado reacionário, vinha inquietando há longos meses a monarquia romena, já então esmagada pelos impérios centrais. A corte e o estado-maior, refugiados em Jassy após a tomada de Bucarest pelos austro-alemães, haviam assistido, aterrorizados, aos regimentos russos, em 1º maio, libertaram Racovski, ovacioná-lo e aclamar a idéia de uma república romena. Por algumas horas, Jassy se viu em poder da revolução russa. Mas esta ainda estava buscando os próprios caminhos. A monarquia romena foi salva.

Em tempo o alto comando juntou seus esforços aos do governo romeno, dos representantes aliados e dos oficiais reacionários contra "a anarquia bolchevique". Quando a *Rada* da Ucrânia proclamou-se independente, Chtcherbatchev pactuou com ela. Travou-se, então, uma luta sangrenta, que iria durar meses, entre a tropa revolucionária e o comando, os quadros, os aliados, o governo romeno, os socialistas governamentais (socialistas-revolucionários e mencheviques) e a Ucrânia nacionalista, coligados contra a segunda revolução.

Um pequeno grupo de bolcheviques, à frente dos quais estava um jovem militante de grande valor, Semen Rochal, conseguiu por algum tempo dominar o estado-maior e assumir o comando do exército. Ao fim de alguns dias, foram presos (a 10 de dezembro). Oficiais ucranianos degolaram Rochal. Tratados duramente, diariamente ameaçados de igual sorte, seus 73 companheiros de cativo foram mais tarde, em março, trocados por representantes da burguesia romena detidos na Rússia. O exército romeno, comandado pelo general Averesco, apossou-se dos enormes estoques de material de guerra que o comando russo, de bom grado, lhe deixou. Os oficiais russos trataram de formar destacamentos brancos, um dos quais, o do general Drosdovski, reuniu-se mais tarde ao exército nascente de Denikin. Diversas unidades vermelhas do exército da Romênia conseguiram, lutando, abrir caminho através da Ucrânia.

O governo romeno, estimulado pelos aliados, já vinha preparando, desde algum tempo, a anexação da Bessarábia que, aparentemente, os aliados haviam lhe prometido no início da revolução russa (os impérios centrais haviam sido os primeiros a lhe oferecer isso). O "movimento nacional" moldavo tinha, na Bessarábia, caráter análogo ao do movimento nacional ucraniano - exceto pelo fato de os serviços secretos do estado-maior romeno lhes fornecerem o mais sólido alicerce. Às antigas ambições da burguesia romena acrescentavam-se os temores imperiosos do momento presente; era preciso espoliar a revolução para detê-la. A Bessarábia era um perigoso foco de contágio revolucionário; as recordações da sublevação camponesa de 1907, repercussão da primeira revolução russa, dominavam o espírito dos boiardos⁹, valáquios e moldavos. Seus representantes constituíram um pretense "Conselho Nacional", o *Statul Tserii*, eleito por organizações inexistentes em que os moldavos teriam maioria¹⁰. Seu partido nacional tratou de formar um exército. Porém, era tal o estado de espírito dos soldados que, quando os romenos tentaram pela primeira vez, no início de janeiro, entrar em Kichinev, os regimentos moldavos os repeliram em combinação com as tropas revolucionárias russas. Para submetê-los, foi preciso fuzilar uns 20 soldados revolucionários.

O *Statul Tserii*, presidido por um ex-comissário do governo Kerenski, allás um socialista-revolucionário, reuniu-se a 21 de novembro para sustentar um discurso análogo ao da *Rada* ucraniana. Nem a oposição de alguns socialistas de bem conseguiu impedir a constituição de um diretório inteiramente à disposição dos romenos. Todos os meios de intriga, de intimidação, de corrupção e de demagogia foram utilizados por essa assembléia, em que agentes romenos chegavam até a personificar bolcheviques, como um tal Buzdugan que, a 27 de março seguinte, iria ler a mensagem do *Statul Tserii* ao rei da Romênia.

Os romenos, apoiados pelo general Chtcherbatchev, ocupavam, contudo, os pontos estratégicos, interrompendo o abastecimento das tropas revolucionárias.

Somente conseguiram vencer Kichinev após conseguir quebrar, durante uma dura batalha de vários dias, a resistência dos camponeses moldavos e dos revolucionários russos¹¹.

9. Os boiardos romenos constituem uma espécie de nobreza de proprietários fundiários; eles sufocaram o levante camponês de 1907 com o sangue de 15 mil camponeses.

10. Pelos números que se seguem, poderá julgar-se o que representava o *Statul Tserii*. As eleições para a assembléia constituinte ocorriam exatamente no momento em que se constituía este falso parlamento nacional. Uma quarta parte da população, ou seja, 600 mil pessoas, participou do escrutínio, distribuindo-se os votos da seguinte maneira: lista dos soviets, 200 mil; socialistas-revolucionários, 229 mil; minoria judia, 60 mil; *cadets*, 40.000; "Partido Nacional Moldavo", 14 mil. Portanto, o partido que dominava no *Statul Tserii* não reunia mais do que 2,3% dos votos. Ele não teve representação na constituinte.

11. Sobre a anexação da Bessarábia, ver p.224.

6 - MASSACRES DE OFICIAIS

A esta época e a estes acontecimentos é que se deve relacionar o início espontâneo do terror vermelho. Ele foi consequência direta de toda uma série de fatos. Os conselhos de guerra só mantinham a disciplina dentro do exército por meio da pena de morte, isto é, pelo terror legal sistematicamente exercido. A lembrança das cruéis repressões de 1905 e 1906 estava ainda bem presente no exército e na armada. Os oficiais surgiam afinal, por toda a parte, como os agentes mais ativos da contra-revolução. Durante muitos meses, haviam clamado energicamente pelo restabelecimento da pena de morte nas forças armadas, único instrumento real de disciplina. Acostumados, com a guerra, a tratar a rebelião como uma fera perigosa que se abate sem qualquer forma de processo, depositavam sua esperança no terror. Episódios análogos ao do massacre dos operários no arsenal do Kremlin pelos *junkers*, durante a batalha nas ruas de Moscou, ocorriam quase sempre onde quer que os oficiais fossem, por algum tempo, mais fortes. A semente de ódio assim espalhada a mancheias germinou em poucas semanas. O general Denissoff fornece uma estatística interessante dos oficiais massacrados pelos soldados, apenas na região do Don, entre 13 de fevereiro e 14 de abril de 1918: 14 generais, 23 coronéis e 292 oficiais de carreira¹².

Alguns fatos episódicos nos esclarecerão sobre o caráter desta onda de terror.

Um oficial anda pela rua de uma pequena cidade da Criméia. Ninguém repara nele. Mas um mendigo, aleijado das pernas, o percebe. Aquele pedaço de homem se agarra às pernas do oficial: "Arranque suas dragonas, camarada, arranque isso!" O oficial aperta o passo. Então, o aleijado incita a multidão aos gritos de: "Camaradas! Olhem só a contra-revolução passando!"

Esta cena foi relatada por uma testemunha ocular¹³.

A mesma testemunha relata a execução de oficiais da marinha, ocorrida em Sebastopol. Os marinheiros vermelhos ocupavam a estação ferroviária. Cada oficial da marinha

12. S.V. DENISSOV *O Começo da Guerra Civil no Sul*. O autor é um branco.
13. N. KRICHEVSKY, *Na Criméia*, arquivos da revolução russa, Berlim, vol XIII.
(Publicação de exilados.)

que chegava era sumariamente interrogado. Se houvesse servido em 1905 e 1906, na época em que os conselhos de guerra da armada destacaram-se por seu rigor, era imediatamente posto contra o muro. Os outros oficiais atravessavam sem dificuldades, sob o olhar severo dos marinheiros, aqueles cruzamentos ensangüentados.

Após os primeiros combates da guerra civil, depois das traições da frente de guerra romena, dos complôs e das sublevações na Ucrânia, no Don, no Kuban, nos Urais e na Criméia, a fúria dos marinheiros e dos soldados parou de fazer distinção entre oficiais.

Os primeiros despachos do sul, anunciando execuções em massa de oficiais, foram publicados em Petrogrado na segunda quinzena de janeiro. Descreviam os acontecimentos da Criméia. À frente de destacamentos tártaros, oficiais haviam se tornado, por algum tempo, senhores de península, não deixando de fuzilar seus prisioneiros bolcheviques. A chegada dos marinheiros vermelhos inverteu a situação.

Um telegrama de 20 de janeiro, relatando o bombardeio de Ialta por dois torpedeiros vermelhos, termina com as seguintes linhas: "Dezenas de oficiais foram executados. Foram liquidados à beira do mar, amarrados a pesadas pedras e afogados. Seus cadáveres estão boiando no porto [...]. Dois grandes negociantes foram fuzilados".

Fatos análogos se deram na maior parte das pequenas cidades da Criméia. O terror nascia naqueles locais que estão entre os mais belos e os mais graciosos da Rússia.

O mais das vezes, ainda não passava, nas regiões em que fervia a guerra civil, do massacre dos oficiais por seus próprios soldados. Nas capitais e na maior parte de seu território, a revolução demonstrava, para com seus inimigos, uma longanimidade que só iria cessar ao fim de vários meses.

7 - O ARMISTÍCIO

○ Conselho dos Comissários do Povo começava sua difícil luta pela paz.

Podiam ser enormes os riscos implicados por essas iniciativas. O que se sabia exatamente sobre a divisão interna dos demais países beligerantes? Se era exata a estimativa dos bolcheviques - baseada em sua confiança no proletariado

revolucionário e em sua certeza sobre a devastação dos países em luta - sua tática audaciosa era a correta, uma vez que só contribuiria para amadurecer os acontecimentos. Mas, se estivessem enganados? Se estivessem enganados apenas sobre o grau de maturação da situação? Não iria o estado-maior dos impérios centrais responder às propostas de armistício com operações fulminantes contra um exército em plena desagregação, cujos oficiais não eram mais obedecidos, cujos soldados, unidades inteiras, se desmobilizavam por conta própria, para voltar para casa? Os bolcheviques pareciam deixar, sem volta, a revolução. Se a Alemanha ainda tivesse forças para recusar suas propostas, poderiam manter a guerra revolucionária que, em princípio, admitiam?

O êxito da estratégia de Lenin na luta pela paz não nos deve fazer esquecer por entre quais incertezas era preciso agir.

A 18 de novembro, no momento em que a *stavka* sucumbia, um trem especial transportava para Brest-Litovsk a delegação soviética encarregada de negociar o armistício. Compunha-se de nove pessoas: A.- A. Ioffe, velho exilado, antigo colaborador de Trotsky na *Pravda* vienense; L. B. Kamenev; S. G. Mstislavski, oficial socialista-revolucionário de esquerda e talentoso jornalista; G. I. Sokolnikov, um ex-terrorista (também socialista-revolucionário de esquerda); A. A. Bitzenko; um marinheiro, um soldado, um camponês e um operário. A delegação era acompanhada por oficiais superiores, na qualidade de peritos. Seu secretário, um simples militante, chamava-se Karakhan. À chegada nas linhas alemãs, o príncipe Leopoldo da Baviera veio saudá-la. O general Hoffmann era o chefe dos plenipotenciários dos impérios centrais.

Essas negociações foram um duelo¹⁴. Pela primeira vez na história moderna, homens tão diversos representando, não estados, mas classes sociais inimigas, defrontavam-se tranqüilamente em torno de um tapete verde, polidos, reservados, observadores, dominados por um ódio friamente consciente. De um lado, os uniformes agaloados e cintilantes de condecorações dos príncipes e dos generais; do outro, a insolência de um blusão de marinheiro, de um gabão de camponês, de um capote de soldado, de uma blusa de eterno estudante, roupas escuras sem uma insígnia sequer, roupas civis de exilados de há pouco, trajes sóbrios de insurretos vitoriosos.

Cada palavra foi pesada de uma e de outra parte. Por sobre a cabeça dos generais, os russos queriam falar às tropas, às massas; por sobre a cabeça dos austro-alemães, queriam falar a todos os beligerantes. Seus adversários visavam fins imediatos muito práticos. Assim mesmo, ouviram

14. MSTISLAVSKI, *Brest-Litovsk. As Negociações do Armistício.*

com atenção as insolentes declarações de princípio, lidas com impassibilidade por Kamenev. Quando se chegou às propostas concretas, os russos, convidados a formular as suas, foram tomados de surpresa: tal fora a rapidez da improvisação que *nada havia sido preparado!* Era preciso ganhar tempo. Hoffmann não concordou em falar primeiro. Quem fala primeiro expõe suas baterias. Após alguma reflexão, os russos propuseram as seguintes condições: armistício de seis meses; os austro-alemães se comprometeriam a não deslocar suas tropas da frente de guerra oriental para a ocidental; liberdade de propaganda; confraternização das tropas; os impérios centrais evacuariam a forte posição estratégica de Moonsund¹⁵. Esta última cláusula soou aos centrais como um ultraje que, aliás, suportaram sem vacilar. Ofereceram um armistício de 14 dias. A Intransigência dos russos os embarçou: separaram-se com uma interrupção temporária das hostilidades.

Retomadas as negociações, a 2 de dezembro o armistício foi concluído por 28 dias, renováveis. Os austro-alemães não deviam executar nenhum reagrupamento de tropas entre as frentes de guerra, compromisso este bem mais formal do que real. A convenção admitia, sob a forma de "contatos organizados", a confraternização das tropas. Hoffmann recusara por muito tempo essa cláusula. Kamenev acabou por conseguir que fosse aceita. "Ora essa", dizia-lhe o general alemão, "não seja intratável: a proibição não impedirá que os soldados confraternizem." Esse general era um realista.

8 - MÃOS À OBRA

O período entre os primeiros dias de novembro e a dissolução da assembleia constituinte (7 de janeiro de 1918) preencheu-se, internamente, pela resistência econômica das antigas classes dirigentes, pela luta política em torno da constituinte e pela luta pela paz. Devemos analisar separadamente estas três ordens de acontecimentos que, na verdade, não eram mais do que aspectos de um único processo.

Já conhecemos a situação geral daquele momento. A simples enumeração dos principais atos do regime dos soviets nos esclarecerá sobre a massa de trabalho realizada.

15. Estreito situado entre as ilhas de Dago e d'Oesel e a costa estoniana.

Novembro: dia 10, decreto abolindo as distinções de castas e a hierarquia civil¹⁶; dia 22, decreto sobre a requisição de roupas de inverno para o exército; dia 26, demissão, pelo comissário para as Relações Exteriores, Trotsky, de 28 diplomatas e agentes consulares da Rússia no exterior (desta lista, constam todos os embaixadores da Rússia junto às grandes potências); 1º de dezembro, criação do Conselho Superior de Economia; dia 7, criação da Comissão Extraordinária de Luta contra a Sabotagem e a Contra-Revolução, abreviadamente *Ve-Tcheka*; dia 9, abertura das negociações de paz de Brest-Litovski; dia 11, decreto instituindo a jornada de trabalho de 8 horas nas redes ferroviárias; criação de um comissariado para a Instrução Pública (anteriormente, o ensino era da competência da igreja); dia 16, decreto instituindo a elegibilidade dos postos militares no exército; decreto referente ao confisco dos bens da Sociedade Metalúrgica Russo-Belga; dia 17, confisco do comércio de imóveis nas cidades; dia 18, decreto instituindo o casamento civil; dia 19, decreto instituindo o divórcio; dia 21, decreto sobre a simplificação da ortografia; instrução ao Tribunal Revolucionário; dia 24, confisco das fábricas Putilov; dia 29, ato prescrevendo a interrupção de pagamento dos cupões de renda, dividendos etc.; dia 31, criação de um colegiado de proteção à maternidade e à infância; a 3 de janeiro, proclamação da República Federativa dos Sovietes da Rússia; decreto sobre a organização de um exército vermelho socialista...

Vigor formidável, formidável trabalho criador! Com a sabotagem atrapalhando tudo, a contra-revolução cavava suas trincheiras por toda parte. Nesse momento, seus elementos ativos são: a alta burguesia, reunida em torno do partido *cadet*, os oficiais, algumas dezenas de milhares de homens e o Partido Socialista-Revolucionário. A 6 de novembro, foi preso o antigo dirigente dos "verdadeiros russos" ultra-reacionários, Purichkevitch. Encontrou-se em seu poder uma carta dirigida ao atamã Kaleidin, onde se dizia: "A situação só pode ser salva com a formação de regimentos de oficiais e de *junkers* [...]. O poder está nas mãos de uma plebe de criminosos que só se conseguirá dominar por meio de fuzilamentos e enforcamentos públicos"¹⁷.

Observe-se, a 7 de novembro, em documento redigido por Trotsky e publicado em nome do Conselho Revolucionário Mili-

16. A hierarquia do antigo regime, estabelecida em 1722 por Pedro, o Grande, compreendia as classes civil, eclesástica, militar, da marinha, da corte e das ciências. A hierarquia civil, por exemplo, compreendia catorze títulos, que iam do Chanceler de Estado (dignidade correspondente ao posto de general-de-campo marechal no exército) e do "Conselheiro Secreto Efetivo" até o "Registrador de Colégio" (este título civil corresponde ao posto de sub-tenente). Na conversação e na correspondência, as pessoas deviam ser qualificadas segundo sua posição: nobreza, alta-nobreza, altíssima-nobreza, excelência, alta-excelência etc.

17. Ainda era tal a mansuetude do regime dos soviets que Purichkevitch, um dos grandes responsáveis pelo anti-semitismo russo, recuperou mais tarde a liberdade e pôde ir para o estrangeiro. Morreu no exílio. Dele se conhece o livro *Como Matel Rasputin*.

tar, a primeira ameaça das medidas que deveriam caracterizar, posteriormente, o "comunismo de guerra". Verificando que a sabotagem levava o país à fome, o CRM advertia as classes ricas que elas "estavam brincando com fogo". "Elas serão as primeiras a sofrer as conseqüências da situação que criam. As classes ricas e seus auxiliares serão privados do direito de receber produtos. Todos os seus estoques serão requisitados. Os bens dos principais culpados serão confiscados." Convocava-se a população trabalhadora a boicotar os sabotadores.

No início de dezembro, a situação se agravou subitamente em Petrogrado, devido ao saque das adegas de vinho. Multidões-ébricas, furiosas e desmoralizadas ameaçaram a capital com uma crise de anarquia. Foi preciso nomear um comissário extraordinário, com plenos poderes, para reprimir uma rebelião.

Reagindo aos conluios da contra-revolução, Lenin propôs (discurso de 1º de dezembro no Executivo Pan-russo dos Sovietes) declarar inimigos do povo os constitucional-democratas (*cadets*). Dizia ele: "Quando uma classe revolucionária está em choque com as classes ricas que a ela resistem, deve quebrar essas resistências; e não quebraremos as resistências dos ricos a não ser pelos mesmos meios que eles próprios empregaram contra o proletariado. Ainda não se inventaram outros meios".

Lenin se recusava, como pediam que fizesse, a perseguir personalidades: "O que devemos atacar é o estado-maior de toda uma classe". De fato, não se tratava de ser mais ou menos justo para com pessoas. O partido de Miliukov encontrou nos socialistas-revolucionários de esquerda e em Máximo Gorki defensores inesperados. O grande escritor foi, ainda esta vez, erradamente inspirado por seu amor à cultura. "O partido *Cadet*", escrevia ele, "reúne os homens mais cultos do país" (*Novoia Jizn*, 7 de dezembro). O partido de Thiers e de Galiffet, em 1871, também não reunia os homens mais cultos da França? No fundo, a medida era bastante anódina. Seguiram-se umas poucas prisões.

Poucos dias depois disso, os socialistas-revolucionários de esquerda, depois que a maioria do II Congresso Pan-russo dos Sovietes Rurais se manifestou favorável à Revolução de Outubro, aceitavam, finalmente, participar do poder. Seis de seus dirigentes entravam para o Conselho dos Comissários do Povo (Prochian, Algassov, Trutovski, Steinberg, Mikhailov e Ismailovitch). Lenin considerava que o bloco dos bolcheviques e dos socialistas-revolucionários de esquerda, partido de influência na zona rural, "podia ser uma coalizão honesta, pois não há desacordo fundamental entre os interesses dos operários e dos camponeses trabalhadores e explorados". "O socialismo", escrevia ainda, "pode muito bem satisfazer a uns

e outros. E apenas o socialismo pode fazê-lo." Mesmo discorrendo dos camponeses a respeito de questões programáticas, os bolcheviques deviam, segundo sua opinião, apolá-los contra a burguesia¹⁸.

As opiniões gerais de Lenin, nesse momento, exprimem-se melhor num discurso pronunciado no Congresso da Marinha de Guerra¹⁹. Destaquemos alguns trechos dele:

"Eis as massas oprimidas diante da mais difícil tarefa: devem, elas mesmas, construir o estado. Vocês vêem qual é a capacidade de resistência da burguesia, como se procura impedir nossa atividade por meio da sabotagem, as ondas de mentiras e de calúnias são lançadas sobre nós a qualquer propósito e sem nenhum propósito /.../.

"Dizemos nós: é preciso um regime forte, é preciso coerção e violência. Mas delas nos utilizaremos contra um punhado de capitalistas, contra a classe burguesa /.../.

"As classes trabalhadoras só podem contar com elas mesmas /.../. Acreditemos em nossas próprias forças! /.../ Divididas, as massas são impotentes; unidas, são fortes".

9 - AS ELEIÇÕES PARA A CONSTITUINTE

As eleições para a assembleia constituinte, adiadas por tanto tempo pelo governo provisório, por pressão da burguesia, tiveram lugar em meados de novembro.

Todas as classes e todos os partidos participaram dela, mas com estados de espírito muito diferentes. A burguesia propriamente dita depositava poucas esperanças na futura assembleia. São inúmeros os testemunhos que a apresentam, neste momento, em profunda confusão, sem cabeças, sem chefes, sem programa de ação, sem caminho definido. O exército de voluntários do general Alexeiev só recebe, dos meios comerciais e industriais, subsídios insignificantes; os chefes militares não são compreendidos, o egoísmo individual predomina sobre o espírito de classe.

A resistência armada à revolução é característica de generais reacionários e da casta militar, aumentada em muito

18. Volante de 18 de novembro.

19. A 22 de novembro.

durante a guerra. Dentre os oficiais de carreira, prevalecem a aristocracia e a burguesia; os outros, os mais numerosos, são recrutados entre os intelectuais e a pequena burguesia. São esses os elementos viris da contra-revolução. Zombam da constituinte. Para eles, trata-se de constituir, em torno de um novo centro governamental, regimentos confiáveis e de restabelecer a ordem como se faz a guerra, sem economia de munições.

A constituinte só era esperada com um espírito que chegava às raias do misticismo pelo Partido Socialista-Revolucionário. Há muitos meses já, esse partido, renunciando a suas tradições revolucionárias, vivia numa espécie de embriaguez democrática. Sentindo-se forte com o sufrágio de milhões de camponeses, dos intelectuais, das classes médias das cidades e até mesmo de alguns elementos radicais da burguesia, e estimulado pelo socialismo internacional e pelos governos aliados, o Partido Socialista-Revolucionário, certo de uma substancial maioria na próxima constituinte - a que, sem dúvida, se seguiria um legislativo - acreditava ser o grande partido parlamentar e governamental do amanhã. Poderia ser diferente?

A previsão do êxito eleitoral dos socialistas-revolucionários incomodava os bolcheviques. Lenin havia querido modificar o estatuto eleitoral, atribuir o direito de voto aos jovens de 18 anos, decretar a possibilidade de destituição dos candidatos e dos eleitos, negar o direito de voto aos *cadets* e aos contra-revolucionários. Porém, os próprios bolcheviques haviam exigido a convocação da constituinte que, sob o governo provisório, representara um progresso. E a assembleia era esperada pelas províncias. "Teremos avançado muito", indagava Lenin, "se a assembleia se compuser de *cadets*, de mencheviques e de socialistas-revolucionários?" Respondiam a ele: "No momento em que ela se reunir, seremos mais fortes do que hoje". Lenin cedeu à maioria, não sem expressar seu desejo de que "esse erro não custasse a cabeça da revolução!"²⁰

Ele deixou bem claro seu pensamento sobre a assembleia constituinte em teses publicadas pelo *Pravda* em fins de dezembro. Passamos os olhos sobre elas. A constituinte, concretizando numa república burguesa a forma mais elevada da democracia, tinha seu lugar legítimo no programa da social-democracia. Ora, os soviets constituem uma forma de democracia superior, a única que assegura a passagem mais indolor para o socialismo. O sistema de votação atual é falsificado, pois se realiza sobre listas eleitorais, superadas, anteriores às grandes mudanças que se verificaram no país. O partido mais popular entre os camponeses, o Partido Socialis-

20. Ver L. TROTSKY, *Sur Léline*, cap. IV, Librairie du Travail.

ta-Revolucionário, apresenta-se com listas únicas, quando, na realidade, está dividido²¹. A maioria do povo não teve ainda a possibilidade de se dar conta do alcance da revolução soviética; as reeleições dos Comitês de Exércitos, dos Comitês de Província etc., mostram quais são os reagrupamentos políticos que estão em vias de se concretizar. Por outro lado, os contra-revolucionários iniciam, no sul e na Finlândia, a guerra civil, "eliminando, desse modo, qualquer possibilidade de resolver, por meio da democracia formal, as questões mais prementes".

Estas questões não podem ser resolvidas senão por meio da vitória completa dos operários e dos camponeses, mediante a "repressão implacável da sublevação dos escravagistas". Considerar a assembléia constituinte como algo fora da luta de classes e da guerra civil significa colocar-de do ponto de vista da burguesia. A constituinte, "caso se visse em desacordo com o regime dos soviets, estaria condenada a uma morte política inelutável". "Os interesses da revolução têm primazia sobre os direitos formais da constituinte. Que fazer para resolver a crise? Que o povo se utilize do direito de reeleger os membros da assembléia; que esta se manifeste em favor dos soviets e condene a contra-revolução. Ou então "a crise não se poderá resolver senão por métodos reacionários".

Concluídas em fins de novembro, as eleições tiveram os seguintes resultados: a 30 de dezembro, 520 deputados estavam eleitos, dos quais 161 bolcheviques, 267 socialistas-revolucionários, 41 socialistas-revolucionários e mencheviques ucranianos, 15 *cadets*, 3 mencheviques, 33 deputados (em sua maioria, socialistas-revolucionários) das minorias nacionais ou de pequenos partidos²². Participaram do escrutínio 36.262.560 eleitores, distribuindo seus sufrágios como se segue:

Partidos burgueses (<i>cadets</i> etc.)	4.600.000, ou 13%;
Socialistas-Revolucionários	20.900.000, ou 58%;
Mencheviques	1.700.000, ou 04%;
Bolcheviques	9.023.963, ou 25%;

Portanto, os socialistas-revolucionários e os mencheviques totalizaram, em conjunto, 22,6 milhões de votos, ou seja, 62% do total. Esses dados, apresentados pelo socialista-revolucionário N. V. Sviatitzki²³ foram comentados, em 1919, por Lenin,

21. É preciso assinalar esse grave - e característico - erro cometido pelos socialistas-revolucionários de esquerda. Separados dos socialistas de direita por um fosso impossível de se transpor, mas ligados a uma tradição comum, ao velho nome do partido, a antigas ilusões sobre a maioria, apresentaram com estas listas comuns. Sua popularidade resultou em benefício dos socialistas-revolucionários da contra-revolução.

22. Na verdade, houve mais de 600 eleitos; mais de 150 não tiveram tempo se dirigir a Petrogrado.

23. N. SVIATITZKI "As Eleições para a Constituinte", in *Um Ano de Revolução*

em notável estudo intitulado *As Eleições para a Constituinte e a Ditadura do Proletariado*. Os dados possuem sua eloquência, desde que se saiba lê-los. A zona rural votara nos socialistas-revolucionários, as cidades industriais, nos bolcheviques. A imensa maioria do proletariado havia aderido a estes últimos. (O número relativamente impressionante de votos conseguidos pelos mencheviques não deve iludir; eles obtiveram cerca de 800 mil sufrágios não-proletários no Cáucaso, feudo seu.) Desse modo, nas duas capitais tomadas conjuntamente, os resultados das eleições foram:

<i>Cadets</i>	515.000
Socialistas-revolucionários	218.000
Bolcheviques	837.000
Total	1.765.000

Não menos significativa foi a distribuição dos votos no exército:

Socialistas-revolucionários	1.885.000
<i>Cadets</i>	51.000
Minorias nacionalistas	756.000
Bolcheviques	1.791.000 (com a frota)

"O exército", conclui Lenin, "havia, em mais da metade, aderido aos bolcheviques, sem o que não teríamos vencido." Outro fato decisivo: as frentes de batalha próximas das capitais, isto é, as mais bem informadas e as mais importantes - frente ocidental e frente norte - apresentavam enorme maioria para os bolcheviques: 1 milhão de votos contra 420 mil para os socialistas-revolucionários.

Portanto, os bolcheviques, tendo conseguido apenas a quarta parte dos sufrágios, estavam certos de vencer em função da distribuição de suas forças.

"Ter, no momento decisivo e nos pontos em que a ação se decide, uma esmagadora supremacia de forças - essa lei que rege os êxitos militares rege também os êxitos políticos, sobretudo durante a dura guerra de classes que se chama revolução."

"Em todos os países capitalistas, as forças do proletariado são infinitamente maiores do que seu poderio numérico em relação ao conjunto da população. O proletariado domina economicamente os centros e os nervos do sistema econômico capitalista como um todo".

Quanto às massas camponesas, o proletariado não pode conquistar seus votos senão após haver tomado o poder: "O poder político pode e deve se tornar, nas mãos do proleta-

Russa (1917-1918), Moscou, 1918. A estatística do autor se refere à Rússia e à Sibéria, com exceção de determinadas regiões (Olonez, Estônia, Kaluga, Besarábia, Podólia, Oremburgo, região Yakut, Don).

riado, o meio de colocar a seu lado as massas trabalhadoras não proletárias, o meio de conquistar essas massas à burguesia e aos partidos pequeno-burgueses".

Estes ensinamentos, Lenin somente iria deduzir dos acontecimentos do ano seguinte. Às vésperas da reunião da constituinte, os bolcheviques, embora muito seguros de si mesmos, tomaram todas as providências para quebrar as eventuais resistências da "democracia" socialista-revolucionária.

"O erro é evidente", dizia Lenin. "Tomamos o poder e nos colocamos numa tal situação que eis-nos aqui obrigados a reconquistá-lo pela força!"²⁴

Ele não confiava nos regimentos camponeses.

10 - A DEFESA DA CONSTITUINTE

Com efeito, nada autorizava prever a impotência tão completa da democracia pequeno-burguesa.

Devemos a um militante socialista-revolucionário o relato detalhado da defesa e da preparação dos trabalhos da constituinte. Documento este dos mais interessantes²⁵.

O autor acentua que a idéia da assembléia constituinte foi, por excelência, a do Partido Socialista-Revolucionário, partido da democracia; essa idéia continua estranha ao povo que, por compreendê-los melhor, preferia os soviets à constituinte. "Os soviets são nossos!", dizia-se. Os camponeses votavam por vontade própria no Partido Socialista-Revolucionário, "o partido deles", eles queriam a terra; não tinham idéia clara sobre a constituinte e antes a viam como um meio do que como um fim.

Estando a maioria socialista-revolucionária da constituinte, infalivelmente, fadada a entrar em conflito com os "usurpadores bolcheviques", era preciso pensar em defendê-la e em armá-la. Constituiu-se um Comitê de Defesa da Constituinte, aliás abertamente, com uma sede muito freqüentada no centro da cidade. Não foi, como testemunha B. Sokolov, mais do que um comitê de intelectuais sem contato com os operários, sem contato com a guarnição...

24. TROTSKY, *Sobre Lenin*.

25. Boris SOKOLOV, *A Defesa da Assembléia Constituinte*, t. XIII dos Arquivos da Revolução Russa, Berlim, 1924 (publicação dirigida por exilados). O autor desse trabalho manteve-se fiel à doutrina da constituinte.

A *Organização Militar* do Partido Socialista-Revolucionário representava uma força bem mais real. Exercia influência predominante sobre dois regimentos da guarnição, os de Semenovski e de Preobrajenski, nos quais havia colocado perto de seiscentos de seus filiados. Contava com a companhia dos carros blindados. Publicava um jornal anti-bolchevique, *Casaco Cinzento (Seraia Chinel)*. Algumas dezenas de soldados socialistas-revolucionários, trazidos de volta da frente de batalha, haviam sido reunidos sob o disfarce de uma Universidade Popular de Soldados. E havia ainda a Organização de Combate (terrorista) do partido, contando com uns trinta homens ousados e dirigida por um certo Ortpko.

Essas forças eram bastante consideráveis. Se bem utilizadas, teriam dado o que fazer aos bolcheviques. Não utilizadas, desmoralizaram-se e se perderam.

Dominados por uma espécie de psicose parlamentar, de que não conhecemos exemplo análogo, os políticos socialistas-revolucionários parecem haver perdido todo contato com a realidade. O relato de Sokolov é mais cômico do que trágico. A fração socialista-revolucionária da constituinte, ocupando um prédio nas proximidades do palácio de Taurida, ali se entregava, sob a alta inspiração dos oráculos do partido, Tchernov e Avksentiev, a grandes trabalhos preparatórios. Comissões, sub-comissões e gabinetes deliberavam durante longo tempo, todos os dias, elaborando projetos de lei, estudando a futura constituição democrática, em suma, preparando-se para legislar e para governar, não sem um belo cerimonial parlamentar à ocidental.

Absorvidos por seu jogo parlamentar, os constituintes não queriam ouvir falar de resistência à possível violência dos bolcheviques. Sua casa estava aberta a quem quer que chegasse. Não receavam a vigilância que se exercia sobre seus telefones. Inteiramente absortos em seus trabalhos, não punham os pés nas casernas e nas fábricas - onde se multiplicavam seus colegas bolcheviques.

A Federação dos Funcionários Públicos e Empregados se ofereceu para apoiar sua ação com uma greve geral. Declinaram dessa oferta. Falavam-lhes que se defendessem: "Defender-nos? Não fomos nós eleitos pelo povo soberano?" - "Acreditava-se que um poder indefinido protegia a constituinte; que o grande povo russo não permitiria a profanação da maior idéia engendrada pela revolução /.../" (B. Sokolov). Deleitavam-se com essas palavras tidas como idéias.

Os chefes do Partido Socialista-Revolucionário, especialmente Tchernov, partilhavam desta psicose parlamentar, sem dúvida sustentada por uma consciência bastante nítida de sua impotência. "Os bolcheviques não se atreverão", afirmavam eles.

Gotz parece ter sido um pouco mais clarividente. Tomou parte ativa nos preparativos da manifestação "pacífica" de 5 de janeiro, destinada a proporcionar à assembléia, no dia de sua abertura, o apoio das ruas. Pacífica? O Comitê Central socialista-revolucionário decidiu que assim seria no último momento; tudo estava preparado para transformá-la num golpe de força. Treze carros blindados deviam marchar sobre Smolny; os regimentos socialistas-revolucionários teriam apoiado o movimento. No último momento, os constituintes condenaram esta ação.

O grupo terrorista socialista-revolucionário de Onipko preparava com êxito o rapto - ou o assassinato - de Lenin e Trotsky. Seus homens haviam conseguido infiltrar-se em Smolny; um deles havia se tornado motorista de Lenin; outro era porteiro de uma casa freqüentemente visitada por Lenin. Trama igualmente hábil foi urdida em torno de Trotsky. O Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário se recusou, no último momento, a autorizar estes atentados. Motivo: os dois chefes da revolução, eram demasiado populares e seu desaparecimento teria provocado represálias terríveis; ao mesmo tempo, estava terminada a era do terrorismo. Há nisso uma mescla curiosa de bom senso político e de pusilanidade. (Dois dos terroristas tentaram, apesar de tudo, matar Lenin, cujo carro, a 2 de janeiro, foi atingido por diversos tiros de revólver, no centro da cidade.)

Nas fábricas sob sua influência, os socialistas-revolucionários vindos para preconizar a luta contra os bolcheviques foram friamente recebidos. Indagaram-lhes "se não seria melhor entenderem-se com os bolcheviques, dedicados à causa do povo". Trabalhados por agitadores bolcheviques, os comitês dos regimentos de Semenovski e de Preobrajenski acabaram por recuar.

A manifestação do dia 5 foi muito concorrida²⁶ e lastimável. A pequena burguesia urbana compareceu a ela em grande número. As ruas centrais da cidade estavam atulhadas de gente. Alguns tiros disparados aqui e ali pelos marinheiros dispersaram aquela multidão frouxa abandonada e desarmada por chefes indecisos. "Foi absurdo e ridículo", diz nosso autor. Ele considera que os bolcheviques não teriam tido força para resistir a uma manifestação armada, conduzida com energia. Por certo se engana quanto a isso, e bastante. Mas o desafio nervoso que se segue às grandes ações de massa torna por vezes difícil sua retomada a curto

26. Boris Sokolov confessa que a maioria dos manifestantes pertencia a camadas - burguesas e médias - da população, movidas muito mais pelo ódio ao bolchevismo do que por simpatia pela constituinte. Estes elementos reacionários já se agrupavam instintivamente, como aconteceu quando das primeiras ações importantes da guerra civil, por trás dos socialistas-revolucionários e da constituinte. Tenhamos em mente este testemunho.

prazo. O cansaço do proletariado de Petrogrado talvez tivesse comprometido, por um dia, a situação.

A assembléia, reunida nessa atmosfera de rebelião frustrada, sentiu-se condenada. De suas nebulosas ilusões, nada mais restava do que uma mescla de medo, de resignação cívica e de pose. Os constituintes nada mais tinham a fazer do que terminar primorosamente: posar para a história, pronunciar palavras memoráveis. Essa parece mesmo ter sido a preocupação predominante do primeiro parlamento da pequena burguesia russa, o mais lamentável dos parlamentos... "Muitos de nós, deputados, vínhamos indagar a nossos dirigentes: 'Se os bolcheviques usarem de violência, nos agredirem, ou mesmo nos matarem, que devemos fazer?' E a resposta muito clara que nos era dada define admiravelmente a ideologia da fração: 'Lembremo-nos que fomos eleitos pelo povo e estamos dispostos ao sacrifício de nossas vidas!'. Os deputados resolveram não se separar, caso as coisas se tornassem trágicas. E fizeram provisão de... sanduíches e velas, prevendo o caso de os bolcheviques lhes cortarem a eletricidade e o abastecimento.

Em suma, no dia da constituinte, no momento de travar sua batalha decisiva - perante a história... -, o Partido Socialista-Revolucionário fraquejou. Os sangrentos fracassos da resistência de Moscou à insurreição operária, do levante armado dos *junkers* e da resistência do CQG haviam produzido seu efeito. Os políticos da contra-revolução democrática estremeciam diante das massas.

11 - A CONSTITUINTE. DESMORONAMENTO

O presidente do Executivo Pan-russo dos Soviotes, I.-M. Sverdlov²⁷, abriu a sessão da assembléia constituinte. Grande, de ombros largos, a abundante cabeleira caída em

27. A biografia de Iakov Mikhailovitch Sverdlov é a de um indômito revolucionário. Oriundo de família de artífices de Nijni-Novgorod, farmacêutico de profissão, militante bolchevique ilegal a partir de 1903. Preso por cinco vezes, condenado, primeiro, a dois anos e seis meses de prisão numa fortaleza - pena cumprida -, depois, a quatro anos de desterro nas regiões desérticas geladas de Narym, lá posto sob as mais duras condições em consequência de uma manifestação de exilados, por pouco não morreu de fome e de frio, sobrevivendo apenas por um milagre de resistência, tentou fugir por cinco

torno do rosto, traços finos e bem definidos, olhar penetrante e grave por trás do lornhão, barba pontiaguda, Sverdlov, um dos melhores organizadores do Partido Bolchevique, dominou sem dificuldade o indizível tumulto dos primeiros minutos. O enorme salão do palácio de Taurida, recém-reformado, tinha um ar festivo. Endomingados, com fitas vermelhas na lapela, os deputados da maioria ocupavam os assentos da direita e do centro. A esquerda, menos numerosa, tinha, em compensação, o apoio ruidosamente manifestado das tribunas populares atulhadas de soldados, marinheiros e operários.

Sverdlov exortou a assembléa a associar-se à *Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado*, documento categórico redigido por Lenin e promulgado pelo Executivo Pan-russo dos Sovietes. Nele, declarava-se a Rússia República Federativa dos Sovietes, "livre união de nações livres". A assembléa, associando-se sem reservas - com esse projeto - à revolução socialista, aprovava a nacionalização do solo, "transferido aos trabalhadores, sem reembolso, com base num usufruto igualitário"; aprovava as leis soviéticas sobre o controle operário da produção e a criação do Conselho Superior da Economia "para assegurar o poder dos trabalhadores sobre os exploradores e como primeiro passo no rumo da expropriação completa" dos meios de produção e de transporte; aprovava a nacionalização dos bancos; decretava a obrigação geral do trabalho, a formação de um exército vermelho socialista e o total desarmamento das classes ricas. Na ordem internacional, a Declaração voltava a afirmar o princípio de uma paz democrática, sem anexações nem indenizações, o rompimento com a política colonial da sociedade burguesa, "o cancelamento das dívidas do governo do czar, dos proprietários fundiários e da burguesia, primeiro golpe assentado ao capital bancário e às finanças internacionais". Para terminar, a assembléa decretava que os exploradores não podiam ocupar nenhum posto dos órgãos do regime. E limitava o próprio trabalho à "elaboração geral dos princípios fundamentais de transformação socialista da sociedade".

A maioria não entendeu desse modo. Tendo Sverdlov terminado a leitura, a maioria passou sem discussão à eleição do presidente, considerando que "perdia-se muito tempo". A

vezes, fugiu duas vezes arriscando a vida, retornou em 1912 a Petrogrado para ali organizar os serviços clandestinos do partido, foi denunciado pelo provocador Malinovski; novamente desterrado, desta vez para a região de Turukansk, no círculo polar, onde permaneceu por três anos, até a queda do tzarismo. Ao saber da revolução, transpôs de trenó mais de duas mil léguas sobre o lenissei, arriscando-se a ser surpreendido pelo degelo, leva a influência bolchevique ao Soviete dos Krasnolarsk e retorna, finalmente, a Petrogrado, onde se torna um dos mais admirados organizadores do partido. Após a crise do regime em princípio de novembro, substitui Kamenev na presidência do Executivo Pan-russo dos Sovietes. Morto em 1919, de tuberculose, aos 34 anos.

esquerda, bolcheviques e socialistas-revolucionários de esquerda, apresentou a candidatura da líder destes últimos, Maria Spiridonova, a antiga terrorista, cujo caráter íntegro e a Intransigente retidão socialista era de todos conhecida. A maioria havia fixado sua escolha antecipadamente em V. M. Tchernov, líder oficial do Partido Socialista-Revolucionário, o mais desacreditado político desse partido, o menos respeitado pelos demais partidos, figura que, na verdade, ninguém queria. Considerando que um judeu não podia assumir a primeira magistratura em sua "república popular", os socialistas-revolucionários não quiseram levar à presidência da constituinte o verdadeiro - e respeitado - chefe do partido, Abraão Gotz. Assim sendo, Tchernov venceu Maria Spiridonova por 244 votos contra 153. Imediatamente, subiu à tribuna para pronunciar uma arenga presidencial, muito longa e difusa, bastante semelhante a uma declaração ministerial. Foi uma obra-prima de um insípido equívoco. O orador invocou Zimmerwald, contrapôs a paz geral dos povos à Idéia de uma paz em separado (dissimulando, desse modo, sob o floreado da retórica socialista, a fidelidade aos aliados), falou do "exército socialista" a ser criado, esboçou uma complicada constituição que previa a colaboração entre a constituinte e os soviets e as assembléas constituintes das nacionalidades, proclamou a libertação definitiva da Ucrânia e dos muçulmanos russos, proclamou a Rússia República Federativa Popular, voltou, várias vezes, ao tema da "vontade de socialismo" da nação, dizendo: "A revolução está apenas começando /.../. O povo quer atos e não palavras /.../. O socialismo não é a igualdade na miséria /.../. Queremos uma edificação socialista moderada /.../. Passaremos do controle da produção à república do trabalho /.../. Finalmente, aprovou a nacionalização do solo sem indenização. Tendo, inabilmente, invocado os mortos, tombados pela nação, foi interrompido por clamores vindos das tribunas populares e da esquerda: "Assassinados por Rudnev, Tchernov, Kerenski!"

Esta eloquência radical-socialista, matreira e oca, toda feita de fórmulas vagas, não conseguia enganar ninguém. Bukharin refutou esse "parlapatório" em um discurso conciso, tão seco quanto o anterior fora untuoso. "Pode-se muito bem", disse ele, "falar de socialismo e ser o assassino desse socialismo." Trata-se do socialismo dentro de duzentos anos? De socialistas que colaboram com a contra-revolução? Com quem estão vocês? Com Kaledin e a burguesia, ou com os operários, os soldados e os camponeses? De quem será imediatamente o poder? "Vocês querem uma miserável republiqueta burguesa parlamentar? Nós lhe declaramos guerra de morte em nome da grande república soviética do trabalho!" E Bukharin concluiu: "Que as classes dirigentes e seus apaniguados estremeçam diante da revolução comunista. Nela, os proletários nada têm a perder senão seus grilhões!"

Tseretelli, o único menchevique presente, sustentou a tese de seu partido com digna firmeza, de maneira absolutamente inequívoca. "Não é socialista aquele que incita o proletariado a atingir seus fins últimos, sem haver passado pela democracia que lhe permitirá tornar-se poderoso." Vocês assumiram a produção, indagou ele aos bolcheviques, mas conseguiram organizá-la? A terra tomada pelos camponeses será, na verdade, tomada pelos *kulaks*, agricultores ricos que possuem os equipamentos. Suas negociações de paz põem em risco os destinos do socialismo e da democracia russa no perigoso mapa da revolução européia. Vocês calcam sob os pés as liberdades democrático-burguesas na luta pelas quais iríamos ao sacrifício. A revolução corre o risco de ser esmagada sob seu próprio peso. Meu partido, diz ele, não teme a impopularidade; mantemos acesa a chama da classe operária para o futuro. Terminou com um apelo à conciliação no âmbito da constituinte. Nada de ditadura da minoria, ou será a anarquia que se seguirá à reação! Porém: república democrática, sufrágio universal; expiação sem indenização dos proprietários fundiários; restabelecimento, controle e regularização da produção pelo estado; jornada de 8 horas, previdência social para os trabalhadores; restabelecimento das liberdades democráticas; direito das nacionalidades, luta pela paz...

Os debates se prolongaram, confusos e tempestuosos, sem nada acrescentar a essas declarações essenciais. Depois, Raskolnikov²⁸, aplaudido pelas tribunas populares e injuriado pela maioria, procedeu à leitura da declaração dos bolcheviques, escrita por Lenin: "Não desejando, nem por um só minuto, dissimular os crimes dos inimigos do povo, declaramos que nos retiramos da assembléia constituinte, atribuindo ao regime dos soviets a decisão definitiva sobre a atitude a adotar com relação à parcela contra-revolucionária desta assembléia".

Depois de um momento de surpresa, a assembléia passou à ordem do dia. Imperturbável, grudado à poltrona da presidência, V. M. Tchernov inclinava sobre os papéis o topete grisalho e a barbicha à Segundo Império... O labirinto dos discursos e das declarações se desenrolava interminável. Do alto das tribunas populares, uma multidão raivosa não desviava os olhos da sombria assembléia. Pelas 4 horas da manhã, havendo também se retirado os socialistas-revolucionários de esquerda, após declaração análoga à dos bolcheviques, e como o presidente acabasse de proceder à leitura dos dez

28. Raskolnikov, militante bolchevique ilegal, membro da organização militar do partido, oficial da Marinha na armada do Báltico durante a guerra, um dos chefes do Soviete do Kronstadt, em 1917, preso pelo regime de Kerenski após as jornadas de julho, combatente de outubro. Mais tarde, representante da URSS no Afeganistão etc.

artigos do "projeto de lei fundamental sobre as terras", um dos marinheiros que mantinham o serviço de segurança - o anarquista Jelezniak - aproximou-se da tribuna presidencial.

"O silêncio baixou na platéia. O marinheiro, curvando-se ligeiramente, diz alguma coisa. Não se ouviu o que disse. Tchernov, indignado e perturbado, recostou-se ao espaldar de sua bela poltrona.

- Mas... os membros da assembléia, eles também estão fatigados. No entanto, nenhum cansaço pode interromper a leitura da lei agrária tão aguardada pela Rússia!

E, desta vez, a voz firme, sem ameaça, irônica e tranqüila do marinheiro pôde-se ouvir de longe:

- O corpo de guarda está cansado. Solicito licença para abandonar a sala de sessões."²⁹

Tchernov perscrutou o recinto consternado. "Propuseram-me", diz, "encerrar a sessão sem debates, adotando o texto essencial da lei agrária." Esse "propuseram-me" provocou o riso das tribunas populares. Seguiram-se votos apressados, textos solenes foram preparados de maneira febrilmente apresada, interrompidos por uma voz ameaçadora vinda das tribunas populares, que soava com toda a clareza e uma grave fúria:

"Chegal! Chegal!"

O cansaço, em conjunto com a exasperação desta comédia, fazia subir à cabeça um furor sombrio. Por toda a sala ouvia-se o engatilhar dos fuzis. A comédia ia tornar-se drama. Porém, a barbicha presidencial foi vista retirando-se. A sessão estava suspensa.

O decreto de dissolução da constituinte só foi expedido na noite do dia seguinte. "As massas trabalhadoras se venceram, por experiência própria, que o velho parlamentarismo burguês continua vivo; que ele é absolutamente incompatível com a realização do socialismo, pois instituições de classe, e não instituições nacionais, são as únicas que podem quebrar a resistência das classes ricas e propor os fundamentos da sociedade socialista."³⁰ Lenin justificou, perante o Executivo Pan-russo dos Sovietes, a medida tomada. Citaremos apenas algumas palavras de seu discurso: "Enquanto os parlamentos jamais, em parte alguma, prestaram qualquer ajuda ao movimento revolucionário, os soviets, soprando sobre o incêndio revolucionário, prescrevem imperiosamente ao povo: 'Combata, tome tudo em suas mãos, organize-se!' Não é mistério para ninguém que todo movimento revolucionário é inevitavelmente acompanhado, por algum tempo, de caos, ruínas e distúrbios [...]. Mas a sociedade burguesa é também a guerra, é também o matadouro."³¹

29. S. MSTISLAVSKI

30. Decreto de dissolução, redigido por Lenin.

31. Sobre a constituinte, consultar: *O Primeiro Dia da AC Pan-russa*, registro es-

A dissolução da constituinte causou sensação no estrangeiro. No país, passou quase despercebida.

12 - O "CONTROLE OPERÁRIO DA PRODUÇÃO"

O programa econômico dos bolcheviques incluía o controle operário da produção e a nacionalização dos bancos. O decreto que instituiu o controle operário da produção foi emitido a 14 de dezembro. Legalizava a ingerência dos operários na gestão das empresas, sendo obrigatórias as decisões dos órgãos de controle e abolido o segredo comercial³². A intenção dos dirigentes da revolução não era ir além disso. Mediante o exercício do controle, a classe operária aprenderia a dirigir a indústria; por meio da nacionalização dos estabelecimentos financeiros e do controle do crédito, recuperaria, em benefício do estado, parte dos lucros extraídos do trabalho pelo capital, diminuindo com isso a exploração. Desse modo, ela se encaminharia rumo à expropriação completa dos exploradores (ver a *Declaração dos Direitos do Povo Trabalhador e Explorado*). Este encaminhamento ponderado em direção ao socialismo não podia agradar ao patronato, confiante ainda nas próprias forças, ainda convencido da impossibilidade de que o proletariado mantivesse o poder. Os inúmeros conflitos econômicos, desde antes de outubro, iam se multiplicando, ainda mais graves,

tenográfico, Petrogrado, 1918. - S. MISTISLAVSKY, *Cinco Jornadas*. - L. TROTSKY, *Sobre Lenin*, cap. IV. - N. LENIN, *Obras*, t. XV.

32. "Art. 2 - O controle é exercido por todos os operários da empresa, por meio de seus órgãos eleitos (comitês de fábrica etc.)/.../: os empregados e o pessoal técnico são representados nestes órgãos. - Art. 7 - Toda a correspondência de negócios está submetida ao controle /.../. É abolido o segredo comercial. Os proprietários são obrigados a apresentar aos órgãos de controle todos os livros e relatórios do ano em curso, bem como dos anos anteriores. - Art. 8 - As decisões do controle são obrigatórias para os proprietários e não podem ser revogadas a não ser por instâncias superiores do controle operário. - Art. 10 - Os patrões e os representantes dos operários e dos empregados eleitos para exercer o controle são responsáveis perante o estado /.../."

Os patrões tinham 72 horas para apelar contra as decisões das instâncias inferiores do controle perante as instâncias superiores. Foram criados Conselhos Locais do Controle Operário, incumbidos de convocar um Congresso Pan-russo; um Conselho Pan-russo do Controle Operário centralizava as ações dos conselhos locais.

uma vez que, de ambas as partes, o estado de espírito era combativo. A iniciativa das medidas de expropriação, antes ditadas pelas necessidades da luta, do que por um objetivo socialista, partia das massas e não do regime. O regime só veio a adotar os grandes decretos de nacionalização ao fim de oito meses, em junho de 1918, sob pressão da intervenção estrangeira. Em abril de 1918, ainda pretendia constituir sociedades mistas por ações, das quais, juntamente com o estado russo, participariam o capital russo e o estrangeiro³³.

O desaparecimento dos órgãos políticos de defesa da exploração capitalista fazia com que nascesse, junto aos operários, uma tendência espontânea à conquista dos meios de produção. Poder é dever. Uma vez que se podia tomar a fábrica e a oficina, porque abster-se disto? A sabotagem da produção, levada a efeito pelos patrões, acarretava a expropriação por via de represálias. Quando o patrão suspendia o trabalho, os operários mesmos, por conta própria, repunham em atividade o estabelecimento. Mais tarde, adveio a necessidade de subtrair da contra-revolução sua base econômica, sua riqueza. O Conselho dos Comissários do Povo teve que decretar a nacionalização das sociedades metalúrgicas russo-belgas, das fábricas Putilov, da fiação Smirnov, da Usina Elétrica, da Sociedade de 1886. Chliapnikov relata que diretores de grandes fábricas - sobretudo os da fábrica franco-russa de Petrogrado - adiantaram-se em insistir que seus estabelecimentos fossem nacionalizados: tinham esperança de, com isso, livrar-se das obrigações relativas à desmobilização industrial. Belgas, suecos e franceses diligenciavam no mesmo sentido. A todos foram categóricas as recusas! Alguns desses diretores simplesmente buscavam livrar-se, aos olhos dos acionistas, das responsabilidades de uma gestão que se tornara difícil³⁴.

O estado de guerra tivera como consequência os racionamentos e as requisições. Tinha-se apenas que continuar por esse caminho, inspirando-se no espírito de classe. As autoridades soviéticas se empenharam, por toda parte, em requisitar os estoques de víveres dos comerciantes, e as roupas de inverno, os calçados e as roupas de cama dos ricos. A seguir, vieram as visitas domiciliares. Os impostos não eram pagos; as autoridades locais - sempre por iniciativa própria e para suas próprias necessidades - impuseram contribuições à população rica. As nacionalizações serão bem caracterizadas pelos seguintes exemplos: em Ivanovo-Voznessensk, os operários, em consequência da sabotagem patronal, nacionalizam duas manufaturas têxteis. Na província de Nijni-Novgorod, como os patrões não queriam mais dirigir a produção, diversas

33. KRITZMAN, *O Período Heróico da Revolução Russa* e G. TSIPEROVITCH, *Sindicatos e Trustes na Rússia*.

34. CHLIAPNIKOV, "Souvenirs", *Révolution Proletarienne*, 1922.

empresas são nacionalizadas. Na província de Kursk, por motivos análogos, as refinarias de açúcar, os bondes, uma fábrica de couro e diversas oficinas mecânicas passam para as mãos dos operários. Na bacia do Donietz, os diretores das minas aderem aos brancos. Os operários de 72 minas constituem um Conselho da Economia que assume a gestão das empresas. Em Romanovo-Borissoglebski, as olarias e os lagares de azeite são nacionalizados como resultado de um *lock-out*³⁵.

O Conselho Superior da Economia Nacional foi criado, a 5 de dezembro, para coordenar a ação de todos os órgãos locais ou centrais que reativavam ou controlavam a produção, inclusive os Comissariados Econômicos da Indústria, do Abastecimento, da Agricultura, das Finanças, do Transportes (porém, esses comissariados não lhe eram subordinados). Ele só iria adquirir autoridade pouco a pouco, após meses de trabalho. No período que estamos estudando, a autoridade local é, afinal, a única que conta.

Os sindicatos, aparentemente talhados à perfeição para desempenhar um papel importante em circunstâncias como essas, foram ultrapassados - de longe - pelos acontecimentos. Frequentemente, são mencheviques, socialistas-revolucionários e *trade-unionistas* que os dirigem. A luta entre tendências paralisa seu Conselho Central. Os dirigentes dos sindicatos dos ferroviários e dos PTT são anti-bolcheviques. Outros sindicatos, frequentemente, pensam mais em "se arranjar" do que em servir aos interesses gerais da classe trabalhadora.

Assim se manifesta a mentalidade atrasada de diversos meios operários. Ora são sindicatos que, fundando lojas cooperativas, dedicam-se a um comércio inevitavelmente matizado de especulação pela escassez. Ora são reivindicações imediatas que, manifestando um egoísmo totalmente desarrazoado, provocam conflitos penosos. Foi feita a revolução, dupliquemos os salários! Soou, para todos, a hora da fatura... Analogamente, no campo das requisições e das nacionalizações, manifesta-se o instinto anárquico por meio das tentativas de explorar uma fábrica em benefício dos que nela trabalham, ou pelo confisco do primeiro trem de abastecimento que passa pela estação mais próxima...

Os contra-revolucionários, conhecedores da mentalidade atrasada de determinados operários, tiravam vantagem disso. Os industriais que trabalhavam para o estado se empenhavam, por vezes, em provocar altas insensatas de salários. Nos sindicatos, os mencheviques, por ocasião do fechamento de empresas, exigiam o pagamento antecipado dos salários. Os mencheviques do sindicato da indústria química de Petrogrado reivindicaram salários excepcionalmente elevados, fazendo

valer o fato de que dispunham de grandes quantidades de explosivos³⁶. Em plena batalha das barricadas, Moscou quase ficou sem pão, porque os entregadores das padarias da cidade, que menosprezavam a revolução, entraram em greve por aumento de salário³⁷.

A nacionalização dos bancos, que se tornou necessária devido à resistência das instituições financeiras ao controle, a sua recusa em colaborar com o regime proletário, a seu papel na sabotagem da vida econômica, foi uma das mais importantes iniciativas tomadas antes da reunião da constituinte. O decreto que instituiu o banco como monopólio do estado foi publicado a 14 de dezembro.

Todos os bancos privados foram absorvidos pelo Banco do Estado. Os interesses dos pequenos depositantes seriam totalmente salvaguardados. Um segundo decreto prescrevia, sob pena de confisco, o inventário dos cofres pertencentes a particulares. O ouro em moedas ou em lingotes devia ser requisitado e todos os fundos, colocados em contas correntes no Banco do Estado. As milícias vermelhas ocuparam os bancos; os diretores racalcitrantes foram presos. Em diversos lugares, o pessoal decidiu reagir pela greve à violência dos bolcheviques.

A nacionalização dos bancos, no dia mesmo em que ocorreu, provocou um debate entre Lenin e um menchevique da fração internacionalista, Avilov, no Executivo Pan-russo dos Sovietes. Este último (concordando "em princípio"), salientou a complexidade e a gravidade das questões financeiras. "Não se deve mexer nisso", diz ele, "senão com circunspeção, depois de maduras reflexões, buscando o apoio de especialistas. Pela violência, só se conseguiria fazer cair a cotação do rublo." Tão típica quanto essa argumentação temerosa foi a resposta de Lenin:

"Vocês nos fala", diz Lenin, da "complexidade da questão e isso são verdades elementares conhecidas de todos. Se elas só servem para entrar as iniciativas socialistas, quem as emprega não passa de demagogo, e de demagogo lastimável.

"Em princípio, vocês aceitam a ditadura do proletariado, mas quando a gente a chama por seu nome em língua russa, quando se fala de um *punho de ferro*, vocês invocam a fragilidade e a complexidade das coisas.

"Vocês teimam em não ver que essa mão de ferro cria ao destruir. Se, de um princípio, passamos à prática, isto é indiscutivelmente mérito nosso.

" /.../ Sabemos que a medida em discussão é complexa. Nenhum de nós, mesmo os que possuem formação em eco-

36. CHLIAPNIKOV, *op. cit.*

37. A. SCHLICHTER, *Recordações.*

nomia, irá se encarregar de aplicá-la. Apelaremos a especialistas financeiros, mas quando tivermos as chaves; então saberemos nos munir de conselhos tomados dentre os antigos milionários. Quem quer que queira trabalhar será bem-vindo, com a condição /.../ de não tentar reduzir toda iniciativa revolucionária a uma letra morta".

Os órgãos centrais do abastecimento (cooperativos e outros), dirigidos por elementos democráticos, ficaram durante vários meses livres do controle do governo dos soviets. Eram importantes demais para que se ousasse mexer com eles desde o início.

13 - A BURGUESIA E A PEQUENA BURGUESIA DERROTADAS SEPARADAMENTE

Os fatos examinados neste capítulo sugerem diversas observações teóricas.

1. A revolução proletária e camponesa completa em janeiro sua primeira fase, sua marcha triunfal por todo o imenso país. Por toda parte, do Mar Báltico ao Oceano Pacífico, as massas fazem a revolução, aclamam-na, defendem-na, impõem-na irresistivelmente. É completa sua vitória. Porém, ao mesmo tempo ela já se choca contra as duas coalizões imperialistas beligerantes dos impérios centrais e dos aliados. A guerra civil vai prosseguir ou, mais exatamente, se reacender, alimentada pela intervenção estrangeira. A revolução, internamente vitoriosa, vê-se face a face com o mundo capitalista.

Internamente, sua vitória, repetida nas mais diversas circunstâncias em Petrogrado, no GQG, nos Urais, no Don, em Kuban, na Ucrânia, na Bessarábia, na Címéia, na Sibéria, foi, apesar de encarniçadas resistências, espantosa e fácil. As causas disto são visíveis; a revolução é obra do elemento mais ativo, mais poderoso, mais bem armado da população, em suma, da maioria do proletariado e da maioria ativa do exército; além disso, conseguiu obter a simpatia da maior parte da zona rural do país. Esta notável convergência de circunstâncias deveu-se à coincidência entre o completamento da revolução burguesa - que satisfaz às massas rurais

ao suprimir o feudalismo fundiário - e o começo da revolução proletária. O proletariado completa, conscientemente, a obra iniciada pela burguesia em sua luta contra o antigo regime em favor de um desenvolvimento capitalista livre. Ao completá-la, naturalmente a supera, ainda que com certa lentidão. A incompatibilidade entre o exercício do poder político e a não-posse dos meios de produção só se faz sentir pouco a pouco, no correr da luta, revelada pela resistência da burguesia. As importantes medidas de nacionalização serão necessárias ao fim de vários meses, antes devido à guerra civil do que por um projeto de imediata transformação socialista. A realidade fará com que se dobre a teoria, isto é, a consciência proletária que desejaria uma progressão mais racional, menos precipitada, menos violenta na conquista da produção. No período que acabamos de estudar, vemos muito bem desenhada essa luta e sua solução.

2. Por temor do proletariado, a burguesia russa não soube completar, ela mesma, sua revolução (satisfazer às massas rurais sacrificando o feudalismo dos proprietários fundiários), e essa é uma das causas profundas de sua derrota. Por temor aos camponeses, ela adiou, sob Kerenski, a reunião da assembleia constituinte e formou um só bloco com os proprietários fundiários, o elemento mais reacionário da antiga sociedade russa. Colocando-se a reboque da burguesia, os partidos socialistas da pequena burguesia condenavam-se, desde então, à impopularidade. A educação revolucionária que a autocracia havia oferecido a eles, a poderosa influência exercida sobre eles pelo proletariado afastavam bastante esses partidos da influência direta da burguesia para que se decidissem a apoiá-la sem reservas. Antes vítimas de suas ilusões democráticas, tentaram fazer sua própria política e instituir uma república democrática concebida mais ou menos segundo o modelo francês. Vendo as coisas com mais clareza, percebendo melhor o que representava a força operária, a burguesia aspirava a uma ditadura de classe (Kornilov); no último momento, faltara a ela o apoio das classes médias; entregue a si mesma, numericamente muito fraca - como sempre e em toda parte, pois é enorme a desproporção entre o número dos capitalistas e seu poderio econômico - a burguesia russa só tinha que sucumbir. De novembro de 1917 até a primavera de 1918, mostra-se esmagada, quase inteiramente reduzida à impotência. Não possui um só chefe, nenhum político de valor, nenhum partido sério. Sua confusão é completa. Apenas alguns milhares de homens, em sua maioria oficiais, conduzidos por um punhado de generais, assumem sozinho, como que desesperados, a defesa de sua causa. A burguesia aterrorizada das capitais não sabe sequer apoiar de maneira eficaz a louca aventura de Kaledin, Alexeiev e Kornilov que, suspeltos aos olhos das classes médias democráticas, são derrotados

pelas milícias vermelhas em todos os embates. Assinale-se que eles são derrotados tão facilmente apenas porque a pequena burguesia "avançada" lhes recusa o apoio.

A divisão entre a burguesia e a pequena burguesia revela a impotência da classe dos capitalistas e dos proprietários fundiários entregue a si mesma. Vencida, essa classe não consegue mais se reerguer por seus próprios meios.

3. Isto é tão verdadeiro que se opera sob nossos olhos um curioso reagrupamento das forças sociais: a burguesia se põe a reboque das classes médias, que não consegue mais arastar consigo e cujo conflito com o proletariado se agrava.

Durante a insurreição, a pequena burguesia das cidades, tendo à frente os socialistas, aderiu categoricamente à contra-revolução. A pequena burguesia do campo, agricultores médios e ricos, satisfeitos com o decreto sobre as terras, não acompanhou o movimento. Derrotada, a pequena burguesia urbana, que ainda se crê revolucionária devido a seu ódio pelo antigo regime e a sua fé democrática, apega-se a suas ilusões governamentais, sem, porém, ousar recorrer novamente às armas; as experiências de fins de outubro e de comícios de novembro foram por demais decisivas. O desmoronamento da constituinte atesta, de maneira fragorosa, a total incapacidade política³⁸ das classes médias, reforçando nossa convicção de que as únicas classes convocadas a decidir sobre os destinos das sociedades modernas são a burguesia e o proletariado.

38. Sobre este assunto, encontram-se no pequeno livro de Trotsky, escrito em 1918, *A Revolução de Outubro*, as seguintes reflexões: "Em quem se apoiaria um ministério constituído pela maioria da constituinte? As camadas superiores da zona rural, os intelectuais e os funcionários públicos teriam cerrado fileiras com ele; vez por outra, teria recebido, à direita, o apoio da burguesia. Porém, esse governo não teria tido o menor aparelho material de poder. Nos centros da vida política, como Petrogrado, ter-se-ia chocado com uma resistência irredutível. Em tais condições, se os soviets, subordinando-se à lógica formal das instituições democráticas, houvessem entregue o poder ao partido dos Tchernov e dos Keresnki, esse poder, comprometido e impotente, nada mais teria feito do que tumultuar momentaneamente a vida política do país, para, ao fim de algumas semanas, ser derrubado por uma nova insurreição".

V - BREST-LITOVSK

1 - A RÚSSIA E O IMPERIALISMO

A Revolução Russa se estende ao plano internacional. A autocracia desmorona no momento em que os representantes aliados - cabendo a Buchanan, embaixador da Grã-Bretanha em Petrogrado, o principal papel neste assunto - preparam, com a alta burguesia russa e com o alto comando, uma revolução palaciana contra a camarilha do czar Nicolau, que se torna um sério obstáculo à continuação da guerra. De sua parte, os impérios centrais facilitam o retorno de Lenin e dos exilados internacionalistas para a Rússia. O governo provisório se apóia nos aliados, aos quais promete o cumprimento dos tratados. Sob a exigência insistente dos aliados é que Kerenski desencadeia a ofensiva de julho de 1917, momento decisivo na crise interna. Imediatamente após a insurreição de Petrogrado, o II Congresso dos Sovietes rompe, categoricamente, com a política de guerra dos aliados. As missões militares aliadas intervêm na *stavka* contra o bolchevismo. Por ocasião das negociações de Brest-Litovsk, o destino da República dos Sovietes propõe um problema internacional de extrema gravidade para ambas as coalizões imperialistas.

São muitos os fatos que comprovam a existência de causas profundas. A revolução nasceu da guerra e a guerra não é russa. O alcance internacional da revolução é determinado por suas origens e pelo caráter do país. No primeiro capítulo desta obra, citamos, com o apoio de dados, a fórmula do historiador marxista M. N. Pokrovski: "A partir do fim do século XIX, existe um imperialismo franco-russo". É necessário tornar mais precisa esta fórmula. O império russo de vanguarda é uma das cinco grandes potências européias (Inglaterra, Alemanha, França, Rússia, Áustria-Hungria); porém, em meio a essas potências, caracterizadas por sua *expansão financeira*, a Rússia é a única que não exporta capitais¹, sendo, ao contrário, um país importador de capitais. Por volta de 1914, a Inglaterra colocou em suas colônias e no estrangeiro perto de 100 bilhões de francos (ouro); a Alemanha, 44 bilhões; os investimentos da França no estrangeiro se elevavam, em 1912, a 41 bilhões, 9 ou 10 dos quais colocados na Rússia. A partir daí, pode-se avaliar em 2,5 bilhões de francos-ouro o rendimento anual fornecido aos grandes bancos franceses pelos capitais que haviam aplicado no estrangeiro: os lucros drenados da Rússia para a França podiam variar entre 500 e 600 milhões de francos-ouro. De 1891 a 1900, o desenvolvimento da indús-

1. Ou que exporta apenas muito pouco, como, por exemplo, para a China.

tria russa fora extremamente intenso. A partir de 1910, a Rússia ocupava na Europa, com uma concentração industrial superior até mesmo à da Alemanha, o quarto lugar quanto à produção metalúrgica. Isso era resultante da entrada de capitais franceses, ingleses, alemães e belgas no país. Do ponto de vista de sua dívida para com as finanças internacionais, a situação da Rússia só se comparava à da China: era aproximadamente a de um país colonizado.

Já antes da aliança franco-russa, a Bolsa parisiense havia empreendido a conquista do mercado financeiro russo. Os grandes empréstimos do estado russo, realizados na França, derramaram sobre a Rússia, paralelamente aos investimentos industriais, uma enorme riqueza. Ora, o imperialismo francês, ao mesmo tempo que visava fins de especulação e de colonização, visava também fins estratégicos. A influência francesa deu um impulso, talvez essencial, ao desenvolvimento da metalurgia russa que, de início, trabalhou para abrir o extremo-oriental ao comércio ocidental, com a construção da Transiberiana (em 1895, fundação do banco russo-chinês por Witte, com o apoio das grandes instituições financeiras de Paris) e, depois, para fazer da Rússia, com vistas à guerra próxima, uma grande potência militar. Boa parte dos empréstimos concedidos pela França ao czar destinaram-se à construção de vias estratégicas.

Há dados que revelam, com eloquência impressionante, a dependência quase colonial da Rússia frente ao imperialismo estrangeiro e, principalmente, francês. Às vésperas da revolução, os bancos de Petrogrado dispunham de um capital de cerca de 8,5 bilhões de rublos, sendo as seguintes as participações estrangeiras nisso: bancos franceses, 55%, ingleses, 10%; alemães, 35%². Por intermédio dos grandes bancos russos, os estabelecimentos financeiros do estrangeiro controlavam a metalurgia russa em proporções que variavam entre 60% e 88%; a fabricação de locomotivas, na proporção de... 100%; a construção de navios, na de 96%; 68% da fabricação de máquinas, 75% da produção das minas de carvão; 60% da de petróleo. O caráter quase colonial da indústria russa deduz-se, ainda, deste fato: a produção dos meios de produção - máquinas, equipamentos - ocupava lugar secundário³. A guerra só fez aumentar a dependência da Rússia

2. V. NEVSKI, *História do PCR*. Sobre este assunto, ver o interessante livrinho de N. VANAG, *O Capital Financeiro na Rússia às Vésperas da Guerra Mundial* (em russo, Moscou, 1925). Dizia Lenin, no início da revolução de março de 1917: "O capitalismo russo não passa de uma filial da firma universal que manipula centenas de bilhões de rublos e que se chama Grã-Bretanha e França".

3. A despeito de seu desenvolvimento econômico assim tão rápido entre 1890 e 1901 - depois, passou a ser mais lento - a Rússia continuava a ser, por essa razão e por outras - tais como o estado de atraso de sua agricultura,

frente aos imperialismos dos aliados, dos quais ainda emprestou, no correr das hostilidades, 7,5 bilhões de rublos-ouro (mais de 20 bilhões de francos).

2 - O PROBLEMA EM JANEIRO DE 1918

Parte integrante - e a mais vulnerável - do sistema imperialista da Entente, a Rússia, em janeiro de 1918, após quarenta meses de guerra, atingia uma situação desesperada. Porém, apenas chegava à beira do abismo um pouco antes do que as demais potências beligerantes. Naquele momento, qual era a situação da Europa? A Inglaterra, sob severo racionamento, mas bem defendida por sua armada e por sua riqueza e bem servida por suas colônias, já havia gasto, em despesas de guerra, mais de 6 bilhões de libras esterlinas, ou seja, cerca de um terço de sua riqueza nacional. As despesas da Áustria-Hungria não eram menores; seu esgotamento era ainda mais completo. Não menores, também, as da Alemanha (85 bilhões de marcos, sobre uma riqueza total avaliada em 300 a 350 bilhões). No total, os custos de guerra dos beligerantes, segundo o Instituto Carnegie, elevavam-se, a 1 de janeiro de 1918, a 208 bilhões de dólares. Cifras fabulosas! E como avaliar as destruições, as mortes - cerca de 10 milhões de mortos naquela data, e do dobro o número de feridos e mutilados -, o aumento da mortalidade da população civil, o decréscimo da natalidade, o desperdício insensato do trabalho de nações inteiras. O custo total da guerra foi estimado em 320 bilhões de dólares, ou seja, 1,6 trilhão de francos-ouro⁴. O certo é que, no quarto ano de guerra, a civilização européia parecia atingida em suas forças vivas. Os impérios centrais - Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Turquia - estavam reduzidos a uma "fome genialmente organizada". Na Alemanha, a colheita, em 1917, fora 40 a 50% inferior à média dos anos de paz; em conse-

a importância desta relativamente à indústria, o desenvolvimento da população mais rápido que o da produção, a insuficiência de sua indústria em proporção a sua população (população igual a 10,2% da população mundial antes da guerra e produção siderúrgica igual a 6,2% da produção mundial) - continuava a ser um país nitidamente atrasado.

4. Ver M. PAVLOVITCH, *O Balanço da Guerra Mundial* (em russo).

qüência, a ração de pão do combatente caiu para 200 e 160 gramas por dia. De modo geral, o consumo dos víveres diminuiu de 30% a 50%. A situação dos aliados era melhor, graças ao apoio dos Estados Unidos. O inverno de 1917-1918, assinalado, na França e na Inglaterra, pelos mais duros racionamentos e pela crise de combustível, fora muito rigoroso. Na França, a área semeada se reduziu de 35% (1917). Todos os países sofriam escassez de carvão, de petróleo, de açúcar, de trigo, de produtos químicos, de metais. Os estados-maiores, desolados, iam desaparecer gradualmente e se deteriorar seu "material humano". As reservas de homens da Alemanha, da Áustria e da França estavam esgotadas.

Após seu terrível fracasso de Verdun, os impérios centrais famintos, aos quais a batalha naval de Jutland demonstrou a impossibilidade de romper o bloqueio inglês, fazem propostas de paz que são repelidas pelos aliados. A Alemanha decide, então, apelar para um último recurso, há muito tempo preconizado por determinados chefes militares: a guerra submarina total (janeiro de 1917). Até então, os navios neutros haviam sido, em geral, respeitados pelos submarinos alemães, o que lhes permitia abastecer os aliados correndo um mínimo de riscos. A partir de agora, eram postos a pique sem aviso prévio. A isto se seguiu a declaração de guerra à Alemanha pelos Estados Unidos, lesados em seus interesses comerciais. Os Estados Unidos lançaram, em favor dos aliados, suas imensas riquezas - acabavam de drenar o ouro europeu - seu poderio técnico, seu admirável "material humano" jovem, bem nutrido, bem equipado, bem preparado... De fevereiro a maio de 1917, os submarinos alemães afundaram 1.374 navios, numa capacidade total de 2,5 milhões de toneladas. A tonelagem posta a pique durante o ano elevou-se a 6 milhões de toneladas. Porém, apenas os Estados Unidos construíam 250 mil toneladas de navios por mês.

Os principais acontecimentos entre dezembro de 1917 e janeiro de 1918 são: na França, a chegada ao poder de Clemenceau que, aos 76 anos, irá governar ditatorialmente e distender ao máximo, para a guerra, as derradeiras energias de um país estrangulado; as batalhas de Cambrai; o fim, a 15 de dezembro, da segunda batalha de Verdun, que durava desde 22 de agosto; o fim, alguns dias mais tarde, da décima segunda batalha de Isonzo, que durava desde 24 de outubro; as batalhas da Palestina e, finalmente, a mensagem do presidente dos Estados Unidos, Wilson, ao congresso norte-americano, enumerando as 14 condições de paz (8 de janeiro): não mais diplomacia secreta, liberdade dos mares, liberdade e igualdade comerciais, limitação dos armamentos, regulamentação das questões coloniais, levando em conta os interesses dos povos interessados, desocupação e reconstrução das regiões ocupadas, restituição da Alsácia e da

Lorena à França, constituição de uma Polônia independente com acesso para o mar e Sociedade das Nações. Reconhece-se aí quase que como um eco longínquo da Revolução Russa, a transcrição por um burguês liberal da palavra de ordem dos soviets: "Paz sem anexação nem indenizações".

O problema da guerra se propõe neste momento nos seguintes termos: Para os aliados: resistir até que esteja preparado o poderio norte-americano; com esse objetivo, prolongar, a todo custo, as operações da frente de guerra russa;

Para os impérios centrais: impor a paz à França e à Inglaterra, antes que entre na luta o poderio norte-americano; suspender, o mais cedo possível, as operações na frente de guerra russa, para dedicar todas as forças vivas ao esmagamento dos anglo-franceses;

Para a Revolução Russa: não fazer o jogo nem de um nem de outro dos imperialismos, mas resistir até a crise revolucionária da Europa, que inúmeros índices permitem prever.

3 - A FÓRMULA IMPERIALISTA DE UMA PAZ SEM ANEXAÇÕES

O armistício, assinado a 2 de dezembro em Brest-Litovsk, previa a abertura continuada de negociações de paz. As delegações - a dos russos, dirigida por Kamenev e Ioffe, a dos impérios centrais tendo à frente os ministros das Relações Exteriores da Áustria-Hungria, conde Czernin, e da Alemanha, barão von Kuhlmann, bem como o general Hoffmann, chefe do estado-maior da frente oriental - encontraram-se a 9 de dezembro na fortaleza de Brest-Litovsk. Os russos foram os primeiros a expor suas teses. O conde Czernin respondeu-lhes: "A delegação da Quádrupla Aliança está disposta a concluir, sem mais demora, uma paz geral sem anexações forçadas e sem indenizações". Essencialmente, a delegação da Quádrupla Aliança condenava a continuação da guerra para fins de conquista, ponto de vista este "que sempre fora o seu"; considerava necessária a adesão de todos os beligerantes a essas condições de paz; e exigia a evacuação das colônias alemãs ocupadas pelos aliados.

Os russos tornaram ainda mais precisa sua fórmula: "A antiguidade histórica", disseram eles, "não justifica a violência cometida por um povo sobre outro".

Iriam se entender? "Os alemães estão dispostos a muitas concessões para conseguir uma paz em separado", dissera Kamenev ao Executivo Pan-russo dos Sovietes, a 27 de novembro. Porém, o que havia entre eles eram, ainda, sondagens. A 15 de novembro (28 pelo novo calendário) os impérios centrais descobriram suas baterias. O artigo 2. de suas condições de paz continha o seguinte: "Tendo o governo russo reconhecido, de conformidade com seus princípios, o direito de todos os povos, sem exceção, que fazem parte do estado russo, a dispor de si mesmos e até a se separar inteiramente, toma conhecimento das decisões que exprimem a vontade dos povos da Polónia, da Lituânia, da Curlândia, de parte da Estónia e da Finlândia, decididos a se separarem do estado russo e a se constituírem como estados inteiramente independentes".

Uma contra-proposta russa exigia a evacuação desses países chamados a decidir, por si sós, livremente, sobre a própria sorte. As negociações foram interrompidas e as delegações se separaram por dez dias, a fim de dar tempo aos demais beligerantes para se pronunciarem e para examinarem a situação criada pelas conversações de paz.

Esta situação era clara. Aos convites insistentes dos soviets, dirigidos a todos os povos e a todos os governos beligerantes, os aliados opunham um silêncio hostil. Cada vez mais, mostravam-se inclinados a tratar os russos como inimigos. Os austro-alemães, frustrados em sua esperança - que, aliás, jamais fora profunda - de paz geral, mostravam o que realmente eram: imperialistas sem qualquer escrúpulo. Kamenev expôs os dados do problema ao Executivo Pan-russo dos Sovietes (discurso de 19 de dezembro). Os russos ofereciam evacuar 120 mil Km² de territórios austríacos e turcos. Os impérios centrais ofereciam evacuar a região dos pântanos de Pinsk e pretendiam manter em seu poder 215 mil Km² de territórios, povoados por perto de 20 milhões de habitantes. Sua fronteira seria meramente estratégica e manteriam em seu poder a estrada Petrogrado-Varsóvia. "Não defendemos", declarou Kamenev, "senão os limites de ampliação da revolução russa, e não fronteiras geográficas que resultam de violências históricas." E conclui: "Estamos diante de uma paz imposta pela espada, que constituiria uma negação do direito dos povos interessados e entravaria o desenvolvimento da Rússia. Esta paz é inadmissível para o proletariado socialista e para um partido que governa em nome do socialismo internacional". Ficaria a revolução reduzida a defender até o fim os trabalhadores dos países que pretendiam lhe arrebatá-la? O Executivo Pan-russo dos Sovietes dirigiu um novo apelo aos operários aliados: "Seus governos nada têm feito ainda em favor da paz; nem mesmo publicaram seus objetivos de guerra. Exijam que eles participem imediatamente das negociações de Brest-Litovsk". A esperança era tênue.

Essa grande voz parecia clamar no deserto.

4 - SEGUNDO CZERNIN E LUDENDORF

A ansiedade junto aos austro-alemães não era menor do que entre os revolucionários. Tinha-se clara consciência de que a sorte dos impérios centrais, o desfecho da guerra, estava sendo jogado em Brest-Litovsk. As *Memórias* do conde Czernin e de Ludendorff oferecem muitos detalhes significativos sobre esse assunto. A Áustria, totalmente exaurida, ameaçava concluir com a Rússia, e até mesmo com os aliados, uma paz em separado; o que a impedia de fazê-lo era o temor da ocupação alemã e um posterior desmembramento (Czernin). Na Alemanha, era tal a exaustão e tão grave o descontentamento, que haviam ocorrido distúrbios na armada durante o verão (1917); os marinheiros haviam tentado exigir a paz por meio da greve. Vergava-se a ossatura de disciplina do militarismo germânico. O moral da retaguarda estava tão afetado que o estado-maior exigia - inutilmente, aliás - assumir a direção da imprensa. No correr do inverno de 1916 para 1917, havia sido necessário substituir, na alimentação nacional, a batata pelo nabo, de valor nutritivo muito menor. A fome mais cruel só foi evitada no país da "fome genialmente organizada" graças aos cereais da Romênia conquistada. O problema do abastecimento se colocava no correr do inverno de 1917 para 1918 em termos ainda mais desesperados. Faltavam carvão e petróleo, escasseava a borracha, o que era grave, dada a importância que adquirira a tração automóvel nas operações militares. O estado-maior, alarmado, via desaparecer seu material humano. Ludendorff e Hindenburg faziam, a 10 de setembro de 1917, uma advertência categórica ao primeiro-ministro: "Se não se conseguir fornecer soldos complementares ao exército, o desfecho da guerra tornar-se-á duvidoso".

Dois tendências contrárias se chocavam entre os governantes dos impérios centrais. A dos austríacos, dos turcos, dos búlgaros - a fome era muito maior em Constantinopla do que em Berlim - e de parte da burguesia alemã pretendia uma paz verdadeira com a Rússia e a retomada imediata das relações comerciais. Atendendo a imperiosas necessidades econômicas, dava-se conta de que era impos-

sível prosseguir com a guerra. Czernin e Kuhlmann representavam essa tendência entre os negociadores. A outra tendência, a do grande estado-maior (Hindenburg, Ludendorff e Hoffmann) de Guilherme II, da siderurgia, da indústria química, dos agricultores, desejava o esmagamento da revolução russa e o desmembramento da Rússia, acreditando que, a este preço, ainda seria possível uma vitória sobre os aliados. O erro de Ludendorff era acreditar que "os Estados Unidos não seriam suficientes para compensar, para os aliados, a perda das forças russas". Sua tese era a seguinte: impor a paz à Rússia, ou esmigalhá-la com um súbito golpe "breve e poderoso" e, a seguir, desencadear, em meados de março, antes da chegada dos norte-americanos, uma ofensiva irresistível sobre a frente de guerra francesa⁵. Atribuía o afrouxamento do moral do exército aos efeitos demoralizantes de uma prolongada defensiva. A respeito da paz com o bolchevismo, Ludendorff não alimentava qualquer ilusão. "Mesmo em caso de paz", escrevia ele posteriormente, "eu sabia que teríamos necessidade de grande força contra o bolchevismo." Diante de fatores sociais que não fossem o estado e o exército, sua clarividência de chefe militar era acompanhada, porém, de estranha cegueira.

Por um momento, temeu-se, em Viena e em Berlim, que os russos, desejosos de submeter as negociações ao controle internacional e exigindo sua transferência para Estocolmo, não voltassem a comparecer. Czernin registra que eles foram esperados com ansiedade. O alívio foi grande quando voltaram, após se terem feito esperar. De sua parte, eles haviam resistido com dificuldade à tentação de não voltar, de romper as negociações, como os incitavam a fazer as crescentes dificuldades internas dos impérios centrais.

5 - NEGOCIAÇÕES

As negociações foram retomadas a 27 de dezembro (pelo antigo calendário). A nova delegação soviética compunha-se de Trotsky, Ioffe, Kamenev, Karakhan, Pokrovski (o

5. "Os alemães acreditam que poderão tomar Calais e Paris se for concluída a paz com a Rússia. Se a Alemanha renuncia então às anexações, a Entente aceitará uma paz branca." (CZERNIN, *Memórias*, datada de 17 de novembro.) Das mesmas páginas, do mesmo autor, extraiam-se ainda as linhas seguintes, pelo gosto de dar a nota cômica: "Recebi informações dignas de fé a respeito dos bolcheviques. Seus chefes são quase todos judeus, com idéias totalmente fantasmas".

historiador), Bitzenko e Karelin (socialista-revolucionário de esquerda). A vinda de Trotsky "pessoalmente", já envolto numa reputação universal de chefe da revolução, causou sensação (Czernin). Não cuidaremos do trabalho dessas negociações absolutamente infrutíferas. A delegação manteve seu ponto de vista de respeito integral pelas nacionalidades. Interrogado, diretamente, a respeito dos territórios que os alemães concordariam em desocupar, o general Hoffmann, esse "bandido de capacetes", segundo uma expressão de Trotsky, respondeu sem rodeios: "Nenhum milímetro". Novamente se separaram para voltar a reunir-se dentro de uns dez dias.

Gostaríamos de dar uma idéia da fisionomia dessas negociações, como não houve outras na história. Houve alguma vez, entre negociadores inimigos, maior incompatibilidade? As negociações prosseguiram na retaguarda da frente de combate alemã, na soturna fortaleza de Brest-Litovsk. E o estado-maior alemão, não desprezando os pequenos recursos, mandava que, a poucas centenas de metros de seus quartéis, se fizessem exercícios de tiro de artilharia, para irritar os plenipotenciários bolcheviques⁶... Os negociadores tinham consciência de representar, bem mais do que estados em guerra - naquela época, a palavra "estado" aplicada à jovem república dos soviets fazia sorrir os diplomatas de todos os países -, mundos incompatíveis. Era difícil aos negociadores até mesmo encontrar uma linguagem comum. A antiga elegância convencional da diplomacia não conseguia efeito algum sobre os russos; a fala revolucionária destes ocasionava um mal-estar indignado em seus parceiros.

O Secretário de Estado para Relações Exteriores da Alemanha, von Kuhlmann, fidalgo com mentalidade de alto funcionário, polido de uma polidez insolente e glacial, dirigia os debates por parte da Grã-dupla Aliança. Trotsky observou muito bem sua inteligência, a um tempo viva e limitada. Vinha a Brest-Litovsk como para uma comédia previamente ensaiada. De início, pensou que os bolcheviques encurralados, desejosos de comprar a complacência dos Hohenzollern, não procuravam senão salvar as aparências (o que, aliás, por algum tempo, pensaram quase todos os homens de estado da Europa). Havendo-se enganado, adotou a outra hipótese acessível a seu intelecto de diplomata de carreira: que os bolcheviques se mantinham ligados à Entente e, uma vez mais, só procuravam salvar a face. "Tínhamos, em relação a nossos parceiros", escreve Trotsky, "uma imensa superioridade: nós os compreendíamos muito melhor do que eles nos compreendiam"⁷. Ao lado de von Kuhlmann, erguia-se freqüentemente a figura alta

6. O fato é relatado por POKROVSKI, *A Política Externa da Rússia no Século XX*, 1926.

7. L. TROTSKY, *Prefácio aos Registros Oficiais das Negociações de Brest-Litovsk*, edição do Comissariado para as Relações Exteriores, Moscou, 1920. Essas páginas e

e maciça do general Hoffmann, face larga e glabra, de lornhão, muito alemã. Homem de confiança do estado-maior, Hoffmann exibia uma dureza que pretendia ser bismarckiana. Alto, magro, com fama de "pacifista", o conde Czernin, em desacordo com seus dois colegas - que, aliás, também não concordavam entre si -, nada mais podia fazer do que acompanhá-los. "Os delegados turcos nos convidavam abertamente, em plena reunião da comissão, a deixar de lado os princípios e a ocupar-nos de negócios. Ao dizer isso, exibiam o ar finório de velhos moedeiros falsos experimentados."⁸ Diante dessa gente estavam Trotsky, Ioffe, Karakhan, Kamenev e seus companheiros, vindos do exílio, vindos da prisão, vindos das rebeliões, "soldados da revolução", como eles próprios diziam ser, tão distantes de pertencer "à carreira". Karl Radek se apresentou no final, na qualidade de representante dos social-democratas poloneses.

O tom das discussões foi, naturalmente, agrídoce. Foi sobretudo um contínuo duelo entre Trotsky, von Kuhlmann e Hoffmann, duelo em que a dialética do primeiro mostrava ser de exasperante superioridade. Algumas trocas de opinião darão uma idéia clara disso e serão úteis para tornar claras, no espírito do leitor, o caráter dos debates.

VON KUHLMANN - Todo tratado de paz deve ser precedido de uma certa introdução onde se diz que o estado de guerra teve fim e que as duas partes têm a intenção de viver, doravante, em paz e amizade. Suponho ser supérflua a discussão sobre esse ponto.

TROTSKY - Tomaria a liberdade de propor a supressão da segunda frase que, dado seu caráter decorativo profundamente convencional, não corresponde, parece-me, ao sentido framente prático do documento (Comissão Política, 29 de dezembro (11 de janeiro) de 1917):

Nessa mesma sessão, Trotsky sublinha a importância da desocupação da Pérsia pelas tropas russas.

VON KUHLMANN - Como a Pérsia não está aqui representada e, de modo geral, não participa destas negociações, creio que seria bom deixar de lado esta questão.

TROTSKY - De fato, para sua infelicidade, a Pérsia não passa de objeto das negociações.

Sobre o mesmo assunto, havendo Kuhlmann falado em ampliar o debate:

TROTSKY - Se a questão fosse proposta de maneira assim tão ampla, eu me veria obrigado a falar de alguns outros países neutros, como a Bélgica, por exemplo.

O general Hoffmann ("Represento aqui o exército alemão!") protestava sistematicamente contra a propaganda bolchevique

entre as tropas dos impérios centrais. Na sessão de 30 de dezembro (12 de janeiro), Trotsky lhe responde com desdém:

- Lastimo vivamente não conseguir compreender a atitude do general Hoffmann. A explicação para isso, creio eu, são nossos pontos de vista profundamente divergentes. Essa diferença de pontos de vista, devo dizê-lo, está registrada num julgamento pronunciado contra mim durante a guerra. A sentença correspondente pode ser encontrada nos arquivos do tribunal de Leipzig, ou de Stuttgart, já não sei bem em qual deles.

VON KUHLMANN (*ao general Hoffmann*) - O senhor deseja a palavra?

HOFFMANN - Não, é o bastante.

Outro dia, tratava-se de fazer reconhecer pelos russos o direito de as instituições locais burguesas dos países bálticos e da Polônia exprimirem "a vontade" desses países. Kuhlmann considerava haver encontrado um argumento muito forte:

VON KUHLMANN - Se me permitem deter-me sobre a questão da Índia seguindo o senhor orador que me precedeu, gostaria de indagar-lhe se, no caso de desocupação da Índia pelas tropas inglesas, ele não consideraria o Nizam de Haiderabad representante suposto do povo hindu, caso esse povo não pudesse recorrer a eleições gerais?

TROTSKY - Não tenho a menor garantia de que o Nizam não desapareceria, ele também, com o fim da dominação inglesa. Em todo caso, esperaria até ter verificado a estabilidade de sua posição.

Os bolcheviques, adversários por princípio de toda e qualquer diplomacia secreta, haviam exigido a publicação dos registros stenográficos das negociações. Por sobre a cabeça dos plenipotenciários encapuzados e mascarados do imperialismo germânico, eles falavam para os povos. Cada uma de suas falas atingia o alvo, como logo mais os acontecimentos demonstrariam. Kuhlmann e Hoffmann, exasperados, protestaram diversas vezes contra os discursos de propaganda de Trotsky e de Kamenev. Logo tomaram a decisão de truncar os registros; disso, porém, resultaram incidentes que não lhes foram favoráveis. Nada mais estranho do que as súbitas contróversias teóricas em que vemos o general Hoffmann, apresentando-se como protagonista de um direito - burguês - ideal, censurar os bolcheviques por governar pela força. Sobre essas questões, houve todo um debate que ganhou realce devido aos cortes infelizes feitos nos textos. "Devo afirmar", diz Trotsky na Comissão Política (1 (14) de janeiro), "que o general Hoffmann tem razão de dizer que nosso governo repousa sobre a força. Até o presente, não houve, em toda a história, outros tipos de governo. E assim continuará a ser, enquanto a sociedade for formada por classes inimigas. Porém, o que em nossas ações espanta e desconcerta os

esse pequeno livro são do mais alto interesse.

8. *ib.*

governos dos outros países é o fato de que, ao invés de prender os grevistas, prendemos os patrões que organizam *lock-outs*; ao invés de fuzilar os camponeses que exigem terra, prendemos e fuzilamos os proprietários fundiários e os oficiais que tentam atirar sobre os camponeses /.../."

A 5 (18) de janeiro, chegou-se ao impasse, com os Impérios centrais furiosos com a agitação bolchevique, e os bolcheviques coagidos a continuar uma guerra a partir dali impossível, ou a assinar uma paz desastrosa, ultrajante e demoralizadora.

6 - LENIN EM MINORIA

A questão de princípio não se propunha aos bolcheviques, alheios aos sonhos pacifistas. Desde 1916, Lenin, prevendo a vitória do socialismo em um ou em vários países, imaginava a possibilidade de guerras, até mesmo ofensivas, do país, ou dos países socialistas contra os países capitalistas⁹. Já em abril de 1917, ele escrevia: se o poder pertencesse aos soviets, "concordaríamos com a guerra revolucionária contra os capitalistas não importa de que país, pois, de fato, essa seria a guerra contra os interesses de não importa que capital, e não a favor dos interesses dos capitalistas de um dado país". Mas os princípios não estavam em questão. O exército se desmobilizava por conta própria, os soldados voltavam para suas casas. As massas não queriam mais combater. A insurreição de outubro fora feita em nome da paz. Os transportes estavam esgotados, a produção, profundamente desorganizada, o abastecimento, em estado lamentável. A fome ameaçava como nunca. "Um relatório do 10º exército diz: A 15 de janeiro, a infantaria e a artilharia abandonaram suas posições para retirar-se para a retaguarda. Parte dos canhões foi abandonada." "Não há mais zona fortificada, escreveram do 3º exército. As trincheiras estão cheias de neve. Materiais das fortificações servem como combustível. As estradas estão ocultas sob a neve, existem

9. "Tendo o proletariado vitorioso /.../ expropriado os capitalistas e organizado em seu país a produção socialista, erguer-se-ia contra o resto do mundo capitalista, convocando as classes oprimidas dos demais países, sublevando-as contra os capitalistas e, em caso de necessidade, intervindo pelas armas contra as classes exploradoras e os respectivos estados." "Sobre a Palavra de Ordem dos Estados Unidos da Europa", in *O Social-Democrata* de Zurique, 23 de agosto de 1916. Ver N. LENIN e G. ZINOVIEV, *Contra a Corrente*.

apenas trilhas que levam aos abrigos, às cozinhas e às barracas alemãs; um setor de mais de 10 Km² está ocupado apenas pelo estado-maior e pelo comitê do regimento."¹⁰ "Mais de 2 mil canhões estavam abandonados na frente de batalha", registra M. N. Pokrovski. A guerra terminara do lado russo.

Não menos inaceitável era a paz alemã. A situação continuava, aliás, confusa, escasseavam elementos de informação sobre a desmobilização espontânea e o entusiasmo revolucionário alimentava grandes ilusões. A 8 (21) de janeiro, às vésperas do III Congresso dos Sovietes, teve lugar em Petrogrado importante reunião de militantes responsáveis do partido bolchevique. Nela se consolidaram três pontos de vista distintos. O de Lenin, em favor da paz; o de Trotsky, que considerava a guerra revolucionária impossível, mas resistia a provocar um rompimento das negociações, para que a possível capitulação fosse manifestamente obtida pela violência alemã; e dos partidários da guerra revolucionária. Sessenta e cinco militantes bolcheviques assistiram a essa reunião. Lenin ficou em minoria após a exposição de suas teses sobre a paz. Os partidários da guerra revolucionária reuniram 32 votos, a tendência intermediária (Trotsky), 16, e Lenin, 15. Voltaram a se encontrar, no dia seguinte, no Comitê Central do partido. Lenin argumentou com a impossibilidade de lutar, a falta de cavalos, a impossibilidade de salvar a artilharia em caso de retirada, a facilidade com que os austro-alemães se apoderariam de Reval e de Petrogrado. "A paz que nos propõem é infame", diz ele, "mas se não a aceitarmos, seremos exterminados e a paz será feita por um outro governo." A Alemanha está prenhe de uma revolução, mas a república socialista já existe na Rússia e precisa de uma trégua para se consolidar. Trotsky preconiza uma manifestação internacional que terá alto custo; já estamos perdendo a Polônia socialista; perdemos também a Estônia. "A salvação da república socialista bem vale uma indenização de 3 bilhões." "Se considerássemos o movimento revolucionário alemão suscetível de estourar com o rompimento das negociações, deveríamos nos sacrificar, pois a revolução alemã seria muito superior à nossa. Mas ela ainda não começou. Devemos resistir até a revolução socialista generalizada e só podemos fazê-lo fazendo a paz."¹¹ Zinoviev, Stalin e Sokolnikov apoiaram Lenin, Lomov e Krestinski votaram pela guerra; a fórmula defendida por Trotsky, Bukharin e Uritski - prolongar as negociações - obteve a maioria. A mesma solução preconizada - "nem fazer a guerra, nem assinar a paz" - foi aprovada ain-

10. Citado por A. ANYCHEV. *Ensaio de História da Guerra Civil, segundo um curso da Academia de Guerra*.

11. N. LENIN, *Obras Completas*, t. XV, Anexo: O CC do PCR e a Paz de Brest-Litovsk, por N. OVSIANNKOV

da uma vez, alguns dias depois, a 14 de janeiro, pelos comitês centrais dos partidos Boichevique e Socialista-Revolucionário de esquerda reunidos. Essa maioria tinha consciência da impossibilidade de uma resistência, mas considerava que uma ofensiva alemã, ainda que possível, provocaria, de ambos os lados da frente de batalha, uma explosão revolucionária. O III Congresso Pan-russo dos Soviéticos, reunido nesse meio tempo, deixou toda a amplitude de ação para o Conselho dos Comissários do Povo.

Lenin estava mesmo em minoria e não apenas no Comitê Central. Comitês tão importante como os de Petrogrado, da região moscovita, dos Urais, da Ucrânia etc., manifestavam-se contra sua tese. Os costumes do grande partido disciplinado eram, no fundo, tão democráticos, que seu chefe reconheceu-se curvando diante da maioria, sem deixar, porém, de defender seu ponto de vista. Uma vez mais, desta vez dentro de seu próprio partido, Lenin lutava contra a correnteza.

7 - AS TESES DE LENIN

Nas grandes ocasiões, Lenin habitualmente expunha claramente seu pensamento sob a forma condensada, ao mesmo tempo explícita e concisa, de teses, que nunca eram longas e ele não abusava delas. Suas teses sobre a paz, em 21 artigos de entre 5 e 15 linhas, oferecem um modelo do gênero. Vamos resumí-las.

1. O êxito da revolução socialista está assegurado na Rússia pela adesão das massas operárias e camponesas. 2. A guerra civil, inevitável, ainda está longe de haver atingido seu ponto culminante. 3. A sabotagem, a corrupção e suas outras formas não ativas irão prolongá-la por muitos meses. 4. e 5. A revolução precisa de tempo. Tem necessidade, ainda, de pelo menos uma trégua de vários meses para vencer a burguesia e empreender seu trabalho de organização. 6. É impossível prever a que prazo virá a revolução européia inevitável e próxima. 7. As primeiras negociações de Brest-Litovsk demonstraram que a fração militar predomina na Alemanha e nos coloca diante da alternativa de prosseguir a guerra, ou suportar uma paz imperialista, pagando uma indenização de guerra disfarçada de 3 bilhões. 8. Já se fez o impossível para prolongar as negociações ao máximo. 9. Fazer a paz, cedendo à força, não significa trair o internacionalismo prole-

tário: "Os operários que, durante uma greve, aceitam condições de retorno ao trabalho, desvantajosamente para eles e vantajosas para os capitalistas, não estão traido o socialismo. Traem-no apenas aqueles que trocam as vantagens de uma parte dos operários pelas dos capitalistas e apenas ajustes desse tipo são, em princípio, inadmissíveis". 10. Fazendo a paz, liberaríamos as tropas alemãs da frente de guerra oriental e diz-se que isso seria fazer o jogo do Imperialismo germânico. Porém, vendo as coisas desse modo, a guerra revolucionária faria o jogo do imperialismo anglo-francês. "Os ingleses propuseram com toda a clareza a nosso generalíssimo comandante-chefe Krylenko, 100 rublos por mês por soldado, em caso de continuação da guerra." "A conclusão correta a se tirar dessa situação é que, a partir da vitória do governo socialista num dado país, as questões devem ser enfrentadas, não do ponto de vista da preferência a se dar a tal ou qual imperialismo, mas exclusivamente do ponto de vista das melhores condições de desenvolvimento e de consolidação da revolução socialista iniciada." "Jamais aceitamos o derrotismo a não ser em relação à burguesia imperialista do próprio país dos interessados, e sempre repudiamos como inadmissível a vitória sobre um imperialismo estrangeiro obtida mediante aliança formal ou de fato com um imperialismo *amigo*." 12. Em princípio, somos partidários da guerra revolucionária, mas isso é uma questão de possibilidades reais. 13. A política do gesto nobre não corresponderia, absolutamente, à proporção das forças em presença. 14. O exército está sem condições de opor uma resistência eficaz aos alemães, que podem tomar Petrogrado. 15. As massas camponesas e as de soldados são contra a guerra; "dada a total democratização do exército, seria arriscado querer fazer a guerra contra a vontade da maioria dos soldados". A criação de um exército socialista exigirá muitos meses. 16. A guerra revolucionária somente seria admissível se a revolução alemã estivesse para eclodir em três ou quatro meses. Caso contrário, a derrota equivaleria à perda do poder socialista. 18. Apostar nisso o destino da revolução seria correr grande risco. 19. A paz em separado não enfraquecerá a revolução alemã; o exemplo dos soviéticos terá enorme efeito de propaganda. 20. A verdadeira guerra revolucionária deveria ser uma guerra ofensiva, feita pelo exército socialista, a fim de derrubar a burguesia dos demais países. Neste momento, ela é impossível. Fizemos o possível em favor da Polônia, da Lituânia, da Curlândia: os interesses do socialismo têm primazia sobre os das nacionalidades.

A teoria de Lenin era chamada, acertadamente, de *teoria da dilatação*.

8 - A TESE DE TROTSKY

Já se esboçava fortemente, no Partido Bolchevique, uma tendência de esquerda agrupada em torno dos militantes de extrema-esquerda de Moscou (Iaroslavski, Soltz, Muralov, Sapronov, Issinski, Stukov etc.) O gabinete regional da organização de Moscou exigia, desde fins de dezembro, o rompimento das negociações de Brest-Litovsk, bem como, aliás, de todas as relações diplomáticas "com todos os países capitalistas". Chegava a considerar inadmissível os acordos econômicos entre estados capitalistas e socialistas. A seu ver, era melhor "perecer pela causa do socialismo do que baixar a cabeça perante Guilherme II". A sublevação dos povos faria a paz democrática¹². Percebe-se o tipo de romantismo projetado no abstrato que estava no fundo dessa doutrina.

A tese de Trotsky era essencialmente diferente disso, Trotsky não deixava de perceber a impossibilidade completa de prosseguir a guerra. Mas duvidava que a Alemanha, vítima de profunda crise, a Alemanha cujo exército esgotado sofria a influência da revolução russa, pudesse tomar a ofensiva. Julgava necessário pôr à prova a classe operária e o exército alemães. Ao que retrucava Lenin: "É tentador, mas é arriscado, arriscado demais".

A imprensa da Entente apresentava os bolcheviques como agentes pagos pela Alemanha e as difíceis negociações de Brest-Litovsk como uma comédia destinada, no final das contas, a salvar as aparências. "Eis que os bolcheviques dissolviam a assembléa constituinte 'democrática' para concluir com os Hohenzollern uma paz humilhante e escravizadora, no momento em que a Bélgica e o norte da França estavam ocupados pelos exércitos alemães. Era evidente que a burguesia da Entente era bem sucedida em mergulhar as massas operárias na maior perplexidade, o que, por outro lado, podia facilitar uma intervenção armada contra nós."¹³ Há anos já que as massas populares estavam sujeitas à influência do chauvinismo. Os internacionalistas ainda constituíam, dentro do movimento operário, apenas frágeis grupos. Se os bolcheviques não desfizessem o mal-estar causado pela paz

12. V. SORIN, *O Partido e a Opasição*, 1ª parte, Moscou, 1925.

13. L. TROTSKY, *Sur Léline*, cap. III, edição francesa da Librairie du Travail.

em separado entre a Rússia e os impérios centrais, não seria o estado de espírito das massas, nos países aliados, favorável a uma intervenção na Rússia? Se, ao contrário, os bolcheviques só viessem a assinar uma paz desastrosa com a faca na garganta, todo equívoco estaria dissipado. Ao que Lenin respondia, obstinado: "Arriscado demais. Atualmente, nada é mais precioso do que nossa revolução. É preciso colocá-la fora de perigo a todo custo".

Trotsky argumentava também com a situação dentro do partido. A paz imediata podia levar a uma cisão; a saída de bons elementos de esquerda fortaleceria, automaticamente, os elementos de direita. Lenin respondia: "Estes caprichos passarão. A cisão não é absolutamente inevitável. E se ela ocorrer, os que a fizerem retornarão ao partido. Mas se os alemães nos esmagarem, nós não retornaremos..."

"Nós dizamos", escreve Trotsky (*Sur Léline*): "Ainda que houvesse apenas 25 chances sobre 100 de que os Hohenzollern não se decidam a fazer-nos a guerra, ou que não possam fazê-lo, devemos arriscar."

Os acontecimentos na Alemanha fundamentavam esse modo de pensar. Em meados de janeiro, greves importantes eclodiram em Berlim. O *Pravda* saiu a 18 de janeiro (31 de janeiro pelo novo calendário), com a seguinte manchete:

"Aconteceu! A cabeça do imperialismo alemão está sobre o cepo. Ergue-se o gládio da revolução proletária!

"A revolução chega à Alemanha! Um soviete em Berlim!"

O movimento grevista abrangia Viena, Berlim, Kiel, Hamburgo, Dusseldorf, Cassel, Leipzig, Halle etc. De fato, surgiam sovietes, logo a seguir dissolvidos, em Berlim e em Viena. As fábricas de material bélico estavam em greve.

9 - "NEM PAZ, NEM GUERRA"

As negociações de Brest-Litovsk foram retomadas a 18 de janeiro. Os impérios centrais foram beneficiados pela presença de uma delegação da República Ucrâniana, cujos oradores, ouvidos com benevolência pelo barão von Kuhlmann, pronunciaram diatribes anti-bolchevistas. A delegação dos sovietes não se opôs, no entanto, à admissão dos enviados da *Rada*, enquanto a *Rada* tivesse um território. E ela não mais o tinha ao final de alguns dias. Em compensação, impuseram que fosse ouvida uma delegação dos social-democratas poloneses,

composta de Stanislas Bobinski e Karl Radek, que denunciou, sem rodeios, o regime instituído na Polônia pela ocupação alemã.

A irritação era crescente no estado-maior alemão. Não se estava perdendo um tempo precioso? Não se estava sendo ludibriado pelos agitadores bolcheviques? "Eu estava sobre brasas", escrevia Ludendorff. No entanto, a imprensa censurava as intervenções brutais do general Hoffmann. Os austríacos, alarmados com a gravidade de sua situação interna, ameaçavam abandonar seus aliados e pediam socorro a Berlim. "Estamos no limiar da catástrofe do abastecimento", dizia Czernin¹⁴. As greves da segunda quinzena de janeiro os transtornaram. "Se não formos socorridos", telegrafava o presidente do conselho austro-húngaro, "os distúrbios eclodirão na próxima semana." Ele estava certo.

Ludendorff queria ter rompido as negociações, tomando imediatamente a ofensiva e, desse modo, provocado a constituição de um novo governo mais complacente na Rússia. "Como eles nos tratam!" dizia sobre os bolcheviques. Hoffmann, enrubescido, fazia lembrar a Kamenev, Ioffe e Trotsky que os impérios centrais não eram os vencidos... Não há dúvida de que as greves precipitaram Guilherme II a ceder às objurgações de seu estado-maior. Um radiograma de propaganda dirigido às tropas alemãs pelos bolcheviques, no qual o imperador se considerou apontado à cólera de seus soldados, foi a gota d'água. Guilherme II ordenou a Kuhlmann que apresentasse um ultimato aos russos. Hoffmann exigia apenas que eles fossem "triturados com um ultimato". Tranqüilamente, abriu diante da delegação russa seu mapa onde estavam traçadas as novas fronteiras. Desta vez, os russos foram postos contra a parede.

Na sessão de 28 de janeiro (10 de fevereiro), a fala de Trotsky tornou-se, inesperadamente, agressiva. Pronunciou um discurso curto, exclusivamente destinado à propaganda:

"Os povos indagam quando terá fim esta auto-destruição da humanidade, provocada pelo espírito de lucro e de dominação das classes dirigentes de todos os países. Se algum dia a guerra foi defensiva, há muito tempo deixou de sê-lo, de ambos os lados. A Grã-Bretanha se apodera de colônias da África, de Bagdá, de Jerusalém. A Alemanha ocupa a Sérvia, a Bélgica, a Polônia, a Lituânia, a Romênia e se apodera das ilhas de Moon-sund. Isto não é guerra defensiva. É uma guerra para a partilha do mundo.

"Não queremos mais participar dessa guerra puramente imperialista em que as pretensões das classes ricas se satisfazem com sangue humano. Consideramos com igual intransigência os imperialismos de ambos os lados e não mais concordamos em derramar o sangue de nossos soldados pelos interesses de um partido imperialista.

14. Observemos este trecho de diálogo entre o conde Czernin e o barão Kuhlmann: "Kuhlmann: Aos russos só cabe escolher com que molho irão ser comidos. - Czernin: Exatamente como nós." (CZERNIN, *Memórias*.)

"Na expectativa do momento, que julgamos estar próximo, em que as classes trabalhadoras oprimidas de todos os países tomarão o poder, como fez o povo trabalhador da Rússia, retiramos da guerra nosso povo e nosso exército. Nosso soldado-trabalhador retorna, a partir desta primavera, a seu labor no cultivo pacífico da terra que a revolução fez passar das mãos dos proprietários fundiários às dos camponeses. Nosso operário-soldado deve retornar à fábrica para ali produzir não engenhos de destruição mas ferramentas construtivas e para, juntamente com o trabalhador do campo, erguer a nova economia socialista.

"Desmobilizamos nosso exército. Recusamo-nos a assinar uma paz de anexações. Declaramos terminado o estado de guerra entre os impérios centrais e a Rússia".

Isto era o que menos esperavam os austro-alemães. Um Conselho Extraordinário se reuniu no castelo de Hamburgo para examinar a nova situação. Dele participaram Guilherme II, o chanceler von Hertling, o vice-chanceler, Hindenburg, Ludendorff, o chefe do Almirantado e von Kuhlmann. As opiniões foram divergentes. O chanceler, o vice-chanceler, von Kuhlmann e os austríacos foram do parecer que a situação interna, mais particularmente a da Áustria-Hungria, não permitia qualquer ofensiva contra a Rússia¹⁵. As chances imaginadas por Trotsky eram, como se vê, muito reais. Os generais exigiram a ofensiva, argumentando com as seguintes razões: 1. Sem terminar com a frente de guerra russa, não seria possível tomar a ofensiva contra os anglo-franceses; 2. Somente a ocupação da Ucrânia, rica em trigo, podia evitar a fome na Áustria; considerações econômicas análogas impunham a ocupação de parte da Rússia; 3. Era importante infligir uma séria derrota ao bolchevismo, capaz de se consolidar militarmente. O kaiser concordou com o estado-maior.

10 - O CANCELAMENTO DAS DÍVIDAS E OS ALIADOS

Ao mesmo tempo, com a anulação das dívidas externas da Rússia, o governo dos soviets consumava seu rompimento definitivo com as potências aliadas. Essa medida se impunha; pode-se dizer que era um dos objetivos da revolução. Já

15. LUDENDORFF, *op. cit.* O imperador Carlos da Áustria resistiu, por várias semanas após a decisão de Hamburgo, à ofensiva na Ucrânia e somente autorizou a cooperação das tropas austríacas premido pela fome que grassava no país (*ib.*).

mostramos a profunda dependência, quase colonial, do império russo em relação ao estrangeiro. A revolução proletária e camponesa, sacudindo o jugo das classes ricas e do nacionalismo grão-russo, não podia se curvar, respeitosamente, ao jugo da finança internacional. Aliás, não havia outro meio de enfrentar a inevitável bancarrota, senão anulando a dívida de estado que, naquele momento, atingia a cifra fabulosa de 80 bilhões de rublos. (Dívidas externas, 16 bilhões; dívidas internas indiretas, 4,8 bilhões; obrigações diversas indiretas, cerca de 15 bilhões.) O serviço da dívida, a 1 de janeiro de 1918, teria exigido o pagamento de 4 bilhões de rublos de juros anuais, soma sensivelmente superior à receita total do estado em 1913 (3.452 milhões). O montante da dívida equivalia a dois terços da riqueza nacional. A bancarrota e a escravidão econômicas não podiam mais ser evitadas, senão mediante medidas revolucionárias. Acordos com os credores estrangeiros teriam seguramente agravado a situação colonial da Rússia.

A anulação das dívidas do estado foi precedida do confisco, em favor do Banco do Estado, de todos os capitais constituídos por ações dos bancos privados (decreto dos Comissários do Povo, de 26 de janeiro¹⁶). O decreto de 28 de janeiro anulou todos os empréstimos do estado "contraídos no estrangeiro pelos governos dos proprietários fundiários e da burguesia russa", com efeito retroativo a partir do mês de dezembro, anulando-se, também, os cupões de rendimento de dezembro. "Art. 3º - Todos os empréstimos realizados no exterior estão anulados, sem exceção e sem condição." Os títulos em poder das caixas econômicas das cooperativas, das instituições democráticas locais e dos pequenos portadores que possuísem 10 mil rublos de títulos, no máximo, deviam ser convertidos em títulos a serem emitidos de um novo empréstimo da República Socialista Federativa dos Sovietes da Rússia (ao que sabemos, este projeto não foi concretizado). Cabia aos soviets determinar as instituições democráticas e os pequenos portadores beneficiários destas vantagens.

Esse foi um golpe direto aplicado à alta finança internacional e aos imperialismos aliados.

Desde a insurreição de outubro, os governos aliados e seus representantes na Rússia mantinham, diante do governo dos soviets - que não reconheciam -, uma atitude de expectativa nitidamente hostil. Haviam-se absterido de responder aos reiterados apelos por uma paz geral feitos pelo governo dos soviets. Ao contrário, vimos que as missões militares aliadas estimularam a resistência do general Dukhonin; a partici-

16. "Art. 5. - Os acionistas de bancos que não apresentarem seus títulos ou não fizerem comunicação de suas listas de registro dentro do prazo de quinze dias, a partir da publicação deste decreto, serão punidos com o confisco de todos os seus bens."

pação de determinados oficiais franceses na guerra civil na Ucrânia, onde davam apoio à *Rada*, havia provocado um incidente entre o embaixador da França, Noulens, e o Comissariado para as Relações Exteriores. A França enviava subsídios à *Rada*; o general Berthelot estimulava as maquinações da Romênia na Bessarábia. A Inglaterra internava dois exilados revolucionários russos, Tchitcherín¹⁷ e Petrov, cuja libertação Trotsky somente conseguiu obter quando ameaçou usar represálias contra súditos britânicos residentes na Rússia. A imprensa da Entente realizava campanhas de calúnias e de ofensas contra a revolução russa, de violência e de persistência tamanhas que só podemos compará-las à insanas campanhas desencadeadas, outrora, contra a Revolução Francesa pela imprensa inglesa, William Pitt e os exilados fiéis ao rei. Ao estudar os documentos da época, fica-se atônito com um fato surpreendente: os homens de estado, os jornalistas, os mais esclarecidos orientadores da opinião do mundo capitalista *não compreendiam nada* da revolução russa. Os mais desarrazoados boatos encontravam crédito junto a eles. A opinião geral era de que os bolcheviques, aventureiros doutrinários levados ao poder pelo acaso dos tumultos, desapareceria de três a seis semanas - a seguir, dizia-se de três a seis meses - da mesma maneira súbita como haviam entrado em cena. Ninguém previa para eles outro futuro que não fosse a força. Os representantes aliados na Rússia compartilhavam desta cegueira, com exceção de dois homens, cuja influência, lutando contra a correnteza, não conseguiu se impor nem mesmo junto a seus próprios governos: o norte-americano Raymond Robins e o francês Jacques Sadoul.

O embaixador da Inglaterra, Buchanan, declarava, a 18 de dezembro - em tom conciliatório -, que a Grã-Bretanha esperava que "se constituísse na Rússia um governo estável, reconhecido pelo povo". A imprensa oficiosa de Paris e Londres depositava suas esperanças nos generais Kaledin, Alexeiev e Kornilov; começava a pregar um projeto de intervenção japonesa na Sibéria. Os Estados Unidos se mantinham reservados.

A 31 de janeiro, dois dias depois do golpe teatral de Brest-Litovsk, ao mesmo tempo que as tropas romenas, com o consentimento tácito do marechal-de-campo alemão von Mackensen e o consentimento explícito do general francês Berthelot, lançavam-se a uma ofensiva contra Odessa, o corpo diplomático dirigia aos Comissários do Povo uma nota

17. Georges Vassilievitch Tchitcherín. De origem aristocrática, entrou inicialmente na carreira diplomática que abandonou, em 1905, para emigrar e tornar-se revolucionário profissional. Até a guerra, pertenceu às organizações mencheviques. Internacionalista durante a guerra, internado pelo governo britânico até fins de 1917. A partir da paz de Brest-Litovsk, dirige a política exterior dos soviets.

ultrajante e ameaçadora, cuja principal passagem é a seguinte: "Os embaixadores e os ministros plenipotenciários aliados e neutros acreditados em Petrogrado trazem ao conhecimento do Comissariado das Relações Exteriores que todos os decretos do governo operário e camponês sobre a anulação dos empréstimos do estado, os confiscos dos bens etc., são por eles considerados inexistentes, na medida em que tais decretos dizem respeito aos interesses dos estrangeiros".

Concretizava-se o bloco das duas coalizões imperialistas inimigas contra a revolução operária e camponesa.

As veleidades de colaboração militar entre os aliados e os soviets contra a Alemanha, manifestadas durante os dias mais graves do período de Brest-Litovsk, não tiveram efeito algum. Na verdade, o espírito de classe dominava a política dos representantes aliados na Rússia; não eram mais diplomatas ou militares ingleses, franceses e norte-americanos, mas, antes de tudo, burgueses, e nunca se esqueciam disso. Os homens de estado cogitavam, cada vez mais seriamente, de uma partilha da Rússia. Enquanto o general Hoffmann desencadeava sua ofensiva contra a Rússia revolucionária que acabava de lhe "declarar a paz", o general Foch, dando à imprensa norte-americana uma entrevista, a cujo respeito a imprensa francesa julgou dever silenciar, dizia: "Os Estados Unidos e o Japão podem encontrar a Alemanha na Sibéria" (26 de fevereiro). Prosseguiam ativas negociações entre Londres, Washington, Paris e Tóquio a respeito de uma intervenção japonesa na Sibéria, em outras palavras, da conquista do extremo-orient russo pelo Japão. A resistência dos Estados Unidos fez fracassar este projeto.

Em determinado momento, cogitou-se uma colaboração dos Estados Unidos com os soviets; Trotsky pediu formalmente a ajuda norte-americana. Jacques Sadoul encarregou-se de pedir a ajuda da França, em nome de Trotsky, que não lhe havia pedido isso. Conseguiu que, a 24 de fevereiro¹⁸, Noulens telefonasse a Trotsky: "Em sua resistência contra a Alemanha, vocês podem contar com o apoio militar e financeiro da França". Na prática, esse apoio foi nulo, a despeito dos esforços de Sadoul.

18. Até 31 de janeiro de 1917, a Rússia utilizou o calendário juliano, treze dias atrasado em relação ao calendário gregoriano, adotado, desde fins do século XVI, por todos os demais países da Europa. Até agora, temos indicado as datas segundo o calendário juliano, fazendo-as acompanhar, às vezes, das datas do calendário gregoriano entre parênteses. Assim é que a insurreição bolchevique teve lugar na Rússia a 25 de outubro e, para a Europa, a 7 de novembro. A partir de 31 de janeiro, um decreto dos Comissários do Povo torna obrigatório o uso do calendário gregoriano; mas, para tanto, é preciso saltar 13 dias, de modo que o mês de fevereiro começa no dia 14. Deve-se atentar para essa defasagem que poderia produzir, no leitor desavisado, a ilusão de um desenrolar mais lento dos acontecimentos.

11 - "A PÁTRIA SOCIALISTA EM PERIGO"

A frente de guerra russo-alemã estendia-se por uma linha mais ou menos reta de Riga a Kamenietz-Podolsk às margens do Dniester. A 18 de fevereiro, oito dias após o encerramento das negociações, o general Hoffmann, violando a cláusula do armistício, segundo o qual a retomada das hostilidades devia ser anunciada com uma semana de antecedência, informava o governo dos soviets da volta ao estado de guerra. A imprensa alemã justificava a ofensiva pela necessidade do restabelecimento da ordem na Rússia. O príncipe Leopoldo da Baviera, discursando a suas tropas, anunciou a elas que não mais iriam lutar por conquistas, mas para dar fim à praga do bolchevismo. "A Alemanha", dizia ele, "é a partir de agora o bastião da cultura européia contra a flagelo oriental." No entanto, o objetivo de Ludendorff não parece ter sido o de derrubar o regime dos soviets, o que - hoje o sabemos, mas na época não se sabia - provavelmente estaria acima de suas forças. Ele visava ocupar a Ucrânia e aplicar aos russos um golpe "rápido e vigoroso", de maneira a se apoderar de toda sua artilharia e seus estoques, para que lhes fosse impossível reconstituir rapidamente um exército.

A ofensiva alemã não encontrou resistência alguma. As tropas alemãs avançaram sem disparar um só tiro, utilizando as estradas de ferro. Em poucos dias (de 18 a 24), ocuparam Revel, Dejltza, Dvinsk e Minsk; invadiram a Ucrânia.

Foram dias terríveis. A partir do anúncio da ofensiva, o Conselho dos Comissários do Povo faz saber aos austro-alemães, por um rádio-telegrama, que concordavam em fazer a paz. Pensava-se que os impérios centrais não responderiam. Berlim respondeu evasivamente: "Façam suas propostas por escrito /.../". A opinião mais comum foi a de que os alemães, a partir de então, fariam a guerra não contra a Rússia, mas contra os soviets, que talvez se tivessem entendido com a Entente sobre o restabelecimento da ordem na Rússia, que ocupariam a maior parte do território e provavelmente Petrogrado. As últimas tropas russas se retiraram, desordenadamente, diante deles, sem sequer se dar ao trabalho

de obedecer às ordens do Conselho dos Comissários do Povo, que determinavam, em caso de retirada, a destruição das armas e das munições. Se os alemães recusavam a paz, nada mais restava aos soviéticos do que organizar a guerrilha no território ocupado. A 21 de fevereiro, a *pátria socialista* foi declarada em perigo.

Foi dada a ordem de mobilizar as forças e recursos do país para a defesa revolucionária; de defender até o fim todas as posições; de destruir as ferrovias diante do inimigo; de destruir os estoques de víveres, de material e todos os objetos de valor de modo a não os abandonar para o inimigo; de mobilizar a população das cidades para cavar as trincheiras, sob orientação de técnicos militares: "Todos os adultos válidos, homens e mulheres, pertencentes à classe burguesa entrarão para esses batalhões; os que resistirem serão fuzilados"; de suspender a publicação de todos os órgãos de imprensa hostis à defesa revolucionária, favoráveis à invasão burguesa alemã ou à contra-revolução, devendo os redatores e colaboradores dessa imprensa ser mobilizados para os trabalhos de defesa; de "fuzilar no ato os agentes do inimigo, os especuladores, os saqueadores, os ladrões, os agitadores contra-revolucionários"... O terror vermelho estava em germe neste documento; nascia, desta vez, como na Revolução Francesa, da invasão estrangeira e da enormidade do perigo.

Mas os camponeses não queriam combater. Lenin tinham razão ao basear toda sua teoria da dilatação nesta constatação. Os alemães progrediam sem encontrar resistência e se apoderavam de um imenso butim. Em uma só semana percorreram entre 200 e 300 Km. Por vezes, as milícias vermelhas ofereceram resistência: era uma resistência desesperada, fadada ao fracasso. A passividade do soldado camponês contrastava com o entusiasmo dos operários que, de fábricas inteiras, com suas mulheres e seus filhos maiores, estes também bons para a resistência, acorriam ao Instituto Smolny para se armar. Quanto aos zelosos patriotas da véspera, muitos deles aguardavam os alemães como libertadores. Deve-se registrar que as milícias vermelhas davam prosseguimento, sob o comando de Antonov-Ovseenko, a brilhantes operações (tomada de Rostov, derrota de Kaledin) e que as tropas vermelhas da frente de guerra da Romênia venciam os romenos e mantinham Odessa em seu poder. Registre-se, ainda, que na verdade não houve terror, pois o sentimento das massas não era favorável ao terror para uma guerra que não se queria.

A tomada de Pskov, a 257 Km de Petrogrado (distância considerada não muito grande na Rússia) consternou a capital.

A chegada de uma nova delegação soviética a Brest-Litovsk, a 1 de março, não trouxe melhora alguma à situação. Os alemães se recusaram a suspender as operações até a

assinatura da paz, marcada por eles para 4 de março. A delegação informou ao país que eles tinham a intenção de penetrar o mais profundamente possível para o interior e que agiam mediante tropas de choque pequenas, fáceis de rechaçar.

Na verdade, a ofensiva alemã tinha limites naturais. A guerrilha, a destruição das estradas, as dificuldades do abastecimento, o estado de espírito das populações, a formação de bandos vermelhos na retaguarda do invasor, as greves, a escassez e o descontentamento na Alemanha e na Áustria, todas essas coisas obrigaram, ao fim da primeira semana, que o comando planejasse operações de grande envergadura, longas, difíceis e, finalmente, arriscadas: lutavam num país desconhecido contra um inimigo muito diferente de todos os que conheciam. Todos os objetivos baseados numa paz imediata com a Rússia estavam comprometidos.

12 - LENIN PREVALECE

A partir do anúncio da retomada das hostilidades, Lenin propõe ao Comitê Central a assinatura imediata da paz (17 de fevereiro). Novamente fica em minoria, mas apenas por um voto. Bukharin, Trotsky, Ioffe, Krestinski, Uritski e Lomov votam contra ele; Sverdlov, Sokolnikov, Smilga e Stalin, a seu favor.

No dia seguinte, 18 de fevereiro, dia da ofensiva alemã, o Comitê Central delibera por duas vezes. Dois oradores falam a favor de cada tendência a respeito de questões propostas com toda a clareza; cada um tem 5 minutos para falar. O momento não está para discursos longos! Na primeira sessão, sete votos contra seis ainda descartam a proposta de Lenin (retomada imediata das negociações), defendida por Zinoviev e combatida por Bukharin e Trotsky. Na segunda sessão, Trotsky informa sobre a tomada de Dvinsk e sobre a entrada dos alemães na Ucrânia.

"Entramos na guerra revolucionária", responde Lenin, "a despeito de nós mesmos. Não se deve brincar com a guerra! Essa brincadeira nos levou a um impasse de tal ordem, que a partir de agora a ruína da revolução passa a ser inevitável se nos ativermos por mais tempo em uma atitude indecisa. Ioffe nos escreveu de Brest que não há o menor sinal de revolução na Alemanha.

"/.../ Ficamos escrevendo, enquanto eles tomam os depósitos, os vagões e nos arrebatamos! /.../ A história dirá que vocês abandonaram a revolução! Podíamos assinar uma paz que em nada a ameaçava. Não temos nada, não podemos sequer fazer explodir as coisas /.../.

"O camponês não quer a guerra e não lutará. A guerra permanente dos camponeses é uma utopia. A guerra revolucionária não deve ser uma frase. Se não estamos preparados para ela, assinemos a paz!

"A revolução não estará perdida por termos entregue a Finlândia, a Letônia e a Estônia."

Confirmado pelos acontecimentos de maneira terrível, o poderoso realismo de Lenin sai vitorioso desta vez, por sete votos contra seis. O voto de Trotsky deu a ele a vantagem¹⁹. Nem Lenin nem o Comitê Central pensaram em acusar Trotsky de inseqüente; ao contrário, ele foi encarregado de redigir, com Lenin, o radiotelegrama aos alemães. A demonstração que pretendia fazer diante dos proletários de Outubro estava feita; a oportunidade que pretendia tentar fora tentada.

A situação se agrava hora após hora. Os alemães demoram a responder, mas prosseguem firmemente seu avanço, reunindo um enorme butim. E o partido se divide! Os militantes da esquerda moscovita, partidários da guerra revolucionária, demitem-se a 20 de fevereiro de seus postos de direção, "reservando-se a liberdade de agitação no interior do partido e fora dele". (Dentre os demissionários estão Lomov, Bubnov, Uritski, Piatakov.) É, de fato, um passo na direção da cisão. A imprensa do partido oculta estes fatos. Ao fim de dois dias, os demissionários e toda a esquerda reafirmam sua atitude, mas declaram que recorrerão ao congresso.

A 22 de fevereiro, Trotsky informa o Comitê Central de uma proposta dos aliados: a França e a Inglaterra estariam dispostas a dar apoio à Rússia em sua resistência à Alemanha.

Ele considera a proposta aceitável, desde que se garanta a independência da política externa dos soviéticos. Bukharin pede a rejeição. Lenin não compareceu, mas rabiscou às pressas num pedaço de papel as palavras seguintes: "Queiram contar meu voto a favor do apoio e do armamento dos bandidos imperialistas anglo-franceses. - Lenin". Por seis votos contra cinco, o CC se pronuncia nesse sentido.

A resposta de von Kuhlmann, anunciando maior rigor nas condições de paz da Alemanha - e que rigor! pois a Rússia deve subscrever o desligamento definitivo dos países bálticos, da Polônia, da Lituânia, da Estônia, da Ucrânia e da Finlândia!

19. Votos: a favor da proposta de Lenin (paz imediata): Lenin, Smilga, Sverdlov, Sokolnikov, Stalin, Trotsky e Zinoviev; contra: Uritski, Ioffe, Lomov, Bukharin, Krestinski e Dzerjinski; uma abstenção: Helena Stassova. O Comitê Central dos socialistas-revolucionários de esquerda, informado do assunto, recusou-se a assinar a paz. Ver N. OVSIANNIKOV, Anexo ao tomo XV das Obras Completas de Lenin.

- é discutida no CC, a 23 de fevereiro. Lenin, irredutível, declara "terminada a política da frase revolucionária", acrescentando que, caso se pretendesse continuar com ela, ele se retiraria imediatamente do governo e do Comitê Central. "Prepararemos a guerra revolucionária", diz ele. Trotsky, considerando que a divisão do partido torna impossível a guerra revolucionária, opina a favor da paz (abstém-se, porém, de votar). A tese de Lenin sai vitoriosa por sete votos contra quatro e quatro abstenções²⁰.

13 - O TRATADO

Sokolnikov, Petrovski, Tchitcherin, Karakhan e Ioffe estão em Brest-Litovsk, na presença do embaixador von Rosenberg e do general Hoffmann. Desta vez, os delegados dos soviéticos se recusam a parlamentar. "Estamos aqui", declara Sokolnikov, "para assinar, sem qualquer demora, uma paz que nos é imposta pela violência." - "A paz que assinamos", diz ele na conferência, a 3 de março, "nos é ditada de armas na mão. A Rússia revolucionária se vê coagida a aceitá-la com os dentes cerrados /.../." Denuncia, rapidamente, com todas as palavras, o caráter espoliador e o espírito de classes dessa paz e conclui: "Não aceitamos qualquer tipo de discussão, por considerá-la inútil".

As cláusulas principais do tratado, redigido em treze artigos, eram as seguintes: compromisso recíproco de cessar toda agitação contra "as instituições governamentais ou militares" dos países interessados; desmobilização do exército russo, inclusive das novas unidades soviéticas; renúncia da Rússia a qualquer intromissão nos assuntos dos países situados a oeste de suas novas fronteiras (todos os países bálticos, a Lituânia e a Polônia); evacuação das regiões da Ásia Menor ocupadas pelas tropas russas; reconhecimento, pelos soviéticos, da República Popular da Ucrânia e do tratado por esta concluído com a Quádrupla Aliança; evacuação, pelos russos, da Finlândia e das ilhas de Aalândia (o que significava o sacrifício da revolução finlandesa); renúncia recíproca às indenizações de guerra, devendo a Rússia, no entanto, indenizar os impérios centrais pela manutenção dos prisioneiros russos,

20. Votos: a favor: Lenin, Stassova, Zinoviev, Sverdlov, Sokolnikov, Smilga e Stalin; contra: Bukharin, Bubnov, Uritski e Lomov; abstenções: Trotsky, Dzerjinski, Ioffe e Krestinski.

pelo prejuízo causado aos súditos austro-alemães pela revolução etc. (no total, pagar mais de 3 bilhões de rublos-ouro). A permuta de prisioneiros de guerra devia ter lugar imediatamente (com isso, a Alemanha contava recuperar o material humano); as relações comerciais e consulares se restabeleciam.

Assinada a paz, o avanço das tropas alemãs prosseguiu, sob proteção do tratado, na Ucrânia, até o Don, Criméia e Cáucaso.

14 - RESISTIR SEM FRASES

Nesta reviravolta da revolução, a política de Lenin merece ser aprofundada. Como de hábito, Lenin a justificou, energicamente, nos artigos que publicou no *Pravda* e em suas intervenções no Comitê Central. A veemência de sua argumentação se dirigia, continuamente, contra a tendência de esquerda. Em artigo de 21 de fevereiro (*Sobre a Frase Revolucionária*), dedica-se a refutar suas teses. Atentamos, de início, a suas definições: "A frase revolucionária é, muito freqüentemente, uma doença própria dos partidos revolucionários quando eles realizam /.../ a articulação de elementos proletários e pequeno-burgueses e quando o curso dos acontecimentos leva a reviravoltas súbitas. A frase revolucionária é a repetição de palavras de ordem revolucionárias, sem qualquer relação com as circunstâncias objetivas de um dado momento, de uma determinada mudança de rumo. Palavras de ordem excelentes, arrebatadoras, estimulantes, porém desprovidas de base, eis sua essência".

As organizações de Moscou e de Petrogrado, que preconizam a guerra revolucionária, não se opuseram à desmobilização em tempo de guerra. O antigo exército não mais existe. O novo exército mal começa a se formar. As frases, emitidas em profusão, nada mais exprimem que sentimentos. As razões invocadas são lamentáveis. Invoca-se o exemplo da França revolucionária de 1792; mas a França só fez a guerra após a revolução econômica; a Revolução Francesa levou à guerra "contra povos econômica e politicamente atrasados, um povo que nenhuma guerra havia esgotado e que acabava de conquistar a terra e a liberdade". Nós mal acabamos de sair da guerra, estamos apenas começando a revolução. Nosso camponês "não tem atrás de si sequer um

ano de trabalho livre (liberto do proprietário fundiário e das calamidades da guerra)". "O feudalismo vencido, a liberdade burguesa consolidada, o camponês bem alimentado marchando contra os países feudais, eis a base econômica dos milagres de 1792-1793 nos campos de batalha."

Diz-se que a Alemanha não poderá assumir a ofensiva devido à revolução iminente naquele país. Contudo, em plena revolução, não pudemos impedir que a burguesia russa tomasse a ofensiva, em junho de 1917. A revolução alemã está amadurecendo; afirmar que ela está madura é cair na fraseologia.

Estariamos ajudando Liebknecht, se fizéssemos a guerra? Não, se a fizéssemos sem forças reais: lutar quando não se possui a força necessária é lançar-se a aventuras.

Também não tínhamos forças em outubro, dizem. Mas as massas estavam conosco e sabíamos disso.

As cláusulas econômicas de paz em separado nos arrastariam? O imperialismo alemão está enfraquecendo; nós nos fortalecemos de um mês para outro. "A mais desvantajosa paz é cem vezes melhor do que a situação da Bélgica."

A paz é infame, desonrosa. Traímos a Polônia, a Lituânia, a Curlândia e a Letônia entregues à Alemanha?... Não, pois os interesses do socialismo têm primazia sobre o direito das nacionalidades a dispor de si mesmas.

"Guerra à frase revolucionária para que não se possa dizer, algum dia, esta amarga verdade: a frase revolucionária sobre a guerra revolucionária pôs a perder a revolução."

No dia seguinte, com o inocente pseudônimo de Karpov, Lenin assinou outro artigo sobre o mesmo assunto intitulado *A Sarna*. "A frase", diz ele, "é uma doença tenaz, como a sarna". O artigo é, em parte, dedicado a refutar a esquerda, que via uma quebra dos princípios na aceitação da ajuda dos anglo-franceses contra os impérios centrais. Será possível que não se compreenda a diferença que há entre as compras de armas feitas por um Kerenski junto aos piratas aliados, para continuar uma guerra de conquista, e as compras que a Rússia socialista, que declarou terminada a guerra, poderia fazer aos mesmos piratas, para defender-se contra Guilherme II? A diferença é a mesma que existe entre um homicídio motivado por roubo e um assassinio cometido em legítima defesa.

"Ao que se saiba", escreve Lenin a 23 de fevereiro, "quem quer que seja contra a paz imediata, por mais dolorosa que fosse, trabalha em favor da perda do poder dos soviets". (*A Paz ou a Guerra?*)

Num terceiro artigo (*Uma Lição Dolorosa, mas Necessária*, 25 de fevereiro), ele indica as raízes da ideologia da guerra revolucionária. A facilidade das vitórias da revolução internamente embriagou os espíritos. A semana da ofensiva alemã

nos deu uma lição severa, mas necessária. "Que contraste edificante entre as duas séries de despachos recebidos naqueles dias pelo governo! Por um lado, o ímpeto das mais 'decididas' frases revolucionárias /.../. Por outro, as informações desoladoras e desonrosas a respeito da recusa dos regimentos em defenderem suas posições /.../, o não-cumprimento da ordem de destruir tudo antes da retirada; sem falar na debandada, no caos, na incapacidade, na impotência, na desordem administrativa."

É um crime aceitar, sem ter um exército, a luta contra um adversário poderoso; a paz se impõe, não como capitulação, mas como séria preparação para a guerra. É preciso saber ajudar a revolução socialista nos países socialistas avançados. "Nós a estaremos prejudicando, ao expor a República Socialista dos Sovietes, desprovida de exército, aos golpes mortais do inimigo. Não se deve transformar em frase esta grande palavra de ordem: *Apostamos na vitória do socialismo no mundo inteiro*. Mas toda verdade abstrata, quando aplicada a todas as situações concretas, reduz-se a uma frase."

Não conheceríamos todo o pensamento de Lenin nesse momento sem um episódio revelado por Trotsky²¹. O grande realista, o adeversário irredutível de toda aventura, explorava sem desespero, confiante, com ardente vontade, todas as possibilidades e esperava poder resistir, resistir contra o que quer que seja, resistir e, finalmente, vencer!

"E se os alemães avançam? perguntou-lhe Trotsky. Se marcham sobre Moscou?"

"Recuaremos para o leste, para os Urais. A bacia da Kuznietsk é rica em carvão. Citaremos a República dos Urais e do Kuznietsk, com base na indústria dos Urais e na hulha de Kuznietsk, no proletariado dos Urais e nos operários de Petrogrado e de Moscou que tivermos conseguido levar conosco. Resistiremos! Se for preciso, iremos mais longe ainda, transporemos os Urais. Iremos até o Kamtchaka, mas resistiremos! A conjuntura internacional se modificará inúmeras vezes e nós, de nossa República dos Urais e de Kuznietsk, retornaremos a Petrogrado e a Moscou. Enquanto que se agora nos metermos sem razão numa guerra revolucionária, se deixarmos que a nata da classe operária e do partido seja degolada, evidentemente não retornaremos para parte alguma /.../".

21. *Sobre Lenin*, cap. III. Ver também Victor SERGE, "Un Portrait de Lénine pour Trotsky", *Clarté*, nº 75, junho de 1925.

15 - PROBLEMAS E TÁTICAS

A Revolução de Outubro aparece, em Brest-Litovsk, na arena internacional, face a face com o universo imperialista (pois os aliados, ainda que formalmente ausentes, desempenhavam seu papel). Lenin põe em evidência, imediatamente e de maneira acertada, o objetivo essencial do momento: *salvar a revolução, ganhar tempo* (ganhar tempo é salvar a revolução, já que ela se fortalece enquanto a crise das coalizões imperialistas se agrava). A tática invariável de Lenin se orienta por essa preocupação. Ela se inspira num realismo brutal e clarividente, clarividência que nenhum entusiasmo diminui. Nem as surpreendentes vitórias internas, nem as grandes greves na Alemanha e na Áustria, nem mesmo a formação dos primeiros soviets nos impérios centrais precursores da revolução, nada enevoa a visão clara que possui da realidade, qual seja, a revolução alemã ainda está apenas amadurecendo, e o imperialismo austro-alemão é ainda poderoso. Daí a conclusão: apostar na revolução alemã é pôr em risco a existência mesma da revolução russa. O realismo de Lenin é formidável, tanto mais que nenhuma superestimação *profunda* das forças do inimigo se mistura a ele.

Nenhuma super-estimação *profunda*, dizemos, e o episódio da "república de Kuznietsk e dos Urais" confirmam essa nossa opinião, tanto quanto a pequena resistência oposta por Lenin à tese de Trotsky, em comparação com a resistência desabrida e definitiva que iria opor, mais tarde, aos protagonistas da guerra revolucionária. A nítida consciência da fragilidade do regime dos soviets parece, por um momento, impor-lhe a idéia de que a ofensiva alemã poderia provocar sua queda. Hoje sabemos o quanto era crítica a situação interna dos impérios centrais, como foram poucas as vantagens e imensas as desvantagens que obtiveram com a ocupação da Ucrânia e como era espantosa a vitalidade da Rússia vermelha. Podemos concluir que a ocupação, mesmo das capitais, pelo invasor, não teria significado o fim do regime dos soviets, em suma, que, a partir de então, o imperialismo germânico provavelmente não estava mais em condições de matar a revolução russa.

Convém ter em mente este fato para apreciar melhor a tática de Trotsky. Já vimos que ele tinha um duplo objetivo:

esgotar as possibilidades revolucionárias e convencer os proletários do ocidente da intransigência dos bolcheviques com respeito ao imperialismo austro-alemão. Os impérios centrais resistiram ainda nove meses, até novembro de 1918, após a paz de Brest-Litovsk, demonstrando, desse modo, o quanto era errado exagerar-se, desde janeiro e fevereiro, suas possibilidades revolucionárias e confirmando, quanto a isso, a tese de Lenin. Porém, a necessidade de convencer o proletariado do ocidente da intransigência dos bolcheviques com respeito ao imperialismo austro-alemão não deixava de subsistir. Convém rememorar aqui as psicoses de guerra que reinavam sobre as massas da Europa e da América. O socialismo patriota e governamental ainda dispunha de maiorias compactas na classe operária de todos os países aliados. A voz das minorias que simpatizavam com a revolução russa não conseguia se impor. Na França, velhos socialistas como Varenne, Renaudel, Sembat e Albert Thomas se mostravam, cada vez mais, partidários de uma intervenção dos aliados na Rússia. O grupo parlamentar do Partido Socialista Unificado, numa mensagem "em que se mesclavam censuras às advertências e aos conselhos", instava que os bolcheviques não concluíssem uma paz em separado²². A imprensa burguesa, unânime, apresentava os bolcheviques como agentes da Alemanha e as negociações de Brest-Litovsk, como uma comédia combinada com antecedência. Aos olhos das massas dos países - quanto a isso, lembramos de inúmeras conversações com soldados franceses -, os russos, as retirarem-se diante do imperialismo alemão, tornavam-se responsáveis pelo prolongamento de uma guerra já então execrada. Não teria esse estado de espírito, caso houvesse perdurado, permitido aos governos aliados uma intervenção ampla e direta na Rússia? A tática de Trotsky contribuiu bastante para dissipá-lo. Após o rompimento das negociações, após o gesto desconcertante de Brest-Litovsk, após a ofensiva do general Hoffmann contra a Rússia desarmada, após a assinatura de uma tratado imposto a ponta de faca perante o mundo todo, o que podia restar no espírito do operário inglês ou francês, da pretendida

22. Talvez não seja inútil acrescentar alguns detalhes sobre a atitude dos socialistas estrangeiros naquela época. Em fins de janeiro de 1918, um certo número de membros do grupo parlamentar do Partido Socialista Unificado ainda aceitava, com a aprovação de seu grupo, cargos de comissários do governo Clemenceau (Ver P. LOUIS, *História do Socialismo na França*, cap. XI). A Revolução Russa ainda só era defendida, no movimento operário, por uma minoria, crescente mas reduzida. Quanto aos social-democratas alemães, sabemos, por suas declarações de janeiro de 1925, feitas no processo de Magdeburgo, que só entraram no comitê de greve de 1918 condenando esse movimento "prejudicial à defesa nacional" e para apressar seu término, isto é, para sabotá-lo. Ora, sua influência era ainda grande.

convivência entre os bolcheviques e o imperialismo austro-alemão? "Se a assinatura do tratado de Brest-Litovsk, em sua segunda redação, pôs fim à ofensiva alemã", disse Raczowski, "a recusa anterior em assinar o tratado em sua primeira versão nos livrou, por muito tempo, da ofensiva dos países da Entente"²³.

Sabemos, pelas *Memórias* de Ludendorf e por certas declarações dos negociadores alemães em Brest-Litovsk, que os austro-alemães hesitaram antes de decidir a ofensiva contra a Rússia. O chanceler von Hertling e o barão von Kuhlmann foram do parecer que a situação interna não permitia a ofensiva. O estado-maior preponderou, graças ao kaiser; -é verdade, também, que os governantes dos impérios centrais encaravam seriamente a aceitação pura e simples do fato consumado. O êxito da tática "nem paz, nem guerra" parece, pois, ter sido possível.

Ao contrário, a guerra revolucionária preconizada pelos comunistas de esquerda e pela maioria dos socialistas-revolucionários de esquerda não era suscetível de êxito algum. Já vimos isso pela facilidade da invasão alemã e ainda veremos pelas dificuldades da criação do exército vermelho. Quais as idéias diretrizes que inspiravam essa concepção? *Defender a pureza dos princípios e apressar, por meio de uma intervenção ativa, a revolução alemã*. A primeira dessas idéias, atestada pelo uso freqüente dos qualificativos "desonrosa, infame" etc., provinha de uma noção abstrata, dogmática, da honra, alheia, afinal de contas, ao realismo proletário: a honra revolucionária não está em questão quando se sofre uma derrota inevitável sem renunciar à luta. A segunda provinha, sobretudo, de um sentimento que se pode definir como romântico. Certamente, não se pode condenar, em princípio, a intervenção revolucionária visando apressar, em dado país, o desenlace da luta de classes; é necessário, porém, que essa intervenção seja oportuna e que se baseie no emprego de forças reais, sem o que seus resultados só podem ser desastrosos. O que se encontra de mais salutar no comunismo de esquerda do período de Brest-Litovsk - sob raciocínios abstratos contrários à dialética marxista, sob exageros sentimentais e sob um doutrinário perigoso - é o *temor do oportunismo*. Temor não justificado, uma vez que nenhuma tendência de direita se manifestava no Partido Bolchevique, mas temor útil. Vimos a energia com que Lenin combatia as teses da esquerda. "Não há dúvida alguma", escreve Trotsky a esse respeito, "que o partido e a revolução deveram à energia com a qual Lenin propôs a ques-

23. Citado por Trotsky (*Prefácio aos Registros Oficiais das Negociações de Brest-Litovsk*).

tão da necessidade de uma capitulação imediata - de uma passagem à ilegalidade perante o imperialismo alemão", como ele mesmo dizia em reuniões públicas - o fato de não serem arastados a uma guerra sem esperança que teria chegado ao fim em dois ou três meses pela derrota total da revolução russa²⁴.

16 - A INTEGRIDADE DO PARTIDO PROLETÁRIO

Nesse momento, todas as responsabilidades pesam sobre o partido, mais exatamente sobre seus quadros dirigentes de Petrogrado e de Moscou. Que espetáculo eles nos oferecem nessa crise?

Esse partido disciplinado, que não se tolhe por nenhum fetichismo da democracia abstrata, em horas como essas, das mais graves, respeita suas regras de democracia interna. Põe em minoria seu chefe reconhecido; a grande autoridade pessoal de Lenin não impede que os militantes do Comitê Central se ergam contra ele e mantenham, com todo vigor, o próprio ponto de vista; as mais importantes questões são decididas pelo voto, decididas por maiorias fracas (um voto, sete votos em quinze etc.) a que as minorias sabem submeter-se, sem abdicar de suas idéias. Em minoria, Lenin se curva e espera que os acontecimentos lhe dêem razão, continua sua propaganda sem, por isso, infringir a disciplina. Ainda que apaixonada, a discussão se mantém objetiva; nela, nem mexericos, nem intrigas, nem questões pessoais desempenham papel destacado. Os militantes falam de política, sem pensar nem em ferir nem em desacreditar o camarada adversário; trata-se de provar que ele está errado. A oposição, não sendo humilhada, manifesta apenas o mínimo de nervosismo compatível com os acontecimentos e volta atrás imediatamente no caso de decisões excessivas.

Consequindo a maioria, Lenin não se rejubila. Tem muitas outras preocupações! Sua atitude para com os opositores é, a um tempo, tolerante e firme, tolerante com as pessoas, impiedoso com as idéias. (Muito embora sua polêmica jamais desça a procedimentos mesquinhos, ela não costuma distinguir, à maneira dos parlamentares da burguesia liberal, entre os homens e as

24. L. TROTSKY, *Prefácio...*

idéias; porém, em compensação, sempre distingue entre os métodos e os procedimentos de luta que se deve empregar contra os inimigos do partido e os métodos e procedimentos de luta que se deve empregar dentro do partido, entre camaradas; sua tática do início de 1917 baseou-se, analogamente, na distinção entre as lutas a serem mantidas contra os inimigos da classe operária e no interior desta última.) É o chefe cuja autoridade se alicerça numa superioridade reconhecida, decidido; ele também disciplinado, pertinaz, que não teme estar em minoria e lutar contra a correnteza, pois sua missão não é de seguir as massas, mas de esclarecê-las e conduzi-las, uma vez que a mais nítida consciência das massas fala dentro dele. Compare-se essa concepção proletária do chefe de partido com a dos velhos partidos oportunistas, influenciados pela pequena burguesia, nos quais se vêem os dirigentes seguirem as massas, na disputa da popularidade - anti-militaristas ou pacifistas, quando elas os são, patriotas, quando elas aclamam a "última guerra", "revolucionários" quando elas voltam a ser pisoteadas.

Nessa hora do maior perigo, o partido é mesmo a valorosa "coorte de ferro" definida mais tarde por Bukharin: vivo, esbanjando iniciativa do topo à base, disciplinado até em seu mais alto chefe, amando e respeitando os guias que formou para si mesmo durante longos anos de luta, mas sabendo também contradizê-los e pô-los em minoria, dispondo de uma verdadeira direção coletiva (observe-se a preocupação com a direção coletiva em Lenin), e de tradições salutares, sabendo não cair nem no excesso de democracia, nem no excesso de autoridade. Nela, as divergências táticas são atenuadas pelo pensamento comum, pela instrução marxista e pelo funcionamento da centralização democrática. O centro dirige e deve ser obedecido; ele próprio, porém, emana do partido e, por meio do partido, emana das massas.

Um pouco mais de autoritarismo do chefe Lenin, um pouco mais de nervosismo, um pouco menos de disciplina, menos apego ao partido, menos preocupação com sua unidade junto aos demais, um aparelho de direção um pouco mais rígido, uma direção um pouco menos coletiva, um pouco menos inteligente, um pouco menos firme, uma consciência marxista um pouco menos clara - e, durante as jornadas de Brest-Litovsk ou pouco depois, seria a quebra, a cisão, a eliminação ao menos temporária²⁵ dos excelentes elementos da esquerda. Um pouco mais, um pouco menos: o equilíbrio todo repousa nesta dosagem. É isso de que estamos falando chama-se a integridade do partido proletário.

25. Mas nunca se sabe! Uma vez que saia do partido ou seja expulso pelo partido, o melhor dos militantes proletários tem mais chance de se extraviar do que de retornar a ele. É preciso ter uma consciência teórica excepcionalmente desenvolvida e um controle de nervos pouco comum para continuar servindo à causa do partido à margem do partido.

17 - OS RESULTADOS DA PRIMEIRA PAZ IMPERIALISTA

A "paz infame" de Brest-Litovsk foi a primeira retirada do proletariado revolucionário da Rússia, entregue a si mesmo pela falta de ação do proletariado europeu, diante das potências imperialistas. Foi o primeiro choque entre o nascente estado dos soviets e os estados imperialistas que o rodeavam. A revolução russa viu-se só. Para viver, tinha que ganhar tempo. O tempo era tudo. Podiam talvez vencê-la em três meses: ganhar estes três meses era preservar o imenso futuro.

Foi também, pelo menos na Europa, a primeira paz imperialista (a ela se seguiriam Bucareste e, depois, Versalhes), ditada ao vencido, sob as bocas de canhões, com objetivos não dissimulados de conquista territorial e, mais ainda, de sujeição econômica.

Por parte dos impérios centrais, isso foi um erro necessário, fatal, mas irreparável. O grande estado-maior alemão dirigia a guerra com uma lógica rigorosa. Essa paz apenas atesta seu espírito de perseverança, a sólida inteligência com que perseguia suas metas. Rompido o bloqueio dos impérios centrais, garantido seu abastecimento graças ao trigo da Ucrânia, à hulha de Donietz, às matérias-primas da Rússia; completando-se os efetivos dos exércitos combatentes graças ao retorno dos prisioneiros de guerra - não voltava a ser possível a vitória na frente de guerra ocidental? Assim o esperava o alto comando alemão. Foi com essa esperança que Ludendorff desencadeou, em março, seu grande ataque de Soma, rumo a Amiens, visando romper a frente de batalha anglo-francesa. Porém, na verdade, a dialética da história, a partir de Brest-Litovsk, tornava impossível sua vitória. Os povos acreditavam ver, na primeira paz imperialista, a paz alemã. O exemplo da revolução russa e a propaganda wilsoniana do direito das nacionalidades minavam internamente o imperialismo germânico. A revoltante paz imposta à Rússia mobilizou novamente em favor da guerra as consciências dos povos aliados e neutros. Ninguém mais pensou em negociar; a idéia de uma paz branca, muito viva até então, desvaneceu-se.

Por outro lado, os cálculos estabelecidos pelos austro-alemães sobre a capitulação da Rússia seriam frustrados. Tidos como mestres na arte da guerra tal como se pratica entre imperialistas, hábeis em explorar uma Bélgica ocupada ou uma bacia de Briey, que os aviadores franceses tinham ordem de não bombardear, os estrategistas alemães, numa guerra entre classes, estavam muito abaixo da tarefa que lhes cabia. Além de que não haviam compreendido os bolcheviques - os quais, esses sim, os compreendiam - no correr das negociações, não compreenderam nem anteciparam as conseqüências de sua dominação da Ucrânia e do sul da Rússia. A Ucrânia só lhes proporcionou, e à custa de inúmeras dificuldades, parte dos víveres com que contavam. A ocupação dos territórios russos, tornada difícil pela resistência de uma população camponesa revolucionária e armada, que agia diferentemente da do norte da França, exigiu mais tropas do que se previra. As tropas de ocupação, continuamente importunadas pelos guerrilheiros, muitas vezes sensibilizadas pela propaganda, esgotadas pela luta contra a população local, desmoralizaram-se. Os prisioneiros de guerra voltavam da Rússia "bolchevizados". A Ucrânia conquistada foi o primeiro túmulo do imperialismo germânico²⁶.

26. Ludendorff só foi vencido quando seus soldados, imitando os russos, recusaram-se a combater. Ele percebeu claramente o começo do fim, quando as tropas que avançavam em linha foram recebidas pelas que desciam das trincheiras aos gritos de: "Furadores de grevel *Strelkbrecher!*" (LUDENDORF, *Memoirs*)

VI-A TRÉGUA E O GRANDE RECUO

1 - A OCUPAÇÃO DA UCRÂNIA

Os acontecimentos da Ucrânia apresentam uma fisionomia muito peculiar. A *Rada* solicita apoio contra a revolução, ao mesmo tempo dos aliados e dos austro-alemães. Consegue tanto um quanto outro. A França envia recursos financeiros aos patriotas ucranianos. Na verdade, esses patriotas, esses defensores da ordem e da propriedade privada vendem o próprio país ao que oferece mais, ao que é mais forte. A imprensa da Entente, que não se cansa de denunciar com um ódio furioso a "traição" dos bolcheviques, quando estes sustentam uma luta desesperada contra o imperialismo germânico, ignora, porém, a traição autêntica da Ucrânia burguesa e nacionalista, traição que fará com que a guerra mundial se prolongue por vários meses! Tanto isso é verdade que em momento algum os homens de estado, os chefes de partidos, os formadores de opinião pública se preocuparam com a verdade ou com a realidade histórica. Nada mais os guiava do que o interesse das classes ricas. Este interesse lhes ordenava que desonrassem, a todo custo, os bolcheviques, para em seguida assassiná-los. Deixemos os fatos falarem por si.

A 9 de fevereiro (27 de janeiro pelo antigo calendário), as milícias vermelhas entram em Kiev. A *Rada* da Ucrânia já não tem em seu poder senão alguns povoados na região de Vinnitza. Nesse momento é que os alemães lhe oferecem suas baionetas e prometem impor o reconhecimento da Ucrânia pelos soviets, o que fazem pelo tratado de Brest-Litovsk. O aventureiro Petliura, bandido esperto, já é então o verdadeiro chefe da *Rada*. No mesmo dia em que os vermelhos entram em Kiev, ele assina a paz com os impérios centrais, aos quais se compromete a fornecer, em troca do apoio militar, um milhão de toneladas de cereais (esse número subiria, depois, para 2,16 milhões de toneladas), 180 mil toneladas de carne, 30 mil carneiros, 40 mil toneladas de açúcar etc. E se compromete a prover as necessidades do exército de ocupação.

Da frente de batalha romena até os confins do Cáucaso, as milícias vermelhas operárias e as primeiras tropas soviéticas acabam de conseguir uma série de brilhantes resultados. A revolução é vitoriosa por toda parte. A 8 de fevereiro, a "República Soviética de Odessa" e o Executivo dos Soviets da frente de guerra romena impõem ao agressor romeno a cessação das hostilidades e, depois, com o apoio do pequeno

exército vermelho de Muravlev (menos de 4 mil homens), vindo de Kiev em uma noite, desencadeiam uma ofensiva na direção de Jassy, infligindo aos conquistadores da Bessarábia a severa derrota de Rybnitza, onde perdem 20 canhões. Alarmado, o corpo diplomático de Jassy interfere e a Romênia assina, a 8 de março, o protocolo de liquidação do conflito russo-romeno, pelo qual, renunciando formalmente a suas pretensões sobre a Bessarábia, compromete-se a evacuar aquele país. Na região do Don, como também na Criméia e no Kuban, os brancos são derrotados. Os êxitos dos vermelhos, conquistados apesar da fragilidade numérica de suas tropas, explicavam-se pela ajuda espontânea dos camponeses pobres e da população operária. É nesse momento que os austro-alemães entram na Ucrânia com 29 divisões de infantaria e quatro e meia divisões de cavalaria, num total de entre 200 e 250 mil homens. Antonov-Ovseenko e seus valerosos lugares-tenente, Piatakov, Eugênia Bosch¹, Muraviev, Sivers, Sablin e Kikvidze², só podem opor a essas forças cerca de 15 mil combatentes mal organizados, além de dispersos em pequenos grupos sobre um imenso território. Num ou noutro ponto, as colunas alemãs encontram, por parte de pequenos grupos de revolucionários, uma resistência desesperada que conseguem quebrar sem dificuldade. Na verdade, não faltam nem armas, nem homens; os camponeses mantêm de bom grado a resistência à invasão; o que faltava era organização. Não havia estado, não havia nem instituições locais, ainda que mal consolidadas, não havia exército, nem quadros, nem coesão, nem coordenação. Todas as velhas instituições haviam desabado; as novas nasciam, penosamente, em meio ao caos. Formam-se bandos armados por toda parte. A Ucrânia, onde o pão branco está a preço vil, atrai aventureiros de toda a Rússia; sua zona rural e suas pequenas aldeias parecem oferecer maravilhoso campo de experiência aos mais fantasistas "realizadores", socialistas ucranianos (todos mais ou menos de coloração nacionalista), socialistas-revolucionários de esquerda, anarquistas ou anarquizantes... Pequenos exércitos locais se formavam sob uma bandeira de partido. Frequentemente, sucedia que o rótulo e a bandeira de uma organização revolucionária servia apenas para justificar a existência feudal de um bando armado. A influência e a própria organização do partido bolchevique deixavam

1. O livro de Eugênia BOSCH, *Um Ano de Luta na Ucrânia*, dá uma contribuição notável à história dessa época. Ver também as *Recordações* de Antonov-Ovseenko.

2. Socialista-revolucionário maximalista, tirado da prisão pela revolução de fevereiro-março, Kikvidze foi, aos 23 anos, um dos artífices da Revolução de Outubro na frente ocidental. Chefe de guerrilheiros e, depois, de uma divisão do exército vermelho, tornou-se um dos generais mais talentosos da revolução. Lutou contra Krasnov. Ferido treze vezes. Morto aos 25 anos, na região do Don, a 11 de janeiro de 1919.

muito a desejar; havia conflitos dentro do partido, entre ucranianos e russos, militantes dos órgãos centrais e militantes locais; a questão nacional estava longe de estar resolvida nos espíritos. Os anarquistas e os socialistas-revolucionários de esquerda, muitas vezes em conjunto, desenvolviam grande atividade. Durante certo tempo, o anarquista Baron exerceu a ditadura em Ekaterinoslav. Os anarquistas se sublevaram em Nikolaev, que, no entanto, abandonaram diante dos alemães, contra os quais a cidade, entregue a si mesma, manteve uma batalha por quatro dias. O destacamento de Marussia Nikiforova, hasteando a bandeira negra, lutou por duas semanas nas ruas de Elisavetgrado com a população contra-revolucionária. Bandos de oficiais brancos vindos da frente de batalha romena atravessavam a Ucrânia para se dirigir ao Kuban (a tropa de Drosdowski). As legiões tchecoslovacas evoluíram no centro do país, retirando-se, por ordem dos aliados, diante dos alemães, para tomar posição na região do Volga. Colonos alemães sublevavam-se. *Haidamaks*, franco-atiradores nacionalistas, petliurianos, dominavam num e noutro ponto a zona rural. Aldeias erigidas de metralhadoras se defendiam, raivosamente, contra todo o mundo. Formavam-se repúblicas locais, como a dos operários do Donietz. Destacamentos vermelhos, sem obedecer a disciplina alguma, muitas vezes ébrios ou comandados por aventureiros que, a seguir, tiveram de ser fuzilados, desacreditavam a autoridade dos soviets junto às populações. Por toda a parte se fuzilava, se roubava, se assassinava. Unidades poderosas fugiam, às vezes sem combater, diante do invasor; pequenos grupos de homens resistiam a ele de maneira admirável, como aqueles 35 vermelhos que, em Putivle, detiveram dois regimentos alemães. Na estação de Lozavaia, todo um batalhão, denominado Lenin, deixou-se matar, cobrindo a retirada dos vermelhos. Nesse terrível caos, a luta revolucionária exigia um vigor espiritual invulgar. Nisto, uma mulher se distinguiu: Eugênia Bosch³ velha militante bolchevique, por singular injustiça da sorte muito pouco conhecida. Aí, encontrou a morte um dos conquistadores do palácio de Inverno, G. Tchudnuski.

Frequentemente, lutava-se ao longo das ferrovias; os trens blindados tiveram papel importante nessa campanha. Limitemo-nos a assinalar as etapas do avanço alemão: Tchernigov, 14 de março; Kiev, 16 de março; Poltava, 30 de março; Kherson, 10 de abril; Criméia, 20 de abril; Rostov-sobre-o-Don, 6 de maio. Os alemães vinham em busca do trigo. Não re-

3. Militante incansável, bolchevique da primeira hora, deportada para a Sibéria, depois exilada, Eugênia Bosch desempenhou na revolução na Ucrânia, onde dirigiu as organizações dos soviets e a resistência à invasão alemã, um papel de primeira importância. Exausta, doente, condenada à inatividade, pôs fim à vida em princípios de 1924. É uma grande figura da Revolução Russa, quase desconhecida.

cuavam diante de nenhum procedimento para coagir o agricultor a entregá-lo. Conhecemos casos de camponeses açoitados em massa, suplicados, enterrados vivos. O regime da ocupação, recebido alegremente pela burguesia e pela pequena burguesia, foi de imediato um regime de terror. Os camponeses ucranianos reagiram a ele por uma resistência dissimulada, esparsa, porém implacável, perturbadora. O sangue foi derramado nos menores vilarejos.

2 - NA FINLÂNDIA, OS PROLETÁRIOS TENTAM UMA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

O tratado de Brest-Litovsk consumava o sacrifício do proletariado finlandês, sobre o qual os revolucionários russos, acertadamente, depositavam grandes esperanças⁴. De fato, se a Rússia era, como Lenin acentuou muitas vezes, um dos países mais atrasados da Europa, a Finlândia era um dos países mais adiantados do mundo. Seus costumes, sua educação política análoga à das democracias mais progressistas do ocidente, as vitórias de seu movimento socialista e até sua estrutura industrial, tudo parecia contribuir para que a vitória do socialismo ali se desse facilmente.

O povo finlandês não conheceu nem servidão, nem despotismo. Anexada à Suécia desde o século XII, a Finlândia, país de pequenos proprietários aos quais o feudalismo jamais conseguiu se impor, passou, em 1809, para a Rússia, graças à aliança entre Napoleão e Alexandre I. Constituída como grão-ducado, conservou ampla autonomia dentro do Império, tão mais efetiva por haver ela sabido defendê-la melhor contra seus grão-duques, os tzares da Rússia. A Finlândia manteve sua dieta, suas moedas, seu correio, sua instrução

4. "Não nos esqueçamos", escrevia Lenin, de Zurique, a 11 (24) de março de 1917, "que bem próximo a Petrogrado temos um dos países mais adiantados, país verdadeiramente republicano, a Finlândia, que, com a cobertura das batalhas revolucionárias da Rússia, desenvolveu, de modo relativamente pacífico, entre 1905 e 1917, sua democracia e conquistou a maioria do povo para o socialismo [...]. Organizadores melhores do que nós, os operários finlandeses nos auxiliarão neste assunto: eles levarão adiante, a seu modo, o estabelecimento da república socialista" (*Terceira Carta de Longe, escrita antes da volta de Lenin à Rússia*).

pública, sua milícia, sua administração interna. Evoluiu, como os países escandinavos, com o ocidente. As violentas tentativas de russificação feitas por Nicolau II só fizeram afastar dele a sociedade finlandesa em sua totalidade. Dois anos depois da revolução russa de 1905, que obrigou o czar a conceder uma constituição à Finlândia, esta instituiu para si o sufrágio universal. Já nas primeiras eleições, em 1907, os social-democratas obtinham 80 das 200 cadeiras do *Sejm*. As eleições de 1916 lhes deram a maioria absoluta: 103 das 200 cadeiras. Aprovaram a jornada de 8 horas e uma inteligente legislação comunal. E o parlamentarismo socialista viu-se em ponto morto. Era possível se encaminhar pacificamente para o socialismo, com a cédula de votação na mão? A burguesia finlandesa se aliou a Kerenski contra a *dieta vermelha* de maioria social-democrata, cuja dissolução foi determinada pelo governo provisório de Petrogrado, prosseguindo neste caso a política da autocracia. Sentinelas russos vigiaram as portas cerradas do parlamento de Helsingfors. Nas eleições seguintes, os social-democratas ganharam em votos (passando de 375 mil sufrágios no ano anterior para 444 mil) e perderam cadeiras (caindo de 103 para 92). Resultado esse devido às hábeis e cínicas fraudes dos partidos burgueses.

Porém, tanto quanto o proletariado finlandês não podia se conformar com essa derrota eleitoral, também a burguesia não podia se satisfazer com uma "vitória" tão precária. Impunha-se um desenlace extra-parlamentar. Há muito tempo a burguesia planejava a guerra civil e para ela se preparava conscientemente. O partido social-democrata, formado há vinte anos na escola da "poderosa" social-democracia alemã e sujeito às ilusões reformistas, tinha esperança de evitá-la.

Desde 1914, a burguesia finlandesa se preparava para conquistar pelas armas, em favor da guerra imperialista, sua independência nacional. Três mil jovens finlandeses das classes remediadas ou ricas, formando o 27º batalhão de caçadores do exército alemão, lutavam contra a Rússia, inimiga hereditária. Havia escolas militares clandestinas em diversos cantos do país. Com a queda da autocracia, um corpo de fuzileiros voluntários constituiu-se no norte do país, para garantir a manutenção da ordem. É o *Schutzkorps* do general Herich, primeira milícia branca formada abertamente. Seu quartel general é em Vasa, no golfo da Bótnia; recebe armas da Suécia e da Alemanha. Nesse entretanto, a burguesia exigia insistentemente a retirada das tropas russas, encarregadas, desde o início da guerra, de proteger o país contra um desembarque alemão.

A Revolução de Outubro teve como repercussão, na Finlândia, a grande greve geral de meados de novembro (14 de novembro pelo antigo calendário, 27 pelo novo), provocada por uma grave escassez que atingia apenas as classes

pobres e pela política reacionária do senado, inclinado a colocar à frente de um Diretório ditatorial o reacionário Swinhufwud. O trabalho cessou por toda parte. As ferrovias se imobilizaram. As milícias vermelhas operárias, num ou noutro ponto apoiadas por soldados russos, ocuparam os edifícios públicos. Encontros sangrentos entre brancos e vermelhos tiveram lugar por toda a parte. Os deputados discutiam. A burguesia, amedrontada, concordou com a aplicação da lei das 8 horas e da nova legislação comunal, bem como com a democratização do poder executivo que passou do senado ao *Sejm* (dieta). E a greve geral, vitória operária, terminou com a constituição de um gabinete burguês, presidido pelo reacionário Swinhufwud! Assim abortava uma revolução. Segundo a opinião de revolucionários finlandeses, a tomada do poder era possível naquele momento; era até muito fácil. O apoio dos bolcheviques teria sido decisivo. Porém, escreveu mais tarde o camarada O. W. Kuussinen⁵, na época um dos dirigentes do centro da social-democracia finlandesa, "não desejando pôr em risco nossas conquistas democráticas e, além disso, esperando transpor, graças a hábeis manobras parlamentares, essa virada da história, decidimos evitar a revolução /.../. Não acreditávamos na revolução, não depositávamos nela nenhuma esperança, não aspirávamos a ela". Com chefes animados de espírito como esse, a causa do proletariado finlandês estava bem comprometida.

Ora, a greve geral havia revelado aos proletários a própria força e, à burguesia, o perigo que corria. A burguesia finlandesa percebeu que, entregue a si mesma, estava perdida. Swinhufwud solicitou a intervenção da Suécia. O armamento dos brancos prosseguia ativamente no norte do país, onde constituíram estoques de víveres. O governo mantinha habilmente a escassez nos centros operários, pois era importante não fornecer a eles reservas de víveres. Nada se alterou com a proclamação da independência da Finlândia. A possibilidade de uma intervenção sueca ou alemã alarmava, cada vez mais, os proletários. Como se não bastasse, o *Sejm* aprovou, por 97 votos contra 87, uma moção contendo claras alusões à necessidade de uma ditadura burguesa. O problema do poder foi novamente proposto, em termos mais graves do que às vésperas da greve geral de novembro. Desta vez, pareceu aos social-democratas que todas as chances de resolvê-lo pela via parlamentar haviam-se esgotado. Era preciso lutar.

5. O autor dessas linhas, O. W. Kuussinen, aderiu ao comunismo durante a revolução finlandesa. Essas linhas foram extraídas de seu notável folheto intitulado *A Revolução Finlandesa (Ensaio de Autocrítica)*, publicado em 1919. O. W. Kuussinen pertence atualmente ao Executivo da Internacional Comunista (1929).

A bandeira vermelha foi hasteada sobre a Casa Operária de Helsingfors na noite de 14(27) de janeiro. Com toda a cidade subitamente dominada, o senado e o governo se refugiaram em Vasa. Em poucos dias, quase sem luta, os vermelhos tornaram-se senhores das maiores cidades, Abo, Vyborg, Tammerfors e de todo o sul do país. Essa vitória pacífica demais era preocupante. Os dirigentes social-democratas (Manner, Sirola, Kuunissen etc.) formaram um governo operário, o Conselho dos Mandatários do Povo, colocado sob o controle de um grande conselho operário formado por 35 delegados (10 dos sindicatos, 10 do Partido Social-Democrata, 10 das milícias vermelhas e 5 das organizações operárias de Helsingfors). Que se ia fazer? "Caminhar dia após dia em direção da revolução socialista", declaravam os mandatários do povo. Instituíam o controle operário da produção, facilitado pela concentração muito elevada das indústrias predominantemente da madeira, do papel e dos têxteis; foram bem sucedidos em deter a sabotagem dos bancos. A vida pública e a produção retomaram bem rapidamente um curso quase normal. Era possível a ditadura do proletariado? Ela se impunha? Os dirigentes do movimento não pensavam assim, embora a indústria ocupasse aproximadamente 500 mil pessoas de uma população de 3 milhões. Proletários e diaristas agrícolas formavam uma massa de meio milhão de homens. Os pequenos e médios agricultores, que eram maioria na zona rural, podiam ser conquistados para a revolução ou neutralizados por ela. Infelizmente, "até a derrota, a maior parte dos dirigentes não se deu conta com clareza dos objetivos da revolução" (O. W. Kuussinen). *Pretendiam estabelecer, sem expropriação das classes ricas nem ditadura do trabalho, uma democracia parlamentar na qual o proletariado teria sido a classe politicamente dirigente.*

As principais medidas aplicadas pelo Conselho dos Mandatários do Povo foram: a jornada de 8 horas, o pagamento obrigatório dos salários dos dias de greve revolucionária, a emancipação dos empregados domésticos e dos empregados agrícolas (alugados por ano pelos agricultores e submetidos a uma situação de extrema severidade), a abolição do velho sistema de locação de terras baseado nas corvéias e nos tributos, a isenção dos pequenos arrendatários, a reforma judiciária, a abolição da pena de morte (antes aplicada muito raramente), a isenção fiscal dos pobres (o mínimo de renda taxada foi, a partir de então, de 2.400 marcos na cidade e de 1.400 marcos na zona rural, ao invés de 800 e 400 marcos; um imposto especial atingia as rendas de mais de 20 mil marcos), o imposto sobre as residências de mais de um cômodo; a liberação da imprensa ainda sujeita a antigas regulamentações e o controle das fábricas pelos operários.

Pouco depois, outras medidas se impuseram durante a guerra civil, tais como as requisições de trigo e batatas, o fechamento dos jornais burgueses, a proibição da exportação de valores, a obrigação generalizada do trabalho para todos os adultos válidos de 18 a 55 anos. Essa revolução operária prosseguiu em nome de uma democracia ideal cuja concepção foi detalhada a partir de fins de fevereiro por um projeto de constituição que, na primavera, seria objeto de um referendo. Examinemos este belo projeto.

Uma assembléia dos representantes do povo, eleita a cada três anos por sufrágio universal direto e secreto (voto das mulheres, maioria eleitoral: 20 anos), pelo sistema de representação proporcional, seria a autoridade suprema na "República Popular da Finlândia". Além das liberdades democráticas costumeiras, a constituição consagraria a inviolabilidade das pessoas, o direito de greve e a fiscalização das empresas pelos grevistas (contra o emprego de fura-greves) e a neutralidade das forças armadas nos conflitos trabalhistas. Qualquer modificação da constituição deveria ser submetida a referendo. As minorias da assembléia poderiam, desde que reunissem um terço dos mandatos, exercer até a sessão subsequente o direito de veto sobre qualquer lei, com exceção das leis fiscais. Toda lei instituindo impostos indiretos ou taxas alfandegárias (leis que atingem, sobretudo, os pobres) deveria ser aprovada por maioria de dois terços. A importação de artigos de primeira necessidade estaria isenta de impostos. Em caso de guerra, o governo estaria autorizado a tomar medidas excepcionais contra "os inimigos da constituição". Seria assegurado ao povo o direito à insurreição no caso de a maioria dos seus representantes atentarem contra a constituição. O povo gozaria do direito de iniciativa em matéria legislativa: todo projeto de lei apresentado por dez mil cidadãos seria discutido em regime de urgência. Os funcionários e os magistrados seriam eleitos por cinco anos e reelegíveis. A qualquer momento, um quinto dos eleitores poderia exigir a reeleição de um eleito. O Conselho dos Mandatários do Povo, que exercia o poder executivo, seria eleito por três anos pela assembléia que, além disso, designaria seu presidente e vice-presidente, não reelegíveis duas vezes em seguida e não desfrutando de direitos especiais. O governo seria fiscalizado por uma "Comissão de Controle da Administração e da Aplicação das Leis". Bastaria o veto de dois membros desta comissão para suspender a aplicação de uma nova disposição legal. A elegibilidade dos juizes, submetidos ao controle do governo, a autoridade local e a representação dos operários em todas as administrações completavam essas disposições.

Contrariamente ao costume das democracias burguesas, essa constituição teria reunido nas mãos da assembléia dos

representantes do povo os poderes legislativo, executivo e judiciário (em certa medida). O governo ficava quase reduzido às funções meramente executivas. Um revolucionário finlandês formulou, sobre esse projeto, o seguinte julgamento: "Teoricamente, atingia-se o mais alto grau de democracia burguesa (grau na prática irrealizável na sociedade capitalista); para além disso, a democracia burguesa só pode se transformar em ditadura do proletariado, se o proletariado for vitorioso, ou em ditadura da burguesia, se o proletariado for vencido"⁶. Era mesmo um belo projeto, toleravelmente utópico. "A fraqueza da burguesia", diz Kuussinen, "deixava-nos sob o encanto da democracia e decidimos caminhar na direção do socialismo mediante a ação parlamentar e a democratização da representação nacional". Tal era o império das ilusões reformistas sobre os socialistas finlandeses. Assim era seu funesto desconhecimento das leis da luta de classes.

3 - O TERROR BRANCO NA FINLÂNDIA

A burguesia demonstrava um realismo muito maior. Rapidamente pôs em pé um pequeno exército branco, cujo grosso das tropas (cerca de 5 mil homens) foi fornecido pelo *Schutzkorps*, o 27. batalhão de caçadores do exército alemão - formado, como já vimos, de jovens finlandeses -, uma brigada de voluntários suecos e de voluntários recrutados dentre a juventude burguesa e pequeno-burguesa. Um antigo general do exército russo, de origem sueca, Manneheim, aceitou o comando dessas tropas e, de início, prometeu "restabelecer a ordem em 15 dias". O butim de algumas agressões bem sucedidas contra as guarnições russas do norte, perpetradas com a cumplicidade dos próprios comandantes dessas guarnições, completou o armamento dos brancos.

Nos início das hostilidades, as milícias vermelhas não compreendiam mais do que 1.500 homens aproximadamente, aliás mal armados. A iniciativa pertence aos brancos que, dominando as cidades do golfo de Bótnia, Uleaborg, Vasa, Kuopio, bem como a Finlândia agrária (setentrional), forma-

⁶. Eduardo TORNIAINEN, *A Revolução Operária na Finlândia*, Moscou, 1919.

ram uma frente de combate contínua do golfo de Bótnia até o lago Ladoga.

Havia guarnições russas em Sveaborg, Vyborg e Tammerfors, cidade situada no centro do país. Parte da frota do Báltico se encontrava em Helsingfors. Antonov-Ovseenko, Dybenko e Smilga haviam criado organizações bolcheviques no interior destas tropas e tripulações. A guarnição russa de Tammerfors, comandada por um oficial revolucionário, Svetchnikov, repeliu os primeiros ataques de Mannerheim. Protegidas pelos russos, as milícias vermelhas finlandesas puderam se armar e completar sua organização. A paz de Brest-Litovsk impôs à República dos Soviéticos a retirada das tropas russas da Finlândia; delas não restou mais do que um milhar de voluntários, incorporados às milícias vermelhas, muitos dos quais nada mais queriam, no fundo, do que voltar para casa. Um socialista finlandês, Eero Happolainen, e Svetchnikov dirigiram as operações. Uma ofensiva geral dos vermelhos, desencadeada no início de março, fracassou, mas reforçou sua convicção de vencer. De 15 de janeiro a 1 de abril, o esforço organizador do governo operário resultou na formação de uma força de 60 mil homens (aproximadamente 20 mil dos quais na retaguarda) e em inúmeros êxitos parciais na frente de batalha.

O chefe do governo branco, Swinhufwud, conseguiu o apoio de Guilherme II. Vinte mil alemães, comandados por von der Goltz, desembarcaram em Hangoe, Helsingfors e Lovi-za, surpreendendo os vermelhos por trás. A tomada de Helsingfors depois de uma dura batalha de rua, no correr da qual os alemães e os brancos fizeram marchar à sua frente mulheres e filhos de operários (uma centena deles morreu), foi seguida de represálias atrozes. A artilharia bombadeou a Casa Operária. Um jornal sueco publicou a seguinte informação: "Quarenta mulheres vermelhas que, segundo se diz, possuíam armas, foram conduzidas sobre o gelo e fuziladas sem julgamento⁷. Recolheram-se mais de 300 mortos nas ruas.

Dentro do governo operário, a tendência moderada, representada por Tanner, era tão forte que só foram adotadas medidas de rigor contra os brancos do interior quando já era tarde demais. Frequentemente, os tribunais condenavam os contra-revolucionários a penas pecuniárias ou a penas de prisão suaves. Se houve execuções sumárias foram devidas à iniciativa das milícias vermelhas. A indecisão do governo, as divergências de opiniões entre os chefes, sua recusa em levar mais além a revolução, o caráter tímido das reformas agrárias e a impressão causada pelo tratado de Brest-Litovsk enfraqueciam os vermelhos. O desembarque dos alemães produziu o efeito mais desmoralizador; o poderio germânico, naquele momento, atingiu seu ponto mais alto.

7. C. D. KATAIA, *O Terror Branco na Finlândia*, Petrogrado, 1919.

Mannerheim sitiou Tammerfors, onde 10 mil vermelhos, dirigidos por alguns oficiais russos, resistiram encarniçadamente. A cidade foi tomada de casa em casa, após uma batalha de rua de vários dias. Ali foram fuzilados 200 russos, dos quais dois chefes de valor, o coronel Bulatzel e o tenente Mukhanov. Vários milhares de sitiados conseguiram escapar, cerca de dois mil sucumbiram ou foram massacrados, cinco mil foram feitos prisioneiros⁸.

Em Tavastehus, entre Tammerfors e Helsingfors, é que se travou a batalha decisiva. Vinte e 25 mil vermelhos se concentravam naquele ponto, repelidos do norte para o sul por Mannerheim e do sul para o norte por von der Goltz, e com a retirada para o leste bloqueada. Apesar das ordens do comando, traziam consigo suas famílias e, muitas vezes, seus parques bens; era antes uma migração de povo do que um movimento de exército. Essas massas, que facilmente se tornavam multidões confusas, não podiam sequer manobrar. Os brancos fizeram chover *shrapnells* sobre elas. Sitiadas, lutaram heroicamente durante dois dias antes de capitular. Alguns milhares de homens abriram caminho para o leste. À capitulação seguiu-se um massacre. O massacre dos feridos era costumeiro. Sobraram 10 mil prisioneiros, que foram internados em Rikhimiaki. Vyborg caiu a 12 de maio. Alguns milhares de milicianos vermelhos se refugiaram na Rússia.

Os vencedores massacravam os vencidos. Sabemos, desde a Antiguidade, que as guerras entre classes são as mais terríveis. Não há vitórias mais sangrentas e mais atrozes do que as das classes reacionárias. Desde a sangria infligida à Comuna de Paris pela burguesia francesa, o mundo não vira nada parecido ao horror do que sucedeu na Finlândia. Desde o início da guerra civil, "na zona ocupada pelos brancos, para ser preso, bastava que se pertencesse a uma organização operária e, para ser fuzilado, que nela se houvesse ocupado algum cargo" /.../. O massacre dos socialistas atingiu tais proporções que acabou por não interessar a mais ninguém". Em Kummen, onde 43 milicianos vermelhos haviam tombado em combate, perto de 500 pessoas foram passadas pela armas. Houve "centenas" de fuzilados em Kotka (13 mil habitantes): "Sequer se indagavam seus nomes, eram levados em grupos /.../". Em Raumo, segundo os jornais burgueses, "500 prisioneiros trazidos a 15 de maio receberam, nesse mesmo dia, o castigo que mereciam". "A 14 de abril, em Helsingfors, no subúrbio de Toeloe, foram metralhados 200 milicianos vermelhos /.../. Os vermelhos foram caçados de casa em casa. Inúmeras mulheres pereceram." Em Sveaborg,

8. M. S. SVETCHNIKOV, *A Revolução na Finlândia*.

9. Continuamos a citar C. D. KATAIA. Aliás, a maior parte destes fatos são notórios e a descrição que deles fez nosso camarada certamente está aquém da realidade.

ocorreram execuções públicas no dia da Santíssima Trindade. Nos arredores de Lakhtis, onde os brancos fizeram milhares de prisioneiros, "as metralhadoras trabalharam várias horas por dia". "Num só dia, fuzilaram, com balas explosivas, perto de 200 mulheres; pedaços de carne eram lançados em todas as direções /.../." Em Vyborg, 600 milicianos vermelhos foram alinhados em três fileiras, à beira do fosso das fortificações e friamente metralhados. Entre os intelectuais assassinados, mencionam-se um redator do *Social-Democrata*, Jukho Raino, e o escritor Irmant Rantmalla, que, levado de barco para o lugar da execução, "lançou-se sobre a amurada, na esperança de se afogar, mas como seu capote não permitiu que afundasse, os brancos o mataram dentro d'água a tiros de fuzil". Não há nenhuma estatística sobre o número total dos massacres; as estimativas correntes variam entre 10 e 20 mil.

Em compensação, a cifra oficial dos prisioneiros vermelhos internados nos campos de concentração é de 70 mil. A fome, os piochos e os percevejos e as epidemias grassaram nos locais de detenção. Um relatório assinado por um médico finlandês conhecido, o professor R. Tigerchet, constata que, "de 6 a 31 de julho de 1918, o número de detentos variou, no campo de Tammerfors e na prisão vizinha, entre 6.027 e 8.597; 2.347 detidos morreram nesses 26 dias e a mortalidade média dos detentos atingiu a 407 a cada 1.000 por semana". A 25 de julho, ainda havia nas prisões finlandeses 50.818 revolucionários. Em setembro do mesmo ano, 25.820 casos ainda esperavam a apreciação dos tribunais. Em dado momento, a burguesia pensou em exportar para a Alemanha a "mão-de-obra" de seus cativos. Foi aprovada uma lei que autorizava enviar para o estrangeiro condenados a trabalhos forçados. A Alemanha, despovoada pela guerra, enviaria, em troca dessa mão-de-obra penal, adubos químicos ou minérios. A revolução alemã não permitiu a execução desse projeto...

O expurgo social continuou durante meses em todas as esferas. A 16 de maio, eram emitidos mandatos de prisão contra os antigos deputados social-democratas que haviam permanecido no país. (Os revolucionários já haviam perecido, ou fugido.) Três deles "suicidaram-se" na prisão na noite de 2 de julho. Uma dezena foi condenada à morte. A corte suprema reviu essa sentença em janeiro de 1919 e pronunciou uma sentença à pena capital, 6 à prisão perpétua, 4 a 12 anos de reclusão, uma a 11, cinco a 10, cinco a 9, quinze a 8 e dois a 7 anos... Inúmeros desses condenados, escreve Kataia, eram daqueles social-democratas que, com a habilidade de traidores do socialismo, haviam passado toda a vida servindo à sociedade burguesa. A burguesia se vingava de maneira cega. Como de hábito, o terror branco confunde os reformistas - dos quais a burguesia vitoriosa já não precisa mais - e os revolucionários.

Restabelecida a ordem, a burguesia finlandesa pensou em adotar um monarca tomado à família dos Hohenzollern. A situação cada vez mais precária da Alemanha fê-la renunciar a isso.

No total, não parece exagerado admitir que mais de 100 mil proletários finlandeses (mortos ou detidos por muito tempo) foram atingidos pelo terror branco: aproximadamente um quarto do proletariado¹⁰. "Todos os operários organizados foram fuzilados ou estão presos", escreviam, no início de 1919, comunistas finlandeses. Esse fato permite que façamos uma dedução teórica importante sobre o terror branco, a seguir confirmada pela experiência da Hungria, da Itália, da Bulgária etc. O terror branco não se explica pela excitação do combate, pela violência dos ódios de classe ou por outros fatores psicológicos. Nele, a psicose da guerra civil não desempenha senão papel secundário. Na verdade, ele é resultado de um cálculo e de uma necessidade histórica. As classes ricas vitoriosas sabem muito bem que não podem assegurar seu domínio no dia seguinte a uma batalha social, a não ser infligindo à classe operária uma sangria bastante violenta para debilitá-la por dezenas de anos. E como, no caso, trata-se de uma classe muito mais numerosa do que as classes ricas, o número de vítimas tem que ser muito elevado.

O extermínio total de todos os elementos avançados e consistentes do proletariado é, em suma, o objetivo racional do terror branco. Neste sentido, *uma revolução vencida - independentemente de suas tendências - sempre custará muito mais caro ao proletariado do que uma revolução vitoriosa, sejam quais forem os sacrifícios que esta última possa exigir.*

Ainda uma observação. As matanças na Finlândia têm lugar em abril de 1918. Até aquele momento, a revolução russa, quase por toda parte e quase sempre, demonstrou para com os inimigos uma grande magnanimidade. Não empregou o terror. Alguns episódios sangrentos que mencionamos da guerra civil no sul são excepcionais. A burguesia vitoriosa de um pequeno país que conta entre os mais esclarecidos da Europa¹¹, foi a primeira a fazer lembrar ao proletariado russo que *danem-se os vencidos!* é a lei das guerras sociais.

10. A imprensa burguesa de todos os países, que silenciava sobre esses fatos, em compensação falou bastante dos "crimes dos vermelhos". Assim, parece-nos instrutivo citar aqui o número de vítimas dos vermelhos que nos oferece um escritor branco, Henning Soederhjelm, em um livro traduzido do sueco para o inglês e destinado à propaganda no estrangeiro (*The Red Insurrection In Finland In 1918*, Edit. Harrison and Sons, Londres, 1919). Soederhjelm estima que "mais de um milhão" de pessoas tombou na retaguarda, sob os golpes dos vermelhos; contudo, sua estatística menciona apenas 624 pessoas.

11. A Finlândia quase não tem analfabetos.

4 - A "INDEPENDÊNCIA" DO CÁUCASO

O Cáucaso se desligava da Rússia proletária. A antiga "lugar-tenente" imperial do Cáucaso, admirável país montanhoso, pouco menor que a França, com população de cerca de 10 milhões de habitantes, dotado de inesgotável riqueza natural, atravessava uma revolução nacional extremamente complexa. Conquistado pelo império russo, num século de guerras penosas - de 1760 a 1864 -, dividido, nas duas vertentes europeia e asiática de suas montanhas, em países freqüentemente muito diferentes, povoados por uma dezena de nacionalidades, o Cáucaso devia oferecer às intrigas imperialistas, assim como às ambições das classes médias, um campo de experiência ainda mais acidentado e mais favorável do que a Ucrânia. Suas riquezas deviam excitar as cobiças: os cereais do Kuban, o petróleo do Azerbaijão, o manganês e o cobre da Geórgia, o algodão e o tabaco da Armênia, os óleos vegetais do norte, os vinhos da Armênia e da Geórgia, que belo butim! Era preciso procurar estabelecer ali repúblicas democráticas. Bem menos difícil parecia esta tarefa por haver a opressão russa exacerbado os sentimentos nacionais junto aos pequenos povos belicosos e orgulhosos dos países transcaucasianos. Georgianos, armênios, tcherkasses, ossetianos, abkhases, adjars, turcos, tártaros, persas, judeus, russos viviam, desde há muito tempo, entre o Mar Cáspio e o Mar Negro, à espera de uma libertação concebida das mais diversas maneiras. A revolução de 1905, marcada no Cáucaso por grande quantidade de atentados terroristas e por grandes vitórias populares seguidas de impiedosa repressão, deixara vivas tradições. As principais forças sociais eram as seguintes: O proletariado russo de Baku, capital do petróleo; a pequena burguesia, os artífices, os intelectuais georgianos sujeitos, desde longa data, à influência dos social-democratas mencheviques; o Partido Revolucionário Socialista-Nacional Armênio, *Dachnaktutzium*; o partido muçulmano, reacionário, do *Mussavat*; o exército da frente caucasiana, onde a influência dos socialistas-revolucionários ainda era forte, mas onde avançava a cada dia a influência dos bolcheviques.

Dois centros políticos: Baku, às margens do Cáspio, com seu proletariado denso e seus bolcheviques; Tiflis, capital administrativa, capital georgiana, bem situada no centro do país, no entroncamento de suas grandes estradas e ferrovias; Tiflis, em poder dos intelectuais mencheviques.

Durante o ano de 1917, o Cáucaso, independente de fato, não havia cogitado de se separar da Rússia. As nacionalidades consideravam ter adquirido ampla autonomia dentro da democracia russa. O Soviete Regional das Forças Armadas, o Conselho Regional dos Sovietes Operários e os comitês regionais dos grandes partidos constituíam, em Tiflis, um governo democrático que atuava mais ou menos harmonicamente com o de Kerenski. Todavia, os mencheviques georgianos adoravam falar mais freqüentemente de luta de classe do que seus camaradas russos. Não passava de doutrinarismo verbal, enriquecido de habilidade política. Tiflis recebeu com incredulidade a notícia da Revolução de Outubro e, depois, condenou, em termos indignados, a escandalosa usurpação do poder pelos bolcheviques e manifestou-se em alto e bom som contra qualquer ditadura, e em favor da democracia... Um governo regional se constituiu ali a 11 (24) de novembro, dirigido por mencheviques (Gueguetchgori e Tchenkheli) e por socialistas-revolucionários (Donskoi). Baku e o exército estavam fora de seu controle.

A notícia da vitória bolchevique de Petrogrado e de Moscou determinou um deslocamento da maioria no Soviete de Baku. O grupo bolchevique, até então em minoria, tornou-se o grupo dirigente. À frente dele estavam homens tão notáveis quanto Estevão Chaumian e Djaparidze. Chaumian tinha 40 anos. De origem armênia, dotado de sólida educação europeia, como politécnico, marxista amadurecido pelo exílio e pela ação, que lhe haviam permitido conhecer o movimento operário na Suíça, na Alemanha e na Inglaterra, bolchevique a partir da cisão de 1903, ligado a Lenin, muitas vezes detido, exilado, preso, redator incansável de publicações clandestinas do partido, organizador de greves memoráveis (1914), "derrotista" temido durante a guerra, teórico de valor, ele era, no grupo dos grandes bolcheviques, uma figura de primeiro plano. Alexis Djaparidze, de origem burguesa, exilado 4 vezes, em 1907, 1910, 1913 e 1915, sempre retornando a seu posto na ilegalidade, também era um bolchevique da primeira hora, um dos criadores do movimento operário de Baku. Toda a experiência desses políticos não era demais para dirigir o Soviete de Baku. O resultado das eleições para a constituinte, realizadas nessa cidade em fins de novembro, dão uma idéia exata das dificuldades dessa tarefa. Os 107 mil votos depositados haviam-se repartido da seguinte maneira: bolcheviques, 22 mil; muçulmanos (*Mussavat* etc.) 29 mil; armênios *dachnaks*, 20 mil; *cadets*, 9 mil;

mencheviques, 5 mil; socialistas-revolucionários, cerca de 19 mil; judeus, 2 mil. Os votos dos socialistas-revolucionários de esquerda, bem como os dos *dachnaks* de esquerda, somaram-se aos dos bolcheviques. Assim, estes últimos eram mais fortes do que qualquer de seus adversários tomado individualmente, mas tinham que levar em conta a grande influência das tendências nacionalistas armênia e muçulmana, bem como a resistência de uma forte minoria de direita. Foi nestas condições excepcionalmente precárias que eles assumiram o poder. Tenhamos em mente esses fatos: eles explicam o que veio a seguir.

A completa ruína do exército do Cáucaso superava qualquer descrição. Divisões inteiras eram literalmente dizimadas pelo tifo e pelo escorbuto, epidemias de imundície e de miséria¹². Esse exército de desesperados logo se viu "presa do bolchevismo", enquanto o governo de Tiflis se entendia com os turcos, e tratou-se de formar pequenos exércitos nacionais. Teve lugar, então, uma tragédia inominável que ninguém ainda contou. Os camponeses russos, que formavam o grosso das tropas, pretendiam voltar armados para casa. Mas a contra-revolução democrática não admitia deixar que tais reforços se juntassem aos bolcheviques e desejava formar suas próprias tropas. Mencheviques georgianos, "federalistas" turcos do *Mussavat*, montanhese curdos, nacionalistas armênios, puseram-se a "desarmar" pela força, nos desfilardeiros das montanhas, os trens militares que se dirigiam para a Rússia. Muitas vezes, as tropas russas resistiram. A pretexto de desarmá-los, eram saqueados; regimentos inteiros tiveram de transpor longas distâncias de pés descalços, esfarrapados, entregues ao ódio das populações nacionalistas. Em diversos lugares travaram-se batalhas, freqüentemente seguidas por massacres. Freqüentemente se provocaram descarrilamentos de trens militares russos. Além disso, armênios, turcos, tártaros, georgianos e curdos lutavam muitas vezes entre si; de encosta a encosta das montanhas, as aldeias estavam em chamas...

Em meados de fevereiro (calendário antigo), um parlamento, o *Sejm* transcaucásio, foi organizado em Tiflis. Sua maioria era constituída pelos mencheviques georgianos, pelos *dachnaks* armênios e pelos federalistas turcos (do *Mussavat*). Tcheidze, Tseretelli, Noé Jordania, Ramichvili e Gueguetchgori, velhos social-democratas mencheviques, dirigem-no, pacificando com todos os nacionalismos, com todas as tendências reacionárias, contra o perigo vermelho. A "República Transcaucásia" proclama sua independência. "Os crimes do bolchevismo", declara o socialista Tseretelli, ex-ministro de Kerenski, "fizeram-no perder a Transcaucásia". Outro menchevi-

12. C. CHAUMIAN, "A Comuna de Baku" *Revolução Proletária*, Moscou, nº 59, 1926.

que chega até a declarar: "Ainda não sabemos qual é o pior para nós, se o perigo turco, ou o perigo bolchevique"¹³.

O *Sejm* aprova uma reforma agrária que sua impotência faz com que fique no papel. Recusa participar das negociações de Brest-Litovsk, mas negocia em Trebizonda com o chefe do exército turco, Vekhib-bey. Um detalhe: a independência do Cáucaso é proclamada em abril, conforme as exigências formais dos turcos, isto é, dos impérios centrais. Vekhib-bey, invocando uma cláusula do tratado de Brest-Litovsk, pretende, além disso, ocupar Batum - único porto georgiano no Mar Negro -, Kars e Ardagan, na Armênia. Os georgianos estão dispostos a lutar por Batum, mas os federalistas muçulmanos se recusam a manter uma guerra contra a Turquia: a República Transcaucásia viveu... Os impérios centrais impõem agora a formação de repúblicas nacionais georgiana, armênia, azerbaijã, mutiladas e rivais. Dividir para reinar. Os partidos socialistas-nacionais se curvam. A independência georgiana é proclamada pelos mencheviques em fins de maio. Em meados de junho, tropas alemãs ocupam Tiflis. Um comunicado oficial do governo socialista de Noé Jordania anuncia à população que "as tropas alemãs foram convocadas pelo governo georgiano para defender as fronteiras da república" (13 de junho). Contra quem? O órgão central do Partido Social-Democrata Georgiano, o *Ertoba*, o diz, sem rodeios: contra os bolcheviques. "Prefiro", dirá mais tarde Noé Jordania à constituinte georgiana, "os imperialistas do ocidente aos fanáticos do oriente". Esses intelectuais "socialistas" que representam uma pequena burguesia de artífices e agricultores convocarão mais tarde os aliados, do mesmo modo que convocaram os alemães, e apoiarão Denikin, do mesmo modo que apóiam os reacionários muçulmanos contra Baku, em suma, não recuarão diante do emprego de qualquer arma toda vez que se trate de combater a revolução proletária¹⁴.

13. D. ONIACHVILI, discurso no *Sejm* de Tiflis, 22 de abril de 1918, *Documentos Oficiais* do governo menchevique georgiano.

14. Consultar M. AMYA, *Os Caminhos da Gironda Georgiana*, Tiflis, 1926; Y. CHAFIR, *A Gironda Georgiana*, etc., Moscou, 1925; L. TROTSKY, *Entre l'Impérialisme et la Révolution*, trad. francesa da Librairie de L'humanité.

5 - A COMUNA DE BAKU. O MASSACRE DOS 26

O Soviete de Baku, dirigido por Chaumian, apoderou-se pouco a pouco do poder, com precaução porém com firmeza. A sublevação muçulmana de 18 de março lhe impôs a ditadura. Esse movimento, organizado pelo *Mussavat*, levantou a população tártara e turca, conduzida por sua burguesia reacionária, contra o soviete russo, apoiado pelos armênios. Armênios e turco-tártaros lutaram encarniçadamente nas ruas. A maioria dos trabalhadores turcos do porto, os *embal*, permaneceram neutros ou apoiaram os vermelhos, a quem coube a vitória.

A partir de então, organizou-se a primeira república soviética do Azerbaijão. Chaumian preside seu Conselho dos Comissários do Povo que, em maio, nacionaliza a indústria petrolífera do Cáspio. Medida de difícil aplicação; a direção da indústria petrolífera exigia competências de que não dispunha o proletariado. Foi necessária a ajuda de Moscou. Os socialistas-revolucionários, os mencheviques e os *dachnaks*, por outro lado, tomaram a defesa das companhias expropriadas.

Em breve, a cidade sofreu fome. Um exército de guerrilheiros contra-revolucionários muçulmanos, com quadros fornecidos pela Geórgia menchevique, a bloqueou (o *Mussavat* havia constituído um governo em Ghiandja). No Daguestão, um imã pregava a guerra santa contra a cidade bolchevique. Faltava trigo. Em maio, junho e julho, os habitantes só receberam poucas rações de nozes e de sementes de girassol; o pouco de trigo que o soviete conseguia receber por mar estava reservado às tropas. Algumas tentativas de requisição foram feitas pelo pequeno exército vermelho de Baku, mal disciplinado, mal recrutado, composto em grande parte de armênios alheios ao espírito revolucionário do proletariado, que bebiam e habitualmente roubavam os camponeses muçulmanos; essas requisições acabaram por provocar a má vontade dos camponeses.

A Tcheka¹⁵ de Baku só passou pelas armas dois miseráveis: dois membros do governo proletário, prevaricadores...

15. Para não ter de interromper o relato dos acontecimentos de Baku, anteciparemos um pouco, nestas páginas, assunto de capítulos ulteriores.

O *Mussavat* esperava tomar a cidade com a ajuda das tropas turcas. Tropas russas, suspeitas de tendências contra-revolucionárias, que haviam sido chamadas da Pérsia, mantiveram-nas durante algum tempo sob controle. Porém, na cidade faminta, os partidos socialistas cogitavam convocar os ingleses do norte da Pérsia. A 25 de julho, apesar da irreduzível oposição dos bolcheviques, o soviete aprovou o apelo aos ingleses. "Os ingleses", dizia Chaumian, "só querem nossos petróleo; eles não têm víveres para nos oferecer." Ele estava terrivelmente certo. Enquanto isso, as tropas russas suspeitas desorganizavam a frente de combate; vivia-se sob a ameaça de uma investida dos tártaros. Na verdade, desde 21 de abril os *dachnaks* armênios negociavam com o general Densterville, comandante das tropas britânicas na Pérsia. "Nossos amigos", escreve este último em suas *Memórias*, "pareciam ter condições de em breve derrubar os bolcheviques e nos chamar [...]. Os Comissários do Povo se demitiram e foram substituídos por um diretório democrático - que, não se sabe por que, intitulou-se "ditadura popular" - formado por socialistas-revolucionários, *dachnaks* e mencheviques. Os bolcheviques, após tentarem em vão chegar a Astrakhan por mar, formaram no centro do porto, a bordo dos navios em que haviam embarcado grande número de famílias de operários, um campo fortificado, defendido pela artilharia. Um grupo de camaradas, agrupados em torno de Mikoyan¹⁶, reduzido a uma semi-clandestinidade, militava ainda nos bairros operários, enfrentando a "democracia". Finalmente, desembarcaram algumas centenas de ingleses.

Na noite de 14 de agosto, os bolcheviques levantaram âncora mais uma vez. A tempestade impediu que seus pesados navios petroleiros, carregados de canhões, cavalos e gente - famílias inteiras estavam fugindo - se pusesse ao largo. Canhoneiras se aproximaram. A frota do Cáspio manteve seus antigos oficiais e o soviete errara seriamente ao negligenciar a ação política junto a ela. Desta vez, o governo local exigia que Chaumian e os principais agitadores proletários fossem entregues, ameaçando abrir fogo em caso de recusa. Os vermelhos se renderam, depois de serem submetidos a uma hora de bombardeio, sem possibilidades de reação. Esperavam conseguir que Chaumian escapasse; mas não puderam fazê-lo. Perto de 40 militantes bolcheviques foram detidos. Ficaram na prisão até que os ingleses e o Diretório fugiram diante dos turco-tártaros (meados de setembro); pensaram em abandoná-los na cadeia, destinados ao massacre; Mikoyan os salvou. Djaparidze, Chaumian e seus amigos, num total de 26, embarcaram, juntamente com outros

16. Hoje em dia, Comissário do Povo para o Comércio, da URSS (verão de 1927).

fugitivos, para a Transcáspia, então aparentemente governada por um vago governo socialista-revolucionário e, na realidade, por uma meia dúzia de oficiais britânicos. Eles foram detidos em Krasnovodsk. O capitão Reginald Teeg-Johns¹⁷ exigiu, em nome do general Thompson e da missão britânica em Askhabad, a execução dos 26 comissários; os prisioneiros "enviados para a Índia", para ali serem internados, seriam fuzilados no caminho. A 20 de setembro, três dias depois de sua prisão, os 26 bolcheviques eram fuzilados, num lugar deserto da estrada de Askhabad. "Pelas 6 horas da manhã", declara uma testemunha, "os 26 comissários foram informados no vagão do que os esperava. Mandaram-nos sair em grupos de 8 a 9 homens. Amedrontados, mantinham silêncio absoluto. Um marinheiro gritou: 'Estou tranqüilo. Morro pela liberdade'. 'Nós também, mais cedo ou mais tarde, morreremos pela liberdade', respondeu um dos executantes, 'mas a entendemos de modo diferente de vocês'. O primeiro grupo de comissários, levado para fora do vagão na semi-escuridão, foi abatido com uma só descarga. O segundo grupo tentou fugir, mas tombou sob sucessivas descargas. O terceiro resignou-se à própria sorte /.../'¹⁸. Assim morreu Chaumian, a quem chamavam "o Lenin do Cáucaso"; assim morreram os heróis da comuna de Baku. "O capitão Teeg-Johns manifestou-me sua satisfação pelo fato de a execução ter ocorrido conforme os desejos da missão britânica", escreveu mais tarde o socialista-revolucionário Funtikov, membro do governo transcaspiano¹⁹.

Os turco-tártaros, enquanto isso, haviam arremetido contra Baku. Durante três dias, degolaram os armênios, os russos, os operários, os vermelhos... O ministro da Guerra georgiano - membro do governo socialista de Tiflis - Guerguadze dizia, no entanto, pouco depois desses acontecimentos, ao general turco Noury-pacha, homenageado com um banquete: "Felicitto-vos por haver expulsado de Baku os usurpadores bolcheviques e por haver ali instituído vossa gloriosa democracia /.../'. A Geórgia socialista havia permitido a passagem das tropas turcas.

17. A ortografia deste nome, traduzido do russo, pode estar incorreta.

18. Vadime TCHAIKINE, *A Execução dos Vinte e Sels Comissários*, Moscou, 1926.

19. Funtikov foi julgado e fuzilado em Baku, em 1926.

6 - LENIN NO III CONGRESSO DOS SOVIETES

O III Congresso dos Sovietes se realizara em Petrogrado de 10 a 18 (23-31) de janeiro. Pode-se avaliar sua composição pela do Comitê Executivo Pan-russo, por ele designado, e que era composto de 160 comunistas, 125 socialistas-revolucionários de esquerda, 7 socialistas-revolucionários de direita, 7 socialistas-revolucionários maximalistas, 3 anarco-comunistas, 2 mencheviques e 2 mencheviques internacionalistas. Trotsky e Kamenev haviam relatado as negociações de Brest-Litovsk. As discussões mais importantes haviam sido a respeito da organização do poder dos soviets. Vamos nos deter apenas sobre as intervenções de Lenin, aliás, da mais alta importância.

Ele começou por felicitar-se, no início de seu relatório sobre as atividades do Conselho dos Comissários do Povo, pelo fato de que o regime dos soviets, naquele dia, já tivesse durado cinco dias mais do que a Comuna de Paris (que só durou 2 meses e 10 dias). Acentuou a importância da colaboração do proletariado com os agricultores mais pobres, atestada pelo bloco dos Partidos Bolchevique e Socialista-Revolucionário de Esquerda; acentuou uma vez mais que não se tratava, de modo algum, de impor o socialismo aos camponeses. Afirmou a necessidade da violência: "Nunca, na história, questão alguma relativa à luta de classes se resolveu de outra forma que não pela violência. Somos partidários da violência, desde que ela emane das classes trabalhadoras exploradas e seja dirigida contra os exploradores /.../'.

Aos que instavam com ele que pusesse fim à guerra civil, respondeu: e o exemplo das classes ricas e de suas cruéis repressões? "Estamos longe de haver chegado ao verdadeiro terror, porque somos fortes." Bastaria a confiscação de bens para reduzir os capitalistas a nossa mercê. "O povo não mais teme o homem de fuzil", disse ele, repetindo a expressão de uma velha, ouvida por acaso numa estação ferroviária. Depois disso, pouco importa que sejamos tratados de "ditadores" e de "usurpadores". E anunciou a criação do exército vermelho, nação armada.

Denunciou dois males: a sabotagem dos intelectuais e os instintos egoístas das massas atrasadas. "Os professores, os mestre-escolas, os engenheiros fazem de seu saber instrumento da exploração do trabalho; 'Queremos', dizem eles, 'que nossos conhecimentos sirvam à burguesia, ou não trabalharemos mais'".

Porém, os piores elementos que nos foram legados pelo antigo regime são os velhacos que têm um único desejo: furtar e fugir. Todas as taras do passado se encontram neles, é preciso expulsá-los da fábrica. Têhamos em mente essa alusão de Lenin ao baixo individualismo dos atrasados, desenvolvido e estimulado pela concorrência capitalista, tão forte na pequena burguesia. Lenin voltará continuamente a ele, para condená-lo, para combatê-lo, para denunciar o imenso perigo que representa. Contra os ladrões, os aventureiros, os aproveitadores da revolução, ele fará incessante apelo à iniciativa das massas. Diz aos camponeses: "Disponham das terras como quiserem; sem dúvida vocês cometerão erros, mas só assim é que se aprende". Chamou a atenção do congresso para o fato de que "aqui ou ali, o proletariado entra em contato com as associações patronais para garantir para si a direção de ramos inteiros da produção". Terminou com considerações gerais sobre o lugar da revolução russa na revolução mundial: "Marx e Engels costumavam dizer: 'o francês começará, o alemão terminará'; o francês começará, dizem eles, porque, em revoluções que duraram dezenas de anos, adquiriram a dedicação e a iniciativa revolucionárias que o colocaram na vanguarda da revolução socialista/.../. Quanto a nós, dizemos que o movimento começará com maior facilidade nos países que não pertencem ao grupo dos países exploradores que desfrutaram da possibilidade de pilhar (as colônias) para, a seguir, corromper as camadas superiores da classe operária/.../. O russo começou, o alemão, o francês, o inglês terminarão, e o socialismo vencerá".

Lenin fez várias alusões, muito claras, à supressão do estado. "As idéias anarquistas", diz ele, "agora, em nossa época de demolição radical da sociedade burguesa, assumem formas vivas. Porém, para derrubar a sociedade burguesa, é necessário inicialmente o firme poder revolucionário das classes trabalhadoras, o poder do estado revolucionário/.../. As novas tendências do anarquismo perfilam-se, nitidamente, ao lado dos soviets."

Falando alguns dias depois aos agitadores enviados para as províncias, dizia-lhes - e esta é também uma das idéias que salienta habitualmente: "Todo operário, todo camponês, todo cidadão deve compreender que só ele pode se ajudar e que nada tem a esperar, senão de si mesmo".

7 - O PROBLEMA

Poderia a República dos Soviéticos viver sob o peso do tratado de Brest-Litovsk? Este era o grande problema. Ela perdia 40% de seu proletariado industrial (os austro-alemanes ocupavam a bacia carbonífera do Donietz), 90% de sua produção de combustíveis, 90% de sua indústria açucareira, 65% a 70% de sua metalurgia, 55% de seu trigo, em suma a maior parte de seus cereais de exportação²⁰. A Rússia, cujo comércio exterior se baseia, há séculos, na exportação de cereais, ficaria entregue a si mesma, fadada a uma eterna indigência. "A paz de Brest-Litovsk", dizia-se às vezes, "é a morte lenta da revolução" (Lozovski). Dessa convicção nascia a idéia da guerra revolucionária. Os debates do I Congresso Pan-russo dos Conselhos da Economia Popular (26 de maio a 4 de junho) informam-nos sobre as idéias da maioria do partido. O relator sobre as conseqüências econômicas do tratado, Radek, acentuou que a revolução ia, a partir de então, estar em estreita dependência do exterior e do mercado mundial. Preconizou uma política de concessões e de empréstimos, que hoje nos parece bastante utópica. Só deviam ser concedidas empresas novas, a serem criadas, fora das principais regiões industriais do país (Urais, Donietz, Kuznietzk, Baku); o estado participaria dos lucros e teria o direito de recompra ao fim de certo tempo. Não se tinha escolha, era preciso contentar-se com essa solução hipotética. Decidiu-se, também, desenvolver as indústrias dos Urais e a produção algodoeira do Turquestão. O velho Kalinin declarava: "Nos Urais, no norte e na Sibéria é que plantaremos os alicerces de nosso poderio futuro"²¹. Soluções desesperadas de revolucionários decididos a não se desesperar. Seria viável uma Rússia assim mutilada, sob a ameaça constante de um imperialismo todo-poderoso, sujeita internamente ao crescen-

20. Esses dados, fornecidos por Karl Radek ao I Congresso Pan-russo dos Conselhos da Economia Popular, foram contestados por Millutin, que demonstrou que, como parte da produção carbonífera e industrial da Ucrânia era consumida localmente, a perda de disponibilidade era sensivelmente menor. Esse raciocínio especioso, na verdade, apenas acentua a gravidade das amputações econômicas sofridas pela República.

21. Registro stenográfico dos debates do I Congresso Pan-russo dos Conselhos da Economia Popular (26 de maio a 4 de junho de 1918), Moscou, 1918.

te conflito nas cidades e no campo? Os mais otimistas somente o afirmavam por necessidade. O partido se dividiu. Os comunistas de esquerda (aproximando-se dos socialistas-revolucionários de esquerda) cada vez mais consideravam a paz como um mal pior do que a pior das guerras. Lenin, acompanhado pela maioria, pretendia fazer desabar a estrutura da Europa e esperava que a Alemanha desabasse.

O conflito crescente entre as cidades e o campo se evidenciava pela inflação, pela fome, pela desordem. A queda do rublo passou a ser vertiginosa. Não havendo entrada de impostos - não sem motivo -, o governo não possuía outro recurso senão o da emissão de dinheiro. A produção industrial baixara enormemente; daí a alta de preços dos produtos manufaturados. O agricultor, recebendo em troca de seu trigo rublos-papel com os quais, a muito custo, só podia comprar uma quantidade cada vez mais reduzida de artigos manufaturados, recorria ao escambo: víveres em troca de objetos. Uma malta de pequenos especuladores se interpunha entre ele e a cidade. A escassez se instalara nas cidades desde antes da revolução, portanto não havia mais reservas. Nessa confusão os instintos individualistas tinham muitas ocasiões de se afirmar, pois era tão fácil sair sozinho de seus apuros, quanto era impossível fornecer pão a todos; para combater esses instintos de maneira relativamente bem-sucedida era preciso nada menos do que a disciplina e o espírito de solidariedade do proletariado. Eis alguns dados precisos sobre a inflação de 1917-1918. A 1 de janeiro de 1917, as emissões de Banco do Império se elevavam, no total, a pouco mais de 9 bilhões de rublos-papel. Quatorze bilhões, 701 milhões foram emitidos em 1917 e 12 bilhões nos primeiros 5 meses de 1918²².

É preciso ter bem em mente essa situação interna para compreender as dissensões no Partido Bochevique.

22. Relatório de Sokolnikov ao I Congresso Pan-russo dos Conselhos da Economia Popular.

8 - "PERECEREMOS SE ..." (LENIN NO VII CONGRESSO DO PCR)

O Comitê Regional de Moscou votava, a 24 de fevereiro, uma moção de desconfiança ao Comitê Central e recusava submeter-se "às medidas que pudessem dizer respeito à aplicação do tratado de paz". Essa moção era acompanhada de um comentário explicativo em que se dizia: "O Gabinete Regional de Moscou, considerando que se tornou muito provável a cisão do partido num futuro bem próximo, toma a si a tarefa de agrupar todos os revolucionários conseqüentes, todos os elementos comunistas em luta contra os partidários da paz em separado e contra os elementos moderados do movimento comunista. Julgamos que seria do interesse da revolução internacional concordar com o sacrifício do regime dos soviets em vias de se tornar um regime puramente formal. Como no passado, consideramos ser nossa tarefa essencial a de estender a todos os países as idéias da revolução socialista e, na Rússia, a de aplicar energeticamente a ditadura e reprimir impiedosamente a contra-revolução burguesa".

"Incompreensível e monstruoso", replica Lenin. Longe de facilitar a revolução alemã, objeto de seu bom senso, o sacrifício dos soviets iria prejudicá-la. Os operários ingleses não foram submetidos a um regime de terror com a derrota da Comuna em 1871? Os exemplos da França de 1793 e da Prússia esmagada pelos exércitos napoleônicos não demonstram o poder de uma vontade tenaz? "Por que não se repetiriam tais fatos em nossa história? Por que devemos cair em desespero e redigir moções mais desonrosas - verdadeiramente! - do que a mais desonrosa paz, a respeito de o regime dos soviets em vias de se tornar puramente formal?" Nenhuma invasão estrangeira jamais tornará "puramente formal" uma instituição política popular) e o regime dos soviets não é somente uma instituição política popular: é uma instituição desse tipo de qualidade muito superior a todas as que a história já conheceu).

"Ao contrário, a invasão estrangeira não faria senão aumentar as simpatias do povo para com o regime dos soviets /.../ contudo, se este não embarcasse em aventuras." - "A

Rússia", escrevia ainda Lenin, "marcha para uma nova guerra nacional, para uma guerra para a defesa e a manutenção do regime dos sovietses. Pode acontecer que essa época seja, como a das guerras napoleônicas, uma época de guerras libertadoras (quero dizer guerras, mesmo, e não uma só guerra) impostas pelos invasores à Rússia soviética. É possível. E por isso é que o desespero, o desespero desonroso é mais desonroso do que qualquer paz super-arrasadora a que se é obrigado pela inexistência de um exército. A consequência de dezenas de tratados de paz super-arrasadores não nos levarão à ruína se soubermos considerar com *seriedade* a guerra e a insurreição. Os invasores não nos matarão se não nos deixarmos matar pelo desespero e pela frase."

Os comissários de esquerda - "comunistas da catástrofe", dizia Lenin - publicaram, de início, um jornal quotidiano (de 5 a 19 de março); era *O Comunista*, órgão do comitê petersburguês do partido, publicado com a redação de Bukharin, Radek e Uriitski. Transferido pouco depois para Moscou, *O Comunista* foi ali publicado de 20 de abril até junho, semanalmente. Obolenski (Ossinski) e V.-M. Smirnov entraram para a redação nessa época. Entre os colaboradores do órgão de esquerda, destacamos Bubnov, Bronski, Antonov (Lukin), Lomov (Oppokov), M. Prokrovski, E. Preobrajenski, I. Piatakov, Soltz, Unschlicht, Kollontai, V. Kuybichev, E. Yaroslavski, Sapronov e Safarov. Esses nomes dão uma idéia da força e da qualidade do movimento de esquerda.

As tendências voltaram a se enfrentar no VII Congresso do partido, reunido em Petrogrado de 6 a 8 de março, alguns dias antes da transferência da capital para Moscou (10 de março; Petrogrado continuava sob a ameaça de uma ocupação alemã). O Congresso só se ocupou da paz. Lenin (apoiado por Zinoviev, Smilga, Sverdlov e Sokolnikov) combateu as teses das esquerdas. Trotsky, partidário da guerra, aderiu à tese de Lenin em vista da impossibilidade de sustentar uma guerra revolucionária com um partido dividido. A ameaça de uma cisão, temida por todos, pairou sobre o congresso até o final dos trabalhos. Predominou o apego à unidade. Os oponentes se fizeram representar no Comitê Central, bem como na comissão de revisão do programa.

Entre as declarações de Lenin ao congresso, citaremos as que apresentam maior interesse histórico e doutrinário. De início, Lenin salientou que os primeiros meses do regime dos sovietses haviam sido uma marcha triunfal. Depois disso, haviam sobrevivido as inevitáveis dificuldades da revolução socialista. Pois "uma das diferenças essenciais entre a revolução burguesa e a revolução socialista é que a primeira, nascendo sempre da ordem feudal, cria, pouco a pouco, suas novas organizações econômicas no interior do antigo regime,

quando apenas pelo desenvolvimento do comércio é que modificaria, pouco a pouco, todos os aspectos da sociedade feudal. A revolução burguesa tem uma só tarefa: pôr de lado, eliminar, destruir todos os fundamentos do antigo regime. Cumprindo essa tarefa, qualquer revolução burguesa preenche sua missão, pois termina por criar o regime da produção de mercadorias e desenvolve o capitalismo. Inteiramente diversa é a situação da revolução socialista. Quanto mais atrasado for o país em que os vaivéns da história a fazem surgir, tão mais difícil é para ela a transição das antigas relações capitalistas para as novas relações socialistas. Neste caso, às tarefas de destruição se acrescentam outras tarefas, infinitamente mais difíceis, as da organização".

"A República Socialista dos Sovietes nasceu com tanta facilidade porque, em fevereiro de 1917, as massas criaram os sovietses antes que qualquer partido tivesse tido tempo de lançar a palavra de ordem."

Assim, a diferença entre as revoluções burguesa e proletária é a de que uma se beneficia de formas de organização capitalistas acabadas, enquanto a outra tem tudo a criar. E os "métodos de ataque" não poderiam ser aplicados à obra econômica e administrativa. A revolução socialista "será infinitamente mais difícil de começar na Europa do que em nosso país; infinitamente mais fácil de começar em nosso país, será difícil dar a ela continuidade; na Europa, ao contrário, uma vez iniciada, facilmente terá continuidade". Estamos desarmados diante da fera impericlista, "nossa salvação, repito, está na revolução européia /.../ e se vocês dizem que a hidra da revolução se dissimula em cada greve e que não é socialista quem não compreende isso, está certo. Sim, a revolução socialista se dissimula em cada greve; mas se vocês dizem que cada greve é um passo em direção à revolução, isso é dizer a mais oca das tolices".

"A verdade absoluta é que, sem revolução na Alemanha, pereceremos. Não pereceremos, talvez, em Petrogrado, nem em Moscou, mas em Vladivostok /.../. Seja como for, pereceremos, se não houver a revolução alemã. Isso em nada diminui nosso dever de saber enfrentar, sem bravatas, as mais críticas situações. A revolução (alemã) não virá tão rápido quanto esperamos. A história o tem demonstrado. É preciso sabê-lo como um fato."

Desmobilizamos porque o exército era o membro doente do organismo social; quanto mais rápido for dissolvido, mais cedo o organismo estará curado. "É preciso saber bater em retirada."

A cisão do partido? Estaremos curados de nossas crises, diz Lenin, com a experiência histórica e com a ajuda da revolução mundial. Ele polemizou contra as fantasias de *O Comunista*, refutadas pelos fatos, contra a absurda tentativa

de transpor para o plano internacional os métodos insurreccionais de outubro. A *trégua é um fato*, diz ele. Contou a história desoladora dos 11 dias de guerra revolucionária; havia-se acreditado na perda de Petrogrado e era tal o deserto que se estendia diante dos alemães que cidades como Yamburgo²³ foram "retomadas" por telegrafistas que constata-vam, estupefatos, a ausência dos alemães. "Esta é uma verdade terrivelmente amarga, ultrajante, dolorosa, humilhante, mas cem vezes mais útil que o seu *Comunista*."

Que fazer agora? Ordem. Que o operário aprenda o manejo das armas, ainda que seja somente uma hora por dia. Isso é mais difícil do que escrever os mais belos contos. "Nossa paz é uma paz de Tilsitt", aproveitemo-nos disso para preparar a guerra. "A história nos mostra que a paz é uma trégua para a guerra e a guerra é um meio de obter uma paz que seja um pouco melhor." Todo o discurso foi nesse tom de realismo e de tenacidade. "Recuaremos", bradava Lenin, "o quanto for necessário. Talvez amanhã entreguemos Moscou. Saberemos aceitar essa provação. E ao amanhecer o dia seguinte, recomeçaremos a luta". - Após polemizar com Bukharin, que censurava a "tática desmoralizante" do Comitê Central, e com Trotsky, partidário da luta contra a Ucrânia, concluía dizendo ainda, "quero ceder espaço para ganhar tempo".

9 - A TESE DO SACRIFÍCIO HERÓICO

A argumentação dos comunistas de esquerda foi objeto de uma análise conscienciosa, cuja justeza foi de boa mente reconhecida por Bukharin, num prefácio de 1925. A tese dos comunistas de esquerda, naquele momento como antes da conclusão da paz, está fundada em sentimentos profundos: a indignação, a dor, a cólera, e numa dúvida trágica sobre os destinos da revolução, mais trágica ainda por ter como contrapartida um entusiasmo revolucionário que chega às raias da cegueira, do desejo do sacrifício absoluto. Esse sentimento traduz-se por afirmações surpreendentes: "Se a revolução russa, ela própria, não se dobrar, ninguém a

23. Hoje, Kingissep, na fronteira estoniana.

atingirá nem a quebrará"²⁴. - "Enquanto a revolução /.../ não capitular, não deve temer nenhuma derrota parcial, por mais grave que seja. A grande República dos Sovietes pode perder Petersburgo, Kiev, Moscou, o que não pode é perecer."²⁵ Afirmações como essas são estarecedoras. Como, porém, resistir realmente? É preciso uma "mobilização dos espíritos". Bukharin dizia: "Quando as massas virem a ofensiva alemã em ação /.../ terá início uma verdadeira guerra santa"²⁶. Não existe exército? Será feita a guerrilha. Durante todo o tempo da revolução, a guerrilha foi uma das maiores esperanças de todos os revolucionários românticos. Quanto ao poderio dos guerrilheiros, ele residiria sobretudo em suas convicções socialistas, bem como "na natureza social do novo exército em vias de mobilização". Uma idéia muito correta se mesclava, aqui, a um idealismo muito falso. Um exército novo podia e devia nascer, com base em interesses de classe, fonte de entusiasmo revolucionário; mas nada mais pueril do que pretender opor, à técnica alemã, convicções socialistas...

Essas teorias se justificavam por uma afirmação doutrinária e por uma deformação dos fatos. A afirmação doutrinária era esta: Nenhum compromisso! A revolução não deve negociar, nem bater em retirada, nem concordar com compromissos. Só há uma tática que ela pode aplicar, a da maior intransigência. Antes morrer do que viver às custas de um compromisso! No fundo, essa é toda a doutrina do comunismo de esquerda e é preciso saber distinguir, nela, uma reação salutar contra as tendências oportunistas. (Já vimos que os comunistas de esquerda se opunham a qualquer relação com as potências capitalistas.) A deformação dos fatos, inconsciente por certo, consistia em negar a trégua obtida do imperialismo alemão e, mais ainda, em contestar até mesmo sua possibilidade. A perspectiva de paz, dizia Bukharin, era "ilusória, inexistente". A paz, escrevia Kollontai, tornou-se "uma impossibilidade". "Não é uma paz", escrevia Radek após a assinatura da paz, "é uma nova guerra". Sentimentos imperiosos deformavam a realidade aos olhos desses revolucionários apaixonados; a luta continuava, mas a trégua, por mais medíocre e restrita que fosse, era um fato. Com seu enorme bom senso, respondia-lhes Lenin: "Como vocês podem negar a trégua, quando já tivemos cinco dias para proceder tranquilamente à evacuação de Petrogrado!"

A conclusão dos comunistas de esquerda resume muito bem, numa clara visão teórica, a exaltação que os dominava e essa curiosa mistura de otimismo - diante da história - e de pessimismo - quanto à realidade presente - que caracte-

24. VI. SORIN. *O Partido e a Oposição*, vol 1, prefácio de Bukharin, Moscou, 1925.

25. K. RADEK no *Soc. Dem., Brest-litovsk*.

26. *O Comunista*, nº 1, editorial.

rizava sua tendência: "Não ignoramos que a aplicação inflexível, interna e externamente, de uma política proletária preñe de perigos pode até mesmo acarretar momentaneamente nossa perda, mas consideremos que mais vale para nós, em benefício do movimento proletário internacional, sucumbir arrasados pelas forças externas, mas sucumbir num verdadeiro regime proletário, do que viver, adaptando-nos às circunstâncias"²⁷.

É hábito, na Rússia, ver-se nessa ideologia um desvio pequeno-burguês, conforme a expressão consagrada. Não há dúvida de que a maior parte dos desvios da ideologia proletária, por mais variados que sejam, são em geral produto de intelectuais que, mais ou menos, refletem estados de espírito peculiares às classes médias intermediárias entre o proletariado e a burguesia. Sem dúvida, os sentimentos de honra ferida, de patriotismo ultrajado, de sacrifício heróico - antes a morte que a vergonha - são muito mais freqüentes na mentalidade das classes médias, sobretudo na mentalidade dos intelectuais, do que na mentalidade tão diferente, realista, utilitária, dialética e profundamente revolucionária do proletariado. Parece-me, porém, que não devemos ignorar que essa tendência de esquerda representava também outra coisa: uma reação contra o perigo oportunista. Lenin não pertencia nem a uma direita nem a uma esquerda; era inflexivelmente mas utilitaristamente revolucionário - e sem frases. Apenas, até Lenin, todas as vezes que se havia querido "manobrar" em nome da revolução, na história da classe operária internacional, fora para cair imediatamente no oportunismo. Consideremos, também, outro fato da maior importância. Nunca antes houvera uma revolução proletária vitoriosa. Alguns dos melhores revolucionários deviam se sentir inclinados a dar seqüência, por um sacrifício da fecundidade, do qual tinham razão para não duvidar, à tradição das derrotas heróicas do proletariado. Porém, um dos grandes méritos de Lenin foi também o de impor o rompimento com essa tradição.

27. O Comunista, nº 4.

10 - A DOCTRINA E A AÇÃO NO VII CONGRESSO DO PARTIDO BOLCHEVIQUE

Em horas difíceis como essas, o VII Congresso do partido ocupou-se também de questões de doutrina. Lenin conseguiu, enfim, que o congresso adotasse a mudança de denominação do partido (o *Partido Operário Social-Democrata Russo* tornou-se o *Partido Comunista (Bolchevique) da Rússia*), mudança por ele preconizada desde o início de 1917. Teve com isso a oportunidade de salientar, uma vez mais, o quanto estava ultrapassada a noção de democracia pelo estado dos soviets, concebido segundo o modelo da Comuna de Paris, e de fazer lembrar que o socialismo aspira à supressão de toda e qualquer coerção governamental e à aplicação da regra: de cada um segundo suas forças, a cada um segundo suas necessidades. Refutando a teoria defendida, na época, por todos os adversários socialistas da revolução: "Não se socializa a miséria", citou algumas linhas proféticas de Friedrich Engels, escritas em 1887. Desde então, Engels previa a conflagração mundial, previa quedas de coroas, imensas devastações e, entre elas, "a vitória da classe operária ou a criação de condições que tornariam essa vitória possível". Lenin afirmou a indestrutibilidade da cultura, da qual, no entanto, poderia ser, diz ele, trabalhoso provocar um renascimento.

Bukharin, Sokolnikov e Vladimir Smirnov propunham que se suprimisse a antiga parte teórica do programa do partido, na opinião deles ultrapassada, consagrada à exposição sobre o desenvolvimento da produção de mercadorias; consideravam ser o bastante definir, no programa, o imperialismo e a era da revolução socialista. Essa opinião estava errada sob vários aspectos: mesmo na época do imperialismo, a produção de mercadorias e o capitalismo em suas formas mais simples continuam a se desenvolver nos países atrasados. Porém, ao responder a eles, Lenin abrangeu a questão mais amplamente. Essa página deve ser citada integralmente:

"/.../ A produção de mercadorias deu origem ao capitalismo que acabou chegando ao imperialismo. Essa perspectiva histórica universal, base do socialismo, não deve ser esquecida. Sejam quais forem as peripécias ulteriores da luta, os vaivéns que devemos percorrer (e muitos serão eles: a experiência nos mostra as enormes voltas realizadas entre nós pela história da revolução; ora, as coisas serão bem mais complexas e mais vertiginosas, o ritmo do desenvolvimento será fora do comum, as voltas a dar serão complexas de outro modo, quando a revolução abranger toda a Europa), devemos manter a antiga parte teórica do programa, para que não nos percamos nessas voltas, nessas sinuosidades da história, para que mantenhamos uma perspectiva geral, um fio condutor que ligue todo o desenvolvimento capitalista e toda a estrada rumo ao socialismo que, naturalmente, nos representamos como reta - e assim a devemos nos representar para que lhe vejamos o começo, a continuação e o final - mas que, longe de ser reta na realidade, será, ao contrário, extremamente acidentada. Devemos manter a antiga parte teórica do programa para que não nos percamos nessas voltas quando a história - ou então o inimigo - nos lançar de volta para trás, pois ainda estamos na Rússia apenas na primeira fase da transição do capitalismo para o socialismo. A história não nos concedeu a paz que, teoricamente, concebíamos por algum tempo, a paz que teríamos desejado e que nos haveria permitido transpor rapidamente as etapas da transição. Vimos de repente a guerra civil nos opor obstáculos e se confundir com outras guerras. Os marxistas jamais se esquecerão de que a violência que acompanha inelutavelmente a queda do capitalismo será, em toda a sua amplitude, a parteira da sociedade socialista. Haverá um período da história universal, toda uma época de guerras, as mais variadas possíveis: guerras imperialistas, guerras civis no interior do país, sobreposição destas e daquelas, guerras nacionais, guerras de libertação das nacionalidades pisoteadas pelos imperialistas /.../.

"Fizemos apenas os primeiros gestos para abalar o capitalismo e começar a transição para o socialismo. Quantas serão ainda as etapas de passagem para o socialismo? Não o sabemos e não podemos sabê-lo. Isso vai depender do momento em que começará realmente a revolução socialista européia e do modo, lento ou rápido, pelo qual triunfará sobre seus inimigos, para entrar no caminho do desenvolvimento social. Não sabemos nada sobre isso; ora, o programa do partido marxista deve proceder de fatos estabelecidos com absoluta precisão. Apenas nisso reside sua força /.../".

Os mesmos militantes preconizavam a supressão do programa mínimo. Lenin havia combatido essa proposta antes da Revolução de Outubro; não viu mais inconvenientes em

aceitá-la. Porém, acrescentou, "seria utópico pensar que não nos lançarão de volta para trás".

Voltou ainda a tratar da deformação social-democrata da doutrina marxista do estado e definiu, como muitas vezes em 1917, a República dos Sovietes.

"Um novo tipo de estado, sem burocracia, sem polícia, sem exército permanente, que substitui a democracia burguesa por uma democracia nova, faz as massas trabalhadoras atuarem na vanguarda, confere a elas os poderes legislativo, executivo e militar, assim criando um aparelho destinado à reeducação dessas mesmas massas. Estamos apenas começando nosso trabalho na Rússia e, até agora, começamos mal.

"Talvez façamos mal o que fazemos, mas levamos as massas a fazer o que devem fazer.

"E que os operários da Europa digam para si mesmos: 'O que os russos estão fazendo mal, nós faremos melhor'".

Darei um resumo muito breve do projeto de programa submetido por Lenin ao VII Congresso. Nele, dez teses definiam o regime dos soviets. Elas ofereciam, por certo, a expressão mais refletida de sua concepção:

1. União de todas as massas pobres e exploradas;
2. União da minoria consciente e ativa pela reeducação de toda a população trabalhadora;
3. Abolição do parlamentarismo que separa o poder legislativo do poder executivo;
4. União entre as massas e o estado mais estreita do que nas antigas formas de democracia;
5. Armamento dos operários e dos camponeses;
6. Mais democracia, menos formalismo, mais facilidade para eleger e para destituir os eleitos;
7. Ligação direta do regime com a produção;
8. Possibilidade de supressão da burocracia;
9. Transição da democracia formal dos ricos e dos pobres para a democracia real dos trabalhadores;
10. Participação de todos os membros dos soviets na gestão e na administração do estado.

Segue-se a exposição de certo número de medidas políticas (estas destinadas à "supressão completa e progressiva do estado") e econômicas, tais como "a socialização da produção administrada pelas organizações operárias (sindicatos, comissões de fábrica etc.)"; filiação obrigatória de toda a população às cooperativas de consumo; registro de todas as operações comerciais - uma vez que o dinheiro *não estava ainda suprimido* - pelas comunas de produção e de consumo; obrigação geral do trabalho "extensiva, com prudência, aos agricultores que vivem do próprio trabalho"; criação de livretos de trabalho e de consumo para todas as pessoas que desfrutem de renda de mais de 500 rublos por mês, ou que empreguem assalariados ou domésticos; concentração de todas as operações financeiras no Banco do Estado; controle e recenseamento de toda a produção e de todo o

consumo, inicialmente pelas organizações operárias e, a seguir, por toda a população; competição organizada entre as comunas de produção e de consumo, a fim de elevar o rendimento do trabalho, diminuindo sua duração etc.; medidas sistemáticas tendentes à organização da alimentação coletiva, por grupos de famílias; supressão dos impostos indiretos, substituídos por um imposto progressivo sobre a renda e por uma taxaço sobre as rendas dos monopólios de estado.

11 - NASCIMENTO DO EXÉRCITO VERMELHO

A Finlândia, os países bálticos e a Ucrânia estão ocupados pelos austro-alemães. Os turcos entram no Cáucaso, aliás "independente". Os ingleses ocupam Baku. Os romenos se apoderam da Bessarábia²⁸. Os japoneses desembarcam em Vladivostok (a 6 de abril). A revolução está dentro de um círculo de ferro e de fogo. Ela precisa de um exército. Exército que é preciso tirar do nada.

28. Sobre os acontecimentos da Bessarábia, ver o cap. IV: "A Tragédia da Frente de Batalha Romena": a 26 (13) de janeiro, os romenos, anteriormente postos em xeque várias vezes pelas tropas revolucionárias, tomaram finalmente Kichinev. O general russo Chitchebatchev anunciou que essa cidade estava finalmente limpa de bolcheviques. Alguns dias depois, o *Statul Tseril*, representação nacional submissa ao invasor, proclamava a independência da república moldava, enquanto os descontentes era atacados e fuzilados. Era o primeiro passo na direção de uma anexação dissimulada. A resposta a isso, dada pelos Comissários do Povo, foi ordenar a detenção do embaixador da Romênia em Petrogrado, Diamandi. Cedendo a instâncias do corpo diplomático, logo o puseram em liberdade. Em compensação, seqüestraram o fundo em ouro da Romênia; depositado no Banco do Estado Russo. Esse fundo foi declarado "inacessível à oligarquia romena" e "só devendo ser entregue ao povo romeno". A 21 (8) de fevereiro, a França, a Itália e a Inglaterra propuseram uma solução amigável para o conflito russo-romeno. Foram estabelecidas conversações, em Odessa, entre Rakovski e o general Averesco, que levaram à conclusão da paz em 5 de março. A Romênia se comprometia a evacuar a Bessarábia em dois meses. Mas os alemães invadiram a Ucrânia. O *Statul Tseril* proclamava (27 de março) a união da Bessarábia autônoma com a Romênia. O tratado que acabara de ser assinado era, nas mãos dos romenos, aliás aconselhados pela França, nada mais que um pedaço de papel. Um homem de estado romeno declarou isso em abril: "A Bessarábia foi ocupada por nossas tropas [...] como resultado de um acordo que se deu entre o sr. Bratiano e o general francês Berthelot. À frente das tropas de ocupação em Kichinev se encontrava o general francês Vuillemin [...]". (Declarações de Antonesco a *La Victoire*, 14 de abril de 1918.) A República dos Sovietes jamais reconheceu esse rapto de um país.

A 2 (15) de janeiro, durante as negociações de Brest-Litovsk, fora promulgado um decreto relativo à constituição de um exército vermelho de voluntários²⁹.

O estado-maior vermelho - o que restava do antigo estado-maior - convocava os soviets locais a demonstrar sua iniciativa pela constituição de novas tropas, devendo adotar-se como unidade o batalhão de 150 homens. Essa convocação foi atendida; o verdadeiro exército vermelho deveria surgir mais tarde, partindo da mobilização realizada por essas primeiras unidades improvisadas. Um Conselho Superior do Exército foi formado a 1 de março. Desde estes primeiros dias, Trotsky surgiu como o animador incansável da criação deste exército. "Precisamos de um exército bem organizado, de um exército novo", clamava ele no dia 19 de março, ao Soviete de Moscou. "Trabalharemos 12 horas por dia, se necessário [...] mas iremos em frente no caminho da disciplina, do trabalho e da ação criadora." *"Trabalho obstinado, disciplina revolucionária."* Repetia essas palavras de ordem, impondo-as, implantando-as nos cérebros. O decreto sobre a instrução militar generalizada e obrigatória foi promulgado a 22 de abril por proposta sua. Medida preparatória; grande parte da população continuava hostil ao regime. O exército em vias de organização devia ser formado de voluntários dos quais, em primeiro lugar, consideravam-se as origens sociais e as opiniões políticas. Mas um exército moderno é uma máquina complicada. Não se pode montar suas engrenagens nem garantir seu funcionamento sem conhecimentos especiais. Onde achar os técnicos de guerra? Havia os do antigo regime, os das classes inimigas. Muito a propósito, Trotsky preconizou a utilização desses especialistas. Para fazer com que isso fosse aceito, teve de vencer inúmeras resistências e temores muito legítimos. O próprio Lenin fez objeções a ele inicialmente, mas depois cedeu:

29. Decreto de 15 (2) de janeiro de 1918. Preâmbulo: "O antigo exército era, nas mãos da burguesia, um instrumento de opressão das massas trabalhadoras. A passagem do poder para as mãos das classes trabalhadoras e exploradas torna necessária a criação de um novo exército, que será o bastião do regime dos soviets e preparará a substituição, num futuro próximo, da nação armada pelo exército permanente e servirá de apoio à revolução socialista iminente na Europa. - Título I: 1. O Exército Vermelho dos Operários e dos Camponeses é formado pelos elementos mais conscientes e mais organizados das massas trabalhadoras; 2. O acesso a ele é aberto a quem quer que esteja pronto a morrer pelas conquistas da Revolução de Outubro, dos soviets e do socialismo. Exigem-se recomendações dos comitês militares ou das organizações democráticas, constituídas sobre uma plataforma soviética, partidos ou sindicatos, ou pelo menos de dois membros dessas organizações. Em caso de engajamento coletivo, procede-se a uma votação nominal e cada um responde por todos, como todos por cada um". A criação dos comissariados militares locais, por decreto de 8 de abril, deu início a uma ação sistemática. Até aquele momento, a organização das forças da república fora dirigida por D. Bontch-Bruevitch, cujo plano de recrutamentos sucessivos na frente de guerra ocidental, depois na Rússia central e depois na região do Volga havia fracassado completamente.

"Sem militares sérios e experimentados, dizia eu a Vladimir-Ilich (Trotsky, *Sobre Lenin*), jamais sairemos deste caos.

- Isso parece correto. Mas se eles nos fossem trair?
- Colocaremos um comissário junto a cada um deles.
- Colocaremos dois", exclamou Lenin, "e que tenham punho forte. Não é possível que não disponhamos de comunistas de punho forte".

Assim se concebeu o tipo de organismos dirigentes do exército que nascia: um especialista, oficial de carreira, e dois comissários bolcheviques. Aparentemente, os oficiais aceitavam sem muita dificuldade esse tipo de situação, esse controle. Habitados à obediência passiva e à prestação de serviço ao estado, submetiam-se assim que uma autoridade lhes era imposta. Os generais brancos lamentam, em suas memórias, a facilidade com que os bolcheviques recrutaram o pessoal técnico do exército vermelho. Era preciso viver! E o sentimento patriótico também tinha sua voz. Muitos deles, aliás, eram os oficiais que, no exército vermelho, continuariam sendo os inimigos da revolução. A conjuração se instalou de maneira permanente dentro do exército. Trotsky teve que refutar os argumentos daqueles que temiam que o exército - de cuja direção participavam antigos generais - se transformasse num instrumento da contra-revolução. Formado por operários e agricultores pobres, cercado por toda parte por comissários comunistas, respondeu ele, o exército não teria a temer senão traições individuais. Teve de combater os costumes criados pela própria revolução. "Enquanto o poder pertencia à classe inimiga, enquanto os quadros do exército eram instrumento dessa classe, nós tínhamos que romper, pela elegibilidade dos chefes, a resistência do comando. Hoje, porém, o poder está nas mãos da classe operária, no interior da qual o exército é recrutado. Nessas condições - digo-lhes com toda a franqueza - a elegibilidade dos chefes já não tem utilidade política, é tecnicamente inadequada e, de fato, já foi eliminada por um decreto." Por mais corretas que fossem essas razões, só foram aceitas com muita dificuldade. Mas como! Ia-se pôr novamente excelentes revolucionários, proletários, sob o comando - ainda que controlado por comissários (...incompetentes!) - de generais fuziladores de ontem e de oficiais que, em seu foro íntimo, eram contra-revolucionários! Era preciso. "A criação do exército", dizia Trotsky, "é para nós uma questão de vida ou morte".

Não havia nenhum órgão administrativo capaz de mobilizar as forças necessárias para a formação do exército. Revelando, uma vez mais, a importância de sua missão histórica, o partido teve que suprir o estado. As milícias vermelhas, as unidades de guerrilheiros (numerosos no sul, porém anárquicos, indisciplinados, infinitamente difíceis de controlar), algumas unidades quase regulares que restavam do antigo exér-

cito ofereciam à república um primeiro material de guerra, muito desigual e muito inconsistente. A campanha de recrutamento deu resultados muito bons, ainda que insuficientes. Petrogrado forneceu, em 1 de abril, 25 mil voluntários, Moscou, mais de 15 mil. Em seis semanas, inscreveram-se mais de 106 mil voluntários.

I-A ESCASSEZ E A INTERVENÇÃO TCHECOSLOVÁCA

1 - A ESCASSEZ

Os meses de abril e maio foram marcados por um extraordinário agravamento da escassez. Lembremos que a autocracia caíra, em fevereiro de 1917, aos brados de: "Pão, pão!" lançados nos arrabaldes de Petrogrado. Desde 1916, o abastecimento, até mesmo para o exército, tornara-se tão insuficiente que, em 1917, os soldados só recebiam cerca de 53% de sua ração de carne¹. A desorganização dos transportes fora levada ao mais alto grau pela desmobilização espontânea do exército e, a seguir, pelo avanço alemão e pela resistência disseminada dos guerrilheiros. Os melhores elementos do proletariado abandonavam as fábricas para ir combater ou para se dedicar às tarefas da revolução; o patronato, apoiado pelos técnicos, sabotava a produção. Os preços dos artigos manufaturados, cada vez mais raros, elevavam-se à medida que baixava o valor do papel-moeda, depreciado por emissões que se tornariam incessantes. Os agricultores tendiam a se negar a entregar seu trigo ao estado que os impedia de vendê-lo e, na verdade, lhes oferecia um preço irrisório, quer pago em papel-moeda ou em artigos diversos; objeto de especulação, o trigo valia quatro ou cinco vezes mais. Desse modo, propunha-se em termos trágicos o problema do abastecimento das grandes cidades e da classe operária, força viva da revolução e do exército nascente.

O monopólio do comércio do trigo fora estabelecido pelo governo provisório no dia seguinte ao da queda do tsarismo; nessa ocasião, porém, fora confiado a comitês de abastecimento formados por negociantes, industriais, proprietários e agricultores ricos. O governo dos soviets deu a ele caráter totalmente distinto. Os mencheviques, os socialistas-revolucionários e os agricultores intimavam os comissários do povo a revogá-lo. Na verdade, esse monopólio era uma necessidade vital. A liberdade de comércio do trigo teria deixado o estado, armado com a impressora de cédulas, impotente diante da especulação, dona do mercado. As camadas ricas ou bem postas da população seriam melhor alimentadas, as únicas alimentadas.

1. As necessidades da intendência para o ano de 1917 se elevavam a 50.281.000 pounds [=16,38kg] de carne; só se conseguiram 26.700.000. O déficit era de 47%.

Teria sido impossível regularizar os transportes de víveres. Os agricultores abastados, enriquecidos à custa das cidades, teriam se tornado rapidamente poderosos. Era preciso defender o monopólio a todo transe e foi isso que se fez.

Um decreto de 2 de abril instituiu a troca de mercadorias com a zona rural, primeira tentativa de regularizar as relações difíceis e caóticas com os agricultores. A depreciação do papel-moeda acarretava a troca direta de mercadorias pelo trigo; acontecia, porém, que as mercadorias entregues pelo estado se concentravam nas mãos dos agricultores abastados, os *kulaks*². O novo decreto estabelecia que, a partir de então, a troca se faria por intermédio de associações de agricultores pobres. Esboçava-se, desse modo, a luta entre agricultores pobres e ricos, destinada a se transformar, dentro de poucos meses, em violenta guerra civil. Finalmente, foi preciso proclamar, a 13 de maio, a "ditadura do abastecimento". O decreto que a instituiu exigia a entrega obrigatória ao estado de todos os excedentes de trigo em poder dos particulares, deduzidas as quantidades necessárias à própria subsistência, à sementeira etc. fixadas, aliás, de acordo com certas normas. Os pobres e os trabalhadores eram instigados a se unirem contra os *kulaks* na batalha pelo trigo. O Comissariado do Abastecimento tinha autorização para agir com o máximo rigor. Em suma, tratava-se de uma declaração formal de guerra da ditadura do proletariado contra os *kulaks*. O "exército do abastecimento" foi criado a 20 de maio. Seus efetivos variaram, até 1919, de 40 a 45 mil homens. Ele é que efetuava as requisições na zona rural.

A escassez era tão grave que, em Tsarskoie-Selo (hoje Dietskole-Selo), próximo a Petrogrado, a população recebia rações de apenas 100 gramas de pão por dia.

Houve distúrbios por causa disso. Gritava-se: "Viva a constituinte!" e até mesmo "Viva Nicolau II" (6-7 de abril). A 19 de abril, "distúrbios da fome" (esta é a expressão consagrada) em Smolensk, "fomentados" (?) por anarquistas. Em fins de abril, foi totalmente proibido o acesso a Samara, faminta e superpovoada. A irritação, o desespero e a cólera provocadas pela escassez, até mesmo nos meios operários, faziam das classes médias das cidades, arruinadas e inteiramente incapazes de compreender a revolução, um terreno fértil a todo tipo de propaganda anti-revolucionária. O descontentamento dos agricultores remediados e abastados permitia prever o levante de uma terrível Vendéia.

"/.../Nessa época", escreveu um militante operário, "não se viam mais cavalos em Petrogrado: morriam de fadiga, eram comidos, requisitados ou enviados para a zona rural. Não se encontravam mais gatos nem cachorros /.../ as pessoas se alimentavam de chá e de bolos de batata com óleo de li-

2. Essa palavra russa é uma metáfora: *kulak* é um punho.

nhaça. Como membro do Executivo do Soviete de Vyborg (Petrogrado), sei que houve *semanas inteiras* em que os operários não receberam nem pão, nem batatas: distribuíam-se a eles sementes de girassol e nozes /.../." - "Dada esta correção de forças: cidades famintas diante de 100 milhões de agricultores hostis, a situação do poder dos soviets parecia desesperada."³

2 - O DESARMAMENTO DOS ANARQUISTAS

Nestas condições teve lugar, na noite de 11 para 12 de agosto, o desarmamento dos anarquistas.

Sua reduzida influência sobre as massas operárias é atestada pelo pequeno número de cadeiras que tiveram nos soviets e nos Congressos dos Soviets onde, em geral, nunca eram mais de uma dúzia entre as diversas centenas de deputados (aliás, grande número de libertários boicotavam os soviets, órgãos do poder). Porém, seus pequenos grupos ativos se haviam feito perceber, desde maio-junho de 1917, pelos incidentes sangrentos da casa de campo de Durnovo⁴, em Petrogrado, e, depois, por sua participação nos levantes de julho, pródromo de insurreição de outubro: estas manifestações foram, em parte, obra sua. Em Kronstadt e em outros lugares, haviam combatido bravamente o kerenskismo, lado a lado com os bolcheviques. Apesar de sua confusão ideológica⁵, a maior parte deles lutou valentemente em outubro. Seu movimento conhecera, em seguida à vitória proletá-

3. V. KAIUROV. "Meus Encontros com Lenin", *Revolução Proletária*, n. 26, 1924.

4. Os anarquistas ocuparam a casa de campo do antigo ministro. Em vão, o governo provisório tentou desalojá-los de lá.

5. O *Goloss Truda*, órgão anarco-sindicalista dirigido por Volin A. Schapiro, Grossmann-Rostchin etc., havia, na véspera da insurreição de outubro, desaprovado uma sublevação que nada mais poderia conseguir do que a constituição de um novo poder; acrescentando, porém, que /.../ acompanharia as massas. Vsevolod Volin (Eichenbaum), militante anarco-sindicalista, vivera muito tempo nos Estados Unidos. Iria se tornar, mais tarde, um dos dirigentes do movimento libertário ucraniano dito do *Nabat* (do *Tocsin*), que deu sustentação a Makhno e se empenhou em fornecer a ele uma ideologia (1919-1920). Foi banido da República dos Soviets em 1921. Na mesma época, o kropotkiniano Atebekian deplorava, em Moscou, "os horrores da guerra civil". O velho Kropotkin, fiel aos aliados e às suas ilusões de 1914, considerava os bolcheviques "agentes da Alemanha"; persistiu nesta idóia até a morte.

ria, um desenvolvimento excepcional: poder algum opôs a ele qualquer resistência; executavam, sem controle, requisições de moradas; o partido bolchevique tratava de igual para igual com suas organizações; tinham, em Moscou, um importante jornal diário, *A Anarquia*. (O órgão sindicalista-libertário de Petrogrado, o *Goloss Truda - A voz do trabalho* - que, em certos momentos, havia concorrido em influência com o *Pravda*, de Lenin, só veio a desaparecer em função da divisão existente entre seus redatores quanto ao problema da guerra revolucionária. Volin e seus amigos, abandonando a propaganda para constituírem um grupo de guerrilheiros, dirigiram-se para a frente de batalha, onde não foram úteis em nada.) *A Anarquia*, dirigido pelos irmãos Gordin⁶, entregava-se a uma propaganda ardorosa, exclusivamente idealista e demagógica, que parecia não querer levar em conta realidade alguma. Vamos folhear alguns números deste jornal, datados de abril de 1918. Tenham em mente que estamos às vésperas do desmoronamento do anarquismo na revolução russa: depois de 12 de abril ele não seria mais nada. "Somos por princípio contra os sovietes", escreveram os irmãos Gordin, a 7 de abril, "uma vez que somos contra todo e qualquer estado." - "Atribuem a nós a intenção de derrubar os bolcheviques. Absurdo! Éramos até do parecer que não se derrubassem os mencheviques!" Os mesmos, a 10 de abril: "Considerávamos e consideramos a tomada do poder um erro fatal /.../ mas combatemos nas primeiras fileiras, em outubro /.../". *Idem*: "Ameaçam a nós, mas estamos muito tranquilos. Não podemos perecer, o que é grande não perece". Uma única palavra de ordem prática ocupa, em grandes letras negras, as duas folhas do jornal e é uma palavra de ordem humanitária lançada contra a *Tcheka*, aliás benevolente naquele momento: "Não fuzilem homens detidos sem armas". Esta linguagem, ainda que por vezes muito violenta, parece inofensiva. Porém, não se tratava dela.

Somente em Moscou, as forças anarquistas, divididas num sem-número de grupos, sub-grupos, tendências e sub-tendências, que iam do individualismo ao sindicalismo, passando pelo comunismo e por um grande número de *ismos* bastante fantasistas, elevavam-se a vários milhares de homens, na maior parte armados. Nesse período de escassez, a demagogia sincera dos propagandistas libertários encontrava boa acolhida em meio aos elementos atrasados da população. Um *estado-maior negro* detinha a direção dessas forças que constituíam uma espécie de estado armado - irresponsável,

6. Um dos irmãos Gordin se dedicou, posteriormente, à propaganda de uma língua internacional monossilábica, escrita em números, a língua ao; o outro, após haver formulado, em 1921-22, as doutrinas originais do anarquismo-universalismo, que aparentemente deveria levar rapidamente ao comunismo, creio que se retirou da vida política.

descontrolado e incontrolável - dentro do estado. Os próprios anarquistas concordavam que elementos suspeitos, aventureiros, criminosos comuns e contra-revolucionários se multiplicavam entre eles, já que os princípios libertários não permitiam fechar as portas das organizações a quem quer que fosse, ou impor controle concreto sobre ninguém. Sentiam grande necessidade de expurgar suas fileiras, o que era impossível sem autoridade ou organização disciplinada. A divisão e o respeito aos princípios levavam pouco a pouco ao suicídio político do movimento, cada dia mais comprometido. *A Anarquia* freqüentemente publicava *avisos importantes* como este: "Conselho da Federação Anarquista. Têm-se verificado abusos lamentáveis. Desconhecidos executam, em nome da Federação, detenções e extorsões de dinheiro. A Federação declara não admitir qualquer requisição para fins de enriquecimento pessoal" (1 de abril). "O estado-maior da guarda negra declara não assumir a responsabilidade senão de operações efetuadas com mandato assinado por, no mínimo, três de seus membros e na presença de um destes" (mesmo dia). O estado-maior duvidava a tal ponto de seus próprios membros que duas assinaturas lhe pareciam insuficientes! Precauções inúteis contra o banditismo. Pensariam os anarquistas em, pelas costas, dar o golpe de graça aos bolcheviques cercados? Existe uma lógica da força, e eles estavam fortes. Jacques Sadoul encontrou, a 7 ou 8 de abril, um deles, um dos dirigentes anarquistas ligados aos soviets, Alexandre Gay⁷. "Ele clama contra os bolcheviques", escreveu Jacques Sadoul (no entanto, Gay se situava na extrema-direita do anarquismo, entre os "soviéticos", aliados dos comunistas...) "Diversas cidades do sul já se encontram em poder dos anarquistas. Gay acredita que pode dispor imediatamente, em Moscou, de vários milhares de homens armados. Mas ainda não chegou o momento de agir. Os monarquistas se infiltravam no movimento, tentando explorá-lo em benefício próprio. Convém, primeiro, livrar-se desses elementos impuros e perigosos. Dentro de um ou dois meses, os anarquistas cavarão a tumba dos bolcheviques /.../ e o reino do irracional terá terminado"⁸. Sei que, pouco antes, se realizara uma reunião em que os dirigentes da Federação Anarquista haviam considerado a eventualidade de uma sublevação contra os bol-

7. Alexandre Gay, anarquista comunista, emigrado, morara por muito tempo na Suíça. Foi membro do Executivo Pan-russo dos Sovietes. Enfermo, teve de se render no Cáucaso, onde participou muito ativamente da guerra civil. Defendeu Platigorsk e Kislovodsk contra os brancos; foi um dos organizadores do terror vermelho na região de Terek. Os brancos o aprisionaram em janeiro de 1919 em Kislovodsk, de onde fora impedido de se retirar pelo tifo, e o executaram a sobre sobre o próprio leito. Alguns dias mais tarde, enforcaram sua companheira, Xênia Gay.

8. J. SADOUL, *Notas sobre a Revolução Bolchevique*. Carta a Albert Thomas, de 8 de abril de 1918.

cheviques. Mas e depois? Como escapar da necessidade de tomar o poder? Dois oradores influentes, B... e N..., combateram a tese da sublevação, argumentando que seria "insensato assumir as responsabilidades e o descrédito de uma situação econômica emaranhada" e que "não nos poderíamos manter por muito tempo /.../".

Incidentes como uma agressão cometida contra um automóvel norte-americano, o assassinato de diversos agentes da *Tcheka*, seguido da execução sumária de diversos bandidos, de prisões de "expropriadores", desde logo assumidos pela Federação Anarquista, levaram Dzerjinski, presidente da *Ve-Tcheka*, a exigir a liquidação da Milícia Negra. Cinco mil soldados soviéticos participaram dessa operação militar na noite de 11 para 12 de abril. Os prédios ocupados pelos anarquistas e defendidos por metralhadoras foram cercados; deram-se vinte minutos para que os ocupantes se rendessem. Em diversos lugares, correu sangue; a artilharia atacou o *Clube da Anarquia*; o cerco de uma das cidades libertárias durou dez horas. Desse modo, foram tomadas 27 casas, desarmados 20 grupos e realizadas 500 prisões; houve várias dezenas de mortos e feridos. Contudo, nenhum anarquista conhecido pereceu no tumulto, a que não se seguiram nem execuções sumárias, como se disse, nem medidas de rigor. O diário *A Anarquia* voltou a ser publicado no dia 21 com a seguinte manchete: "Abaixo o absolutismo!"

Até que ponto os contra-revolucionários tiraram proveito da situação privilegiada das Milícias Negras? Quanto a isso, citarei apenas um testemunho, o do general Hopper⁹, que participou das conspirações de oficiais da *Liga para a Defesa da Pátria e da Liberdade*. Os dirigentes da Liga não sabiam onde aquartelar seus efetivos em Moscou. "Não se pode contar com a capacidade de combate de uma organização", escreveu Hopper, "a não ser que seus membros estejam submetidos a um regime militar /.../ e colocados sob o comando de um chefe. Os clubes anarquistas nos ofereceram a possibilidade de nos organizarmos desse modo /.../ Os bolcheviques os toleravam /.../. No início de abril, 60 a 70 de nossos membros haviam-se instalado nesses clubes /.../ Já não precisávamos estar quebrando a cabeça para saber onde alojar os nossos que chegavam da província. Bastava que eu os munisse de um salvo-conduto e os encaminhasse a nosso chefe do serviço anarquista, que os instalava num dos prédios ocupados pelos libertários. Havíamos posto à frente de nossos anarquistas um capitão de artilharia cuja aparência exterior e o caráter faziam lembrar, sob todos os aspectos, o tipo literário do anarquista /.../." Os oficiais con-

9. HOPPER, *Quatro Derrotas* (em letoniano). O autor, antigo oficial de carreira no exército russo, engajou-se a serviço do exército letoniano.

tra-revolucionários, detidos no decorrer do desarmamento dos anarquistas, precisaram apenas continuar desempenhando seu papel para que fossem libertados dentro de algumas semanas. Tenho conhecimento de diversos testemunhos análogos, oriundos de contra-revolucionários. Eles demonstram, especialmente, que oficiais estrangeiros freqüentavam também os clubes da "terceira revolução"¹⁰.

3 - A REVOLUÇÃO E SEUS DISSIDENTES

O desarmamento dos anarquistas foi levado a cabo sem problemas em Petrogrado, em Vologda e em outros lugares. Em Tsaritsine (hoje Stalingrado) houve, a 15 de maio, uma sublevação libertária. Uma sublevação de maximalistas e de libertários se deu, também, em Saratov, a 17 de maio. Na Ucrânia, onde a guerrilha iria se prolongar durante anos, o movimento anarquista permaneceu vigoroso.

Desse modo, foi uma operação policial que pôs fim ao papel do anarquismo na revolução russa. Nem sequer foi preciso recorrer a uma ação política contra ele. O desarmamento dos libertários não foi preparado por qualquer campanha de imprensa ou de agitação, nem justificado por nenhuma campanha, perante as massas. Tão temíveis eram suas milícias negras, quão nula era sua influência política. Toda a sua força se encontrava em algumas metralhadoras que haviam caído em mãos de um pequeno número de homens decididos.

Suas divisões, seu espírito utópico, seu desdém pela realidade, sua fraseologia retumbante, sua falta de organização e de disciplina tornavam o "partido" anarquista, de fato, incapaz de qualquer iniciativa útil. O que ele continha de capacidades reais e de energia se desperdiçava em lutas inúteis e caóticas. Era, sem dúvida, um "partido" diferente, armado, que tentava se organizar, como vimos, em federação com um estado-maior: mas era um partido amorfo, sem contornos definidos, sem órgãos dirigentes - isto é, sem cérebro nem sistema nervoso -, partido estranho em busca de aspirações as mais divergentes e que não podia exercer ao-

10. Ver VETLUGUIN, *Os Aventureiros da Guerra Civil*, Berlim, 1922.

bre si mesmo nenhuma espécie de controle. Um partido irresponsável, onde se afligiam, impotentes, as inteligências individuais, dominadas por grupelhos, por interesses estranhos mais do que suspeitos e por instintos coletivos. Partido não viável numa época de guerra social. Pois toda guerra exige unidades de combate, nas condições da vida moderna, centralização da informação, da inteligência e da vontade; alavancas que obedeçam bem à vontade dirigente; e a clara visão dos fatos e das possibilidades, que só podem resultar de uma doutrina bem nítida.

Os bolcheviques - e os socialistas-revolucionários de esquerda que deixaram, ao menos, que aqueles o fizessem - obedeceram, ao desarmar os anarquistas, à necessidade imperiosa de garantir a retaguarda da revolução. Poderia a república tolerar, por trás dela, fugindo a seu controle, a existência de cidadelas anarquistas? Por outro lado, a citação do exército vermelho dava início a um longo período de luta entre os guerrilheiros e os organizadores de forças regulares. Voltaremos a falar disso. A defesa da Ucrânia revelara, de maneira cruel, as deficiências das tropas de guerrilheiros. Estas, muitas vezes formadas de aventureiros, outras, de excelentes revolucionários, freqüentemente mesclando estes e aqueles, recusavam-se a executar as ordens "de cima", pretendendo fazer a guerra segundo sua própria fantasia. Era preciso quebrar estas resistências para se ter um exército. E para quebrá-las, era preciso dar fim ao regime dos guerrilheiros na própria capital.

Os anarquistas obrigavam os bolcheviques, pela primeira vez, a abater pela força uma minoria de dissidentes da revolução. Revolucionários sentimentais teriam hesitado em fazê-lo. Mas que teria vindo a seguir? Ou as milícias negras se teriam finalmente sublevado e Moscou vivido dias de tumulto infinitamente perigoso (pensem na escassez e na contra-revolução à espreita, já fortemente organizada); ou se teriam dissolvido, pouco a pouco, após um sem número de incidentes difíceis de controlar. Uma revolução que não acabasse com seus dissidentes assim que organizassem, em armas, um embrião de estado dentro do estado, se exporia, dividida, aos golpes de seus inimigos.

O partido do proletariado deve saber quebrar, no momento decisivo, a resistência de elementos atrasados das massas; deve saber se pôr, às vezes, contra as massas nas quais a fome, por exemplo, pode determinar estados de espírito derrotistas; deve saber remontar a corrente e fazer prevalecer a consciência proletária sobre a inconsciência e sobre as influências das outras classes; por maior razão, deve saber reduzir as dissidências. Estas são produto de minorias que, aliás, seria insensato tratar mal. Impõe-se aqui estabelecer com clareza a distinção entre contra-revolucionários e dissidentes

da revolução. Estes não são inimigos. Pertencem a nossa classe. Pertencem à revolução. Querem, podem e devem servi-la de um modo ou de outro. Não estão errados, nem fatalmente, nem necessariamente, nem absolutamente. Empregar, contra eles, procedimentos de repressão indispensáveis em relação à contra-revolução seria, evidentemente, censurável e funesto: isso nada mais faria do que substituir dissidências por divisões profundas e sangrentas. Os bolcheviques não caíram neste erro. Sua imprensa não parou de afirmar que nenhum obstáculo era, nem seria, colocado à existência e à propaganda dos anarquistas. Desarmados, mantiveram sua imprensa, suas organizações e seus clubes. Os pequenos grupos de três ou quatro tendências libertárias compostos de homens continuamente solicitados em sentidos contrários - uns se aproximando do bolchevismo e se deixando assimilar pelo Partido Comunista, outros se encaminhando na direção do mais decidido anti-sovietismo - iriam, a partir de então, vegetar sem exercer qualquer influência notável.

4 - DUAS TESES. BUKHARIN: CONTINUAR A OFENSIVA

Já vimos o confronto das tendências no VII Congresso do PC, onde só se evitou a cisão graças ao apego de todos à unidade e - mais ainda - à paciência de Lenin. Os comunistas de esquerda declaravam ser difícil evitar a cisão; eles possuíam seus próprios órgãos dirigentes (o Comitê Regional de Moscou, os comitês dos Urais etc.), seu jornal, *O Comunista*, seus núcleos por toda parte. Recusaram-se a entrar para o Comitê Central do partido e foram eleitos para ele, contra sua vontade. Lenin deixou claro, nessa ocasião, que a necessidade de o CC seguir uma política determinada "não significava que todos os seus membros devessem ter a mesma opinião"; ser de outro parecer seria "caminhar rumo à cisão"; "todo membro do CC tem a possibilidade de se isentar de responsabilidade, sem demissão, nem escândalo". "Os camaradas", disse ainda Lenin, "poderão muito bem defender seus pontos de vista sem sair do CC /.../. É preciso procurar acabar com a moda das saídas do CC". Eleitos, os comunistas de esquerda declararam, um vez mais, recusar-se a tomar assento no CC. O presidente da sessão respondeu a

eles, simplesmente: "Os camaradas eleitos serão convocados; eles têm o direito de não comparecer"¹¹.

As divergências a propósito da trégua precária conquistada em Brest-Litovsk logo se puseram em evidência. Que se iria fazer com ela? Que futuro esperar? A estas questões, Lenin respondeu com capacidade e clareza verdadeiramente geniais, em seu relatório ao Executivo Pan-russo dos Sovietes, a 29 de abril, publicado sob o título: *Tarefas Atuais do Poder dos Sovietes*¹². Trotsky, plenamente de acordo com ele, forneceu, como vimos, a divisa de uma revolução vitoriosa: "Trabalho, ordem, disciplina". As resoluções por eles tomadas não poderiam, porém, satisfazer completamente a um partido de revolução, a um país em revolução. Os comunistas de esquerda (Bukharin, Preobrajenski, Piatakov, Iaroslavski, Radek) viam despontar nelas um perigoso desvio de direita. Expuseram seu ponto de vista nas 15 teses de 4 de abril, que veremos a seguir, sumariamente.

As primeiras explicam a aprovação dada pela maioria dos trabalhadores à paz de Brest-Litovsk: prevaleceram os elementos fatigados e desajustados. A análise da situação criada pela paz levava os autores a concluir pelo "desmoroamento do sistema imperialista, no decorrer da primavera ou do verão próximos", sendo que a eventual vitória da Alemanha poderia retardá-lo apenas por pouco tempo.

As teses censuravam o Comitê Central por não querer, ainda, a nacionalização total da indústria e a socialização da produção. Denunciavam o perigo que a "aproximação do proletariado com os agricultores mais pobres" representava para o partido: o de cair no ramerrão de uma política pequeno-burguesa. "A prevalecer essa tendência, a classe operária perderá seu papel dirigente e a hegemonia na revolução socialista, que conduz os agricultores mais pobres à subversão do jugo do capital financeiro e dos proletários fundiários; a classe operária não passará de uma força enquadrada pela massa pequeno-burguesa que toma como tarefa, ao invés da luta proletária, em união com o proletariado da Europa ocidental e contra o sistema imperialista, a defesa de uma pátria de fazendeiros contra os ataques do imperialismo, defesa essa cujos objetivos podem ser atingidos mediante um compromisso com o imperialismo. Em caso de renúncia a uma política proletária ativa, as conquistas da revolução operária e camponesa começarão a se condensar num sistema de capitalismo de estado e de relações econômicas peculiares à pequena burguesia." A tentação de manter a todo preço, para a revolução internacional, o poder dos soviets poderia comprometer o partido nesse rumo. Na

11. VL. SORIN, *O Partido e a Oposição*, 1924.

12. Paris, Librairie du Travail, 1918.

política externa, os acordos com os estados capitalistas e as manipulações substituiriam a agitação revolucionária; no campo econômico, haveria entendimentos com os capitalistas, os cooperativistas, os agricultores ricos; ao invés de uma indústria socializada, seria criada, de comum acordo com os capitães da indústria, trustes que poderiam ter aparência de empresas estatais; os soviets perderiam sua autonomia e se passaria do tipo de comunas para o governo de uma burocracia centralizada; a disciplina do trabalho seria restabelecida contra os operários, com o trabalho por peça etc.; o estado dos soviets, a partir de então afastado do movimento operário internacional, ira se tornar um estado nacional pequeno-burguês.

"Os comunistas proletários querem outra política. Não se trata de manter um oásis soviético no norte da Rússia, às custas de concessões que a transformariam em um estado pequeno-burguês /.../." Que exigiam os comunistas de esquerda? Uma política internacional ativa, a rejeição de todos os acordos que pudessem transformar a república em instrumento dos imperialistas (alusão à paz de Brest-Litovsk e às negociações de Trotsky com os aliados); nada de capitulação diante da burguesia. Liquidação da imprensa contra-revolucionária. Trabalho obrigatório para os intelectuais e os técnicos. Confisco de bens. Criação de comunas de consumo. Ofensiva dos agricultores pobres contra os agricultores ricos. Ampla autonomia aos soviets locais.

Por outro lado, Lenin e sua política eram objeto de ataques por vezes extremamente violentos. As organizações dos Urais exigiam um novo congresso. O "capitalismo de estado inventado por Lenin" não era poupado. Da crítica à autoridade individual na indústria e nos transportes, passava-se a alusões muito claras à ditadura pessoal dentro do partido. "A minoria dirigente, dirigida pelo camarada Lenin, não tem mais do que palavras dentro da cabeça", escreveram certo dia; essa "minoria" era qualificada de "oportunista", "capitalista", "míope". Essa oposição era a tal ponto apaixonada que os socialistas-revolucionários de esquerda se atreveram até a fazer sondagens sobre a possibilidade de prender Lenin ... Este episódio foi revelado em 1923, por Bukharin, que era qualificado para conhecê-lo. Todos os elementos de uma cisão estavam presentes¹³.

13. VL. SORIN, *op. cit.*

5 - DUAS TESES. LENIN: SUSPENDER A OFENSIVA

A resposta de Lenin se intitulou: *Do Infantilismo de Esquerda e do Espírito Pequeno-Burguês*. "A paz já agravou o conflito entre os corsários imperialistas", constataram os esquerdistas, sem se dar conta de que esta era uma bela justificativa para a paz. Anunciavam o desmoroamento do imperialismo para a primavera ou verão seguintes. Essa "fórmula, de uma inépcia infantil", traz em si uma inegável verdade. Nenhum político sério se responsabilizaria por dizer quando deve começar o desmoroamento de um sistema. As esquerdas deploram "a psicologia inativa de paz que se consolida junto às massas". Lenin considera isso uma enormidade. Que há de mais natural do que a necessidade de respirar, depois de três anos de terríveis matanças? Para deplorá-lo é preciso que se tenha, isto sim, uma psicologia de intelectual pequeno-burguês desajustado.

A revolução, dizem, não pode se manter à custa de concessões. Trata-se, porém, de não cair em uma emboscada. Evitamos a batalha *neste momento*. Se vocês não querem bater em retirada, digam isso, não usem frases equívocas sobre uma "política externa enérgica". Neste momento, é preciso lutar ou não lutar. Desde 25 de outubro, somos partidários da defesa nacional: porém séria! "O interesse do capitalismo é vencer separadamente os contingentes do proletariado internacional. Nosso interesse é fazer o impossível/.../ para adiar a luta final até o momento (até depois do momento) da fusão das formações revolucionárias nacionais em um grande exército internacional." Quando não se dispõe de força suficiente para manter a posição, é preciso saber bater em retirada.

Na ordem econômica, os esquerdistas exigiam a mais enérgica socialização. "Porém, a mais ardente vontade não basta para passar do confisco à socialização/.../. Somente os cegos não vêem, hoje, que já confiscamos, nacionalizamos, cassamos e demolimos mais do que podemos enumerar/.../." Estamos ameaçados de evoluir no sentido do capitalismo de estado? Mas isso seria um grande passo à frente! Seria uma etapa na direção do socialismo.

Lenin enumera os elementos constitutivos da economia russa: "1. economia rural patriarcal; 2. pequena produção de mercadorias (com a qual se relaciona a maior parte dos agricultores que vendem o trigo); 3. capitalismo privado; 4. capitalismo de estado; 5. socialismo. A Rússia é tão grande e tão diversificada que nela se mesclam esses diferentes tipos de organização social, e isso é que caracteriza a situação". Quais os elementos que dominam? "A evidência é que o elemento pequeno-burguês deve predominar em um país pequeno-burguês" (a maior parte dos agricultores são pequenos produtores de mercadorias). Prova disso é que a especulação solapa o monopólio do trigo. Nessa luta, o capitalismo de estado é aliado do socialismo. Aprendamos com a Alemanha que instituiu, em benefício dos fidalgotes e dos capitalistas em guerra, o capitalismo de estado. A revolução proletária poderia, precisamente por essa razão, ser rapidamente vitoriosa na Alemanha. Imitemos nisso a Alemanha, ainda com mais vigor do que Pedro, o Grande, imitava a Europa; não recuemos diante dos métodos ditatoriais. "Não se pode conceber o socialismo sem uma grande técnica capitalista à altura da última palavra das ciências modernas e sem uma organização racional que submetta rigorosamente dezenas de milhões de homens a uma única norma de produção e de consumo." Lenin lembrava que, já em setembro de 1917, escrevera: "O socialismo não é mais do que um passo adiante após o capitalismo de monopólios de estados/.../".

Marx admitia, em 1870, para a Inglaterra, a hipótese de uma vitória pacífica do socialismo, se os capitalistas aceitassem ser expropriados mediante indenização. Por que não, a este custo, economizar-se uma guerra civil? Isto para responder aos que condenavam a atribuição de altos salários aos técnicos. Devemos saber associar, aos métodos de inexorável repressão, no que toca a capitalistas primitivos, métodos de compromisso com respeito a outros; é razoável que o proletariado pague bem a bons administradores. Na defesa que fazem do operário, os comunistas de esquerda chegam a repetir palavra por palavra as proposições demagógicas de determinados mencheviques.

A resposta de Lenin à esquerda é a um só tempo séria, honesta e desprovida de exageros polêmicos ou de ataques pessoais; ao contrário, contém, paralelamente a julgamentos severamente motivados, várias expressões de estima dirigidas a Bukharin. Ela é, até em sua forma, não desprovida de veemência, mas de uma veemência séria que vai ao fundo das coisas, modelo de panfleto destinado à discussão interna do partido.

O folheto *As Tarefas Atuais do Poder dos Sovietes* havia sido escrito pouco antes. É a mais completa exposição, e

também a mais sucinta, da política de Lenin nessa época. Nas revoluções burguesas, o proletariado tem uma missão destrutiva; a minoria burguesa se encarrega do trabalho construtivo, apolado, aliás, pelo desenvolvimento espontâneo do mercado, "força organizadora essencial do capitalismo anárquico". Ao contrário, toda revolução socialista impõe ao proletariado uma tarefa criadora de produção e de repartição racional. Do mesmo modo, ela não pode ter êxito a não ser que a maioria dos trabalhadores a ela apliquem toda sua iniciativa. "A revolução socialista não está segura de vencer, a não ser que os proletários e os agricultores mais pobres tenham bastante consciência, apego às idéias, abnegação e pertinácia." *Convencemos e conquistamos a Rússia*, conseguimos a maioria entre os trabalhadores e tomamos o poder. De agora em diante, a grande tarefa é de *organizar*, de *administrar* o país. Quando esta estiver resolvida - e não antes - o país soviético se tornará um país socialista.

Ter uma contabilidade regular e conscienciosa, ser econômico, não roubar, trabalhar disciplinadamente, estas são, a partir de então, as condições do êxito e, dado o poder dos soviets, esta é "a condição necessária e suficiente da vitória definitiva do socialismo". A burguesia vencida não foi extirpada; trata-se de eliminar as possibilidades de criação de uma nova burguesia, e isto é o mais difícil. "Muito embora certamente não tenhamos liquidado o capital e seja preciso continuar a ofensiva dos trabalhadores contra ele, o peculiar ao momento atual é que é preciso, no interesse da ofensiva *ulterior*, 'suspender' a ofensiva neste momento." "Se quiséssemos continuar com a expropriação do capital no mesmo passo que até agora, certamente sofreríamos uma derrota, pois nossa obra proletária de organização, de controle e de recenseamento se atrasa manifestamente pela expropriação imediata dos expropriadores. "Não que tenhamos cometido erros; toda luta social tem sua própria lógica, mas a violência nem sempre é admissível. "Vencemos pela repressão, saberemos vencer pela boa administração."

Os altos salários dos especialistas representavam "um passo atrás" em relação ao socialismo, mas este passo atrás era necessário. Era preciso melhorar o funcionamento do banco, fuzilar os ladrões, consolidar os monopólios do trigo, do couro etc., preparar a obrigação do trabalho mas aplicá-la apenas aos ricos e com moderação. Socialismo quer dizer recenseamento e controle; o anarquismo e o sindicalismo anarquista que se insurgem contra o recenseamento e o controle do estado revelam sua mentalidade burguesa. "O estado socialista não pode nascer senão sob a forma de uma rede de comunas de produção e de consumo, que levem escrupulosamente em conta sua própria produção e seu próprio consumo, que economizem o trabalho, que ele-

vem inflexivelmente seu rendimento, assim conseguindo a possibilidade de diminuir a jornada de trabalho para 7 horas, para 6 horas e até menos." O decreto sobre cooperativismo é um compromisso com o cooperativismo de tendência burguesa, uma vez que o regime renunciara à filiação obrigatória e gratuita às cooperativas.

O aumento do rendimento do trabalho e sua organização superior exige, em primeiro lugar, o fortalecimento da grande indústria e, em segundo lugar, a disciplina dos produtores. Quanto a isso, as coisas vão mal... "Sem a vitória da disciplina consciente sobre a anarquia pequeno-burguesa não há socialismo." Instituíamos o trabalho por peça, inspiramo-nos naquilo que o sistema Taylor tem de bom. "Como todo progresso do capitalismo, este sistema associa aos refinamentos da exploração capitalista preciosas aquisições científicas." O socialismo não rejeita a emulação, como dizem seus detratores. Ao contrário, abre para as massas possibilidades infinitas de emulação: ampla publicidade social, emulação entre com-

Diversas páginas são dedicadas à justificação da ditadura do proletariado. "É preciso um punho de ferro." "A ditadura é um poder de ferro, revolucionariamente ousado. Impiedoso na repressão dos exploradores e também dos vagabundos. Nosso poder ainda é excessivamente suave /.../. A coerção é necessária, tanto com respeito à contra-revolução, quanto com respeito ao individualismo pequeno-burguês. Tivemos de atribuir a alguns dirigentes, nas estradas de ferro, poderes ditatoriais. Os socialistas-revolucionários de esquerda ergueram protestos inadmissíveis quanto a isso. É certo, no entanto, que "a ditadura pessoal representou, encarnou, aplicou muitas vezes na história a ditadura das classes revolucionárias. Ela é inegavelmente compatível com a democracia burguesa /.../. Não há contradição alguma de princípio entre a democracia soviética (socialista) e o poder ditatorial de determinadas pessoas". "A ditadura socialista se distingue da outra pelo fato de que desperta e estimula as organizações de massa. Porém, a direção de qualquer grande empreendimento exige uma vontade única, a subordinação de mil vontades a uma só." Passamos do período dos comícios ao da "disciplina absoluta". As garantias da democracia e da luta contra a burocracia se encontram no próprio sistema dos soviets (nenhum formalismo, os trabalhadores são os únicos eleitores, direito de destituição exercido livremente por todos os mandantes, participação de todos na vida do estado, controle das massas sobre o poder). "Tanto devemos defender com toda energia os poderes ditatoriais dos indivíduos para certos fins executivos determinados, quanto devemos cuidar para que as formas e os procedimentos de controle das massas sejam múltiplas e variadas a fim de evitar qualquer sombra de defor-

mação do poder dos soviets e de extirpar continuamente a praga da burocracia."

O folheto termina, como se poderia esperar, por um ataque vigoroso contra o revolucionário romântico pequeno-burguês que despreza a organização, as tarefas práticas, as evoluções. "Não precisamos de impulsos históricos. O de que necessitamos é do passo batido dos batalhões de ferro do proletariado."¹⁴

6 - DIALÉTICA DOS ACONTECIMENTOS

A política se verifica pelos fatos. Lenin tinha razão contra os comunistas de esquerda em dois pontos essenciais. O país estava perdendo o fôlego, era preciso, de fato, "suspender a ofensiva contra o capital", a fim de consolidar as posições conquistadas, retomar as forças e preparar a ofensiva ulterior; e a crise revolucionária que amadurecia na Europa garantia à revolução russa a possibilidade de, em breve, retomar sua marcha para a frente.

Os comunistas de esquerda antes obedeciam a seus sentimentos, a sua fé de minoria ardente, do que a uma dialética lúcida inspirada na análise dos fatos sociais. Neste sentido, caíam realmente, como no caso da guerra revolucionária, no revolucionarismo subjetivo para que tendem os intelectuais oriundos das classes médias; na mesma proporção se afastavam do realismo proletário.

É visível a origem de seu erro. Todos os seus temores de degenerescência do poder proletário seriam justificados diante de uma Europa em vias de estabilização capitalista. Eles mesmos, porém, anunciavam (e com razão) a queda iminente do sistema imperialista, isto é, um novo surto, desta vez internacional, da revolução. Essa perspectiva, dada a calma, deixava de ser um perigo; tornava-se um período de indispensável acumulação de forças.

14. Lenin teve de defender suas teses no Executivo Pan-russo dos Soviets contra Bukharin e contra o anarquista Alexandre Gay, que disse que o proletariado do ocidente estava muito profundamente corrompido para a revolução... Justificou, também, a expressão que lhe era atribuída e que, na época, era assunto de toda a imprensa universal: "Saquee o que foi saqueado". "Mas isto é muito justo", disse ele.

Por outro lado, eles desconheciam o contraste entre o dever revolucionário antes e depois da tomada do poder. Antes, é preciso destruir. Depois, é preciso construir. Não é fácil a destruidores se tornarem construtores: por maior razão, porém, têm a necessidade da boa vontade e da compreensão marxista das tarefas do amanhã da revolução.

No entanto, Lenin se mostrou, mais ainda na prática do que na polêmica, de grande moderação diante dos comunistas de esquerda. A moderação de sua maioria chegou a contrastar com a turbulência, a veemência e a intransigência dessa minoria. Se a cisão foi evitada, isso foi devido a Lenin, que não a desejava. Ele sabia muito bem o que valiam esses comunistas autênticos e o que havia de saudável até mesmo nos erros deles. Um partido que tivesse assinado a "paz infame" de Brest-Litovsk sem reagir dolorosamente, um partido que tivesse, a seguir, aceito unanimemente, sem reações internas, a suspensão da ofensiva revolucionária, um partido que, em circunstâncias tão graves, não tivesse experimentado lutas entre tendências que atestassem um pensamento crítico permanentemente desperto, a busca de novos caminhos, a paixão - teria sido um partido vivo e sadio, capaz de encarar suas imensas responsabilidades? A maioria que aceitava a trégua e suspendia a ofensiva não continha dentro dela elementos de direita a cujos olhos se tinha ido longe e depressa demais? Dissemos, a propósito das discussões sobre o tratado de paz: antes do ano I da revolução proletária e camponesa da Rússia, a história dos trabalhadores não oferece exemplo algum de um movimento revolucionário que não tenha, finalmente, sido dominado, corrompido e traído pelo oportunismo. A idéia de que a revolução operária devesse negociar parecia justa em si. Mas toda negociação fazia temer desvios de direita, e esse temor era legítimo e salutar. Os comunistas de esquerda que o manifestaram com vigor certamente não foram inúteis. Erguiam-se contra um perigo de direita, que sem dúvida existia, mas que a guerra civil deteve.

A trégua foi muito mais curta e precária do que Lenin parece ter acreditado. Em *As Tarefas Atuais*, ele esboçava o plano de uma grande obra de organização, a se iniciar imediatamente, mas que a guerra civil iria sustar logo em seguida. Era preciso suspender a ofensiva contra o capital, passar da coerção à boa administração; mas isso foi impossível. A guerra civil, ateadada pelos aliados (a intervenção tchecoslovaca), determinaria, ao contrário, um agravamento dos métodos de coerção. A partir de junho, foi preciso recorrer às medidas preconizadas pelos comunistas de esquerda, cujo programa prático se viu realizado... sob a direção de Lenin. Porém, o que aos olhos deles devia ser a continuação normal de uma revolução socialista não foi, na verdade, se-

não a recrudescência da guerra civil, guerra civil cujos efeitos antes entravaram do que facilitaram a marcha para o socialismo. Sem a intervenção armada dos aliados, a República dos Sovietes entrava, na primavera de 1918, pela via da organização socialista da produção e da administração, o que não pôde fazer, a seguir, senão em 1921¹⁵, e, então, com maiores concessões à pequena burguesia rural, que não teriam sido necessárias em 1918. Pode-se observar, quanto a isso, a admirável continuidade das idéias de Lenin que, uma vez terminada a guerra, em 1921, não teve senão que retomar, adaptando-o às circunstâncias, seu plano de abril de 1918.

De todo modo, foi preciso, a partir de junho, recorrer aos racionalamentos, à criação das comunas de consumo, aos confiscos, às nacionalizações, à criação de comitês de agricultores pobres, à obrigação do trabalho, tudo aquilo que, em abril, exigiam os comunistas de esquerda. A partir de junho, a revolução teve de aplicar com esforço, cada dia mais, todas as suas energias. Mas na ordem, na disciplina, no trabalho, em todas as vias indicadas por Lenin e por Trotsky, nas vias da organização metódica da produção, da administração e da defesa revolucionária é que se entrevia a salvação. As dúvidas se dissipam, a esquerda não tem mais razão de ser, reconstitui-se a unidade profunda do partido...

7 - A REAÇÃO NA UCRÂNIA. A FOME

O ciclo clássico da contra-revolução completou-se, pela primeira vez, na Ucrânia, tal qual se desenrolou por várias vezes no decorrer da guerra civil. Eis aqui suas fases regulares: as classes médias, após haverem apoiado o proletariado, pegam em armas contra ele e se juntam à reação que combatiam na véspera. Do mesmo modo que não se haviam associado ao proletariado senão para explorá-lo, a reação se associa a elas, apenas para explorá-las. Essa união predomina. Institui um regime de "democracia" anti-operária; a pequena burguesia parece triunfar... até o momento, que não demora a chegar, em que um golpe de estado reacionário vem arruiná-la...

15. Por ocasião da passagem à NEP.

Tendo a república popular da Ucrânia "chamado" os alemães, logo se viu à mercê de seus "protetores". Estes, incomodados por uma *Rada* demasiado radical, proclamaram tranquilamente sua dissolução (Kiev, a 26 de abril), encarceraram seus ministros e instituíram a censura prévia dos jornais. Nesse meio tempo, um "Congresso de Agricultores" outorgou ao general russo Skoropadski, bem visto pela *Kommandantur*, o título de *hetman* [chefe cossaco] soberano. Skoropadski assumiu o poder pessoal a fim de dar ao país "a paz, a lei, o trabalho fecundo", anunciou a convocação de um *sejm*, o restabelecimento da propriedade privada, "base da cultura e da civilização", a reforma agrária, a legislação operária... Entretanto, uma "constituição provisória" transformou o *hetman* em autocrata; prescreveu-se a restituição de todas as terras aos proprietários fundiários, os cereais foram requisitados pelo estado; os operários foram privados do direito de greve e de reunião... Os nacionalistas pequeno-burgueses se enfocaram na zona rural.

O marechal-de-campo Eichorn era o verdadeiro dono do país. Suas ordens eram lei. Logo Skoropadski pediu que as tropas alemãs ocupassem todo o país para garantir a ordem. Essas tropas, interessadas nas requisições de trigo, última esperança da Alemanha, chegaram até a usar gases asfixiantes contra os camponeses. A ordem! Skoropadski teve, em fins de maio, de decretar o estado de sítio, que duraria tanto tempo quanto os alemães.

O golpe de estado de Skoropadski devolveu à contra-revolução um vasto território, rico e fértil. Frágil vizinha de uma Ucrânia germanizada, a Rússia parecia condenada. Ali, já o sabemos, a escassez era causa de distúrbios. Parecia haver chegado o momento de acabar com a usurpação bolchevique. Assim, os acontecimentos da Ucrânia tiveram como consequência imediata uma recrudescência da atividade contra-revolucionária por toda a Rússia. Até fins de abril, os partidos pequeno-burgueses, socialistas-revolucionários e mencheviques declaram-se adversários da guerra civil e também partidários do recurso às armas contra o bolchevismo.

A Finlândia branca reivindica o forte Iho, na fronteira russo-finlandesa (os bolcheviques, ao invés de entregá-lo, o farão explodir a 14 de maio). Mannerheim parece disposto à guerra. Os alemães acabam de ocupar a Criméia, espera-se que tomem Voronege, no sudeste da grande Rússia. A esta altura, a fome reina por toda a Europa: a população sofre rigoroso racionamento em Londres e em Paris, falta tudo em Viena e em Berlim. Na Rússia, porém, é fácil atribuir todas as responsabilidades aos soviets. A imprensa burguesa semeia o pânico. A 9 de maio, dá a notícia de que os alemães exigiram o direito de entrar com suas tropas em Moscou e em Petrogrado e que os bolcheviques consideram a possibilidade de formar um gabinete de coalizão. "Não brinquem com fogo", replica-lhe, na *Krassna-*

ia *Gazeta* ("A Gazeta Vermelha") de Petrogrado, o tribuno Volodarski, "nós os esmagaremos, se for preciso, definitivamente". Decide-se perseguir os jornais, uma dúzia de diários burgueses (*Vetchernia Visti, Jizn, Rodina, Narodnoe Slovo, Droug Neroda, Zemlia y Volia*¹⁶) e socialistas-revolucionários. Diversos desses jornais são suspensos. Pela força dos acontecimentos, isto é o fim da liberdade de imprensa. "Vocês o quiseram, senhores!", escreveu Volodarski. Mas deixa claro, a 15 de maio: "A liberdade de criticar os atos do poder dos soviets, a liberdade da propaganda em favor de um outro poder, essas nós concedemos a todos os nossos adversários. Se assim o compreenderdes, nós vos garantiremos a liberdade de imprensa. Renunciai, porém, às falsas notícias /.../ à mentira e à calúnia". Como o partido do proletariado se sentia forte em meio ao imenso perigo!

Os distúrbios da fome se multiplicaram. O anti-semitismo erigue a cabeça. Na fábrica Putilov, um orador socialista-revolucionário brada, a 8 de maio, que é preciso "acabar com os *yupins* [expressão injuriosa para judeu] em Neva, formar um comitê de greve e para o trabalho".

A propaganda dos socialistas-revolucionários e dos mencheviques anuncia manifestações de rua, prepara uma greve geral. Que reivindica ela? A liberdade de comércio, aumentos de salários, pagamento antecipado de salários por 1, 2 ou 3 meses, "a democracia". Trata-se de pôr os operários contra a revolução. Os eletricitários de Putilov entram em greve... Os melhores elementos operários estavam combatendo; não permaneciam na fábrica senão os menos ativos, os menos revolucionários e os mais insignificantes, lojistas e artifices da véspera, que ali vinham buscar refúgio. Esse proletariado de segunda classe freqüentemente se deixava seduzir pela propaganda dos mencheviques. Em abril, o Partido Comunista teve de mobilizar suas forças em Moscou, para defender, contra os mencheviques, suas posições ameaçadas no soviete. Grandes fábricas dos Urais caíram sob a influência dos mencheviques. Em princípio de maio, os operários se sublevaram, aqui e ali, contra os bolcheviques... Os socialistas-revolucionários tentaram, em Saratov, um golpe sangrento.

Foi nesse momento de crise que se lançou a palavra de ordem "quem não trabalha, não come". Se não havia pão para todos, nesses dias de guerra social, os trabalhadores seriam servidos em primeiro lugar. Talvez viessem mesmo a ser os únicos servidos! Caberia a eles 100 ou 200 gramas de pão por dia e, duas ou três vezes por semana, arenques, peixes e outros produtos, se houvesse¹⁷. Zinoviev, presidente do Soviete de

16. As Notícias da Noite, A Pátria, A Palavra do Povo, O Amigo do Povo, Terra e Liberdade.

17. As rações de pão estabelecidas pelo Soviete de Petrogrado eram, em 29 de maio: 1. Trabalhadores executando trabalho físico pesado, 200 g; 2. Trabalhadores executando trabalho físico regular, 100 g; 3. Funcionários, 50 g; 4. Capitalistas

Petrogrado, organizou os primeiros destacamentos operários do abastecimento destinados a requisitar, na zona rural, os cereais dos agricultores ricos.

Os alemães haviam roubado da revolução os cereais da Ucrânia. Os aliados deram às tropas tchecoslovacas, então acantonadas nas regiões do leste, o sinal para a rebelião. Els, então, as capitais privadas dos cereais do Volga e da Sibéria.

8 - COMPLÔS E PREPARATIVOS DE UMA INTERVENÇÃO DOS ALIADOS

Os aliados continuavam hostis, mas desorientados¹⁸. Por meio de uma declaração de 19 de março, feita em termos moderados, haviam deixado claro não reconhecer a paz de Brest-Litovsk. Prosseguiam as negociações entre Trotsky, os norte-americanos (coronel Robins) e os franceses (capitão Sadoul) a respeito da colaboração das missões aliadas na organização do exército vermelho e no reerguimento dos transportes. O Japão, alegando a existência de "prisioneiros de guerra alemães armados pelos boicheviques" na Sibéria e do "perigo de um embargo alemão contra a Transiberiana", preparava-se para ocupar as ferrovias desta região. Os reacionários ingleses estimulavam essas pretensões, a que se opunha continuamente o presidente Wilson. Nenhum aumento do poderio nipônico no extremo-orientes era aceitável do ponto de vista dos norte-americanos. Em consequência do assassinato de um comerciante japonês, o almirante Kato realizou, a 4 de abril, um desembarque em Vladivostok. O desagrado dos Estados Unidos impediu o desenvolvimento dos acontecimentos; mas os soviéticos compreenderam o aviso. Veremos as consequências disso.

Em Murmansk, as autoridades soviéticas colaboravam com o almirante britânico Kemp; tratava-se de impedir a ocupação desse porto pelos fino-alemães. As legações aliadas, não se sentindo seguras nas capitais, haviam-se retirado para Vologda. O embaixador da França, Noulens, burguês reacionário firme e obstinado, mostrava-se decididamente hostil a

e quem vivia de rendas, 25 g. Os desempregados se incluíam numa dessas categorias, de acordo com a respectiva profissão.

18. Ver mais acima, no cap. 5, O Cancelamento das Dívidas e os Aliados.

qualquer tipo de acordo com os bolcheviques, cuja queda, aliás, esperava (e preparava). Partidário de uma intervenção militar dos aliados na Rússia (a fim de - era o pretexto formal - reconstituir, no leste, uma frente de guerra contra os impérios centrais), pretendia impô-la. Tinha, nos meios diplomáticos, belas fórmulas inflexíveis: "Jamais permitiremos novas experiências socialistas na Rússia..." - "Estamos pagando, portanto mandamos..." - "É preciso saber falar com os russos..." - "A opinião deles não tem a menor importância..."¹⁹. Nessa ocasião, a política francesa era dirigida pela grande burguesia imperialista. Clemenceau fazia saber, a 14 de abril, que a França não reconhecia nem os soviets, nem o tratado de Brest-Litovsk. Quinze dias depois, o embaixador dos Estados Unidos na Rússia, Francis, pronunciava-se, por sua vez, terminantemente favorável à intervenção contra os bolcheviques. O memorando secreto, por ele enviado ao governo de Washington, afirmava que o conde Mirbach, representante da Alemanha em Moscou, tornara-se o "verdadeiro ditador da Rússia" e que, ademais, os aliados não podiam se manter indiferentes perante o bolchevismo²⁰. O argumento falso dava cobertura ao argumento verdadeiro.

É preciso manter vivos na memória esses fatos. A partir desse momento, a pressão externa das baionetas alemãs se conjugou, contra a revolução, com a pressão interna de grandes complôs fomentados pelos representantes diplomáticos e militares das potências aliadas.

Os dirigentes dos partidos contra-revolucionários - socialistas-revolucionários, mencheviques e *cadets* - acabavam de constituir, em março, uma organização conjunta, a Liga do Renascimento (*Soyuz Vozrojdenia*). "A Liga", escreveu um dos chefes do Partido Socialista-Revolucionário, "passou a manter relações regulares com os representantes das missões aliadas em Moscou e em Vologda, principalmente por intermédio de Noulens"²¹. Com um recato hipócrita, não se desejava uma cooperação direta dos comitês centrais com os aliados, mas uma cooperação dos militantes que não fossem membros oficiais dos partidos²². A Liga do Renascimento foi a grande

19. Testemunho de René MARCHAND (*Porque Aderir à Fórmula da Revolução Social*). Sobre a atitude dos aliados nessa época, ver as *Notas Sobre a Revolução Bolchevique*, de Jacques SADOUL, cuja coleção constitui documento de primordial importância.

20. D. FRANCIS, *Rússia from the American Embassy*.

21. ARGUNOV, *Entre Dois Bolchevismos*, 1922.

22. A duplicidade do Partido Socialista-Revolucionário nos é revelada nitidamente pela moção sobre a intervenção aliada aprovada por um Conselho Nacional, em 7-14 de maio de 1918. "A democracia não pode, em caso algum, apoiar-se, para o restabelecimento do poder do povo, sobre uma força armada estrangeira, ainda que aliada [...]/", mas a independência da Rússia não pode ser salva senão "pela liquidação imediata do poder bolchevique e pelo advento de um governo legitimado pelo sufrágio universal [...]/ esse governo poderia admitir a entrada de tropas aliadas em território russo para fins puramente estratégicos e sob a condição de não intervenção das potências

organização clandestina da pequena burguesia "socialista" e dos liberais, decididos a derrubar, pela força, o poder dos soviets. Os outubristas, representantes da alta burguesia, situados à direita dos constitucionais democratas, ou *cadets*, e defensores da decisão imperial de 17 de outubro de 1905, que outorgava à Rússia um arremedo de constituição, fizeram parte da Liga, em Moscou, e a associaram ao *Centro-Direita*, bloco de tendências reacionárias orientado pelos generais Alexeiev e Kornilov.

A corrente das organizações contra-revolucionárias ia, pois, sem solução de continuidade, desde os socialistas mais "avançados" até a reação mais tenebrosa. A comissão militar do Partido Socialista-Revolucionário Institutu, para a Liga, "grupos de combate" cujo comando foi confiado a um general. A plataforma política da Liga se baseava em três pontos: 1. impossibilidade de um poder puramente socialista; 2. assembléia constituinte; 3. (a título provisório) diretório investido de poderes ditatoriais. - Dois socialistas populares, um socialista-revolucionário (o dirigente do partido, A. R. Gotz), um *cadet*, futuro ministro de Koltchak (Pepellaev) e dois mencheviques (Potressov e Rozanov) constituíam o comitê local de Petrogrado. - Em junho, Noulens transmitiu à Liga uma nota oficiosa dos aliados, que aprovava sua plataforma política e lhe prometia ajuda militar contra os germano-bolcheviques.

O ex-terrorista socialista-revolucionário Bóris Savinkov²³ constituiu uma outra organização análoga, a Liga para a Defesa da Pátria e da Liberdade, que se atribuía como tarefa agrupar os elementos mais avançados e mais combativos da contra-revolução, com base numa plataforma bastante vaga que satisfizesse aos oficiais monarquistas ou radicais e aos intelectuais socialistas-revolucionários. A Liga de Savinkov se organizava em grupos clandestinos de no máximo quatro ou cinco pessoas, que formavam os quadros de um pequeno exército oculto, hierarquizado e centralizado, de modo a efe-

nos assuntos internos da Rússia [...]/" (III)

23. Bóris Savinkov foi um dos homens mais ativos do Partido Socialista-Revolucionário. Nascido em 1879, militante desde a juventude, filiado aos primeiros grupos marxistas de Petersburgo, de que fizeram parte Lenin e Martov, exilado, membro do Partido Socialista-Revolucionário, chefe, a partir de 1903, da organização terrorista desse partido, que dirigiu com o agente provocador Azev, organizador e participante de quase todos os atentados socialistas-revolucionários entre 1904 e 1906 (execução do ministro Plevnev e do grão-duque Serge, principalmente), condenado à morte e evadido, romancista de talento, poeta nas horas vagas, autor de notáveis memórias, dilettante, espírito complexo, audacioso, positivo, perturbado por dúvidas místicas, crendo apenas na força individual e na bravura, B. Savinkov, patriota durante a guerra, tomou-se, ao tempo de Kerenski, um dos mais decididos partidários de um poder forte, ditatorial, para cujo exercício sentia-se preparado. Tomou parte no golpe de força fracassado de Kornilov. Foi, a seguir, um dos mais incansáveis *condottieri* da contra-revolução. Preso em 1924, na Rússia dos soviets, para onde se dirigira ilegalmente, confessou, diante do tribunal revolucionário, o erro e o crime de não haver reconhecido e de haver combatido a revolução. Condenado a dez anos de detenção, suicidou-se (1879-1925).

recer o mínimo de enfrentamento com a repressão, permitindo, no momento oportuno, uma ação decisiva. Essa liga procurava infiltrar seus homens nas instituições soviéticas de abastecimento, da milícia e do exército em formação. Informada por uma delegação e ajudada pelo acaso, a Comissão Extraordinária de Luta Contra a Sabotagem e a Repressão (Ve-Tcheka) que na ocasião dispunha apenas de um pessoal pouco numeroso - menos de 150 pessoas, sem experiência, quase que totalmente operários - descobriu, no entanto, esta trama. Ocorreram prisões em massa em Moscou; a capital foi posta em estado de sítio (fins de maio). Mas os conspiradores presos foram tratados com brandura. A Ve-Tcheka só raramente realizava execuções, em casos totalmente excepcionais. Os socialistas-revolucionários de esquerda se opuseram a que se aplicasse a lei marcial aos cúmplices de Savinkov, como desejariam Dzerjinski e seus camaradas bolcheviques. Com Savinkov em liberdade, a Liga, dizimada em Moscou e em Kazan, continuou em outros lugares seus preparativos de sublevação. Voltaremos a encontrá-la.

Essas organizações não eram as únicas. O solo da jovem república estava profundamente minado em todos os sentidos. Os aliados estimulavam, com ecletismo, todas essas sociedades clandestinas.

9 - A SUBLEVAÇÃO DOS TCHECOSLOVACOS

Os representantes dos aliados haviam concebido vasto plano de operações, cujo êxito teria dado fim ao regime dos soviets. A sublevação das tropas tchecoslovacas nos Urais, na região do Volga e na Sibéria deveria coincidir com uma série de investidas contra-revolucionárias nas cidades dos arredores de Moscou e com os desembarques japoneses, em Vladivostok, e ingleses, em Arkhangelsk. Famintas, cercadas e desmoralizadas por uma súbita série de revesses, as duas capitais operárias cairiam. "A ordem" se restabeleceria...

Um antigo oficial da missão francesa na Rússia, que depois se tornou um revolucionário honesto e conseqüente, Pierre Pascal, expôs esse plano nos seguintes termos: "A insurreição de Yaroslav e a sublevação tchecoslovaca foram

organizadas com a ajuda imediata dos agentes da missão francesa e de M. Noulens. A missão esteve continuamente em contato com os tchecoslovacos, aos quais enviou oficiais e recursos financeiros/.../. Os contra-revolucionários deveriam se apoderar de Yaroslav, Nijni-Novgorod, Tambov, Murom e Voronege, a fim de isolar Moscou e levá-la à fome. Este plano teve um começo de execução com as insurreições de Yaroslav, Murom, Tambov etc. Ainda vejo o general Lavergne traçando com o dedo sobre o mapa um grande círculo em torno de Moscou e dizendo: É isto que Noulens quer. Mas eu terei remorsos, pois, se formos bem sucedidos nisso, a fome será terrível na Rússia /.../"²⁴. Temos conhecimento de diversos testemunhos análogos. O plano definitivo da ação dos tchecoslovacos foi decidido a 14 de abril, em Moscou, numa conferência das organizações contra-revolucionárias, à qual assistiram, especialmente, o general Lavergne, chefe da missão militar francesa, um de seus colaboradores, o coronel Corbeil, e o chefe da missão inglesa, Lockhart²⁵.

O exército tchecoslovaco da Rússia se formara pouco a pouco, durante a guerra, com prisioneiros tchecos e eslovacos da frente austríaca, organizados sob os cuidados de um comitê nacional, cujos chefes recebiam instruções de Masarik e dos dirigentes do movimento nacional instalado em Paris. Sem tomar parte, essas tropas haviam assistido às peripécias da Revolução Russa. Destinavam-se à frente francesa, que deviam atingir via Murmansk ou Vladivostok... Porém, como a intervenção norte-americana suplira, da Soma à Alsácia, a falta de material humano, os homens de estado da Entente tiveram a idéia de pôr os tchecoslovacos a serviço da contra-revolução russa. Dirigidos por oficiais aliados, os tchecoslovacos se recusaram a reconhecer o tratado de Brest-Litovsk, mas se retiraram diante dos alemães, da Ucrânia para o leste. O Conselho dos Comissários do Povo, buscando evitar um conflito, autorizou sua evacuação - armados - pela Sibéria. O desembarque dos japoneses em Vladivostok, ao mesmo tempo em que cerca de 30 mil tchecoslovacos se enfileiravam ao longo da Transiberiana até Irkutsk, subitamente colocou a revolução diante de uma ameaça de ocupação de toda a Sibéria. Trotsky, Comissário do Povo para a Guerra, exigiu, imediatamente, o desarmamento dos tchecoslovacos e seu encaminhamento, para fins de evacuação, não na direção do leste siberiano, mas na direção de Arkhangelsk. O plano da ofensiva tchecoslovaca fora estudado em todos os detalhes numa conferência realizada em Tcheco-

24. Depoimento do ex-tenente P. Pascal no processo dos socialistas-revolucionários de direita (Moscou, junho de 1922). Este depoimento coincide, de maneira completa, com os escritos dos socialistas-revolucionários Lebedev e Savinkov.

25. P. S. PARFENOV, *A Guerra Civil na Sibéria*.

liabinsk, à qual assistiram oficiais Ingleses, franceses e russos, bem como membros socialistas-revolucionários da assembléa constituinte. Os tchecoslovacos se apoderaram, abruptamente, a 25 e 26 de maio, de Tcheliabinsk (Urais), de Penza e de Syran (Volga) e de Novo-Nikolaevsk (Sibéria). Dispunham, nessas três regiões, de cerca de 20 mil homens, de tropas bem equipadas, comandadas por Gaida, Voitsekhovski e Czezeke. Uma ordem de Trotsky, datada de 25 de maio, determinava que se fuzilasse, no ato, os tchecoslovacos encontrados com armas nas mãos. Além disso, eram oferecidas todas as facilidades aos que, desarmados, aceitassem a evacuação pelo norte ou a naturalização russa. A maioria preferiu resistir.

A sublevação dos tchecoslovacos completou o assédio à República dos Sovietes, isolada, a partir de então, das regiões industriais dos Urais, das terras férteis do Volga e do celeiro da Sibéria. Os cossacos de Oremburgo voltaram a pegar em armas.

Esses tchecoslovacos, aos quais se pedia que dessem o golpe de graça nos bolcheviques, eram, em grande maioria, republicanos radicais, adeptos de M. Masarik e dos social-democratas. Seu apego à democracia, diante dos rigores da ditadura do proletariado, tornava-se um fator de incompreensão, de indignação e de revolta. Os partidos socialistas russos disseminavam entre eles o boato de que os bolcheviques, vendidos aos alemães, preparavam-se para entregá-los àqueles. Apoiados pelos socialistas da contra-revolução, pelos agricultores abastados e pelas organizações de oficiais, os tchecoslovacos se apoderaram, numa série de operações bem sucedidas, de Samara (8 de junho), que se tornou sua base de operações, de Zyzran (a 19 de junho), de Oufa (13-23), suprimindo, desse modo, a contra-revolução de um território. Como veremos, este era o sinal para uma ação geral contra os soviets. Explodiram, na zona rural, movimentos contra-revolucionários. Os socialistas-revolucionários de direita assassinaram, em Petrogrado, o tribuno Volodarski (a 20 de junho); os socialistas-revolucionários de esquerda, aliados dos bolcheviques e membros do governo, prepararam um golpe de força para governarem sozinhos e rasgar o tratado de Brest-Litovsk; os anglo-franceses desembarcaram em Murmansk (a 2 de julho)...

10 - NACIONALIZAÇÃO DA GRANDE INDÚSTRIA

Foi sob o império dessas circunstâncias que se completou a expropriação dos capitalistas. Nada melhor, quanto a isso, do que citar algumas linhas do economista Kritzman²⁶: "Depois de a revolução proletária haver atravessado um período de preparação de oito meses, marcados, na ordem econômica, por hesitações e indecisões, o governo proletário, sob a pressão de uma guerra civil cada vez mais encarniçada e da intervenção da Alemanha do Kaiser, com base na paz de Brest-Litovsk, em favor da propriedade capitalista, proclamou a expropriação dos expropriadores, nacionalizando a grande indústria, pelo decreto de 26 de junho de 1918".

As principais etapas da expropriação dos ricos foram as seguintes: "A expropriação do capital de estado²⁷, mediante a formação do Conselho dos Comissários do Povo a 8 de novembro (26 de outubro) de 1917; a expropriação da agricultura (decreto de socialização do solo, expedido no mesmo dia); a expropriação do capital financeiro (decreto sobre a nacionalização dos bancos de 1 (14) de dezembro de 1917); a expropriação do capital dos transportes (decreto sobre a nacionalização dos transportes hidroviários, de 12 (25) de janeiro de 1918); a expropriação dos créditos e, de saída, dos créditos estrangeiros (decreto sobre a anulação dos empréstimos de 14 (27) de janeiro de 1918); a expropriação do capital comercial (decreto que instituiu o monopólio do comércio exterior, a 23 de abril de 1918); a expropriação do capital dos agricultores ricos (decreto que instituiu os comitês de agricultores pobres, *Kombedy*, a 11 de junho de 1918); a expropriação do grande capital industrial (decreto de nacionalização da grande indústria, promulgado a 28 de junho de 1918)"²⁸ (Kritzman).

26. L. KRITZMAN, *O Período Heróico da Grande Revolução Russa*, 2. ed., Moscou, 1926. É lamentável que essa notável análise econômica da revolução russa não tenha sido traduzida no ocidente.

27. O estado russo era proprietário de ferrovias etc.

28. Deveriam se seguir, a 21 de novembro de 1918, a expropriação do capital comercial (decreto de nacionalização do comércio interno), da pequena

O decreto que abolia o direito de herança, promulgado a 1 de maio, completava essas medidas. Toda herança de mais de 10 mil rublos revertia para o estado; os parentes do falecido, incapazes para o trabalho, só teriam direito a uma pensão, determinada por instituições locais.

Assinalemos, aqui, o malogro do controle operário da produção. De novembro a maio, o controle se organizou pelas iniciativas locais dos operários, auxiliados pelo Conselho Superior da Economia. Porém, logo ficou comprovado não ser possível se limitar a isso. Desprovidos de poder político e controlados pelos operários, os industriais, sentindo-se à mercê de seus assalariados, ameaçados em seus direitos de proprietários, lutavam, resistiam, sabotavam a produção. O controle parecia ser uma medida transitória, traduzindo as hesitações da revolução, medida que devia ser revogada ou levar à expropriação. Sucedeu que certos industriais espertos, conquistando a confiança dos comitês de fábrica, aproveitaram-se da inexperiência dos operários na gestão das empresas para conseguir se abastecer pelo Conselho Superior de Economia. Realizaram bons negócios e essa foi uma forma renovada de pilhagem do estado...

Outros capitalistas, em maior número, liquidavam de um modo ou de outro suas empresas, dissimulavam os estoques, roubavam ou vendiam os equipamentos e desapareciam levando consigo os valores realizados... Os comitês de fábrica se empenhavam, então, em organizar as empresas abandonadas e imediatamente expropriadas. Sobreveio a sabotagem do pessoal técnico, sendo necessária, nas fábricas, uma verdadeira ditadura operária. "Muito freqüentemente a nacionalização era mais uma represália do que uma medida econômica."²⁹ Essa tomada das empresas pelos comitês de fábrica não se dava sem riscos. Cada comitê pensava, de saída, nos interesses de sua empresa (isto é, dos trabalhadores que ele representava); daí a defendê-la por todos os meios, sem se preocupar com os interesses econômicos gerais do país, havia apenas um passo difícil de não ser dado. Toda empresa, mesmo atrasada, mal equipada, dedicada a uma atividade de importância secundária, reivindicava seu direito à vida, isto é, ao abastecimento, ao crédito, ao trabalho... Disso resultava uma grande confusão, com as fábricas vivendo por sua própria conta, anarquicamente. "Chegávamos", escreveu um camarada, "não à república dos soviets, mas a uma república de comunidades operárias

indústria (nacionalizada a 29 de novembro de 1918) e das cooperativas (nacionalizadas em novembro e dezembro do mesmo ano). A expropriação do capital comercial não foi feita de um só golpe, mas mediante sucessivas medidas, das quais indicamos apenas as principais.

29. Discurso de A. Rykov, no I Congresso dos Conselhos de Economia (26 de maio-1 de junho de 1918).

que nascia das fábricas capitalistas. Ao invés de uma estrita regularização da produção e da repartição social, ao invés de medidas no sentido da organização socialista da sociedade, os fatos faziam lembrar as comunas autônomas de produtores sonhadas pelos anarquistas³⁰.

A 15 de maio de 1918, 234 empresas haviam sido oficialmente nacionalizadas e 70, tomadas sob seqüestro. A indústria pesada, usinas e metalúrgicas, foi a mais atingida. Impunham-se a generalização e a sistematização dessas medidas no país despedaçado, devastado, ao qual o patronato derrotado se obstinava em impor condições draconianas. Milutin, ao anunciar, diante do Congresso dos Conselhos de Economia, a nacionalização iminente da grande indústria, relatava o conflito entre os proprietários dos poços de petróleo e o estado. Os grandes produtores de petróleo exigiam, para continuar a produzir, que lhes fossem concedidos tantos benefícios quanto antes da revolução, pretendendo restabelecer, para isso, as condições de trabalho de 1916. Inteiramente convencidos de que os operários seriam incapazes de dirigir a produção do petróleo, ameaçavam suspender a produção das empresas deficitárias, caso fossem obrigados a se ajustar à legalidade soviética.

O decreto de 28 de junho de 1918 nacionalizou todas as empresas do ramo mineiro, metalúrgico, têxtil, eletrotécnico, da madeira, do tabaco, do vidro, da cerâmica, do couro, do cimento, da borracha, dos transportes etc., de capital igual ou superior a 500 mil rublos. Alguns detalhes em sua aplicação mostram o quanto este decreto parecia prematuro até mesmo aos olhos de seus autores. O Conselho Superior de Economia estava encarregado de organizar a administração das empresas nacionalizadas que, enquanto isso, eram reconhecidas como estando "gratuitamente cedidas aos antigos proprietários", a quem cabia continuar a gerir-las, autorizados a "receber delas os lucros" (aliás problemáticos...). O pessoal técnico e os diretores continuavam em seus cargos, nomeados pelo estado e responsáveis perante o estado. Os tribunais revolucionários puniriam qualquer abandono de cargo...

O Congresso dos Conselhos de Economia decidiu, logo a seguir, a formação de direções de empresa constituídas como colegiados, cujos membros seriam nomeados pelos conselhos regionais ou pelo conselho superior, que eram autorizados a permitir que metade de seus representantes fossem designados pelos sindicatos. O terço restante do colegiado seria eleito em cada empresa pelos operários.

30. Citado por A. PANKRATOVA, *Os Comitês de Fábrica da Rússia na Luta pela Indústria Socialista*, Moscou, 1923.

11 - DIANTE DA FOME

Trotsky, falando a uma assembléia popular em Moscou, mencionou uma série de telegramas: "Vyksy, governo de Nijni-Novgorod: as lojas estão vazias, o trabalho prossegue com dificuldade, 30% dos trabalhadores faltam, famintos. Homens desmaiam sobre suas bancas de trabalho. - Telegrafam de Serghiev-Possada: Mandem-nos pão, ou estamos perdidos! - De Briansk, a 30 de maio: Mortalidade terrível, sobretudo infantil, nas fábricas de Maltsov e de Briansk; grassa o tifo da fome. - Klin (perto de Moscou): a cidade está sem pão há duas semanas. - Passalev-Possada: a população tem fome, sem possibilidade alguma de conseguir trigo. - Dorogobuj: fome, epidemias..." Ora, demonstrava Trotsky, havia trigo no país. Só as reservas do Cáucaso setentrional eram avaliadas em 140 milhões de *pouds* (1 *poud* = a 16,38 kg), quando não seria preciso mais do que 15 milhões de *pouds* por mês para garantir o consumo das grandes cidades. A fome resultava da guerra entre as classes. Os agricultores ricos se recusavam a fornecer trigo às cidades que, em troca, só ofereciam a eles um papel-moeda depreciado. Na Rússia branca, enterravam seus estoques e, para escapar às buscas, plantavam cruces em cima, como túmulos...

Os descontentes exigiam a abolição do monopólio dos cereais e dos preços máximos. Desse modo, ao afirmar, contra a evidência, sua fé nos métodos capitalistas, defendiam os interesses da pequena burguesia abastada da zona rural. Sabemos agora que o esgotamento dos estoques da indústria, a inflação e o desgaste do material dos transportes teriam inaugurado, com o retorno à liberdade do comércio dos cereais, uma era de especulação desenfreada e de fome, sem saída para a população pobre. Decidiu-se, então, tomar três medidas revolucionárias destinadas a levar decididamente a guerra entre as classes à zona rural: formação de comitês de agricultores pobres, requisição dos excedentes de trigo e envio de destacamentos operários de abastecimento. Lenin comentou essas medidas em uma *Carta aos Operários de Petrogrado* e um discurso sobre a luta pelo trigo, no Executivo Pan-russo dos Soviéticos. A fome era determinada pela revolta da burguesia contra a nova lei: quem não trabalha não come! A fome demonstrava "o quanto era

profundo o abismo de estupidez dos perturbadores do anarquismo, que negavam a necessidade de um governo - de implacável dureza para com a burguesia e os desorganizadores - no período de transição do capitalismo para o socialismo". Não haveria pão para todos senão mediante um recenseamento rigoroso e uma repartição igualitária. Ou a consciência operária venceria, quebrando a resistência do *kulak* (agricultor abastado), ou a reação venceria. Meias medidas não levavam a nada. "Conseguir pão ou combustível no varejo, para sua fábrica, nada mais seria do que aumentar a desorganização, facilitar a especulação." À minoria revolucionária competia levar as massas a uma cruzada contra os especuladores, os *kulaks*, os parasitas, os desorganizadores. A salvação estava nessa ação das massas.

"Um dos maiores resultados da Revolução de Outubro é que o operário avançado chegou-se ao povo como líder dos pobres, como condutor dos trabalhadores dos campos, como construtor do estado do trabalho /.../. Porém, tornando-se o condutor dos agricultores pobres, o operário não se tornou um santo. Muitas vezes, ao conduzir o povo, deixou-se contaminar pelos males da pequena burguesia em decadência /.../. A classe operária não pode, ao iniciar a revolução comunista, livrar-se de uma vez por todas das fraquezas e das taras herdadas da sociedade dos capitalistas e dos proprietários fundiários, dos exploradores e dos parasitas, do lucro asqueroso e do enriquecimento de uma minoria diante da miséria de muitos. Mas a classe operária pode vencer - e vencerá infalivelmente no fim dos fins - o velho mundo, suas fraquezas e suas taras, se lançar continuamente contra o inimigo novas forças, cada vez mais numerosas, experimentadas, temperadas na luta /.../."

No Executivo Pan-russo dos Soviéticos, a 11 de junho, e no Congresso dos Comitês de Fábrica, a 27, Lenin, lembrando que a Alemanha era o país da fome genialmente organizada, que a guerra era a causa primordial da fome, e que o proletariado russo devia ser a vanguarda da revolução mundial por vontade da história e não por seus próprios méritos, teve uma fórmula surpreendente: "Eis-nos aqui, de volta à tarefa primordial de qualquer sociedade humana: combater a fome /.../". Rejeitou a tese do compromisso com os capitalistas, preconizado pelos mencheviques. As dificuldades da luta contra a fome, disse ele, provêm de que ela nos coloca diante de questões de organização. "É infinitamente mais fácil conseguir a vitória numa insurreição." Contra a reação, o proletariado podia contar com o apoio de uma parte das classes médias; a fome obrigava-o a enfrentar sozinho uma tarefa de organização autenticamente comunista. Três idéias principais dominam os novos decretos: centralização (evitar o desperdício dos esforços, não cair na armadilha do cada um

por si), união dos trabalhadores (a cruzada contra os *kulaks*) e a união entre os agricultores pobres e os operários (luta de classes no campo). Registrem-se de passagem algumas fórmulas:

Dizem que nossos destacamentos de abastecimento se degeneraram em bandos de ladrões. Talvez seja. "Quando morre uma velha sociedade, não se pode encerrá-la num ataúde e enterrá-la; seu cadáver se decompõe em meio a nós, contaminando-nos."

"Não temos polícia, não teremos casta militar, não temos máquina administrativa, temos apenas a união consciente dos operários."

"Os operários se organizaram, em todo o mundo. Em parte alguma, porém, se fez um esforço, perseverante e dedicado, para unir aqueles que, na zona rural, na pequena produção agrícola, nos recantos perdidos, nas trevas, são esmagados por todas as condições de vida /.../."

"Temos dito sempre que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra deles mesmos; não se pode libertá-los a partir de fora; eles devem aprender a resolver por si mesmos os problemas históricos /.../ tão mais difíceis na medida em que, de sua solução, devem participar milhões de homens/.../."

"Vocês devem ter bem em mente, delegados das comissões de fábrica, que ninguém irá ajudá-los, que a outra classe não lhes envia auxiliares mas sim inimigos, que o poder dos soviets não tem a seu serviço intelectuais dedicados."

"Lembrem-se de que se vocês, em seus comitês de fábrica, somente se ocuparem de interesses puramente técnicos ou financeiros da classe operária, a revolução não manterá nenhuma de suas conquistas /.../. Seus comitês de fábrica devem se tornar as células essenciais, governamentais, da classe dominante/.../."

Lenin citou o exemplo dos operários da pequena cidade de Eletz que haviam tomado, contra a burguesia, a iniciativa de visitas domiciliares e de requisições.

12 - GUERRA AOS AGRICULTORES RICOS

A fome não era causada apenas pelas conseqüências inelutáveis da guerra. Representava o início da grande guerra dos agricultores contra as cidades operárias, que não iria cessar senão em 1921, com a Nova Política Econômica - a NEP - cuja característica essencial foi o restabelecimento da liberdade do comércio de cereais. Por ocasião da Revolução de Outubro, o movimento camponês, atingindo seu ponto mais alto, confundia-se com o movimento operário; deu a este último o apoio de suas imensas forças elementares, garantiu-lhe a ajuda do exército, composto em sua maior parte de elementos do campo. Em troca, os proletários deram a eles organização, objetivos, palavras de ordem, direção política. Porém, tendo tomado a terra, os camponeses ficaram satisfeitos; sua vitória foi total e definitiva, enquanto a luta do proletariado apenas começava. A partir da vitória comum de outubro-novembro, foi-se acentuando o desacordo entre camponeses e operários. De início, houve a questão das grandes empresas agrícolas que os elementos do campo, profundamente apegados à propriedade individual e, acima de tudo, desejosos de enriquecer, queriam repartir, enquanto o governo soviético procurava transformar em comunas agrícolas. Havia o problema, já mencionado páginas atrás, da escassez das mercadorias, da inflação e do abastecimento das cidades. Durante a guerra, os agricultores haviam acumulado bilhões de rublos-papel; o estado soviético lhes impôs, e não poderia fazer diferente, um preço máximo para o trigo, proibindo-lhes, além disso, de vendê-lo livremente no mercado; eles não podiam comprar quase nada com o papel-moeda que lhes era entregue em troca dos grãos... Por que iriam dar crédito à revolução proletária? Quando um agitador lhes explicava que a abolição dos preços máximos e a liberdade de comércio não teriam outro efeito senão o de produzir uma inflação desmesurada, a que se seguiria uma enorme alta dos preços dos artigos manufaturados, respondiam friamente: "Então, vocês não terão trigo por nenhum preço!" (Textual.) Previa-se, em todo o país, um levante em massa dos agricultores russos abusados - contra os soviets.

Vejamos a atitude de Lenin diante desse perigo. Os militantes do partido vinham procurá-lo de todos os cantos do país. Um operário de Petrogrado, que, não sem dificuldades, livrara-se das mãos dos agricultores do Volga, no meio dos quais tentara fazer propaganda, veio, em princípio de julho, confiar ao "velho Ilitch" suas inquietações a esse respeito.

Lenin o escutou, com o riso malicioso que brilhava em seus olhos quando os fatos lhe davam razão: "Quando eu lhe garanti que os agricultores nos moeriam de pancada, Vladimir Ilitch estourou de rir: - Claro, camarada, não de moê-los de pancada, se vocês não o fizerem se dobrar antes que eles façam isso com vocês". E, pegando uma folha de papel, Lenin escreveu aos operários de Petrogrado algumas rápidas palavras, que pediu que seu visitante lhes transmitisse. Eis os trechos principais dessa breve mensagem:

"O camarada K... passou algum tempo no governo de Simbirk; deu-se conta da atitude dos *kulaks* para com os pobres e para com nosso poder. Compreendeu aquilo de que nenhum marxista, nenhum operário consciente deve duvidar: os *kulaks* abominam o poder dos soviets, o poder dos operários, e, infalivelmente, não de derrubá-lo, se os operários não reunirem imediatamente todas as suas forças para impedir o ataque dos *kulaks* contra os soviets e não os fizerem se dobrar antes que tenham tido tempo de se articular.

"Os operários conscientes podem fazê-lo neste momento; podem reunir em torno de si os agricultores pobres, podem infligir uma derrota completa aos *kulaks*, se os elementos operários avançados compreenderem seu dever, empregarem todas as suas forças e organizarem uma marcha sobre a zona rural".

Numa palavra, era preciso levar a guerra civil à zona rural, conchamar os agricultores pobres contra os ricos, travar essa batalha com energia inflexível. E, para isso, convocar, uma vez mais, a iniciativa dos operários.

"Organizem-se", dizia Lenin a K..., "e partam. Nós lhes daremos tudo quanto existe nos estoques do país. Agora, o poder dos soviets possui enormes quantidades de mercadorias confiscadas /.../. Temos tentado dar nossas reservas, mas tudo é roubado, tudo é dilapidado. Vocês as utilizarão em benefício da revolução, para se reunirem aos agricultores pobres."

Os dois telegramas que se seguem, endereçados, em início de agosto, à militante Eugênia Bosch, enviada para a região de Penza para dar combate à contra-revolução rural, dão uma idéia precisa do rigor com que Lenin pretendia conduzir essa luta.

I. -"9 de julho de 1918. Urgente. Penza. Executivo, cópia para Eugênia Bogdanova Bosch. Despacho recebido, neces-

sário organizar guarda selecionada. Exercer contra *kulaks*, sacerdotes e brancos implacável terror de massas, prender suspeitos em campos de concentração fora das cidades. Telegrafem aplicação. Presidente do Conselho Com. do Povo, Lenin."

II. -"11 de agosto de 1918. Reprimindo revolta cinco distritos, tomem todas as medidas para requisitar todos os excedentes de trigo. Para tanto, indiquem reféns (não tomem, indiquem) entre os *kulaks*, os ricos, os parasitas, encarregados de entregar e transportar o trigo /.../. Os reféns responderão com a própria vida pelo depósito rápido e pontual das contribuições impostas."³¹

A "cruzada" operária se dirigiu para a zona rural. Em todos os centros industriais se formaram destacamentos de abastecimento que foram buscar o trigo nos mais remotos cantos do país. Isso não se deu sem se travarem lutas sangrentas. Muitas vezes, foram massacrados. Mais de um comissário bolchevique foi encontrado por seus camaradas, em um celeiro perdido, com a barriga aberta, entupida de grãos... Porém, dezenas de milhares de proletários levaram a revolução à zona rural e não foi desprezível, ainda que muito insuficiente, a quantidade de trigo que enviaram para as cidades³².

13 - ANARQUIA E DEMOCRACIA SOVIÉTICA

Examinemos um pouco o estado do país e do regime neste momento. A classe operária dava inúmeros sinais de esgotamento e de desmoralização. Seus melhores membros a haviam abandonado, indo para a frente de guerra e para

31. Destaquemos aqui, assinalando alguns de seus traços, o modo de agir de Lenin, condutor da revolução. Ele telegrafava aos destinatários: "Vocês são pessoalmente responsáveis pela aplicação imediata e rigorosa dessas medidas /.../. Expliquem-nas à população por meio de uma proclamação /.../. Mantenham-me a par das operações telegrafando-me ao menos a cada dois dias, ao menos, respeito". Ver *Revolução Proletária*, n. 3 (26), 1924.

32. Alguns números. O centro têxtil de Ivanovo-Vovnessensk formou 23 destacamentos (2.243 homens) que, de setembro a 1 de dezembro de 1918, recolheram perto de 2,5 milhões de *pouds* de trigo. Nesse mesmo período de tempo, Moscou recebeu, de seus destacamentos, 322 vagões de víveres (não se havia recebido mais do que alguns vagões durante certas semanas...). Em três meses, 30 mil operários passaram das províncias não-férteis para as províncias produtoras de trigo. (*Relatório da atividade do Comissariado do Abastecimento relativo a 1918-1919*.)

as instituições soviéticas. Sua situação de classe vencedora resultou em que a ela se somasse um sem número de elementos suspeitos, falsos operários, mercadores arruinados, especuladores. A escassez a obriga a se aproximar dos camponeses: muito freqüentemente o operário russo tinha parentes camponeses. A produção era muito pequena, a fábrica vivia como podia, com mais da metade de ociosidade, às vezes sendo saqueada. As matérias-primas e os combustíveis escasseavam; a disciplina quase não existia. Um relatório de Chliapnikov sobre o estado das ferrovias, apresentado em fins de março ao Comitê Executivo Pan-russo dos Sovietes, é rico de detalhes significativos. Os trens circulavam freqüentemente sem iluminação nem sinais de tráfego. As sinalizações não mais funcionavam! "Dizem que não há nem petróleo nem velas, na verdade tudo foi roubado." Ocorria dos trens não poderem partir por falta de pessoal. Alegava-se doença, as ordens do chefe não eram cumpridas, os aproveitadores se escondiam por trás dos comitês... Em Klin, não distante de Moscou, na estrada para Petrogrado, transformara-se o depósito de material em clube e... o material obstruía os trilhos. Todos se entregavam à especulação, ofereciam e recebiam suborno, abasteciam os especuladores, saqueavam as redes ferroviárias. Chliapnikov via apenas um remédio para esses males: interessar os ferroviários no bom funcionamento das linhas e, tanto nos depósitos como nas oficinas, instituir o trabalho por produção. Um relatório de Nevski (junho) nos informa que o rendimento do trabalho dos transportes foi reduzido à metade, talvez de 70%, enquanto os custos de operação aumentaram 150%. A deterioração do material rodante era terrível, especialmente na zona rural e nas regiões mais próximas das frentes de guerra: vidros das janelas quebrados, portas arrombadas, sujeira repugnante.

As grandes fábricas se tornaram focos de desmoralização, propícios à agitação contra-revolucionária. Em Petrogrado, o soviete censura a fábrica de Obukhovo, onde se passa o tempo em recriminações e reuniões. As fábricas Putilov são ainda mais notáveis: incidentes sobre incidentes. Os mencheviques fomentam greves nas grandes fábricas de Sormovo (que produzem duas locomotivas por mês, em vez de dezoto); nas de Kolomensk, a prisão de seus agitadores provoca uma greve imediata. Em Yaroslav e Zlatoust, os Partidos Socialista-Revolucionário e Menchevique tomam conta das ruas.

Os sovietes locais, desprovidos de víveres e de dinheiro, estavam em dificuldades. Impunham à população abastada contribuições extraordinárias, confiscavam as propriedades, tomavam as contas correntes das empresas, esgotando de uma vez as fontes de renda regulares do estado. Taxavam as mercadorias que passassem por seu território. Os sovietes de Tsaritsine, Samara e Kazan taxavam o petróleo enviado

de Baku para Moscou (e por vezes se apoderavam dele), de tal modo que, ao chegar a seu destino (quando chegava), seu preço havia quintuplicado... O Soviete de Yalta (Criméia) aplicava uma taxa proibitiva sobre o tabaco exportado, privando assim de matéria-prima as fábricas de cigarros de Rostov, Moscou e Petrogrado. O soviete de Nijni-Novgorod recolhia antecipadamente, sem controle, para fins não muito claros, uma contribuição extraordinária de 27 milhões da população abastada. Os comitês revolucionários militares, à frente dos quais freqüentemente se encontravam guerrilheiros, cobravam contribuições e procediam a requisições por conta própria³³.

Por esses exemplos, pode-se julgar em que estado estavam as finanças. O orçamento previsto para o ano oscilava entre 80 e 100 bilhões de rublos; os cálculos mais otimistas estimavam a receita em 15 bilhões³⁴.

Desordem semelhante no abastecimento. Cada soviete, cada fábrica e cada família cuidava de se abastecer sem se preocupar com os outros. Todas as medidas do Comissariado do Abastecimento eram frustradas pelas mais diversas e mais egoístas iniciativas locais. Os trens com cereais eram requisitados durante o percurso, desviados de seu destino, tomados regularmente, não faltando a redação de atas assinadas pelas autoridades locais "responsáveis", ou apenas simplesmente saqueados. Desse modo, o caminho entre Moscou e Petrogrado alimentava-se e especulava às custas de Petrogrado, que passava fome. Todas as ferrovias estavam infestadas pelos "saqueiros", especuladores varejistas ou cidadãos ousados, que partiam por sua conta e risco em busca de víveres na zona rural. Viajavam em bandos, formavam multidões e tomavam de assalto os trens, corrompiam os ferroviários, levando, cada um deles, seus 20 ou 50 kilos de trigo... Calculava-se em 20 mil os "saqueiros" entregues à especulação em Kursk; em Saratov, seriam 50 mil³⁵.

Essa desagregação social exigia, urgentemente, soluções enérgicas. As forças morais já haviam dado tudo o que podiam. Diante desta anarquia crescente, a centralização dos poderes parecia cada vez mais necessária. O Comissariado do Abastecimento exigiu e obteve do *Vtsik* o direito de casar as decisões dos sovietes locais e de demitir seus funcionários. Substituir a anarquia local pela ação do estado, substituir os comitês por dirigentes responsáveis, interessar os trabalhadores na produção, reprimir a contra-revolução que, já vigorosa na zona rural, instalava-se nos centros proletários, eram essas as tarefas prementes daquele momento.

33. Relatório de Gukovski ao Executivo Pan-russo, a 11 de abril de 1918.

34. *Ib.*

35. Relatório de Tsuriupa ao Executivo Pan-russo, a 9 de maio de 1918.

Debateu-se sobre isso no Comitê Executivo Pan-russo (o *Vtsik*), pois a república, sem possuir constituição escrita, tinha um regime constitucional já estabelecido, todo um regime interno democrático. A ditadura do proletariado não era nem a de um partido, nem a de um comitê central, nem a de algumas pessoas. Seu mecanismo era complexo. Cada soviete, cada comitê revolucionário, cada comitê do Partido Bolchevique ou Socialista-Revolucionário de Esquerda detinha uma parcela dele e a exercia a seu modo. O próprio Lenin tinha que se ater à observação de regras estritas. Precisava obter maioria no Comitê Central do partido, discutir com a fração comunista do *Vtsik* e depois, dentro do próprio *Vtsik*, enfrentar o fogo cerrado dos socialistas-revolucionários de esquerda, dos anarquistas, dos social-democratas internacionalistas, amigos duvidosos, e dos socialistas-revolucionários de direita e dos mencheviques, inimigos irreductíveis³⁶. Todos os decretos eram discutidos no correr de sessões muitas vezes acaloradas. Nelas os inimigos do regime desfrutavam de liberdade de palavra mais do que parlamentar. Desenvolviam, com um ardor monótono, o elogio da assembleia constituinte. Impotentes, mas combativos - façamos a eles esta justiça -, não se cansavam de lavrar a ata de acusação dos ditadores. "A autocracia dos comissários provocou, em seis meses, a ruína completa da Rússia, devastada pelo imperialismo alemão, bradou um socialista-revolucionário de direita, reclamando a constituinte, a anulação do tratado de Brest-Litovsk e a retomada da guerra ao lado dos aliados. O advogado Kogan-Bernstein (socialista-revolucionário de direita) gritou para os bolcheviques: "Vão-se embora, antes que vocês sejam expulsos! Vocês só se mantêm graças às baionetas!" Denunciava a "contra-revolução de outubro" e o "inconsciente Lenin". E gritava, com Martov: "Abaixo a ditadura, viva a república, viva a constituinte!" - "Vocês são uns selvagens, loucos, bandidos!", gritava estridentemente um outro, ao fim da sessão, diante do impassível Sverdlov (14 de maio).

A argumentação dos adversários do bolchevismo reduzia-se ao seguinte: todos os males vêm da usurpação do poder pelo partido de Lenin e da vontade de impor ao país, por métodos ditatoriais e burocráticos, uma transição prematura para o socialismo. O remédio está no retorno à democracia (burguesa), à qual a constituinte ofereceria leis sábias e que o proletariado conduziria na direção do socialismo...

36. Os debates do *Vtsik* eram geralmente presididos por Sverdlov. A fração comunista era dirigida por Sosnovski, habitualmente seu porta-voz. Os oradores habituais eram, além de Lenin e Trotsky, frequentemente relatores, Bukharin (pelos comunistas de esquerda), Karelin, Trutovski, Kamkov (socialista-revolucionário de esquerda), Alexandre Gay e Appolon Karelin (anarquistas), Lozovski (social-democrata internacionalista), Kogan-Bernstein (socialista-revolucionário de direita), Martov e Dan (mencheviques).

Esses debates tempestuosos tiveram fim na sessão de 14 de junho, em cuja ordem do dia os bolcheviques haviam inscrito "a ação anti-soviética dos partidos representados nos soviets". O relator, L. Sosnovski, concluía ser necessário excluir do Executivo Pan-russo os mandatários dos partidos que fomentavam a guerra civil contra os soviets e se aliavam ao inimigo. Assim foi decidido e os soviets locais foram convidados a imitar o exemplo. Os socialistas-revolucionários de esquerda votaram contra. Esse era um grande passo, de fato, rumo ao monopólio da vida política no seio da ditadura do proletariado. Até aquele momento, aquela ditadura não parecia ser incompatível com a existência legal de partidos, agrupamentos e jornais inimigos, hostis, neutros, duvidosos, amigos (amigos condicionais...). Haviam-se instituído no *Vtsik* costumes, de certa maneira, parlamentares. Já vimos em que circunstâncias teve início a aniquilação da imprensa burguesa. A aliança manifesta dos socialistas-revolucionários de direita com os tchecoslovacos e a agitação grevista dos mencheviques³⁷, concordando com a intervenção, determinaram a colocação desses partidos fora da lei. Medida essa, na verdade, ainda não definitiva: Lenin, mais tarde, fará convidar ao *Vtsik* seus velhos adversários Martov, Dan, Abramovitch, aos quais não temia e cuja oposição considerava útil.

No final de junho, simultaneamente às vitórias dos tchecoslovacos e aos distúrbios na zona rural, a agitação menchevique atingiu o apogeu nas cidades operárias. Em Petrogrado, um comitê de mandatários operários proclamou a greve geral para 2 de julho: foi um fracasso, mas certo número de empresas deixou de funcionar. A 21 de junho, desconhecidos abateram a tiros de revólver o tribuno Volodarski, orador e publicista inflamado, quando voltava de um comício na fábrica. Foi o primeiro atentado político em que a contra-revolução foi bem sucedida.

37. A situação dos social-democratas mencheviques, nessas circunstâncias, era das mais falsas. Os socialistas-revolucionários de direita defendiam, de armas em punho, o mesmo programa prático que eles (assembleia constituinte, retorno à democracia); os mencheviques evitavam, no entanto, recorrer às armas, na esperança de se tomarem, na futura democracia, o partido de oposição operária. Eram acusados - com razão - de serem cúmplices dos brancos e dos tchecoslovacos. Desmentiam essas "afirmações caluniosas" e "restabeleciam a verdade..." que era, por exemplo, que os operários mencheviques se declaravam neutros quando as milícias vermelhas lutavam contra os tchecoslovacos ou contra os bandos de Savinkov.

14 - ESTADO DE CLASSE, EXÉRCITO DE CLASSE

Tanto quanto de trigo, precisava-se de armas. Pão e exército, ou a república estava perdida. "O voluntarismo", diria pouco depois Trotsky, "não fez jus a nossas esperanças a não ser numa terça parte." O nascente exército vermelho atraía muitos elementos instáveis, que ali vinham obter alimento durante algum tempo e... também armas. Não obstante, o país socialista só podia ser realmente defendido pelo conjunto dos cidadãos válidos: as condições da guerra moderna exigiam a mobilização das massas. Bem o sabiam os dirigentes da revolução. O voluntariado, a seu ver, não passava de um "compromisso provisório resultante de circunstâncias tragicamente difíceis". O Executivo Pan-russo dos Sovietes havia aprovado, a 22 de abril, a instrução militar geral e obrigatória para os homens de 16 a 40 anos (a dos jovens de entre 16 e 18 anos era chamada preparatória). Essa instrução deveria ser ministrada a eles por no mínimo doze horas semanais durante oito semanas. Ao mesmo tempo dessa medida, o Executivo aprovou o texto do juramento dos soldados vermelhos³⁸: "Filho do povo trabalhador, cidadão da República dos Sovietes, aceito o título de soldado do exército operário e camponês e juro" [aprender a profissão das armas, manter com cuidado minhas armas, munições e acessórios, ser disciplinado, defender minha dignidade e a dos outros], "orientar todos os meus pensamentos e minhas ações no sentido da grande finalidade da emancipação dos trabalhadores" [e] "não poupar minhas forças nem a própria vida pela República dos Sovietes, o socialismo e a fraternidade entre os povos"; - "seja eu desprezado e punido se violar este juramento!"

As ofensivas dos tchecoslovacos, vitoriosos sem o disparo de um só tiro, revelaram a impotência militar da república. Dispersos por vastos territórios entre o Volga e Vladivostok, os

38. Esses diversos textos foram redigidos por Trotsky e aprovados por proposta sua. O decreto sobre a instrução militar começava com as palavras: "Libertar a humanidade do militarismo e da barbárie dos sangrentos conflitos entre os povos, eis uma das finalidades essenciais do socialismo [...]"

tchecoslovacos não constituíam, em parte alguma, uma força de real importância; sua coesão, sua disciplina, sua decisão é que os tornava temíveis em contraposição à desagregação e à desorganização que os rodeava. Ao longo da Transiberiana e na região de Tcheliabinsk, os soviets locais não opuseram nenhuma resistência concreta à intervenção. Determinados soviets procuravam evitar, em prejuízo de localidades vizinhas, a luta necessária. Não se davam conta da gravidade dos acontecimentos. Acreditavam ser desentendimentos, sedições parciais, incidentes que acabariam por ser controlados: não percebiam que se tratava de uma guerra, uma guerra de morte. Quando os tchecos ocuparam Tcheliabinsk, o soviete que, durante nove dias, tolerara, sem qualquer reação, os preparativos do inimigo, deliberou inutilmente durante dois dias, recusou-se a armar os prisioneiros húngaros que se ofereceram e não se interessaram pelas tropas operárias que se formaram espontaneamente. Outros soviets, especialmente na Sibéria, negociaram com os tchecos, concluíram tréguas, na verdade facilitaram, por inconsciência política, a ação do inimigo. A ordem implacável de Trotsky: fuzilar os que se recusassem a depor as armas, não foi aplicada em parte alguma. Mansidão que custou caro! E no entanto havia, por toda parte, unidades do antigo exército, desorganizadas, mas que podiam ter sido utilizadas. (As melhores milícias vermelhas combateram na Sibéria contra o atamã Semenov, nos confins da Manchúria, e em outras partes contra os bandos brancos.) Faltava agora aquela iniciativa das massas revolucionárias, que, em novembro e dezembro, havia produzido a marcha triunfal da Revolução de Outubro; e isso por razões diversas: uma primeira seleção havia retirado dos soviets locais as melhores forças revolucionárias, o país tinha a sensação de uma vitória definitiva, de onde o repouso; as privações e os perigos faziam surgir entre os trabalhadores que ficaram para trás - porque eram atrasados - uma certa prostração; os camponeses hesitavam. - Era preciso, dali para frente, substituir a falta de iniciativa das massas pela coerção e pela organização, substituir a insurreição permanente dos guerrilheiros por um exército regular.

A energia inflexível e incansável de Trotsky provia a todas as tarefas de organização do exército, que se tratava de tirar do caos. Foi preciso quebrar inúmeras resistências no interior mesmo da revolução. Os socialistas-revolucionários de esquerda e os comunistas de esquerda, representando um estado de espírito muito disseminado, defendiam os guerrilheiros, combatiam a teoria do exército revolucionário, opunham-se à utilização de antigos oficiais. Os comunistas de esquerda denunciavam, em suas teses, "o restabelecimento prático, no exército, do antigo corpo de oficiais e do comando dos generais contra-revolucionários". Defendiam o princípio da elei-

ção dos chefes. Os desmentidos cruéis que a realidade lhes lançaria no rosto iriam, em poucos meses, dar fim a esses desacordos.

O proletariado não tem chefes militares: "Que tome a seu serviço os que serviram às outras classes", dizia Trotsky. Mas esses oficiais, esses generais não eram contra-revolucionários? Sim. Instituíam-se a dualidade de comando. Ao lado de cada oficial se postaria um "comissário", conselheiro e responsável político. O comissário recebia os relatórios juntamente com o comandante, cujas ordens referendava, "atestando, desse modo, perante os operários e os camponeses, que elas não constituem maquinações contra-revolucionárias". A responsabilidade das operações incumbia apenas ao comandante: não cabia ao comissário apreciar a qualidade militar das ordens dadas; se não as aprovasse, desse ponto de vista, só poderia reportá-lo ao Conselho Militar Revolucionário (Ordem do Comissário para a Guerra, 6 de abril de 1918).

Foram tomadas medidas para *obrigar* os oficiais a servir no exército vermelho. "Ponhamos fim ao parasitismo militar", isso significava cancelar as reservas da contra-revolução. Os oficiais haviam recebido sua instrução às custas do povo: que o servissem, pois! - Uma proclamação, dirigida aos que se haviam juntado ao atamã Krasnov e incendiavam o Don, prometia a eles o perdão do proletariado e *serviço*, desde que se rendessem sem demora. Os demais seriam fuzilados. - Por outro lado, era preciso impor o respeito aos oficiais e aos generais, "ainda que conservadores, que aceitem trabalhar nas circunstâncias difíceis de hoje; eles valem mais do que os falsos socialistas intrigantes /.../ e, entre eles, encontramos muito mais homens de valor do que poderíamos esperar /.../"³⁹.

Os mencheviques não deixaram de fazer lembrar ao Executivo Pan-russo dos Sovietes a sombra do bonapartismo. - Um exército? Generais? Tenham cuidado com os Kornilov, lembrem-se de Napoleão! O organizador do exército respondia a eles com sua voz metálica imperiosa e escarnecedora: -Kornilov? Mas se vocês é que o alimentaram e formaram. Nosso exército será um exército de classe, como nosso estado é um estado de classe. "Afirmamos e proclamamos o monopólio proletário do exército." Se nossos generais quisessem imitar seus antecessores na história das revoluções, saberíamos fazê-los lembrar-se de nossa lei... Observemos que Dan e Martov citavam mal a história da França, que lhes fazia perder de vista que, no século das grandes indústrias mecânicas, do capital financeiro e do proletariado, o bonapartismo não podia mais apresentar formas tão desgastadas como ao fim do século XVIII.

39. L. TROTSKY, *Como se Amou a Revolução*, t. I, documentos de abril-junho de 1918.

Não que faltasse aos chefes militares o desejo de desempenhar o papel de Pichegru. O almirante Chastny deu início a uma série de traições. Ele se tornara célebre nos últimos dias de abril, ao salvar a frota do Báltico que, bloqueada pelo gelo em Helsingfors, iria cair em mãos dos alemães. Chastny a conduziu a Kronstadt. As instruções que tinha eram: defender a frota e preparar sua destruição, caso ela devesse cair nas mãos do inimigo. O almirante estimulou a desconfiança das tripulações contra o poder, tortuosamente acusado de querer a destruição da frota... Oficiais da divisão mineira lançaram a palavra de ordem de "ditadura da frota". Trotsky mandou prender o almirante. -"Quando os senhores almirantes e generais começam, em tempo de revolução, a fazer seu próprio jogo político, é de se esperar que assumam a responsabilidade por isso. O almirante Chastny perdeu a partida", disse Trotsky no Tribunal Revolucionário Supremo, a 20 de junho. O almirante foi executado.

II-A CRISE DE JULHO-AGOSTO

1 - MAPA DA RÚSSIA

Os meses de julho e agosto de 1918 foram os mais críticos. Até mesmo a crise de 1919, ainda mais prolongada, mais sombria e mais dolorosa, não atingiria aquele paroxismo de guerra entre classes. Depois de sofrer o violento ataque do imperialismo germânico, a República dos Sovietes sofreu o da intervenção dos aliados no interior mesmo do país. A monstruosa coalizão dos austro-alemães com os aliados efetuou-se contra ela, em verdade, no momento exato em que Ludendorf desencadeava, na Soma e sobre o Aisne, suas derradeiras e desesperadas ofensivas em direção a Paris... O atamã Krasnov, que dominava a região do Don, era, ao mesmo tempo, abastecido de armas e de munição pelos alemães e estimulado pelos aliados.

Observem o mapa. Os fino-alemães, transpondo a fronteira finlandesa, ameaçavam a linha de Murmansk. Os aliados (os britânicos) ocupavam, ao norte da costa de Murmansk, Kem, Onega, Arkhangelsk e Chenkursk. A frente de batalha do norte se estendia por perto de 1.400 Km². A frente alemã estendia-se, quase em linha reta, do golfo da Finlândia à Ucrânia, sobre mais de 600 Km². Os alemães dominavam Pskov e Minsk. Ocupavam a Ucrânia toda. O atamã Krasnov instituiu como estado contra-revolucionário o território dos cossacos do Don (Rostov). O Kuban estava quase inteiramente ocupado pelos brancos (general Alexeiev). A Géorgia menchevique, como sabemos, era "independente". Baku convocou os ingleses. As frentes de batalha do sul se estendiam por mais de 1.500 Km². Os cossacos de Dutov dominavam a zona rural na região de Oremburgo (ao sul dos Urais). Os tchecoslovacos dominavam o Volga, Kazan, Simbirsk (hoje Ulianovsk), e Samara, Kursk, Voronege, Tsaritsine (hoje Stalingrado) estavam ameaçadas. Na verdade, a república estava reduzida ao território do grão-ducado de Moscúvia, tal como fora no século XV. As embaixadas dos aliados estavam em Vologda. No interior, a contra-revolução se apoderou de Yaroslavl e ameaçava Rybinsk, Kontroma, Murom e Nijni-Novgorod, nas vizinhanças da capital. Na zona rural, os agricultores ricos fomentavam as sublevações. As províncias de Tambov, de Riazan, de Yaroslavl e de Penza são vítimas das *chouannerie** dos *kulaks*.

* Insurreição semelhante à realizada por guerrilheiros da oeste da França, locais do rei, contra a revolução, em 1795. A palavra deriva de Jean Chouan, um dos chefes desses insurretos.

Acompanharemos de perto os acontecimentos não menos graves de Moscou e de Petrogrado. O perigo está por toda parte.

Os dados que se seguem permitirão avaliar a que grau chegara a fome. A população das grandes cidades estava dividida, do ponto de vista do racionamento, em quatro categorias: 1ª trabalhos pesados; 2ª trabalho físico comum e trabalho intelectual intenso; 3ª trabalho intelectual; 4ª ociosos. Eis, como exemplo, quais as rações destinadas a essas categorias a 3 e 4 de julho e a 14 e 15 de agosto, em Petrogrado.

3 e 4 de julho. Ração para dois dias. 1ª categoria: 200 g. de pão, 2 ovos, 400 g. de peixe, 5 arenques; 2ª categoria: 100 g. de pão, 2 ovos, 400 g. de peixe, 5 arenques; 3ª categoria: 100 g. de pão, 400 g. de peixe, 5 arenques; 4ª categoria: 50 g. de pão e 5 arenques.

14 e 15 de agosto. Ração para dois dias. 1ª categoria: 200 g. de pão; 2ª categoria: 100 g. de pão. 3ª categoria: 50 g. de legumes secos e 5 arenques; 4ª categoria: 5 arenques.

A 2 de julho, os aliados ocuparam Murmansk. Pretendiam com isso, segundo declarações oficiais, proteger os estoques de armas, víveres e munições deste porto contra as investidas dos fino-alemães. A missão militar francesa arma e envia para o norte prisioneiros de guerra servios e italianos. Foram infundáveis as hesitações dos governos aliados quanto à intervenção; mas a paz de Brest-Litovsk, condenada como uma "traição à causa dos aliados" e seguida de grandes ofensivas alemãs contra a frente de batalha francesa, criou, na Europa ocidental, até mesmo entre as massas populares que freqüentemente aceitavam a lenda dos "bolcheviques vendidos ao Kaiser", um estado de espírito relativamente favorável à intervenção. A chegada das tropas norte-americanas à França atalhou a crise dos efetivos e permitiu planejar operações na Rússia. Por outro lado, os homens de estado começaram a compreender a natureza social do bolchevismo. Os mais esclarecidos quanto a isso eram, naturalmente, os embaixadores aliados refugiados em Vologda. Francis, embaixador dos Estados Unidos, e Noulens, embaixador da França, eram, como sabemos, partidários da intervenção; o encarregado dos negócios britânicos, Lockhart, estava irrestritamente ao lado deles. Naquele momento, o objetivo das missões diplomáticas e militares dos aliados na Rússia era duplo: impedir a consolidação do poder dos soviets e demonstrar aos governos de Londres, Paris e Washington, mediante o êxito da contra-revolução no interior do país, a oportunidade e as grandes chances de uma intervenção ativa.

Diversos governos contra-revolucionários se cristalizaram na Sibéria, onde os tchecoslovacos se dispunham ao longo da Transiberiana, enquanto os japoneses ocupavam Vladivostok.

É preciso que se tenha bem presente esse mapa da Rússia, para poder acompanhar os acontecimentos.

2 - OS CHEFES

Detenhamo-nos por um momento a respeito dos homens que se encontravam à frente desses acontecimentos. Mais tarde, viriam a parecer gigantes. Iria procurar-se descobrir, por detrás dos atos, dos fatos e das datas da história, os traços humanos que possuíam. Naquele momento, no entanto, eles nos pareciam tão simples, em sua familiar grandeza! A divisão de papéis entre eles estava definida: cada um cumpria sua tarefa.

Vladimir Ilitch Ulianov ("N. Lenin" era um antigo pseudônimo de escritor ilegal) tinha 48 anos. Era um homem de estatura mediana, espáduas largas, podia se dizer corpulento, com passos rápidos e gestos vivos. Maças do rosto pronunciadas, nariz carnudo, testa larga que uma calva prolongava. Uma barbicha arruivada alongava seu rosto comprido onde olhos azuis muitas vezes cintilavam, maliciosamente. Uma impressão de saúde, de equilíbrio, de força muito simples. Surpreendia tanta simplicidade no homem de gênio. Ria gostosamente, aparentemente jovial e bonachão; quando escutava, a testa apoiada na mão, exibia às vezes um ar de esperteza dissimulada, os olhos às vezes velados, os traços duros, uma expressão terrível de tenacidade de pensamento; uma de suas expressões habituais, porém, era um alegre sorriso aberto, aprovador (como que dizendo: "pois é, é isso aí!") ou sarcástico. Como orador, não era enfático, era alheio a todo tipo de retórica, obstinado em persuadir, em demonstrar, com uma dialética precisa, escorada no bom senso, fortalecida pela pertinácia; os gestos eram curtos, abertos, de certa forma materializando o argumento. Tanto quanto o publicista, o orador era um realista poderoso que arrebatava e convencia.

Era de origem burguesa. Sua vida: desde os 20 anos, desde a universidade (em São Petersburgo), a propaganda e a agitação. A lembrança de um irmão, jovem terrorista, que fora enforcado. Um ano de prisão, dois anos desterrado na Sibéria, o exílio em Munique, depois em Londres, a fundação do partido, as polémicas, as lutas incessantes, o estudo e a elaboração de uma doutrina, a ação clandestina na Rússia, durante a revolução de 1905, os congressos internacionais, o trabalho quotidiano em Genebra, Paris, Cracóvia,

Zurique, durante a guerra. Sempre o mesmo esforço perseverante no correr de quinze anos: construir o partido, preparar a revolução. A mesma existência paradoxalmente regular de revolucionário profissional, na Inglaterra, na Suíça, na França, na Galícia, moradias modestas, bibliotecas, redações de pequenos jornais ilegais, reuniões; os camaradas, o chá, longos passeios de bicicleta... Não faltaram os tempos sombrios: no entanto, jamais o desânimo, jamais a dúvida. O erudito dominava a fundo quatro línguas (russo, inglês, alemão e francês), a sociologia marxista, a história do capitalismo e do movimento operário, a política russa. Dedicou-se à filosofia para refutar a tendência idealista do partido. O revolucionário possuía a experiência de três revoluções. Traço essencial de seu caráter era a unidade entre ação, o pensamento, a palavra, a vida individual e a missão política. Lenin era talhado num só bloco, dedicado, de maneira total, permanentemente à sua tarefa que era também sua missão e que se confundia com a do proletariado. Era enorme seu prestígio como fundador do partido e guia da revolução; no entanto, dentro do partido que havia formado, ninguém temia contradizê-lo, e assim também achava que devia ser. Utilitarista, por vezes temperamental, tinha as mãos absolutamente limpas. Naquele momento, era o chefe do partido e do governo. Traçava os caminhos e indicava o objetivo. Era o cérebro da revolução. "Lenin é uma máquina de pensar admirável, um mecanismo voluntário e lógico de precisão e força incríveis, que se inseriu no grande movimento revolucionário, que ali se adaptou maravilhosamente, que dele é parte integrante e a força motriz."¹

Leon Davidovitch Trotsky (cujo nome verdadeiro era Bronstein) parecia muitas vezes equivalente a Lenin, muito embora de bom grado reconhecesse àquele a preeminência² (questões essas que não têm, porém, importância alguma). No VII Congresso do partido, os dois chefes haviam sido eleitos para o Comitê Central com o mesmo número de votos. Trinta e nove anos. O homem é de talhe delgado, largos ombros marciais, sóbria elegância natural. Rosto alongado, testa larga, vasta cabeleira de tufos rebeldes, olhos verdes, olhar vivo, penetrante, sagaz, aguçado por detrás das lentes do lornhão, de reflexos metálicos, perfil bem marcado, a curva

1. *Quarenta Cartas de Jacques Sadoul*. Encontram-se nesse livro belos retratos dos homens da Revolução Russa, notavelmente fiéis, ainda que um pouco apressados.

2. "Trotsky proclama em alto e bom som, de maneira muito elegante e, o que é ainda mais valioso, com total sinceridade, que Lenin é o chefe incontestável da revolução russa." "Lenin e Trotsky dão, a todos os que os vêem de perto, o exemplo da mais íntima união e da mais fecunda colaboração." Jacques Sadoul, 11 de maio de 1918 (*Quarenta Cartas*). Essa colaboração numa total comunhão de pensamento e de ação faz lembrar a que havia entre Marx e Engels.

da boca, que era grande, acentuando a firmeza, às vezes dura, dos traços. Uma barbicha pontuda longa e acentuada esse rosto enérgico e fino. O caráter, ao mesmo tempo fechado, distante e aprazível. Os gestos, autoritários como a dicção. Discursando, uma voz excepcionalmente clara e forte, audível à distância, que destaca frases breves, incisivas, provocantes, construídas com a certeza de uma dialética sempre clara. Fórmulas de precisão científica e de forma impecável. Uma ironia amarga, desdenhosa e precisa, que atinge fundo o adversário. Essa fala inteligente e voluntariosa levanta as multidões, pois sabe expressar a grandeza, a força e a necessidade em termos de clareza épica. O estilo do publicista equivale ao do orador, com admirável adequação entre fundo e forma. Biografia: nascido em 1879, em Kherson, de origem judia e burguesa. Revolucionário desde os 17 anos. Aos 18, 19 anos, membro da União Operária do Sul da Rússia (ilegal, naturalmente), em Nikolaev. Dois anos de prisão (educação marxista na prisão). Dois anos de exílio em Ust-Kut (Sibéria). Fuga. Emigração. Viena, Zurique, Paris, Londres, primeiro período de colaboração com Lenin, em 1903, na redação do *Iskra*. Depois da cisão do Partido Social-Democrata, em 1903, afasta-se de Lenin quanto a questões de organização e, durante curto período, juntou-se à oposição minoritária (menchevique); porém, como os mencheviques logo se mostrassem partidários da colaboração com os liberais, abandona-os, permanecendo fora de ambas as facções, mais à esquerda dos bolcheviques. Retorno ilegal à Rússia, durante a revolução de 1905. Inimigo de todo o tipo de oportunismo e, desde então, partidário da ditadura do proletariado e da revolução socialista, colabora com os bolcheviques. Presidente do Soviete de Petrogrado. Preso com o sovieta, a 3 dezembro. Prisão, trabalhos de história e de teoria, deportação para Obdorsk, às margens do Obi, na região ártica, evasão e fuga para o estrangeiro. Viena, colaboração com os socialistas alemães e austríacos, publicação do *Pravda* com Ioffe. Correspondente de guerra nos Bálcãs. Expulso da Áustria em 1914; internacionalista durante a guerra, condenado na Alemanha; redator do *Nache Slovo*, em Paris, e colaborador dos sindicalistas franceses da *Vida Operária*. Expulso da França em 1916. Expulso da Espanha, vai para Nova York; colaboração com a imprensa revolucionária dos Estados Unidos. Parte para a Rússia, no início da revolução, e é internado no Canadá. Afirmava, desde então, uma concepção de revolução análoga à dos bolcheviques. Retorno a Petrogrado; após os tumultos de julho, temporada nas prisões de Kerenski... No decorrer dessas lutas, acompanhadas de trabalhos, o teórico adquiriu uma cultura européia. Quatro línguas. Principal organizador da insurreição de outubro era, agora, o encarregado de organizar a defesa da Repú-

blica dos Sovietes. Lutou, organizou a guerra, assumiu a responsabilidade por todas as frentes de batalha. Encarnou, da forma mais elevada, a vontade de viver da revolução.

Lenin e Trotsky têm em comum o método de trabalho, baseado na pontualidade, na economia de tempo e de forças, na disciplina, na responsabilidade e na iniciativa dos colaboradores. São organizadores natos e criam equipes inteiras de organizadores.

A defesa externa precisava ser completada pela defesa interna. O homem a quem o partido confiou a difícil missão de fazer abortar a conspiração permanente, de ser a vigiância, a severidade e o terror a serviço do proletariado chamava-se Félix Edmundovitch Dzerjinski. Era grande, magro, de traços angulosos, olhar penetrante. Seus inimigos mortais - só desse tipo é que os tinha, pois a luta entre eles era uma luta de morte - admiram sua probidade ascética, sua firmeza inquebrantável, sua espantosa capacidade de trabalho. Quarenta e um anos. Polonês de origem burguesa. Revolucionário marxista desde os 18 anos. Preso cinco vezes, três vezes deportado, fugitivo três vezes, condenado em 1912-1914 a dez anos de trabalhos forçados, recluso durante cinco anos, libertado com a queda do czarismo, membro do Comitê Revolucionário Militar de Petrogrado, que fez a insurreição de outubro, presidente da Comissão de Repressão da Contra-Revolução (*Ve-Tcheka*) desde sua fundação, a 17 de dezembro de 1917, Dzerjinski era um homem de fé. Desde a adolescência, dedicara a vida, com ardor de poeta, à transformação do homem e da vida. Seu *Diário* de prisão é penetrado de profundo idealismo. "Tinha o mais profundo amor pelos homens, escreveu Karl Radek, e apenas a convicção de que qualquer fraqueza poderia acarretar calamidade para as massas é que lhe permitia fazer baixar, inflexivelmente, o gládio da revolução."

Pode-se entrever, por detrás de Lenin, a alta estatura e o rosto de intelectual de Iakov Mikhailovitch Sverdlov, que já conhecemos³. Era o organizador por excelência do partido e da república, cuja constituição acabara de redigir.

Gregory Evseitch Zinoviev (Radomysslski), colaborador de Lenin desde 1907, teórico, vulgarizador e tribuno, defendeu em Petrogrado uma das posições mais avançadas e mais ameaçadas da república. Presidente do Comitê Executivo da Comuna do Norte, era o ditador de uma grande cidade operária faminta, devastada pelo cólera, contra a qual todos os ataques eram possíveis. Seu colaborador, Volodarski, operário alfaiate que retornara dos Estados Unidos, orador e publicista implacável, acabava de ser assassinado por desco-

3. Ver, no cap. IV (A Constituinte, Desmoronamento), a nota biográfica dedicada a I. M. Sverdlov.

nhecidos (por socialistas-revolucionários de direita, como se viria a saber depois, quando o organizador desse atentado aderisse ao bolchevismo). A cabeça desganhada de Zinoviev, o rosto glabro, algo balofo, andar desajeitado, gestos largos, voz baixa, às vezes estridente, bem audível, linguagem implacável, muitas vezes enfrentou e dominou, nas fábricas da antiga capital, o descontentamento e a cólera de um proletariado cujos melhores filhos estavam na frente de batalha e que morria de fome.

Falta ainda mencionar, aqui, um homem que não se vê: o dr. Aldolfo Abramovitch Ioffe, embaixador da república em Berlim⁴, junto a S.M. imperial e real Guilherme II. Funções delicadas, para as quais convinha uma sombra discreta; funções importantes que demandam capacidades fora de série. Os alicerces do império alemão estavam minados, já se ouvia estalar o edifício. Seu desabamento seria a salvação da revolução russa, talvez o sinal para a explosão revolucionária na Europa. O primeiro embaixador bolchevique a hastear sobre sua residência berlinense, em plena guerra, a bandeira vermelha, teve, paradoxalmente, a missão de evitar uma retomada das hostilidades e de preparar a revolução alemã. Nenhuma residência de espartaquista era mais vigiada que sua casa; e ninguém praticava melhor do que ele o culto das aparências... Mas a tarefa foi cumprida. O dr. Ioffe tinha 35 anos, testa larga, tipo semítico bem marcado, lábios carnudos, uma barba assíria, a postura pesada de um homem de negócios ou de ciência, formado em Berlim. Já era social-democrata aos 16 anos, em sua cidade natal, na Crimeia. Estudou medicina na Alemanha, de onde, aliás, o chanceler Von Bülow o expulsara em 1907. Esteve preso por várias vezes, organizou transportes ilegais de literatura para o Cáucaso, organizou a fuga de um camarada do *Potenkin*, em Sebastopol, cumpriu uma série de missões clandestinas na Rússia durante os anos da reação, foi condenado a trabalhos forçados e deportado durante quatro anos (até a revolução) em Tobolsk. A revolução estava dignamente representada junto ao Kaiser...

Outra grande figura não aparece nesta obra, em primeiro plano, muito embora aí esteja. Somos forçados a fixar nossa atenção sobre o centro mesmo dos acontecimentos e de deixar de lado, deliberadamente, as peripécias da revolução na Ucrânia. O bolchevismo, apoiado em sublevações camponesas, disputava aquele celeiro de abundância com a

4. Ioffe, primeiro embaixador da revolução na Alemanha, teria uma longa e brilhante carreira de diplomata revolucionário. Dirigiu os entendimentos de paz com a Estônia, a Lituânia, a Letônia e a Polônia (1920-1921), representou os soviets na China, onde conseguiu levar Sun-Yat-Sen para a orientação soviética em Tóquio e, depois, em Viena (1925). Sofrendo de um mal incurável, pôs fim à vida em 1927 (Moscou), solidarizando-se, pela derradeira vez, com a oposição do PC.

ditadura de Skoropadski, que se alicerçava na ocupação alemã. O homem do bolchevismo em Kiev chamava-se Christian Racovski. Naquele momento, negociava a paz entre a Ucrânia e a República dos Sovietes. Na verdade, observava, esperava, lutava e preparava. Mais tarde, seria, durante muitos anos, o chefe do governo soviético da Ucrânia, a alma da revolução proletária naquele país devastado, em quatro anos, por umas quinze invasões e repetidos ataques da contra-revolução. Christian Racovski foi, na flor da idade, um velho socialista europeu habituado aos congressos internacionais, afrancesado por longos períodos vividos em Paris, russificado por prolongados contatos com os russos. De origem búlgara e nacionalidade romena, tem um nome que pertence à história da Bulgária e que acabava de fazer entrar para a história da Romênia. Internacionalista revolucionário durante a guerra, como sempre fora, apegado à idéia da Federação Socialista dos Bálcãs, muitas vezes perseguido, temido em Bucareste como inimigo mortal do regime, sempre ameaçado de assassinato, saiu, a 1 de maio, da prisão de Jassy, aclamado pelos soldados russos que lhe haviam aberto as portas, para, logo a seguir, constituir em Odessa o primeiro governo revolucionário da república romena. Ágil e elegante, latino na aparência e no espírito, esse *gentleman* de belo rosto glabro, esse tribuno de voz áspera, aliava a uma inteligência ocidental infinitamente sutil a mais sólida firmeza revolucionária.

3 - O PARTIDO E OS HOMENS

Por detrás dessas grandes figuras do primeiro plano, havia, sem dúvida, grande número de outras tão ativas e enérgicas quanto as primeiras, preparadas para substituí-las, caso viessem a desaparecer. A revolução era rica de homens porque despertava para a atividade criadora as incontáveis massas de classes sociais plenas de uma seiva jovem não utilizada. As figuras de segundo plano eram muitas e mereceriam ser estudadas. Dentre elas, eram inúmeras, também, as que apenas esperavam o acontecimento propício para se erguer em toda sua nova dimensão. Contudo, a seleção de chefes que se fizera nada teve de arbitrária, nem de injusta: hoje, a distância dos anos permite julgá-la. Ela resultou de 20 anos de preparação revolucionária e de 18

meses de tormentas, e não da arbitrariedade de um congresso ou de escrutínios eleitorais.

Sem dúvida, esses homens só foram grandes e fortes graças à grandeza e à força do partido, este, por sua vez, grande e forte pela força das massas, das classes sociais. Não aprofundaremos, aqui, o problema do papel da personalidade na história. As classes, as massas e o partido agiram por intermédio dos indivíduos, demonstrando de modo preciso sua aptidão para a vitória pela escolha que fizeram dos indivíduos. Se Lenin e Trotsky fossem assassinados em setembro de 1917, não se teriam diminuído consideravelmente as chances de vitória da revolução? O desaparecimento deles naquele momento, em julho-agosto de 1918, não se compararia ao desaparecimento do experimentado lobo-do-mar que, num navio em curso sacudido pela tempestade em alto mar, engloba em sua cabeça o máximo de chances de salvação? Lenin possuía essa inquietação. "Diga-me", perguntou ele um dia a Trotsky, "se os brancos nos matarem, a você e a mim, você acredita que Bukharin e Sverdlov darão conta do recado?" O adágio inglês, surpreendentemente justo no que se refere a negócios: *The right man in the right place* (O homem necessário no lugar que lhe convém) aplica-se, ainda com mais justeza, à luta de classes. E foi criticamente significativo que o antigo regime e, depois, a burguesia russa não tivessem conseguido encontrar nem pôr no devido lugar os homens de que teriam tido necessidade, enquanto o proletariado os encontrou imediatamente; como é significativo que, cada vez mais e no mundo todo, a burguesia seja obrigada a tomar de empréstimo chefes políticos e homens de estado, se não ao proletariado, pelo menos ao socialismo.

Vimos que Lenin, salientando a importância salvadora da autoridade individual, demonstrou a compatibilidade entre a ditadura pessoal e a do proletariado. A imensa força das classes revolucionárias apresenta-se, de fato, como uma força elementar que é preciso canalizar, conter, dirigir, organizar, para que possa vencer as forças já organizadas das classes contra-revolucionárias. Uma classe social bem organizada e bem dirigida acabará por impor sua lei a classes muito mais fortes que ela mas desprovidas de organização e de direção. Diferença análoga existe entre uma numerosa multidão confusa e um pequeno exército. O partido é o fermento organizador das massas operárias e camponesas. Nesses momentos, sua função é múltipla: ele expressa as aspirações mais gerais e mais necessárias das multidões e as traduz em atos conscientes; atrai, mobiliza, enquadra e disciplina os elementos mais ativos das classes que representa; dentre eles, seleciona os administradores, os condutores, os chefes; institui entre os chefes e as massas um grande núme-

ro de contatos e de intercâmbios permanentes, seja nas grandes assembléias, nos congressos, nos comícios ou no trabalho quotidiano; finalmente garante que, no interior da classe operária, predomine o elemento consciente sobre os elementos atrasados e que a inteligêncica e os instintos superiores vençam as influências estranhas, as taras herdadas, os instintos inferiores.

4 - O V CONGRESSO DOS SOVIETES

Os anglo-franceses desembarcaram, a 1 de julho, em Murmansk; os brancos entraram, no dia 2, em Oremburgo; dia 3, os tchecos entraram em Ufa. O V Congresso Pan-russo dos Sovietes se reuniu dia 4.

A ele estiveram presente 1.164 deputados, dos quais 773 comunistas 353 socialistas-revolucionários de esquerda, 17 maximalistas, 10 sem partido, 4 anarquistas, 4 social-democratas internacionalistas e 3 representantes de nacionalidades. O congresso foi aberto por uma declaração urgente do comissário para a Guerra, Trotsky. Naquele instante se travava a batalha política. Na região de Kursk, próxima à fronteira ucraniana, controlada pelos alemães, observava-se uma agitação inquietante entre as tropas vermelhas. Elas eram estimuladas à guerra contra os alemães. Algumas unidades pediam a ofensiva. Um comissário fora morto e um chefe de brigada, ferido. Verificavam-se incursões de guerrilheiros em território ucraniano. Alguns exaltados haviam ameaçado com granadas o presidente da delegação de paz na Ucrânia, Racovski. Era preciso acabar com isso. "Dei ordens", disse Trotsky, "para fuzilar os agentes do inimigo que fomentam esses distúrbios; peço a aprovação do congresso." Clamores se cruzaram pelo salão. "Fuzilador! Kerenski!", gritavam os socialistas-revolucionários de esquerda. Na tribuna, o dirigente deles, Kamkov, aprovava em alto e bom som "o movimento amplo e sadlo que leva irresistivelmente os revolucionários russos em socorro de seus irmãos da Ucrânia". Essa aprovação formal dada aos guerrilheiros, que na verdade procuravam criar um estado de guerra, fez com que se erguessem protestos indignados. A veemência dos socialistas-revolucionários de esquerda em breve atingiu ao paroxismo. "Deixem-nos fa-

lar", gritavam, "antes de fuzilar-nos!" Zinoviev defendeu a proposição de Trotsky, que foi aprovada por maioria de dois terços. "A salvação da república", nela se dizia, "é a lei suprema. Quem a ela se opuser será eliminado." Os socialistas-revolucionários abandonaram ruidosamente a sessão e depois retornaram: o duelo se reiniciou com mais violência.

Maria Spiridonova⁵ dirigiu contra os bolcheviques ataques de uma veemência que se avizinhava à histeria. Falou da Ucrânia mártir e traída; acusou os "usurpadores bolcheviques" de "saquear a zona rural", de arruinar os agricultores, de enviar aos alemães trens carregados de ouro, de estarem inteiramente sujeitos aos alemães... Lenin abanou a cabeça desaprovadamente. Suas respostas, entrecortadas de interrupções, eram plenas de bom senso. "Um partido que faz com que seus representantes mais sinceros tombem nesse lamaçal de mentiras e de erros é um partido sem salvação." Querer rasgar o tratado de Brest-Litovsk é colocar no pescoço do camponês o nó correição da propriedade fundiária. Ganhar tempo é essencial: a república se consolida, os imperialismos dão seu último suspiro. A guerra civil é necessária ao socialismo, os partidos não devem se colocar do ponto de vista do indivíduo faminto, mas do ponto de vista do socialismo... Os socialistas-revolucionários de esquerda levantam os camponeses contra nós: guerra inexorável aos socialistas que nos abandonam enquanto uns se apoderam do trigo e outros morrem de fome! Não recuaremos diante de qualquer luta. Recensearemos e nacionalizaremos tudo, se for necessário. Nossas soluções práticas: monopólio e taxaço do trigo; preço máximo; diminuição dos preços dos artigos manufaturados, em 50% para o agricultor pobre e em 25% para o agricultor médio.

Os debates estavam nesse ponto, numa atmosfera carregada de correntes opostas, quando se soube, a 6 de julho, às 4 horas, que o embaixador da Alemanha em Moscou, o conde Mirbach, acabara de ser assassinado na legação por dois terroristas socialistas-revolucionários de esquerda, pertencentes ao corpo de funcionários da Tcheka. O congresso, que funcionava no grande teatro, suspendeu imediatamente os trabalhos, mas os deputados socialistas-revolucionários de esquerda foram impedidos de sair. Passaram a noite numa inquietação mortal, esperando ora serem libertados pela insurreição que haviam preparado, ora massacrados pelos bolcheviques, "agentes da Alemanha".

5. Estudante muito jovem, membro do Partido Socialista-Revolucionário, Maria Spiridonova executara, em 1906, o governador de Tambov, que havia reprimido cruelmente os distúrbios agrários. Detida, fora torturada pelos soldados; depois, passou onze anos na prisão siberiana de Alatui, onde o regime era de tamanha crueldade que o suicídio era o derradeiro protesto dos condenados políticos. Libertada pela revolução, Maria Spiridonova tornou-se a líder do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda. Inimiga irreductível dos bolcheviques, esteve, mais tarde, internada por muito tempo.

5 - ASSASSINATO DO CONDE MIRBACH. SUBLEVAÇÃO DOS SOCIALISTAS-REVOLUCIONÁRIOS DE ESQUERDA

A 6 de julho, por volta das 3 horas, dois funcionários da *Tcheka* chegaram de automóvel à legação da Alemanha. Traziam consigo papéis relativos a um indefinido tenente Mirbach, prisioneiro de guerra. O embaixador, um secretário e os dois visitantes sentaram-se num pequeno salão atapetado de seda cinza e rosa. Um dos visitantes, Blumkin, abriu subitamente a pasta que trazia, dizendo: "Veja, há aqui um documento que...", e dela tirou uma *browning* e atirou a queima-roupa contra o conde Mirbach. O embaixador, ferido, precipitou-se para a sala vizinha, onde caiu. Os terroristas foram atrás dele. Um atirou sobre ele uma granada que não explodiu. O outro (Blumkin) pegou-a do chão e a lançou novamente, com força, sobre o homem estendido a seus pés. O ferido ficou estraçalhado. A explosão lançou o terrorista pela janela. Um sentinela atirou nele. Seu companheiro o arastou para o carro. Não foram perseguidos⁶.

Tendo-se dirigido ao Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, Dzerjinski tomou conhecimento, ali, de que esse partido assumia a total responsabilidade pelo atentado e ali foi detido como prisioneiro. Um destacamento de tropas especiais da *Tcheka*, comandado por Popov, constituía o principal núcleo das forças socialistas-revolucionárias de esquerda que, naquela mesma noite, tomaram a ofensiva em diversos pontos da cidade. Apoderaram-se de surpresa da central dos correios e, de imediato, telegrafaram para toda parte a ordem de que se considerassem

6. Publiquei anteriormente, em *A Vida Operária* (fins de 1921), a descrição minuciosa desse atentado, tal como me havia sido feita por um dos terroristas, J.-G. Blumkin, que se tornou comunista, depois de haver, milagrosamente, escapado por duas vezes à morte, durante atentados realizados contra ele, na Ucrânia, por seus irmãos socialistas-revolucionários de esquerda "ativistas", que o censuravam por se haver aproximado dos bolcheviques. O companheiro de Blumkin, Andreiev, lutou, mais tarde, ao lado de Makhno, e foi morto.

nulas e não válidas as decisões que porventura tomasse o Conselho dos Comissários do Povo, "sendo o Partido Socialista-Revolucionário, a partir de agora, o único partido no governo". "O povo", declaravam os socialistas-revolucionários de esquerda, "quer a guerra contra a Alemanha!" No entanto, a população assistia, com uma indiferença mesclada à hostilidade, às operações das tropas nas ruas. Os socialistas-revolucionários de esquerda tinham entre 800 e 2 mil homens, 60 metralhadoras, uma meia-dúzia de canhões e 3 carros blindados. Grupos de anarquistas e de marinheiros do Mar Negro haviam se juntado a suas tropas. Tendo, ao que parece, dissimulado até o último momento, aos próprios partidários, que se tratava de tomar pela força o poder aos bolcheviques, a confusão moral de suas tropas logo os condenou à inação. Toda a sua estratégia se limitou a dar alguns tiros de canhão contra o Kremlin.

Os bolcheviques dispunham dos fuzileiros letonianos, remanescentes confiáveis do antigo exército, comandados por um oficial, sem partido mas dedicado, Vatsetis, e de um destacamento internacional composto, na sua maior parte, de prisioneiros de guerra húngaros, à frente do qual se encontrava um comunista chamado Bela-Kun. O comandante da praça de guerra, Muralov, contava ainda com alguns destacamentos do exército vermelho em formação. Todas essas tropas estavam sob a direção de dois dos homens que haviam tomado o palácio de Inverno, Antonov-Ovseenko e Podvoiski.

No dia seguinte, ao meio-dia, a revolta estava dominada. Alguns obuses lançados contra a sede do Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda pôs em fuga os insurretos. Foram presos perto de 300 deles. Alguns foram executados: entre estes, Alexandrovich, jovem militante de valor, que havia participado, em Petrogrado, de todas as lutas de 1917 e que gozava de estima geral. Substituto de Dzerjinski na chefia da *Tcheka* havia, por disciplina partidária, ludibriado seu chefe e seus companheiros para preparar a insurreição. Morreu corajosamente. Sua morte, talvez ainda mais do que o castigo de um crime de alta traição, constituiu o resgate da paz com a Alemanha.

6 - O FIM DO BLOCO SOVIÉTICO

O Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda se suicidara. Quais haviam sido seus objetivos? Seus oradores no V Congresso os haviam expresso: "Rasgar revolucionariamente o tratado de Brest-Litovsk, funesto à revolução russa e internacional; conclamar a solidariedade dos trabalhadores alemães [...]" e modificar a política do poder dos soviets em relação aos agricultores. Esse partido pretendia representar os interesses dos "agricultores trabalhadores".

Este último ponto é de grande importância. Quando dos debates do *Vtsik*, em meados de junho, a respeito dos comitês de agricultores pobres preconizados por Lenin e acerbamente combatidos por Martov, os socialistas-revolucionários de esquerda haviam se pronunciado em termos bem claros. Somos, diziam eles, favoráveis a levar a guerra civil à zona rural contra os *kulaks*; porém, achamos insensato pretender distinguir entre agricultores pobres e médios (para se apoiar nos pobres, proletários ou quase proletários); é preciso contar não somente com o agricultor pobre, mas com o agricultor médio que será "o apoio mais firme da revolução socialista na zona rural"⁷. Os socialistas-revolucionários de esquerda pretendiam substituir a fórmula de Lenin, que falava dos "agricultores mais pobres", pela expressão "agricultores trabalhadores". Em outras palavras: enquanto os bolcheviques baseavam sua política na zona rural sobre os interesses e a energia do proletariado do campo, os socialistas-revolucionários de esquerda defendiam os interesses da pequena burguesia rural - a massa dos agricultores médios - que esperavam conseguir levar consigo contra os *kulaks*. Daí suas divergências com os bolcheviques a respeito dos problemas do abastecimento. Enquanto aqueles confiavam na centralização para combater a anarquia e o desencadeamento dos egoísmos individuais e locais, os socialistas-revolucionários de esquerda preferiam deixar o máximo de iniciativa, de autoridade, de poder aos soviets camponeses que, evidentemente, na maior parte dos casos, estavam nas mãos de agricultores médios⁸.

7. Sobre a sublevação dos socialistas-revolucionários de esquerda, ver: PETERS "Lembranças", n. 10 (33) da *Revolução Proletária*; TROTSKY, *Obras*, t. XVII, 1. vol.; e o relatório de Dzerjinski.

8. Discurso de Trutovski no *Vtsik*, a 20 de maio.

Essas divergências se tornaram mais claras e se agravaram quando das discussões suscitadas pelo decreto sobre o abastecimento dos comitês de agricultores pobres em artigos manufaturados. Este decreto, declarou Karelin, lesa os interesses dos agricultores trabalhadores (médios); põe as populações das regiões inférteis e as das regiões férteis umas contra as outras; faz parte do sistema de ditadura burocrática que suprime os soviets locais. É um crime pôr uns contra os outros os soviets dos agricultores trabalhadores e os comitês de agricultores pobres⁹.

Esses fatos permitem definir o Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda como o partido dos agricultores médios. A partir daí explicam-se, a nosso ver, suas hesitações¹⁰, suas tendências anarquizantes, seu hábito de opor a espontaneidade à organização, sua aversão ao estado centralizado e ao exército regular, seu apego à guerra de guerrilhas, seu espírito democrático, frequentemente contrário ao espírito ditatorial dos bolcheviques. Mas os agricultores médios queriam a guerra? Certamente não, pois haviam, afinal de contas, imposto a paz. Se seu partido se suicidava, no sentido político da palavra, para provocar a guerra, é porque, devido à falta de independência política que caracteriza a pequena burguesia e pela exaltação de seus sentimentos e a indefinição de suas doutrinas, ele se tornara juguete de forças que veremos a seguir em ação.

Em julho de 1918, os agricultores que, de julho de 1917 a janeiro e fevereiro, haviam apoiado os bolcheviques para, graças a eles, expropriar os proprietários fundiários, haviam, no conjunto, se tornado hostis àqueles. Por seus interesses, o agricultor médio se aproximava dos *kulaks* quanto à questão primordial do comércio dos cereais. O Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, que se constituía, no que respeita a seus meios dirigentes, de intelectuais sinceramente socialistas, já não tinha, a partir de então, qualquer base social. Agravava-se a discordância entre as intenções de seus chefes e as aspirações da classe que fizera a força do partido. Isso só podia acabar numa aventura. Em casos semelhantes, nada mais resta a revolucionários idealistas do que tentar uma última chance e lançar-se à luta.

A derrota dos socialistas-revolucionários, sobrevinda ao desarmamento dos anarquistas, selou, segundo expressão de

9. Discurso de Karelin, na mesma sessão.

10. Em 1917, os socialistas-revolucionários de esquerda combateram Kerenski e Tchernov, sem chegarem, porém, à cisão de seu partido comum. Em outubro, quando se preparava a insurreição, recusaram-se formalmente a apoiá-la. Quando ela ocorreu, aplaudiram-na. Recusaram-se, porém, a participar do primeiro governo soviético e preconizaram uma grande coalizão socialista. Finalmente, entraram para o governo; logo a seguir, saíram, para poderem colaborar com mais liberdade, embora executando, com relação a ele, uma política de apoio; terminaram por uma tentativa de governarem sozinhos.

Trotsky, o fim do bloco soviético formado em novembro pela conjunção dos esforços das massas camponesas e do proletariado. Os objetivos da revolução burguesa perseguida pelos agricultores haviam sido atingidos e a contradição entre aqueles objetivos e os da revolução socialista fazia-se sentir de maneira cada vez mais cruel. Os ideólogos da pequena burguesia, solicitados por interesses e sentimentos contraditórios, acabaram por afastar-se, depois de muitas lutas internas, do partido do proletariado. Esse foi o momento escolhido pelas influências estrangeiras para intensificar sua pressão.

O fim do bloco soviético acarretou uma formidável concentração de poderes. Até aquele momento, a ditadura fora, de certo modo, democrática; havia formas constitucionais claramente expressas. A multiplicidade das atividades locais, a existência dos partidos e de grupos, as exigências da opinião pública, as tradições democráticas dos revolucionários formados na escola das democracias ocidentais, a fraqueza do poder central, tudo atuava nesse sentido. Além disso, discussões dentro do partido bolchevique nos têm demonstrado a vitalidade de sua democracia interna. Naquele momento, porém, tudo se alterava. A intervenção dos aliados, coincidindo com as sublevações dos *kulaks* e com o fim do bloco soviético, ergueu sobre a república uma ameaça de morte muito clara. A ditadura do proletariado teve que se despojar rapidamente de suas aparências democráticas. A fome e a anarquia local impuseram uma rígida concentração de poderes nas mãos do comissariado competente. A desorganização dos transportes impôs, nas ferrovias, o recurso draconiano aos métodos autoritários. A guerra, o cerco completo à revolução e a insuficiência das resistências espontâneas ao inimigo impuseram a formação, em lugar dos corpos de guerrilheiros, de um exército regular. A bancarrota impôs a centralização da política financeira. Os complôs, a criação de um poderoso aparelho de defesa interna. Os atentados, as revoltas rurais, o perigo mortal, o terror. A colocação na ilegalidade dos socialistas contra-revolucionários e o rompimento com os anarquistas e os socialistas-revolucionários de esquerda tiveram como consequência o monopólio político do Partido Comunista e, na verdade, a debilitação da constituição. Como não houvesse mais debates políticos entre partidos que representassem, através de nuances de opinião, diferentes interesses sociais, as instituições soviéticas, desde os soviets até o *Vtsik* e o Conselho dos Comissários do Povo, onde os comunistas estavam sozinhos, funcionavam no vazio; todas as decisões eram tomadas pelo partido e aquelas instituições nada mais faziam do que lhes apor o selo oficial.

A derrota do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda foi definitiva. Suas organizações e seus militantes o renegaram

em grande número. Até 1923, manteria uma sombra de existência legal, uma pequena revista e alguns deputados em alguns soviets. Após as sangrentas jornadas de julho, dividiu-se em três tendências. Alguns de seus militantes fundaram o "Partido Comunista Popular", que, logo depois, seria absorvido pelo Partido Bolchevique. Outros, perseverando na luta contra os bolcheviques, sonhariam com uma terceira revolução, colaborariam com os anarquistas ucranianos e com Makhno e tomariam parte, em 1919, do atentado anarquista contra o comitê de Moscou¹¹. Spiridonova e Kamkov adotariam uma atitude política próxima da desses "ativistas" e seriam internados. Um terceiro grupo, dirigido pelo ex-Comissário do Povo para a Justiça, Steinberg, se empenharia em manter para o partido a existência legal de uma oposição leal e, na Europa ocidental, se aproximaria dos socialistas que, em vão, procurariam fundar, entre a Internacional Socialista e a Internacional Comunista, uma internacional socialista de esquerda que, por vezes, foi chamada de a II 1/2.

7 - YAROSLAV

Enquanto lutava-se nas ruas de Moscou, os contra-revolucionários se apoderaram de Yaroslav.

Essa antiga cidade, pousada às margens do Volga, sobre a ferrovia de Arkhangelsk, entre Moscou e Vologda, era um centro industrial (aproximadamente 16 mil operários sobre cerca de 100 mil habitantes) e uma cidade religiosa, célebre por suas belas igrejas dos séculos XVI e XVII. Tão bem sucedidas eram as influências reacionárias em sua ação nesse meio provinciano que, na primavera de 1917, assistiu-se ali ao espancamento de soldados judeus por oficiais e ao linchamento de ímpios pela multidão. Os mencheviques haviam conseguido promover movimentos grevistas. O ódio aos bolcheviques era tal que eles eram tratados como empestiados. Fora preciso quebrar a resistência dos PIT e dos empregados do abastecimento. A população estava sob racionamento; o soviets impunha contribuições à burguesia. O clero organizava procissões: o soviets o considerava pessoalmente responsável em caso de distúrbios. Duzentos a trezen-

11. Uma dúzia de mortos. O socialista-revolucionário de esquerda, Tcherepanov, que até então tivera uma bela carreira revolucionária, foi um dos autores deste atentado. A Tcheka o fuzilou.

tos comunistas decididos, dirigidos por um jovem doutor em filosofia pela Universidade de Berna, que também lutara na revolução de 1905, Nakhimson, e pelo relojoeiro Zakheim, ambos judeus, dominavam de fato a cidade, na qual a Liga para a Defesa da Pátria e da Liberdade concentrava clandestinamente suas forças. Essa Liga, com diversos milhares de associados fiéis, pensara inicialmente em provocar sublevações simultâneas em Moscou, Rybinsk, Murom, Kostroma, Yaroslav e Kazan. A ação preventiva de Tcheka em Moscou e em Kazan obrigou-a a renunciar a esse vasto plano de operações. O chefe da Liga, Bóris Savinkov, chegou a Yaroslav em princípios de julho, acompanhado de seus lugartenentes, entre os quais o coronel Perkhurov, nomeado para o comando das tropas locais. Esse oficial superior havia, por diversas vezes, prestado serviço no exército vermelho; ainda pouco tempo antes, desempenhara funções de inspetor da artilharia de um grupo de guerrilheiros. Contava com 200 a 300 antigos oficiais organizados.

Na noite de 6 para 7 de julho, 108 a 110 de seus homens se reuniram nas proximidades da cidade. Seu armamento se reduzia a uma dúzia de revólveres. Começaram por tomar o depósito da artilharia e se armar. A milícia montada se rendeu sem resistência. Um regimento vermelho, mantendo-se neutro, deixou-se desarmar. Havia sido prometido aos brancos o apoio de algumas centenas de operários; apenas algumas dezenas se apresentaram. Começaram a deter os comunistas. Nakhimson e Zakheim, presos ao despertar, foram fuzilados no ato. A cidade despertou sob estado de sítio, em poder do "exército voluntário do norte", comandado, em nome do general Alexeiev (que na ocasião organizava o exército de voluntários do sul, com Denikin), pelo "velho revolucionário" Bóris Savinkov e pelo coronel Perkhurov. Diversos comissários, entre os quais um bolchevique, passaram-se para o lado dos brancos. Intelectuais, colegiais, jovens de classes médias se alistaram às centenas sob a bandeira da "ordem". Os comunicados anunciavam estrondosas vitórias dos tchecoslovacos.

Os brancos detiveram cerca de 200 comunistas, ou suspeitos, e não sabendo o que fazer com eles, internaram-nos a bordo de uma chalana atracada entre as duas margens do Volga. Esses 200 prisioneiros, homens, mulheres, crianças, feridos, doentes, moribundos, empilhados desordenadamente em sua prisão flutuante, ali passaram treze dias, expostos ao tiro-teio dos combatentes, sem receber qualquer tipo de alimentação...

Os mencheviques, informados do golpe que se preparava, haviam decidido manter completa neutralidade.

Os comunistas, surpreendidos por essa agressão, num momento em que o conflito político com a organização local

dos socialistas-revolucionários de esquerda tomava toda a sua atenção, logo se refizeram e concentraram em torno da cidade todas as formações vermelhas disponíveis. Contando com forte artilharia, começaram imediatamente um bombardeio que iria durar doze dias. A batalha foi encarniçada. Como não se verificou o prometido desembarque dos aliados em Arkhangelsk, os brancos se viram perdidos. Em vão, procuraram sublevar a zona rural das cercanias. Os camponeses pediam armas, mas apenas para defender suas aldeias contra os bolcheviques; não queriam ir lutar noutra lugar. Perkhurov, à frente de uns 50 oficiais, conseguiu, finalmente, fugir da cidade, de barco, oculto pelo nevoeiro¹². A maioria dos brancos havia se recusado a tentar passar pelas linhas inimigas. Com a esperança de, por meio de um subterfúgio, livrar-se do castigo da revolução, renderam-se, no dia 21, a um tenente alemão que presidia uma comissão de prisioneiros de guerra, declarando-se prisioneiros da Alemanha. A cidade, cheia de ruínas fumegantes e de cadáveres, já não tinha mais pão.

O Estado-Maior Extraordinário da frente de batalha de Yaroslav publicou uma ordem à população determinando "a quem quer que dê valor à vida que abandone a cidade dentro de 24 horas e se apresente à ponte americana. Os que permanecerem na cidade após esse prazo serão considerados rebeldes. Após 24 horas, não se terá condescendência com ninguém e a cidade será implacavelmente bombardeada pela artilharia pesada com obuses de gás asfíxiante. Os que lá tiverem permanecido perecerão sob as ruínas, com os rebeldes, os traidores e os inimigos da revolução dos operários e dos agricultores mais pobres" (20 de julho). A população, aterrorizada, apresentou-se em massa à zona rural, no local determinado, onde toda ela desfiliou perante as mesas da Tcheka instaladas ao ar livre. Trezentos e cinquenta brancos foram detidos no correr desse inquérito sumário e imediatamente fuzilados. Cinquenta e sete oficiais foram passados pelas armas quando da entrada dos vermelhos na cidade. Este foi o primeiro episódio notável do terror.

A inútil batalha de Yaroslav deixou 4 mil operários sem trabalho, e 40 mil pessoas sem abrigo. Quatorze fábricas haviam sido destruídas, bem como 2.147 das 7.618 casas, 9 das 10 escolas e 20 dos 47 edifícios públicos¹³...

12. Perkhurov voltou a se juntar à frente de batalha tchecoslovaca. Mais tarde, feito prisioneiro pelos vermelhos, retomou o serviço no exército vermelho e só foi finalmente detido em 1921, em Ekaterineburg, no momento em que preparava um novo golpe militar. Julgado pelo Tribunal Revolucionário, foi fuzilado em 1922.

13. *Dezesseis Dias*. Materiais sobre a revolta branca de Yaroslav.

8 - A POLÍTICA DE NOULENS

A bem dizer, a batalha de Yaroslav não foi senão um episódio da intervenção dos aliados na Rússia. No capítulo anterior, já falamos do plano de cerco de Moscou imaginado pelo general Lavergne. Os depoimentos de Bóris Savinkov perante o Tribunal Revolucionário de Moscou, em 1924, plenamente coincidentes, aliás, com todos os testemunhos escritos existentes sobre esse assunto - que são inúmeros - são absolutamente precisos. "De início", disse Savinkov, "pensei em agir em Moscou, mas os franceses - o cônsul Grenard e o general Lavergne, este falando em nome do sr. Noulens, me disseram que os aliados acreditavam ser possível continuar com as operações contra os alemães na frente russa de batalha/.../. Disseram-me que, com esse objetivo, dar-se-ia um desembarque de tropas anglo-francesas importantes em Arkhangelsk e que era preciso lhe dar apoio interno. O plano era: ocupar o norte da bacia do Volga; os anglo-franceses dariam apoio à insurreição. O norte do Volga deveria ser utilizado como base para o ataque a Moscou. Deveríamos tomar Yaroslav, Rybinsk, Kostroma e Murom. Os franceses reservavam Vologda para si. Mas eles nos enganaram. O desembarque dos aliados não ocorreu e nos vimos entregues a nós mesmos em Yaroslav /.../. Os franceses conheciam todos os nossos recursos /.../. Vi por várias vezes Grenard e Lavergne /.../. Os franceses colocavam recursos financeiros a minha disposição. Nossos fundos (os da Liga para a Defesa da Pátria e da Liberdade), relativamente pouco importantes, provinham de três fontes. Havia doações, aliás insignificantes; recebi 200 mil rublos (emissões de Kerenski) por intermédio de um tcheco de nome Klepando. Os franceses deram cerca de 2,5 milhões de rublos-Kerenski. Um funcionário me trazia o dinheiro, de início em pequenas quantias; quando se tratou de insurreição, deram, de uma só vez, uma grande soma, crelo que uns 2 milhões/.../14.

14. O órgão comunista tcheco *Prokopnik Svobody* revelou, em 1918, que o Conselho Nacional que se encontrava à frente das tropas tchecoslovacas na Rússia havia recebido, entre 7 de março e o início da luta contra os bolcheviques, 11,18 milhões de rublos de um cônsul francês e 70 mil libras esterlinas de um cônsul inglês. O *Prokopnik Svobody* apresentava todos os detalhes desejáveis.

"Os franceses me aconselharam a tomar Yaroslav, Rybinsk e Kostroma. Hesitei. Nossas tropas me pareciam insuficientes. Num certo momento, pensei em transferi-las todas para junto dos tchecos e cheguei a dar ordens de que parte delas se deslocasse para Kazan, que os vermelhos ainda dominavam, para desencadear ali uma sublevação quando os tchecos se aproximassem. Porém, recebi de Vologda, por meio de Grenard, um despacho em que Noulens confirmava, categoricamente, que o desembarque em Arkhangelsk ocorreria a 5 e 10 (ou a 3 e 8 de julho, não me lembro exatamente) e me pedia imperativamente que realizasse a ação no Alto Volga exatamente naquela data."

Os britânicos só desembarcaram em Arkhangelsk um mês depois, a 3 de agosto. E não se verificou qualquer desembarque francês. Tudo leva a crer que Noulens desejava, para defender junto a seu governo sua política pessoal de intervenção, a sublevação das populações contra os bolcheviques¹⁵. A ação de Savinkov no Alto Volga devia completar a dos tchecoslovacos e dos socialistas-revolucionários de direita no Baixo Volga. Existia já há um mês uma espécie de governo socialista-revolucionário em Samara, o qual também recebia as diretrizes de Noulens. Um dos chefes do Partido Socialista-Revolucionário nessa ocasião e do movimento chamado dos Constituintes - que estudaremos mais adiante - escreveu: "Recebemos em junho uma nota oficiosa do sr. Noulens/.../ confirmando categoricamente a decisão dos governos aliados de fornecer tropas para a ação comum contra os germano-bolcheviques; essas tropas deviam ser bastante numerosas para, de início, suportar o peso da luta, e permitir que os contingentes anti-bolcheviques russos se transformassem num grande exército regular. Repelindo qualquer possibilidade de acordo com os bolcheviques, os aliados propunham a formação de um governo único de coalizão, sob a forma de um diretório de três pessoas investido de poderes ditatoriais, até a reunião da assembleia constituinte existente /.../ à qual, aliás, os aliados só queriam reconhecer o direito de sancionar, com sua autoridade, o poder assim constituído, e de preparar as eleições para uma nova constituinte"¹⁶. Uma carta de Stephen Pichon, então mi-

15. "Precisamente porque a intervenção, que Noulens não cessara de apresentar como *formalmente decidida* pelos governos da Entente, enfrentava de fato as mais graves objeções, é que nosso embaixador, para vencer as resistências encontradas - que o irritavam em seu amor-próprio - e para dar mais força a seus argumentos, foi levado a demonstrar, por meio de fatos, que havia preparado perfeitamente o terreno e que bastaria um esforço mínimo para derrubar a tirania bolchevique e conseguir a constituição de um governo nacional russo." René MARCHAND, *Por que Aderi à Fórmula da Revolução Social*, Petrogrado, 1919, p. 84. - Em suas *Cartas* de julho de 1918, Jacques Sadoul emprega, por diversas vezes, expressões como esta: "O sr. Noulens, que desencadeou a atual insurreição de Yaroslav..." (*Quarenta Cartas*, p. 99).

16. ARGOUNOV, *Entre dois Bolchevismos*.

nistro das Relações Exteriores do gabinete Clemenceau, ao ministro das Relações Exteriores de Samara, Vedeniapine (socialista-revolucionário de direita), escrita na mesma ocasião ou um pouco depois, oferece-nos uma nota idêntica¹⁷.

O Centro-Direita (príncipe E. N. Trubetskoi, P. B. Struve e Gurko) e a Liga do Renascimento, em que prevalecia a burguesia liberal, colaboravam também com os franceses. Os socialistas-revolucionários de esquerda, inimigos sinceros e decididos de todas essas organizações contra-revolucionárias, parecem ter estado, eles também, em contato com a missão militar francesa. Ouvi, por várias vezes, a afirmação de que foi essa missão que forneceu as granadas que foram utilizadas no atentado à legação da Alemanha. Do depoimento de Savinkov: "Lembro-me de uma conversa que tive, creio, com Grenard. Ele me disse que os franceses haviam facilitado o assassinato de Mirbach pelos socialistas-revolucionários de esquerda".

Os partidários soviéticos da guerra com a Alemanha certamente estavam em contato com os aliados. Somos levados, assim, a concluir que os franceses, informados tanto dos projetos dos socialistas-revolucionários de esquerda quanto da ação de Savinkov e dos tchecoslovacos, conseguiram instituir entre estes e aqueles, à revelia de todos eles, uma certa divisão do trabalho. De certa maneira, exerciam sobre as duas forças inimigas um único comando. A traição de Muraviev nos torna mais seguros desta convicção.

9 - AMEAÇAS E TRAIÇÃO

Vivemos diversos dias sob a ameaça da guerra com a Alemanha. Apesar de declarações tranqüilizadoras feitas no Reichstag, pelo chanceler, a Alemanha, a 14 de julho, endereçou à República dos Sovietes uma nota em que exigia que se admitisse a entrada de um batalhão de soldados fardados em Moscou, que iria garantir a segurança da legação imperial... Teria sido a ocupação de Moscou. A resposta russa, redigida por Lenin, foi uma recusa categórica. "Seríamos obrigados", dizia Lenin ao *Vtsik*, "a reagir a essa ação do mesmo modo que reagimos ao motim dos tchecoslovacos e às operações militares dos ingleses no norte, por uma

17. Citada por MAISKI, em *A Contra-Revolução Democrática*.

mobilização aumentada, convocando todos os camponeses e todos os operários adultos à resistência e, em caso de necessidade de retirada momentânea, à destruição pelo fogo de todos os estoques, sem exceção, a fim de que não caíssem em mãos do inimigo. A guerra nos seria fatal, mas incondicional e absolutamente necessária; e essa guerra revolucionária, os operários e camponeses da Rússia a fariam unidos ao poder dos soviets, até o último alento." A Alemanha, absorvida pelo malogro de suas ofensivas desesperadas na frente de batalha francesa, não tinha mais condições de invadir a Rússia. Limitou-se a transferir a sede de sua legação para Pskov, em território ocupado.

A tentativa insurrecional dos socialistas-revolucionários de esquerda sofreu, na frente oriental, um deplorável contra-golpe. As tropas vermelhas, que combatiam os tchecoslovacos e os brancos contra-revolucionários, encontravam-se sob o comando geral do coronel Muraviev, de quem conhecemos o papel desempenhado na defesa de Petrogrado após a vitória de outubro e, pouco depois, na tomada de Kiev. "Ele era um aventureiro nato. Considerava-se socialista-revolucionário de esquerda (a adesão a esse partido se afigurava cômoda a muitos dos que desejavam se fazer aceitar pelo regime soviético, sem, porém, submeter-se à disciplina bolchevique). Creio que havia lecionado tática em uma escola militar. Garganta e fanfarrão, Muraviev não deixava de ter certas qualidades militares: presença de espírito, audácia, arte de falar aos soldados e de encorajá-los" (Trotsky). Era um organizador entusiasmado. Tendo recebido as diretrizes de seu partido e desconhecendo ainda o desfecho do golpe militar de Moscou, Muraviev declarou, subitamente, considerar-se em guerra com a Alemanha, deu ordem a suas tropas de se voltarem para o oeste, fez cercar o Soviete de Simbirk e exigiu seu apoio¹⁸. Recebido no soviete entre clamores indignados, insultado, ameaçado, sozinho, Muraviev foi morto ali mesmo (12 de julho). Um jovem oficial, chamado Tukhatchevski, continuou por iniciativa própria as operações contra os tchecoslovacos. O comando geral da frente de batalha passou para o letoniano Vatssetis.

18. Uma mensagem "a todos, a todos, a todos!", assinada pelo presidente do Conselho dos Comissários do Povo, N. Lenin, e pelo comissário para a Guerra, L. Trotsky, publicada a 11 de julho, dizia: "O ex-comandante-chefe da frente de guerra tchecoslovaca, o socialista-revolucionário de esquerda Muraviev, é declarado traidor e inimigo do povo. Qualquer cidadão honesto que o encontre deve matá-lo no ato".

10 - A CONSTITUIÇÃO SOVIÉTICA

Ao retomar seus trabalhos, a 10 de julho, o V Congresso dos Sovietes aprovou o projeto de constituição da República Socialista Federativa dos Sovietes da Rússia, redigido por Sverdlov. A declaração dos direitos do povo explorado e trabalhador compõe seu Título I. Seguem-se (Título II) os princípios gerais: ditadura do proletariado e dos agricultores mais pobres "a fim de abolir a exploração do homem pelo homem e de instituir o socialismo, que não conhecerá nem classes sociais, nem estado". "A República Russa é uma livre associação de trabalhadores /.../" Nela, o poder supremo pertence ao Congresso dos Sovietes e, entre um e outro congresso, ao Comitê Executivo Pan-russo (*Vtsik*). A igreja é separada do estado e a escola, da igreja, "a fim de garantir aos trabalhadores a liberdade de pensamento". "A fim de garantir aos trabalhadores a liberdade real de expressar suas opiniões, a república /.../ abole a sujeição da imprensa ao capital e oferece à classe operária e aos agricultores pobres todos os meios técnicos e materiais para editar jornais /.../ (etc.) e de disseminá-los livremente pelo país." As liberdades de reunião, de associação e de ensino são garantidas por medidas semelhantes. "A república /.../ considera o trabalho obrigação de todos os cidadãos e toma como sua a divisa: Quem não trabalha não come!" O serviço militar é obrigatório e apenas os trabalhadores têm a honra de portar armas. Os trabalhadores estrangeiros que vivem na república desfrutam de todos os direitos políticos. A república oferece asilo a todos os estrangeiros perseguidos por crimes políticos ou religiosos. Todas as nacionalidades são iguais. As pessoas ou grupos que fizerem uso de seus direitos contra a república poderão ser privados deles.

O Título III diz respeito à estrutura do poder. O Congresso Pan-russo dos Sovietes é constituído de representantes dos soviets locais, sendo as cidades representadas por um deputado para cada 25 mil habitantes e a zona rural por um deputado para cada 125 mil. Este artigo consagra a hegemonia do proletariado sobre os trabalhadores rurais. Os congressos ocorrem, pelo menos, duas vezes por ano. Congressos extraordinários podem ser convocados pelo *Vtsik*, ou a pedido de soviets que representem um terço do país. O con-

gresso elege um Comitê Executivo Pan-russo (o *Vtsik*) de, no máximo, 200 membros, que respondem perante ele. Esse comitê forma o Conselho dos Comissários do Povo e goza de direitos legislativos. Seus membros cumprem missões específicas ou trabalham nos comissariados. O executivo pode revogar ou suspender as medidas tomadas pelo Conselho dos Comissários do Povo, que a ele submeterá suas decisões mais importantes. Os Comissariados do Povo são em número de 17 (Relações Exteriores, Guerra, Marinha, Interior, Justiça, Trabalho, Previdência Social, Instrução Pública, Correios e Telégrafos, Nacionalidades, Finanças, Comunicações, Agricultura, Comércio e Indústria, Controle do Estado, Conselho Superior de Economia, Saúde Pública). À frente de cada comissariado se encontra um colegiado cujos membros são nomeados com a aprovação do Conselho dos Comissários. O comissário do povo tem o direito de decisão; os membros do colegiado podem apelar delas ao conselho, ou ao gabinete do *Vtsik*. O Conselho dos Comissários do Povo responde perante o Congresso dos Sovietes e o *Vtsik*.

O Congresso Pan-russo dos Sovietes sanciona, modifica e completa a constituição, dirige a política geral, faz a paz e a guerra, estabelece o plano da vida econômica, vota o orçamento, regulamenta os acordos financeiros etc., legisla, anistia. No intervalo entre os congressos, o *Vtsik* goza de todos esses direitos com exceção daqueles de modificar a constituição e de ratificar os tratados de paz. Os casos de força maior também são previstos como de sua alçada.

Os Congressos dos Sovietes são constituídos da seguinte maneira: Congressos Regionais: um delegado dos soviets de cidade ou de distrito por 25 mil habitantes; um delegado por 5 mil eleitores das cidades (500 delegados, no máximo. O congresso regional pode se constituir, segundo essas normas, de deputados eleitos pelos congressos provinciais); Congressos Provinciais: um delegado dos soviets de circunscrição ou de distrito por 10 mil habitantes; um delegado por mil eleitores urbanos (300 delegados, no máximo, por província); Congressos Distritais: um deputado por mil habitantes (300 deputados, no máximo); Congressos Cantonais (na zona rural): um deputado por 10 membros de soviets locais. Estes congressos constituem a mais alta autoridade local; eles elegem comitês executivos.

Os soviets (conselhos) se constituem nas cidades, na proporção de um deputado por mil habitantes; não podem ter menos de 50 nem mais de mil membros. Na zona rural e nas cidades de menos de 10 mil habitantes, elege-se um deputado por 100 habitantes, pelo menos 3 e, no máximo, 50 por aldeia; a duração do mandato é de três meses. Os soviets elegem comitês executivos. Sua competência local é muito ampla.

Têm direito ao voto todos os trabalhadores, de ambos os sexos, os soldados e os marinheiros; não são eleitores, nem elegíveis, as pessoas que exploram o trabalho de outros, os que vivem de rendimentos que não os do próprio trabalho, ou que se dedicam ao comércio; os padres, os monges, os antigos policiais, os membros da antiga casa reinante, os loucos e os condenados privados de direitos civis. As eleições ocorrem, "como de costume" (o que, na prática, significa votação simbólica, pelo erguer do braço), em presença de uma comissão eleitoral e de um representante do soviete. Os eleitos são legitimados por uma comissão de mandatos nomeada pelo soviete; a qualquer tempo, os eleitores podem destituir seu deputado e proceder a novas eleições.

O Título V da constituição trata do orçamento. O artigo 79 estabelece que a política financeira da república "contribui para a expropriação da burguesia e prepara a igualdade geral dos cidadãos", sem hesitar, para esse fim, em atentar contra a propriedade privada. O congresso delimita as rendas do estado e as das localidades. Todas as despesas do Tesouro são controladas pelo poder central. O Título VI diz respeito ao braço da RSFSR: foice e martelo sobre fundo vermelho, nos raios do sol nascente, rodeados por uma coroa de espigas. Divisa: *Proletários de todos os países, uni-vos*. A bandeira vermelha deve conter as iniciais da república.

Essa constituição não foi discutida. Limitava-se a sancionar, a codificar a organização de um novo estado que se criara, de certa maneira, espontaneamente, da base ao cume. Concentração dos poderes legislativo e executivo, monopólio político dos trabalhadores, hegemonia do proletariado sobre os trabalhadores agrícolas, participação das massas na vida popular e ditadura de classe, estes são seus traços principais. O número - e os direitos - dos eleitores, dos eleitos, dos sovietes e dos congressos pareciam assegurar as mais sérias garantias à democracia dos trabalhadores; as eleições, em vários níveis, e a centralização dos poderes garantiam a ditadura. Sabemos, porém, que o bloco soviético acabava de desmoronar. Em virtude de inelutáveis necessidades históricas, a democracia soviética dava lugar à ditadura do Partido Bolchevique; a constituição iria se tornar, cada vez mais, o projeto de uma democracia proletária ideal que não se tinha nem tempo, nem meios de realizar. O funcionamento normal deste conjunto de instituições, simples quanto a sua natureza social, mas de uma complexidade e amplitude práticas muito grandes - tratava-se de facilitar a atividade política de milhões de trabalhadores - suporia, em vez de um surto revolucionário, a paz, a segurança e um determinado nível de bem-estar que permitissem, internamente, uma política livre, variada, rica, constante, traduzida em inúmeras iniciativas. Ora, naquele momento, o perigo mortal impunha

precisamente à república um regime de um campo fortificado, defendido - na primeira fileira - por uma falange de revolucionários conscientes e decididos, em cujas mãos a ditadura iria ser a arma decisiva. Observemos que, até aquele momento, ninguém havia formulado a teoria que em seguida ganharia força de lei, segundo a qual a ditadura do proletariado se exercia naturalmente pelo Partido Comunista. Essa teoria, a vida é que iria impor¹⁹.

11 - O CONTRA-GOLPE DAS VITÓRIAS TCHECOSLOVACAS

Na frente de combate, a situação se agravava, dia após dia. Os tchecoslovacos entraram a 5 de julho em Oufa, a 7, em Verkhneuralsk, a 8, em Zlatoust, a 10, em Zyzran, a 22, em Simbirska, a 25, em Ekaterinburgo; a 6 de agosto, completaram esta série de êxitos com a tomada de Kazan. (Nesse meio tempo, tentativas contra-revolucionárias, concebidas nos moldes daquela de Yaroslav, tiveram lugar em Murom, Rybinsk e Arzamas, a 11 de julho, e em Nijni-Novgorod, a 14; a 31, os ingleses ocuparam Onega e, com o auxílio dos brancos, Arkhangelsk, a 2 agosto.)

Os tchecoslovacos ocupavam o curso médio do Volga e o maciço dos Urais. Dominavam a maior artéria fluvial do país, o celeiro de trigo da Rússia européia propriamente dita, a região mineira e industrial dos Urais e as estradas da Sibéria. Mais para o sul, os cossacos do general Dutov ocupavam Ural'sk e Buzuluk, cortando, até certo ponto, as comunicações com o Turquestão. O plano estratégico dos tchecoslovacos era estender a mão aos aliados que desembarcavam no litoral do Mar Branco e apoiar a intervenção japonesa que, pensava-se, podia muito bem se estender pela Transiberiana até os Urais.

As unidades regulares e bem comandadas dos tchecoslovacos, apoiados em toda parte pelos elementos contra-revolucionários da população, só se defrontavam com formações improvisadas, indisciplinadas, anárquicas, que serviram, quando muito, para a guerrilha contra um adversário exposto à

19. A atual constituição da URSS reproduz, em grandes linhas, aquela de 1918; além disso, determina os direitos das repúblicas federadas e das instituições centrais da União.

ira das massas. Um corpo de 1.105 baionetas, que controlava a frente de combate próxima de Mias, a pouca distância de Tcheliabinsk, era constituído de 13 destacamentos locais dos quais o menor tinha 9 homens e o maior, o de Perm, 570. Contava com 24 cavaleiros e 9 metralhadoras. Porém, as 4 companhias vindas de Perm não tinham um cavalo sequer, enquanto os 39 voluntários de Ketai tinham 12 deles. Cada destacamento tinha seu próprio chefe e pretendia agir a sua maneira... Sua base de organização era a fábrica. Qual era seu preparo militar? Eis o que sabemos a respeito de um certo corpo Simonov. Nele se encontrava uma centena de velhos soldados, uma centena de homens que haviam tido treinamento militar menos de cinco vezes e 600 homens que ignoravam o manejo das armas. "Armados até os dentes, ao acaso, não sabiam utilizar suas armas." Às vezes essas tropas lutavam muito bem, às vezes, muito mal; ignoravam quase que inteiramente a arte do reconhecimento, as grandes milícias, as precauções elementares da marcha em campanha. Acontecia de abandonarem uma posição para deliberar, à vontade, um pouco mais adiante; ou que se retirassem diante do inimigo, sem se dar ao trabalho de avisar os companheiros, simplesmente para descansar ("Estamos cheios disso!"). Citemos algumas linhas de um relatório relativo a operações às margens do rio Kychtyma. "Pelas 11 horas, o tiroteio diminuiu. Os chefes dos destacamentos de Rojdestvenskoe telefonam que seus homens, tendo sabido que o inimigo tomara as aldeias nas proximidades da sua, resolveram não mais se manter na frente de combate e defender sua própria aldeia; os operários se submeteram a essa resolução e as ordens não puderam, pois, ser executadas/.../. O 7º Regimento dos Urais abandonou suas posições para ir descansar, sem avisar a quem quer que fosse. Interrogado, seu chefe respondeu: 'Os homens queriam se secar e dormir; resolveram se afastar apenas por uma meia hora, mas agora estão dormindo; não posso fazer nada'. Após um combate dos mais confusos, verificou-se que só restavam 900 dos 2.200 combatentes, muitos dos quais descalços e sem fuzil; restavam três dos quatro canhões, de 50 metralhadoras, restavam 12 em bom estado e 5 danificadas; não se sabia o que acontecera a dois destacamentos. O destacamento T, colocou metralhadoras ao redor de sua aldeia e dali resolveu não se mover"²⁰. Os tchecoslovacos não tiveram dificuldade alguma em vencer esses guerrilheiros.

Ao mesmo tempo, o ímpeto de organização era geral: formavam-se batalhões, regimentos e divisões quase que espontaneamente, por iniciativa de uma multidão de militantes; os oficiais eram mobilizados, criavam-se estados-maiores e ór-

gãos de abastecimento. O exército vermelho nasceu dessas inúmeras iniciativas, tanto quanto do esforço organizador dirigido por Trotsky. Este definiu, perante o Soviete de Moscou e o *Vtsik*, a 29 de julho, quais eram as tarefas daquele momento. "Nossas tropas", dizia ele, "carecem de coesão. O adestramento do antigo exército deve ser substituído pela consciência nítida e clara da necessidade absoluta de lutar." Essa era a grande idéia, a idéia revolucionária do criador do exército vermelho. Todos os exércitos regulares dos tempos modernos possuem uma ossatura tripla: o estado, o Conselho de Guerra (a pena de morte) e o culto da pátria (a título de elemento complementar: o anti-militarista é mobilizado como qualquer outro). O exército vermelho deve ser, antes de mais nada, uma organização da consciência coletiva dos trabalhadores; sua disciplina deve repousar sobre a convicção do soldado. "O que se oferecia aos velhos exércitos mediante longos meses de adestramento, de aprendizagem e de manejo de armas, unindo mecanicamente as unidades, devemos oferecer na ordem espiritual, introduzindo em nosso exército os melhores elementos da classe operária e isso nos garantirá a vitória, apesar da insuficiência do comando." É preciso introduzir, em cada unidade, um núcleo de revolucionários comunistas que será sua alma, cinco ou dez operários é o bastante. Moscou já forneceu ao exército 200 a 300 agitadores, comissários e organizadores; Moscou deve ainda fornecer o dobro disso. O Soviete de Petrogrado decidiu enviar uma quarta parte de seus membros, 200 homens, para a frente de combate tchecoslovaca. Graças a isso, os oficiais que, cada vez mais freqüentemente, têm traído, serão controlados. Serão encerrados em campos de concentração, "serão rodeados de comissários de revólver em punho". Quanto aos comissários, eles encarnam o exército, a força que decide sobre o poder: "Aquele que não se sentir com a têmpera necessária, que se vá! Aquele que ficar, que dê sua vida".

A armadura comunista do exército vermelho iria se organizar em um vasto serviço de agitação, de propaganda, de instrução e de ação política, como nenhum outro exército, no passado, jamais havia tido. No lugar do princípio da obediência passiva, a revolução proletária colocou o da disciplina baseada na consciência política.

Em Petrogrado, em Moscou e nas regiões industriais, a juventude operária foi mobilizada. "A vitória ou a morte", esta era a palavra de ordem dada a todos. "Filhos da classe operária, fizemos um trato com a morte e, portanto, com a vitória" (Trotsky). Não eram simples palavras. A morte estava por toda parte.

20. Citado por A. ANYCHEV, *Ensaio de História da Guerra Civil*.

12 - O FIM DOS ROMANOV

A intervenção tchecoslovaca decidiu a sorte dos Romanov. Desde os primeiros dias da revolução, a dinastia era objeto de uma luta tenaz entre os que queriam salvá-la e os que queriam aniquilá-la. Essa luta começara a 16 de março de 1917, data em que o soviete exigiu do governo provisório do príncipe Lvov a prisão de Nicolau II. Pouco depois, o embaixador da Inglaterra em Petrogrado manteve entendimentos com o governo sobre o envio da família imperial para a Inglaterra. Estes entendimentos se estenderam por todo o tempo do internamento dos Romanov em sua residência habitual de Tsarskoie-Selo (atualmente Dietskoie-Selo), nas proximidades da capital. Os operários e os soldados exigiam, cada vez mais freqüentemente, que o autocrata fosse julgado. Depois dos grandes tumultos de julho (1917), o gabinete Kerenski, para dar alguma satisfação às massas revolucionárias e, além disso, para delas salvar os "augustos cativos", teve de exilar a família imperial em Tobolsk. Nicolau II, seus parentes, sua comitiva - cinco pessoas - e 35 empregados domésticos deixaram Tsarskoie-Selo, a 14 de agosto, em um trem especial que ostentava o pavilhão da Cruz vermelha japonesa. Em Tobolsk foram alojados na antiga residência do governador geral, à "Rua da Liberdade". As instruções do governo provisório os colocavam "sob a proteção" de sua escolta; os soldados que compunham essa escolta decidiram, por conta própria, tomar todas as medidas necessárias para impedir uma evasão. O ex-imperador viveu, na grande cidade siberiana, uma existência tranqüila de pequeno arrendatário vigiado. Enquanto a guerra civil se alastrava por todo o país, ele passava calmas noites de inverno de bom burguês ao pé da lareira. Nicolau II folheava revistas estrangeiras; Alexandra Feodorovna jogava sua partida de *bésigue* [jogo de cartas] com o velho general Tatischev; as quatro grã-duquesas se dedicavam a trabalhos femininos. Soldados revolucionários velavam à porta, na noite e na neve. Um comissário do governo provisório, antigo exilado da Sibéria, socialista-revolucionário, mostrava-se solícito aos desejos da majestade decaída... O arcebispo de Tobolsk, Hermógenes, velho amigo

de Rasputin, juntamente com seu clero, cercava de ativa solicitude "o imperador mártir". Oficiais monarquistas se preparavam para libertá-lo. Isso se estendeu até depois da Revolução de Outubro. Porém, formava-se, dentro do corpo de guarda, um grupo de soldados que jurava não permitir que os Romanov escapassem com vida; o comissário do governo provisório recebia de todos os pontos da Rússia cartas ameaçadoras; os soldados da escolta fizeram buscas junto ao ex-imperador, tomaram-lhe seu punhal circassiano, obrigaram-no a arrancar suas divisas, submetem-no a racionamento; o soviete regional dos Urais exigia imperiosamente do *Vtsik* a transferência dos prisioneiros para Ekaterinburgo e enviava milícias vermelhas para vigiar os pontos por onde deveriam passar, em caso de fuga; bolcheviques dos Urais chegaram a Tobolsk para preparar, por sua conta e risco, a execução dos Romanov. Assim se articulavam, em torno dos prisioneiros, duas tramas opostas: uma de salvação, outra de morte.

Os oficiais e os sacerdotes monarquistas careciam de energia, de inteligência e, mais ainda, de dedicação. Parece que, em dado momento, dispunham de forças que chegavam a centenas de homens e de vastos recursos financeiros. Disputas de dinheiro e de influência entre um certo tenente Soloviev e um sacerdote Vassiliev os fizeram perder a oportunidade de agir. Finalmente, o Soviete dos Urais conseguiu que o *Vtsik* fizesse transferir os Romanov para Ekaterinburgo. O *Vtsik* encarregou um aventureiro de nome Iakovliev de executar essa transferência, à frente de um destacamento de operários montados. Na mesma hora, o Comitê Executivo dos Urais mandou um outro destacamento, mais confiável, procurar Nicolau II "vivo ou morto" (fins de abril). Desde o início, a conduta de Iakovliev despertou tantas suspeitas que o Executivo dos Urais resolveu tomar dele os Romanov, se necessário pela força. Os soldados da escolta pessoal do czar, temendo também que se tentasse dar-lhe fuga, fizeram com que oito dentre eles o acompanhassem. Iakovliev conduziu o czar, a tsarina, sua filha Maria e cinco outras pessoas em trenós, pelo Irtysh gelado, rumo a Tiumen. A estranha caravana atravessou a aldeia natal de Rasputin, Pokrovskoe. Foi à porta da casa do "santo homem", que havia preparado tão bem sua queda, que Nicolau II e Alexandra Feodorovna receberam a última homenagem de seus últimos fiéis. Era sua derradeira chance. Iakovliev tentou modificar o itinerário determinado pelas instruções que recebera, conduzindo os Romanov não para Ekaterinburgo, mas rumo a Moscou, via Omsk, Tcheliabinsk e Samara. Seu objetivo era de, nesse percurso, proporcionar-lhes refúgio nas montanhas e aguardar os acontecimentos. O Soviete de Omsk se recusou a permitir a passagem de seu trem e lhe ordenou, expressamente, que retrocedesse. Ameaçado de ser posto fora da

lei, ele obedeceu²¹. Nesse meio tempo, a conferência regional do Partido Comunista se reuniu em Ekaterinburgo e exigiu a morte do czar. Nicolau II foi recebido na capital operária dos Urais por um ativo jovem bolchevique, presidente do executivo do soviete regional, Bieloborodov, que havia conduzido aquela questão. Foi alojado na rica residência do engenheiro Ipatiev, a quem se dera 24 horas para desocupá-la. Os outros membros da família imperial chegaram em fins de maio, com uma comitiva de 23 pessoas. Ali, porém, só ficaram o dr. Botkin, necessário ao tzarevitch Alexis, sempre doente, um cozinheiro, um ajudante de cozinha, um lacão e uma camareira. A partir de então, sua guarda era constituída de operários de fábrica. Três sentinelas velavam dia e noite nos corredores, à frente de seus quartos. Os prisioneiros saíam para o jardim apenas durante meia hora por dia.

O Soviete dos Urais exigia a morte do czar. Os socialistas-revolucionários de esquerda a exigiam. Anarquistas e socialistas-revolucionários de esquerda, suspeitando dos bolcheviques, preparavam um ataque contra a casa de Ipatiev. Os planos do gabinete do *Vtsik* eram outros; pretendia instaurar, entre os proletários dos Urais, o processo do último czar. O processo teria início em fins de julho. Trotsky desempenharia as funções de acusador público. A aproximação dos tchecoslovacos precipitou o desfecho. A *Tcheka* de Ekaterinburgo acabava de desmontar um complô de oficiais e de prender diversos enviados do embaixador da Sérvia, Spalaikovitch. A 12 de julho, o soviete verificou ser impossível instaurar um processo: os tchecoslovacos se aproximavam por dois lados, poderiam tomar a cidade antes do fim da semana. Tomou-se então a decisão de proceder, sem mais demora, à execução dos Romanov e à destruição completa de seus despojos, para que não restassem relíquias para o futuro.

Um operário da fábrica de Verkh-Issetsk, Pierre Zakharovitch Ermakov, foi encarregado, com uma equipe de homens confiáveis, de proceder à execução. Na noite de 15 para 16 de julho, por volta da meia-noite, Nicolau II, a tsarina, o tzarevitch Alexis, as quatro jovens grã-duquesas, o dr. Botkin, a governanta e o preceptor do ex-herdeiro do trono, dez pessoas ao todo, foram chamadas a se reunir em um cômodo do andar térreo. Esperavam que se tratasse de uma nova transferência. Enfileiraram-se diante de homens armados, um dos quais leu para eles, em nome do soviete regional, a sentença de morte que nem tiveram tempo suficiente para compreender. "Então, não vamos ser transferidos?", foi só o que disse Nicolau II, surpreso. Não teve tempo para se recuperar da surpresa. Em poucos instantes, os Romanov não

21. Esse Iakovlev passou-se para Koltchak, em outubro de 1918.

passavam de um monte de cadáveres tombados contra uma parede arrebitada pelas balas. Um caminhão transportou os despojos, envoltos em cobertores, para uma mina abandonada, a oito verstas [medida que equivale a 1.067 metros] da cidade. Lá, suas roupas foram cuidadosamente revistadas; as das grã-duquesas continham grande número de brilhantes; os cadáveres foram queimados e as cinzas, enterradas em um pântano próximo dali. Foi tão completa a destruição que, a seguir, apesar de dois anos de buscas obstinadas, quase nada descobriram.

O grão-duque Michel Alexandrovitch, irmão do czar, em favor de quem este havia abdicado, desaparecera havia alguns dias. Estava vivendo em liberdade em Perm; um grupo de operários, à frente do qual estava um velho bolchevique decidido, Miasnikov, levou-o na noite de 12 para 13 de julho, simulando uma detenção. As autoridades locais pensaram que tivesse fugido: fora fuzilado.

Os grão-duques Serge Mikhailovitch, Igor, Constantin e Ivan Constantinovitch, um príncipe Palei, a viúva do grão-duque Serge, morto em 1905, Elisabeth Feodorovna, uma princesa Helena da Sérvia estavam todos internados em uma escola desocupada da pequena cidade fabril de Alapaevsk, a cerca de 100 léguas a nordeste de Ekaterinburgo. Foram fuzilados na noite de 17 para 18 de julho: seus despojos foram lançados dentro de um poço de mina.

O *bureau* do Executivo Pan-russo dos Sovietes soube da execução dos Romanov na sessão do dia 18. "Discutia-se um projeto de decreto sobre a saúde pública; Semanchko o relatava; Sverdlov entrou e sentou-se em seu lugar, atrás de Lenin. Quando Semanchko terminou, Sverdlov, curvando-se sobre Lenin, disse-lhe algumas palavras em voz baixa.

"O camarada Sverdlov pede a palavra para uma comunicação."

Sverdlov disse, com sua voz inalterável:

"Acabo de saber que Nicolau foi fuzilado em Ekaterinburgo, por ordem do soviete regional. Nicolau pretendia fugir. Os tchecoslovacos se aproximavam. O *bureau* do *Vtsik* aprova."

Silêncio.

Lenin disse: "Passemos ao exame detalhado do projeto".

A 19 de julho, foi emitido um decreto de confisco dos bens dos Romanov²².

22. MILIUTIN, "Páginas de Diário", O *Projeto*, 1924. Ver também P.-M. BYKOV, *Os Últimos Dias dos Romanov*, Sverdlovsk, 1926, e as publicações dos Urais.

III-O TERROR E A VONTADE DE VENCER

1 - O COMITÊ DOS CONSTITUINTES DE SAMARA

Um governo democrático foi instaurado na região do Volga, sob a proteção das baionetas tchecoslovacas. Nasceu em Samara a 8 de junho: os tchecoslovacos tomaram a cidade ao nascer do sol; naquela mesma noite, assumiu o poder um comitê de quatro membros socialistas-revolucionários da assembleia constituinte (I. Bruchvit, B. Fortunatov, V. Volski e I. Nesterov). Em nome da constituinte, proclamou a dissolução dos sovietes e o restabelecimento das liberdades democráticas. Enquanto isso, os bolcheviques eram massacrados nas ruas. O Comitê dos Constituintes entregava ao Conselho de Guerra quem quer que resistisse às autoridades. A cidade ficou sob estado de sítio. Um Serviço de Segurança do Estado, armado de poderes extraordinários, foi criado a 9 de agosto.

O Comitê dos Constituintes socialistas-revolucionários se instalava nas cidades do Volga logo depois da chegada dos tchecoslovacos. Cada cidade conquistada se tornava um teatro de grande massacre de comunistas e de suspeitos. "Em Simbirski, a maior parte dos soldados vermelhos encontrados na cidade foi fuzilada. Houve uma verdadeira epidemia de linchamentos", escreveu, a 28 de julho, o *Monitor (Viestnik) do Comitê da Assembleia Constituinte*. Justamente em Samara, o comitê teve que determinar a cessação das execuções sumárias "sob pena de ter que responder por elas" (*sic*). Esse governo democrático foi forçado a solicitar ao comandante tcheco da cidade que protegesse os operários dos subúrbios contra a violência da reação. Em Kazan, enquanto os tchecos perseguiram os vermelhos em retirada, homens armados, portando braçadeiras brancas, invadiam as ruas, pondo-se a revistar as residências e a prender os suspeitos; munidos de listas previamente preparadas e guiados por delatores, degolavam o "bolchevique" no ato... Durante diversos dias, as ruas estiveram juncadas de cadáveres desfigurados e desnudos. Os feridos vermelhos eram liquidados. Certos cadáveres traziam os documentos expostos sobre o peito. Um título de comissário explicava por que o homem tinha os olhos vazados. Passado o primeiro furor, as represálias prosseguiram, menos sumárias, mas não menos implacáveis. Ódio de classe desenfreado. Cada prisioneiro vermelho que passava pelas ruas rodeado do guarda estava sujeito à fúria de uma multidão bem vestida.

"Havia moças que os esbofeteavam e lhes cuspiam nos olhos /.../. Os cadáveres eram pisoteados; furavam-se os olhos dos mortos", escreveu uma testemunha. O processo contra um bolchevique se reduzia à formalidade de um breve interrogatório antes da execução.

As antigas instituições municipais renasciam, os jornais burgueses voltavam a ser publicados, anunciando a fuga de Trotsky, a intervenção irresistível dos aliados e as atrocidades dos chineses, dos letonianos e dos alemães que formavam o exército vermelho. O bispo metropolitano de Kazan convocou os fiéis para a defesa da igreja. A universidade, patrioticamente, punha-se à disposição do governo. "Os professores, os generais, os estudantes e os anciãos de todas as classes formam uma milícia para que os jovens possam ir para a frente de batalha" (*Monitor do Comitê*). Iniciava-se a organização do exército nacional.

A reserva de ouro da Rússia, depositada em Kazan, caíra nas mãos da contra-revolução, à qual iria, durante muito tempo, proporcionar uma base financeira. Essa reserva ascendia a 657 milhões de rublos-ouro (6,5 bilhões na moeda corrente de então), 100 milhões em cédulas; "uma quantia enorme de valores diversos; estoques de ouro e de platina"¹.

O Comitê dos Constituintes consagrou, por meio de decretos, a nacionalização do solo e a expropriação dos proprietários fundiários; mas restituiu aos proprietários as empresas industriais nacionalizadas, municipalizadas ou tomadas; empenhou-se em organizar a burguesia; aboliu o controle operário da produção. Seu programa se expressava em poucas palavras; nem reação monárquica, nem experiências socialistas; restabelecimento da democracia burguesa.

A política externa dos constituintes já é nossa conhecida por uma carta de M. Stephen Pichon ao ministro das Relações Exteriores de Samara, Vedeniapin; foi também objeto de negociações entre um membro do CC do Partido Socialista-Revolucionário, Timofeev, e os representantes franceses Charles Dumas e Ehrlich. De maior importância eram as operações militares. O comandante Alphonse Guinet, da missão militar francesa, orientava o Conselho Nacional tcheco; foi ele que aconselhou apressar a ofensiva sobre Simbirska, Kazan e Saratov, a fim de dar apoio aos aliados. Outro oficial francês, capitão Condot², dirigiu-se a Simbirska para apressar a tomada

1. O almirante Koltchak dispôs, posteriormente, dessa reserva de ouro extorquida da Rússia da seguinte maneira: entregue aos franceses, 876 pounds; aos ingleses, 516; aos anglo-franceses conjuntamente, 698; aos japoneses, 1.142 (total: 3.232 pounds). Depositado no Japão, a título de garantia de um empréstimo, 1.500; idem, numa associação financeira anglo-americana, 3.977; compra de fuzis norte-americanos, 100; compra de fuzis Remington, 50; compra de metralhadoras Colt, 50; total das despesas, 5.677 - Depositado em Changai, 372. (Total: 9.281 pounds e 2/3.) (S. PIONTKOVSKI, in *Revolução Proletária*, 1924.)

2. Ou Condeau? Esse nome foi traduzido do russo.

de Kazan. Ao ver dos aliados, o Comitê dos Constituintes era o embrião do futuro governo da Rússia.

Quais as forças sociais sobre que se apoiava o comitê? O menchevique Maïski, membro desse governo de contra-revolução democrática, traçou um quadro preciso dessas forças. A hostilidade dos operários para com os constituintes era de tal ordem que a tentativa destes de, com a ajuda dos mencheviques, criar um "soviète" submisso malogrou deploravelmente: esse "soviète" votou, no ato, uma resolução bolchevique... A mobilização malogrou na zona rural. Com muita dificuldade, reuniram-se menos de 15 mil homens, os quais era preciso manter fechados nas casernas sob a guarda de oficiais brancos, ao invés dos 50 mil que deveriam ter atendido à convocação. As tropas, assim formadas de jovens camponeses arrastados à força de suas aldeias, não eram confiáveis. Acontecia de se renderem aos vermelhos após haver amarrado seus oficiais. A pequena burguesia era a única a recepcionar alegremente o novo governo; porém, as veleidades democráticas deste, seu apego à república e à bandeira vermelha, que os "socialistas-revolucionários" continuavam a hastear nos edifícios públicos, logo puseram contra ele os oficiais, na maioria monarquistas, os industriais liberais e o clero. A burguesia, que aspirava a uma ditadura militar, considerava as ilusões democráticas, cada vez mais, uma forma atenuada do bolchevismo. Continuava esperando a sua hora³.

2 - A CAMINHO DO TERROR

Pouco a pouco, gradativamente, a guerra entre as classes abrangeu toda a zona rural. Os *kulaks* escondiam o trigo, tocavam a rebate; à chegada dos destacamentos de abastecimento, travavam, por vezes, perfeitas batalhas, freqüentemente degolando, durante a noite, os operários que chegavam em busca do trigo. Os agricultores pobres formavam comitês que substituíam os serviços de abastecimento e eles mesmos procediam às requisições. A propósito do trigo, uma guerra mortal se travava até nos menores povoados. As tropas vermelhas intervinham. Os jornais estavam cheios de notícias deste gênero: "Circunscrição de

3. Ver I. MAISKI, *A Contra-Revolução Democrática*, Moscou, 1923

Smirnov, Orel. Tendo um destacamento de soldados vermelhos vindo recolher o trigo, os *kulaks* gritavam em altos brados: 'Com que direito vêm vocês se apoderar daquilo que não semearam?' Não foi possível convencê-los. Atiraram contra a tropa, matando o comissário e diversos soldados. O executivo provincial enviou para o local um forte destacamento acompanhado de carros blindados. Os *kulaks* receberam uma boa lição" (21 de agosto). Houve casos de sacerdotes que se recusaram a sepultar os que atentavam contra propriedades da igreja. Em Livny, nas proximidades de Orel, toda uma região se sublevoou (20-23 de agosto) e mais de 300 contra-revolucionários foram mortos no correr da luta e da repressão.

A fome era terrível nas cidades. Por vezes, os serviços de abastecimento tiveram de distribuir trigo em vez de pão. O pão, quando havia, era misto de palha e de grãos variados. As padarias particulares foram fechadas e foram decretados preços para quase todos os víveres e produtos. Apesar disso, a população estava sujeita a recorrer à especulação ilegal - mas que mantinha nas praças enormes mercados permanentes que, por vezes, as tropas cecavam para efetuar confiscos sumários - e a ele pagar altos preços. Cada vez mais o escambo substituiu o comércio propriamente dito, as trocas em espécie eliminavam o papel-moeda. A *Krasnaia Gazetta*, de Petrogrado, discutindo a questão dos combustíveis de que a cidade tinha necessidade e que não podia pagar, escrevia: "Possuímos estoques de cobre que podemos dar (aos estrangeiros) em troca de carvão /.../" (1 de agosto). As cidades continuavam a se despovoar. Os ricos transformavam seus haveres em diamantes ou em moeda estrangeira adquirida no "mercado negro" clandestino e atravessavam a fronteira, o que não se fazia sem riscos. Todos os que podiam se refugiar na zona rural iam para lá, atraídos pelo trigo. A população de Petrogrado caiu de 2.319.000 habitantes em 1 de novembro de 1915 para 1.480.000 habitantes em 1 de julho de 1918, e continuou a baixar com grande rapidez⁴.

Os ódios se aprofundavam e se mantinham à espreita. O Conselho dos Comissários do Povo colocou "fora da lei" o anti-semitismo. Eram cada vez mais freqüentes os fuzilamentos, em grupos inteiros de 5, 10, 15 contra-revolucionários (sobretudo oficiais), funcionários ladrões, bandidos. Não é ainda o terror, mas um prelúdio dele, muito nítido. As cidades adormeciam à noite dentro das trevas sufocantes, plenas de emboscadas e complôs. Os chefes da guarnição de Petrogrado tiveram de publicar uma ordem especial à guarnição, determinando expressamente a ela que "economizasse munição", pois as patrulhas atiravam desordenadamente durante a noite pelas ruas escuras (17 de agosto).

4. Iria cair para menos de 750 mil habitantes em 1919-1920.

A população das fábricas e das oficinas foi mobilizada para os destacamentos do Abastecimento e do exército vermelho. Por muitas vezes, os soviets obrigavam a burguesia a executar trabalhos de utilidade pública... O comissário para a imprensa da Comuna do Norte (Petrogrado), Kuzmin, com uma simples portaria de 3 linhas, eliminou, a 3 de agosto, todas as publicações burguesas: isso foi tudo. A *Tcheka* anunciou que os sabotadores do abastecimento seriam "aniquilados sem piedade". A 24 de agosto, um decreto aboliu a propriedade privada dos imóveis da cidade.

É trabalhoso enumerar as organizações contra-revolucionárias que a *Tcheka* descobriu e destruiu no ato, sem mesmo se preocupar em verificar a fundo sua natureza. A questão dos legionários poloneses terminou com perto de 600 prisões, realizadas em Vologda. A missão militar francesa enviava para aquela cidade, munidos de documentos franceses, os contra-revolucionários de origem polonesa que se suspeitava pertencerem a um corpo polonês em formação. Foram descobertas duas grandes organizações, constituídas especialmente de oficiais, uma delas dedicada à desorganização dos transportes, muito parecida com a de Savinkov, com a qual, sem dúvida, tinha ligações, e a outra, formada de constitucionais-democratas, isto é, pertencentes à burguesia liberal: 150 prisões em Moscou. A *Tcheka* trabalhava sem alarde. Esses casos que os jornais mal mencionavam - e nem sempre - eram reprimidos discretamente. As execuções, aliás, continuavam sendo excepcionais.

O presidente do Conselho dos Comissários do Povo da Comuna do Norte, Zinoviev, publicou afinal um aviso anunciando que, a partir daquele momento, os inimigos da república seriam fuzilados. A agitação contra-revolucionária, a instigação dos soldados vermelhos à desobediência, o auxílio prestado aos brancos e aos estrangeiros, a espionagem, a corrupção, os *pogroms*, os roubos, o banditismo, a sabotagem e "outros crimes" seriam "imediatamente punidos com a morte". A *Tcheka* fuzilaria; os nomes dos fuzilados seriam comunicados à imprensa (18 de agosto). Não se previa qualquer julgamento anterior; a lista dos crimes era tão longa e tão vaga que a temível comissão gozava, na verdade, de um ilimitado poder. A arma do terror estava pronta, mas a revolução não a utilizaria senão após os atentados que se preparavam.

A volta de L. Kamenev para a Rússia dissipou, se é que ainda existiam, as últimas ilusões sobre a atitude das potências para com a revolução. Kamenev partira em abril para a Europa ocidental, encarregado pelo CC do Partido Comunista de informar aos socialistas e à oposição a respeito dos soviets e, sem dúvida, de entabular negociações ociosas com os governos. Cercado de espões por toda parte, co

berto de injúrias pela imprensa européia, não teve permissão para entrar na França. A Inglaterra o expulsara. Na volta, os brancos da Finlândia o mantiveram preso durante vários meses. Ele voltava para dizer aos proletários da Rússia: "Camaradas, estamos sozinhos" (Discurso no Soviete de Petrogrado, a 7 agosto).

A república também mudava de tom diante das potências. Um apelo, assinado por Lenin, Tchitcherin e Trotsky, aos trabalhadores franceses, ingleses, norte-americanos, italianos e japoneses, exortava-os a impedir a intervenção:

"Se os aliados querem nos ajudar em nossa santa obra de resistência, que nos ajudem a reconstruir nossas ferrovias e nossa vida econômica, pois uma Rússia economicamente fraca não tem condições de se defender. Mas os aliados não responderam a nossos apelos.

"Não pensam senão em nos fazer pagar os juros dos empréstimos outrora concedidos pelo capital francês ao tzarismo para levá-lo à guerra, empréstimos que o povo russo já pagou com torrentes de sangue e montanhas de cadáveres.

"Temos tolerado, por demasiado tempo, as zombarias insultuosas dos representantes do imperialismo aliado, e permitido, aos que outrora lambiam as botas do tzarismo, que permaneçam na Rússia /.../. Não empregamos represálias contra eles, muito embora sua mão estivesse visível em todos os complôs /.../".

A Ucrânia, ocupada pelos alemães, tornou-se naquela época um centro de conflitos. Um terrorista socialista-revolucionário de esquerda, Bóris Donskoi, matou a 30 de julho, em Kiev, o marechal-de-campo Eichorn. De meados de julho a meados de agosto, os ferroviários lutaram contra o invasor por meio de greves e atos de sabotagem. Foi necessário convocar ferroviários alemães para garantir o funcionamento das linhas mais importantes. A 7 de agosto, o Comitê Militar Revolucionário da Ucrânia, naturalmente clandestino, declarou guerra ao *hetman* Skoropadski e aos ocupantes. As sublevações camponesas estouraram por toda parte ao mesmo tempo. As regiões de Poltava, de Kiev, de Tchernigov e de Ekaterinoslav se abrasaram. Um antigo anarquista, ex-forçado, Nestor Makhno, deu início à guerrilha em Gulai-Polie (Ekaterinoslav), com cerca de 15 homens; assaltavam sentinelas alemãs para obter armas. Mais tarde, Makhno iria formar exércitos. Os alemães reprimiram estes movimentos com o máximo rigor, executando em massa prisioneiros e incendiando aldeias, mas foram suplantados.

3 - OS ATENTADOS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS

Siada, faminta e solapada pelas conspirações, só faltava à república sofrer um golpe decisivo contra sua direção. O papel dos verdadeiros chefes proletários é grande precisamente por serem insubstituíveis. Valor pessoal, autoridade, influência, eles são produtos da história, formados pela classe operária com a ajuda do tempo e dos acontecimentos que nada pode substituir. As classes dominantes, que atingiram um alto grau de cultura, estão, nos períodos de prosperidade, em condições de formar em grande número os chefes de que precisam. A classe operária, em seu estado atual de opressão e de incultura, pode apenas tentar suprir, com a ajuda da organização política, a falta ou a morte dos chefes. Este é um dos graves problemas que a ela se colocam nas épocas de crise. O movimento operário alemão ainda não substituiu, dez anos depois, Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. O que restava, pois, era atingir a revolução na pessoa de seus chefes. Neste sentido, as tradições terroristas do Partido Socialista-Revolucionário de Direita promoviam contínuas iniciativas. É bem verdade que o Comitê Central socialista-revolucionário havia declarado inadmissíveis os atentados individuais, após a queda da autocracia; porém, sobreviera uma profunda mudança na política e na mentalidade do partido, em consequência da dissolução da constituinte, da paz de Brest-Litovsk e da pressão dos aliados. O VIII Conselho Nacional do Partido Socialista-Revolucionário, realizado de 7 a 14 de maio, havia aprovado solenemente, em termos mal dissimulados pela hipocrisia, o princípio da intervenção estrangeira na Rússia. "Considerando que a política do poder bolchevique ameaça a própria independência da Rússia, o VIII Conselho Nacional do Partido Socialista-Revolucionário é do parecer que esse perigo somente pode ser afastado pela liquidação imediata do governo bolchevique e pela transmissão do poder a um governo legitimado pelo sufrágio universal /.../. Esse governo poderia admitir, para fins puramente estratégicos, a entrada de tropas aliadas em território russo, sob condição de se garantirem a não-intervenção das potências estrangeiras nos assuntos internos da

Rússia e a integridade territorial do país." O que equivalia a dizer muito claramente, uma vez mais, que todos os meios eram bons contra os bolcheviques. A *browning* do terrorista não difere tanto quanto parece do avião tchecoslovaco.

Uma "organização de combate" socialista-revolucionária, pequeno grupo terrorista solidamente organizado, já existia em Petrogrado. Esse grupo, bastante independente em relação ao Comitê Central, que se reservava o direito de não reconhecê-lo, se necessário, vigiava de perto Uritski e Zinoviev, a fim de eliminá-los; antes, já assassinara o tribuno Volodarski. Era dirigido por C. I. Semenov, que, mais tarde, em 1921, passou para o lado do bolchevismo e esclareceu sobre a atividade terrorista de seu antigo partido. Os terroristas - eram uma dezena - se reuniram em Moscou para preparar o assassinato simultâneo de Lenin e de Trotsky. Dividiram Moscou em quatro setores, em cada um dos quais um observador e um executante, freqüentadores dos comícios em que Lenin discursava às sextas-feiras, esperavam a ocasião para atirar. Essa vigilância durou aproximadamente cinco semanas. Os executantes eram duas mulheres, Konopleva e Kaplan, e dois operários, Ussov e Koslov. Ambos se encontraram com Lenin e falharam. "Eu vacilei", relatou mais tarde Ussov, "já não tinha mais fé, tive que deixar a organização."

A 30 de agosto, como nas sextas-feiras anteriores, havia terroristas à espera de Lenin em todos os grandes comícios operários. Um velho operário socialista-revolucionário, Novikov, postado na entrada da fábrica Michelson, viu-o chegar; a terrorista Fanny Kaplan, uma antiga anarquista, estava dentro do salão, armada de uma pistola cujas balas o chefe do grupo, Semenov, acreditava haver envenenado. Lenin chegou só; ninguém o escoltava; ninguém veio recebê-lo. À saída, alguns operários o rodearam por alguns momentos a alguns passos de seu automóvel. Foi então que Fanny Kaplan atirou três vezes contra ele, ferindo-o gravemente no ombro e no pescoço. Transportado para o Kremlin por seu motorista, Lenin ainda teve forças para subir em silêncio a escadaria para o segundo pavimento; depois a dor o derrubou. A ansiedade foi muito grande; o ferimento do pescoço podia ser extremamente grave; pensava-se que estivesse morrendo. A resistência do ferido predominou sobre tudo. Ao fim de dez dias Lenin estava de pé.

Cinco dias depois, o Comitê Central do Partido Socialista-Revolucionário se declarava "inteiramente alheio" ao atentado. (Ele fizera declaração semelhante após o assassinato de Volodarski.) Essa negativa, evidentemente causada pelo temor de represálias terríveis e pelo sentimento de impopularidade - a tradição do partido era de reivindicar e celebrar os atentados cometidos por sua organização de combate - produziu sobre os terroristas efeito dos mais arrasadores. "Arris-

camos a vida", disse um deles, "em nome do Comitê Central e o Comitê Central nos renega!" A duplicidade dos dirigentes socialistas-revolucionários (Gotz e Donskoi) era tal que, exatamente no momento em que redigiam aquela negativa, na noite de 6 de setembro, seus homens preparavam o descarrilhamento do trem de Trotsky. Julgavam que o desaparecimento do chefe do exército vermelho pudesse acarretar o desmoronamento da frente de guerra. Vigiavam Trotsky na entrada do Kremlin, do Comissariado para a Guerra e das administrações militares. Cinco executantes, encarregados de fazer explodir seu trem, fizeram um curso técnico com um terrorista experimentado. Trotsky devia partir às 6 horas para a frente de guerra. Dois executantes, um deles uma mulher, o esperavam na estação; se ele escapasse a suas balas, Helena Ivanovna deveria fazer descarrilhar seu vagão. Ela esperou em vão a noite toda na linha de Kazan. Trotsky partira pela linha de Nijni-Novgorod.

As duas capitais foram atingidas ao mesmo tempo. No mesmo dia em que Lenin tombara, em Moscou, o presidente da *Tcheka* de Petrogrado, Moise Salomonovitch Uritski⁵, foi morto por um estudante socialista-revolucionário, Kaneguisser, que tentou se refugiar no clube inglês. Kaneguisser pertencia ao Partido do Povo Socialista, mais direitista ainda do que os próprios socialistas-revolucionários.

Estariam esses atentados ligados diretamente à intervenção estrangeira? Pierre Pascal, que na missão militar francesa se ocupava do código, disse: "Eu próprio decifrei um telegrama no qual se tratava do emprego do terrorismo. Afirmo categoricamente que a missão militar francesa estimulou os atentados cometidos na Rússia /.../"⁶. Veremos logo mais que

5. M. S. Uritski, filho de pequenos comerciantes israelitas de Kiev, havia estudado direito, fora exilado três vezes para os Yakutes e no norte da Rússia, e banido e preso por várias ocasiões. Esse revolucionário profissional, minado pela tuberculose, não tinha vida particular. Entrara para o Partido Bolchevique ao mesmo tempo que Trotsky. Pertencia ao Comitê Central.

Fanny Kaplan e Kaneguisser foram fuzilados. A parte secreta desses diversos atentados seria revelada mais tarde, no processo contra o CC do Partido Socialista-Revolucionário, instaurado em junho-julho de 1922, em Moscou, quando os principais terroristas se haviam passado para o bolchevismo. Os membros do CC persistiram em negar toda responsabilidade nesses atentados, mas foi demonstrado que tinham conhecimento de sua preparação, que um deles, Donskoi, havia tido contato com Fanny Kaplan, que o grupo terrorista lhes enviava as quantias provenientes das "expropriações" e havia sido por eles encarregado de fazer descarrilhar um trem de ouro enviado para a Alemanha. O Partido Socialista-Revolucionário tinha a se beneficiar com os atentados, mas não queria assumir a grave responsabilidade por eles, enquanto a luta estivesse indecisa. Donskoi recomendou ao terrorista Semenov que formasse, à maneira dos anarquistas, um grupo de "máscaras negras"... Anarquista terrorista, presa em Kiev, em 1906, Fanny Kaplan foi condenada à prisão perpétua, tornando-se socialista-revolucionária na prisão de Akatoui, onde passou dez anos. "Atirei em Lunin", declarou ela, "por considerá-lo um traidor do socialismo e porque sua existência abala a reputação do socialismo. Não tenho qualquer reserva quanto ao governo de Samara e à luta contra a Alemanha ao lado dos aliados."

6. Depoimento no processo de Moscou, audiência de 2 de junho de 1922.

agentes ingleses preparavam, de sua parte, o desaparecimento de Lenin e Trotsky. Finalmente, Savinkov afirmou que os agentes do Conselho Nacional tcheco, que lhe mandaram recursos financeiros, esperavam que ele os utilizasse na organização de atentados terroristas.

4 - AS JORNADAS DE SETEMBRO

Esses atentados simultâneos sobrevindos naquele momento não podiam deixar de provocar no partido e no proletariado um terrível surto de cólera. Sentia-se que havia soado a hora derradeira; a revolução não tinha outra alternativa senão matar ou ser morta. Para vencer os inimigos do exterior, era preciso vencer os inimigos internos. A *Krasnaia Gazetta* de Petrogrado escreveu: "É tempo de também começarmos /.../. Dizíamos, antes, que à morte de um só responderíamos com a morte de mil; pois eis-nos agora forçados a agir. Que os sentimentais que temem derramar sangue inocente saiam do caminho! Quantas vidas perdidas, de mulheres e de crianças da classe operária não tem cada burguês em sua consciência? Não há inocentes entre eles. Cada gota do sangue de Lenin deve custar centenas de mortes aos burgueses e aos brancos /.../. Os interesses da revolução exigem o extermínio físico da classe burguesa. Eles não têm piedade, não tenhamos piedade" (31 de agosto).

O mesmo artigo deixava claro que só mereceriam indulgência os representantes da classe burguesa que houvessem demonstrado sua lealdade para com o regime.

Outro editorial do mesmo jornal explicava nessa mesma tarde: "Sangue por sangue! Mas não faremos massacres, não! Pessoas estranhas à burguesia correriam o risco de perecer e inimigos autênticos do povo nos escapariam. Será organizadamente que iremos procurar os burgueses pançudos e seus auxiliares /.../. Organizar o terror era limitá-lo. A 2 de setembro, enquanto as *Tchekas* procediam a execuções sumárias, o governo, decidido a dar um golpe decisivo contra a conspiração estrangeira, ordenou que se revistassem as missões britânicas e se prendesse o encarregado de negócios britânico, Lockhart. O complô anglo-francês foi ferozmente divulgado. Uma proclamação do *Vtsik* decreta o país campo fechado, cuja defesa se confiava a um Conselho Revolucionário para a Guerra, presidido por Trotsky. (Empregaremos,

indistintamente, as expressões Conselho Revolucionário do Exército e Conselho Revolucionário para a Guerra, pois ambas as traduções são exatas. O leitor terá em mente que se trata de um só e mesmo organismo.) O terror vermelho foi decretado no dia seguinte, mediante uma ordem do Comissário do Povo para o Interior, Petrovski. Até agora, diz-se ali, os soviets responderam somente com represálias leves aos massacres de proletários na Finlândia, na Ucrânia e nas regiões ocupadas pelos tchecoslovacos. "Basta de benevolência e de negligência. Todos os socialistas-revolucionários de direita, conhecidos dos soviets locais, devem ser detidos imediatamente. Serão tomados reféns em grande número na burguesia, e entre os oficiais. À menor resistência ou à menor ação por parte dos brancos, responderemos sem discussão por fuzilamentos em massa. Cabe aos comitês executivos de província tomar a iniciativa nesse sentido /.../. Essas medidas devem ser tomadas no ato; informar imediatamente o comissariado de todas as ações indecisas das autoridades locais."

A *Tcheka* de Petrogrado publicou, no dia 7, que 512 contra-revolucionários, dos quais dez socialistas-revolucionários de direita, haviam sido fuzilados. Além disso, os jornais de Petrogrado, durante vários dias em seguida, publicaram intermináveis listas de reféns: entre grão-duques, membros da aristocracia, oficiais de todas as patentes, jornalistas reacionários, financistas, industriais, negociantes, foram detidas 500 a 600 pessoas. Quinhentos contra-revolucionários foram executados em Kionstadt, segundo relatório oral, apresentado em meados de setembro à Conferência das Comissões Extraordinárias da Comuna do Norte. As execuções foram bem menos numerosas em Moscou, onde as listas dos fuzilados eram publicadas. Nos primeiros dez dias foram cerca de 60: diversos grão-duques, os antigos ministros Khvostov, Protopopov, Chtcheglovitov e N. A. Maklakov, oficiais, antigos policiais, um chantagista e um advogado acusado de possuir armas.

É difícil fazer uma idéia, ainda que aproximada, do que foi o terror vermelho nas províncias. Os jornais só davam informações fragmentárias, de certo modo fortuitas. Em Perm, foram inicialmente fuzilados 50 reféns, depois 36; em Tver, limitaram-se a aprisionar 150 reféns; Penza, onde de início se havia fuzilado um nobre e alguns oficiais, telegrafou a 25 de setembro: "O assassinato do operário Egorov foi pago com 152 vidas". Escreveram de Kostroma: sete brancos foram executados, "a grande burguesia está em nosso poder, nós a ocupamos na limpeza dos quartéis"; em Nijni-Novgorod, tomaram 41 sacerdotes, oficiais, policiais e capitalistas; em Orlov, perto de Viatka, 23; em Chui, 8; em Kursk, 9; a *Tcheka* de uma pequena localidade chamada Kirma enviou a Moscou uma lista de "doze contra-revolucionários, bandidos, ladrões e charlatães executados"; em Ivanovo-Vosnessensk,

grande centro têxtil, foram feitos 184 reféns, criou-se um campo de concentração, mas só se fizeram umas poucas execuções.

A partir de 5 de setembro, o partido se esforçou visivelmente para moderar o terror. A *Krasnaia Gazetta* de Petrogrado disse: "A burguesia recebeu uma dura lição /.../. Que os inimigos nos deixem construir em paz a nova vida. E, desprezando seu ódio oculto, deixaremos de persegui-los. O terror vermelho terminou, até a próxima retomada do terror branco. O destino da burguesia está em suas próprias mãos". E no dia seguinte: "As milícias brancas irão arriscar as cabeças dos reféns? A retaguarda está consolidada, a burguesia aterrorizada, suas organizações de combate destruídas, os complôs descobertos, os conspiradores castigados... De agora em diante, vamos ocupar-nos da frente de batalha". Na verdade, essas jornadas de setembro, tão semelhantes às da Revolução Francesa, inauguraram, como aquelas, e por motivos análogos, a era do terror.

5 - O CASO LOCKHART

A *Ve-TcheKa* sabia, desde há muito tempo, que os fios de todas as conspirações contra-revolucionárias se ligavam às missões estrangeiras. No mesmo dia do assassinato de Uritski, uma busca feita no consulado britânico de Petrogrado resultou, após incidentes sangrentos (o tenente Cromie resistiu e foi morto; um agente da *TcheKa* foi morto e dois, feridos), na detenção de diversos contra-revolucionários refugiados no consulado e na apreensão de armas e documentos.

O encarregado de negócios inglês em Moscou, Lockhart, vinha sendo rigorosamente vigiado há várias semanas, em sua mais secreta atividade. Como a maioria dos estrangeiros, se interessava sobretudo pelas tropas vermelhas em formação e especialmente pelos letonianos, cujas qualidades de disciplina e de organização eram excepcionais. Lockhart entrou em contato com um oficial letoniano que apresentou ao cônsul francês Grenard e ao tenente Sidney Riley, sem desconfiar que estava tendo relações com um agente da contra-espionagem dos vermelhos. A partir de então, a *Ve-TcheKa* passou a estar perfeitamente informada. Havia organizações de espionagem e de contra-revolução em ambas

as capitais. Dois oficiais, o inglês Riley, o francês Vertamond e um outro chamado Calmatiano, deviam dirigir as operações na Rússia após a partida das missões estrangeiras. O tenente Sidney Riley viria a ser executado em 1928, na Rússia. Preparava-se a ocupação de Vologda e, para meados de setembro, um golpe de força em Moscou. Os comissários do povo seriam detidos no Kremlin, durante uma sessão do conselho. Riley, bem informado sobre os trabalhos do conselho, atribuía fundamental importância à detenção simultânea de Lenin e de Trotsky. Esperava poder comprar a guarda do Kremlin. Os dois chefes da revolução detidos deveriam ser imediatamente enviados para Arkhangelsk, "porém, o mais seguro", acrescentava Riley, "seria fuzilá-los imediatamente". Lockhart, por diversas vezes, enviou para os oficiais vermelhos quantias que, no total, somavam 1,2 milhão de rublos; além disso, forneceu a eles documentos falsos contendo o timbre e o selo da missão britânica.

Foram encontrados explosivos, listas de agentes secretos, documentos militares; ficou-se sabendo que os anglo-franceses preparavam a destruição de duas pontes, a fim de interromper o abastecimento de Petrogrado. A *Ve-TcheKa* surpreendeu, na noite de 31 de agosto para 1 de setembro, uma reunião clandestina. Nela estava um inglês que de início se recusou a identificar-se: era Lockhart. Ele foi logo dispensado mas dentro de poucos dias foi feito prisioneiro no Kremlin, onde aliás foi tratado com tanta deferência que manifestou sua gratidão a um dos membros da Comissão Extraordinária, Peters. O general Lavergne e o cônsul Grenard só se livraram da prisão se refugiando na legação norueguesa, que os vermelhos submeteram à mais severa vigilância. Nessa mesma ocasião, Litvinov e outros bolcheviques estavam detidos na Inglaterra e na França: o Comissariado das Relações Exteriores propôs e conseguiu a troca dos prisioneiros.

A imprensa de todo o mundo comentou com indignação os atentados criminosos dos bolcheviques às regras sagradas da extraterritorialidade e da imunidade diplomática. Consideravam-se os bolcheviques "à margem da civilização". Os governos de Londres e de Paris ameaçavam utilizar represálias contra os bolcheviques que se encontravam em suas mãos. Porém, no território dos soviets, a conspiração estrangeira foi derrotada⁷.

7. Muito pouco existe publicado a respeito do caso Lockhart. O que falamos sobre ele se baseia nos comunicados feitos pela *Ve-TcheKa* aos jornais da época e nas recordações de Peters, publicadas no n. 33 de *Revolução Proletária*.

6 - SVIAJSK

Na mesma ocasião, a sorte da revolução se decidia em uma pequena estação quase desconhecida, a cerca de 70 km de Kazan, na linha de Moscou. O avanço vitorioso dos tchecoslovacos e dos brancos ali se esboroava sobre trincheiras primitivas cavadas às pressas, por trás das quais nada mais havia do que uma férrea vontade. A 8 de agosto, em plena derrota da frente de batalha do leste, o trem de Trotsky partiu para Kazan, conduzindo perto de 200 comunistas, escolhidos dentre os mais decididos. Viajaram lentamente, para, durante o percurso, ir quebrando a resistência dos ferroviários da rede. A estrada tinha tão pouca segurança que os ocupantes do trem, que haviam imposto a si mesmos uma disciplina militar, foram postos em alerta por várias vezes. Os brancos acabavam de tomar Kazan: alguns regimentos vermelhos, formados recentemente, traídos pelos oficiais, haviam debandado diante deles. Tal foi a derrota dos vermelhos, que o comandante-chefe da frente de batalha, Vatsetis, por pouco não foi capturado pelo inimigo. Rodeado de um punhado de homens, conseguiu, com dificuldades, abrir caminho entre os fugitivos e os perseguidores. O que restou das tropas soviéticas se agarrou firmemente à pequena estação de Svijajsk, às margens do Volga. Foi ali que o trem de Trotsky se deteve. A locomotiva foi-se embora e na estação sombria nada mais restou do que aquela fila de vagões onde estavam instalados o estado-maior, o tribunal revolucionário e os serviços de um exército em formação. Um outro trem o seguiu, "transportando 300 cavaleiros, com aeroplano, vagão-garagem para cinco carros, telégrafos sem fio, imprensa, tribunal; em suma, uma pequena vila militar"⁸. (Este trem de Trotsky iria se tornar histórico. Durante quatro anos foi visto em todas as frentes de batalha. O Conselho Revolucionário do Exército tinha sua sede permanente nesses vagões blindados ou protegidos por sacos de terra, munidos de metralhadoras e de um canhão.)

Svijajsk fechava aos tchecoslovacos a rota fluvial de Nijni-Novgorod e a linha Kazan-Moscou. Na idéia de seus defen-

8. A. MORIZET, *Chez Lénine et Trotsky*, Paris, Renaissance du Livre, 1921. Este livro contém uma interessante entrevista do chefe do exército vermelho.

sores, ela era a chave da Rússia central, o derradeiro bastião em que era preciso fazer-se matar até o último homem. "Os que dormiam sobre a plataforma da estação, sobre a palha misturada com cacos de vidro, nada temiam, quase não mais esperando pelo êxito. Ninguém se perguntava quando terminaria tudo aquilo /.../. Cada hora que passava era plena e nova, como um milagre. Um avião vinha lançar bombas sobre a estação: o ladrido incômodo das metralhadoras se aproximava e se afastava e assim também a voz tranqüila dos canhões; o soldado de capote rasgado, coberto por um chapéu mole e calçado de botas cambaias - o defensor de Svijajsk, em suma - consultava sorrindo o relógio e dizia para si mesmo: 'Então, estou vivo à meia-noite e meia, às 4 hs, ou às 6:20 hs... Svijajsk resiste. O trem de Trotsky está aqui; uma luz se acende na janela do serviço político. O dia terminou'. Havia falta quase total de medicamentos; só Deus sabia como e com quê os médicos faziam os curativos. Não se tinha vergonha nem medo dessa miséria. Em busca de sua sopa, os soldados passavam diante dos moribundos e dos feridos estendidos sobre as padiolas. Sucederam-se os dias chuvosos de agosto. Nossas fileiras dispersas e mal armadas não cederam um passo, a ponte continuou em nossas mãos e os reforços começaram a chegar da retaguarda."⁹ Organizava-se a ligação. "Revelou-se nisso o gênio organizador de Trotsky, que conseguiu trazer a Svijajsk, por ferrovias notoriamente sabotadas, uma nova artilharia e tudo que era necessário para a resistência e para a ofensiva. Lembremos que estávamos em 1918, numa época em que a desmobilização ainda efervescia, onde a passagem de um destacamento de soldados vermelhos bem fardados pelas ruas de Moscou causava sensação. Era remar contra a correnteza, lutar contra a fadiga de quatro anos de guerra, contra as águas impetuosas da revolução que arrastava por todo o país os destroços da antiga disciplina execrada /.../. Apesar de tudo, chegavam o abastecimento, os jornais, as botas e os capotes."

Quem eram os homens que defendiam Svijajsk? "Imediatamente se viu espalhar em volta de Rosengolz, em seu vagão, os mapas e as máquinas de escrever, saídas não se sabe de onde, em suma, os escritórios do Conselho Revolucionário para a Guerra. Rosengolz se pusera a construir um sólido aparelho de organização de linhas de uma retitude geométrica, de ramificações precisas. Simples e infatigável, Rosengolz nada tinha, porém, de marcial, apesar da grande pistola presa à cinta: nem no porte, nem no rosto branco

9. Larissa REISSNER, *No Front Vermelho*, 1918. Filha de um professor socialista, a autora combateu em Svijajsk e na flotilha do Volga. Seu pequeno livro, do qual existe uma tradução alemã, constitui um documento psicológico e um testemunho de primeira ordem.

mais para doce. Sua grande força residia na capacidade orgânica de regenerar, de reorganizar, de intensificar febrilmente a circulação do sangue espesso /.../. "Ivan Nkítitch Smirnov (velho bolchevique da Sibéria, antigo operário) era a consciência comunista de Svaijsk. Mesmo entre os soldados sem partido e entre os comunistas que não o haviam conhecido antes, sua correção e sua probidade absolutas foram imediatamente reconhecidas. Por certo, ele não sabia o quanto era temido, nem como se temia ser fraco e fraco exatamente diante dele, diante desse homem que jamais gritava, que se limitava a ser ele mesmo, tranqüilo e corajoso/.../. Sentia-se que, nos piores momentos, ele seria o mais corajoso e o mais intrépido. Com Trotsky tombaríamos em combate, disparado o último cartucho, sem lembrar dos ferimentos; Trotsky encarnava a santa demagogia do combate, as palavras e os gestos evocadores das mais belas páginas da Revolução Francesa. Com Smirnov, nós nos sentíamos calmos e de espírito sereno se encurralados ou interrogados pelos brancos na fossa sórdida de uma prisão. Era isso que nos dizíamos em voz baixa, amontoados desordenadamente sobre a plataforma, naquelas noites de outono já frias." Essas anotações de um combatente de Svaijsk nos parecem úteis; nelas se descobre um estado de espírito. Essa ténpera e essa elevação moral tornam os homens invencíveis e é privilégio das causas maiores dar aos homens essa ténpera e essa elevação moral.

Pouco a pouco, se solidificava a fé na vitória sobre um inimigo que havia sido muito superior numericamente, pelo armamento e pela organização: retomaríamos Kazan! Chegavam tropas descansadas. Criava-se um parque de aviação, cujas forças não eram superiores às de uma esquadrilha. O inimigo começou a se dar conta de que ali nascia uma força que era capaz de se tornar temível. Seus ataques eram sistematicamente repelidos. Dois dos mais notáveis chefes da contra-revolução, Savinkov e Kappel, jovem estrategista talentoso que posteriormente iria ser morto na Sibéria depois de lutas encarniçadas, conceberam o plano audacioso para surpreender Svaijsk. Os brancos fizeram um largo movimento de envolvimento, cortaram a linha de Moscou e marcharam sobre Svaijsk, vindos pelo lado contrário. Um trem blindado, armado com peças de artilharia de marinha, enviado ao encontro deles, mal comandado, foi tomado e incendiado. O inimigo se encontrava a menos de duas léguas de Svaijsk, cortando a retirada por terra.

O pânico se instalou entre os vermelhos. O Serviço Público do Exército só pensava em se retirar, apressadamente, pelo Volga. Um regimento que controlava a frente de batalha sobre o rio debandou e, tendo à frente os comandantes e os comissários, pôs-se em fuga. Desordenadamente, esses fugiti-

vos invadiram os navios da flotilha do Volga. A derrota parecia total. Em Svaijsk sobram somente os escritórios do estado-maior do 5. Exército, o trem de Trotsky e o pessoal das tripulações. "Leon Davidovitch mobilizou todo o pessoal do trem, os funcionários do escritório, os telegrafistas, os enfermeiros, todos, enfim, que pudessem segurar um fuzil. Cerca de 500 homens: os brancos tinham o dobro disso. Os escritórios se esvaziaram, não havia mais retaguarda. Todos foram lançados ao encontro dos brancos. A estrada toda, até as primeiras casas de Svaijsk, estava destroçada pelos obuses. A batalha durou várias horas. Os brancos acreditaram estar diante de tropas descansadas, bem organizadas, de que seus serviços de informação não tivessem conhecimento." Esfalfados por uma marcha de 48 horas, avaliaram com exagero a força do adversário, sem saber que estavam em presença de um punhado de soldados improvisados, por detrás dos quais só havia Trotsky e Slavin (um velho oficial que comandava o 5. Exército). Desistiram do combate. Para que ficasse mais claro que se mantinha a posição, Trotsky não fizera engatar uma locomotiva a seu trem. O grosso do 5. Exército, que contava com perto de 10 mil homens, preparava-se, mais adiante de Svaijsk e na outra margem do Volga, para a ofensiva contra Kazan. Abandonar Svaijsk talvez tivesse acarretado a destruição do exército.

O efeito decisivo da vitória de Svaijsk se completou no dia seguinte, graças a outra façanha. Vários pequenos torpedeiros haviam sido trazidos de Kronstadt, através dos canais. Comandados por um jovem oficial de marinha bolchevique, Raskolnikov, e pelo marinheiro Markin, que morreu como herói, formavam a flotilha vermelha do Volga. Trotsky e Raskolnikov haviam idealizado o projeto temerário de incendiar a flotilha inimiga, atracada em Kazan. A flotilha vermelha desceu o Volga com todas as luzes apagadas, numa noite muito escura. O torpedeiro que transportava Trotsky e Raskolnikov foi o único a conseguir transpor a entrada estreita do porto de Kazan. Tendo-se partido seu leme, ele se viu por algum tempo em extremo perigo, encostado a uma embarcação inimiga. A flotilha branca foi totalmente incendiada; os vermelhos se retiraram sem nenhuma perda.

7 - PRIMEIRA VITÓRIA: A TOMADA DE KAZAN

Vinte e sete comunistas que, deixando-se levar pelo pânico, haviam-se posto em fuga, foram julgados no dia seguinte e fuzilados. Vários deles eram velhos militantes. Essa medida de extremo rigor era necessária. "Todo o exército", escreveu Larissa Reissner, "dizia que os comunistas era relaxados, que a lei não era feita para eles, que podiam desertar impunemente/.../. Não fosse a extraordinária bravura de Trotsky, do comandante-chefe e dos membros do Conselho Revolucionário para a Guerra, o prestígio dos comunistas que atuavam no exército estaria perdido por muito tempo." Ora, os comunistas eram a alma do exército.

Não era novidade esse rigor. Vinte e cinco dias depois da chegada do trem de Trotsky a Svajsk, o entusiasmo, mais exatamente o fanatismo revolucionário, vinha mantendo, contra a indisciplina e a desordem, uma luta implacável. A 14 de agosto, Trotsky publicou a seguinte ordem do dia:

"Tomei conhecimento de que o destacamento de guerrilheiros de Petrogrado abandonou suas posições.

"Ordeno que o comissário Rosengolz verifique esse fato.

"Os soldados do Exército Vermelho dos Operários e dos Camponeses não são relaxados nem velhacos. Querem lutar pela liberdade e pela felicidade do povo trabalhador. Se demonstram fraqueza ou lutam mal, a culpa disso é dos comandantes e dos comissários.

"Advirto: se uma unidade demonstrar fraqueza, o comissário será fuzilado primeiro e, depois, o comandante.

"Os soldados corajosos serão recompensados de acordo com seus méritos e receberão postos de comando.

"Os fracos, os aproveitadores e os traidores não escaparão às balas.

"Respondo por isto perante todo o exército vermelho".

Os guerrilheiros de Petrogrado, crendo, talvez, que sua condição de voluntários da capital assegurasse a eles indulgência, foram tratados sem contemplação por um conselho de guerra que condenou várias dezenas deles à morte.

Nunca um exército em campanha evitou esse tipo de medidas de rigor; a guerra sempre coloca o homem entre a

bala do inimigo e a bala de seus companheiros, se por pusilanidade torna-se auxiliar do inimigo: o instinto de conservação da coletividade tem necessidade dessa lei de ferro para submeter o instinto de conservação do indivíduo. Aliás, essas ações não precisam de comentário. Quando muito, devemos nos lembrar uma vez mais quais eram as condições em que se forjava a disciplina do exército vermelho. No início da estada em Svajsk, Trotsky tivera de redigir um longo documento para prover o estado-maior de algumas máquinas de escrever. A 19 de agosto, dirigiu uma longa admoestação aos marinheiros da flotilha vermelha: "Dirigindo-me ontem ao estado-maior da flotilha, fiquei estupefato com o quadro com que deparei. O barco está cheio de estrangeiros, mas ninguém verifica os salvo-condutos que, aliás, não existem. Entra quem quer/.../. Não se sabe quem é o chefe da embarcação. Impossível conhecer quem dirige as comunicações. Alguns homens foram enviados a algum lugar sem que se saiba por quem/.../. Ao partirem, abandonaram seu escaler, contando que alguém o recolheria. Nenhuma organização, nenhum senso de responsabilidade. São inúmeras as mulheres e crianças a bordo. Não há trabalho prático que seja possível nestas condições. Não há segredo militar que possa ser guardado. Vi o comissário Markin trazer um mecânico que não sabia pôr um motor em funcionamento. 'É sempre assim', disse Markin, 'quando precisa ir para trás, os motores funcionam admiravelmente; quando precisa ir para a frente, os motores fazem greve.' Camaradas marinheiros! Isso não pode continuar/.../. Pensem bem na situação do país. Se tomarmos Kazan, teremos rompido a frente de combate do inimigo, e Simbirsk e Samara cairão sozinhas...". Essa argumentação persuasiva terminava com estas palavras: "Tudo deve caminhar militarmente. Não ceder sequer uma polegada de terreno. Tomar do inimigo tudo quanto for possível. Tomar a ofensiva firmemente, corajosamente. Quem nada arrisca, jamais terá nada. Aperto suas mãos fraternalmente, camaradas marinheiros!" O chefe que usava essa linguagem e assinava ordens inflexíveis tinha que se expor às vezes, junto com seus homens, na primeira fileira. Esse construtor de exército procedia pela persuasão, pelo exemplo e pelo rigor.

Sua certeza interior de vencer impunha também uma confiança terrível. Ele mandava lançar sobre as cidades ocupadas pelo inimigo Avisos de tal teor:

"Os cidadãos das cidades temporariamente tomadas pelos tchecos brancos continuam sujeitos às leis da República dos Soviéticos.

"Ninguém tem o direito de invocar a violência dos invasores para justificar atos de traição para com o poder dos operários e dos camponeses.

"Quem quer que, sob a dominação dos tchecos brancos, tiver prestado ajuda ao inimigo será fuzilado.

"Os bens móveis e imóveis dos participantes da sedição burguesa e de seus cúmplices serão confiscados.

"Esses bens serão usados para recompensar as famílias dos operários e dos camponeses que tombaram sob os golpes dos contra-revolucionários e, de modo geral, os trabalhadores vítimas da sublevação burguesa" (15 de agosto de 1918).

Aos trabalhadores mobilizados pelos brancos, ordenava, sob pena de morte, que se passassem para o lado dos vermelhos. (Ordem do dia de 27 de agosto, sobre a mobilização.)

A persuasão, o exemplo, o rigor, a confiança, a atividade organizadora dos chefes comunistas realizaram, em quatro semanas, um milagre. Quando da chegada do trem de Trotsky, o que havia em Svajsk, segundo o testemunho de um membro competente do Conselho Revolucionário, S. I. Gussev, não passava de uma massa disforme de 10 a 15 mil homens, dividida em várias dezenas de regimentos, alguns deles formados há tempos, outros formados de pequenos grupos de guerrilheiros. Alguns desses regimentos estavam tão desmoralizados que se recusavam a combater, como foi o caso do 4º Regimento letoniano, cujos chefes - dois comunistas - foram entregues ao tribunal revolucionário. "As demais unidades, quando combatiam, mostravam fraqueza diante de um inimigo menos numeroso, mas ativo e melhor organizado /.../. Os serviços políticos, o tribunal, o serviço de informações eram compostos de homens sem experiência. De modo geral: falta de confiança em si, falta de iniciativa, passividade, falta de disciplina de alto a baixo /.../. O trem de Trotsky trouxe àquela estação perdida de Svajsk a firme vontade de vencer, a iniciativa, uma ação enérgica sobre todo o mecanismo do exército. Desde os primeiros dias, sentiu-se que uma súbita mudança acabara de acontecer. Ela se fez sentir, logo de saída, quanto à disciplina. Os métodos severos de Trotsky eram, acima de tudo, adequados e necessários àquela época de guerrilhas, de indisciplina e de amor próprio mesquinho."¹⁰ Da confusão esparsa dos derrotados de Kazan, nasceu um exército poderoso e seguro de si, que iria retomar Kazan.

Trotsky, de volta a Moscou por alguns dias, ao saber do atentado de Fanny Kaplan, pôde garantir ao *Vtsik* que a situação estava segura, estável e que estava preparado para surpresas desagradáveis. Já então, os vermelhos se exercitavam em alguns primeiros êxitos conseguidos sobre os tchecoslovacos. A 9 de setembro, o marinheiro Markin foi até

10. S. I. GUSSEV, 'As Jornadas de Svajsk', em *Revolução Proletária*, n. 2 (25), 1924.

Kazan pôr uma bateria inimiga fora de ação. Os vermelhos retomaram a cidade no dia 10.

Os operários da fábrica de pólvora de Kazan haviam se sublevado alguns dias antes: foram massacrados. Toda a juventude masculina mobilizada pelo Comitê dos Constituintes havia sido levada à força. A população burguesa havia fugido, em comboios intermináveis, durante quatro dias inteiros, levando tudo o que fosse possível carregar. Havia cadáveres recentes enfileirados no pátio da prisão, tendo a chegada da cavalaria vermelha do legendário Azine interrompido as execuções. A voz de Trotsky retornou no soviete: "/.../. Agora que se acusam os operários de demonstrar crueldade na guerra civil, afirmamos, elucidados pela experiência: a indulgência para com as classes inimigas seria o único erro imperdoável que a classe operária russa poderia cometer neste momento. Estamos lutando em nome do bem maior da humanidade, em nome da regeneração da humanidade, para tirá-la das trevas e da escravidão /.../"¹¹.

8 - O VOLGA, OS URAIS, O KUBAN...

Dois dias depois, dia 12, o 1º exército, comandado por Tukhatchevski, tomava Simbirsk. No dia seguinte, à noite, ele forçou a passagem do Volga. Para tanto, era necessário se apoderar de uma ponte metálica de 1 Km de extensão, dominada pelo fogo inimigo. Lançou-se por ela uma locomotiva a todo vapor, sem maquinista. Atrás dela seguiu um trem blindado e, a seguir, uma brigada de infantaria. A artilharia reboava nas duas margens do rio. Chalanas incendiadas pelos brancos iluminavam a batalha. O inimigo, atarantado com esse ataque frontal, recuou desordenadamente. O exército que realizou essa proeza era jovem. Tukhatchevski, que assumira seu comando em fins de junho, o encontrara alojado em trens que nunca abandonava, contentando-se em guerrear ao longo das linhas. "Cinco camaradas formavam o estado-maior /.../. Não existia nenhum serviço administrativo; ninguém sabia qual era

11. Discurso no teatro de Kazan, a 11 de setembro.

o efetivo; o abastecimento só se conseguia graças à engenhosidade e à energia extraordinária de um camarada que interceptava todos os trens que passavam pela região /.../.¹²

O plano do Conselho Revolucionário para a Guerra ia sendo executado. Doze exércitos acabavam de se constituir do Mar Branco ao Mar Negro. Eles se dispunham da seguinte maneira: ao norte, impedindo o avanço dos ingleses para além de Chenkursk, na região da Dvina, o 6º. Entre Perm e Ekaterinburgo, o 4º. Entre Perm e Kazan, o 2º. Em Kazan, o 5º; mais ao sul, ameaçando Samara, o 1º (Tukhatchevski); em Saratov, o 4º; em Tsaritsine, o 10º (Vorochilov); ao norte do Cáucaso, os 11º e 12º. Esses exércitos contavam com 8 a 15 mil homens, com exceção do 10º, que representava uma força grandiosa (40 mil homens, 240 canhões, 13 trens blindados) e fazia frente ao exército cossaco do Don (atamã Krasnov), de poderio quase igual, e dos dois exércitos do Cáucaso setentrional, onde mais de 100 mil vermelhos mantinham contra outros tantos brancos uma guerra de movimento, repleta de extermínios, de saques de cidades, de represálias atrozes e de atos heróicos...

O exército vermelho se formou na guerra de classes que, pelo terror, transformou-se numa forma elementar, ainda que organizada, de luta pela vida. Detenhamo-nos um pouco sobre certas páginas surpreendentes, muito pouco conhecidas, dessa epopéia. Melhor de que longas exposições, elas permitem compreender o que foi esta guerra e por quê os vermelhos deviam vencer.

Os operários de Ekaterinburgo e os mineiros de Tcheliabinsk haviam formado, em maio, seus primeiros contingentes para combater, sob o comando de Oremburgo, os cossacos de Dutov. Quando os tchecoslovacos marcharam sobre os Urais, todas as fábricas se sublevaram, formando novos destacamentos que se aglutinaram aos antigos. Assim, o povo de Ekaterinburgo, de Verkneural'sk e de Troitsk constituíam um pequeno exército de cerca de 10 mil homens (60 metralhadoras e 12 canhões), com tão poucos oficiais que era preciso atribuir patentes aos comunistas, aos membros dos soviets, aos antigos oficiais. O comando coube a um operário bolchevique, Blücher, que havia sido sub-oficial. Os tchecos tomaram Verkneural'sk. O pequeno exército de Blücher foi acrescido de 2 mil fugitivos. Os proletários da cidade ocupada transportaram, em carroças, as famílias e o que possuíam de mais valioso entre seus bens: o samovar, cama e colchão, a roupa branca... Traziam

12. M. TUKHATCHEVSKI, "O Primeiro Exército em 1918", in *A Revolução e a Guerra*, nº 4-5, 1921.

consigo uma reserva de ouro de 130 kg. Estavam quase cercados. Para onde ir? Passar para o Turquestão? Retirar-se para o Baixo-Volga? Decidiram transpor a crista dos Urais para se reunir, ao norte, com o exército vermelho. Foi ao mesmo tempo uma operação de guerrilha e migração da população. Cada grande fábrica por que passavam acrescentava ao exército novos guerrilheiros e novos comboios de fugitivos. Ainda mesmo em Verkneural'sk, para abrir passagem, os guerrilheiros, não tendo munição, tiveram que atacar, a baioneta e a lança, uma coilha defendida por cossacos, oficiais e a juventude das escolas secundárias. Cara a cara, os inimigos se reconheciam como habitantes das mesmas ruas, vizinhos, primos, operários e patrões, às vezes pais e filhos. Por um momento, hesitaram em se atacar. Depois, lançaram-se a um corpo-a-corpo frenético. Os vermelhos passaram. De ambos os lados, o armamento era de má qualidade. Pegavam-se velhos fuzis que enfetavam as paredes, usavam-se armas de caça, fabricavam-se lanças e clavos semelhantes às dos *Jacques* [camponeses] da Idade Média; fundiam-se balas com equipamento improvisado; empregavam-se matracas de madeira para imitar o crepitar das metralhadoras. Na retaguarda, as mulheres e os feridos deitados nas carroças, conduzidos por crianças de 10 anos, desenvolviam grande atividade. Nem os brancos, nem os vermelhos faziam prisioneiros. Uma disciplina perfeita e uma boa organização se instituíram nesse exército, onde soldados e chefes ganhavam o mesmo soldo (150 rublos por mês), onde os chefes iam para o combate como todo mundo, onde eram tão escassas as licenças que constituíam precioso objeto de barganha. Ao fim de um mês de privações e de combates, transpostos os Urais, e tendo chegado às fábricas de Bogoiavlensk e de Arkhangelsk, às margens do Oufa, impunha-se um novo tipo de heroísmo, pois previam-se embates infinitamente penosos: era preciso abandonar as famílias. O enorme sacrifício foi aprovado por votação de todos, de braços erguidos, num silêncio acabrunhador. A 2 de setembro, em Krassny-Iar, o exército de Blücher, sob a metralha incessante dos brancos, ficou encurralado junto a um rio profundo, o Oufa. Em uma só noite foi construída uma ponte, feita de troncos de árvores aparelhados de maneira grosseira. Os vermelhos atravessaram o rio. Eles, que haviam pensado morrer até o último homem. O estado-maior, decidido a se defender até o derradeiro cartucho, estabeleceu as disposições finais: cada um dos homens devia reservar sua última bala para um camarada e o chefe do exército, sozinho, o último deles em pé, ele próprio se mataria... Transposto o rio, foram feitos 200 prisioneiros: nenhum deles foi poupado. Finalmente, ao sul de Perm, próximo a Kungur, os guerrilheiros dos Urais executam

ram a união com o 3º exército vermelho (a 13 de setembro). Haviam percorrido, em 50 dias de combates, sobre os cumes do Urais, perto de 1.600 Km¹³.

Nesse mesmo período, outro exército vermelho, a cerca de 2.000 Km dali, realizara proeza semelhante. Dezesseis mil guerrilheiros, acompanhados por um grande grupo de fugitivos (várias dezenas de milhares de homens), isolados do grosso das tropas vermelhas do Kuban em consequência de uma derrota, bateram em retirada pela península de Taman que estende, em direção à Criméia, as montanhas do Cáucaso¹⁴. Ali viram-se bloqueados numa situação desesperadora. Abria-se diante deles um único caminho: a formação basáltica que costeia, rumo sul, a imensa superfície azulada do Mar Negro. O mar era vigiado por cruzadores alemães; as montanhas que se erguiam do lado oposto estavam infestadas pelo inimigo. No litoral, pequenas cidades destruídas, famintas; nenhuma possibilidade de abastecimento. Um sol tórrido. Por ali seguiu aquela torrente humana. Era preciso caminhar sem parar para não morrer de fome. A necessidade produziu a disciplina, a ordem, os chefes. Um antigo capitão, filho de camponeses, Epiphane Kovtiukh, impôs aos guerrilheiros a lei da salvação geral. Sua coluna, à força de arremeter contra os obstáculos como um aríete, em breve percebeu ser irresistível. O exército e os fugitivos se alimentavam de milho, de nozes, de frutos silvestres. Caminhavam seminus, andrajosos, abandonando os retardatários mortos à beira do caminho, sobre a poeira ardente. A 16 de agosto, depois de 15 dias de marcha e de combates implacáveis, o inexpugnável posto de Tuapse, ocupado por uma guarnição georgiana, lhes obstruiu o caminho. O inimigo se sentia confiante na vitória em seu ninho de águia eriçado de canhões. Com a ajuda de baionetas fincadas nas sinuosidades das rochas, os guerrilheiros realizaram uma inacreditável escalada. Ao amanhecer, os vermelhos se arremessaram impetuosamente sobre a fortaleza. Agiram sem compaixão.

Depois, o exército marchou sobre Maikop, onde o general Pokrovski se entregava a uma orgia sanguinária: entre enforcamentos, execuções a sabre, fuzilamentos, afirma-se que exterminou 4 mil pessoas (a cidade possuía 45 mil habitantes). Em seu caminho, os vermelhos encontraram, nas clareiras, mulheres crucificadas. Repeliram violentamente a cavalaria de Pokrovski, tomaram Maikop e Armavir (a 25 de setembro).

13. O operário Blücher se tornou um dos melhores estrategistas do exército vermelho. M. GOLUBYKH, *Os Guerrilheiros dos Urais*, Ekaterinburgo, 1924.

14. A retirada do Taman, dirigida por Epiphane Kovtiukh, foi descrita pelo escritor Serafimovitch em um romance que se atém bem de perto à verdade histórica, reconstituindo muito bem sua atmosfera: *A Torrente de Ferro*. Há uma tradução francesa deste romance.

Pode ser que o heroísmo da gente dos Urais, ou o da gente do Kuban, não tivesse importância decisiva, mas é preciso conhecer estas coisas para compreender a vitória dos vermelhos. Sviatsk, os Urais, Tuapse, essas três façanhas simultâneas comprovam, em virtude das mesmas necessidades sociais, a mesma vontade de vencer, isto é, de viver.

9 - APOGEU DA CONTRA-REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA. O DIRETÓRIO DE OUFA

Enquanto os vermelhos se consolidavam, a revolução democrática, inversamente, via-se exposta a dificuldades crescentes. O Comitê dos Constituintes de Samara nunca tivera uma boa receptividade, a não ser por parte das classes ricas. Tinham agora que reprimir as sublevações nas fábricas e as perturbações na zona rural, exacerbadas pela mobilização e pelas requisições. Até mesmo a burguesia se afastava dele e voltava os olhos para a Sibéria, onde a reação parecia destinada a desempenhar um papel predominante. O governo "socialista-revolucionário" só contava com dois apoios reais: as baionetas tchecoslovacas e o terror branco. Os mais significativos episódios da luta nesse momento foram: o massacre dos trabalhadores amotinados da fábrica de pólvora de Kazan, alguns dias antes da tomada dessa cidade pelos vermelhos; o massacre dos operários, igualmente amotinados, da fábrica de munições de Ivastchenkovo (próximo a Samara), onde cerca de 1.500 pessoas, homens, mulheres e crianças, foram passadas pelo sabre¹⁵, e o massacre de 306 presos políticos transferidos para Oufa às vésperas da queda de Samara.

Os oficiais brancos enviados à zona rural para efetuar a mobilização se comportavam com os agricultores segundo o costume do antigo regime. Definham os suspeitos. Às vezes, faziam devolver seus bens aos proprietários expropriados. Fa-

15. Os 6 mil operários de Ivastchenkovo se amotinaram à aproximação do exército vermelho, mas prematuramente: os vermelhos só entraram em Samara sete dias mais tarde.

ziam açoitar os recrutas, os notáveis, os suspeitos, os descontentes. A título de exemplo, citemos um dos inúmeros despachos publicados pelos próprios jornais dos constituintes: "Circunscrição de Kliutchevsk. Um destacamento cossaco de 200 homens, após cercar o burgo, não permitiu que ninguém saísse dali enquanto os trabalhadores dos campos não voltassem. Dezoito pessoas foram presas naquela noite. Os recrutas havlam se escondido: seus pais e mães foram açoitados. Pela manhã, os detidos foram levados para a praça e obrigados a se despir e a se deitar sobre as próprias roupas. Todos foram açoitados; dois camponeses foram levados para um pátio e fuzilados". O organizador do exército nacional, o coronel Galkin, fazia processar os parentes dos camponeses desertores e as autoridades locais a quem faltasse energia na luta contra a deserção. A impopularidade crescente dos constituintes na zona rural facilitava, de maneira apreciável, a ação dos vermelhos.

Naquela ocasião, existiam cerca de 20 governos contra-revolucionários entre os Urais e Vladivostok. O Comitê dos Constituintes parecia o mais autorizado deles; era o único democrático, o que tinha o maior apoio dos tchecoslovacos e o mais influente na Rússia européia. Seu principal concorrente era o governo regional da Sibéria, com sede em Omsk. O território sob jurisdição desse governo se estendia até Tcheliabinsk; o governo dos Urais, dirigido por um industrial liberal, L. A. Krol, simpatizava com os revolucionários autônomos de Omsk, burgueses *cadets* e generais cossacos, estes dispendo de forças reais que se contavam pelo número de sabres e de cavalos. Os tchecos resistiam na frente de batalha, apenas para permitir que os russos constituíssem um exército nacional; insistiam com os russos para que constituíssem um poder central. Assim nasceu a idéia de uma conferência dos diversos governos anti-bolcheviques.

A Conferência de Oufa reuniu, de 8 a 25 de setembro, os representantes da Assembléia Constituinte, do Comitê dos Constituintes de Samara, do governo regional da Sibéria (Omsk), do governo provisório regional dos Urais, dos cossacos dos Urais, da Sibéria, do Turquestão Oriental, do Ienissei, de Astrakan, de Irkutsk, do governo de Bachkir, do governo de Kirghiz *Alach-Orda*, do Conselho Nacional Turco-tártaro, de um governo provisório estoniano, do congresso das cidades e dos *zemstvos* do Volga, dos Urais e da Sibéria, dos Comitês Centrais dos Partidos Socialista-Revolucionário, Social-Democrata-Menchevique, Socialista-Popular, Social-Democrata da União (Edinstvo, o grupo de Plekhanov), da Liberdade do Povo (Partido *cadet*) e da União do Renascimento. Os diversos governos do extremo-oriental não estavam representados. Os democratas socialistas-revolucionários de Samara (N. Avksentiev, Hendelman, Argunov, Zenzinov, Catherine Brechko-

Brechkovskaia, Volski, Vedeniapin), deram, de saída, o tom a essa disparatada assembléia, na qual se acotovelavam socialistas sinceros, antigos terroristas, generais monarquistas, atamãs cossacos, homens de negócios, industriais, professores liberais, dirigentes burgueses de minorias, agentes estrangeiros e aventureiros.

A conferência, abençoada pelo arcebispo André, teve início com um serviço religioso celebrado na praça da catedral. Logo, duas tendências se enfrentaram: a dos socialistas-revolucionários, que queriam uma contra-revolução democrática, parlamentar, republicana, presidida por um governo responsável perante a constituinte; e a dos generais da burguesia e de homens de ação os mais clarividentes, que queriam inicialmente uma ditadura militar e, a seguir, um regime baseado na força reacionária. Cada uma dessas tendências se apoiava em um governo. Omsk se opunha a Samara. O orador *cadet* L. A. Krol preconizou "um poder forte, supremo, pessoal, incontrolado e isento de responsabilidade". A tomada de Kazan pelos vermelhos enfraqueceu o prestígio dos socialistas-revolucionários, mas os tchecoslovacos eram hostis à reação monarquista. A conferência adotou uma solução intermediária, com a formação de um diretório de cinco membros que deteria, até a reunião da assembléia constituinte, os mais amplos poderes. Os cinco membros eram: o mais direitista dos socialistas-revolucionários de direita, N. Avksentiev, grande orador do partido; um burguês *cadet*, N. I. Astrov; um general liberal, Boldyrev; um representante liberal do governo siberiano, Vologodski; e o velho socialista populista Tchakovski (ausente, iria ser convocado a presidir, em Arkhangelsk, sob ocupação britânica, o governo nacional do Norte). Os socialistas-revolucionários Argunov e Zenzinov figuravam entre os membros suplentes, como também o velho general monarquista Alexeiev.

O diretório se atribuiu como tarefas: a abolição do regime dos soviets, a devolução à Rússia dos territórios perdidos, a anulação de todos os tratados concluídos pelos bolcheviques, o cumprimento dos tratados que ligavam a Rússia às potências aliadas, a continuação da guerra contra a coalizão germânica, a criação de um poderoso exército nacional, o estabelecimento de um regime democrático. Os representantes tcheco e francês (M. Jeannot) deram sua aprovação a esse programa. O encarregado dos negócios britânicos na Sibéria, Olston, transmitiu à conferência os melhores votos de seu governo. "O povo britânico vê com alívio que a Rússia, justificando a confiança que nela os aliados nunca deixaram de depositar, volta ao campo da batalha. Estende-lhe, alegremente, uma mão amiga de apoio. Possa a Conferência de Oufa inaugurar a nova Rússia, livre e forte [...]."

A retaguarda, desmoralizada, fervia: a frente de batalha desmoronava sob os golpes de aríete do exército vermelho; os tchecos, fatigados de carregar sozinhos o peso da resistência aos vermelhos, recuavam; os japoneses começavam sistematicamente a conquista do extremo-orientel⁶; a reação, estimulada pelos aliados, preparava, na Sibéria, a ditadura militar... O partido das classes médias, completamente incapaz de tirar proveito das próprias experiências, completamente cego por suas ilusões democráticas, continuava na tormenta a construir sobre a areia.

10 - PERMANÊNCIA DO TERROR

O terror não cessou, após as jornadas de setembro: apenas amainou, tornou-se um sistema. A partir de então, os jornais publicavam, muitas vezes por semana, os comunicados das Comissões Extraordinárias que, por todos os cantos do país, procediam a execuções sumárias de criminosos ou contra-revolucionários. Um número do *Izvestia* (de 24 de outubro de 1918), que mencionamos apenas a título de

16. Não nos é possível, nesta obra, acompanhar os acontecimentos do extremo-orientel. Desde o início do ano, um "governo russo" havia se constituído em Kharbine, na Manchúria, sob a presidência do "general" Horvat, administrador da estrada de ferro da China Oriental. Putilov desempenhava papel de destaque nesse governo. Esse governo foi o primeiro a propor ao almirante Koltchak a formação de um exército nacional; o almirante teve de se dirigir a Tóquio para ali solicitar o consentimento do governo japonês. O general japonês Nakasima era o verdadeiro senhor do extremo-orientel. O atamã Semenov combatia os vermelhos à frente de fortes bandos de 1.800 chineses, mongóis, buriatas, japoneses, sérvios e cossacos da Transbaikalia; um certo capitão Kuroki, filho do marechal que se destacara na guerra russo-japonesa, desempenhava junto a ele as funções de chefe do estado-maior. Um governo siberiano, presidido pelo socialista-revolucionário Derber, tentava funcionar em Vladivostok. Os operários disputavam essa cidade com os tchecos e com os russos brancos. Os norte-americanos desembarcaram ali em setembro; um marechal japonês, Otani, assumiu o comando de todas as forças aliadas; os aliados formaram um conselho de altos-comissários, no qual a Grã-Bretanha estava representada por um antigo conselheiro da embaixada em Petrogrado, Elliot, e a França, pelo ex-embaixador francês em Tóquio, Regnault; esse conselho fez desarmar violentamente os oficiais russos suspeitos de revolucionarismo. Nesse meio tempo, o general tcheco Gaida tomava Tchita, fazia fuzilar e açoitara em massa os camponeses ao longo da Transiberiana, e se auto-proclamava generalíssimo dos exércitos russos e tchecoslovacos (setembro). O general Stepanov escreveu ao general Alexeiev: "Tudo indica que o Japão, privado de ferro, tomará: 1. nosso litoral, rico em minério de ferro; 2. nossa parte da estrada de ferro da China Oriental; 3. o porto de Vladivostok e a região do Ussuri". Os planos do Japão continuavam a se chocar contra a resistência dos Estados Unidos (Denikin, *Memórias*, t. III).

exemplo, dá duas colunas de informações desse gênero. Passemos os olhos por elas. A *Tcheka* da circunscrição de Egorievsk internou em um monastério, por três anos, um sacerdote contra-revolucionário. A de Ivanovo-Voznessensk condenou a cinco semanas de prisão e a 30 mil rublos de multa um especulador que insultou um comissário no correr de uma investigação... A da circunscrição de Mestchovsk fuzilou um ex-policia, "centúrio-negrista devotado", e acrescenta: "a população está calma". A de Kozel simplesmente anunciava que reprimira a agitação dos sacerdotes e dos *kulaks*. Em Mineevsk, um socialista-revolucionário de direita foi fuzilado. Em Perm, aplicavam-se sobretudo multas; a comissão publicou um boletim para manter a população a par de suas atividades... Segue-se o novo lema: "guerra à corrupção". Um juiz de instrução da Comissão Central Pan-russa e seu auxiliar administrativo, considerados culpados por terem recebido propinas, são fuzilados. Segue-se uma relação de 16 criminosos passados pelas armas por ordem da Comissão Central: são moedeiros-falsos, bandidos, um soldado vermelho da *Tcheka* que confeccionara um carimbo falso de cooperativa, um comissário da *Ve-Tcheka* que havia tentado vender um revólver. A comissão de Kotlas fuzilou um cidadão acusado de se dedicar à agitação contra-revolucionária. A comissão de Chui anunciou a execução de 7 "ladrões, assassinos e provocadores".

Esse fragmento do *Izvestia* dá uma impressão bastante correta do terror vermelho, que não é apenas uma arma necessária e decisiva na guerra entre as classes, mas também um instrumento terrível de depuração interna da ditadura do proletariado.

"A Comissão Extraordinária", escreveu um dos homens que dirigiu o terror¹⁷, "não é uma comissão de inquérito, nem um tribunal. É um órgão de combate, que atua na frente interna da guerra civil por meio do inquérito, dos tribunais e das forças armadas. Não julga o inimigo, ela o abate." Não se preocupa em estabelecer e em dosar as culpabilidades; pergunta a que classe social, a que meio pertence o adversário, se é perigoso e em que medida. As comissões procediam a inquéritos ora sumários, ora longos e complicados, em segredo quase absoluto, sem admitir defesa. O juiz de instrução formulava as conclusões sob sua responsabilidade pessoal; a comissão se pronunciava sem ouvir o acusado. Quando se tratava de pena capital, o veredito devia ser tomado por unanimidade (no início, as comissões eram, frequentemente, formadas por 12 membros e bastava um só voto para afastar a morte). As execuções ocorriam habitual-

17. LATSIS, *As Comissões Extraordinárias (Tcheka)*, Moscovo, Livraria do Estado, 1921.

mente em segredo absoluto, a fim de evitar emoções mais à população. Nas grandes cidades, muitas vezes as execuções se realizavam em porões, a tiro de revólver.

Pouco a pouco, as comissões locais, não sem atrito, foram sendo subordinadas à Comissão Central¹⁸. Foi criada uma seção especial para combater a espionagem e a contra-revolução no exército e na marinha e uma outra, para fiscalização dos transportes.

As comissões levaram a cabo o recenseamento de toda a população burguesa para ali escolher os reféns. Dzerjinski e os dirigentes da *Ve-Tcheka* lhes ordenaram expressamente, por diversas vezes, que só procedessem a prisões em caso de real necessidade. A ordem n. 83, datada de novembro de 1918, até mesmo recomendava que se libertassem, entre os membros do Partido K. D. (constitucional democrata), partido da grande burguesia, os que não tivessem tido atividade política de destaque.

As comissões realizavam conferências locais e regionais. Uma dessas conferências reuniu em Petrogrado, em meados de outubro, os chefes das *Tchekas* do noroeste. Ficou claro, ali, que as comissões ainda viviam apenas de recursos ocasionais, tais como multas e contribuições. Zinoviev, relator, falando dos socialistas-revolucionários de esquerda que haviam acabado de fomentar um tumulto na cidade, acentuou que, a partir de então, "apenas o partido comunista podia existir livremente". Por outro lado, salientou os erros e as pretensões perigosas de certas comissões propensas a tomar o lugar das autoridades locais. Esboçava-se uma tendência à ditadura das comissões. Ele salientou a necessidade de castigar com extremo rigor os comissários corruptos.

Peters, um dos chefes da *Ve-Tcheka*, se erguia, na mesma ocasião, contra "as formas indesejáveis de que se revestia o sistema do terror nas províncias" (*Izvestia*, 29 de outubro). Trouxe-se uma discussão sobre as respectivas competências do Comissariado do Interior e das *Tchekas*. Grande número de abusos se cometiam, sem dúvida alguma. Naquela época de fome, de epidemias e de extremo endurecimento dos costumes, o regime das prisões era detestável (ele provocou diversas intervenções de comunistas influentes na imprensa); muitos casos se arrastavam por longo tempo, outros se con-

18. A 2 de novembro, um decreto iria regularizar a estrutura das Comissões Extraordinárias. A Comissão Central Pan-russa (*Ve-Tche-Ka*) foi encarregada de unificar e de controlar todas as comissões locais, cujas decisões poderia revogar. Seus membros eram designados pelo Conselho dos Comissários do Povo; seu presidente pertencia ao colegiado do Interior; os Comissariados para o Interior e para a Justiça designavam representantes para a Comissão Central. Seus principais membros foram, além de Dzerjinski, presidente, Letsis, Peters, Xenofontov. As *Tcheka* locais eram formadas pelos executivos dos soviets e a eles permaneciam subordinadas. A nomeação de seus chefes era submetida à aprovação do centro.

cluíam rapidamente. Karl Radek foi um dos primeiros a propor novas formas de terror, mais racionais do que as execuções sumárias. "A burguesia", dizia ele, "deve ser atingida em seus privilégios econômicos. Nas proximidades do inverno, requisitemos os vestuários quentes, as residências confortáveis, todo o excedente do bem-estar individual; e demos tudo ao exército, aos operários. Estabeleçamos uma legislação draconiana contra a conspiração." "É inadmissível que haja em Moscou restaurantes luxuosos como o *Praga*; é inadmissível que os burgueses se agasalhem com preciosas peles, enquanto na frente de combate o soldado vermelho sofre com o frio /.../." Ainda se estava nisso. (*Izvestia*, 6 de outubro.)

Qual é amplitude atingida pelo terror vermelho? Para responder a esta pergunta, dispomos apenas de dados incompletos. Nenhuma estatística regular foi mantida durante os primeiros meses; as cifras oficiais publicadas por Letsis¹⁹ foram estabelecidas com base em informações por vezes casuais. Feitas estas reservas, examinemo-las. As Comissões Extraordinárias, como sabemos, fundaram-se em dezembro de 1917. Nos primeiros seis meses de sua atividade, executaram apenas 22 pessoas. Nos últimos seis meses de 1918, procedeu-se a mais de 6 mil execuções. A média mensal de execuções em 1918 foi: contra-revolucionários, 380; funcionários prevaricadores e criminosos, 14; especuladores, 3²⁰. Talvez o terror vermelho tenha derramado menos sangue, em quatro anos de revolução, do que o que correu durante algumas das jornadas da batalha de Verdun...

11 - ESBOÇO DE UMA COMPARAÇÃO: 1793 E 1918

São surpreendentes os paralelos que se podem traçar entre a Revolução Francesa e a Revolução Russa, até mesmo no detalhe dos acontecimentos e das ações. As próprias datas apresentam coincidências impressionantes. Assim,

19. *Op. cit.*

20. No total, 12.733 pessoas foram executadas em 1918, 1919 e 1920, em toda a Rússia. As cifras oficiais da *Ve-Tche-Ka*, consideradas incompletas, não podem servir de indicação. Evidentemente, elas resumem só a atividade organizada, controlada e sistematizada das comissões. É preciso considerar, além disso, que os tribunais revolucionários civis também aplicavam a pena capital.

as jornadas dos dias 2, 3, 4, 5 e 6 de setembro de 1792 e de 1918 foram marcadas, aqui e lá, pelo extermínio dos inimigos internos nas prisões. A Paris de 1792 se ergue, implacável, ao ter a notícia da entrada dos prussianos em Verdun. Os proletários de Petrogrado e de Moscou pegaram em armas quando os tchecos tomaram todas as grandes cidades do Volga e os britânicos ocuparam Arkhangelsk e Murmansk. Em ambas as revoluções, as crises decisivas se deram nos meses de verão, julho, agosto e setembro. Na França, em 1792 e 1793, na Rússia, em 1917, 1918 e 1919. Sem dúvida, esses meses são, por motivos climatéricos, biológicos - neles a energia humana atinge seu mais elevado grau de desenvolvimento - e sociais - proximidades da colheita - os mais propícios à guerra.

A crise de julho-agosto-setembro de 1918, de que o terror foi consequência direta e necessária, faz lembrar, principalmente, a que atravessou a Revolução Francesa em julho, agosto e setembro de 1793, após a traição de Dumouriez e a revolta da Vendéia, enquanto a Normandia, Bordéus e Lion se insurgiam. Charlotte Corday assassinou Marat; os coligados entraram na França; os ingleses tomaram Touion; a conspiração, a traição e a fome minavam a revolução internamente: William Pitt organizava, em defesa da civilização, contra os *sans-culottes*, a coalizão européia; a imprensa londrina publicava detalhes horripilantes das "atrocidades jacobinas"... A Comuna de Paris e o Comitê de Salvação Pública reagiram contra os inimigos da revolução pelo levante em massa, pelo terror, pelo máximo. Os tribunais revolucionários foram tão expeditos quanto as Comissões Extraordinárias da Revolução Russa. Tanto na França quanto na Rússia, foi preciso galvanizar o exército, subjugar os generais que pagaram com suas cabeças pelos fracassos, mandar convencionais para os exércitos. Carnot desempenhou o papel de Trotsky.

O terror jacobino nos parece ter sido muito mais sangüinário do que o terror bolchevique. De qualquer modo, foi mais cruel. "Em Angers, os condenados eram conduzidos ao local da execução /.../ com música, autoridades em trajes de gala e soldados formando alas."²¹ Em Nantes, em Lion e na Vendéia, foram milhões de cabeças que a revolução fez rolar; em Paris, foram 1.376 em 9 dias, depois do decreto de 22 de praírial²². Registre-se que, na ocasião, a França tinha entre 25 e 30 milhões de habitantes.

21. A. MATHIEZ, *La Révolution Française*, t. III, "La Terreur", p. 88. ed. Armand Colin.

22. Cifra citada por M. Aulard. Apesar de ser um historiador reacionário, M. Jacques Bainville conclui: "Apesar de suas loucuras atrozes, de seus agentes ignóbeis, o terror foi nacional. Levou ao extremo a resistência da França em um dos maiores perigos que ela jamais correu" (*Histoire de France*, Ed. A. Fayard).

Porém, a necessidade histórica não precisa de justificativa. Jamais houve guerra, jamais houve revolução sem terror. Na guerra entre as classes, o terror foi, em todos os tempos, a arma predileta das classes dominantes. Releia-se a história da Reforma e das guerras religiosas, a história das *jacqueries*, a da revolução inglesa do século XVII, a da guerra de Secessão nos Estados Unidos²³.

Lembremo-nos, sobretudo, da experiência dos últimos dez anos. A disciplina de todos os exércitos da Grande Guerra, todos os quais foram pródigos em atos heróicos, baseava-se, afinal de contas, no terror: alguém sabe o número dos que os conselhos de guerra mandaram fuzilar? O capitalismo em perigo recorreu, na Europa central, na Finlândia, na Espanha, na Itália e nos Bálcãs, ao terror branco, erigido pela ditadura fascista em sistema permanente.

Aliás, o terror vermelho nasceu do terror branco. Os defensores do antigo regime e do capitalismo o ensinaram aos proletários e aos camponeses, que a inexperiência do poder e o generoso idealismo de muitos revolucionários tornavam pouco inclinados a empregar a violência. A benevolência dos vencedores para com os vencidos, tanto após a queda da autocracia, como após a insurreição de outubro, é uma coisa desconcertante. Após o outubro vermelho, o líder ultra-reacionário Purichkevitch recuperou tranquilamente a liberdade. O atamã cossaco Krasnov, detido com armas em seu poder, foi posto em liberdade condicional. Os *jun-kers* moscovitas que haviam massacrado os operários do arsenal do Kiemlin foram simplesmente desarmados... Foram necessários dez meses de lutas cada vez mais intensas, de complôs, de sabotagem, de fome e de atentados, foi necessária a intervenção estrangeira, o terror branco em Helsingfors, em Samara, em Baku e na Ucrânia, e o sangue de Lenin, para que a revolução se decidisse, finalmente, a recorrer à violência! E isto, num país em que a autocracia havia, durante todo um século, formado as massas na escola das perseguições, dos castigos, dos enforcamentos e dos fuzilamentos!

23. Na verdade, o terror tem durado séculos. Da Idade Média até a revolução burguesa, foi o regime normal imposto pelas classes dominantes às classes pobres. Segundo Thoman Morus, "70 mil pequenos e grandes ladrões foram executados (na Inglaterra) no reinado de Henrique VIII". No reinado da rainha Elisabeth, enforcavam-se entre 300 e 400 vagabundos por ano. Na França, "sob Luís XVI (decreto de 13 de julho de 1777), todo homem válido, entre 16 e 60 anos, que não tivesse meios de subsistência e não exercesse uma profissão, devia ser enviado às galés" (Ver K. MARX, *O Capital*, cap. XXIV, A Acumulação Primitiva. A lei francesa em vigor considera a vagabundagem (encontra-se em estado de vagabundagem quem quer que não tenha domicílio, nem trabalho, nem meios de subsistência) um delito que é punido, em caso de reincidência, com o desterro, isto é, com uma pena perpétua que pouco difere dos trabalhos forçados. Ver SERGE, Victor "Les Problèmes de la Répression Révolutionnaire", em *Les Coullées d'une Sûreté Générale*, Paris, Librairie du Travail.

Na mesma época, nos territórios ocupados pela contra-revolução, o terror branco fazia um número infinitamente maior de vítimas. Nenhuma estatística nos esclarece sobre essa questão. Mas os fatos mencionados em profusão nas memórias dos combatentes brancos e vermelhos são assustadores. Já registramos alguns deles: o general Pokrovski fez massacrar 4 mil homens em Maikop (Cáucaso setentrional); 1.500 operários tombaram sob os golpes dos brancos-tchecos na fábrica de Ivstchenkovo, próximo a Samara. Os brancos-tchecos degolaram várias centenas de vermelhos na pequena cidade de Troitsk (Urals). Os bandos de oficiais de Kornilov passaram pelo burgo de Lejanka (região do Don): acabavam de perder 3 mortos e haviam tido 17 feridos; naquela aldeia, deixaram atrás de si 507 cadáveres²⁴. Ao tempo dos tchecoslovacos, o Volga estava sempre cheio de cadáveres (Larisa Reissner). Contudo, com essas incontáveis vítimas do terror branco, o "mundo civilizado", isto é, o mundo capitalista, sequer se preocupou, a não ser para lhes aumentar o número. Fechava os olhos ao terror branco, obra dos soldados. O terror vermelho o fazia mergulhar num furor sagrado.

12 - TEORIA DO TERROR

As obras de Lenin contêm apenas alusões incidentais - porém formais - ao terror. A necessidade imperiosa de romper implacavelmente a resistência das classes despojadas de seus bens era evidente por si mesma, aos olhos de Lenin e dos bolcheviques, que, exatamente por essa razão, não julgavam necessário demonstrá-la teoricamente. Desde os primeiros dias do governo revolucionário, Lenin preconizara medidas de rigor e combatera as "ilusões pacifistas", as "fraquezas inadmissíveis" dos que o rodeavam. "Tolices, tolices", repetia ele. "Acham que é possível fazer uma revolução sem fuzilamentos? Pensam em vencer seus inimigos desarmando-se? Que outras medidas de repressão lhes restam? A prisão? Quem irá se intimidar durante uma guerra civil quando ambos os adversários têm esperança igual de vitória?"²⁵

Em nota de rodapé no folheto *O Infantilismo de Esquerda* e o *Espírito Pequeno-Burguês*, escrito em maio, acrescenta:

24. GOUL, Victor *La Compagne des Glaces (Mémoires)*, Berlim, 1922.

25. TROTSKY, L. *Sur Lénine*, "Le Travail Gouvernemental", Paris, Librairie du Travail.

"Aqui também, consideremos a verdade de frente: carecemos ainda da dureza implacável necessária à vitória do socialismo, e não é que nos falte determinação. Somos muito decididos. Porém, não sabemos deitar mão, com suficiente rapidez, a um número suficiente de especuladores, de gatunos, de capitalistas que transgridem as medidas soviéticas /.../. Em segundo lugar, falta firmeza aos nossos tribunais que, ao invés de fuzilar os prevaricadores, aplicam-lhes seis meses de prisão. Essas deficiências têm a mesma razão social: a influência do elemento pequeno-burguês, sua debilidade".

Ele era realista demais para não professar que "na revolução, uma energia superior equivale a uma humanidade superior" (Trotsky). Paga-se caro pelas hesitações e fraquezas. Quanto mais se leva uma luta com decisão, menos longa e menos dispendiosa ela se torna e mais chances de vitória ela oferece. "A clemência que se compõe com uma tirania é bárbara", dizia Robespierre na Convenção.

A teoria do-terror foi exposta por Trotsky, em 1920, em um livro dedicado, com o mesmo título, à refutação do de Karl Kautsky, *Terrorismo e Comunismo*. "Em princípio", lemos ali, "o terror vermelho não se distingue da insurreição armada, da qual nada mais é do que a continuação. Só pode condenar 'de um ponto de vista moral' o terror governamental da classe revolucionária aquele que reprova (verbalmente), em princípio, toda violência /.../. O terror é impotente - e ainda assim só o é no final das contas -, exercido pela reação contra uma classe que se subleva em virtude das leis de seu desenvolvimento histórico. Deve, ao contrário, ser eficaz contra a classe reacionária que não quer deixar a arena."

Por essa razão profunda é que o terror vermelho é sempre muito menos sangüinário do que o terror branco. As classes trabalhadoras o exercem contra classes que estão em minoria na sociedade. O que ele faz é apenas completar a ação de novos fatores econômicos e políticos. Quando medidas sociais uniram à revolução milhões de trabalhadores, já não é difícil quebrar a resistência das minorias privilegiadas. Ao contrário, o terror branco é exercido pelas minorias privilegiadas contra as massas trabalhadoras que ela deve sangrar e dizimar. Os versalheses fizeram mais vítimas em uma semana, somente nas ruas de Paris, do que a Tcheka, em três anos, em toda a imensa Rússia!

O problema que deve ser resolvido para vencer na guerra civil é, no fundo, o mesmo a ser resolvido para vencer na guerra entre estados. Trata-se de aniquilar uma parte - a melhor - das forças vivas do adversário e desmoralizar, desarmar os demais. As guerras modernas tendem, cada vez mais, a suprimir as distinções entre combatentes e não-combatentes. A destruição dos entroncamentos de vias férreas e dos cen-

tros industriais do inimigo é tão importante quanto a de seus exércitos; a destruição do proletariado que trabalha na retaguarda para prover a frente de batalha de máquinas e de munições será, nas guerras do futuro, um objetivo tão importante quanto a destruição das tropas de primeira linha... Sobre todas essas questões, a guerra civil está mais adiantada do que a guerra entre estados. Ela ignora os não-combatentes, e busca por toda parte, sem contemplação, a força viva das classes inimigas. Para que uma classe social, atingida em seus interesses vitais, se dê por vencida, é preciso que lhe sejam infligidas perdas terríveis. É preciso que os mais vigorosos, os mais inteligentes, os mais corajosos de seus filhos sejam exterminados. É preciso que o melhor de seu sangue tenha sido derramado. (Assim também, nas primeiras jornadas das guerras entre estados, o holocausto, absurdo de uma forma diversa, do exército ativo, a juventude em flor das nações...) Foi sempre assim no passado. Será sempre assim no futuro? Os regimes de terror branco instalados em muitos países da Europa certamente fazem tudo o que podem para preparar, para as classes hoje dirigentes, dias futuros terríveis. No entanto, tenhamos confiança na força do proletariado para poupar à humanidade, nas guerras sociais do futuro, carnificinas grandes demais. Do mesmo modo que o terror jacobino, o terror vermelho foi provocado diretamente pela intervenção estrangeira.

É que, em 1918, a solidariedade proletária internacional ainda não era suficientemente forte para impedir qualquer intervenção estrangeira contra a revolução; caso contrário, a Rússia revolucionária teria facilmente poupado quatro anos de guerra civil. Um proletariado vitorioso, protegido da intervenção estrangeira pela solidariedade internacional dos trabalhadores, não terá necessidade do terror, ou só terá necessidade dele por muito pouco tempo. Caberá às classes ricas avaliar a correlação de forças com bastante clarividência para não se empenhar contra um proletariado que tem a garantia de vencer lutas desastrosas. Organização proletária, consciência de classe, vontade revolucionária intrépida e implacável, solidariedade internacional atuante, tais nos parecem ser os fatores que, levados a um certo grau de potência, poderão, no futuro, tornar supérfluo o terror vermelho.

IV - A REVOLUÇÃO ALEMÃ

1 - O DESMORONAMENTO DOS IMPÉRIOS CENTRAIS

Os meses de julho e agosto foram decisivos no ocidente tanto quanto na Rússia. As grandes ofensivas alemãs da primavera, tentadas no momento em que as forças norte-americanas ainda não haviam entrado em combate e a Rússia se declarava fora da luta, não tinham conseguido quebrar a vontade de resistência dos aliados. A tenaz alemã mal se aproximara de Paris. Em fins de abril, as tropas de Hindenburg e de Ludendorff, deixando suas posições de Cambrai, Saint-Quentin, La Fère, haviam-se deslocado até Albert Montdidier, Noyon (batalha de Soma), realizando em alguns pontos um avanço de 50 km e ameaçando, a um só tempo, Amiens e a junção dos exércitos ingleses e franceses, Compiègne e a estrada de Paris. Em fins de maio, um novo esforço os levara de Ailette até o Marne, mais um avanço de 40 km, marcado pela tomada de Soissons e de Château-Thierry.

Porém, a partir do momento em que a maior potência industrial e financeira do mundo - os Estados Unidos - entrou na guerra, a vitória dos impérios centrais se tornara impossível, a não ser que houvesse um esmorecimento dos aliados. A pertinaz guerra submarina que, antes da intervenção norte-americana, talvez tivesse vencido a Inglaterra, não passava, agora, de um desperdício absurdo de forças e de riquezas: os estaleiros norte-americanos e britânicos construíam, por mês, mais navios do que os submarinos alemães afundavam. .. O desgaste dos exércitos aliados era cada vez mais compensado pela chegada do ótimo material humano enviado dos Estados Unidos, a partir de abril, à razão de 300 mil homens por mês.

A Alemanha e a Áustria estavam quase esgotadas, enquanto os Estados Unidos mal começavam seu esforço, com um entusiasmo bem justificado. A ocupação da Ucrânia fornecera muito pouco trigo aos impérios centrais; por outro lado, tropas alemãs bastante consideráveis permaneciam imobilizadas na frente de guerra da Rússia: 22 divisões que, como logo se perceberia, tendiam a sofrer o "contágio do bolchevismo", mais ainda por serem formadas de reservistas. No entanto, em meados de julho, o chanceler von Hintze, ao perguntar a Ludendorff sobre a possibilidade de se consegui-

uma vitória definitiva, dele recebeu esta resposta espantosa: "Respondo categoricamente: sim". A ofensiva de 15 de julho, início do desastre, seguiu-se a essa palavra por demais categórica. A arrancada foi feita entre Reims e Château-Thierry, rumo a Epernay. Ultrapassando o Marne, o atacante viu-se diante de novas linhas inexpugnáveis. O esforço alemão foi quebrado em 24 horas. Dois dias depois, Foch passava à ofensiva contra "a bolsa de Château-Thierry". A ação teve início em Villers-Cotterets por um tremendo ataque de carros de assalto. Era o começo do fim. Nos últimos dias de julho, os alemães cruzaram o Vesle em retirada...

"O dia 8 de agosto foi a mais negra jornada do exército alemão na história da guerra mundial" (Ludendorff). A terceira batalha da Picardia teve início naquele dia, entre Albert e Moreuil. O carro de assalto confirmou, finalmente, no campo de batalha, a vitória da técnica dos aliados. O 2. Exército alemão se retirou. Suas perdas foram tão grandes que diversas divisões tiveram que ser reconstituídas.

O grande fato novo, o fato que deu aos chefes a sensação do fim próximo, foi que os soldados não queriam mais combater. "Davam-se fatos que não se acreditaria serem possíveis no exército alemão: nossos soldados se entregavam a cavaleiros inimigos; unidades inteiras depunham as armas diante de um tanque. Uma divisão descansada, encaminhando-se corajosamente para a frente de batalha, foi recebida pelas tropas em retirada aos brados de 'Fura-greves! - Ainda não tiveram guerra que chegue!' Os oficiais, muitas vezes perdendo toda a autoridade, acompanhavam o movimento/.../. Era preciso pôr fim à guerra."¹

A partir de então, os alemães recuaram em toda a extensão da frente de batalha, sob as arremetidas sucessivas e precisas de inimigos que cada vez mais os dominavam. Sua resistência podia, de uma semana para a outra, transformar-se num desastre. O estado-maior exigiu que as ofertas de paz fossem feitas sem qualquer perda de tempo²...

A 15 de setembro, os aliados atacaram na Macedônia, entre o Vardar e o Czerna. Sabiam, pelos diplomatas norte-americanos que permaneciam utilmente em Sófia, que a Bul-

1. LUDENDORFF, *Memórias*, t. II, "A Luta Final".

2. Trechos de telegramas do GQG ao governo. 1 de outubro, às 13 horas: "/.../ pedido insistente para que se proponha a paz imediatamente. As tropas ainda estão resistindo, mas é impossível prever o que pode suceder amanhã /.../" (Assinado, Lersner). - 1 de outubro, às 13:30 horas: "Se o príncipe Max de Bade está encarregado de formar o governo, pelas 7 ou 8 horas desta noite, concordo em esperar até amanhã cedo. Caso contrário, julgo necessário que se faça ainda esta noite uma declaração aos governos estrangeiros" (Assinado, Hindenburg). - 1 de outubro (transmitido dia 2, às 12:10 horas): "O general Ludendorff declarou-me que nossa proposta de paz deve ser imediatamente transmitida de Berna para Washington. O exército não pode esperar mais 48 horas" (Assinado, Grunau). Tal era o terror que o exército inspirava ao estado-maior - Paul FROELICH, *A Revolução Alemã*, cap. XIII, 1926.

gária estava sem fôlego. O camponês búlgaro não queria mais combater. As 2. e 3. divisões abandonaram suas posições sem luta. O exército búlgaro se desarticulou em poucos dias. O czar Fernando, enlouquecido, mandou para a frente de guerra o chefe da oposição camponesa, Stamboliski, tirado da prisão no dia anterior. Um exército republicano marchava sobre Sófia. Pouco se sabe ainda sobre estes acontecimentos. O certo é que, para derrotar a revolução, foi preciso, de início, a intervenção energética das tropas alemãs, que impediram que o exército revoltoso tomasse Sófia, e, a seguir, a das tropas aliadas... O czar Fernando abdicou em favor do filho Bóris. A oposição da véspera tomou o poder. A revolução camponesa continuou rugindo sob os canhões estrangeiros. A capitulação oficial da Bulgária, recebida por Franchet d'Esperey, deu-se a 27 de setembro.

A Áustria, a ponto de desmoronar, já solicitava a paz (nota de 14 de setembro aos Estados Unidos). A 4 de outubro, a Alemanha e a Áustria, em conjunto, propuseram um armistício ao presidente Wilson. Um novo governo foi constituído em Berlim: o príncipe Max de Bade era o chanceler e o social-democrata Scheidemann, vice-chanceler... Longas semanas se escoaram em conversações difíceis com o presidente Wilson. Os impérios centrais subscreveram seus 14 pontos de janeiro (diplomacia aberta, liberdade dos mares, igualdade comercial, direito dos povos a dispor sobre si mesmos, independência da Polônia, Sociedade das Nações). Wilson declarou que só concordava em tratar com uma Alemanha democrática. A propaganda da democracia e do direito das nacionalidades completou a obra do bloqueio e dos carros de assalto. Revelou-se, assim, a superioridade de países capitalistas mais avançados, do ponto de vista da estrutura social, sobre impérios entorpecidos por sobrevivências do antigo regime. A Alemanha, sobre a qual pairavam os fantasmas da invasão e da revolução, aceitou tudo. O imperador Carlos da Áustria, descobrindo subitamente em si mesmo uma alma de inovador, proclamou (a 16 de outubro) o "estado federativo". Era tarde demais. Os tchecos, sem esperar mais por suas decisões régias, organizaram-se em estado independente. A 31 de outubro, a revolução saiu às ruas de Viena e de Budapeste.

Em Sófia, Budapeste, Viena e Berlim, os olhos estavam voltados para a Rússia: exemplo, esperança, fé. Sovietes clandestinos ou legais se formaram por toda parte. Em Berlim, uma conferência ilegal do grupo Spartacus decidiu, a partir de 7 de outubro, pela formação de soviets: Liebknecht, anistiado, saiu da prisão, enquanto o estado-maior preparava, em todos os pormenores, a repressão dos distúrbios. Um ataque de loucura dos chefes do almirantado foi o sinal para a revolução. Foram dadas ordens para que a frota par-

fisse e travasse uma última batalha de honra com os aliados, num manifesto desespero. Os almirantes do kaiser queriam montar um fim glorioso. Os marinheiros não tinham as mesmas razões para morrer; ao contrário, estavam ganhando razões novas para viver. As tripulações, organizadas em torno de sovietes clandestinos, sublevaram-se; os operários de Kiel deram apoio a elas por meio da greve geral (28 de outubro - 4 de novembro). Em vão o social-democrata Noske discursou aos marinheiros insurretos. A chama avançou gradativamente. A 6 de novembro, os homens de estado social-democratas confabularam ainda, sob a presidência do príncipe Max Bade, com o general Groener, "a respeito dos meios de manter a monarquia". A obstinação de Guilherme II, que se recusava a abdicar, comprometia a dinastia até mesmo aos olhos de seus últimos defensores. Max de Bade assumiu a regência (a 9 de novembro); o antigo operário seileiro, deputado social-democrata, Fritz Ebert, tornou-se regente do império; inesperadamente, o Kaiser deixou o quartel-general de Spa de automóvel e se dirigiu à Holanda, enquanto Karl Liebknecht, do alto de um balcão do palácio imperial de Berlim, proclamava a república e o advento do socialismo...

Do Escaut ao Volga, os conselhos de deputados operários e soldados - os sovietes - eram os verdadeiros senhores daquele momento. A Alemanha tinha como governo legal um Conselho de Mandatários do Povo, composto por seis socialistas.

Todos os acontecimentos da Rússia, de fins de setembro a fins de janeiro de 1919, desenrolaram-se contra esse pano de fundo esbraseado. Este período foi marcado pela ofensiva vitoriosa da Revolução Russa em todas as frentes e pela imensa vitória que constituía, para os marxistas-revolucionários que a haviam previsto, anunciado e usufruído antecipadamente, a revolução alemã, realização das maiores esperanças, início da revolução ocidental.

2 - TUDO PELA REVOLUÇÃO ALEMÃ

○ Vtsik e os sovietes de Moscou se reuniram em sessão conjunta a 3 de outubro, no dia da formação do novo gabinete alemão, príncipe Max de Bade-Scheidemann.

Lenin, ainda convalescente, não pôde comparecer. Foi lida uma pequena carta enviada por ele. "A crise alemã", dizia, "comprova o início da revolução, ou sua iminência e inelutabilidade. O governo vacila entre a ditadura militar, que existe na verdade desde 2 de agosto de 1914 e que se torna insuficiente, pois as tropas não são mais confiáveis, e a coalizão com os socialistas. A entrada dos Scheidemann para o gabinete só fará apressar a explosão, pois em breve se perceberá a impotência desses lacaios da burguesia. A crise começou. Terminará, infalivelmente, pela tomada do poder pelo proletariado.

"O proletariado da Rússia deve empregar toda a sua energia para dar apoio aos operários alemães /.../ convocados a manter a mais ferrenha luta contra o imperialismo inglês e o seu próprio. A derrota do imperialismo alemão provocará, por parte do imperialismo francês, durante certo tempo, um acréscimo de arrogância, de crueldade, de espírito reacionário e conquistador /.../.

"O proletariado russo compreenderá que em breve lhe serão exigidos os maiores sacrifícios em nome do internacionalismo. Aproxima-se o momento em que as circunstâncias poderão exigir que auxiliemos os operários alemães, que sacudiram o jugo de seu próprio imperialismo, contra o imperialismo anglo-francês.

"É preciso criar, para a revolução alemã, uma reserva de trigo, é preciso apressar a criação de um poderoso exército vermelho.

"Havíamos decidido ter, para a primavera, um exército de um milhão de homens; precisamos, agora, de um exército de três milhões. Podemos tê-lo. Vamos tê-lo.

"As mais repentinas mudanças de situação podem ocorrer; ainda é possível que os imperialismos alemão e anglo-francês se aliem contra o poder dos sovietes."

Trotsky traçou um amplo quadro dos acontecimentos: "Pode-se dizer que, materialistas, havíamos compreendido a natureza dos acontecimentos cujo resultado final prevíamos. A história talvez se cumpra contra nossa vontade, mas seguindo a curva que havíamos traçado. E embora sejam necessários muitos sacrifícios, o fim será o que previmos: a queda dos deuses do capitalismo e do imperialismo. Parece que a história pretendeu dar à humanidade uma última e surpreendente lição. Os trabalhadores estavam muito preguiçosos, apáticos e indecisos. Certamente não teríamos tido esta guerra se, em 1914, a classe operária tivesse sido suficientemente decidida para se opor aos objetivos dos imperialistas. Mas não foi assim: a classe operária tinha necessidade de que a história lhe desse uma nova e cruel lição. A história permitiu que o país mais poderoso, o mais organizado, se alçasse a uma altura inconcebível. Os canhões de

420 ditaram a vontade da Alemanha a todo o mundo. Parecia que a Alemanha havia subjugado para sempre a Europa /.../. E eis que a história, após haver erguido o imperialismo alemão a essa altura, após haver hipnotizado as massas, lança-o vertiginosamente em um abismo de impotência e humilhação, como que para dizer: 'Vejam! Ele está destruído; limpem, pois, a Europa e o mundo todo de seus detritos/.../'".

Trotsky se empenhou em demonstrar que a salvação da Alemanha estava na tomada do poder pelo proletariado: "A partir de então, a Alemanha atrairá para si, fortemente, a simpatia de todos os povos, a simpatia das massas oprimidas do mundo todo - e antes de mais nada, da França/.../. Mais sangrada que outra qualquer, a classe operária francesa só espera, em seu coração revolucionário, o primeiro sinal da Alemanha /.../'".

E concluía: "Se o proletariado da Alemanha procura assumir a ofensiva, o dever essencial da Rússia dos soviets será o de ignorar, na luta revolucionária, as fronteiras nacionais. A Rússia dos soviets não é mais do que a vanguarda da revolução alemã e européia /.../. O proletariado alemão e sua técnica, por um lado, e, por outro, nossa Rússia, desorganizada mas plena de riquezas naturais e tão populosa, formarão um bloco formidável contra o qual virão se quebrar todas as ondas do imperialismo /.../. Liebknecht não precisa firmar tratado algum conosco. Sem tratado algum, nós o ajudaremos com todas as nossas forças. Daremos tudo para a luta proletária mundial. Lenin nos recomenda, em sua carta, que criemos um exército de um milhão de homens para a defesa da República dos Sovietes. Esse programa é muito restrito³. A história nos diz: talvez a classe operária alemã lhes peça ajuda amanhã; criem um exército de dois milhões de homens/.../'".

Tal era exatamente o sentimento, bem como a doutrina, não apenas do partido, mas de todos os revolucionários rus-

3. Depois de muitos anos (em 1924), pretendeu-se ver nessas palavras a indicação de uma divergência entre os dois chefes. Basta se reportar ao texto de Lenin para ver que ambos expunham as mesmas idéias. Aliás, Trotsky falava em nome do Comitê Central do partido. Vemos nisso apenas uma expressão inexacta que terá escapado ao orador, ou um erro de estenografia: erros esses muito freqüentes nos registros daquela época. Naquele momento, não havia senão um pensamento, que era o do partido. Contra esse fundo comum, só se percebe a seguinte nuance: Lenin assinala, em seu discurso, o perigo de uma guerra com a Entente imperialista. Trotsky pensa (discurso de 30 de outubro, no *Vtsik*), que a república desfrutaria, até a primavera seguinte, de um novo período de espera, pois já era muito tarde para que, contra ela, se empreendesse naquele ano operações de vulto (os acontecimentos confirmariam essa opinião); e todos os seus pensamentos estavam orientados para a ofensiva da revolução no ocidente. Talvez se deva ver aí os efeitos naturais da divisão de trabalho entre o presidente do Conselho dos Comissários do Povo e o presidente do Conselho Revolucionário do Exército; ou a manifestação de dois temperamentos: um, voltado para a circunspeção, o outro, mais voltado para a ofensiva.

sos, fossem eles socialistas-revolucionários de esquerda, anarquistas ou mencheviques-internacionalistas. Já não havia Lenin escrito, durante as discussões sobre a paz de Brest-Litovsk, que, diante de uma revolução alemã ameaçada na luta decisiva, "poderia não apenas ser de acordo com o fim perseguido, mas também inteiramente obrigatório, se arriscar a uma derrota e até mesmo à perda do poder dos soviets"⁴? A república socialista num país atrasado pode ser convocada a se sacrificar pela revolução socialista, muito mais importante para o proletariado internacional, de um país adiantado, isto é, que disponha de uma base industrial muito mais poderosa e de um proletariado muito mais numeroso. Do ponto de vista do internacionalismo proletário, este princípio tem o rigor simples de um axioma. Lenin escrevera, a 20 de agosto, em sua *Carta aos Operários Norte-Americanos*: "Quem não compreende que, para o começo da revolução proletária internacional, pode-se e deve-se não recuar diante de nenhum sacrifício, seja ele territorial, ou implique ele em pesadas derrotas infligidas pelo imperialismo, não é socialista. Quem não tiver demonstrado, *por meio de atos*, que está disposto a aceitar os maiores sacrifícios para 'sua' pátria, contanto que a causa da revolução socialista realmente progrida, não é um socialista"⁵.

A resolução aprovada pelo *Vtsik* prometeu ao proletariado da Alemanha e da Áustria a ajuda sem reservas dos trabalhadores da Rússia; o Conselho Revolucionário para a Guerra foi encarregado "de preparar um programa mais amplo de formação do exército vermelho"; o Comissariado para o Abastecimento, de criar sem demora um fundo de abastecimento para a classe operária da Alemanha e da Áustria.

3 - NOVOS PERIGOS

Refeito de seus ferimentos, Lenin usou da palavra, a 22 de outubro, numa sessão conjunta do *Vtsik*, do Soviete e do Conselho dos Sindicatos de Moscou, para desenvol-

4. *Estranho e Monstruoso*, réplica aos comunistas de esquerda, a 28 de fevereiro de 1918, *Obras*, t. XV, p. 113.

5. Um ano depois, a República dos Sovietes se inspirou nestes princípios, quando Lenin e Trotsky, em telegrama conjunto de 18 de abril de 1919, recomendaram ao governo dos soviets da Ucrânia que tomasse a ofensiva na direção de Czernovitz (Bukovin), para estabelecer a ligação com a Hungria soviética.

ver este tema: "Nunca estivemos tão próximos da revolução mundial e nunca estivemos em tão grande perigo, porque o bolchevismo nunca havia sido ainda considerado um perigo mundial". Com o desmoronamento dos impérios centrais, podia-se crer que a Revolução Russa era especificamente russa. Verifica-se, agora, o contrário. "O bolchevismo tornou-se uma teoria mundial; constitui a tática do proletariado mundial."

Observemos a prudência deliberada de certas fórmulas: "É inevitável uma revolução popular na Alemanha e, talvez, uma revolução proletária. /.../ Tenhamos cuidado para não prejudicar a revolução na Ucrânia. É preciso compreender as variações de crescimento de cada revolução. Em cada país - nós o vimos e vivemos, nós o sabemos melhor que qualquer outro - a revolução segue um caminho diferente /.../. A intervenção daqueles que não conhecem o ritmo de crescimento da revolução pode prejudicar os comunistas conscientes que dizem: Esforcemo-nos, de início, para trazer esse processo ao nível da consciência /.../. Uma revolução só tem valor quando sabe se defender. Mas não é imediatamente que ela aprende a se defender"⁶.

A decomposição do imperialismo alemão provocou indiretamente, para a Revolução Russa, um imenso perigo. A partir de então, os aliados tinham as mãos mais livres frente à República dos Sovietes. Por outro lado, o bolchevismo os ameaçava por sobre o Reno e não por sobre o Vístula. As burguesias germânica e aliadas poderiam muito bem, nessas novas circunstâncias, voltar a se unir contra os soviets. Parecia se estabelecer um acordo tácito entre a Alemanha e os aliados a respeito da ocupação da Ucrânia. Era preciso estar preparado para um ataque dos aliados pelo sul, pelos Dardanelos e pelo Mar Negro, ou pela Romênia. Lenin estava certo. Os aliados pensavam em ocupar a Ucrânia. O general Franchet d'Esperey planejava grandes operações no sul da Rússia. Veremos que essa campanha chegou a ter um começo de execução grave e cruento.

Não há, nos discursos de Lenin, qualquer alusão às divergências suscitadas pouco antes pela paz de Brest-Litovsk. Esse chefe tinha o triunfo modesto, mais do que modesto: ignorado. Demonstrou-se de maneira notável a correção das idéias que expusera em fevereiro, na polémica contra os comunistas de esquerda, partidários da guerra revolucionária. As grandes ofensivas da primavera, desencadeadas na frente de guerra francesa por Hindenburg e Ludendorff, demonstraram como estava vigoroso o imperialismo alemão, que ainda iria resistir por nove meses. Hoje sabemos que o general Hoffmann preconizava junto ao GQG alemão uma ofensiva deci-

6. Essas observações se dirigiam visivelmente a certos comunistas que teriam desejado forçar os acontecimentos na Ucrânia mediante uma intervenção armada.

siva contra a República dos Sovietes. A trégua precária e penosa, conseguida graças ao tratado de Brest-Litovsk, permitia que a revolução se consolidasse, vencesse seus inimigos internos, começasse a formar o exército vermelho; e os males que corroíam o imperialismo alemão haviam atingido, naquele mesmo período, extrema gravidade.

Dois problemas correlatos se propuseram aos chefes da Revolução Russa:

- Garantir a vitória do proletariado na Alemanha;
- Resistir à Entente vitoriosa.

A Entente combateria o bolchevismo com tanto mais energia quanto mais a ameaçasse o proletariado alemão. A vitória da classe operária na Alemanha concretizaria o bloco dos operários da Europa contra os capitalistas do mundo todo. O destino do mundo estava em jogo.

4 - OS DADOS DA REVOLUÇÃO ALEMÃ

Desde 1908, um dos teóricos mais reputados da social-democracia alemã se empenhava em demonstrar que a Alemanha estava madura para a revolução socialista⁷. Desde então, nenhum outro país apresentava de melhor maneira todas as condições prévias da transformação social: elevada concentração industrial, técnica admiravelmente desenvolvida, poderosa industrialização, predominância social do proletariado e organização proletária em vias de rápido crescimento. A população total da Alemanha era de 61,7 milhões, dos quais 27,4 milhões adultos em condições de trabalhar. Essa população ativa se decompunha da seguinte maneira: 6.049.135 proprietários (22,9%), 1.588.168 funcionários administrativos (5,8%) e 19.782.595 proletários (72,3%)⁸. Sem dú-

7. K. KAUTSKY, *O Caminho do Poder*.

8. A estatística social se presta amplamente à controvérsia, sem que, por isso, se modifiquem suas indicações gerais. Aos 27,4 milhões de adultos válidos do recenseamento de 1907, devem ser acrescentados 4,6 milhões de adultos "sem profissão": o exército, as tripulações da marinha, os arrendatários e os aposentados. O *Anuário da Internacional Comunista para 1923 (edição russa)* oferecia, antes da mobilização revolucionária de 1923, as seguintes cifras: independentes, 4,43 milhões; semi-proletários, 3,475 milhões; funcionários administrativos, 3,216 milhões; operários, 22,7 milhões. Os dados sensivelmente menores que reproduzimos para 1925 são da mesma origem, mas foram publicadas

vida, essas cifras do recenseamento oficial de 1907 foram criticadas. A rubrica "proprietários" incluía, ao lado dos representantes das classes médias e ricas, grande número de pequenos agricultores que, por sua condição social, estavam muito próximos dos proletários. O certo é que a predominância da população industrial na Alemanha não era contestável. Uma tentativa de divisão da população ativa por classes (para 1925) nos oferece o seguinte quadro: proletários 16 milhões; elementos semi-proletários (funcionários subalternos, agricultores pobres), 5,7 milhões; pequeno-burgueses (artífices, agricultores remediados, funcionários administrativos e funcionários públicos médios e superiores), 10,1 milhões; capitalistas e pessoal dirigente da sociedade capitalista, 2 milhões. No total, 33,8 milhões de habitantes, dos quais 20,6 milhões de assalariados⁹.

O Partido Social-Democrata, escorado por ricas cooperativas e pelos sindicatos mais poderosos do mundo, obtivera, nas eleições gerais de 1912, 4,25 milhões de sufrágios; em 1914, contava com 1.086.000 membros. Se seus efetivos caíram, durante a guerra, para 243 mil membros (1917), esse fato se explica sobretudo pela suspensão da vida política. Porém, a 2 de agosto de 1914, entre os 100 deputados desse partido só se encontraram dois heróis - Karl Liebknecht e Otto Ruhle - para votar *contra* a guerra; os demais, todos os quadros, todos os chefes do proletariado socialista haviam votado *a favor*. Isso fora o brusco arremate de uma longa evolução. O desenvolvimento econômico do capitalismo, a prosperidade do país, em parte baseada nos benefícios da exploração das colônias e da exportação, a existência de uma aristocracia operária bem remunerada, satisfeita, assemelhada em seus costumes e aspirações a classes médias influentes, haviam permitido que o oportunismo pequeno-burguês minasse o grande partido operário. Cada vez mais, seus meios dirigentes se haviam acostumado a associar o próprio destino ao destino do império.

Sobre esse terreno estéril e arenoso haviam-se travado, entre as tendências do socialismo, complicadas lutas em que o oportunismo, sustentado afinal por todas as forças da sociedade capitalista, sempre acabara vencendo. Nessas lutas de idéias, que sempre renasciam entre pequenas minorias revolucionárias e os grandes chefes realistas do partido, donos de um exército de funcionários disciplinados, tratava-se invariavelmente de iludir a consciência proletária, em outras palavras,

em 1925, após o malogro do PCA, em *Os Partidos Social-Democratas* (prefácio de E. Varga). Nós os aceitamos com todas as reservas, esperando que nossos estatísticos tenham mais prudência na manipulação das cifras e, talvez, menos preocupação com a oportunidade.

9. Ver *Les Partis Social-Démocrates*, monografias, Paris, Bureau, d'Ed. et de Diffusion; G.-I. IACOVIN, *O Desenvolvimento Político da Alemanha Contemporânea*, Leningrado, 1927 (em russo).

de enganar as massas, continuando a utilizar uma linguagem revolucionária esvaziada de seu conteúdo primitivo. Pouco a pouco, a colaboração entre as classes substituiu a luta de classes; a teoria da conquista pacífica do socialismo por meio da democracia parlamentar levava a esquecer a necessidade da ditadura do proletariado sustentada por Marx; um patriotismo palavroso e mentiroso hasteava nos congressos, ao lado das bandeiras vermelhas da Internacional Operária, as cores nacionais. Teóricos eruditos se empenharam até mesmo em revisar, à luz dos progressos do capitalismo alemão, os princípios do socialismo. E enquanto o império fundia seus canhões, eles se esforçavam por demonstrar que se caminhava na direção da cidade socialista pela via das reformas pacíficas.

Durante mais de um quarto de século, a aristocracia operária, no seio da qual se recrutavam os dirigentes da social-democracia, havia pouco a pouco identificado seus interesses com os do regime cuja prosperidade lhe assegurava o bem-estar. A votação de 2 de agosto de 1914 nada mais fizera do que revelar, brutalmente, a passagem, há muito tempo consumada, dos quadros do socialismo para a burguesia.

Um Partido Social-Democrata Independente, descontente com a adesão incondicional dos Scheidemann e dos Ebert ao imperialismo, formara-se, por cisão, em 1917; representava, ao mesmo tempo, o protesto das massas operárias contra a união maldita e contra o antigo centrismo, habituado a dissimular sob uma fraseologia revolucionária uma política de abrandamento, de compromisso, de temporização, de meio-termo... cujos ideólogos, coincidentemente, eram aqueles mesmos que, há dez anos já, vinham trabalhando muito para corromper o pensamento socialista: o criador do revisionismo, Eduard Bernstein, e o pacifista Kautsky, prestes a se tornar o apóstolo do wilsonismo. À falta de uma organização revolucionária de massas, foi, contudo, com a esquerda desse partido influente (Haase, Daümig, Crispian) que Ioffe iria colaborar, às vésperas da revolução alemã.

O único grupo proletário autenticamente revolucionário que se podia comparar, do ponto de vista da consciência de classe, ao Partido Bolchevique russo, era o *Spartakusbund* (Liga Spartacus), constituído em janeiro de 1916 pelos mais importantes veteranos das lutas contra o oportunismo. Havia entre eles um punhado de chefes capazes de um superior destino: o antigo conspirador polonês Leo Tychko, que se tornara mestre na agitação clandestina; o historiador Franz Mehring, que oferecera algumas das melhores aplicações das disciplinas do materialismo histórico; Rosa Luxemburgo, a única cabeça do socialismo ocidental comparável a Lenin e a Trotsky; e o intrépido Liebknecht. Porém, esses chofos, habi-

tudos a lutar contra a correnteza, embora fossem populares não possuíam grande número de seguidores. O *Spartakusbund* era "mais uma tendência ideológica do que um partido", conforme disse Karl Radek. Em abril de 1917, acabou também por aderir ao Partido Social-Democrata Independente.

Diante do proletariado alemão, ao qual faltava, pois, a arma essencial da luta de classes - o partido revolucionário consciente de suas tarefas - erguia-se a burguesia mais culta, mais bem organizada, mais consciente, uma burguesia que soubera formar para a guerra os Hindenburg, os Ludendorff, os Mackensen, os von der Goltz, os von Kluck, burguesia que produzira os Krupp, os Albert Ballin, os Hugo Stinnes, os Walter Rathenau, os Higenberg, os Klöchner, os Thyssen e tantos outros...

5 - OS SOCIALISTAS DA CONTRA-REVOLUÇÃO NO PODER

Essa burguesia não cometeu a loucura de se opor às tropas quando estas, esgotadas e abatidas, perdida toda a esperança de vencer a guerra, bateram em retirada. Como já vimos, Ludendorff compreendeu imediatamente que a guerra havia terminado e que não se podia perder tempo para fazer a paz. Desfeito o sonho - em nada idealista - da Grande Alemanha, o que restava era salvar a ordem imperialista. Não se podia mais salvá-la a não ser mediante hábeis acordos com as massas. O que os Savinkov, os Kornilov, os Kerenski, os Tchernov (e, com eles, os Buchanan, os Paleologue, os Albert Thomas) não haviam compreendido na Rússia, diante do bolchevismo em ascensão, os dirigentes da Alemanha imperialista compreenderam imediatamente entre setembro e novembro de 1918. Sua idéia magistral foi a de se deixar levar pela revolução para não serem vencidos por ela. A expressão alemã é de uma justeza notável: "Colocar-se na ponta do movimento para quebrá-la..." *Sich an der Spitze stellen, um die Spitze abzubrechen*.

Em parte alguma os chefes ofereceram resistência às tropas. Quando se formaram os conselhos (soviets) de soldados, os chefes tiveram a habilidade de conseguir, muitas vezes, que para eles fossem eleitos protegidos seus. Os mare-

chais-de-campo do Kaiser e os grandes financistas, eles próprios designaram para o governo Ebert e Scheidemann, socialistas plenamente confiáveis, mas representativos. O gabinete do príncipe Max de Bade abriu caminho para o Conselho dos Mandatários do Povo da república socialista que se constituiu a 12 de novembro, quando a Alemanha estava toda ela em poder dos soviets. Conselho dos Mandatários, *Arbeiterräte* (Conselhos Operários), encontravam-se nessas denominações um eco da Revolução Russa. Porém, maiorias maciças de social-democratas paralisavam esses soviets. O Conselho dos Mandatários do Povo era, na verdade, apenas um gabinete de coalizão demagógicamente camuflado. Três social-democratas majoritários, conhecidos por sua dedicação à burguesia, Fritz Ebert, Landsberg e Scheidemann, ali estavam lado a lado com três independentes indecisos: Hugo Hasse, Dittmann e Barth.

Esse governo assumiu a missão de estabelecer na Alemanha uma república socialista democrática. Recomendou aos cidadãos que aguardassem as eleições em ordem e com calma. Hesitou em assinar as duras condições do armistício impostas pelos aliados e só o fez atendendo à pressão exigente do GQG. Desde o primeiro momento, teve que escolher entre duas orientações: paz social e paz com os aliados, o que subentendia defesa do capitalismo, repressão do movimento revolucionário, bloco com os aliados contra a República dos Soviets; ou guerra civil, aliança com os soviets da Rússia, defesa revolucionária da Alemanha... A vitória do proletariado na guerra civil estava, naquele momento, garantida; mas Wilson e Foch não consentiriam - era, pelo menos, o que se acreditava - qualquer negociação com o bolchevismo¹⁰; o superior interesse nacional exigia, pois, a continuação da luta em um novo plano, o da revolução proletária; mas teria sido necessário ousar e, para ousar, desejar a vitória do proletariado, desejá-la e acreditar nela. Todo o passado da social-democracia era contrário a isso. Quanto à burguesia e à pequena burguesia, elas preferiam uma Alemanha capitalista espezinhada pelos aliados, respirando apenas por dádiva do presidente Wilson, a uma Alemanha proletária forte e orgulhosa, nascendo sobre as ruínas do imperialismo.

Os Mandatários do Povo se abstiveram de convocar Ioffe. Recusaram o trigo russo oferecido pelo *Vtsik*. Tiveram todo o

10. Por certo não o teriam permitido por vontade própria. A experiência das tropas aliadas enviadas para a Rússia mostrou, no entanto, que a Entente não tinha condições de fazer uma campanha vitoriosa contra países revolucionários. Suas tropas se decompunham rapidamente ao entrarem em contato com a revolução proletária. A revolução não se teria delido no Itano. Foch e Wilson teriam tido que se mostrar muito mais indulgentes com a revolução russo-alemã do que Kùlmann e Hoffmann haviam sido em Brest-Litovsk apenas com a revolução russa.

cuidado para não bullir na antiga burocracia. Mantiveram nos postos de comando os generais reacionários¹¹.

Os socialistas da contra-revolução estavam no poder.

A luta iria se travar entre eles e a minoria revolucionária do proletariado, que, agrupada em torno da Liga Spartacus e da esquerda do Partido Social-Democrata Independente, exigia a ditadura do proletariado.

6 - O EMBAIXADOR DOS SOVIETES, IOFFE, EXPULSO DE BERLIM

Os acontecimentos da Rússia se desenvolveram graças à velocidade adquirida. O exército vermelho se organizou, combateu, conseguiu vitórias, conquistou cidades. As Comissões Extraordinárias fuzilaram. As fábricas, os transportes, as cidades mantiveram uma luta desesperada contra a fome. Esse curso normal das coisas era inteiramente dominado pela expectativa da revolução européia. O país tinha os olhos literalmente fixados no ocidente. Que importava a fome, o tifo, os mortos, uma cidade conquistada, uma cidade perdida! O futuro do mundo se decidia em Berlim, Paris, Roma, Londres. O internacionalismo dos soviets russos era tão grande, tão verdadeiro, que nada o destruiu.

Os jornais da época eram vibrantes. Publicavam todo dia, em tipos grandes, em manchetes, o telegrama da última hora, boato impreciso recebido em Estocolmo por ouvidos ansiosos: distúrbios em Paris, distúrbios em Lion, revolução na Bélgica, revolução em Constantinopla, vitória dos soviets na Bulgária, distúrbios em Copenhague! O fato é que toda a Europa estremeceu, que por toda parte havia soviets, pelo menos clandestinos - até mesmo nos exércitos aliados - que

11. O general Groener, sucessor de Ludendorff no GQG, declarou (processo de Munique, 1925): "Concluimos (o alto-comando e os chefes social-democratas) uma aliança contra o bolchevismo. (...) Encontrava-me todos os dias com Ebert. Meu objetivo era arrebatá-lo ao poder aos soviets dos operários e dos soldados. Planejavamos a entrada de dez divisões em Berlim. Ebert concordava conosco (...). Os independentes e os soviets exigiam que as tropas entrassem desarmadas. Iniciamos um plano de ação detalhado em Berlim: a cidade seria desarmada e limpa dos spartakistas. Estava tudo combinado com Ebert. (...) A seguir se teria constituído um governo forte. As tropas chegaram em dezembro, mas os soldados só queriam regressar a seus lares e o plano não pôde ser executado (...)."

tudo era possível, tudo... A 15 de outubro, Vorovski telegrafa de Estocolmo para Zinoviev: "A revolução amadurece na França (título de notícia nos jornais). Um movimento operário e popular começou há dois dias e se expande vigorosamente em Paris. (...) Os operários exigem a libertação imediata dos prisioneiros políticos (...). Um soviete de soldados aliados fez contato na frente de batalha com os soviets dos soldados alemães (...)."

Finalmente, o chanceler Max de Bade resolveu, a 5 de novembro, quando as bandeiras vermelhas já tremulavam em Kiel, tomar uma medida que o estado-maior preconizava há muito tempo. Rompeu relações com a República dos Sovietes. Exigiu-se que Ioffe deixasse Berlim em 24 horas. Malas diplomáticas russas haviam sido abertas "acidentalmente" e nelas se haviam encontrado panfletos revolucionários em língua alemã. A esse motivo, mais comprometedor aos olhos das massas alemãs, acrescentava-se outro: a má vontade demonstrada em castigar os assassinos do conde Mirbach.

Uma curiosa troca de radiotelegramas ocorrida pouco tempo depois (10 de dezembro) lança alguma luz sobre a atividade de Ioffe em Berlim. O embaixador dos soviets declarou, de fato, em alto e bom som, haver fornecido aos revolucionários alemães, por intermédio dos social-democratas independentes Haase e Barth, recursos financeiros, armas e munições. Haase e Barth, ambos membros do governo socialista do Reich, julgaram dever desmentir essa afirmação: Ioffe respondeu a eles com uma carta arrasadora, de que transcrevemos aqui os principais trechos: "Não é preciso dizer que eu não tinha nenhuma intenção de enviar, eu próprio, diretamente ao camarada Barth, recém-chegado ao movimento operário e que, aliás, não me inspirava mais do que limitada confiança, as quantias destinadas à compra de armas. (...) O sr. Mandatário do Povo Barth sabia perfeitamente, porém, que as centenas de milhares de marcos que recebeu, conforme sua própria declaração, de camaradas alemães, provinham, afinal de contas, de mim. Ele me falou sobre isso, quando da entrevista que tivemos, quatorze dias antes da revolução, censurando-me por não haver dado a ele os 2 milhões que me havia pedido (...). Se lhe tivesse fornecido essa importância, dizia ele, os operários alemães estariam há mais tempo armados e preparados para uma sublevação vitoriosa. (...) O sr. Haase e seus amigos receberam de mim, muitas vezes, materiais - e não apenas russos - para os discursos que pronunciavam no Reichstag (...). O Partido Social-Democrata Independente recebia de nós uma ajuda material para suas publicações, nas quais nossos escritores colaboravam (...). Não creia o sr. Haase que estávamos agindo conjuntamente no interesse comum da revolução alemã e mundial? Jamais teria trazido à baila essas lembranças da

colaboração entre nós, se o sr. Haase não tivesse adotado o ponto de vista dos Kühlmann /.../ que consideram exatamente como crime nosso trabalho com o Partido Social-Democrata Independente da Alemanha e, por essa razão, nos expulsaram da Alemanha. Se o novo governo alemão, que se intitula socialista e revolucionário, se permite censurar abertamente aquilo que fizemos com seus membros quando ainda eram revolucionários, as considerações políticas que me impediriam de falar a respeito de camaradas de partido ou de adversários honestos perdem toda a sua força. Aproveito a ocasião para informar ao advogado do consulado da Rússia em Berlim, S. Excia. o sr. deputado ao Reichstag Oscar Cohn, que a quantia de 500 mil marcos e 150 mil rublos que de mim recebeu na qualidade de membro do Partido Social-Democrata Independente, na noite de nossa partida de Berlim, não mais deve ser entregue a seu partido. O mesmo se aplica à importância de 10 milhões de rublos que o dr. Cohn foi autorizado a dispor a serviço da revolução alemã¹².

7 - O GRANDE EXÉRCITO DO DON. KRASNOV

Os novos perigos denunciados por Lenin se manifestaram no decorrer desses meses, em todas as regiões em que grassava a guerra civil. Os aliados assumiam ali o lugar dos alemães.

Depois das vitórias do exército vermelho no Volga, a atenção do Conselho Revolucionário para a Guerra se concentrou sobre o Don. A região do Don, facilmente conquistada pelos vermelhos no início do ano (lembremo-nos do suicídio do atamã Kaledin), havia se sublevado na primavera com a aproximação dos alemães. O atamã Krasnov, o mesmo que um dia após a insurreição de outubro marchara sobre Petrogrado, fora feito prisioneiro e libertado condicionalmente, havia-se colocado, a partir de abril e maio, à frente dessa contra-revolução cossaca. Em julho, dispunha de 27 mil soldados de infantaria, 30 mil cavaleiros, 175 canhões, 610 metralhadoras, 20 aviões, 4 trens blindados, 8 canhoneiras. O

12. *Izvestia* de Moscou, 18 ou 19 de dezembro de 1918.

território do "grande exército do Don" era um estado reconhecido pelos impérios centrais, dotado de uma constituição bastante singular, limitado a oeste pela Ucrânia do *hetman* Skoropadski, ao norte pela Rússia dos soviets, a leste e ao sul pelo território cossaco do Kuban, onde se formou o exército nacional de Denikin.

Esse novo estado era, de fato, como suserania do kaiser, o feudo de um soldado aventureiro. A constituição do Don, votada pela Assembléia Cossaca (o *Kroug*), tornava o atamã um autocrata. Ele exercia o comando supremo das forças armadas, dirigia sozinho a política exterior, nomeava os ministros e os chefes militares, decretava o estado de sítio, sancionava as leis, exercia o direito de veto sobre os atos legislativos e o direito de perdão. A propriedade privada era inviolável. O rito ortodoxo tinha primazia na ordem religiosa. O atamã fazia, contudo, concessões a sua época: chegava a falar da guerra dos capitalistas. Foi decretada uma reforma agrária que beneficiava os cossacos pobres. Os proprietários fundiários deviam ser expropriados mediante indenização e as terras cultivadas eram declaradas comunitárias. Essas concessões à revolução camponesa completaram-se por fingida benevolência para com os socialistas da contra-revolução, um dos quais ocupava, em Novotcherkassk, a pasta da Instrução Pública. Um órgão socialista-revolucionário, o *Priazovskii Krai* (O país de Azov), era publicado naquela capital lado a lado com um órgão monarquista. Como eram tratados os operários? Um chefe militar dirigiu, num mesmo dia, ao comando da cidade operária de luzovka, os dois telegramas seguintes: "Proibido deter os operários. Ordem de enforcá-los ou fuzilá-los. 10 de novembro. N. 2428". - "Ordem de enforçar na rua todos os operários detidos. Deixá-los expostos por três dias. 10 de novembro. N. 2431. Jirov." Os mesmos métodos foram aplicados em Rostov. Em Taganrog, o general Denissov advertiu a população de que, em caso de distúrbios, utilizaria gases asfixiantes. Segundo os artigos 15 a 23 de suas *Leis Fundamentais*, o Don desfrutava, no entanto, de todas as liberdades democráticas. "Tudo quanto se chamava de conquistadas da revolução foi varrido", declarou ingenuamente Krasnov.

A 5 de maio, o atamã solicitou a aliança e a proteção do kaiser contra o bolchevismo. Pediu armas e a arbitragem de Guilherme II no conflito sobrevivendo entre a Ucrânia e o Don a respeito da posse de Taganrog. O general von Arnin dirigiu-se para a região do Don, que os alemães abasteceram com abundância de armas e munições. A 28 de junho, nova carta do atamã ao kaiser, expondo o projeto de formação de um grande estado cossaco vassalo da Alemanha, que se estenderia do Mar de Azov ao Mar Cáspio. Isso patriota, inimigo do "bolchevismo anti-nacional", concobla van-

tajosas amputações de sua pátria. Pediu ao invasor alemão que lhe cedesse Voronege e Tsaritsin, Astrakhan, o Kuban e o Terek. Oferecia tratamento privilegiado aos capitais alemães e aos produtos de seu país: cereais, couro, vinhos, óleos, tabaco, gado. Atirava pelas costas em seu irmão de armas, Denikin, que tinha base de operações em Kuban. "A dominação alemã", disse ele à Assembléia Cossaca, "será mais suportável que a do bandido-mulique russo."

Eis porém que, em novembro, no momento em que o rompimento das relações diplomáticas entre a Alemanha e os soviets permitia sonhar com uma ampla intervenção alemã na Rússia, o imperialismo germânico desmoronou. A confusão em seus exércitos de ocupação na Ucrânia era completa. Seus soldados tinham um único desejo: o de regressar a todo custo a seus lares. O patriota Krasnov, sem perda de tempo, apelou aos aliados. Em suas *Memórias*, registrou as promessas que estes últimos lhe fizeram. Na Conferência de Jassy (Romênia), um cônsul francês, Hainaut, "insistiu energicamente junto ao comando alemão no sentido de que, mediante providências suas, a ordem fosse mantida na Ucrânia até a chegada dos aliados". O general Berthelot prometeu diversas divisões francesas para antes de meados de dezembro. Não era mais ao kaiser que o atamã Krasnov dirigia suas súplicas, mas sim ao general Franchet d'Esperey. "O Don", escreveu-lhe, "é uma república democrática de que sou o chefe; /.../ o Don faz guerra apenas contra o bolchevismo. /.../ Sem a ajuda dos aliados, a libertação da Rússia é impossível. /.../ Três a quatro corpos de exército, 90 a 120 mil homens libertariam a Rússia em três ou quatro meses /.../. Impõe-se a ocupação da Ucrânia por tropas estrangeiras /.../." Aliás, a presença de guarnições aliadas em Tula, Samara, Saratov, Tsaritsin, Penza, Moscou também se impunha... O general Berthelot, em Jassy, deu garantias formais ao enviado de Krasnov: "A Ucrânia será sem dúvida ocupada, quer por um exército anglo-francês, quer por tropas que a Alemanha será intimada a deixar ali". "Todo o exército da Salônica" será enviado para a Rússia, se for necessário.

Uma missão militar britânica dirigida pelo general Poole foi para Ekaterinodar, junto a Denikin. Oficiais franceses e ingleses (Dupré, Faure, Hochain, Ehrlich) visitaram o Don, onde foram recebidos com *Te Deum*, cumprimentados pelos velhos cossacos, condecorados, saudados por jovens moças vestidas de branco... Poole foi tão categórico quanto Berthelot: "Convoco imediatamente uma brigada de Batumi", declarou; mas Londres o chamou de volta. Em fins de janeiro de 1919, finalmente, o capitão Fouquet fez saber ao atamã, em nome do general Franchet d'Esperey, as condições draconianas dos aliados. O atamã se subordinaria ao general Denikin, chefe supremo dos exércitos russos; "submeter-se-ia dos pontos de

vista militar, político e administrativo à autoridade do general Franchet d'Esperey". Todas as suas ordens seriam referendadas pelo capitão Fouquet. O Don indenizaria os cidadãos franceses lesados pela revolução: "A renda média das empresas perdida durante os distúrbios lhes será entregue, acrescidas de 5% de indenização relativa a toda a atividade das referidas empresas a partir de 1914 /.../".

Krasnov, conjugando os golpes de força e as grandes operações estratégicas, fazia uma guerra de extermínio contra os vermelhos. Por duas vezes, em outubro de 1918 e em janeiro de 1919, conseguiu sitiar Tsaritsin¹³, chave do Baixo-Volga, heroicamente defendida pelo 10. Exército vermelho (Tuliakov, Voïrochilov, Stalin). Uma tentativa de mobilização dos camponeses fracassou. Nos primeiros dias de novembro, Trotsky se dirigiu para a frente de combate do sul, visitou Voronege, Tsaritsin, Astrakhan, galvanizou as energias, imprimiu um impulso decisivo à organização de um exército regular. Nessa região, essa foi uma tarefa particularmente difícil. Ali, a guerra civil punha em luta aldeia contra aldeia e, muitas vezes na mesma aldeia, os ricos contra os pobres. Formavam-se por toda parte tropas de guerrilheiros vermelhos, agrupados em torno de chefes que eram os heróis daquelas plagas. Para substituir esses bandos corajosos, mas extravagantes, por um verdadeiro exército, era preciso quebrar sua resistência, sua coesão, suas tradições. Às vezes, as aldeias se fortificavam para se defender ali mesmo, custasse o que custasse. Quando uma tropa tinha que deixar sua região, acabava se dissolvendo. Os chefes não queriam ser dependentes de ninguém. As primeiras tentativas de centralização provocaram perigosas reações por parte deles. No Kuban, Sorokin mandou passar pelas armas o Conselho Revolucionário que pretendiam impor a ele. Mironov, Avtonomov, Sakharov, Potapenko e muitos outros se amotinaram contra o poder central em nome da revolução. Foram enfim dominados. Regimentos formados em Moscou, comissários operários, um Conselho Revolucionário para o Exército, presidido pelo metalúrgico Chliapnikov (o exército era comandado por um oficial adiestra, P. P. Sytin) trouxeram para a frente de guerra do sul uma vigorosa centralização. A partir de então, os ataques de Krasnov se desfizeram contra linhas de defesa cada vez mais fortes. No início do ano seguinte (1919), a formação de importante cavalaria vermelha, comandada por um intrépido sub-oficial, Budienny, atestou a passagem para os vermelhos de cossacos médios e mesmo abastados, pois a cavalaria é uma arma rica.

A tarefa dos exércitos vermelhos no sul estava definida por Trotsky: "Deveremos surgir entre o militarismo alemão que se

13. Hoje Stalingrado.

retira e o militarismo anglo-francês que se aproxima. Devemos ocupar o Don, o Cáucaso setentrional, a região do Mar Cáspio, dar apoio aos operários e aos camponeses da Ucrânia, e voltar a entrar em nossa casa soviética, onde não há lugar nem para os auxiliares dos ingleses, nem para os dos alemães [...]. Na frente de guerra do sul é que bate nosso pulso; é ali que se joga o destino de nosso poder".

8 - A QUEDA DE SAMARA

Tal foi, de fato, a consequência da libertação do Volga, concluída em princípios de outubro, com a tomada de Samara e de Stavropol. O exército vermelho, prossequindo com suas vitórias, entrou na região dos Urais (tomada de Bugulma, a 16 de outubro).

Depois da queda de Kazan e de Simbirsk, a capital dos constituintes socialistas-revolucionários vivia em terror. Ali, pânico súbito suspendiam a atividade comercial. A população se escondia nos porões, as lojas fechavam, a burguesia local se amontoava nos trens. O Comitê dos Constituintes, sentindo-se cada vez mais impotente, preferiu se dissolver, transmitindo seus poderes ao diretório de Oufa, que não lhe inspirava confiança alguma. Os tchecos, esgotados por longos meses de luta, não queriam mais lutar. Os voluntários brancos eram muito pouco numerosos. Os camponeses mobilizados desertavam em massa, ou se passavam para o lado dos vermelhos. Como se não bastasse, o atamã Dutov recusou aos socialistas-revolucionários a ajuda dos cossacos de Oremburgo. O diretório desperdiçava seu tempo em intrigas sem futuro.

Sequer se encontrou, em Samara, um chefe militar capaz de organizar a evacuação da cidade. As associações liberais aprovavam moções sobre a resistência a todo transe, os socialistas-revolucionários formavam grupos de combate ou decretavam a mobilização de toda a população masculina; porém nada de sério se fazia e os vermelhos se aproximavam inexoravelmente. A ordem de evacuação publicada a 4 de outubro foi o sinal da derrota. "Foi um pesadelo [...]. O general Tregubov, governador militar, pôs-se em fuga no primeiro trem. A Comissão de Evacuação desapareceu [...]. Não havia ninguém para entregar os documentos e os salvo-

condutos. Cada qual tratou de correr para a estação, sem se preocupar com mais ninguém, para conseguir um lugar nos trens. A confusão era incrível. Não havia vagões nem locomotivas. As bagagens dos órgãos do estado e dos particulares se amontoaram na parte externa da estação a uma altura de três pavimentos. Milhares de pessoas, funcionários do estado, membros dos partidos, personalidades influentes, gente comum assustada, comprimiam-se na plataforma, entre os soluços das mulheres e crianças. O pânico e o egoísmo cruel estavam em todos os rostos. Cada qual pensava: Primeiro eu! e abria caminho com violência em direção ao lugar cobijado em um vagão de carga.¹⁴ Tenhamos em mente alguns detalhes. O trem especial do governo, entupido de gente, viu-se, à última hora, abandonado em uma via ameaçada. Os tchecos utilizavam todo o material rodante disponível para a evacuação de suas tropas. Quando os delegados dos constituintes se dirigiram ao chefe do estado-maior tcheco para lhe solicitar uma locomotiva, foram recebidos com zombarias. A cena nos foi contada pelo menchevique Maiski, membro do gabinete de Samara. "Os delegados acabavam de deixar o chefe do governo, o socialista-revolucionário Volski, embriagado e desesperado, que, por entre os restos de uma bededeira, quebrava copos a gritar: 'Bebo a Samara morta! Vocês estão sentindo como ela fede?' A cidade estava mergulhada num profundo pavor. Um oficial tcheco recebeu os que chegavam com uma grande gargalhada: 'Onde está seu exército?', perguntou-lhes. 'Ha, ha, ha! Então, digam aí, onde está seu exército?' A palavra governo levou ao auge sua hilariedade. Estourava de rir: 'Governo? Vocês são o governo?' Amassou uma bolinha de papel e a jogou com desprezo [...]."

Insistimos nesses traços da confusão em Samara por serem típicos. O contraste entre esse desmoronamento e o heroísmo tenaz dos vermelhos em Sviajsk, nos Urais e em Tuapse atesta a diferença de qualidade entre as forças sociais em presença. A superioridade das forças espirituais, fé, energia, inteligência, tenacidade, era surpreendente entre os vermelhos. Isso se observa durante todo o curso da revolução. Mais tarde, outras derrotas mais graves e mais sangrentas farão esquecer a de Samara. Outras proezas farão esquecer a de Sviajsk. Veremos os proletários de Oremburgo agüentar vigorosamente um prolongado assédio; veremos Petrogrado, defendida por Trotsky, conseguir se manter contra toda probabilidade; veremos Tsaritsin, duas vezes cercada pelos brancos, duas vezes vitoriosa; e veremos o exército vermelho tomar de assalto fortalezas inexpugnáveis, Kronstadt e Perekop. Em contrapartida, as tropas de ocupação romenas e francesas

14. MAISKI, *A Contra-Revolução Democrática*, Moscou, 1923.

experimentarão a derrota de Odessa; as britânicas, a de Arkhangelsk; Denikin encerrará sua carreira com a espantosa evacuação de Novorossiisk; Koltchak, com sua fuga ao longo da Transiberiana; Wrangel, com o desastre da Criméia. Já assinalamos qual é a suprema de forças sociais que essa superioridade moral traduz. Salientemos, nos acontecimentos do Don e de Samara, uma outra característica que vemos se reproduzir em todos os episódios da contra-revolução: a atitude grosseiramente interessada dos estrangeiros, ingleses, franceses, tchecos. Os oficiais aliados impunham arrogantemente suas ordens aos chefes da contra-revolução, abandonavam-nos quando a situação se agravava, agrediam-nos com seu desprezo na hora do acerto de contas, e tratavam de salvar-se a si próprios nos primeiros trens de evacuação. A contra-revolução nada podia sem as baionetas estrangeiras; desse modo, a Rússia "nacional" era tratada por seus aliados como um país dominado. Esse é um dos paradoxos evidentes mais surpreendentes da guerra civil: vê-se, seguidamente, o patriotismo burguês se sujeitar sem escrúpulo ao estrangeiro, enquanto o internacionalismo proletário cumpria sua missão defendendo de maneira admirável a nação.

9 - OS ALIADOS NA SIBÉRIA. KOLTCHAK

A queda de Samara indicou o declínio da contra-revolução democrática. A concentração das forças reacionárias terminou na Sibéria, em torno do governo de Omsk. O conflito entre os Constituintes Socialistas-Revolucionários e a contra-revolução siberiana, dirigida por constitucionais-democratas, partidários de uma ditadura de direita, se agravava a cada dia. O ministério siberiano mantinha em xeque o diretório de Ufa. O corpo de oficiais desempenhava em Omsk um papel excepcional: nenhum poder podia se manter sem seu apoio. Seu próprio poderio o desmoralizou. Só havia intrigas e complôs militares; os homens de estado tidos como liberais corriam, todos os dias, o risco de serem presos, seqüestrados, assassinados. O ministro socialista-revolucionário Novosseltsov desapareceu desse modo em fins de setembro. A capital siberiana oferecia àquela altura o espetáculo da anarquia militar mais variada; o diretório, autoridade suprema,

não era respeitado por ninguém; um conselho de ministros expurgado pelo assassinato vivia em luta contra a дума liberal, composta, em sua maioria, de socialistas-revolucionários; os tchecos "democratas", mas acima de tudo apegados à ordem, se poupavam; camarilhas de oficiais governavam às ocultas. Industriais e generais, de acordo quanto ao princípio da ditadura pessoal, acabaram, no entanto, por formar um "bloco nacional". O diretório e o ministério de Omsk concordavam - uma vez não significa costume - quanto à nomeação do almirante Koltchak para o Ministério da Guerra (4 de novembro).

As essas dissensões internas acrescentavam-se as provenientes do estrangeiro. Os japoneses, apoiados pelo atamã Semenov, prosseguiam com suas operações no extremo-orient; os tchecos se comportavam como conquistadores ao longo das linhas da Transiberiana; seu chefe, Galda, tratava mal os oficiais russos, executava requisições, fuzilava os bolcheviques e os suspeitos (cinco pessoas fuziladas sem julgamento, a 25 de outubro, em Krasnoyarsk); os aliados enviaram para a Sibéria os generais Nox e Janin, oficialmente investidos, por Lloyd George e Clemenceau, do comando de todas as tropas aliadas da Sibéria.

A Sibéria assiste à repetição, em cada um de seus passos, da experiência social da Ucrânia, onde os partidos democráticos das classes médias nada mais fizeram do que preparar o caminho para uma reação negra. É bem essa a missão desses partidos nas guerras civis, pois é peculiar à pequena burguesia não ter, ela mesma, uma política. Está sempre entre duas ditaduras - a do proletariado e a da reação -, que a ela cabe, em certa medida, preparar e suportar. O diretório socialista-revolucionário nada mais possui do que a eloquência vazia de seus chefes. Chegados a Omsk, estes se sentem tão desamparados e impotentes, sob a ameaça dos militares, quanto outrora, em Petrogrado, ao tempo da assembléia constituinte, sob a ameaça do proletariado. As mesmas ilusões os tranquilizam. Neles se revela a vocação do mártir parlamentar. O menchevique Maiski, chegado de Samara, encontra-se com o grande homem do diretório e do Partido Socialista-Revolucionário, Avksentiev, com sua barba imponente, testa de idealista e retórica austera: "Avksentiev me disse com toda a clareza: - Estamos vivendo sobre um vulcão, toda noite esperamos ser presos. /.../ Eu lhe perguntei: 'Você acha que está agindo bem?' - Sim, respondeu-me, não podemos agir de outro modo. Somos os mártires do compromisso. Você está rindo? Existe esse tipo de mártir e talvez a Rússia precise principalmente deles /.../'. "Mas vocês não tentarão resistir?", perguntou Maiski, algum tempo depois, a outro membro do diretório. "E que poderíamos fazer?", foi a resposta que teve, acompanhada de um gesto de desânimo.

Na noite de 18 para 19 de novembro, os membros do diretório e seus amigos políticos foram afinal presos pelos cossacos. As metralhadoras do coronel inglês Ward dominavam os pontos estratégicos da cidade. Uma decisão do ministério concedeu, nesse mesmo dia, o título de governante supremo ao almirante Koltchak. O almirante, "aceitando a cruz do poder", declarou não desejar seguir nem o caminho da reação, nem o das facções e, sim, tomar para si como único objetivo a formação de um exército forte para combater o bolchevismo. O povo russo "organizará, a seguir, sua liberdade". O golpe de força fora preparado com a concordância dos representantes aliados: o coronel Ward, o cônsul francês Regnault, o norte-americano Harris e o tcheco Stefanek. Alguns dias depois, os membros do diretório partiram para o exílio, escoltados por soldados russos e britânicos. O general Janin chegou a Omsk a 14 de dezembro: a determinação dos aliados subordinava a esse general o "governante supremo" de Omsk!

Os constituintes socialistas-revolucionários tentaram inutilmente lutar. Seu comitê de resistência, presidido por Tchernov, foi preso sem qualquer resistência. O Partido Socialista-Revolucionário resolveu cessar a luta contra o bolchevismo e retomar os métodos insurrecionais e terroristas contra a reação siberiana. Tarde demais. Alguns de seus militantes acabaram fuzilados; isso foi tudo.

O estudo da contra-revolução siberiana, que atingiu seu apogeu em 1919, não tem lugar no quadro desta obra. A ditadura militar e a intervenção dos aliados deram seus frutos. Na primavera de 1919, Koltchak esteve à frente de um exército forte o suficiente para parecer, por algum tempo, superior ao exército vermelho. Porém, como todos os exércitos brancos, era um exército de classe, formado principalmente de oficiais e de jovens pertencentes às classes abastadas. O regime instituído pelo governante supremo foi um regime de terror branco. Os camponeses desertavam, recusavam-se a entregar víveres, opunham-se às requisições, à volta dos proprietários fundiários e à arbitrariedade das antigas autoridades, que se haviam tornado mais arrogantes do que nunca. Em breve, a Sibéria inteira foi cortada em todas as direções por colunas infernais. Era preciso reprimir por toda parte. Nas aldeias insubmissas, os muíques eram fuzilados às dezenas, açoitavam-se as mulheres, violavam-se as jovens, roubava-se o gado. Contavam-se às centenas os burgos bombardeados ou incendiados. Em breve, os bandos de guerrilheiros vermelhos multiplicaram-se nos bosques siberianos. Uma sublevação operária, preparada pela organização clandestina do Partido Comunista, estourou em Omsk em fins de dezembro; a repressão fez 900 vítimas. Diversos membros socialistas-revolucionários e mencheviques da constituinte foram

mortos no meio da confusão. Em caso de sabotagem das vias férreas, as aldeias suspeitas eram incendiadas; para cada "ato de banditismo" dos vermelhos, eram fuzilados entre 3 a 20 reféns.

O golpe de força do almirante Koltchak correspondeu à intenção dos aliados, desejosos de efetivar o comando único das forças da contra-revolução. No mesmo momento em que se desenrolavam os acontecimentos de Omsk, a Conferência de Jassy (Romênia) reunia, na casa do embaixador da Grã-Bretanha, Barclay, o embaixador da França, de Saint-Aulaire, um diplomata norte-americano, um diplomata italiano, os dirigentes da burguesia liberal (M. Miliukov) e monarquista russa e os dirigentes socialistas-revolucionários (Fundaminski). Tratava-se, principalmente, da ditadura militar na Rússia¹⁵. Pode-se dizer que os aliados impuseram à contra-revolução russa seus grandes chefes, Denikin e Koltchak, cujos menores gestos deveriam ser controlados pelos generais Franchet d'Esperey¹⁶ e Janin.

10 - O VI CONGRESSO DOS SOVIETES. ANULAÇÃO DO TRATADO DE BREST-LITOVSK

O primeiro aniversário da Revolução de Outubro foi comemorado pelo VI Congresso Extraordinário dos Sovietes, de 6 a 9 de novembro, no mesmo momento da revolução alemã. Congresso sem brilho. Pode-se dizer que foi uma reunião ampliada do *Vtsik*. Não houve, nem poderia haver, nenhuma discussão, dada a composição extremamente homogênea da assembléia que, de 950 delegados com direito a voto, contava com 933 comunistas, oito comunistas-revolucionários, quatro socialistas-revolucionários de esquerda, dois comunistas-populares, um maximalista, um anarquista e um sem partido. Lenin, Trotsky, Sverdlov, Radek, Stieklou, Kamenev, Kurski e Avanessov falavam sozinhos. Os presentes não se manifestaram, a não ser por calorosos aplausos e por votações unânimes.

15. Sobre a Conferência de Jassy, ver MARGULIES, *Um Ano de Intervenção*.
16. O general Franchet d'Esperey não veio para a Rússia. Seu projeto de intervenção logo foi abandonado.

O congresso decidiu propor, uma vez mais, a paz aos Estados Unidos, à Inglaterra, à França, à Itália e ao Japão, países que estavam em guerra com a Rússia, sem aliás a haverem declarado. Foi aprovada uma resolução sobre a clemência, determinando às Comissões Extraordinárias que só mantivessem presos os inimigos comprovados e ativos do regime, e uma outra sobre a legalidade revolucionária.

No correr desses trabalhos, tomou-se conhecimento da tomada das fábricas de Ijevsk (Urais) pelo exército vermelho. Fora um grande êxito, uma vez que as fábricas de munição de Ijevsk e de Votkinsk, por influência dos mencheviques e dos socialistas-revolucionários, haviam aderido à contra-revolução. Trotsky participou da passagem para o lado dos vermelhos de um grupo de 58 soldados britânicos, na região de Kollas.

O congresso demonstrou grande sobriedade na apreciação dos acontecimentos na Alemanha. A moção aprovada a respeito do relatório de Lenin afirmava a necessidade de dar às massas uma consciência nítida da imensidade dos novos perigos e "a convicção de que saberemos defender e manter a pátria socialista e a vitória da revolução proletária internacional". Ioffe acabara de ser expulso da Alemanha, havia a expectativa de uma dupla ofensiva, dos Impérios centrais e dos aliados, contra a Rússia comunista.

Lenin tomou a palavra por duas vezes, para comemorar o primeiro aniversário da revolução e para expor a situação internacional. "Sempre tivemos muito claro para nós", disse ele, "que se tivemos que começar uma revolução que a luta internacional exigia, isso não foi em razão dos méritos do proletariado russo, mas sim em razão de sua fraqueza, de seu estado atrasado e de circunstâncias militares estratégicas que nos obrigaram a pôr-nos à frente do movimento, na expectativa de que outros destacamentos se levantassem." Ele apresentou o balanço de um ano de lutas: do controle operário passara-se à organização operária da produção; da luta democrática dos camponeses pela terra, à diferenciação de classes nos campos; da impotência militar, à formação do exército vermelho; do isolamento, à ação conjunta com o proletariado da Europa ocidental. "Começamos pelo controle operário, não decretamos o socialismo, pois ele só se instaurará quando os operários houverem aprendido a administrar." Falou da questão camponesa, a propósito das sublevações de julho. "Limitamo-nos a abrir o caminho para o socialismo na zona rural, sabendo muito bem que os camponeses ainda não poderiam se engajar nele." Nenhum país democrático fez tanto pelos camponeses. Foi preciso que viesse a fome para que se deflagrasse a guerra entre os operários e os *kulaks*; e o resultado essencial disso foi o levante em massa dos trabalhadores das cidades e dos campos. A partir daí, "a aliança entre os agricultores pobres e os operários das cidades lança os alicerces de uma verdadeira edificação

socialista". "Aconteça o que acontecer", disse Lenin em seu exórcio, "resistiremos até o último homem e o imperialismo perecerá."

"A questão das relações internacionais", dizia ele em seu segundo discurso, "parece-nos essencial, não apenas porque, a partir de agora, o imperialismo significa a interdependência sólida e duradoura de todos os estados do mundo em um sistema único - para não dizer em um monte de lama e de sangue -, mas também porque não se concebe a vitória socialista em um só país; ela exige a mais ativa colaboração de diversos países adiantados, entre os quais não podemos deixar de incluir a Rússia." Impregnado, desde o primeiro momento, dessa idéia, o proletariado russo havia se esforçado por esclarecer as massas do estrangeiro, sem, aliás, esperar resultados imediatos. "Se desaparecêssemos subitamente, teríamos o direito de dizer, sem qualquer ilusão sobre nossos erros, que utilizamos plenamente em benefício da revolução social mundial o tempo que nos coube pelo destino." A constatação, repetida mais de uma vez, de que "jamais estivemos em tão grande perigo" acentuava essas idéias gerais. As últimas palavras de Lenin foram:

"Não temos a menor razão para nos entregarmos ao desespero ou ao pessimismo. Sabemos que é grande o perigo. Talvez o destino nos reserve provações ainda maiores. Pode-se, sem dúvida, esmagar um país; jamais, porém, se esmagará a revolução proletária internacional (...)."

Trotsky falou sobre a situação nas frentes de batalha. Ela dava motivos para grandes esperanças. Ele formulou a palavra de ordem da libertação do sul.

O armistício outorgado pelos aliados à Alemanha, a 11 de novembro, impunha a esta última a anulação dos tratados de Brest-Litovsk e de Bucarest. Dois dias depois, o *Vtsik* proclamou a anulação do tratado de Brest-Litovsk. A República dos Sovietes oferecia sua aliança fraternal a todos os povos libertados do imperialismo.

11 - A RECONQUISTA DA UCRÂNIA

A Ucrânia ocupada pelos alemães não experimentara, sob o governo do *hetman* Skoropadski, uma hora sequer de tranqüilidade. A luta de classes prosseguia intensa mente. As requisições obrigavam os camponeses a pegar em

armas. Os partidos da pequena burguesia, socialistas-nacionalistas, suportavam mal a humilhação nacional e traduziam o descontentamento das massas rurais. As organizações clandestinas dos bolcheviques continuavam o bom combate nos centros operários. Os socialistas-revolucionários de esquerda cometiam atentados terroristas. Franco-atiradores, chamados de *haidamaks* segundo a tradição nacional, dos guerrilheiros vermelhos (soviéticos) ou negros (anarquistas) dominavam a zona rural. Em meados de setembro, os grupos nacionais, tendo declarado oficialmente a guerra ao *hetman*, começaram a formar um exército de voluntários, em torno de Blelaia-Tserkov. Dois antigos dirigentes socialistas-nacionalistas, o escritor Vinnitchenko e o preceptor Simeon Petliura, que já haviam estado à frente da *Rada*, de triste memória, dirigiam esse movimento insurrecional.

O exército de ocupação, desde que teve conhecimento do que ocorria em Viena e em Berlim, não tinha senão uma idéia: regressar. Ele não conservou, sob a égide dos conselhos de soldados, o mínimo de organização necessária para evacuar o país de maneira ordenada.

A Ucrânia germanizada se desagregou, de um momento para outro. Tropas vermelhas formavam-se, aqui e ali, enquanto unidades regulares do exército vermelho marchavam sobre Gomel, sobre Kharkov, sobre Kiev. Mais numerosas num primeiro momento, as tropas de Vinnitchenko e de Petliura investiram em toda parte contra as autoridades apavoradas do *hetman*. Os alemães se retiravam sem luta. Por volta de 15 de novembro, Petliura sentiu-se suficientemente forte para colocar o *hetman* fora da lei. Dois poderes rivais se constituíram simultaneamente em meio a esse caos sangrento: o diretório nacionalista e o governo soviético. Assim, a pequena burguesia, as classes médias das cidades, os agricultores abastados ou ricos, disputavam o poder com os operários e os agricultores pobres.

O diretório adotou fórmulas aparentemente muito semelhantes às do bolchevismo. Expropriação das grandes propriedades em benefício dos camponeses (o solo era declarado propriedade dos agricultores); jornada de trabalho de 8 horas; legislação operária; direito de associação e de greve; reconhecimento dos comitês de fábrica; "poder exclusivo das classes trabalhadoras", isto é, dos operários, dos camponeses e dos intelectuais; reunião imediata de um congresso dos trabalhadores¹⁷. Os soviets eram tolerados, contanto que limitassem sua atividade à defesa dos interesses corporativos e locais. Esse revolucionarismo mitigado não resistiu por muito tempo aos entrechoques com a realidade. A força da revo-

17. A primeira declaração do diretório constatava que as classes dominantes - capitalistas e proprietários fundiários - haviam se desonrado por sua rapacidade, seu egoísmo anti-nacional e seu servilismo com relação ao estrangeiro.

lução era, nas cidades, o proletariado; na zona rural, desde que foram expulsos o proprietário fundiário, o soldado do *hetman* e a *Kommandatur* alemã, o agricultor pobre entrou imediatamente em luta com os agricultores ricos e médios, que julgavam que a revolução havia terminado e que só restava consolidar a pequena propriedade ameaçada pelo bolchevismo ... Mas os soldados de Petliura fincavam numa cidade ou num burgo a bandeira nacional amarela e azul, reacendia-se a luta entre eles e o soviets, o Partido Comunista, os operários, os pobres. Mais uma vez, a contra-revolução democrática via-se, um dia após sua efêmera vitória, entre duas ditaduras. E, como de hábito, no momento decisivo, optou pela reação militar. Foi lamentável o suicídio político do diretório ucraniano. Eis a declaração por ele enviada, em janeiro, ao comando francês:

"O diretório se coloca sob a proteção da França e solicita às autoridades francesas que o dirijam a respeito de assuntos diplomáticos, militares, políticos, econômicos, financeiros e judiciais-até o fim da luta contra o bolchevismo. O diretório conta com a generosidade da França e das potências aliadas no momento em que /.../ se venham a colocar as questões de fronteiras e de nacionalidades".

Segundo o tratado assinado em fins de janeiro de 1919 com a França, representada então pelo general d'Anselme, o diretório declarou a Ucrânia parte integrante da Rússia una e indivisível (onde foi parar a independência nacional?); transmitiu seus poderes a um gabinete de coalizão (onde foi parar o poder executivo dos trabalhadores?), renunciou a fazer realizar o congresso dos trabalhadores, comprometeu-se a não mais tolerar a existência de soviets em seu território e confiou o comando de suas tropas a um estado-maior formado pelo comandante das forças aliadas, general d'Anselme, por um representante do exército de voluntários do general Denikin, um representante dos legionários poloneses e um representante dos republicanos ucranianos. Em contrapartida, os aliados se comprometeram a abastecer os ucranianos de munição.

Cláusulas econômicas ainda mais duras, divulgadas mais tarde numa nota de Racovski a Stephen Pichon, eram o tema de fundo desse curioso tratado. A França adquirira, por cinco anos, uma espécie de direito de proteção muito amplo sobre a Ucrânia; recebia a concessão, por cinquenta anos, das ferrovias ucranianas. A ocupação de Odessa e de Kherson pelos franceses, gregos e romenos (dezembro-março), as operações de uma frota francesa no Mar Negro e os combates de Kherson e de Sebastopol logo comprovaram quão sérios eram esses projetos de dominação da Ucrânia.

Eles fracassaram porque as vitórias dos nacionalistas que estavam vendendo o próprio país não tinham futuro. Petliura

tomou Kharkov (23 de novembro) e Kiev (4 de dezembro). Mas um Congresso dos Sovietes realizado em Ekaterinosiav nesse meio tempo havia constituído, sob a presidência de Iuri Platakov, o governo bolchevique dos operários e dos camponeses. Os vermelhos, conseguindo a adesão dos camponeses médios, venciam, pouco a pouco, na zona rural; as cidades já lhes pertenciam. O exército vermelho absorvia as unidades de guerrilheiros. Os anarquistas e os anarquizantes, cada vez mais fortes, sob o comando enérgico de Makhno, apoiavam, apesar de muitas vacilações, o poder dos soviets; as tropas aliadas, nos portos, iam-se deixando contagiar pela revolução. É verdade que o governo dos soviets (Racovski, presidente do Conselho dos Comissários do Povo) só se instalaria nos grandes centros ucranianos em janeiro e fevereiro e isso seria definitivo. Em parte alguma da Rússia a guerra civil seria tão movimentada, tão intensa quanto na Ucrânia, onde, em quatro anos, quatorze governos iriam se suceder. Porém, tudo quanto se pretendeu construir nesse país contra a revolução proletária seria construído sobre a areia e, por mais que o sangue corresse, essa areia sempre se desmancharia sob os pés...¹⁸.

12 - VITÓRIA DOS PROLETÁRIOS DA RÚSSIA

O caminho mais curto para a união com a revolução austro-húngara passa por Kiev, tanto quanto as estradas de Pskov e de Vilna nos levam para a revolução alemã." Essas palavras de Trotsky definem o caráter das grandes ofensivas que o exército vermelho empreendia naquele momento nos países bálticos e na Ucrânia.

Quais as forças que se defrontavam? O exército vermelho contava, a 15 de setembro, com 452.509 combatentes e 95 mil homens de tropas auxiliares ou ocupadas na retaguarda. Às vésperas da primavera de 1919, atingiria e ultrapassaria o

18. Em 1919, a República dos Sovietes perdeu a Ucrânia, que foi inteiramente ocupada pelo exército branco do general Denikin. A ofensiva de Denikin sobre Tula e Moscou foi interrompida, em novembro, pelo exército vermelho e pelas insurreições camponesas na retaguarda. A revolução reconquistou definitivamente a região em 1920. Durante todo esse período de luta, Racovski permaneceu à frente do governo soviético da Ucrânia.

milhão de combatentes. Tentemos arrolar seus adversários. Trinta a quarenta mil aliados (Inglêses, norte-americanos, italianos, sérvios e franceses) ocupavam Arkhangelsk, Onega, Kem, Murmansk; 40 mil finlandeses ameaçavam Petrogrado e a Karélia; na Estônia, Letônia e Lituânia, entre 30 a 40 mil guardas brancos resistiam, apoiados pelo corpo de voluntários alemães de von der Goltz (30 mil homens). O exército polonês estava em formação: ultrapassaria 50 mil homens na primavera; 20 mil franceses e gregos ocupavam Odessa e Kherson; 40 mil tchecoslovacos se dispunham ao longo da Transiberiana. Três divisões japonesas e 7 mil norte-americanos operavam no extremo-oriental. A essas 300 mil baionetas estrangeiras, devem-se acrescentar as forças da contra-revolução russa: o exército cossaco do Don, 50 mil homens; o do Kuban, 80 mil homens; o exército nacional de Koltchak, 100 mil (na primavera); o exército de voluntários de Denikin, no Kuban, 10 a 15 mil homens; as tropas do diretório ucraniano, 10 a 15 mil homens; os bandos contra-revolucionários da Ucrânia, mais de 20 mil homens. No total, mais de 250 mil homens.

Forças aproximadamente equivalentes. As da contra-revolução, de longe as mais bem armadas, as mais bem abastecidas, porém dispersas, divididas, às vezes combatendo a contra gosto (é o caso das tropas estrangeiras). Os vermelhos, defendendo apaixonadamente um território único, dispunham de uma rede ferroviária que convergia para Moscou. Os aliados estavam desunidos; os vermelhos possuíam a unidade formidável da ditadura do proletariado.

As ofensivas vermelhas são lançadas vitoriosamente em todas as frentes de combate. Tomada de Pskov, entrada para os países bálticos, a 20 de novembro. Narva, ponto chave da Estônia, cai a 28; Minsk, capital da Rússia Branca, a 9 de dezembro. A derrota dos alemães acarreta a dos obscuros governos nacionais dos países bálticos. Instauram-se repúblicas soviéticas na Estônia, Letônia e Lituânia, reconhecidas a 23 de dezembro por um decreto do *Vtsik*. Oufa é conquistada a 31 de dezembro; Kharkov e Riga, a 3 de janeiro; Vilna, a 8; Mittau, a 9; Chenkursk, às margens do Dvina, sob o círculo polar, e Ekaterinoslav, no coração da Ucrânia meridional, a 26. Através de Uralsk, Oremburgo, Iletzk, restabelece-se a ligação com o Turquestão, onde prosseguia a guerra civil.

O retorno da Ucrânia e dos países bálticos à pátria soviética se apresenta como a primeira consequência natural da revolução alemã. Porém, enquanto o proletariado russo prepara, a golpes de vitória, a união com o proletariado alemão, este sucumbe nas barricadas de Berlim. O assassinato de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo consagra o malogro da revolução proletária na Europa central.

13 - DERROTA DOS PROLETÁRIOS DA ALEMANHA

Só podemos assinalar aqui as principais etapas da revolução alemã. Desde o armistício, o governo socialista dos Mandatários do Povo se mostrava tocado, sobretudo, pela preocupação em satisfazer às exigências dos aliados - por temor da ocupação estrangeira - e em conter o bolchevismo, prenunciador de novas crises. A social-democracia se afirmava no poder como um partido de conservação social, isto é, de defesa do capitalismo. Os Conselhos Operários (*Arbeiterräte*) constituíam a única autoridade real no país; porém, a social-democracia detinha, dentro deles, maiorias esmagadoras. O Congresso dos Conselhos da Alemanha, realizado em Berlim entre 16 e 25 de dezembro, recusou, por 344 votos contra 98, uma moção do social-democrata independente Ernst Daümig que afirmava o princípio do poder dos soviets, e transmitiu o poder aos Mandatários do Povo, encarregados de fazer reunir a assembléia constituinte. Depois dessa abdicação formal das organizações dirigentes da classe operária, o proletariado revolucionário só podia contar com uma tentativa insurrecional. Organizado e dirigido por um partido comunista, sem dúvida teria sido forte o suficiente para vencer essa batalha decisiva. O futuro parecia-lhe reservar uma estrondosa revanche. O grupo Spartacus, prosseguindo em sua propaganda da ditadura do proletariado, tinha cada vez mais influência. Os marinheiros vindos de Kiel e os proletários dos subúrbios de Berlim não sonhavam com outra coisa que não fosse imitar seus irmãos da Rússia. Enquanto não lhes fosse infligida uma cruel sangria, a ordem não estaria garantida. Quanto a isso, os chefes social-democratas estavam de acordo com os chefes militares. Vejamos as memórias do antigo redator da *Volksstimme* social-democrata de Chemnitz, Gustave Noske, que tomou a si, em princípios de janeiro de 1919, à frente de um corpo formado de oficiais reacionários, a tarefa de sangrar a classe operária, que ele representava no Reichstag. Isto se passou na reunião do governo e do Comitê Executivo Central dos Conselhos Operários, a 6 de janeiro de 1919:

"Ninguém fez qualquer objeção quando expressel a opinião de que era preciso restabelecer a ordem pela força das armas. O coronel Reinhardt, ministro da Guerra, redigiu um projeto de ordem do dia nomeando como comandante-chefe o general Hoffmann, que se encontrava à frente de algumas tropas nas proximidades de Berlim. Foi objetado que esse general seria muito impopular entre os operários.

"Estávamos todos de pé, muito nervosos, no gabinete de Ebert. O tempo urgia, nosso pessoal, reunido em tumulto pelas ruas, reclamava armas. Exigi que se tomasse uma decisão. Alguém disse: 'Quem sabe você mesmo se incumbe disso?' Ao que respondi breve e decidido: 'Para mim, tanto faz, pois é preciso que alguém assuma o papel de cão sanguinário! Não fujo às responsabilidades!' Decidiu-se, no ato, que o governo me atribua poderes extraordinários para restabelecer a ordem em Berlim. Reinhardt substituiu em seu projeto o nome de Hoffmann pelo meu. Foi assim que fui nomeado comandante-chefe¹⁹.

Nesse mesmo dia, uma provocação sangrenta ateou fogo à pólvora. Emilio Eichorn, revolucionário corajoso, pertencente ao Partido Social-Democrata Independente, ocupava, desde o início da revolução, as funções de presidente da polícia berlinense. Transformara o *Polizeipraesidium* em uma fortaleza proletária. Era constante o conflito entre essa polícia revolucionária, o governo e o governador social-democrata de Berlim, Otto Wels. Uma manifestação operária, autorizada por Eichorn, foi, por ordem de Wels, recebida no centro de Berlim com uma descarga cerrada da tropa. Assim, a nomeação de Noske foi ratificada, sobre o chão da rua, pelo sangue de dezesseis operários mortos. O governo decretou a exoneração de Eichorn, que se recusou a deixar o cargo, que recebera, não dos ministros, mas da revolução. Essas provocações fizeram que o proletariado invadisse as ruas, num momento em que, como escreveu Karl Radek ao Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha, recentemente fundado, existindo os soviets apenas nominalmente, ainda não haviam desenvolvido uma atividade suscetível de desencadear as forças das massas, que, por essa razão, continuavam submetidas à influência dos social-democratas. Nessas condições, não se podia pensar na tomada do poder pelo proletariado²⁰. Radek aconselhava evitar a luta, e, ao mesmo

19. G. NOSKE. *Von Kiel bis Kapp*, Berlim.

20. Estas linhas foram extraídas de uma carta de K. Radek ao CC do PCA, datada de Berlim, a 9 de janeiro. Militando em Berlim ilegalmente, Radek enxergava correta e claramente as coisas. Advertia o partido sobre o perigo de ceder à provocação. Essa carta oferece um modelo de sabedoria política e de firmeza revolucionária. Se os conselhos de Radek houvessem sido ouvidos, é provável que o proletariado alemão tivesse evitado a irreparável derrota de janeiro, conservado seus chefes, Karl e Rosa, frustrado os objetivos dos Ebert, Wels e Noske, e preservado o futuro. Ver K. RADEK, *A Serviço da Revolução*

tempo, desmascarar, por meio de uma ativa campanha de propaganda, a traição dos Mandatários do Povo e do Executivo dos conselhos Operários; o objetivo dessa campanha seria provocar a reeleição dos conselhos, conquista legal dos órgãos do poder pelo proletariado que preparava a ofensiva. O Comitê Central hesitou. Liebknecht, seduzido pelas massas, e sem consultar o comitê, assinou, juntamente com os independentes Schulze e Ledebour, um manifesto destituindo Ebert e Scheidemann. Isto significou cometer, além de uma falta grave de disciplina, exatamente o erro que os bolcheviques haviam tido a firmeza de evitar, por ocasião dos tumultos de julho de 1917, quando resistiram às massas operárias de Petrogrado, desejosas de travar uma batalha prematura contra Kerenski. A inexperiência dos melhores chefes do proletariado se tornava, neste caso, uma das causas fundamentais da derrota; Liebknecht desencadeou, antes da hora, sem o partido, uma insurreição que não tinha condições de corrigir. O Comitê Central, surpreendido pelos acontecimentos, não forneceu nem palavras de ordem insurreccionais, nem diretrizes estratégicas. Vinte mil proletários decididos, um exército magnífico, disposto a todos os sacrifícios, que a presença de um partido bem dirigido tornaria formidável, ficaram andando de um lado para outro, durante longas horas, pelas alamedas enevoadas do Tiergarten²¹. Ninguém lhes deu ordem alguma. Nenhum comitê revolucionário soube utilizar sua energia. "Os chefes discutiam", discutiam, escreveu no dia seguinte Rosa Luxemburgo. "Não, aquelas massas não estavam maduras para a tomada do poder, caso contrário sua iniciativa teria encontrado outros chefes e sua primeira ação revolucionária teria sido forçar os dirigentes a parar com suas intermináveis conferências do *Polizeipraesidium* /.../".²² O testemunho de Noske é no mesmo sentido: "Se essas multidões, ao invés de serem dirigidas por falatrões, tivessem tido chefes decididos, conscientes de seus objetivos, teriam sido donas de Berlim antes do meio-dia /.../".²³

Nenhum chefe revolucionário verdadeiramente digno desse nome. Um partido comunista muito novo, muito inexperiente, sem quadros, sem Comitê Central capaz de uma iniciativa audaciosa. Massas operárias marchando para a luta, mas muito submissas, elas próprias, às tradições da disciplina social-democrata, para que suprimissem, por iniciativa própria, a carência dos chefes e do partido. A impaciência legítima e a grande coragem pessoal de Liebknecht, que te-

Alemanha (obra publicada em alemão e em russo, 1921-1922). É deplorável que esse livro notável, onde se encontra condensada a experiência de um ano de lutas decisivas na Europa central, não tenha sido traduzido para o francês.

21. O Tiergarten é um enorme parque no centro de Berlim.

22. De um artigo publicado em *Rote Fahne*.

23. G. NOSKE, *Von Kiel bis Kapp*.

nia deixar escapar a hora da ação, a clarividência impotente de Rosa. Foi assim que se articularam as causas imediatas da derrota. A insurreição foi sufocada pelos bandos monarquistas de Noske, compostos principalmente de oficiais.

Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, denunciados pelo *Vorwaerts* como os promotores da guerra civil, detidos após os tumultos, a 15 de janeiro, morreram nesse mesmo dia. Liebknecht, levado à noite ao Tiergarten, foi fuzilado pelas costas, "durante uma tentativa de fuga". Rosa Luxemburgo, levada em um carro descoberto, ao sair do hotel onde estava detida, teve a cabeça despedaçada por um tiro de revólver do tenente Vogel; seu cadáver foi lançado num canal das proximidades. Os assassinos de ambos permaneceram impunes.

14 - PRINKIPO

A derrota da revolução proletária na Alemanha tranquilizou os aliados. Aliás, haviam contribuído para ela intensamente. Os spartakistas berlinenses resistiam, na verdade, ao universo capitalista. Wilson, Clemenceau, Lloyd George, Orlando e Foch, de quem se conhece a expressão: "Antes Hindenburg do que Liebknecht!", apoiavam, por trás do "socialista" Noske, os Stinnes, os Krupp, os Groener e os Hoffmann. A fronteira do bolchevismo era afastada do Reno para bem além do Vístula, onde se constituía rapidamente, sob o governo socialista de Daczinski, a república polonesa, mais um bastião de velha Europa.

No entanto, as carnificinas de Berlim não traziam remédio algum para a crise social do continente. A situação continuava revolucionária nos países vencidos e tendia a se tornar revolucionária nos países vitoriosos. A França, a Inglaterra e a Itália temiam a desmobilização que iria lançar no desemprego milhões de trabalhadores exasperados, cansados, habituados ao manejo de granadas, pouco dispostos a se contentar com promessas. O ano de 1919 devia ser marcado por acontecimentos de grande monta: República dos Soviéticos na Baviera, ditadura do proletariado na Hungria, agravamento da crise na Itália, desmoralização, das tropas francesas em Odessa, motins na frota francesa do Mar Negro. Do mesmo modo, as dificuldades de uma intervenção eficaz na Rússia se mostravam em toda a sua extensão aos aliados que se reuniam na Conferência de Paris para refazer o mapa do

mundo sobre as ruínas dos impérios centrais - em outras palavras, a restauração do capitalismo na Rússia - ao preço de uma nova guerra muito provavelmente prolongada e difícil. Ora, o moral dos exércitos vitoriosos e o estado de espírito da classe operária dos países beligerantes, vencedores e vencidos, não permitiam dar início, em grande escala, a novas hostilidades contra a revolução dos trabalhadores. Daí as vacilações da Conferência de Paris diante do problema russo, aspecto mal localizado do problema internacional. Duas tendências se esboçaram nitidamente. Clemenceau preconizava uma política de energia; sem dúvida, parecia-lhe possível conseguir uma vitória militar bastante rápida sobre o bolchevismo. Lloyd George e o presidente Wilson, mais sóbrios, planejavam ações de longo prazo, ardis diplomáticos, guerra não declarada, guerra indireta feita por vassalos pagos para isso, bloqueio; talvez contassem com a fome, o desgaste natural, a degenerescência do bolchevismo. Acrescentavam-se a essas divergências de opinião os conflitos de interesses: o mais grave deles neutralizava, uns pelos outros, os norte-americanos e japoneses no extremo-oriental.

Tal é a explicação das veleidades contraditórias dos aliados, no momento em que a derrota da revolução alemã respondeu às vitórias do exército vermelho. Um radiograma emitido da Conferência de Paris convidou, a 23 de janeiro de 1919, todos os governos de fato, existentes no território do antigo império russo, a se fazerem representar numa Conferência de Paz, convocada a se reunir na ilha de Prinkipo, próximo a Constantinopla, face a face com os aliados. A 4 de fevereiro, o governo dos soviets comunicou às potências sua concordância com a abertura das conversações e se mostrou disposto a pagar muito caro a paz. Isso significava, segundo se julgava, continuar, em relação aos aliados e pelas mesmas razões, a política de Brest-Litovsk. A nota de Tchitcherin dizia especialmente: "/.../ O governo dos soviets se declara /.../ disposto a ceder às exigências das potências da Entente a respeito da questão dos empréstimos. Não se recusa a reconhecer suas obrigações com respeito a seus credores dependentes das potências da Entente /.../; propõe garantir o pagamento dos juros de seus empréstimos mediante determinada quantidade de matérias primas; /.../ está disposto a conceder aos dependentes das potências da Entente concessões de minas, florestas e outras, em condições definidas com precisão, sendo que o regime interno de referidas concessões não deverá trazer nenhum dano à ordem econômica e social da Rússia soviética /.../. O quarto ponto, sobre o qual poderiam se referir, ao ver do governo soviético russo, as negociações propostas, diz respeito às concessões territoriais, não cogitando o governo soviético de, a qualquer custo, excluir das negociações a questão da ane-

xção pelas potências da Entente de determinados territórios russos /.../".

A política de Brest-Litovsk recebia, com essa oferta de anexações, um singular agravamento cuja causa deve, evidentemente, ser buscada nas derrotas de Berlim. Os limites do recuo estavam, em compensação, nitidamente traçados; excetuando as concessões territoriais, a URSS a eles se atém ainda hoje: reconhecimento das dívidas em certas condições, garantias econômicas dos acordos financeiros, concessões industriais no país que não tragam prejuízo ao regime soviético. A simples abertura das negociações de Prinkipo significava o reconhecimento, pelos soviets, dos estados contra-revolucionários em vias de constituição na Sibéria, na região do Don e no Cáucaso. Política extremamente perigosa que, felizmente, os chefes da contra-revolução - Koltchak e Denikin - sem dúvida aconselhados por generais aliados, fizeram malograr. Contando com as ofensivas da primavera, abstiveram-se de responder à oferta das potências e à nota de Tchitcherin... Foi um grave erro de sua parte.

O cálculo dos dirigentes da República dos Soviets naquele momento era bastante simples: ganhar tempo, consolidar-se, ainda que num território restrito e mutilado, manter ali o foco da revolução proletária, preservar ali o futuro, "ganhar tempo, se necessário cedendo terreno"; deixar amadurecer a revolução europeia cada vez mais iminente. Daí por diante, os acontecimentos mostraram como o proletariado do ocidente não estava à altura das circunstâncias. A cristalização de diversos estados contra-revolucionários em torno de uma Rússia dos soviets diminuída por uma paz onerosa e humilhante não teria, por certo, ajudado o esforço dos proletários revolucionários do ocidente. A Rússia vermelha, privada do trigo do Kuban e da Sibéria, do carvão do Donietz, do ferro dos Urais, do petróleo do Baku, e entregue à própria sorte pela inação do proletariado ocidental, teria ela conseguido vencer mais tarde - ou pelo menos resistir-lhes - a Sibéria, o Cáucaso e o sul branco, nos quais estados capitalistas, mais ou menos colonizados pelos aliados, se tivessem consolidado com o apoio das potências vitoriosas? A intransigência dos brancos reverteu a perigosa manobra diplomática de Lloyd George e Wilson em proveito dos soviets. Uma vez mais se demonstrou que a república proletária não recuava diante de sacrifício algum para declarar a paz ao mundo, enquanto seus inimigos lhe impunham uma guerra de morte.

O fracasso da tentativa de Prinkipo valeu à revolução russa mais três anos de lutas heróicas; mas a grandeza histórica da república forjou-se por muito tempo nessas lutas; o território da URSS se estendeu do golfo da Finlândia até o Pacífico e do círculo polar até a Ásia Menor, por sobre uma sexta parte do globo terrestre. Os aliados continuaram a insistir na

Polônia, na Sibéria, em Arkhangelsk, nos países bálticos, na região do Don, em Kuban, com os preparativos das ofensivas da primavera e com a organização, em torno da comuna russa, de um círculo de estados contra-revolucionários. No entanto, nenhum país ousou declarar formalmente a guerra aos soviets. Essa guerra não declarada tomou, oficialmente, a forma pífida de bloqueio. A partir dos primeiros meses de 1919, sequer uma carta, uma lata de conserva, sequer um pacote de mercadoria, ou um jornal estrangeiro entravam na Rússia vermelha, a não ser como contrabando através das cercas de arame farpado...

V-O "COMUNISMO DE GUERRA"

1 - O BLOQUEIO E A PRODUÇÃO

O ano de 1918 foi o primeiro ano do bloqueio. Em 1914, as importações da Rússia elevavam-se a 936 milhões de *pouds* e as exportações a 1.472 milhões de *pouds*; em 1917, haviam caído, respectivamente, para 178 e 59; no ano I, não passaram de 11,5 (importações) e de 1,8 milhão de *pouds* (exportações). Em 1919, caíram a zero. Aos efeitos dessa cessação total das trocas entre a Rússia e o resto do mundo, acresciam-se os do desmembramento do país que, conservando dois terços de sua população, não tinha mais do que 45% de seus cereais, 10% de sua produção de carvão, 8% da de açúcar, 23% da de metalurgia. Os brancos detinham 60% da rede ferroviária. A destruição dos transportes era terrível¹.

Assitiu-se ao despovoamento das grandes cidades pela fome. Petrogrado e Moscou haviam perdido a metade de sua população. Generalizava-se o movimento de emigração para a zona rural, onde era mais fácil se alimentar.

A produção não parava de baixar. Saliente-se que ela havia começado a baixar antes da revolução. Desde 1916, a fabricação de máquinas agrícolas, por exemplo, havia diminuído de 80% em relação a 1913. O ano de 1917 fora marcado por uma baixa generalizada, muito rápida e muito grave. As cifras da produção das principais indústrias em 1913 e 1918 (expressa em milhões de *pouds*) foram: carvão, 1.738, caiu para 731 (42%); minério de ferro, 57.887, caiu para 1.686; ferro fundido, 256, caiu para 31,5 (12,3%); aço Martin, 259, caiu para 24,5; trilhos, 39,4, caiu para 1,1. Expressa em porcentagem da de 1913, a produção de tecidos de linho caiu para 75%, a de açúcar, para 24%, a de tabaco, para 19%².

As grandes empresas decaíam mais rapidamente do que as pequenas, por serem mais difíceis de abastecer e dependerem mais diretamente do conjunto da produção. Viu-se, assim, aumentar a importância das pequenas empresas e dos artífices.

1. Durante a guerra civil (1918-1921), foram destruídos 3.672 pontes de estradas de ferro, 3.597 pontes comuns, 1.750 km de vias férreas, 381 armazéns e oficinas das ferrovias, perto de 180 mil km de fios telegráficos e telefônicos etc. (cifras oficiais).

2. A produção continuaria a baixar até o final da guerra civil, quando, com a instaurada a NEP. Em 1920, ela se expressava, em porcentagem sobre a de 1913, pelas seguintes cifras: carvão, 27%; ferro fundido, 2,4%; tecidos de linho, 30%. A produção do Donetz caiu a zero, em 1921.

As estradas de ferro, quase completamente privadas de carvão e de petróleo, passaram a utilizar a lenha na proporção de 70%.

Os salários duplicaram ou triplicaram; o preço do trigo no mercado livre, clandestino, mas ao qual o proletariado tinha que recorrer, pois nele se abastecia de pelo menos metade de seus víveres, aumentara sete vezes. As rendas de outras fontes além do salário assumiam importância crescente no orçamento do operário: de 3,5% em 1913, passaram a 38% em 1918. De onde provêm elas? Da pilhagem da fábrica e dos estoques. A alimentação absorvia sete décimos (em vez da metade) do ganho do operário. Esse estado de coisas determinou o retorno dos proletários para a zona rural. Em dezembro de 1918, as fábricas de Kolomensk tinham apenas 7.203 operários registrados (quantos deles estavam realmente presentes?) em lugar de 18 mil. De 5.779 registrados, somente 1.978 se apresentaram ao trabalho certa manhã de abril de 1919. O estado, o exército vermelho e o partido continuavam a absorver as melhores forças dessa classe operária esgotada. As greves causadas pela fome iriam se multiplicar até a grande onda da primavera seguinte (1919).

2 - AS FINANÇAS

A produção era naturalmente deficitária. As contribuições extraordinárias cobradas da burguesia, se tiveram um papel considerável na guerra civil, pondo as classes em campos nitidamente opostos, não proporcionaram recursos importantes ao estado. Os acontecimentos se desenrolaram depressa demais e a resistência dos particulares era demasiado grande.

A guerra impunha à república enormes encargos. Entre exército, proletariado e funcionários, o estado tinha de prover às necessidades de 30 a 40 milhões de pessoas. Passemos os olhos pelo orçamento de 1918. Eis seus capítulos principais:

Receitas: 15.580 milhões (dos quais 11.834 milhões de impostos; impostos diretos, 68,9%; indiretos, 5,1%; alfandegários, 1,9%). Despesas: 46.706 milhões, distribuídos como se segue: instituições centrais do estado, 8 milhões (0,02%); Conselho Superior da Economia, Comissariados para o Abastecimento, as Finanças, a Agricultura, 15.770 milhões (33,8%); transportes, 8.428 milhões (18%); Instrução Pública, 2.994 milhões (6,4%);

Guerra, 15.133 milhões (32,4%). Observe-se que a guerra custava tanto quanto a indústria, a agricultura e o abastecimento reunidos. O déficit era fabuloso: 31 bilhões, o dobro das receitas.

Esses números revelam a desproporção entre os recursos e as necessidades do estado. As emissões e as requisições mal supriam esse déficit. A inflação atingiu a proporções fantásticas, desconhecidas na história³. Em novembro de 1917, havia 18.917 milhões de rublos-papel em circulação; a 1 de janeiro de 1918, 27.313 milhões e, a 1 de janeiro de 1919, 61.265 milhões. Nesse meio tempo, o valor do rublo diminuiu 230 vezes. O valor real desses bilhões diminuiu a olhos vistos. Os 27.313 milhões em circulação a 1 de janeiro de 1918 representavam um poder de compra de 1.117 milhões de rublos-ouro; os 61.265 milhões em circulação a 1 de janeiro de 1919 já não representavam senão 266 milhões de rublos-ouro⁴. Jamais a circulação monetária fora tão restrita, jamais, portanto, as trocas haviam sido mais difíceis entre a produção socializada e o mercado livre abastecido pelos camponeses.

As emissões do ano de 1918 subiram 33.952 milhões de rublos, com um valor real estimado de 523 milhões. O valor real das requisições foi avaliado, para 1918-1919, em 127 milhões de rublos-ouro⁵.

A inflação e as requisições pesavam, principalmente, sobre a zona rural, de onde se tratava de extrair víveres e matérias-primas. Não obstante, era certo que ali as condições de vida continuaram sendo relativamente melhores do que nas cidades. A produção agrícola sofria menos com as dificuldades da época. A produção global da Rússia caíra, de 12 bilhões de rublos antes da guerra, 50% dos quais da agricultura, para 4 ou 5 bilhões, dos quais 80% da agricultura.

A depreciação do papel-moeda fazia com que se generalizassem as trocas em espécie. O escambo substituíra o comércio. A distribuição dos víveres e dos artigos de primeira necessidade entre os trabalhadores, por conta do estado, a preços nominais ínfimos, deixava entrever a eliminação pura e simples do dinheiro. A gratuidade dos serviços públicos foi um primeiro passo nesse sentido⁶.

3. Elas foram enormemente ultrapassadas na Alemanha, em 1923.

4. Em 1921, os números correspondentes foram: papel em circulação, 1.638.600 milhões; diminuição do valor do rublo, 26.533 vezes; valor real do papel em circulação, 44 milhões.

5. E para 1919-1920, em 253 milhões. Ver E. PREOBAJENSKI, 'As Finanças e a Circulação Monetária', em *Cinco Anos*, 1922.

6. Principalmente em 1920, esteve-se bastante próximo do desaparecimento total do dinheiro. Todos os serviços públicos eram gratuitos, os aluguéis estavam abolidos, os ingressos de teatro eram distribuídos gratuitamente entre os trabalhadores pelos sindicatos e pelos comitês de fábrica, a correspondência postal e o transporte coletivo (em várias cidades) eram gratuitos. A alimentação gratuita das crianças foi instituída em 1919.

3 - A AGRICULTURA

Agricultura sofreu com a guerra, desde antes da revolução. O efeito desta última foi a ruína das grandes propriedades. Perto de 30 mil proprietários fundiários foram expropriados; mas os camponeses não tiveram condições de retomar a exploração das terras assim conquistadas. O desaparecimento dos grandes empreendimentos foi mais uma causa da baixa da produção agrícola⁷.

Os resultados da revolução agrária se expressavam em números eloqüentes. Na Rússia, as pequenas propriedades agrícolas passaram de 55% para 96%. Os camponeses se tornaram os verdadeiros donos da quase totalidade das terras. A guerra, a decadência dos transportes e o enfraquecimento da indústria não lhes permitiram tirar proveito disso.

Ocorreu, entre eles, um processo de nivelamento. Diminuiu rapidamente o número de pobres e de ricos. O número dos agricultores que possuíam um cavalo passaria de 43,8% para 79,3% em 1920, enquanto diminuía os números dos que não tinham cavalos e dos que possuíam vários cavalos.

As colheitas se reduziram. As culturas industriais periclitavam, uma vez que não eram mais remuneradas⁸. A agricultura perdia seu caráter comercial, os camponeses tendiam cada vez mais a produzir somente para consumo próprio e não mais para o mercado, uma vez que o estado não lhes podia dar, em troca do trigo, nada de equivalente. O que vendiam, vendiam de preferência quatro vezes mais caro no mercado clandestino.

7. Apenas em princípios de 1919 começou-se a organizar empreendimentos agrícolas soviéticos. Os grandes empreendimentos agrícolas viram-se reduzidos de dois terços; haviam perdido nove décimos de seus cavalos e careciam de ferramentas e equipamentos. Os empreendimentos soviéticos e as comunas agrícolas só os substituíram em proporção muito pequena (1927).

8. Em fins de 1920, haviam diminuído de 40%.

4 - A DIALÉTICA DA VIDA ECONÔMICA

Tenemos acompanhar a dialética dos acontecimentos na ordem econômica. Sabemos que o decreto de 14 de maio havia, de fato, substituído a troca pelas requisições. O pequeno número de objetos manufaturados que se poderia destinar à zona rural era dado aos pobres, para que ajudassem o proletariado a confiscar o trigo dos ricos. Essa foi uma das medidas decisivas da guerra de classes nas aldeias. De um só golpe, a revolução proletária se instaurou ali. Antes disso, ela só interessava à população operária: 20 milhões de almas; a partir de agora, interessava a toda a população rural, com exceção dos *kulaks*. Cento e trinta milhões de almas. As confusas lutas continuamente sustentadas pelos camponeses não podem diminuir a importância do fato de que, sempre é por toda parte, em diversas ocasiões, eles garantiram a vitória final dos sovietes. O processo de nivelamento econômico que se deu entre eles está de acordo com esse fato político e contribui para explicá-lo. Por outro lado, a vitória do proletariado sobre os *kulaks* privou a contra-revolução de sua derradeira base econômica.

Porém, a guerra civil desencadeada nos burgos e nos lugares foi uma causa a mais da baixa da produção agrícola; o nivelamento econômico foi acompanhado de um processo de atomização das culturas. A crise da agricultura agravada, que atingiu em primeiro lugar as culturas industriais, menos necessárias aos próprios agricultores e mais dependentes do intercâmbio com a cidade, comprimiu, por sua vez, pela diminuição da produção de matérias-primas, a base da indústria.

As medidas de nacionalização continuavam a se verificar na indústria. É significativa a curva que elas descrevem. Houvera uma em abril, 7 de maio; de julho a outubro, foram em média 170 por mês; em junho, 357 empresas haviam sido nacionalizadas no total; em setembro, 860 (e setores industriais inteiros: minas, transportes, eletricidade, petróleo, borracha, açúcar etc.). Essa expropriação cada vez mais completa da indústria pôs sob a responsabilidade do estado socialista uma população operária cada vez mais numerosa e obrigou a a

formar, às pressas, um corpo de funcionários, de gerentes, de administradores que não era possível encontrar imediatamente na classe operária. Nascia a burocracia, tornando-se rapidamente ameaçadora.

Recordemos os vaivéns da política do partido. Lenin, consciente dos perigos de uma socialização precipitada de toda a produção, disse em abril: "Se continuássemos a expropriar o capital nesse ritmo, seríamos infalivelmente derrotados". Combatia os comunistas de esquerda, partidários de medidas econômicas mais radicais. Em junho, porém, a expropriação de todas as grandes indústrias foi uma resposta à intervenção estrangeira. Um decreto instituindo o imposto em espécie fora baixado em março. Teria tranquilizado a zona rural, como fez em 1921: mas não foi aplicado. Em maio, a ditadura do abastecimento imposta pela escassez levou a guerra social às aldeias.

A destruição dos transportes, a fome, os encargos econômicos do estado, a necessidade absoluta de alimentar em primeiro lugar o proletariado, força viva da revolução, e de manter o esforço das indústrias de guerra exigiam um raciocínio rigoroso - causa da burocracia e do papelório -, e não admitia qualquer ação nociva ao monopólio dos cereais. A partir daí, impunha-se a supressão do mercado. Não chegou a se concretizar. A vida econômica se repartiu em duas: havia o setor organizado, socializado, que compreendia toda a grande indústria; e, muito mais vasto do que esse, abarcando a maior parte da agricultura e do artesanato, o setor anárquico, clandestino. Todos os dias, em todas as cidades, os mercados proibidos reuniam, nas praças públicas, imensas multidões. A estatização da produção e do consumo provocava, como reação, a criação de uma economia ilegal.

A especulação trazia a repressão. Tentou-se combater pela força a atividade econômica clandestina. Esta se defendia com a corrupção. Contra a corrupção a resposta foi o terror. O abastecimento das cidades dependia também do mercado clandestino, na proporção de dois terços. Foi preciso fazer concessões à pequena iniciativa privada; os particulares foram autorizados a abastecer-se diretamente na zona rural até o limite de 25 kilos. Esse desafogo para a miséria generalizada foi dispendioso, pois aumentou a desorganização do trabalho e dos transportes.

Medidas importantes na direção da criação de uma agricultura socialista foram tomadas em fevereiro de 1919 (organização de empreendimentos agrícolas soviéticos e de comunas agrícolas); poucos dias depois, o VIII Congresso do Partido Comunista, considerando que a pequena produção agrícola deveria durar ainda muito tempo, adotou diversas medidas que tendiam a mantê-la e a fomentá-la. (Desde o

VI Congresso dos Sovietes, decidiu-se fazer voltar os Comitês de Agricultores Pobres às formas normais das instituições soviéticas rurais.) Contudo, o problema só iria ser provisoriamente resolvido muito mais tarde, em 1921, com o estabelecimento do imposto em espécie e a volta à liberdade de comércio.

5 - O ESFORÇO DO PROLETARIADO E A BUROCRACIA

Nessas condições é que o proletariado tentou organizar a produção e a distribuição socialista, em outras palavras, que se apoderou do poder econômico. Nas empresas, os colegiados operários de direção substituíram o capitalista e seu pessoal técnico dirigente. A expropriação do capital - industrial, comercial, imobiliário⁹ e rural - foi tão completa que a burguesia se transformou, como disse um economista russo, em uma espécie de ex-burguesia em frangalhos (*um-pen-ex-bourgeoisie*). Em compensação foi necessário grande esforço para desalojar a pequena burguesia de uma de suas últimas posições econômicas, no sistema cooperativo. O decreto de 7 de dezembro nacionalizou o Banco Popular de Moscou (cooperativo); a burguesia ficou privada do voto e da elegibilidade no sistema cooperativo. Um derradeiro golpe à liberdade do pequeno comércio foi dado pelo decreto de 21 de novembro, que encarregou o Comissariado para o Abastecimento de "abastecer a população de todos os produtos e de substituir o comércio privado". Grande número de vozes no partido exigiam a liquidação pura e simples das cooperativas, que "havam terminado sua carreira com o capitalismo", e a estatização completa da distribuição. Logo mais se entraria por esse caminho, pelo sistema cooperativo obrigatório.

Cinquenta e dois centros de produção (*Glavki*), dirigidos por colegiados operários em que os sindicatos tinham influência predominante, geriam a indústria, conseguindo fazer caminhar sem interrupções, de maneira cada vez melhor, as indústrias de guerra, apesar de dificuldades inauditas. No final

9. Na Rússia europeia, 64% dos imóveis foram expropriados; em Moscou, 90%; em Petrogrado, 98,3%.

do ano I, verificou-se certa mudança entre os intelectuais e os técnicos, dos quais uma minoria importante entrou para os conselhos de direção do estado socialista. A distribuição inadequada das matérias primas e do combustível tornou necessária a centralização, que só se impôs à custa de uma luta obstinada contra as tendências separatistas e os poderes locais. De modo mais geral, a centralização no exército, nos transportes, no abastecimento e no funcionamento mesmo do mecanismo administrativo do partido nasceu da guerra. Partira-se da palavra de ordem: "Todo o poder aos soviets". Os egoísmos locais, agravados pela falta de homens capazes e pela atividade dos pescadores de águas turvas, determinaram, em nome dos interesses superiores da revolução, uma tendência inversa, para a ditadura do centro.

Houve soviets locais que exigiram a liquidação das filiais das direções industriais centrais, pretendendo tudo gerir a seu bel-prazer no âmbito de seu território (Tambov). As tendências separatistas eram tão fortes na periferia, que as repúblicas soviéticas da Estônia e da Letônia propuseram ao Conselho dos Comissários do Povo de Moscou a abertura de negociações sobre o intercâmbio comercial e a conclusão de tratados de comércio regulares. Um dos chefes do governo soviético letoniano, Stutchka, exigiu que a RSFSR restituisse o equipamento industrial que fora retirado de Riga.

Tão grande era ainda a fraqueza do estado que, como seus órgãos normais não fossem suficientes para as tarefas, precisava frequentemente recorrer ao sistema das comissões extraordinárias munidas de poderes ditatoriais. Uma comissão extraordinária desse tipo foi encarregada de organizar o abastecimento do exército. Essas comissões só prejudicavam o progresso da centralização.

O proletariado revolucionário recorria, em todas as administrações, ao concurso de numeroso quadro de empregados e de funcionários pertencentes à antiga pequena burguesia das cidades. Em um ano, do primeiro semestre de 1918 ao primeiro semestre de 1919, quadruplicaram os efetivos do único sindicato de funcionários públicos soviéticos, passando de 114.539 para 529.841 pessoas. A escassez obrigava, por um lado, recensear os consumidores e, por outro, recensear os produtos disponíveis. Que métodos aplicar, que pessoal utilizar? Era preciso improvisar tudo, muitas vezes com um pessoal desonesto, em todo caso inteiramente despreparado, devido a suas origens sociais, para compreender os princípios socialistas e as necessidades implacáveis da luta de classes.

O povo procurava meios de conseguir para si os produtos que existiam em quantidade insuficiente; o partido se empenhava em destiná-los, em primeiro lugar, ao exército, aos operários, às crianças, às mães; porém, confiava a execução de suas diretrizes a organismos que as falseavam, enquanto

os elementos desfavorecidos da população faziam contrabando. Os processos, os registros, os bônus, os cartões de racionamento, esse imenso papelório servia, ao mesmo tempo, para o recenseamento, a distribuição, a classificação da população por categorias, a fraude e, finalmente, para fazer viver o corpo de funcionários, cuja imensa maioria era hostil ao regime. Às vezes, tal era a irritação contra essa burocracia que encontramos num jornal esta palavra de ordem: "Ao paredão os burocratas!" (*Krasnaia Gazeta*, Petrogrado, 21 de outubro). O artigo denunciava a atitude muitas vezes criminoso do pessoal dos hospitais para com a população proletária.

As forças organizadas do proletariado somavam, em princípios de 1918, 115 mil comunistas e 1.946.000 sindicalizados; um ano depois, 251 mil comunistas e 3.707.000 sindicalizados. Portanto, os funcionários eram em muito maior número do que os membros do partido; além disso, eles se infiltravam no partido.

6 - A PRIMEIRA TENTATIVA DE ORGANIZAÇÃO DE UMA SOCIEDADE SOCIALISTA

Não cabem nesta obra a descrição e a análise do regime, chamado depois, de maneira inexata, de "comunismo de guerra". Esse regime só atingiria seu pleno desenvolvimento em 1919 e 1920, a partir do ano II. Porém, tal como se apresentava no correr do inverno de 1918-1919, merece nossa atenção. Podemos ter uma idéia geral sobre ele. Anos se haviam passado, o proletariado russo tivera de bater em retirada em certos pontos diante das massas camponesas aferradas à propriedade privada e à liberdade de comércio¹⁰: a Nova Política Econômica (a NEP), iniciada em 1921, modificou profundamente as idéias que se tinha do regime que a precedeu. A denominação errônea de comunismo de guerra permaneceu; certos teóricos o definiram como uma forma do comunismo

10. Uma vez que produziam trigo para vendê-lo no mercado e, por conseguinte, viviam num regime de produção de mercadorias.

de consumo¹¹. Na verdade, foi também uma tentativa magnífica de organizar a produção socialista; e os comunistas russos, por mais clarividentes que fossem, por mais hábeis na manipulação política, jamais pensaram em utilizar expedientes exigidos pela guerra, válidos apenas para o tempo de guerra; estavam pensando em construir para o futuro, em enfrentar maciçamente a aplicação do programa socialista. Se a guerra civil, fomentada pela intervenção estrangeira, os obrigou a caminhar mais rapidamente do que teriam desejado, isso não quer dizer que lhes impusesse expedientes contrários a suas intenções, ou muito diferentes delas; mas sim que tornava a aplicação integral do programa da classe operária uma condição de salvação. A intransigência e a audácia das realizações, somente elas podiam garantir a vitória da revolução proletária.

O suposto "comunismo de guerra" era *uma tentativa de organização da sociedade socialista*, buscada nas mais difíceis condições. Quanto a essa questão, adotamos as conclusões do economista L. Kritzman¹², que propôs defini-la como "a organização da economia natural proletária".

Todo o edifício social se alicerçava na produção; na base, a empresa industrial; as relações de trabalho se tornavam relações essenciais, primordiais entre os homens (ao invés de relações de propriedade, ou entre os que possuem e os que não possuem); os sindicatos, de que os comitês de fábricas eram verdadeiras células de base, preenchiam cada vez mais funções dirigentes na produção, tendendo, assim, a realizar a gestão direta da produção pelos produtores e a confundir a organização da produção com a classe operária; um espírito de classe, exclusivo e imperativo, reinava de alto a baixo da escala social. "O burguês rejeitado, desprezado, privado de bens e de honras, tornara-se um pária" (Kritzman). A regra: "Quem não trabalha, não come", tomada aliás a uma epístola de São Paulo, estampava-se em todos os muros. Negação do parasitismo, negação do individualismo no trabalho, métodos coletivos de trabalho e de gestão.

Esse regime nascia da guerra, mas da guerra entre as classes: provava que uma revolução proletária deve se realizar para vencer. Quanto mais completamente ela se realiza, mais duradoura será sua vitória; nada a levará ao fracasso com mais segurança do que a moderação... Esse regime desgastou-se com a guerra; a tentativa de uma organização rigorosamente socialista da produção se revelou prematura em consequência do isolamento da revolução proletária dentro das fronteiras nacionais, das perdas infligidas ao prole-

11. Debates do V Congresso da IC (1924) sobre a questão do programa. Intervenções de Bukharin, Thalheimer e outros.

12. KRITZMAN, *O Período Heróico da Grande Revolução Russa*. Essa notável obra foi a única dedicada ao estudo aprofundado do comunismo de guerra.

ariado e da imensa superioridade numérica dos pequenos produtores de mercadorias - os agricultores - sobre a população industrial. Seria tão pouco razoável lhe imputar a baixa generalizada da produção, quanto imputar ao capitalismo de guerra, que permitiu que a Alemanha resistisse durante anos, a fome e a deterioração econômica, causas da queda final dos impérios centrais. A conquista da produção pelo proletariado foi, por si só, uma imensa vitória e salvou a vida da revolução. Não há dúvida de que uma tão completa transformação de todos os órgãos da produção não seja concebível sem uma queda importante desta última; sem dúvida, o proletariado que combate não é um proletariado que trabalha; mas o reerguimento tão rápido da indústria socialista da URSS, a partir do término da guerra civil, demonstrou que os métodos socialistas não estavam em discussão. É preciso ver o quanto houve de erros e de exageros. Mas por mais importante que isso tenha sido, não modificaria nossas conclusões gerais.

O proletariado russo conseguiu formar um exército poderoso, desenvolver as indústrias de guerra, construir seu estado. Esses resultados inestimáveis permitem crer que, em circunstâncias internacionais um pouco melhores, não teria deixado de alcançar, no campo da produção socializada, êxitos tão grandes quanto esses.

7 - A NOVA ATITUDE DOS MENCHEVIQUES. O PROLETARIADO E AS CLASSES MÉDIAS

As lições de um ano de lutas produziram seus frutos. Tornava-se clara uma evolução entre as classes médias das cidades, por tanto tempo e tão tenazmente hostis ao proletariado. Havia intelectuais que, finalmente, se declaravam neutros. Os mais corajosos, os mais avançados aderiam ao regime. O Comitê Central do Partido Social-Democrata (menchevique) reconheceu, em outubro, por meio de uma moção explícita, que "a Revolução de Outubro de 1917 havia sido historicamente necessária" e constituía "um fator da revolução proletária internacional". Em dezembro, uma conferência do Partido Menchevique reviu oficialmente sua política e condenou como contra-revolucionária a reivindicação da assembléia constituinte. Isso significava o abandono

das posições da democracia. O CC menchevique anunciou a mobilização das forças do partido para a defesa da república e propôs um acordo ao Partido Comunista. Os bolcheviques limitaram-se a exigir, inutilmente aliás, que o Partido Menchevique condenasse formalmente aqueles que, entre seus grupos ou membros, se haviam entregue à contra-revolução. Os mencheviques reintegrados ao Executivo Pan-russo dos Sovietes tentariam constituir, durante algum tempo, uma oposição leal. Puderam publicar um jornal em Moscou. "Nós os legalizaremos", dizia-lhes Lenin, "mas manteremos o poder apenas para nós."

Movimento semelhante se produziu entre os socialistas-revolucionários. Diversos membros do governo de Samara se afastaram de seu partido para aproximar-se dos bolcheviques. Um professor da Universidade de Petrogrado, antigo deputado socialista-revolucionário à constituinte, Pitirim Sorokin, declarou à imprensa, em pequena carta retumbante, que renunciava à política, onde muitos erros são cometidos. Lenin viu nessa declaração "o sinal de uma evolução da democracia pequeno-burguesa em seu todo. Ela é levada a cindir-se inevitavelmente: parte virá a nós, parte ficará neutra, parte aderirá conscientemente aos monarquistas-cadets". Essa evolução deveria ser estimulada: "O proletariado revolucionário deve saber contra quem usar a repressão, e com quem e quando se entender. Seria absurdo e ridículo insistir somente na fática da repressão e do terror em relação à democracia pequeno-burguesa, quando a marcha das coisas a obriga a se voltar para nós". Preocupado em ajudar essa evolução, Lenin recomendava expulsar do partido os falsos comunistas, provenientes dos meios intelectuais burgueses na esperança de participar dos benefícios do poder, e substituí-los por homens de outra têmpera que, ainda ontem, combatiam conscientemente o proletariado. Tenhamos em mente essa corajosa distinção entre o adesista medíocre de primeira hora e o adversário convicto que depõe as armas. Lenin também advertia o partido que bastariam alguns reveses para causar, na pequena burguesia, sujeita a eternas hesitações, uma completa mudança em sentido contrário¹³.

Nessa ocasião, dedicou longa exposição às relações entre a revolução proletária e a pequena burguesia: "Tivemos de aplicar a ditadura do proletariado em sua mais rigorosa for-

13. "Todo marxista sabe, há muito tempo, que o proletariado e a burguesia são as únicas forças decisivas em toda a sociedade capitalista, e que todos os elementos sociais que se localizam entre essas classes sob a rubrica econômica de 'pequena burguesia' oscilam inevitavelmente entre essas duas forças." "Preciosa declaração de Pitirim Sorokin", N. Lenin, *Obras*, t. XV. A partir da primavera de 1919, a república se viu diante de dificuldades aumentadas em setembro e outubro; sua perda parecia iminente. As classes médias transferiam novamente suas esperanças para o retorno da burguesia (exceto nas regiões em que os agricultores tinham a ver diretamente com esta última).

ma. Havíamos atravessado uma época de ilusões de diversos meses. Considerem a história dos países da Europa ocidental: esses países não esgotaram as mesmas ilusões em dezenas de anos. Tivemos de destruir a ilusão pequeno-burguesa da unidade do povo e da expressão da vontade do povo de outro modo que não pela luta de classes. Se houvéssemos feito concessões às ilusões pequeno-burguesas, às da constituinte, teríamos perdido a revolução proletária na Rússia. Teríamos sacrificado os interesses da revolução internacional a interesses estritamente nacionais¹⁴.

O terror nascera do conflito entre o internacionalismo proletário e o patriotismo das classes médias. Agora, era preciso aproveitar a ocasião de passar a outros métodos, ou "a inflexibilidade se transformará em tolice". "Os intelectuais viviam uma vida burguesa /.../. Quando penderam para os tchecoslovacos, o terror foi nossa palavra de ordem /.../. Agora que se verificou uma mudança, o acordo, o estabelecimento de relações de boa vizinhança deve ser nossa palavra de ordem /.../. Não podemos construir o poder sem nos utilizarmos de uma herança do capitalismo tão importante quanto os meios intelectuais /.../. A partir de agora, devemos tratar a pequena burguesia como um bom vizinho colocado sob o controle rigoroso do estado /.../. Dizemos à democracia pequeno burguesa: Não fraquejaremos. Nunca duvidamos de sua debilidade. Mas não negamos que precisamos de vocês porque vocês são o único elemento instruído do país."

Com respeito aos agricultores médios, outra pequena burguesia, a doutrina era que jamais se tornariam socialistas por convicção, mas sim apenas quando vissem não haver outra saída. "Decreto algum pode transformar a pequena produção em grande produção: neste caso, é preciso atuar pouco a pouco, demonstrando, pelo caminhar mesmo das coisas, a inelutabilidade do socialismo."

14. Discurso de 27 de novembro, sobre os partidos pequeno burgueses

8 - A VIDA LITERÁRIA

A mudança do estado de espírito da pequena burguesia avançada traduziu-se com vigor nos meios literários. Pode-se dizer que a unanimidade dos escritores russos havia sido claramente hostil ao bolchevismo. Já sabemos da atitude de Máximo Gorki, que, no entanto, estivera ligado a Lenin desde muitos anos. Nós o vimos difamar a "cruel experiência socialista de Lenin e Trotsky", que não poderia, segundo ele, senão levar "à anarquia, ao desencadeamento dos instintos /.../". Agora, Gorki era um dos primeiros a aderir, reconhecia a grandeza da revolução e a necessidade de defendê-la e de servi-la. Lançou a todos o seguinte apelo: "A experiência realizada pela classe operária russa e pelos intelectuais que se confundem espiritualmente com ela, trágica experiência que talvez venha a exaurir a Rússia até a última gota de seu sangue, é uma grande experiência, edificante para todo o mundo. Quase todos os povos têm uma hora em que sentem caber-lhes uma missão messiânica, sentem-se convocados a salvar o mundo, a ressuscitar suas melhores forças /.../. Venham conosco para a nova vida, pela qual trabalhamos sem nos poupar, sem nada poupar nem ninguém, por entre os sofrimentos e os erros /.../". Leônidas Andreiev, Ivan Bunin, D. Merejkovski, A. Kuprin, os mais influentes entre os escritores russos que, sob o antigo regime, haviam, todos eles, brilhado como revolucionários, permaneceram irredutivelmente hostis; os poetas, porém, o que é notável, perceberam, em intuições surpreendentes, o sentido profundo da revolução. Os maiores poetas russos aderiram em poucos meses e ofereceram à revolução toda uma literatura singularmente forte. Valério Briussov, criado na cultura clássica, saudou o advento dos íntegros bárbaros convocados a renovar a civilização. Alexandre Blok, discípulo do místico Soloviev, escreveu a obra-prima mais popular e mais pura dos anos heróicos, *Os Doze*: doze guardas russos caminham pela noite e pela neve, arma na mão, precedidos - sem o saber - pelo Cristo invisível, coroado de rosas ...¹⁵. Es

15. Alexandre Blok formulou também a idéia de uma renovação do mundo pelos bárbaros da Ásia - os citas - portadores de uma nova cultura, mais profunda e mais humana do que a do ocidente, baseada no progresso e na

sa concepção cristã da revolução volta se encontra também em *Cristo Ressuscitou*, do simbolista André Biely, e nos poemas penetrados de mística ortodoxa de Nicolas Kliuev e de Sérgio Essenin. Em 1919, todos os grandes prosadores russos, com exceção de Gorki, eram contra-revolucionários ou muito hostis; quase todos os grandes poetas haviam aderido.

Fora essas grandes exceções, a produção literária se interrompeu. Os escritores, quando ainda escreviam, dedicavam-se à política¹⁶.

Na classe operária e no partido, o movimento dos *Prolet-cults* (círculos de cultura proletária) se ampliou. A ambição desses círculos era de renovar toda a cultura em conformidade com as aspirações do proletariado. Propunham grandes problemas e formavam, nas grandes cidades, grupos pequenos, muito ativos, que se ocupavam de poesia, de teatro, de crítica literária. Esse movimento só chegou a formar um certo número de poetas que, muitas vezes, iria, cair em trabalhos banais e sem originalidade sobre a fábrica, o trabalho penoso, o heroísmo proletário.

Até mesmo os teóricos do comunismo estavam tão absorvidos pela ação, que não produziram, em 1918, senão alguns folhetos, além dos artigos para jornais e de discursos pronunciados nas grandes assembleias. Desses folhetos, os mais notáveis são: N. Lenin, *A Revolução Proletária* e o *Renegado Kautsky*; L. Trotsky, *A Revolução de Outubro*, apanhado histórico escrito a pedido do Comitê Central; e os de K. Rak-dek sobre *A Revolução Alemã*.

técnica. Tanto quanto Biely, pertencia a meios literários ligados ao Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda.

16. As obras dos grandes escritores "revolucionários" de ontem, e que se tornaram contra-revolucionários após a tomada do poder pelo proletariado, transpiram tal execração, tal horror da "Sovdepiá", que parecem provir da patologia social. Andreiev, emigrado para a Finlândia, lançou seu panfleto S.O.S., um apelo a todo tipo de intervenção contra os "assassinos da pátria". Zenaide Hippus, poetisa de talento, que, durante muito tempo, manteve em Petrogrado o mais importante salão literário, no qual o tom era dado pelo "anarquismo místico", antecipava em seus versos o dia em que "nós os enfoca remos em silêncio".

9 - O ENSINO, AS CIÊNCIAS, AS ARTES

A guerra civil campeou também na área intelectual. Os homens de letras se recusavam a apertar a mão de Alexandre Blok depois que ele escreveu *Os Doze*. Pactuar com os bolcheviques ainda parecia infame aos olhos da maioria dos intelectuais. A Academia de Ciências, quase que inteira, limitava-se, com relação ao poder, a uma teimosa hostilidade. Foram necessários anos de luta pertinaz para quebrar a resistência passiva do corpo docente das universidades. A imensa maioria dos professores primários era hostil; seria necessário expurgar e reorganizar, pouco a pouco, seu sindicato; a influência nas escolas iria ser conquistada passo a passo.

O Commissariado para a Instrução Pública empreendeu, sob a direção de Lunatcharski, uma transformação radical do ensino. Ao antigo regime de escolas elementares reservadas ao povo e de ginásios praticamente reservados à burguesia sucedeu a escola única do trabalho; aos antigos programas, que preparavam súditos para o tzar e crentes para a igreja ortodoxa, sucedeu um programa, forçosamente improvisado, anti-religioso, socialista, baseado no ensino do trabalho: tratava-se de preparar produtores conscientes de seu papel social. Planejou-se associar a escola e a oficina. Para melhor pôr em prática, desde a infância, a igualdade dos sexos, a escola se tornou freqüentemente mista, com meninas e meninos reunidos nas mesmas classes. Mas era preciso improvisar tudo. Os antigos livros didáticos deviam ser destruídos. Grande parte do antigo professorado resistia, sabotava, não compreendia, aguardava o fim do bolchevismo. Era trágica a carência da escola nas coisas mais básicas. Faltava papel, caderno, lápis, canetas. Crianças famintas e esfarrapadas ali se reuniam no inverno, em torno de uma pequena estufa instalada no meio da sala de aula, onde às vezes, para amenizar um pouco o sofrimento do frio, queimavam-se peças do mobiliário; havia um lápis para cada quatro alunos; e a professora passava fome.

A despeito dessa imensa miséria, deu-se prodigioso impulso ao ensino público. Tal era a sede de saber que se mani-

festava no país, que por toda parte se criavam novas escolas, cursos para adultos, universidades e faculdades operárias¹⁷. Inúmeras iniciativas descobriram novos campos para a pedagogia, inteiramente inexplorados. Fundaram-se Casas da Infância Retardada; criou-se uma rede de instituições destinadas a atender a infância pré-escolar; as faculdades operárias e os cursos de curta duração puseram o ensino médio ao alcance dos operários. A conquista das universidades começaria algum tempo depois. Nessa mesma época, os museus se enriqueceram mediante o confisco de coleções particulares; essa expropriação de riquezas artísticas era presidida por uma probidade e uma atenção extraordinárias. Não se perdeu sequer uma só obra que fosse digna de atenção. Aconteceu de ser necessário recolher preciosas coleções em dias de distúrbios (foi o que se deu, especialmente, com algumas coleções do *Eremitério* [palácio e museu de Petrogrado]); elas foram salvas. A vida nos laboratórios continuou heroicamente. Suportando a parte que lhes cabia nas privações da comunidade, sofrendo rigoroso racionamento, privados de luz, privados de fogo e de água no inverno, os cientistas, fosse qual fosse, no fundo, sua atitude política, continuaram em geral seu trabalho habitual.

Os teatros, nacionalizados, exibiam todas as noites seu repertório costumeiro, porém diante de um público novo. Os corpos de baile, formados para o prazer de uma aristocracia deteriorada, continuaram realizando espetáculos durante o terror; mas os salões decorados de ouro estavam lotados de operários, de jovens comunistas de cabelos raspados por precaução contra os piolhos transmissores do tifo, de soldados vermelhos de volta da frente de combate. Com as mesma voz com que, outrora, entoava o "Deus proteja o Tzar", Chaliapin cantava, diante dos operários, a *Canção do Porrete* [*Chant de la Trique*].

Pintores expressionistas decoravam as praças públicas para as festas. Erguiam-se monumentos em madeira ou em gesso aos heróis da Revolução Francesa e aos fundadores do socialismo. A maior parte dessas obras, medíocres aliás, desapareceu.

A imprensa acabava de perder a riqueza e a variedade que tinha ao tempo da democracia. Pouco a pouco, reduziu-se a três espécies de órgãos, que obedeciam a uma inspiração única: os dos soviets (nas capitais, o *Izvestia*, *O monitor*), os do Partido Comunista (os dois *Pravda*, *A Verdade*) e os dos sindicatos.

17. Não damos números, porque as estatísticas só informam a partir de 1919. Após o advento da Nova Política Econômica, em 1921-1923, inúmeros desses estabelecimentos de ensino, criados às pressas, vieram a desaparecer.

10 - A VIDA, OS COSTUMES

O inverno de 1918-1919 foi terrível nas grandes cidades, devastadas pela fome e pelo frio, privadas de combustíveis, de água e de iluminação. Os encanamentos de água e de esgoto se congelavam nas casas. As famílias se reuniam em torno de pequenas estufas chamadas *burjuiki*, nome derivado, por ironia, da palavra burguês. Os velhos livros, os móveis, as portas e os assoalhos dos quartos vazios substituíam a lenha para o aquecimento. Em Petrogrado e em Moscou, a maior parte das casas de madeira foi queimada. Nas intermináveis noites do inverno russo, a iluminação era feita com lamparinas. O sistema de descarga não funcionava mais; montes de excrementos acumulavam-se nos pátios, cobertos de neve, mas permitiam esperar novas epidemias para a primavera. Havia permanentemente filas diante das cooperativas; enormes feiras ilegais, sujeitas às batidas da polícia, instalavam-se nas praças. Os sobreviventes da antiga burguesia iam ali vender o que ainda restava de suas fortunas. As visitas domiciliares e as requisições combatiam a especulação inevitável.

O bloqueio assassinava lentamente os mais fracos. A ditadura fazia o possível para atender em primeiro lugar às necessidades da classe operária, do exército, da marinha e das crianças. As antigas classes abastadas ou ricas eram as mais cruelmente atingidas pela fome. Não era raro que se vissem pessoas de idade caindo de inanição pelas ruas. Cresceu enormemente a mortalidade, sobretudo das crianças e dos velhos; em compensação, o número de suicídios diminuíra sensivelmente.

Os operários, expulsando de suas casas a burguesia despojada de seus bens, instalavam-se nas casas modernas dos bairros ricos de antes. Cada prédio, habitado por proletários armados, escreveu Bukharin, deve se tornar uma fortaleza revolucionária. Infelizmente, a distribuição mais confortável dos apartamentos burgueses muitas vezes se mostrava inadaptable às necessidades dos novos ocupantes. Desse modo, havia falta, nas cidades despovoadas, de locais para as Casas de Crianças, para as escolas, para os alojamentos comunitários; os arquitetos do antigo regime tinham tido em vista necessidades completamente diferentes.

Os soviets estabeleciam a obrigação de trabalho para a

burguesia, sob a forma de corvéias de utilidade pública. É bem verdade que as pessoas costumavam conseguir livrar-se disso. Em fins de setembro, não se encontravam mais do que 400 ex-burgueses válidos, em Petrogrado, para os "trabalhos de retaguarda". Ocorreram requisições de agasalhos: cada burguês tinha de fornecer um terno para frio.

O reconhecimento legal da união livre, a facilidade do divórcio, a autorização do aborto, a total emancipação da mulher, o fim da autoridade do chefe da família e da autoridade religiosa não se traduziu por uma debilitação real dos laços familiares. Essa eliminação de obstáculos tornava a vida saudável e simples, quase sem provocar crises. Em Petrogrado e em Moscou, a criminalidade propriamente dita não era mais significativa do que em tempos de paz. A prostituição jamais desapareceu; mas o desaparecimento das classes ricas que a sustentavam reduziu-a a proporções relativamente insignificantes.

A vida religiosa continuava mais ou menos normalmente, muito embora inúmeros sacerdotes contra-revolucionários tivessem sido punidos pela *Tcheka*. O clero se dividia ainda apenas em partidários da resistência ativa, da qual era chefe o patriarca Tikhon, e partidários da resistência passiva. O Partido Comunista e o Conselho dos Comissários do Povo afirmaram, seguidas vezes, que nada de prejudicial ocorreria à liberdade dos crentes.

As condições de vida variavam sensivelmente de uma região para outra. Durante a noite, todas as cidades ficavam imersas na escuridão. Petrogrado, a que mais sofria com a fome, a mais ameaçada, vivia uma vida austera e tranqüila. Privações equivalentes pareciam ser sentidas mais nervosamente em Moscou, capital já burocrática, onde não se respirava mais o ar estimulante da frente de combate. As cidades eram colméias famintas. As cidades da Ucrânia, vítimas das quadrilhas, pilhadas, espoliadas, devastadas sucessivamente por novos ocupantes, viviam em pleno terror: à noite, um frémito de pânico se erguia por sobre Kiev. Em certos momentos, os bandidos pareciam ser os verdadeiros senhores de Odessa.

Em compensação, a fome era menor na Ucrânia. A zona rural era a que menos sofria com ela mas, totalmente abandonada a si mesma, tinha que ser auto-suficiente em tudo.

11 - NOVAS RELAÇÕES ENTRE AS MASSAS E O PARTIDO

O observador que, naquela ocasião, tivesse percorrido a Rússia transmitiria sobre ela a impressão falsa e singular de uma hostilidade geral das populações para com o poder dos soviets. Essa hostilidade era muito real entre as classes que haviam sido despojadas e na maioria das classes médias. A evolução de que falamos anteriormente, por muito importante que tenha sido, ainda se manifestava apenas entre os elementos mais avançados, mais conscientes, da pequena burguesia. As massas desta última na zona rural tinham uma mentalidade muito próxima da do *kulak* para que não se sentissem atingidas através dele; nas cidades, onde antes viviam do comércio e de funções que desempenhavam junto à burguesia, sua situação parecia sem saída. Ora, aqui e lá, elas eram mais numerosas do que o proletariado, desgastado pela guerra civil. Aliás, sabemos de que modo se modificava a qualidade social da população proletária.

No entanto, esta era a única população com cuja fidelidade a revolução podia contar. Mas ela sofria demais. O indivíduo só enxerga o horizonte estreito de sua vida; frequentemente lhe faltam a instrução e a informação que lhe permitam perceber os encadeamentos necessários dos fatos, as perspectivas e as conseqüências, e seu instinto de conservação atua contra o interesse superior da coletividade, quando esta exige sacrifícios. Os operários sofriam demais para que não se queixassem, não recriminassem, não se desesperassem até. A propaganda dos partidos anti-soviéticos sabia explorar esses estados de espírito. E se a classe operária russa resistiu, se soube vencer, o mérito disso cabe, acima de tudo, ao Partido Comunista.

Esse partido contava ainda com apenas 250 mil membros, mas os que chegavam naquela época eram selecionados pela própria história. É bem verdade que aventureiros se abrigavam sob suas bandeiras, na esperança de partilhar dos benefícios aleatórios do poder. Embora estatisticamente desprezível, essa minoria de falsos comunistas causou muito mal, por contribuir, com os abusos praticados, para o descrédito dos poderes locais; em grande medida, contribuiu, desse modo, para a conquista da Ucrânia por Denikin (naturalmente

ela se lançava para onde havia trigo). Não é menos verdade, também, que a imensa maioria dos trabalhadores que chegavam ao partido iam à mobilização voluntária para a guerra civil. Isso significava arriscar-se a tudo.

Muitas vezes a classe operária vociferava; às vezes, dava ouvidos aos agitadores mencheviques, como se viu em Petrogrado, quando das grandes greves da primavera de 1919, mas assim que se impunha a escolha entre a ditadura dos generais brancos e a de seu próprio partido - não havia e não podia haver uma terceira opção - todos os homens válidos que ela ainda possuía pegavam o fuzil e vinham enfileirar-se em silêncio sob as janelas dos comitês do partido.

Naquele momento, o partido desempenhava, para a classe operária, as funções do cérebro e do sistema nervoso: via, sentia, sabia, pensava, queria para e pelas massas; sua consciência e sua organização supriam a fragilidade dos indivíduos dentro da massa. Sem ele, esta não seria mais do que uma multiplicidade de homens com aspirações confusas atravessadas por clarões de inteligência - que se perdiam, por falta de um aparelho condutor para chegar, em grande escala, até a ação - mas com sofrimentos imperiosos... Por meio de sua agitação e de sua propaganda, sempre dizendo a verdade sem reboços, o partido elevava os trabalhadores acima de seu estreito horizonte individual e lhes revelava as amplas perspectivas da história. Todos os encargos se concentravam sobre ele, todas as forças se concentravam nele. A partir do inverno de 1918-1919 a revolução se tornou obra do Partido Comunista. Não estamos dizendo que o papel das massas fosse, então, menor, por ser muito diverso do que fora no início do ano, mas elas não mais o desempenhavam a não ser através do partido, do mesmo modo que um organismo vivo bem diferenciado só toma contato com o exterior e atua por intermédio de seu sistema nervoso.

Disso resultou certa transformação do partido: rigorosa adaptação a suas funções e às necessidades do momento. A disciplina dentro dele se tornou cada vez mais rigorosa; ela era necessária para a ação, para a depuração interna, para neutralizar as influências estranhas que, doutro modo, poderiam surgir em seu seio. O partido era mesmo a "coorte de ferro" de que se falaria mais tarde. Não obstante, seu pensamento permanecia muito vivo e muito livre. Ele acolheu os anarquistas e os socialistas-revolucionários da véspera. Depois que seu sangue correu e que a revolução alemã demonstrou a correção de suas previsões, o prestígio de Lenin cresceu ainda mais; tal era, porém, sua simplicidade que ninguém temia contradizê-lo ou criticá-lo¹⁸. Sua autoridade pessoal era unicamente a de uma superioridade intelectual e

18. A autoridade de Lenin era tão pouco imposta e os costumes democráti-

moral universalmente reconhecida.

Os antigos costumes democráticos do partido cederam lugar a uma centralização mais autoritária. As necessidades da luta e o afluxo de novos membros, que não tinham nem a formação marxista, nem a têmpera dos militantes de antes de 1917, tornaram-na impositiva, já que a "velha guarda" do bolchevismo pretendia, com razão, manter a hegemonia política.

Um novo direito elaborou-se dentro do partido e, pela irradiação de sua ação, tornou-se o da sociedade nascente. É um direito de trabalhadores e de combatentes, fundado na idéia da missão revolucionária do proletariado. À necessidade, a utilidade, a submissão ao fim perseguido e a solidariedade são seus primeiros princípios; não conhece justificação melhor do que o êxito, a vitória; exige a subordinação constante dos interesses individuais ao interesse geral. Todo comunista, todo partidário da revolução, sente-se o menor dos servidores de uma causa imensa. O maior elogio que se podia fazer a ele era dizer que "não possui vida privada", que sua vida se confunde inteiramente com a história. Ontem, por vontade do partido, era comissário no exército, treinador de homens na frente de batalha; ei-lo, hoje, *tchekista*, tão implacável quanto as diretrizes que recebe de seu comitê; amanhã o veremos falar aos camponeses na zona rural (ariscando-se a ser assassinado à noite), dirigir uma fábrica, ou desincumbir-se, junto ao inimigo, de alguma perigosa missão secreta... Não havia militante que não desempenhasse, ao mesmo tempo, duas, três, cinco, seis funções diferentes e que não passasse de uma para outra, inúmeras vezes, por ordem do partido. O partido tudo faz. Não se discutem suas ordens. "Submissão ao fim perseguido."

A saúde moral do partido se atestava por uma absoluta honestidade. Ele ignorava a mentira convencional, os equívocos, a velha enganação das duas ideologias - uma para "a elite", outra para "a massa" -, as diferenças entre o pensamento e a fala, e entre a fala e a ação. Cada coisa era chamada de fato próprio nome. Vivia-se apoiado em idéias claras, de magnífica simplicidade. As idéias, as palavras de ordem e os atos eram uma coisa só, formidável unidade que

cos estavam ainda tão vivos na revolução, que se considerava incontestável o direito de qualquer um dos revolucionários se expressar em alto e bom tom na presença do chefe do partido e do estado. Lenin foi, por mais de uma vez, criticado sem contemplação, em fábricas ou em conferências, por desconhecidos. Ele escutava seus opositores tranquilamente e lhes respondia com bom senso. Atacado vigorosamente em 1920 (a 15 de outubro), numa Conferência dos Comitês Executivos do Governo de Moscou, onde eram numerosos os camponeses, começou sua resposta do seguinte modo: "Desde o início, venho observando que o desejo de 'dar uma descompostura' no poder central está muito forte dentro de vocês. Sem dúvida, isso foi útil, e acredito ser meu dever escutar tudo quanto se disse contra o poder e sua política. E creio que seria errado encerrar os debates..."

era, ao mesmo tempo, a causa e a conseqüência de uma política nitidamente proletária, pois a mentira social provém do desejo de satisfazer, ou de parecer satisfazer, a interesses incompatíveis na realidade.

12. - LENIN CONTRA KAUTSKY

O principal texto de N. Lenin datado daquele momento (*A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky*) foi dedicado, como seu título indica, à polêmica contra o velho teórico da social-democracia alemã, que acabara de publicar, em Viena, um pequeno livro sobre *A Ditadura do Proletariado*.

Lenin estudou as deformações que a doutrina marxista do estado e da ditadura do proletariado sofrera em Kautsky. Operando na esfera de não se sabe qual teoria pura sobre uma ditadura ideal da maioria, oposta à dos partidos e das pessoas, Kautsky, empenhado em eliminar a violência revolucionária, lembrava que Marx havia imaginado, para a Inglaterra, a hipótese de uma revolução pacífica. Lenin o seguiu passo a passo em sua argumentação, lembrando incansavelmente as verdades primeiras sobre a luta de classes, o papel do estado, instrumento de dominação de uma classe, a necessidade de quebrar a resistência dos capitalistas despojados, a mentira da democracia burguesa, que não passa de uma máscara da ditadura do capital, e o caráter autenticamente democrático da ditadura do proletariado. Assistimos a essas idéias vivendo, durante um ano de revolução. Aqui, limitamo-nos a registrar o juízo que Lenin fazia da revolução em curso.

Tratar-se-ia de uma revolução burguesa, destinada, em última análise, a abrir caminho para o desenvolvimento capitalista da Rússia, como afirmava Kautsky?

"Desde abril¹⁹ de 1917/..., dizíamos abertamente ao povo que a revolução não podia mais se deter ali [nos objetivos da revolução burguesa], pois o país havia progredido, o capitalismo havia avançado, as devastações atingiam a proporções inauditas que exigiam (quiséssemos ou não) a marcha

19. Lenin grifa abril, sem dúvida com o fito de fazer lembrar, por uma alusão velada, que antes de suas memoráveis teses de abril o Partido Bolchevique ainda permanecia em suas posições de 1905 e considerava a revolução russa como uma revolução burguesa.

para o socialismo. Pois não se podia avançar de outro modo, nem de outro modo salvar o país devastado pela guerra, nem de outro modo aliviar o sofrimento dos trabalhadores e dos explorados."

Pela primeira vez, um marxista revolucionário mostrava que a miséria, nascida da guerra imperialista, torna impositivo o socialismo. Ao falar em dezembro, no I Congresso dos Comitês dos Agricultores Pobres, Lenin voltou a este assunto, para demonstrar a impossibilidade de um retorno, na agricultura, aos antigos métodos individualistas de trabalho: "A guerra só nos deixou privações e ruínas. Não se pode mais viver como antes, não se pode continuar o desperdício de forças humanas e de trabalho nas pequenas propriedades agrícolas /.../. O trabalho coletivo triplicará o rendimento do esforço humano". Essas idéias, inspiradas no mais simples realismo proletário, contrariavam as tradições da Segunda Internacional, que considerava que a revolução socialista devia ter lugar no apogeu do desenvolvimento capitalista, numa sociedade que tivesse atingido um elevado grau de opulência... O ponto de vista tradicional do socialismo científico se revelava utópico, mas era preciso o ousado senso da realidade de Lenin para pensar em justificar o socialismo pela herança de miséria do capitalismo em decadência²⁰.

Respondia ele a Kautsky: "Nossa revolução é socialista. De início, com todos os agricultores, lutamos contra a monarquia, os proprietários fundiários, a Idade Média (e a revolução foi burguesa-democrática). Depois, com os agricultores mais pobres, com os semi-proletários, com todos os explorados, combatemos o capitalismo, aí incluídos os agricultores abastados, os *kulaks*, os especuladores, e a revolução, na mesma proporção, tornou-se socialista".

Registremos o juízo de Lenin sobre a paz de Brest-Litovsk e a revolução alemã:

"Se não tivéssemos concluído a paz em Brest-Litovsk, teríamos entregue o poder à burguesia russa e causado o maior prejuízo à revolução socialista mundial. À custa de sacrifícios nacionais, mantivemos tal influência internacional /.../ que os dois imperialismos se enfraqueceram, enquanto nós, fortalecidos, começamos a criação de um verdadeiro exército proletário.

"/.../ Os operários alemães teriam obtido êxitos ainda maiores se tivessem feito a revolução *sem considerar* os sacrifícios

20. "Não se socializa a miséria!", escrevia Charles Rappoport, em fins de 1917, exprimindo na imprensa operária francesa o ponto de vista de toda a pequena burguesia socialista do ocidente. Sendo impossível o socialismo da miséria, nada mais restava que deixar que a burguesia... organizasse, em proveito próprio, sobre as ruínas acumuladas pela guerra, a miséria dos trabalhadores. Tal era a lógica estéril do reformismo. Rappoport, sonhando com uma democracia parlamentar para a Rússia, instava com os bolcheviques a "salvar a revolução convocando a constituinte!" (*Journal du Peuple*.)

nacionais (é nisto, unicamente, que consiste o internacionalismo), se tivessem dito (e provado *por meio de atos*) que o interesse da revolução internacional tinha, para eles, primazia sobre a integridade, a segurança e a tranqüilidade de seu próprio estado nacional.

"A maior infelicidade e o maior perigo para a Europa é ela não ter partido revolucionário. Ela tem partidos de traidores, tais como os Scheidemann, os Renaudel, os Henderson, os Webb, e almas servís, como os Kautsky. Ela não tem partido revolucionário".

13 - A DOCTRINA, NO LIMAR DO ANO II

Resumamos as idéias da época. A era das guerras imperialistas e da revolução proletária internacional foi aberta pela grande guerra de 1914-1918; não é mais possível o retorno à estabilidade capitalista nos países que foram lançados no abismo pelo desenvolvimento do capital financeiro; cabe ao proletariado revolucionário retomar, na Europa devastada, a herança de uma civilização em perigo. A luta entre a revolução operária e o capitalismo moribundo será longa e entrecortada por reveses; as vitórias do proletariado poderão ser seguidas de derrotas e de retornos ao capitalismo; os reveses sofridos prepararão sua vitória definitiva. Neste momento, a revolução reboia nos países vencidos. Os países vitoriosos ganharam tempo: mas não conseguirão nem restabelecer sua produção, profundamente abalada, nem garantir a suas classes trabalhadoras o mínimo de bem-estar de que depende a estabilidade social. O velho mundo está condenado. O sistema capitalista-imperialista cedeu, sob os golpes bem aplicados pelo proletariado, em seu ponto mais fraco, num país de industrialização recente ainda atrasada, porque ali ele era o mais fraco, porque a luta contra o despotismo, a intransigência marxista e a experiência de 1905 haviam constituído ali o partido proletário; porque a revolução socialista se beneficiou de uma revolução burguesa necessária, mas frágil e tardia, incapaz de completar; porque o proletariado russo se defrontava, sobre as ruínas do antigo regime, apenas com uma burguesia luxuriosa e desarmada, que não tivera tempo de constituir

seu estado de classe; porque a guerra não permitia que os estados capitalistas do ocidente interviesses eficazmente, e em tempo, em favor da burguesia russa. A vitória dos proletários da Rússia deveu-se a esse concurso de circunstâncias.

A República dos Sovietes era, a partir de então, o primeiro foco da revolução proletária; se sucumbir, as chances de vitória do proletariado do ocidente estarão diminuídas, e a derrota do capitalismo será retardada; se, por outro lado, a revolução proletária for sufocada e vencida no ocidente, a República dos Sovietes correrá o risco de sucumbir. Sua sorte é inseparável da do proletariado internacional. "/.../ Pereceremos", dizia Lenin no Soviete de Moscou, a 23 de abril de 1918, "se não soubermos resistir até o momento em que os operários insurgidos dos outros países nos prestarem seu poderoso apoio." E ainda: "Sabem vocês que o início da revolução é muito mais difícil nos países do ocidente do que foi em nosso país, porque, ali, os trabalhadores enfrentam a mais unida e mais instruída classe capitalista, e não uma autocracia apodrecida. Mas você sabem que a revolução começou ali, que ela ultrapassa as fronteiras da Rússia, que nosso principal alicerce, nossa maior esperança, é o proletariado da Europa ocidental; e que a revolução mundial, nosso apoio essencial, está próxima /.../"²¹. "Devo dizer-lhes", acrescentava ele alguns dias depois, "que com uma boa distribuição do trigo e de outros produtos, nossa República dos Sovietes pode resistir por muito, muito tempo"²².

A questão era resistir realizando o socialismo. Todas as grandes medidas do regime que, alguns anos mais tarde, após a retirada do proletariado diante da pequena burguesia rural (a NEP, 1921), recebeu a denominação imprópria de "comunismo de guerra", eram consideradas marcas do início da ordem socialista cuja conclusão seria possível graças à revolução internacional.

Dois anos depois, em 1920, Bukharin publicou uma obra volumosa sobre a organização da produção socialista pelos caminhos e métodos seguidos até então (*A Economia do Período de Transição*), e nela a NEP não estava prevista. Lenin, falando da festa de 1 de maio (1920) dedicada ao trabalho coletivo, dizia: "Trabalharemos dezenas de anos, sem descanso, para fazer com que o trabalho coletivo voluntário passe a integrar os costumes" (o trabalho não assalariado dos sábados comunistas). "Faremos entrar na consciência das massas a regra: De cada um, segundo suas forças; a cada um, segundo suas necessidades /.../."

Essas idéias que presidiram, na primavera de 1919, a fundação da Terceira Internacional, eram, em conjunto, justas e

vigorosas. Assim continuaram sendo. Não há vitórias fatais na luta de classes. A vitória do proletariado na Europa ocidental, logo a seguir à guerra, era tão possível quanto a da burguesia, e até mesmo mais provável. O fato de nem a burguesia nem o proletariado internacional terem alcançado vitória completa não permite concluir nenhuma fatalidade. A classe operária ficou em desvantagem na Europa central e meridional (Alemanha, Áustria, Hungria, Itália, Bulgária), mas nada permite afirmar que sua derrota nesses países fosse certa; a inexistência ou a inexperiência de partidos comunistas e o papel nefasto desempenhado pelo socialismo reformista que, no momento do maior perigo, vinha em socorro do regime capitalista, mostram, ao contrário, que o baixo grau de desenvolvimento da consciência de classe do proletariado foi uma das causas principais dessa derrota; a expectativa de um desenvolvimento rápido da consciência de classe do proletariado, naquela época de guerra social, era, mais do que legítima, absolutamente justa e necessária. A burguesia mundial teve desvantagem no território do antigo império russo. Mas a vitória dos proletários russos, devida, em última análise, à resistência oposta pelos proletários do ocidente à intervenção contra os soviets, também não era fatal. Para comprometé-la gravemente, teriam bastado alguns erros políticos, algumas hesitações, o desaparecimento de alguns homens... A luta de classes põe em confronto massas humanas; em igualdade de condições, a vitória fica para os mais firmes, os mais conscientes, os mais obstinados.

No final do ano I, a guerra de classes abrasava toda a Europa; os trabalhadores venciam no setor russo da frente de luta; a luta ainda estava indecisa na Europa central e nos Bálcãs; a ofensiva proletária amadurecia na Itália; na França e na Inglaterra, setores de calma, a burguesia preparava a intervenção na Rússia e, se necessário, na Alemanha. A *revolução proletária é internacional*. Partindo de Petrogrado e de Moscou, ela abalou toda a Europa, inquietou os Estados Unidos e iria despertar a Ásia.

Os governos aliados, disfarçadamente, sem ousar confessá-lo por temor a seus próprios povos, prosseguiram nos preparativos das grandes ofensivas de primavera contra a República dos Sovietes. Sob sua égide, dois estados contra-revolucionários se organizaram na Sibéria e no sul da Rússia. Koltchak lita marchar sobre os Urais, o Volga, talvez sobre Moscou; Denikin invadiria a Ucrânia e marcharia sobre Moscou; Rodzianko e Yudenitch, com apoio da Estônia e secundados por uma quadrilha britânica, atacariam Petrogrado, à qual a Finlândia daria o golpe de graça, se a isso conseguissem fazê-la obedecer-se. De Arkhangelsk, os britânicos desceriam o Dvina. Os franceses, os romenos e os gregos ocupariam os portos do Mar Negro... Estes eram os amplos projetos que se elabora-

21. Discurso de 11 de dezembro, no I Congresso dos Comitês Camponeses.
22. Discurso de 19 de dezembro, no II Congresso dos Conselhos de Economia.

vam nos ministérios de Paris e de Londres, onde a derrota do bolchevismo era tida como certa. Nisso é que se enganaram totalmente, por não compreenderem que tivera início uma nova era.

VIENA, LENINGRADO, DIETSKOE-SELO, 1925-1928.

TRINTA ANOS DEPOIS PÓS-FÁCIO INÉDITO

Os anos de 1938 e 1939 assinalam uma nova virada decisiva. Graças a "expurgos" implacáveis, completa-se a transformação das instituições, bem como a dos costumes e dos quadros do estado chamado ainda soviético, embora não o seja mais, absolutamente. Disso resulta um sistema perfeitamente totalitário, uma vez que seus dirigentes são os senhores absolutos da vida social, econômica, política e espiritual do país, não desfrutando de direito algum o indivíduo nem as massas. A condição material de oito a nove décimos da população estabiliza-se em nível muito baixo. O conflito declarado com os agricultores continua sob formas atenuadas. A URSS intervindo na guerra civil da Espanha, tenta controlar o governo da república espanhola e combate, pelos piores meios - corrupção, chantagem, repressão, assassinato -, o movimento operário que se inspira em seus ideais de outrora; consumada a derrota da república espanhola, não sem que nisso Stalin tenha grande parte de responsabilidade, logo a seguir a URSS pactua, de início em segredo, com o Terceiro Reich. No auge da crise européia, vemos de repente as duas potências, a fascista e a anti-fascista, a bolchevique e a anti-bolchevique, deixarem cair as máscaras e unirem-se para a partilha da Polônia. Com a concordância da Alemanha nazista, a URSS estende sua hegemonia aos países bálticos que se desligaram da Rússia durante as lutas de 1917-1919. Essa virada da política internacional só se explica, do lado russo, pelos interesses de uma casta dirigente cúpida e insatisfeita, reduzida a uma capitulação moral diante do Terceiro Reich, do qual teme, acima de tudo, a superioridade técnica. As semelhanças internas das duas ditaduras facilitaram enormemente tudo isso.

I. Que pavoroso caminho trilhamos nesses 30 anos! O acontecimento mais carregado de esperança, o mais grandioso de nossa época, parece ter-se voltado inteiramente contra nós. Que nos resta dos inesquecíveis entusiasmos de 1917? Muitos dos homens de minha geração, que foram comunistas de primeira hora, nutrem para com a revolução russa somente sentimentos de rancor. Dos participantes e das testemunhas, quase ninguém sobrevive. O partido de Lenin e de Trotsky deteriorou-se. Os documentos foram destruídos, ocultados ou falsificados. Apenas sobrevivem, em grande número, exilados que sempre foram adversários da revolução. Escrevem livros, dão aulas, têm o apoio do conservadorismo,

ainda poderoso, que, nesta nossa época de desordem mundial, não poderia nem serenar nem demonstrar objetividade... Uma lógica lamentável, apontando para o negro espetáculo da URSS stalinista, proclama a falência do bolchevismo, portanto a do marxismo, portanto a do socialismo... Escamoteação aparentemente fácil dos problemas que dominam o mundo e que tão cedo não o deixarão. Vocês se esquecem das outras falências? Que tem feito o cristianismo durante as catástrofes sociais? Que é feito do liberalismo? Que tem produzido o conservadorismo esclarecido ou reacionário? Não foi ele que criou Mussolini, Hitler, Salazar e Franco? Se fosse o caso de se avaliarem honestamente as falências ideológicas, teríamos trabalho por muito tempo. E nada está acabado...

Todo acontecimento é, a um só tempo, definitivo e transitório. Ele se prolonga no tempo sob aspectos muitas vezes imprevisíveis. Antes de esboçar um juízo sobre a Revolução Russa, lembremo-nos das mudanças de fisionomia e de perspectivas da Revolução Francesa. O entusiasmo de Kant ao saber da queda da Bastilha... O Terror, o Termidor, o Diretório, Napoleão. Entre 1789 e 1802, a república libertária, igualitária e fraternal pareceu negar-se completamente. As conquistas napoleônicas, criadoras de uma ordem nova, menos a palavra, surpreendem-nos, se examinarmos o mapa, por suas semelhanças com as de Hitler. O imperador torna-se "o Ogre". O mundo civilizado se uniu contra ele, a Santa Aliança pretendeu restabelecer e estabilizar o antigo regime por toda a Europa... No entanto, vê-se que a Revolução Francesa, por meio do advento da burguesia, do espírito científico e da indústria, fecundou o século XIX. Porém, trinta anos depois, em 1819, na época de Luís XVIII e do czar Alexandre I, não se apresentava ela como o mais dispendioso dos fracassos históricos? Tantas cabeças cortadas, tantas guerras, para acabar chegando a uma pífia restauração monárquica!

II. É natural que a falsificação da história esteja hoje na ordem do dia. Dentre as ciências inexatas, a história é a que mais lesa interesses materiais e psicológicos. Em torno da Revolução Russa, multiplicam-se as lendas, os erros, as interpretações tendenciosas, muito embora seja fácil se informar sobre os fatos... Mas evidentemente é mais cômodo escrever e falar sem se informar.

Afirma-se, muitas vezes, que "o golpe de força bolchevique de outubro e novembro de 1917 derrubou uma democracia nascente...". Nada mais falso do que isso. A república ainda não fora proclamada na Rússia e não existia instituição democrática alguma séria fora dos sovietes, ou conselhos de operários, camponeses e soldados... O governo provisório, presidido por Kerenski, recusara-se a realizar a reforma agrá-

ria, recusara-se a abrir as negociações de paz que a vontade popular proclamava, recusara-se a tomar medidas efetivas contra a reação. Vivia no transitório entre dois enormes complôs permanentes: o dos generais e o das massas revolucionárias. Nada havia que permitisse prever a instauração pacífica de uma democracia socializante, a única que teria sido hipoteticamente viável. A partir de setembro de 1917, a alternativa é a da ditadura dos generais reacionários ou ditadura dos sovietes. A respeito disso, dois historiadores de linhas opostas concordam plenamente: Trotsky e o homem de estado liberal de direita, Milliukov. A revolução soviética ou bolchevique foi o resultado da incapacidade da revolução democrática, moderada, instável e inoperante que a burguesia liberal e os partidos socialistas contemporalizadores dirigiam desde a queda da autocracia.

Afirma-se também que a insurreição de 7 de novembro (25 de outubro, pelo calendário antigo) de 1917 foi obra de uma minoria de conspiradores, o Partido Bolchevique. Nada mais contrária aos fatos verificáveis. 1917 foi um ano de ação de massas, espantoso pela multiplicidade, a variedade, o poderio e a perseverança das iniciativas populares cujo ímpeto agitava o bolchevismo. Os distúrbios agrários se estendiam por toda a Rússia. A insubordinação acabava com a velha disciplina no exército. Kronstadt e a frota do Báltico haviam-se recusado, categoricamente, a obedecer o governo provisório e somente a intervenção de Trotsky junto ao soviete da base naval havia evitado um conflito armado. O Soviete de Tachkent, no Turquestão, tomara o poder por sua conta e risco... Kerenski ameaçava o soviete de Kaluga com sua artilharia... No Volga, um exército de 40 mil homens se recusava a obedecer. Nos subúrbios de Petrogrado e de Moscou se formavam milícias vermelhas operárias. A guarnição de Petrogrado colocou-se sob as ordens do soviete. Dentro dos sovietes, a maioria passava pacificamente e sem fraude dos socialistas moderados para os bolcheviques, estes mesmos, aliás, surpresos com essa mudança. Os socialistas moderados se afastavam de Kerenski. Este só podia contar com militares que se haviam tornado inteiramente impopulares. Por isso é que a insurreição venceu em Petrogrado quase sem derramamento de sangue, pelo entusiasmo. Sobre esse tema, releiam-se as belas páginas de John Reed e Jacques Sadoul, testemunhas oculares. O complô bolchevique foi literalmente carregado por uma colossal onda ascendente.

É oportuno lembrar que o império havia desmoronado em fevereiro e março de 1917 sob o ímpeto do povo dos subúrbios de Petrogrado. A solidariedade espontânea da guarnição às manifestações operárias decidiu a queda da autocracia. Procurou-se mais tarde descobrir quem eram os desconhecidos que haviam tomado a iniciativa desta revolução

riedade; diversos deles foram identificados, mas a maioria permaneceu no anonimato... Naquele momento, os dirigentes e os militantes mais qualificados de todos os partidos revolucionários estavam no estrangeiro, ou então presos. Os pequenos grupos existentes em Petrogrado foram de tal modo surpreendidos e ultrapassados pelos acontecimentos, que o grupo bolchevique chegou a pensar na publicação de um apelo em favor da volta ao trabalho nas fábricas! Quatro meses depois, a experiência do governo de coalizão entre os socialistas moderados e a burguesia liberal já provocara uma cólera tão profunda, que, em princípios de julho, a guarnição e os subúrbios organizaram por conta própria uma enorme manifestação armada com a palavra de ordem do poder dos soviets. Os bolcheviques não aprovam esta iniciativa tomada por desconhecidos e aderem contra a vontade ao movimento, acabando por levá-lo a uma conclusão dolorosa e perigosa. Julgam eles, provavelmente com razão, que o resto do país não acompanharia a capital. Torna-se naturalmente os bodes expiatórios. A perseguição e a calúnia ("agentes da Alemanha") abatem-se sobre eles. A partir daquele momento, percebem que, se não se puserem à frente do movimento das massas, tornar-se-ão impopulares e os generais executarão seu golpe de força.

O general Kornilov se lança à aventura, em setembro de 1917, com a cumplicidade declarada de parte do governo Kerenski. Lenin e Zinoviev se esconderam, Trotsky está preso, os bolcheviques são perseguidos. As tropas de Kornilov se desagregam sozinhas em contato com os ferroviários e com os agitadores operários.

Os funcionários da autocracia foram apenas espectadores da revolução; não souberam impedi-la. Os partidos revolucionários a esperavam; não souberam, não podiam provocá-la. Desencadeados os acontecimentos, nada mais restava aos homens do que participar deles com maior ou menor clivência e vontade...

III. Os bolcheviques assumiram o poder porque, na seleção natural que ocorreu entre os partidos revolucionários, mostravam-se os mais aptos a exprimir, de modo coerente, clividente e deliberado, as aspirações das massas atuantes. Mantiveram o poder e foram vitoriosos na guerra civil porque as massas populares lhes deram afinal sustentação, a despeito de muitas vacilações e conflitos, do Báltico ao Pacífico. Esse grande fato histórico foi reconhecido pela maioria dos inimigos russos do bolchevismo. A senhora Helena Kussakov, articulista liberal dos exilados, escreveu, ainda bem recentemente, que é "incontestável que o povo não apoiava nem o movimento dos brancos /.../ nem a luta pela assembléia constituinte /.../". Os brancos representavam a contra-revolu-

ção monarquista e os constituintes, o anti-bolchevismo democrático. Desse modo, até o fim da guerra civil, em 1920-1921, a Revolução Russa apresenta-se como um imenso movimento popular ao qual o Partido Bolchevique fornece um cérebro e um sistema nervoso, dirigentes e quadros.

Afirma-se que os bolcheviques queriam, desde o início, o monopólio do poder. Outra lenda! Eles temiam o isolamento no poder. Muitos deles foram, inicialmente, partidários de um governo de coalizão socialista. Lenin e Trotsky fizeram rejeitar em princípio a coalizão com os partidos socialistas moderados que haviam feito malograr a revolução de março e se recusavam a reconhecer o regime dos soviets. Mas o Partido Bolchevique solicitou e obteve a colaboração do Partido Socialista-Revolucionário de Esquerda, partido camponês dirigido por intelectuais idealistas, hostis ao marxismo. A partir de novembro de 1917, até 6 de julho de 1918, os socialistas-revolucionários de esquerda participaram do governo. Recusaram-se, como uma boa terça parte dos bolcheviques conhecidos, a aceitar a paz de Brest-Litovsk e, a 6 de julho de 1918, travaram, em Moscou, uma batalha insurrecional, proclamando sua intenção de "governar sozinhos" e de "recomeçar a guerra contra o imperialismo alemão". Sua mensagem, difundida naquele dia pelo rádio, foi a primeira proclamação de um governo de partido único! Foram derrotados e os bolcheviques tiveram que governar sozinhos. A partir desse momento, torna-se maior sua responsabilidade e modifica-se sua mentalidade.

Anteriormente, a partir da cisão do Partido Social-Democrata Russo em majoritários (*bolcheviques*) e minoritários (*mencheviques*), formavam eles um partido profundamente diferente dos demais partidos revolucionários russos? Atribui-se comumente a eles um caráter autoritário, intolerante, amoral na escolha dos meios; uma organização centralizada e disciplinada contendo em germe o estatismo burocrático; um caráter ditatorial e desumano. Quanto a isso, autores eruditos e autores ignorantes citam o "amoralismo" de Lenin, seu "jacobinismo proletário", seu "revolucionarismo profissional". Basta uma menção ao romance-pamfletado de Dostoiévski, *Os Possessos*, e o ensaísta crê haver esclarecido os problemas que acaba de obscurecer.

Todos os partidos revolucionários russos, desde os anos de 1870-1880, foram, de fato, autoritários, fortemente centralizados e disciplinados na ilegalidade, para a ilegalidade; todos formaram "revolucionários profissionais", isto é, homens que não viviam para a luta; todos poderiam ser acusados ocasionalmente de um certo amoralismo prático, muito embora nem todos justos reconhecer, a todos eles, um idealismo ardoroso e sincero. Quase todos estiveram imbuídos de uma mentalidade jacobina, proletária ou não. Todos produziram histórias e

fanáticos. Todos, com exceção dos mencheviques, tinham como meta a ditadura e os mencheviques georgianos recorreram a procedimentos ditatoriais. Todos os grandes partidos eram estatais por sua estrutura e pelos objetivos que se atribuíam. Na realidade, para além de divergências doutrinárias importantes, havia uma mentalidade revolucionária única.

Teremos esquecido o temperamento autoritário do anarquista Bakunin e seus procedimentos de organização clandestina na Primeira Internacional? Em sua *Confissão*, Bakunin preconiza uma ditadura esclarecida, mas sem piedade, exercida em favor do povo... O Partido Socialista-Revolucionário, imbuído de um ideal republicano, mais radical do que socialista, constituiu, para lutar contra a autocracia pelo terrorismo, um "aparelho" rigorosamente centralizado, disciplinado e autoritário, que se tornou um terreno propício à provocação policial. A social-democracia russa, em seu conjunto, visava à conquista do estado. A respeito da futura Revolução Russa, ninguém usou de linguagem mais jacobina que seu dirigente, Plekhanov. O governo Kerenski, cuja superioridade se devia aos socialistas-revolucionários e aos mencheviques, usava continuamente de uma linguagem ditatorial, é bem verdade que indecisa na ação. Os próprios anarquistas, nas regiões ocupadas pelo exército negro de Nestor Makhno, exerceram uma verdadeira ditadura, acompanhada de confiscos, requisições, prisões e execuções. E Makhno foi "batko", paizinho, chefe...

Os social-democratas mencheviques de direita, como Dan e Tseretelli, desejavam um poder forte. Tseretelli recomendou a repressão do bolchevismo antes que fosse tarde demais... Os mencheviques de esquerda, da tendência Martov, parecem ter sido o único grupo político tão profundamente apegado a uma concepção democrática da revolução, que constitui, de um ponto de vista filosófico, uma feliz exceção.

As características peculiares do bolchevismo, que lhe conferem inegável superioridade sobre os partidos rivais, de cuja mentalidade comum partilha amplamente, são: a) a convicção marxista; b) a doutrina da hegemonia do proletariado na revolução; c) o internacionalismo intransigente; d) a unidade entre o pensamento e a ação. Em grande número de homens, a unidade entre o pensamento e a ação chega até a fé em sua própria vontade.

O realismo marxista de 1917 nos parece, hoje, algo esquemático. O mundo mudou, as lutas sociais se tornaram muito mais complexas do que eram então. Durante a Revolução Russa esse realismo, sustentado por vigorosos conhecimentos econômicos e históricos, esteve à altura das circunstâncias. Ele continha antídotos eficazes contra a fraseologia liberal, o jogo duplo, o subterfúgio interessado, a abdicação honrosa e hipócrita. Os socialistas moderados consideravam que a Rús-

sia estava realizando uma "revolução burguesa", destinada a abrir para o capitalismo uma era de desenvolvimento; e que, a partir disso, o país só podia atribuir-se o status político de uma democracia burguesa... Os bolcheviques consideravam que apenas o proletariado podia fazer a revolução "burguesa" e que não podia ultrapassá-la; que o socialismo não podia sair vitorioso num país tão atrasado, mas que competia a uma Rússia socializante dar o impulso ao movimento operário europeu. Em 1917, Lenin não imaginava a nacionalização completa da produção, mas sim o controle operário dela; pensava, para mais tarde, num regime misto de capitalismo e de estatização. Foi em julho de 1918 que a deflagração da guerra civil impôs nacionalizações completas como medidas imediatas de defesa... A intransigência internacionalista dos bolcheviques se baseava na fé numa revolução europeia próxima, mais amadurecida e mais fecunda do que a Revolução Russa... Esta visão do futuro não era peculiar a eles. Ela participava do fundo comum da ideologia socialista europeia, muito embora, de fato, os grandes partidos já não acreditassem mais na revolução. O continuador alemão de Marx, Karl Kautsky, fora, até 1908, um teórico da revolução socialista iminente; Rosa Luxemburgo, Franz Mehring e Karl Liebknecht professavam a mesma convicção. A diferença essencial entre os bolcheviques e os demais socialistas parece ter sido de natureza psicológica e dever-se à formação particular da *intelligentsia* revolucionária e do proletariado russos. No império dos tzares, não havia lugar nem para o oportunismo parlamentar, nem para os compromissos quotidianos; uma realidade social simples e brutal dava origem a uma fé ativa e absoluta... Neste sentido, os bolcheviques foram mais russos, e mais uníssono com as massas russas, do que os socialistas-revolucionários e os mencheviques, cujos quadros estavam bem penetrados por uma mentalidade ocidental, evolucionista, e democrática, conforme as tradições dos países capitalistas avançados.

IV. Abramos o difícil capítulo dos erros e das omissões. Não sem lamentar que, em estudo tão breve, não nos seja possível considerar os erros, as omissões e os crimes das potências e dos partidos que combateram a revolução soviética-bolchevique. À falta desse contexto decisivo, somos forçados a nos contentar com uma visão unilateral.

Em 1939, escrevi, em meu *Retrato de Stalin*, publicado em Paris (Grasset): "/.../ o erro mais incompreensível - porque duvidoso - que esses socialistas (os bolcheviques), tão imbuídos de conhecimentos históricos, cometeram, foi o de criar a Comissão Extraordinária de Repressão da Contra-Revolução, da Especulação, da Espionagem e da Deserção, abreviadamente, a *Tcheka*, que julgava os acusados e os simples rus-

peitos sem ouvi-los e sem vê-los e, por conseguinte, sem lhes conceder qualquer possibilidade de defesa /.../, pronunciava em segredo suas sentenças e do mesmo modo procedia às execuções. Que era isso se não uma inquisição? Não há dúvida de que o estado de sítio não acontece sem rigor, uma dura guerra civil não acontece sem medidas extraordinárias, mas teria propósito que socialistas se esquecessem de que a publicidade dos processos é a única garantia verdadeira contra a arbitrariedade e a corrupção e de assim retroceder para além dos procedimentos expeditos de Fouquier-Tinville? O erro e a omissão foram patentes e suas conseqüências foram terríveis, uma vez que a GPU, isto é, a Tcheka ampliada sob novo nome, acabou exterminando totalmente a geração revolucionária bolchevique /.../".

Resta apenas registrar, em benefício do Comitê Central de Lenin, algumas circunstâncias atenuantes sérias do ponto de vista do sociólogo. A jovem república vivia sob a ameaça de perigos mortais. Sua indulgência para com generais como Krasnov e Kornilov iria custar-lhes um mar de sangue. O antigo regime havia utilizado o terror inúmeras vezes. A iniciativa do terror fora tomada pelos brancos, desde novembro de 1917, com o massacre dos operários do arsenal do Kremlin, e retomada pelos reacionários finlandeses nos primeiros meses de 1918, em maior escala, antes que o "terror vermelho" houvesse sido proclamado na Rússia. As guerras sociais do século XIX, desde as jornadas de junho de 1848 em Paris e a Comuna de Paris em 1871, haviam se caracterizado pelo extermínio em massa dos proletários vencidos. Os revolucionários russos sabiam o que os esperava em caso de derrota. Não obstante, a Tcheka foi benevolente em seu início, até o verão de 1918. E quando, proclamado o "terror vermelho" após sublevações contra-revolucionárias, após os assassinatos dos bolcheviques Volodarski e Uritski, após dois atentados contra Lenin, a Tcheka se pôs a fuzilar reféns, suspeitos e inimigos, ainda então procurava barrar, canalizar e controlar a fúria popular. Dzerjinski temia o excesso das Tchekas locais; a esse respeito, a estatística dos próprios tchekistas fuzilados seria edificante. Relendo ultimamente um pequeno livro traduzido para o francês de maneira lamentável, as *Recordações de um Comissário do Povo*, do socialista-revolucionário de esquerda Steinberg, encontrei ali estes dois episódios significativos. Quando deram dois tiros em Lenin, em fins de 1917, uma delegação de operários veio dizer a Vladimir Illitch que, se a contra-revolução fizesse correr uma gota de seu sangue, o proletariado de Petrogrado se vingaria disso cem vezes mais... Steinberg, que na ocasião colaborava com Lenin, observou como ele ficou embaraçado. O caso não foi divulgado exatamente para evitar conseqüências trágicas. É de meu conhecimento, aliás, que os dois socialistas-revoluciona-

rios que deram os tiros foram presos, poupados, e, mais tarde, aderiram ao Partido Bolchevique... Dois ex-ministros liberais, Chingarlov e Kokochkin, ficaram doentes na prisão; foi ordenada sua transferência para o hospital. Foram assassinados no próprio leito; Lenin, informado desse crime, ficou perturbado, e o governo procedeu a uma investigação e descobriu que os autores desse crime eram marinheiros revolucionários, apoiados e protegidos pelo conjunto de seus camaradas. Não aprovando a "mansidão" dos homens que estavam no poder, os marinheiros a haviam suprido por uma iniciativa terrorista. Na verdade, as tripulações da frota se recusaram a entregar os culpados. Os comissários do povo tiveram que "deixar morrer" o caso. Poderiam eles, no momento em que a dedicação dos marinheiros era necessária quotidianamente para a salvação da revolução, abrir um conflito com o terrorismo espontâneo?

Em 1920, a pena de morte foi abolida na Rússia. Acreditava-se que a guerra civil estava perto do fim. Eu tinha a sensação de que todos no partido desejavam uma normalização do regime, e o fim do estado de sítio, um retorno à democracia soviética e a limitação dos poderes da Tcheka, quando não sua extinção... Tudo isso era possível, o que significa que a salvação da revolução era possível. O país extenuado queria começar a reconstrução. Continuavam grandes suas reservas de entusiasmo e de fé. O verão de 1920 marcou uma data fatal. É preciso muita má fé para que os historiadores jamais constatem isso. Toda a Rússia vivia uma esperança de pacificação, no momento em que Pilsudski lançou os exércitos poloneses contra a Ucrânia. Essa agressão, claramente inspirada por uma intenção de conquista, coincidiu com o reconhecimento concedido pela França e pela Inglaterra ao general barão Wrangel, que ocupava a Criméia. Foi imediata a enérgica reação da revolução. Derrotada a Polônia, o Comitê Central cogitou de provocar naquele país uma revolução soviética. O fracasso do exército vermelho diante de Varsóvia fez malograr o objetivo de Lenin; o pior, porém, foi que, em conseqüência dessa penosa guerra, em um país sangrado e empobrecido, já não se falava mais em abolir a pena de morte, nem em começar a reconstrução sobre as bases de uma democracia soviética... A miséria e o perigo cristalizaram o estado-partido nesse regime econômico, intolerável para a população e em si mesmo não viável, que veio a ser chamado de "comunismo de guerra".

No começo de 1921, a sublevação dos marinheiros de Kronstadt foi exatamente um protesto contra esse regime econômico e contra a ditadura do partido. Sejam quais forem suas intenções e sua probidade, um partido que governa um país faminto não conseguirá manter sua população

de. A espontaneidade das massas havia acabado; os sacrifícios e as privações desgastavam a minoria ativa da revolução. Os invernos gelados, as rações insuficientes, as epidemias, as requisições na zona rural disseminavam o rancor, uma espécie de desespero, a ideologia confusa da contra-revolução a favor do pão branco. Se o Partido Bolchevique largasse as rédeas do poder, quem, naquela situação, o iria suceder? Não seria seu dever resistir? Não teve razão em perder a cabeça diante da insurreição de Kronstadt, pois era-lhe lícito resistir de várias maneiras diferentes, e todos nós o sabemos, nós que estávamos lá em Petrogrado na ocasião.

Os erros e as omissões do poder se complicam em torno de Kronstadt-1921. Os marinheiros se revoltaram apenas porque Kalinin se recusara grosseiramente a ouvi-los. Onde era preciso persuasão e compreensão, o presidente do Comitê Executivo dos Soviéticos não empregou senão a ameaça e o insulto. A delegação de Kronstadt ao Soviete de Petrogrado, ao invés de ser recebida fraternalmente para negociações, foi detida pela *Tcheka*. A verdade sobre o conflito foi ocultada do país e do partido pela imprensa que, pela primeira vez, mentiu deslavadamente ao noticiar que um general branco, Koslovski, exercia a autoridade em Kronstadt. A mediação proposta por anarquistas norte-americanos influentes e bem intencionados, Emma Goldamn e Alexandre Berkman, foi recusada. Troaram os canhões numa batalha fratricida e a *Tcheka*, em seguida, fuzilou os prisioneiros. Se, como afirma Trotsky, os marinheiros haviam mudado desde 1918, e só expressavam as aspirações do campesinato atrasado, é preciso reconhecer que o regime, ele também, havia mudado.

Ao proclamar o fim do "comunismo de guerra" e a "Nova Política Econômica" Lenin satisfaz as reivindicações econômicas de Kronstadt, depois da batalha e do massacre. Desse modo, reconheceu que o partido e ele próprio haviam-se confundido ao manter um regime insustentável e cujos perigos Trotsky havia, aliás, denunciado, propondo sua mudança, um ano antes.

A Nova Política Econômica abolia as requisições na zona rural, substituindo-as por um imposto em espécie, restabelecia a liberdade de comércio e da pequena empresa, afrouxava, em suma, a armadura mortal da estatização completa da produção e das trocas. Seria natural que se afrouxasse, ao mesmo tempo, a armadura do governo, mediante uma política de tolerância e de reconciliação com os elementos socialistas e libertários dispostos a encontrar seu lugar no terreno da constituição soviética. Raphael Abramovitch está correto em censurar os bolcheviques por não haverem entrado por esse caminho, em 1921. Ao contrário, o Comitê Central colocou fora da lei os mencheviques e os anarquistas.

Um governo de coalizão socialista, que se tivesse formado naquele momento, implicaria em perigos internos indubitáveis, menores, porém, como se veio a comprovar, do que os do monopólio do poder... Com efeito, o descontentamento do partido e da classe operária obrigou o Comitê Central a instituir, a partir de então, o estado de sítio, um estado de sítio indulgente, é verdade, dentro do próprio partido. A oposição operária foi condenada, um expurgo acarretou expulsões.

V. Quais as razões profundas que motivaram a decisão do Comitê Central de manter e fortalecer o monopólio do poder? De saída, nessas crises, os bolcheviques só confiavam em si mesmos. Carregando sozinhos pesadas responsabilidades, singularmente agravadas pelo drama de Kronstadt, temiam abrir a competição política com os social-democratas mencheviques e com o partido "camponês" dos socialistas-revolucionários de esquerda. Finalmente, e sobretudo, acreditavam na revolução mundial, isto é, na revolução europeia iminente, iminente na Europa central. Um governo de coalizão socialista e democrático teria enfraquecido a Internacional Comunista, a quem cabia dirigir as próximas revoluções...

Talvez tenhamos tocado no maior e mais grave erro do partido de Lenin e Trotsky. Como sempre acontece com o pensamento criador, o erro se mescla, neste caso, na verdade, ao sentimento voluntário, à intuição subjetiva. Nada se empreende sem que se creia no empreendimento, sem avaliar seus dados palpáveis, sem querer o êxito, sem avançar sobre o problemático e o incerto. Toda ação se projeta no presente real em direção ao futuro desconhecido. A ação que se justifica do ponto de vista da inteligência é a que se lança para diante com conhecimento de causa. Deste ângulo, justificava-se a doutrina da revolução europeia? Não creio que estejamos em condições de responder de modo satisfatório a esta pergunta. Pretendo apenas delimitá-la.

Já não se tem mais qualquer dúvida, hoje em dia, de que o regime capitalista estável, em crescimento e relativamente pacífico do século XIX terminou com a Primeira Grande Guerra. Tiveram razão os marxistas revolucionários que anunciam, então, uma era de revoluções que se estenderia por todo o planeta e, caso o socialismo não conseguisse se impor nos principais países da Europa, uma era de barbárie e um novo "ciclo de guerras e de revoluções", conforme disse Lenin, citando aliás Engels. Os conservadores, os evolucionistas e os reformistas que acreditaram no futuro da Europa burguesa sabiamente retilhada pelo Tratado de Versalhes, remendada em Locarno, recheada de frases ociosas pela Sociedade das Nações, parecem-nos hoje políticos cegos. Que estamos vivendo, se não uma transformação mun-

dial das relações sociais, dos regimes de produção, das relações intercontinentais, do equilíbrio de forças, das idéias e dos costumes, ou seja, uma revolução mundial, tão viva na Indonésia quanto incerta e vacilante na Europa? Os Estados Unidos, com seus progressos técnicos prodigiosos, suas pressões sociais contraditórias, têm um lugar privilegiado nessa transformação, como compete ao país industrial mais rico e melhor organizado. Porém, nada do que se passa na Grécia, no Japão, nada do que se faz ou que se trama em Trieste ou em Madri lhe é estranho... Os marxistas revolucionários da escola bolchevique desejavam, queriam a transformação social da Europa e do mundo mediante a tomada de consciência das massas trabalhadoras, mediante a organização racional e equitativa de uma nova sociedade; pensavam estar trabalhando para que o homem dominasse finalmente o próprio destino. Nisso se enganaram, uma vez que foram derrotados. A transformação do mundo se realiza na confusão das instituições, dos movimentos e das crenças, sem o advento da consciência clara, sem o advento de um humanismo renovado, e até mesmo pondo em perigo todos os valores, todas as esperanças dos homens. As tendências gerais, no entanto, são aquelas que o socialismo de ação indicava desde 1917-1920: rumo à coletivização e à planificação da economia, rumo à internacionalização do mundo, rumo à emancipação dos povos das colônias, rumo à formação de democracias de massas de um tipo novo. A alternativa continua sendo também aquela prevista pelo socialismo: a barbárie e a guerra, a guerra e a barbárie, o mesmo monstro com duas cabeças.

Os bolcheviques, parece que com razão, viam a salvação da revolução russa na possível vitória de uma revolução alemã. A Rússia agrícola e a Alemanha industrial, sob regimes socialistas, teriam tido um desenvolvimento pacífico e fecundo assegurado. A República dos Sovietes, nessa hipótese, não teria conhecido a sufocação burocrática interna... A Alemanha teria escapado às trevas do nazismo e à catástrofe. O mundo teria, sem dúvida, conhecido outras lutas, mas nada nos permite pensar que essas lutas pudessem ter produzido as máquinas infernais do hitlerismo e do stalinismo. Tudo nos leva a crer, ao contrário, que uma revolução alemã vitoriosa, imediatamente após a Primeira Grande Guerra, teria sido infinitamente fecunda para o desenvolvimento social da humanidade. Esse tipo de especulação sobre as variantes possíveis da história é legítima e até mesmo necessária, se se quer compreender o passado e orientar-se no presente; para condená-la, seria preciso que se considerasse a história como um encadeamento de fatalidades mecânicas e não mais como o desenrolar da vida humana no tempo.

Ao lutar pela revolução, os espartaquistas alemães, os bolcheviques russos e seus camaradas de todos os países lutavam para impedir o cataclisma mundial ao qual acabamos de sobreviver. Eles sabiam disso. Eram movidos por uma generosa vontade de libertação. Quem quer que tenha estado próximo a eles jamais se esquecerá disso. Poucos homens foram tão devotados à causa dos homens. Agora é moda atribuir aos revolucionários dos anos de 1917 a 1927 uma intenção de hegemonia e de conquista mundial; é fácil perceber, porém, quais os ressentimentos e os interesses que trabalham no sentido de desfigurar dessa maneira a verdade histórica.

Naquêle momento, porém, o erro do bolchevismo foi patente. A Europa estava instável, a revolução socialista parecia ser teoricamente possível e racionalmente necessária, mas ela não aconteceu. A imensa maioria da classe operária dos países do ocidente se recusou a engajar-se na luta ou a sustentá-la; acreditava na retomada do progresso de antes da guerra; voitou a encontrar bem-estar suficiente para temer os riscos; deixou-se alimentar de ilusões. A social-democracia alemã, conduzida por dirigentes medíocres e moderados, temeu os custos gerais de uma revolução iniciada com tanta facilidade em novembro de 1918 e entrou pela via democrática da república de Weimar... Quando se censura o bolchevismo por haver realizado uma revolução pela violência e pela ditadura do proletariado, seria mais do que justo considerar que a experiência contrária, a do socialismo moderado, reformista, que procurou esgotar as possibilidades da democracia burguesa, foi o que se fez na Alemanha até a chegada de Hitler.

Os bolcheviques se iludiram quanto à capacidade política e a energia das classes operárias do ocidente e, antes de mais nada, da classe operária alemã. Esse erro de seu idealismo militante acarretou as mais graves conseqüências. Eles perderam o contato com as massas do ocidente. A Internacional Comunista tornou-se um apêndice do estado-partido soviético. A doutrina do "socialismo num só país" nasceu finalmente desta decepção. Por sua vez, as táticas estúpidas e até mesmo perversas da Internacional stalinizada facilitaram a vitória do nazismo na Alemanha...

VI. Um primeiro balanço da Revolução Russa deve ser levantado em 1927. Dez anos se passaram. A ditadura do proletariado, a partir de 1920 ou 1921, datada aproximadas e discutíveis, se transformou na ditadura do Partido Comunista, este, por sua vez, sujeito à ditadura da "velha guarda bolchevique". Essa "velha guarda" constituía, em geral, uma elite notável, inteligente, desinteressada, ativa, pertinaz. Os resultados conseguidos são admiráveis. No estrangeiro, a URSS é ros-

peitada, reconhecida, por vezes admirada. Internamente, a reconstrução econômica se completou sobre as ruínas deixadas pelas guerras, apenas com os recursos do país e da energia popular. Um novo sistema de produção coletivista substituiu o capitalismo e funciona bastante bem. As massas trabalhadoras da Rússia demonstraram sua capacidade de vencer, de organizar e de produzir. Novos costumes e um novo sentimento de dignidade do trabalhador haviam se estabelecido. O sentimento da propriedade privada, que os filósofos da burguesia consideravam inato, estava em vias de extinção natural. A agricultura se reconstituiu a um nível que alcança e começa a ultrapassar o de 1913. O salário real dos trabalhadores ultrapassa bem sensivelmente o nível de 1913, isto é, de antes da guerra. Surgiu uma nova literatura plena de vigor. O balanço da revolução proletária é nitidamente positivo.

Porém, não se trata mais de reconstruir, mas sim de construir: ampliar a produção, criar novas indústrias (automóvel, aviação, química, alumínio...); trata-se de evitar a desproporção entre uma agricultura restabelecida e uma indústria insuficiente. A URSS está isolada e ameaçada. Trata-se de promover sua defesa. Os marxistas não têm ilusão alguma quanto ao pacto Briand-Kellog que pôs a guerra "fora da lei"... O regime está numa encruzilhada, o partido, destroçado pela luta pelo poder e pelo programa do poder, que coloca velhos bolcheviques uns contra outros. Os continuadores mais lúcidos dos tempos heróicos se agruparam em torno de Trotsky. Talvez cometam erros táticos, formulem teses insuficientes, talvez vacilem, mas jamais se negarão seus méritos e sua coragem. Preconizam a industrialização planejada, a luta contra as forças reacionárias, a começar pela burocracia, o internacionalismo militante e a democratização do regime, começando pela do partido. São vencidos pela hierarquia dos secretários, que se confunde com a hierarquia dos comissários da GPU, sob a égide do secretário geral, o obscuro georgiano de outrora, Stalin.

Milhares de fundadores da URSS, que deram o exemplo de dedicação à idéia socialista, passam então do poder para a prisão ou para o exílio. As teses que se colocam contra eles são contraditórias e isso pouco importa. O grande fato essencial é que em 1927 e 1928, por meio de um golpe de força perpetrado dentro do partido, o estado-partido revolucionário torna-se um estado-policial-burocrático, reacionário, sobre o terreno social criado pela revolução. A mudança de ideologia se acentua violentamente. O marxismo das fórmulas vulgares, elaboradas pelas repartições, substitui o marxismo crítico dos homens pensantes. Instaura-se o culto do Chefe. O "socialismo num só país" se torna o clichê chave-mestra dos adventícios que nada mais querem além de manter os

próprios privilégios. O que as oposições mal entrevêem, angustiadas, é que se desenha um novo regime, o regime totalitário. A maioria dos velhos bolcheviques, que havia derrotado a oposição trotskista, os Bukharin, Rykov, Tomski, Riutin, ao se aperceberem disso se apavoraram e passam também para a resistência. Tarde demais.

A luta da geração revolucionária contra o totalitarismo durará dez anos, de 1927 a 1937. As peripécias confusas e por vezes desorientadoras dessa luta não nos devem obscurecer quanto a seu significado. As personalidades se entrecrocaram, lutaram entre si, reconciliaram-se, até mesmo se traíram; perderam-se, humilharam-se diante da tirania, procuraram escapar ao carrasco, desgastaram-se, revoltaram-se desesperadamente. O estado totalitário lançava uns contra outros, com tanto mais eficácia na medida em que influía sobre suas almas. O patriotismo do partido e da revolução, cimentado pelos sacrifícios, pelos serviços, pelos resultados obtidos, o apego a prodigiosas visões de futuro, o sentimento do perigo comum obliteravam o senso de realidade nos cérebros mais esclarecidos. Em todo caso, a resistência da geração revolucionária, à frente da qual se encontrava a maioria dos velhos socialistas bolcheviques, foi tão tenaz que, de 1936 a 1938, por ocasião dos processos de Moscou, essa geração teve de ser totalmente exterminada para que o novo regime se estabilizasse. Foi o golpe de força mais sangrento da história. Os bolcheviques pereceram às dezenas de milhares, os combatentes da guerra civil, às centenas de milhares, os cidadãos soviéticos imbuídos do idealismo condenado, aos milhões. Algumas dezenas de companheiros de Lenin e Trotsky consentiram em degradar-se, por um ato de suprema devoção ao partido, antes de serem fuzilados. Alguns milhares de outros foram fuzilados nos porões. Os mais enormes campos de concentração do mundo se encarregaram do aniquilamento físico de enormes multidões de condenados.

Desse modo, foi completa a ruptura sangrenta entre o bolchevismo, forma russa impetuosa e criativa de socialismo, e o stalinismo, forma de totalitarismo igualmente russa, isto é, condicionada por todo o passado e o presente da Rússia. Para que esse termo tenha seu sentido bem preciso, vamos defini-lo: o totalitarismo, tal como se instituiu na URSS, no Terceiro Reich, e que se esboçou fragilmente na Itália fascista e em outros países, é um regime que se caracteriza pela exploração despótica do trabalho, a coletivização da produção, o monopólio burocrático e policial (melhor se diria terrorista) do poder, o pensamento escravizado, o mito do chefe-símbolo. Um regime dessa natureza tende, obrigatoriamente, à expansão, isto é, à guerra de conquista, uma vez que é incompatível com a existência de vizinhos diferentes e mais humanos; uma vez que é inevitável que sofra suas próprias

psicoses de inquietação; uma vez que vive da repressão permanente de forças explosivas internas...

Um autor norte-americano, James Burnham, deliciou-se em sustentar que Stalin é o verdadeiro continuador de Lenin. O paradoxo, levado a esse grau hiperbólico, não deixa de ter certo atrativo estimulante para o pensamento preguiçoso e ignorante... É natural que um parricida continue sendo o continuador biológico de seu pai. Todavia, é evidente, por outro lado, que não se dá continuidade a um movimento massacrando-o, a uma ideologia negando-a, a uma revolução de trabalhadores pela mais negra exploração dos trabalhadores, à obra de Trotsky mandando assassiná-lo e queimar seus livros... Ou, então, as palavras continuação, ruptura, negação, repúdio, destruição não mais teriam um sentido inteligível, o que pode, aliás, ser conveniente a intelectuais brilhantemente obscurantistas. Não pretendo classificar James Burnham nessa categoria. O paradoxo por ele desenvolvido, sem dúvida por gosto à teoria provocativa, é tão falso quanto perigoso. Em milhares de formas vulgares, pode ser encontrado na imprensa e nos livros destes tempos de preparação para a Terceira Guerra Mundial. Os reacionários têm evidente interesse em confundir o totalitarismo stalinista, exterminador dos bolcheviques, com o bolchevismo, para com isso atingir a classe operária, o socialismo, o marxismo e até mesmo o liberalismo...

O caso pessoal de Stalin, ele próprio um ex-antigo bolchevique, do mesmo modo que Mussolini foi um ex-antigo socialista do *Avanti!*, é inteiramente secundário do ponto de vista do problema sociológico. Que o autoritarismo, a intolerância e determinados erros do bolchevismo tenham fornecido ao totalitarismo stalinista um terreno favorável, quem o contestará? Uma sociedade, como um organismo, sempre contém os germes da morte. Basta que as circunstâncias históricas facilitem sua eclosão. Nem a intolerância, nem o autoritarismo dos bolcheviques (e da maior parte de seus adversários) permitem pôr em dúvida sua mentalidade socialista, ou os resultados da revolução em seus primeiros dez anos. Resultados tão reais que dois estudiosos norte-americanos, ao examinar o desenvolvimento cíclico dos organismos e das sociedades, constataram que "em 1917 e 1918, a Rússia entrou em um novo ciclo de crescimento, de tal modo que, atualmente, apresenta-se como a mais jovem das grandes nações do mundo /.../"¹.

1. *Cycles*, de Edward R. DEWEY e Edwin E. DAKIN, Nova York, 1947. Gostaria-mos de conhecer em que medida o totalitarismo stalinista contraria o novo élan vital da Rússia... David J. Dallin nos oferece uma indicação quanto a isso. Durante a Primeira Grande Guerra, as perdas da Rússia se elevaram a 30% da dos aliados; durante a Segunda Grande Guerra, as perdas da Rússia, estimadas entre 12 a 16 milhões de vidas humanas, elevaram-se a 80% das Nações Unidas. Nos campos de batalha, as perdas dos exércitos verme-

No momento em que estoura a revolução russa, os efetivos organizados de todos os partidos revolucionários eram inferiores a 1% da população do império. Os bolcheviques constituíam apenas uma fração desse menos-de-um-por-cento. Esse ínfimo fermento fez seu serviço e esgotou-se. A revolução de outubro-novembro de 1917 foi dirigida por um partido de jovens. O mais velho deles, Lenin, tinha 47 anos; Trotsky, 38; Bukharin, 29; Kamenev e Zinoviev, 34. Entre dez e vinte anos depois, a resistência ao totalitarismo foi feita por uma geração envelhecida. E essa geração não sucumbiu apenas sob o peso de uma burocracia policial avidamente aferrada aos privilégios do poder, mas também sob a passividade política de massas estafadas, sub-alimentadas e paralisadas pelo sistema terrorista e pela intoxicação da propaganda. Além disso, viu-se sem o menor apoio eficaz do exterior. Enquanto ela resistia na URSS, a ascensão das forças reacionárias no mundo foi quase ininterrupta. As potências democráticas evitavam agredir, ou estimulavam, Mussolini e Hitler. O entusiasmo das frentes populares, essa luta de retaguarda das massas trabalhadoras do ocidente, foi quebrado, na Espanha, pela coalizão entre o nazismo, o fascismo e Franco, exatamente no momento em que os carrascos de Stalin procediam, na Rússia, à liquidação do bolchevismo...

VII. Depois de seus primeiros dez anos de exaltação, e os vinte anos negros que se seguiram, restará alguma coisa a defender da Revolução Russa? Uma imensa experiência histórica, lembranças as mais soberbas, exemplos inestimáveis, isto já seria bastante. Em compensação, a doutrina e as táticas do bolchevismo exigem estudo crítico. Tantas mudanças se têm produzido neste mundo caótico, que nenhuma concepção marxista - ou socialista de algum outro tipo - válida em 1920 não mais poderia encontrar hoje em dia aplicação prática sem atualizações fundamentais. Não creio que, num sistema de produção em que o laboratório adquire crescente preponderância em relação à oficina, se possa impor a hegemonia do proletariado, a não ser sob formas morais e políticas que, na realidade, implicam a renúncia à hegemonia. Não creio que a "ditadura do proletariado" possa ser revivida nas lutas do futuro. Haverá, sem dúvida, ditaduras mais ou menos revolucionárias; a tarefa do movimento operário, estou convencido disto, será sempre a de lhes conservar um caráter democrático, não mais em benefício apenas do proletariado, mas em benefício do conjunto dos trabalhadores e até mesmo das nações. Neste sentido, a revolução proletária já não é, a meu ver, o nosso objetivo; a revolução a qual julgamos dever servir só pode ser socialista, no sentido huma-

nista do termo, e mais precisamente *socializante*, democrática e libertariamente realizada... Fora da Rússia, a teoria bolchevique do partido fracassou completamente. A variedade dos interesses e das formações psicológicas não permitiu que se constituísse a coorte homogênea de militantes dedicados a uma obra comum tão nobremente louvada pelo pobre Bukharin... A centralização, a disciplina, a ideologia governada só podem, a partir de agora, inspirar-nos uma justa desconfiança, por mais que tenhamos necessidade de organizações sérias...

E que resta a defender, para o povo russo? A pesada ironia da história fez dele o povo que nada tem a perder senão seus grilhões! Espero que logo se traduza para o francês o livro objetivamente implacável de David J. Dallin e Boris I. Nicolaevsk sobre *O Trabalho Forçado na Rússia Soviética*. Ele nos informa que, em 1928, na época do Terroir soviético, os campos de concentração da GPU não continham mais do que uns 30 mil condenados. Em compensação, é impossível saber o número de milhões de escravos hoje encerrados nos campos de Stalin. As estimativas mais modestas avaliam-nos em 10 ou 12 (milhões), ou seja, segundo seus autores, pelo menos 16% da população adulta masculina e uma porcentagem de mulheres sensivelmente menor. Recentemente, salientei, em *Massas*, a importância decisiva desses dados. Aceitando a cifra de 15% de privilegiados do regime, que desfrutavam na Rússia de uma condição mediana de europeus civilizados, cifra provavelmente otimista neste momento e que convém dividir por dois para obter a porcentagem dos trabalhadores adultos privilegiados, escrevia eu: "Portanto: 7% de trabalhadores adultos privilegiados, 15% de párias, 78% de explorados vivendo na pobreza ou na miséria /.../". De que modo se qualificaria essa estrutura social? Ela é defensável?

No exterior, a influência desse "universo concentracionista" se mostrou capaz de impedir a marcha do socialismo e a reorganização da Europa. A tragédia não é mais especificamente russa, ela é universal. A Terceira Guerra Mundial surge como a conclusão lógica disso tudo. Todavia, não nos resignemos às soluções catastróficas enquanto houver outras em vista. A agressividade do regime stalinista no exterior é condicionada pela gravidade de sua situação interna. A revolta latente das massas russas e não russas contra esse regime foi demonstrada pelo derrotismo das populações que, no início da invasão, acolheram os invasores como libertadores; pelos distúrbios que se seguiram imediatamente à vitória; pelo movimento bem mais complexo do que se pode crer do exército Vlassov, que lutou, alternadamente, em favor dos nazistas e contra eles; pelos 200 ou 300 mil refugiados russos na Alemanha; pelo povoamento dos campos de concentra-

ção. Afirmando que os regimes totalitários constituem enormes fábricas de revoltados. Isto, mais do que tudo, devido a sua tradição revolucionária.

A documentação sobre o estado de espírito das massas russas aumenta a cada dia. Quem quer que conheça a Rússia sabe que, sob a carapaça de bronze do regime, mantém-se uma vitalidade profunda. Nove décimos dos homens que trabalham, constroem, inventam e administram poderiam, se se rompessem seus grilhões, tornar-se, de um mês para outro, os cidadãos de uma democracia do trabalho... Conseguirão eles romper os grilhões a tempo de uma Rússia socialista impedir a deflagração da guerra?

O que o stalinismo tem feito para inculcar a seus oprimidos o horror e a aversão pelo socialismo é inimaginável; é de se esperar que haja correntes de reação na Rússia e, mais ainda, junto aos povos não russos, sobretudo junto aos muçulmanos da Ásia central, desde muito tempo agitados pelas aspirações pan-islâmicas. Considero, porém, baseado em inúmeras observações feitas na própria URSS, durante anos especialmente cruéis para as massas, que a grande maioria do povo russo se dá conta perfeitamente da impostura do socialismo oficial. Não sendo possível retorno algum ao antigo regime ou mesmo ao grande capitalismo, devido ao alto grau de desenvolvimento atingido pela produção estatizada, no momento em que toda a Europa se encaminha para as nacionalizações e para a planificação, a democracia russa não poderia senão sanear, refinar e reorganizar, em benefício dos produtores, a produção socializada. O interesse técnico da produção, o senso da justiça social, a liberdade reencontrada se conjugariam, por força das coisas, para repor a economia a serviço da comunidade... Nem tudo está perdido, uma vez que nos resta essa esperança racional, intensamente motivada.

VICTOR SERGE
MÉXICO, JULHO-AGOSTO DE 1947.

A
CIDADE
EM PERIGO

VICTOR SERGE

PETROGRADO, ANO II DA REVOLUÇÃO.

Dedico este testemunho, com afeto e com respeito,
à memória de meus irmãos e camaradas

V. O. LICHTENSTADT (MOZINE)

MAX FLINBERG

JOHN REED

RAYMOND LEFEBVRE

LEPETIT

MARCEL VERGEAT

SACHA TUBEIN

QUE, VINDOS DE TODOS OS CANTOS DO MUNDO
E DO PENSAMENTO, MORRERAM PELA REVOLUÇÃO.
PORQUE SABIAM QUE, NO SÉCULO DO DÓLAR E DA IPERITA,
A VIDA SÓ VALE SER VIVIDA SE A CONSAGRARMOS
À ÚNICA GRANDE CAUSA: A DO PROLETARIADO.

A CAMINHO DA RÚSSIA

PREFÁCIO

Estas anotações sobre a vida interna de Petrogrado em outubro de 1919, isto é, em momentos particularmente heróicos e graves de seu destino revolucionário, foram escritas por um "estrangeiro".

O autor, embora de origem russa, nascido na Bélgica, acabava de chegar à Rússia. Seu primeiro contato com a Rússia e com as realidades da revolução data de fins de janeiro de 1919. Antes disso, havia militado, por doze anos, no movimento anarquista belga, francês e espanhol. Desde a Revolução de Outubro, considerava-se um comunista; aderiu ao Partido Comunista russo em maio de 1919. Suas observações e suas reflexões são, portanto, as de um comunista de formação latina e libertária. Escreveu-as sempre pensando em seus companheiros de outubro, cuidando de se prevenir contra as objeções deles, desejando fazê-los compreender melhor a revolução proletária e, também, com a necessidade de uma constante discussão consigo mesmo.

Antes da formação dos partidos da III Internacional, não havia, na verdade, partidos marxistas revolucionários nos países latinos. Podia-se, no máximo, encontrar embriões deles nas tendências intransigentes dos partidos socialistas, sobretudo no *guesdismo* francês, que teve seus momentos de admirável firmeza revolucionária e começou até mesmo a criar, no norte da França, um movimento operário de massa. Como regra geral, o oportunismo parlamentar predominava nos partidos socialistas; numa reação natural, os elementos revolucionários se afastavam desses partidos, buscando outros caminhos. Enquanto florescia na França o socialismo muito eloqüente - mas muito moderado, muito cor-de-rosa, muito penetrado pelos ideais da democracia burguesa - de Jaurès, quase todas as forças revolucionárias do proletariado francês se voltavam para o sindicalismo, entusiasmadas pelas novas concepções de ação direta e da greve geral. Dentro ou fora do movimento sindical, os anarquistas ainda reivindicavam uma pureza revolucionária mais elevada, procuravam reagir contra o burocratismo sindical e, é preciso que se diga, frequentemente nada mais conseguiam - com as melhores intenções do mundo, com enorme dedicação e até mesmo com heroísmo - do que multiplicar as seitas, as sub-seitas, os desvios ridículos ou trágicos (esperantismo, vegetarianismo, naturismo e amor-livre, por toda parte; banditismo, na França; terrorismo, na Espanha).

Assim, para os operários revolucionários da Europa ocidental, a Revolução de Outubro foi uma revelação monumental. Mais do que um exemplo, mais do que uma esperança ilimitada, ela lhes trouxe um corpo de doutrinas, métodos de luta, uma educação; deu-lhes chefes. A partir de 1917, em todos os países latinos, éramos inúmeros os que sentíamos tudo isso, porém confusamente. Buscávamos nossos caminhos rumo à revolução russa, da qual estávamos separados por milhares de léguas, por fronteiras guardadas por canhões - e, mais do que isso, talvez, pelas tradições do socialismo reformista e pelas ilusões infantis - desenvolvidas em sentido contrário - do anarquismo.

*

Assim, meu caminho para chegar até o comunismo durou uma dúzia de anos.

Meu caminho para chegar até *A Cidade em Perigo* durou dezessete meses.

... A 5 de janeiro de 1919, ao anoitecer, saímos, vinte de nós, rodeados por soldados da polícia, do campo de concentração de Précigné (França). Transidos de frio, magros, com velhas roupas esfiapadas, caminhávamos alegremente pela noite fria. Nós: vinte "bolcheviques", internados há muitos meses, que iam ser trocados com o governo dos soviets pelos oficiais da missão francesa de Moscou, até então mantidos como prisioneiros.

Saindo da Espanha rumo à Rússia, nos últimos dias de julho de 1917, já que a preparação insurrecional de Barcelona terminava em fracasso¹, as autoridades francesas me haviam mantido preso, durante quinze meses, em diferentes campos de concentração. Viglados, por trás de cercas triplas de fuzis, de fios de arame farpado e de muralhas, condenados à inação e à fome, permanentemente na mira de soldados a quem éramos apresentados como uma malta de agentes do inimigo; dizimados por epidemias, nada mais recebendo sobre a revolução russa do que as doses diárias de calúnias oferecidas pela imprensa burguesa, nós - todo esse grupo de camaradas de origem russa, sindicalistas ou anarquistas - a cada dia que passava, nos sentíamos cada mais ligados ao Outubro Vermelho, cada vez mais comunistas. No primeiro aniversário da vitória de outubro, fomos nós, talvez, os únicos na França a comemorá-lo, sem dissimulação, num pátio de

1. O movimento malogrou a 19 de julho; retardada, a greve geral de Barcelona foi definitivamente vencida em agosto.

monastério transformado em prisão, sob o olhar espantado dos carcereiros...

Que onda de entusiasmo ergula, então, as multidões de operários, simplesmente ao pensar na revolução russa! Reclusos, cercados de muros, nós apenas a pressentíamos, por meio de raras missivas clandestinas. Fomos conhecê-la subitamente, ao partir da França, numa cidadezinha do litoral da Mancha, onde chegamos, já noite fechada.

Abbeville. Pequena cidade bombardeada, muitos dos telhados varados pelas bombas, janelas mortas, ruas sem iluminação... Escoltados por agentes civis de segurança, lá íamos nós a um pequeno restaurante dar de comer ao pobre Barakov, marinheiro tuberculoso que regressava à Rússia para ali morrer sobre o solo da revolução, morto - devido a sua indisciplina de sindicalizado - pelas prisões dos grandes navios norte-americanos. Soldados ingleses lotavam a sala minúscula onde, sob velhos lampiões a petróleo, erguia-se a fumaça espessa dos cachimbos. Nosso grupo de gente macilenta, rodeando um doente e vigiado por dois senhores de estranho porte, atraiu a atenção deles.

"Quem são vocês?"

"Bolcheviques. Prisioneiros. A caminho da Rússia..."

Jamais esquecerei o efeito dessa revelação: o grupo caloroso que imediatamente nos rodeou, os rostos subitamente amigos, as mãos estendidas, o oferecimento de vinho, de cigarro, as vozes quentes que nos diziam: "*Nós também! Nós também! Nós também somos... Vocês logo verão!*" Iam aos cafés próximos dali buscar os bons companheiros; não sabiam o que fazer, aqueles soldados amargos e magoados, para nos convencer de que estavam conosco, de todo o seu coração de trabalhadores. E era verdade. estava havendo graves motins no exército britânico, não longe de Calais.

...Quinze dias de navegação nos levaram de Dunquerque até a Finlândia. A bordo, tratados com grande deferência, fomos vigiados por senegaleses. De capacete, o capote coberto com uma pele de carneiro, as mãos grossas de lavradores fechadas em torno da baioneta, poderiam parecer os mais calados, os mais duros, os mais inconscientes dos carcereiros. Porém, sozinhos com um de nós, na solidão da ponte, davam às vezes grandes sorrisos...

Cheguei a Petrogrado num dia de fevereiro. Em minha primeira visita à casa de parentes distantes, vi-me em presença de uma velha senhora de pincenê, de rosto anguloso, que falava em voz muito baixa, num tom de conspiração e de lamentação. Ao saber que estava chegando da França, demonstrou uma alegria excessiva. "Meu Deus!" resmungou, "como você é feliz! Há apenas vinte dias você estava ainda na França!" Depois, fez perguntas ansiosas:

"Diga-me, é verdade que os ingleses vão vir nos livrar dos

bolcheviques? /.../. É verdade que a Finlândia não se decide?" Ao me ouvir responder que ninguém viria, aquela velha senhora de pincenê pôs-se a chorar. Foi meu primeiro contato com a *obvateľstchina*² da guerra civil. A partir de então, represento-a mentalmente com os traços simbólicos daquela velhinha burguesa chorosa, vivendo na espera e no medo: medo da vida nova cujo caráter se afirmava dura e claramente pela revolução proletária; espera insensata das intervenções providenciais que se haviam tornado impossíveis... Durante toda a guerra civil, nunca deixaríamos de nos ver diante dessa *obvateľstchina*, pequena burguesia rancorosa, impotente, desesperadamente medíocre...

Era o ano II. Outros anos, após as duas agressões dos brancos contra Petrogrado - a segunda das quais pareceu, por um momento, prestes a coroar-se de êxito-, trouxeram-nos outros sofrimentos e outras vitórias... Daquele ano, porém, e daquelas batalhas, cada vez mais me parece que se devem conservar todas as lembranças. Essa é a justificativa destas observações e reflexões de uma testemunha vinda de longe...

2. Palavra russa de difícil tradução. Significa: pequena burguesia amedrontada.

SEGUNDO ATAQUE DO EXÉRCITO BRANCO DO GENERAL YUDENITCH CONTRA PETROGRADO, 30 DE OUTUBRO DE 1919

PERIGO PERMANENTE EM PETROGRADO

Não está sempre em perigo, a cidade da revolução? Petrogrado vermelha, devido a sua situação geográfica, viveu sob a ameaça constante de uma agressão. Objeto de temor - e, às vezes, de cobiça - para a Finlândia, distante apenas 50 km e sem qualquer obstáculo natural que dela a separe, sob o bloqueio de uma esquadra inglesa, cujos canhões, há meses, permanecem apontados para Kronstadt; atacada ou ameaçada pelo exército branco de algum pseudo-governo contra-revolucionário refugiado em Revel; atacada ou ameaçada pelo exército estoniano... Quantas ameaças diretas ela experimentou!

Os exércitos do kaiser a ameaçaram, ao tomar Riga e ao se lançar em ofensiva para o norte. Depois da revolução de março, Kornilov, que desejava intensamente a ditadura militar, marchou sobre Petrogrado que foi salva pelo entusiasmo revolucionário. Após a Revolução de Outubro, Kerenski, rodeado, em Gatchina, por alunos das escolas militares e por alguns batalhões leais, tentou um ataque contra a capital. As milícias vermelhas bolcheviques deram fim a sua ofensiva em Pulkovo. E daí em diante, por quantas vezes a Finlândia de Mannerheim pareceu estar prestes a dar início às hostilidades? Os imóveis de Petrogrado eram objeto de transações comerciais em Helsingfors. Depois, desencadearam-se as sucessivas ofensivas do exército branco da Estônia, todas elas iniciadas com vitórias (tomadas de Narva, a primeira vez, tomada de Yamburgo, a segunda, e, desta vez, tomada de Yamburgo, de Gatchina, de Krasnoie-Selo, ou seja, localidades imediatamente vizinhas da capital).

Petrogrado é uma cidade da frente de batalha. O ar que se respira vibra mais do que em outros lugares. Sente-se a tensão nervosa e o alarme de uma multidão que vive em estado de alerta.

Mas por passar por tantas crises e períodos críticos, a Cidade Vermelha habituou-se a não se deixar abalar facilmente por perigos que se anunciavam. Uma espécie de confiança na própria estrela a domina.

Não se concebe que ela possa cair, ser tomada, derrotada, pisoteada por intrusos. Certamente ela não está errada. As causas que a tornaram inexpugnável até então continuam a protegê-la.

Seus inimigos, divididos por ódios profundos e por irreduzíveis antagonismos de interesses, detestam-se mutuamente. Seus defensores sentem a grandeza histórica da tarefa que lhes cabe. Petrogrado, capital intelectual e capital revolucionária, Petrogrado onde toda a história de uma guerra social de cinquenta anos está escrita nas pedras dos edifícios e no chão das ruas, Petrogrado, porta da imensa Rússia aberta sobre os mares da Europa Setentrional, continua a ser um dos centros da revolução. "A república", diz Trotsky, "possui três trunfos que não pode perder de modo algum: Petrogrado, Moscou e Tula." Parada magnífica para as batalhas!

A DERROTA

A partir do último alerta (meados de junho de 1919), a vida, finalmente normal, retomara seu curso. Os teatros, abarrotados de gente todas as noites, os concertos e as conferências, os comícios reuniam diariamente seu público habitual; até mesmo o comércio se recuperava. De fato, inúmeras lojas se abriram.

Joalheiros, antiquários, perfumistas, comerciantes de artigos de luxo, livrelros, merceiros - nos quais, aí de nós!, só se encontravam bebidas e *surrogats* de café -, especuladores variados, todos faziam excelentes negócios. O tráfico dos mercados, fervilhando de uma multidão disparatada, atingia o auge.

O costume com o perigo vago e longínquo, considerado com fatalismo, permitia que a vida seguisse seu curso regular e ninguém se alterou quando os jornais publicaram, nos comunicados da frente de batalha, apenas três linhas sumárias dizendo que "pressionadas por forças superiores do inimigo, nossas tropas abandonaram a posição de Yamburgo" - posição, no entanto, de importância capital, pois, situada a 115 km de Petrogrado, defronte de Narva, é o único posto avan-

çado defensivo da cidade vermelha. Se Yamburgo fosse tomada, o exército vermelho só poderia se apoiar em Krasnoie-Selo e Gatchina.

Maravilha da informação oficial! A notícia já era do conhecimento de quase toda a população há cerca de dois dias. Aliás, este é um fenômeno digno de observação: a rapidez com que as notícias - mesmo tidas como secretas - se propagam nas multidões.

O que se havia passado? As pessoas informadas, membros do partido que trabalhavam com o Comitê Executivo do soviete, não se espantavam. "Nossas tropas estão esgotadas. Mal alimentadas, mal vestidas, mantidas na frente de batalha sem serem rendidas durante semanas ou meses, estão, além disso, com o moral baixo pela inatividade da frente de batalha estoniana. Eis, então, que se lançam contra elas alguns tanques (cinco) e foi a debandada, a confusão, o salve-se quem puder/.../." Enquanto uma camarada me dizia essas coisas no bonde que nos levava a Smolny, explicando com toda a simplicidade *que não há substituição de tropas* porque faltam unidades de combate preparadas e que "simplesmente ouvindo falar em *tanque*, o pânico se espalha pelas fileiras", eu me lembrava de um humilde soldado, meu companheiro numa noite de trabalho duro, e compreendia...

A MENTALIDADE DO SOLDADO

Ele me acompanhara no correr de visitas domiciliares noturnas. Fatigado e também triste com a tarefa que cumpríamos, parávamos diante das portas de casas fechadas, onde às vezes era preciso bater com muita força com a coronha da arma. Então, enquanto a luz avermelhada de uma vela fazia balançar a nossa volta sombras imensas, iluminando de baixo para cima, de maneira estranha, uma fisionomia rústica de camponês, trocávamos algumas palavras. Ele tremia de frio; com o fuzil contra o peito, esfregava com força uma mão contra a outra e me dizia: "Oito anos de serviço já /.../. Quando estourou a guerra, estava terminando meu serviço militar /.../. Lutei em Bujovln, na Galícia, em Riga /.../. Depois, pensamos que, finalmente, chegara a paz, mas a guerra civil começou".

Não acusava ninguém. Compreendia as causas de maneira sumária: "Ah!, a Entente, os aliados!"

E, para expressar seu sentimento, não encontrava mais do que uma vaga injúria, dita quase em voz baixa, dirigida àqueles que, na outra ponta da Europa, decidiam, confortavelmente e em meio a homenagens, as matanças que aqui ocorrem: "Canalhas!"

Não. Não me espanto de que às vezes ele fuja, aterrorizado diante de um tanque, ou desfalecendo de terrível fadiga, nossa pobre tropa cinzenta de soldados, cujo sangue corre dia após dia, há tantos anos já...

Não sabia o que dizer àquele homem, todas as palavras me pareciam vãs e sem sentido diante dos fatos. O antigo regime lhe tomara, como a todos os seus semelhantes, três anos de vida; o velho mundo, ao cometer seu grande crime, fez dele, durante quatro anos, uma coisa que mata, um ser que se mata... A revolução, que tanto lhe havia prometido, dia sofre e que luta por ele, que lhe deu ela?

Ele faz quase o mesmo serviço que antes. Continua fechado dentro do círculo infernal da guerra, meu irmão soldado, e talvez, o que é terrível, não compreenda melhor o porquê desta, do que o da outra. A trincheira, os piolhos, os ferimentos, os obuses, as posições que se tomam, as posições que se perdem, os camaradas que tombam: para ele, é sempre, sempre essa mesma coisa!

Ora, esse homem não se transformou *num soldado*. Continuou sendo um trabalhador da terra. Sua terra, sua isbá, sua mulher o esperam em algum lugar, e lá é que é sua vida.

Então, tem às vezes desfalecimentos. Sua cabeça gira, não sabe mais onde está a verdade, a justiça, onde estão os inimigos - os que querem sua permanente escravidão -, onde estão os amigos...

A terrível ironia desse fato: a revolução luta em cinco frentes, há dois anos, porque proclamou que o trabalhador não deve mais lutar contra o próprio irmão - e que todos os homens de boa vontade são irmãos no trabalho - essa ironia e essa profunda iniquidade o deixam confuso...

Sozinho, em grupo, parte de companhias inteiras, ele "se passa para o inimigo", ou seja, foge "para a frente", na louca esperança de que será o fim... Lá, porém, é de novo mobilizado, desta vez para lutar a favor dos ricos, sob o olhar arrogante de generais que sabem como fazer os mujiques obedecerem... Torna a atravessar a frente de batalha no sentido inverso, volta a nós e luta estoicamente, ele, que não quer mais lutar...

OS VERSALHESES FORÇARAM UMA PORTA

A verdade é que desta vez a surpresa foi terrível... Em 24 horas a atmosfera da cidade se transforma. Da quietude e da indiferença passamos para a tensão nervosa da véspera de batalha. Na sexta-feira, 23 de outubro, o *Pravda* publica a decretação do estado de sítio, acarretando uma série de medidas draconianas: fechamento dos teatros e cinemas; proibição de sair à rua sem permissão especial, após as 8 horas da noite; fechamento das lojas e dos mercados. Esta última medida parece ter sido mesmo um erro, e não vejo qual sua razão. As lojas comunais oferecem tão poucas coisas que não é possível deixar de recorrer ao mercado, ou ao contrabando clandestino.

No mesmo dia, os preços duplicam: pois a ordem dada não impede nada, mas complica desagradavelmente as coisas. Quem deu essa ordem? Por que? Nenhum aparelho de controle funciona. Não existe aparelho algum de crítica nesse tempo de ditadura implacável e absoluta. E, por certo, se, como me parece, trata-se de um erro, ele é grave, pois indis põe imediatamente dois terços da população, tornando ainda maiores as dificuldades de abastecimento. Ora, bastou uma ordem mal redigida, mal concebida, e a má-vontade ou o capricho de alguém, em algum lugar de um estado-maior improvisado. Pois improvisa-se febrilmente o aparelho de combate do estado-maior da defesa interna. O inimigo está a 35 verstas, em várias partes nossas tropas debandaram: o destino da Petrogrado vermelha vai ser disputado numa batalha derradeira que pode terminar nas ruas da cidade. Os "versalheses" haviam arrombado uma porta!

No dia seguinte, 24, a situação está pior: Kransnoie-Selo, Gatchina, Pavlosk e Dietskole-Selo (outrora Tsarkoie)¹ foram ocupadas pelo exército branco. Falta apenas transpor uma etapa. Jamais o perigo foi tão grande. Toda a população operária de até 45 anos é mobilizada.

1. De *Tsarkoie-Selo*, literalmente: aldeia do czar, fez-se *Dietskole-Selo*, aldeia das crianças.

Em Smolny, amplos corredores estão cheios de uma multidão em armas sendo equipada às pressas. São operários de fábrica, de sobretudo, de *tulups* [casacos de pele]: prendem cartucheiras sobre suas roupas civis, pegam o fuzil, e isso lhes dá o aspecto de rebeldes.

O Partido Comunista mobilizou todos os seus membros, homens e mulheres. Estas últimas partiam também para a frente de batalha, em contingentes de combatentes ou de enfermeiras. Uma decisão do Comitê Central envia imediatamente para a frente de batalha os militantes detentores de "postos de confiança".

Mas a cidade mantém seu aspecto habitual. Somente se observa uma agitação um pouco maior nas grandes artérias, percorridas em todos os sentidos pelas motocicletas, automóveis e caminhões do exército ou da defesa interna.

Os jornais anunciam a chegada de Trotsky. Havia muito tempo que não vinha. Foi preciso que a situação fosse considerada realmente muito grave aqui, para que deixasse Moscou no momento em que as coisas vão muito mal na frente de batalha do sul. O exército do general Denikin tomou Kusk e Orel, duas cidades da Grande Rússia, que jamais haviam sido ocupadas desde a revolução. Ameaça Tula, arsenal do exército vermelho, e Moscou. As pessoas balançam a cabeça. Pode-se surpreender nos bondes, nas ruas, trechos de conversa significativos. Visivelmente, a maior parte da população, todos os que não são nem operários, nem comunistas, nem de educação revolucionária, todos os que não têm interesse na manutenção do novo regime, aguardam os acontecimentos sem confiança; e muitos consideram que é o começo do fim... Poderia crer-se nisso, ao verificar a indiferença mortal de todos aqueles transeuntes apressados que se ocupam com suas atividades habituais, com um ar desligado das coisas mais atuais, enquanto no dia seguinte talvez a Comuna de Petrogrado irá derramar seu sangue sobre as barricadas.

O dia está cinzento e úmido; cai uma chuvinha aborrecida.

HOUE UM MOMENTO...

Eu sei. Houve um momento em que tudo pareceu estar perdido. Tudo? Não. Petrogrado. Mas para mim e para milhares de outros, aqui, agora, Petrogrado é tudo. Sua queda seria algo de inimaginável, como que um começo do desmoronar da revolução.

Os vibrantes cabos telefônicos transmitiam, entre Smolny e o Kremlin, vozes graves e palavras graves. Lenin, Zinoviev. Cá e lá, cérebros atentos se esforçavam em medir as forças em presença, em pesar as chances. Pareciam mínimas. E eles viam fechar-se sobre as fronteiras do antigo grão-ducado de Moscovia - do século XVI - o círculo de morte da contra-revolução. - Comuna de Paris, 1905 russo, Finlândia. Parece que o proletariado só progride de derrota em derrota, bem sabem eles. Será 1919 a data nefasta? Como resistir por toda parte? Será possível não sacrificar Petrogrado? Em certo momento, essa dúvida foi muito forte. Diz-se que ela chegou a dominar até mesmo Illitch. Zinoviev queria resistir. Enquanto isso, o trem de Trotsky rodava em direção da cidade em perigo.

Naqueles dias, meu amigo M. esteve com Lenin. Vladimir Illitch estava com sua cara rude e calma de sempre, seu riso habitual, curto, jovial e brincalhão: "Pois, então", disse-lhe ele, dando uma risada vitoriosa, "voltaremos à atividade clandestina!"

Dois trens repletos de filhos dos nossos, que os carrascos não poupavam por causa da valentia dos pais e das mães, partiram para Vologda, Perm, Ekaterinburgo e Votkinsk. Há camaradas que se preparam para permanecer, se Petrogrado cair, para ali começar imediatamente a atividade ilegal. Munem-se de passaportes do antigo regime. Outros examinam o mapa, projetam vagamente, caso a batalha nas ruas resulte mal, se se pode transpor o Neva, se... uma retirada arriscada, a pé, sem víveres, ao longo do rio, sem saber bem para onde...

UM ARTIGO DE TROTSKY

Nessa noite, os *Izvestia* publicam um artigo de fundo de L. Trotsky: *Petrogrado Defende-se Também Internamente*. Duas colunas de fria argumentação lógica, terrivelmente lógica e clara.

Ao lê-lo, recorro sua voz metálica, seu gesto uniforme, seu elevado porte militar voluntariamente muito simples, a energia concentrada, segura de si, imperturbável, que emana de toda a sua pessoa. Ninguém, se não ele, poderia escrever esse artigo, escrevê-lo desse modo, simplesmente, duramente, firmemente.

Do ponto de vista militar, afirma, a coisa mais vantajosa, no momento, seria atrair o inimigo para dentro da cidade e combatê-lo aqui. Com o sistema telefônico e telegráfico em nossas mãos, os pontos estratégicos fortificados e defendidos com a ajuda da população operária, Petrogrado, com seu labirinto de ruas, seus canais, suas casas transformadas em fortalezas ou abrigando emboscadas, seria o túmulo do pequeno exército branco. Há algumas linhas em que a questão é poupar as riquezas artísticas e as vítimas inocentes, "cujo sangue, em todo caso, não recaliria sobre nós", mas a conclusão não é equívoca. Se o exército regular não consegue cumprir sua tarefa, Petrogrado deverá se defender a si mesma, dentro de seus muros. "Prepare-se Petrogrado! Talvez ainda lhe caiba escrever, nestes dias de outubro, a página mais gloriosa de sua história!"

Quando um chefe de exército escreve uma coisa assim, o habitante medroso, habituado com o otimismo de comando das autoridades, leva tudo pelo pior. Esta noite, a atmosfera se carrega de inquietação. Acabo de ler esse artigo em um número dos *Izvestia*, afixado na Perspectiva Nevski.

Forma-se um grande ajuntamento silencioso diante do cartaz. De repente, nós nos assustamos: temos a impressão que, em algum lugar, atrás do Gostinny Dvor, do outro lado do aterro, uma bomba acaba de estourar. Não passou, porém, de um susto que não perturba ninguém. A noite desce cinzenta, com uma chuva enfadonha.

Entre os habitantes, as conversas revelam um começo de pânico. Dizem que aviões acabam de bombardear Smolny; diz-se que uma bomba destruiu uma casa na Sadovaya. Na

da disso é verdade. De onde vêm estes boatos? Nascem inconscientemente do medo, da superexcitação da imaginação popular e se propagam de boca em boca, inconscientemente aumentados e deformados.

A organização da defesa interna surgiu imediatamente. Para criá-la, bastou servir-se da estrutura do Partido Comunista, mobilizar quadros e efetivos, coisa que se faz em poucas horas. Graças ao recenseamento exato das forças, à centralização das iniciativas, à justaposição precisa do mecanismo do partido e do governo, todas as energias da cidade se desviaram de suas atividades costumeiras para se concentrar numa tarefa exclusiva: a preparação para o combate dentro da cidade, que defenderemos de rua em rua, de casa em casa. Junto ao comitê do partido de cada setor da cidade - os distritos - constituem-se os *Troiki*, Comitês de Três, investidos de plenos poderes para a defesa do setor. O presidente da *Troika* é o chefe militar do setor. Nas sedes do partido, a atividade se intensifica febrilmente; porém, coisa estranha, quase não se ouve mais o crepitar costumeiro das máquinas de escrever...

PETROGRADO À NOITE

Às 8 horas, as ruas estão mortas. Porém, quantas patrulhas, quantas sentinelas, quanta vigilância! A defesa interna é bem feita. Em cada esquina, aos dois ou três, homens e mulheres da milícia verificam incansavelmente os salvo-condutos especiais que permitem circular após a hora legal. Depois, patrulhas de soldados de rostos infantis e ferozes sob as grandes *papakhas* brancas.

Aos dois e três, os comunistas também patrulham, verificando todo o serviço de manutenção da ordem. São principalmente mulheres, operários e funcionários.

E as motocicletas roncam. O brilho súbito de um farol de acetileno me ofusca por um momento. A moto parou à beira da calçada; sobre ela, dois homens vestidos de couro negro, armados de longas pistolas Mauser, presas a seus cintos dentro de coldres de madeira. Um deles deve ser o chefe do serviço de manutenção da ordem interna, pois interroga rapidamente os milicianos...

Para que esse excesso de precauções? Isso me parece supérfluo dentro da calma absoluta da noite. Nenhuma luz

nas janelas das grandes casas de pedra, muito escuras, muito altas. Ninguém nas ruas, a não ser camaradas do partido que chegam ou retornam do serviço. Somos milhares e milhares, armados, organizados para defender a revolução. Sentimo-nos a força viva, a única força. Será que, nesta cidade escura, morta, silenciosa, o inimigo também nos espreita?

OS COMUNISTAS

... Três horas, 4 horas da manhã. Súbito, o ar estremece com o estrondo mais próximo do canhão. Uma detonação curta fez arrepiar todos os que dormem, nas moradias escuras, ameaçados. Ah! é um suspiro geral de alívio. Pois a expectativa oprimia. Está decidido, portanto. Será a batalha, o sangue no chão da rua, barricadas, a Comuna de pé, que não matarão sem pagar um alto preço!

Troa o canhão, próximo, bem próximo, em fortes tiros a espaços de alguns minutos. Os vidros das janelas estremecem. Podia-se pensar que é possível ouvir a respiração dos possantes monstros de aço. Debruço-me à janela. A cada detonação, grandes clarões brancos se erguem no céu negro, na direção do porto. Sem dúvida é nossa frota que atira. Portanto, o inimigo se aproxima, talvez já esteja às portas de Narva, no distrito de Peterhof... Eis, então, a batalha dentro da cidade!

Anteontem à noite, antes que se houvesse divulgado o enorme perigo, um camarada, conhecido membro do soviete, viera a nossa casa e havíamos previsto juntos estes graves momentos. Agora, que caminho rapidamente pelas ruas calmas na direção dos clarões e estrondos do canhão, eu o revejo, nervoso, agitado, o gesto um pouco brusco, com sua bela cabeleira desgrenhada e seus pequenos olhos abatidos, fatigados, penetrantes, de um homem profundamente marcado pela luta clandestina, pela prisão, pelas galés, pela tumultos, pelo poder. É um amante apaixonado de livros, de jóias, de estatuetas, de medalhas, de que sua casa está cheia. Percebi muito bem que, à idéia de perder suas coleções e seus livros, um arrepio de desespero lhe atravessava a alma e a carne.

Nervoso, com um riso sinistro, ele me disse: "Pois bem! abandonaremos os livros, pegaremos o fuzil", e entusiasman-

do-se cada vez mais, o gesto febril: "Se for preciso entregar a eles a Petrogrado vermelha, proponho que lhe ponhamos fogo, que a façamos explodir, que a reduzamos a um monte de pedras! Cortar os encanamentos de água, mandar para os ares pontes e usinas elétricas, defender cada quarteirão, cada casa, pedra por pedra! Fazer com que nos matem até o último homem, mas que o mundo saiba o quanto lhes custou vencer-nos!" E a idéia dos "neutros", dos "inocentes" sequer nos passou pela cabeça. Não há mais neutros. Os que se calam estão com o passado, contra o futuro...

... No comitê do partido de um dos setores da cidade. É na frente do teatro Marinsky, num pequeno prédio de um andar do qual todas as janelas estão iluminadas. Quando me aproximo, uma silhueta estranha se ergue diante de mim. Chapéu de feltro mole, sobretudo com a gola erguida, apertado por um cinturão de cartucheiras; por sobre o ombro, a baioneta. O homem se aproxima, a lente de seu pincene rebrilha. Reconheço N..., grande leitor e escrevinhador diante do Eterno, caráter singular de revoltado obstinado; polonês ou finlandês, conhecendo oito línguas, teólogo, jurista, literato, anarquista, marxista, lá sei eu? Saudamo-nos. Observo que há um livro grande no bolso de seu sobretudo, sob a coroa do fuzil.

"Que é que você está lendo?"

- Poincaré, *La valeur de la science...*

- Ah, sim! *La valeur de la science...*"

Nos porões do comitê, entrevejo homens inteiramente vestidos, armados, calçados, deitados em seus catre, prontos a saltar ao primeiro chamado... Observo-os por um momento, esses *communards* que dormem, tão cansados que nem a idéia da hora que se aproxima é bastante para mantê-los despertos. À sua porta, o sentinela de vigia me observa com ar severo e só se tranqüiliza depois que lhe mostro meu cartão de membro do partido. A onipresença misteriosa do inimigo se revela assim nos menores gestos.

Os homens estão em seus postos de combate, ou repousam; as mulheres é que fazem o serviço da noite, garantindo as ligações telefônicas, prontas para qualquer tarefa. Uma vinte delas estão ali, naqueles grandes cômodos em que paira o odor concentrado de cigarros apagados, de couro, de tinta de escrever. Fuzis a um canto. Sobre todas as mesas, pilhas de pastas, de papéis, mapas, revólveres, pequenas caixas de cartuchos. Envoltas em seus casacos, algumas jovens dormem sobre um divã.

Outras duas falam baixinho enquanto abrem um envelope de cartas que pegaram em algum lugar. Uma é bem jovem, a tez fresca, grandes olheiras de uma fadiga tonível... É nossa secretária: sequer tem dormido estes dias. É o canhão

que não pára de troar a faz sorrir. Ela me conta que, no ano anterior, durante uma noite de batalha semelhante, em Pskov, deu à luz seu primogênito.

O canhão que se ouve é o nosso. Uma hora atrás, a situação era trágica, agora está recuperada.

V. R. Menjinskaia, colaboradora de Lunatcharsky no Comissariado para a Instrução Popular, está ao telefone. Ergue para mim seu rosto regular e fino, envolto numa auréola de cabelos brancos, e me explica que um contra-ataque dos aspirantes (*kursanti*) acaba de retomar Serguievo, perto de Peterhof... Duas horas antes, uma mensagem telefônica do Smolny transmitira a todos os comitês a ordem de fazer rapidamente os últimos preparativos para o combate, pois o inimigo podia irromper na cidade de um momento para outro... O estado-maior da cidade armada deixou Ligovo e ocupa as docas do Báltico. Aqui mesmo, uma pequena mulher de casaco de pele examina muito atentamente uma pistola *browning*. Ela se volta. Reconheci os olhos vivos de Lina, comissária para a Previdência Social.

Tenho a impressão de que não ficaria nada surpreso se visse entrar nesta sala, de boné vermelho na cabeça, armado com a lança dos setores mais plebeus da Comuna, algum *sans-culotte* amigo de Hébert ou de Jacques Roux. Pois não estou eu no Clube dos Jacobinos? É o tempo do Terror, é o tempo da Vendéia: o Inglês nos faz uma guerra de morte...

ATITUDE DA POPULAÇÃO NEUTRA

O canhão continua a troar. De volta, passo por perto de um grupo de pessoas que conversam diante de uma porta. São sem dúvida locatários "de guarda" nas portas de duas casas vizinhas. Um soldado, com uma bandagem no rosto, uma mulher que traz um lenço colorido no pescoço, um *dvornik* (porteiro) e mais alguém. Falam da batalha em andamento, sem saber se o canhão que se está ouvindo é nosso ou do inimigo. Aproximo-me, entusiasmado, e digo: "Nós é que estamos atirando... As notícias são boas..."

Minhas palavras caem num silêncio hostil. Depois, o soldado de bandagem no rosto responde com escárnio mal disfarçado: "Pois sim, as notícias são excelentes, ninguém duvida disso!"

Então, os habitantes estão contra nós?

Os comunistas vieram maciçamente se alistar e partiram para a frente de batalha: mas são no máximo entre 12 e 15 mil, numa cidade que ainda conta com mais de 800 mil habitantes. A população operária como um todo parece ter atendido à convocação com boa vontade. Os trabalhadores também "resmugam", "mas sempre marcham", pois sabem muito bem, todos eles, por instinto, que se trata deles e de sua causa. De Schlüsselburg, quase toda a população masculina válida veio em nossa ajuda. Mas, e o "habitante"? Mas, e a multidão cinza dessas milhares de pessoas que não são nem operários, nem ricos, nem pobres, nem revolucionários, nem absolutamente ignorantes, nem verdadeiramente instruídos - a multidão dos que vivem numa capital de pequenos ganhos, de funções subalternas, de negócio, de indústria -, e que a revolução, subitamente, privou tanto de sua razão de ser quanto de seus meios de subsistência?

São contra o comunismo, sei há muito tempo. Utópico, absurdo, arbitrário de seu ponto de vista, eles o condenam sem apelação. E sua má-vontade generalizada não é das menores causas de nossas misérias. Mas será que desejam a vitória dos brancos?

Escutei, perguntei. Não. Eles queriam uma mudança, o fim do execrado bolchevismo, mas não o antigo regime, não um novo terror branco. Apenas, crêem na vitória de Yudenitch como num fato muito provável. Um intelectual, engenheiro, me disse exatamente o que pensava: "Em 24 horas, os brancos podem estar aqui sem encontrar nenhuma resistência séria. Não se lutará na cidade. A metade dos comunistas só se inscreveu no partido por interesse. Eles fugirão. Haverá apenas alguns casos de resistência isolada. Petrogrado é um fruto maduro que cai sozinho na mão estendida para apanhá-lo /.../. A população aclamará cegamente aquele que lhe der pão branco /.../."

À primeira vista, essas coisas, ditas num tom positivo, têm muito peso. Ora, elas não explicam senão o erro desses intelectuais, professores, engenheiros, homens de negócios que, como depois viemos a saber, naquele mesmo momento organizavam o governo provisório da Petrogrado branca - e iriam ser fuzilados menos de um mês depois!

Como quase todos os raciocínios positivos demais, este é falso. É o raciocínio de pessoas que, não possuindo convicção nem fé alguma, são incapazes de conceber o poderio de uma classe que atingiu a consciência, e de compreender que a história é irreversível, que não se pode fazer remontar seu curso, que os princípios novos constituem forças...

O habitante indiferente e hostil, ainda que dez vezes mais numeroso que o proletariado comunista, não vale nada, pois é o passado, não possui um ideal. Nós - os vermelhos -,

apesar da fome, dos erros - até mesmo dos crimes -, nós caminhamos na direção da cidade futura.

CONFUSÃO, IMPROVISACÃO, DÚVIDA, INQUIETAÇÃO

Tenho essa grande confiança. No entanto, quanto ao perigo imediato, eis que me sinto abalado. Muita improvisação infeliz ou desajeitada, muita desordem acabam me dando a impressão de véspera de derrota. O sistema de ligação e de informação funciona de maneira deplorável. Os jornais só publicam os comunicados doze horas depois do fato já ser público; além disso, há uma porção de coisas que não dizem e são precisamente as que mais importam, as que permitiriam avaliar o perigo.

No que se poderia chamar de as "esferas dirigentes", em torno do Comitê Executivo do soviete e dos comitês do partido, não se sabe quase nada. Terrível jornada!

Ao chegar de manhã ao estado-maior da praça - que ocupava na rua Gogol uma grande casa de pedra cinzenta, outrora propriedade de uma companhia de seguros -, dou com a calçada atulhada de móveis, de papel empacotado, de embrulhos. Datilógrafos, mensageiros e ordenanças se comprimem no corredor, carregando móveis e pacotes. Caminhões arrancam com grande estrondo de motores, entre nuvens de fumaça asfíxiante... O estado-maior está de mudança. Vai se instalar em Pedro e Paulo, certamente em maior segurança, na velha fortaleza do tzar.

Por acaso, encontro numa escada o engenheiro Krassin. Grande, envergando um terno cinza, de colarinho falso e punhos, correto, elegante mesmo. O rosto envelhecido, de traços bem marcados que já foram belos, sério, parece um homem de negócios de Paris ou de Londres... O que há de novo? pergunto sem pensar. Ninguém sabe nada dos acontecimentos da noite. A "ligação" já está em Pedro-e-Paulo...

Lá, porém, a confusão da mudança ainda é pior. Para encontrar uma certa seção do estado-maior é preciso percorrer todos os edifícios separados uns dos outros por largas alamedas, por pátios cheios de árvores, de bastiões. Os cômodos estão repletos de móveis empilhados de qualquer jeito. Cartazes improvisados, com lápis azul sobre papel de

carta, indicam: seção de veículos, gabinete do comandante da praça, e outras seções mais. Mas a que centraliza as notícias e redige o comunicado, não se sabe onde está...

Nada mais se sabe também em Smolny, onde, por estar chegando do estado-maior, sou avidamente interrogado. Ninguém sabe nada de preciso - salvo, sem dúvida, o estado-maior da Defesa. Isto é fato.

A *Krasnaya Gazetta* da manhã publica que retomamos Gatchina durante a noite. De uma fonte confidencial, dizem-me que nossas tropas reocupam também Tsarkoie-Selo. Às 3 horas, fico sabendo que nada disso é verdade. O canhão reboia intermitentemente. Yudenitch continua em Gatchina.

A REPÚBLICA EM PERIGO

Yudenitch está em Gatchina... Denikin, abastecido pela Entente, pisa agora o solo da Grande Rússia. Acaba de ultrapassar Orel.

Orel, antiga cidade russa que ninguém jamais havia atingido. A partir dali, até Tula e Moscou, nenhum obstáculo natural permite uma séria resistência. Essa ofensiva vitoriosa da contra-revolução em menos de dois meses nos devastou a Criméia e a Ucrânia. Que forças a deterão? Pela primeira vez, Trotsky se enganou.

Nossa defensiva da Sibéria sente os efeitos disso. Crelo que tivemos de retirar os melhores contingentes das tropas da frente de batalha oriental para lançá-los na frente sul. Será que chegarão a tempo?

O almirante Koltchak, derrotado nos Urais, reanima-se ao perceber que enfraquecemos. Acaba de nos expulsar de Tobolsk. Essas são as notícias de hoje. Yudenitch em Gatchina, Denikin em Orel, Koltchak em Tobolsk. Foi desencadeado o assalto contra a Comuna russa. Para quem sabe da fome, da enorme fadiga das multidões, o perigo parece enorme. Desde os dias de Brest-Litovsk, a Rússia socialista não experimentou ameaça comparável à deste momento...

Sensação de grande depressão! A fatalidade sinistra dos acontecimentos, o perigo por toda parte, a guerra se voltando contra nós em todas as frentes, e aqui, na expectativa da batalha nas ruas, a confusão, a improvisação, a falta de comunicação, todos os pequenos erros, todas as negligências e as inércias preparando, talvez, um terrível desastre...

...Certamente, poderíamos lutar nas ruas. Mas com pão para um dia ou dois *no máximo*, sem provisão de boca na casa dos habitantes, quase sem eletricidade, que luta seria essa?

Os preços dos alimentos deram um salto. Anoto: farinha, 300 rublos a libra (de 400 g); pão, de 90 a 120 rublos a libra; batatas, de 60 a 90 rublos; a dúzia de ovos vale hoje 600 rublos.

O SOVIETE

Passaram-se duas ou três noites de alertas. Habitamos com a iminência do perigo. Trabalhou-se intensamente na defesa da cidade, que está coberta de fortificações. Este domingo (28 de outubro), ela não assumiu seu aspecto dominical, sombrio e severo. Os bondes circulam, as pessoas andam apressadas, soldados, formando numerosas tropas, vão e vêm ao longo da Sadovaia e da Nevsky. Trotsky e Zinoviev falam à tarde, diante do soviete, sobre a situação militar.

O salão do palácio de Taurida - onde se comprimiram tantas multidões, onde tantas palavras trágicas e tantos pensamentos trágicos levantaram vôo - parece estar sob uma neblina. Do teto envidraçado desce uma luz de outono triste, branca, sem brilho. O anfiteatro com atriis vermelhos, colunas dóricas, sóbria ornamentação de estilo dórico em tons de amarelo, até mesmo a multidão de deputados operários e soldados "vermelhos", tudo está imerso numa atmosfera acinzentada.

Os dois tribunos chegaram, sendo discretamente aplaudidos. Zinoviev, lento, grave, cansado e pálido, com sua cabeçorra de cabelos curtos encaracolados. Trotsky, esguio, ereto - dando sempre a mesma impressão de tenso vigor - a testa erguida...

Zinoviev expõe sobre a situação militar nas cercanias da cidade. Somos superiores em número e em armamento. Mas estamos diante de grupos inimigos aguerridos, treinados, audaciosos, conduzidos por antigos oficiais que conhecem a fundo o terreno. Eles têm condições - e essa possibilidade não está de modo algum excluída e foi acentuada - de chegar a forçar a entrada na cidade. Não conseguirão, de modo algum, aqui se manter contra nós. Zinoviev dirige aos

ferroviários a amarga censura por não terem feito tudo o que poderiam para facilitar os movimentos de tropas e o abastecimento.

Depois dele, Trotsky examina, no conjunto, a situação da república. Não argumenta, simplesmente cita fatos dos quais deduz as conseqüências. Na frente de batalha do sul anuncia para breve uma virada da situação. Aqui, venceremos, sem dúvida alguma. Mas que Petrogrado esteja preparada para tudo!

Não há, nesses discursos, frases dirigidas por intermédio do soviete à população operária. Elas são "oficiais", sem dúvida: porém, não encontro nelas o otimismo e a mentira oficiais tão utilizados em outros países "mais cultos". Ao contrário: para melhor exigir o grande esforço que se impõe, parece-me que se salienta o perigo de propósito...

O soviete está disperso. Inúmeros de seus membros se encontram na frente de combate. Muitos deles de túnica militares, de roupas de couro ou de pele, revólver no cinto. Moças, operários, soldados, *bashkirs*. Nenhum rosto de intelectual. Quem está ali é mesmo o povo, aquele que sofre, se cansa, trabalha, luta, o povo de mãos calosas e gretadas, o povo deselegante, rude, meio violento, de gestos grosseiros, fisionomias não refinadas pela civilização. Ninguém pede a palavra para replicar ou para perguntar. Não é o momento de deliberações; aliás, o soviete não delibera nada, não tem nada de parlamentar: do modo como é agora, é, em resumo, um sistema muito simples de consulta popular e de ditadura. As mãos erguidas, quase unanimemente, aprovam a resolução - sóbria e concisa - lida por Zinoviev. Ela pode ser resumida em quatro palavras: "Luta a todo transe".

No entanto, a assembléia não é inerte. Esta aprovação, só ela, seria inquietante. Eis, porém, que na hora de sair alguém gritou: *A Internacional!* O salão todo de pé, cabeças descobertas, duas mil vezes masculinas entoando o canto da "luta final"...

Muitas vezes já o ouvi, cantado por multidões, mas creio jamais ter visto rostos como estes, firmes apesar das marcas deixadas pela canseira, a pele desgastada e empalidecida por estes tempos de miséria. À minha frente, um homem agarra com mãos enormes e musculosas o encosto de uma cadeira de deputado e, enquanto canta, observo seu rosto rude, as veias salientes de seu pescoço, seus ombros atléticos. Aí estão jovens comunistas de cabelos aparados, soldados jovens e velhos que provavelmente vieram da frente de batalha, homens que não se saberia dizer se são ou não soldados, tão estranhas são as roupas que usam...

Todos cantam. Cada um dos que aqui estão sabe que esta noite, talvez, estará lutando na porta de sua casa, será morto, talvez; que se o prenderem vivo será enforcado, fuzi-

lado ou torturado; que a cidade só possui pão para 24 horas; que as maiores potências do mundo, a Entente, os Estados Unidos, desejam *sua morte* e a morte de todos os seus semelhantes. Por isso é que são tão puros, tão dignos, de pé, descobertos, armados, erguendo sua voz em uníssono, com tão grande fervor...

Multidão humilde, eles têm a fé, a vontade, a indomável energia interior das massas nascidas para a vida espiritual. Deviam ser como estes os "cabeças redondas"* de Cromwell, que fundaram a república da Inglaterra, os puritanos e os *quakers* que ergueram suas casas no lugar em que, mais tarde, iriam nascer as opulentas metrópoles dos Estados Unidos, os protestantes entusiastas e estóicos que, no século XVI, ensaiaram, por toda a Europa, uma revolução moral e social.

Lentamente, ao ritmo da cantoria, a multidão sai do palácio de Taurida. Fico pensando nas raças viris a quem cabe, na história, o papel de recomeçar, sobre as bases de uma nova consciência, a obra humana; de fazer dar um passo na direção da justiça entre os homens... Raças eleitas, invencíveis e sacrificadas. Ah! bem compreendo que te admirem e também que te odeiem, povo russo, a quem não afligem nem a miséria, nem o medo, e que vais, com todo o ímpeto de tua força imensa, com tua imensa capacidade de sofrer, com tua paciência, tua perseverança, teu fervor, teu bom senso primitivo, rumo a um fim tão grande - e ainda tão longínquo - que os fracos e os covardes não reconhecem, em que os desiludidos não crêem mais, de que os cétricos se riem, e que é temido pelos mais poderosos deste mundo...

A FORÇA MORAL

Enesses homens, sente-se isso profundamente em certos momentos, apenas neles, em toda a vasta Rússia, é que reside a *força moral*. Desorganização, confusão, privações materiais e fadiga são fatores que atuam de modo igual de ambos os lados da barricada. Mas a consciência de um grande objetivo, a vontade de vencer, a resolução de fazer de tudo para vencer e de não recuar diante de

* "Cabeças redondas": apelido dado, em 1648, aos partidários do parlamento, que usavam cabelos curtos, enquanto os cavaleiros, partidários de Carlos I, tinham, cabelos longos e encaracolados.

nenhum sacrifício, numa palavra: a *força moral*, o idealismo de uma nova fé, esse fator decisivo atua somente entre nós, a nosso favor. Por isso é que os vermelhos são os mais fortes - para sempre. Em sua luta eterna contra o Negro e o Cinza (a imagem é de Gorki), o Vermelho, cor do sangue, da chama, do ardor e da vida, necessariamente triunfará. Oficiais instruídos e disciplinados, dispondo de recursos financeiros, donos da rebuscada técnica da guerra moderna, podem arremessar contra nós, sob ameaça de morte, bandos amedrontados de soldados - prisioneiros - ou lançar contra nós malthas de cossacos bêbados...

O que não podem conseguir por nenhum preço é que jovens moços e moças, portadores do pequeno cartão encapado de tecido pardo, distribuído pelo PK - *Parteyni Komitet* - comunista, enverguem voluntariamente a túnica de couro e se vão para o combate cantando *A Internacional*.

Eles não têm ideal, são de uma classe em decadência, que está terminando sua tarefa e precisa ser substituída; nós somos o substituto que chega; por isso é que eles não podem vencer, podem apenas matar...

Comunistas, operários, soldados e administradores improvisados trabalham agora com uma diligência febril. Em quatro dias, chegou ajuda de todos os cantos da Rússia. O radiograma emitido por Zinoviev, que dizia simplesmente: "Petrogrado em perigo!", obteve resposta de toda parte. Os trens de abastecimento, que se dirigiam para diferentes pontos do país, vieram - sem esperar qualquer instrução especial - descarregar seus estoques de víveres na estação de Nikolas; de Tcherepovetz, de Novgorod, de Moscou, de Schlüsselburg, acorreram operários e comunistas, enquanto divisões regulares do exército vermelho chegavam por todas as estradas livres. Executou-se o mais intenso trabalho de organização sob fogo do inimigo, dirigido pela vontade de Trotsky. Agora que passou a surpresa do primeiro momento, compreende-se que o inimigo não pode mais vencer, que a cada hora que passa diminuem suas chances...

No entanto, nossas tropas recuaram até as colinas de Pul-kovo, etapa derradeira. Se elas cedessem a uma nova investida, seria então nos subúrbios que se combateria. E as vizinhanças das docas de Varsóvia e da entrada de Narva se fortificam na previsão de um revés. Casas são transformadas em fortalezas, outras são evacuadas ou derrubadas para não atrapalhar o tiro desses fortins feitos de pedras de calçamento, lenha e sacos de terra, erguidos nos cruzamentos e dominando as ruas... Porém, uma proclamação de Trotsky aos soldados vermelhos, aos comandantes e aos comissários lhes ordena que passem à ofensiva e lhes anuncia - palavra mágica - a entrada em ação de nossos tanques. A neutralização do ataque inimigo, afirma Trotsky, é um presságio de

vitória. Isso deve ser verdade: não se toma uma cidade que resiste dessa maneira.

Toda Petrogrado dá impressão de intensa atividade. Fortins e barricadas brotam do chão. No Campo de Marte, em torno dos túmulos dos Sacrificados da Revolução, grupos de homens e de mulheres trabalham sob a chuva, cavando trincheiras. Diante da fortaleza de Pedro-e-Paulo, na entrada da ponte da Trindade (*Troitsky*), as trincheiras estão prontas, construídas com todo o cuidado, até mesmo oferecendo aos eventuais atiradores um lugar especial para firmar os cotovelos. Alguns metros à frente, operárias estendem fios de arame farpado.

Dessas barreiras de madeira, em que se cruzam uma trama de arame farpado, foi feito grande número nas hortas de Smolny. Há delas por toda parte, para obstruir todas as artérias importantes. Em 15 minutos, elas podem ser fincadas entre as pedras das ruas... Aqui e ali, pelas ruas, grupos de trabalhadores, homens e mulheres, transportam sacos de terra ou de achas de lenha. Sobretudo à noite, em certos pontos, as corvéias se multiplicam. Corvéias, infelizmente: os comunistas não eram suficientes para o que havia para fazer, e foi necessário requisitar a mão-de-obra dos habitantes e os Comitês da Pobreza Domiciliar tiveram, cada um, de fornecer algumas pessoas...

A Perspectiva Nevsky quase mantém seu aspecto habitual. O movimento aumentou ali. Mas ao se aproximar dos jardins do Almirantado, descobre-se, por trás das grades, habilmente dissimulada por uma cortina de arbustos, a barragem de terra de um fortim e a boca de um canhão apontado para o aterro. Mais adiante, na esquina da Sadovaia, foram aproveitadas as arcadas do Gostinny-Dvor, outrora bazar e centro do comércio local, para instalar um posto cercado de sacos de terra por todos os lados. A emboscada ameaça o cruzamento de três lados.

Na outra extremidade da Nevsky, na Praça Znamenskaia, nada se percebe à primeira vista. A grande estátua de bronze de Alexandre II ergue-se imponente diante das docas. Enorme, pesado, o cavaleiro poderoso, de maxilar proeminente, sombrio, a cabeça baixa, esporeia seu pequeno e gordo animal que, visivelmente, não consegue mais caminhar... Grande ironista, esse escultor, príncipe Trubetskoi, que ergueu, em plena Petersburgo Imperial, esse símbolo da autocracia inerte, melancolicamente detido à beira do abismo, pesado e sem força!... Hoje, o símbolo tem um comentário significativo. Atrás e à esquerda da estátua, há um abrigo cavado no chão da praça, cercado de uma pequena barricada baixa de pedra e madeira. Ali, um canhão mirando ao comprido a Ligovskaia, por onde o inimigo deveria surgir, se entrasse na cidade...

LEV DAVIDOVITCH TROTSKY

Na Perspectiva Nevsky, dois automóveis surgem e se detêm, devido a um congestionamento. Entre os transeuntes, breve troca de sinais. Um nome passa de boca em boca. São dois automóveis em capota. De início, observei o segundo deles, grande e bonito, com seus assentos escuros, estofados, confortáveis. Ali se encontravam seis ou oito homens em trajes de couro preto, fuzis entre as mãos. Chocou-me o que traziam à cabeça: era uma espécie de boné de feltro, ou cobeito do forte tecido verde do uniforme, terminando numa ponta alta arredondada enfeitada com a grande estrela vermelha de cinco pontas. Lembrava o que usavam guerreiros eslavos dos tempos heróicos (mas que tempos foram mais heróicos do que estes?).

Trotsky, disseram. Então o percebi no primeiro carro, com um boné igual, caindo sobre os olhos, e o capote cinzento do exército. Ele é reconhecível à primeira vista pela ruga da testa, pelo lornhão por detrás do qual se esconde o olhar negro e vivo, pelo pequeno bigode, pela barbicha negra.

Naquele momento, tinha o sobrececho franzido, a expressão severa, um pouco aborrecida... Conheço bem sua atividade impressionante, as noites passadas em Smolny com o Comitê Executivo do soviete em sessão permanente, suas longas incursões à frente de batalha e as histórias autênticas que mais tarde se tornarão lendárias. Em algum lugar no sul, durante a incursão de cavalaria do general Mamontov - que recentemente devastou Tambov, Koslov e Eletz - seu trem foi cercado por um grupo de cossacos, teve que lutar contra eles e saiu vitorioso... Estes dias, na frente de batalha, Lev Davidovitch se deitava nas trincheiras na linha de frente. Aconteceu de ele chegar de automóvel durante uma derrota dos vermelhos. O inimigo progredia, nossos homens debandavam. Lev Davidovitch montou a cavalo e forçou os fugitivos contra o inimigo - ou ele mesmo os levou de volta ao ataque, não sei bem. Até se censura essa valentia pessoal, de fato imprudente para um organizador e para um chefe...

O que haverá de imaginação popular nessas histórias que correm de boca em boca? Não importa. Se todos estes pormenores não são exatos, outros análogos que não conhecemos certamente o serão. Este homem é o organizador de

um exército de revolução. Exército que ele tirou do nada: do nada das multidões caóticas de soldados revoltados contra a guerra, que tomavam à força os trens e, voltando a ser camponeses, regressavam irresistivelmente para a terra...

Multi-personalidade, espantosa e forte que ninguém presentia nesse jornalista, teórico e agitador, cuja fisionomia típica de intelectual se mostra hoje tão forte.

Essa testa erguida, essa postura um pouco rígida de cabeça, talvez forçada - para comandar, é preciso manter-se ereto, a cabeça levantada, todas as fadigas antigas sacudidas com um movimento enérgico de ombros - essa boca delgada e potente de ave de rapina sobre o queixo que, em repouso, parece curto demais; as três vírgulas, bigode e barbicha, acentuando esse rosto de expressão mefistofélica... Lembro-me do gesto largo, preciso, afirmativo, imperativo do orador, de sua voz que destaca as frases do mesmo modo que se martela um metal flexível, produzindo um som claro; de sua ironia ameaçadora que dá a impressão de um golpe de espada desferido no invisível e acertando no alvo.

Não gostaria de exagerar. Os chefes se impõem a mim, não desejo idolatrá-los. Vejo neles os primeiros servidores do proletariado, aqueles a quem se deve seguir e, também, aqueles a quem se deve sempre olhar cara a cara, com olhos de homem livre. Mas tenho a impressão que Petrogrado sentiu-se verdadeiramente salva depois que esse chefe chegou.

A LEI DE FERRO

Lev Davidovitch Trotsky é hoje, aqui, a alma da resistência. Se as ondas de ataque voltam a se formar a algumas léguas daqui e se põem metodicamente em movimento, se os trens de carne, de munição, se todas as forças do pobre país exaurido se aplicam, se organizam e são empregadas com método para vencer, assim o fazem canalizadas por sua inteligência e dirigidas por sua vontade. Ofício trabalhoso! Frentes de batalha da Sibéria, da Ucrânia, da Polônia e da Lituânia, de Petrogrado, de Karélia, de Arkhangel... Frente de combate da guerra civil interna. Trabalhoso ofício o do homem que deve pensar em tudo e que deve, sendo revolucionário, agir impiedosamente. Esta tarde, li uma ordem assinada por Trotsky, mandando deter imedia-

tamente e tratar como reféns as famílias dos oficiais e soldados vermelhos que se passam para o inimigo. Seguiam-se os nomes. Foram detidas hoje Marfa Andreevna e sua filha Vera, mulher e filha de Fulano, traidor que se passou para o inimigo...

Matar ou ser morto: a Comuna que inscreve em suas bandeiras idéias tão luminosas, a Comuna também conhece essa antiga lei de ferro.

EM PEDRO E PAULO

Transpusemos a ponte da Trindade. De ambos os lados o Neva se alarga fazendo rolar sua corrente cor do mar. Na frente, abre-se a Perspectiva Kamenoostrovsky, margeada de ricas casas ajardinadas, expropriadas. Por aqui, em algum lugar, no palacete de uma dançarina, favorita imperial, trabalhou Vladimir Ilitch, esperando o momento de dar o sinal do fim de uma sociedade. Eis os baixos campanários azuis, estilo chinês, de uma pequena igreja que data do tempo de Pedro, o Grande: quando ela foi construída, a cidade ainda não existia. Mais longe, enorme safira pousada sobre as copas das árvores, a cúpula da mesquita, com os minaretes como pontos de exclamação. Nossa bela cidade!

Transpõe-se a ponte levadiça, passa-se sob um feio pórtico de tijolos vermelhos, bem guardado. Inicia-se uma alameda com uma fileira dupla de velhas árvores e de velhos corpos de guarda de um pavimento, fachadas amarelas que poder-se-ia crer serem pacíficas moradas de camponeses. Recanto idílico. Estamos no interior da fortaleza Pedro e Paulo. Tudo quanto a Rússia teve, de um século para cá, de espíritos valorosos, de corações batendo de juventude, passou por esta alameda a caminho da prisão, dos trabalhos forçados, da tortura, da morte. Os nomes me vêm à memória misturados: os Decabristas, Netchaev, Tchernytchevsky, Bakunin, Lavrov, os Narodovolsi, Kaliaev, um irmão de Lenin que foi enforcado. O campanário dourado da igreja domina impassível todas essas lembranças. Quantos olhos, a vida perdida, terão sido atraídos para ele durante os curtos passeios da prisão?

Tudo se paga! Grão-duques, generais, almirantes, banqueiros, plutocratas, ministros, dignatários, toda uma multidão ontem opulenta e cumulada de honras passou por aqui, derrotada, suja, envergonhada, lamentável, antes de lhe ser aplicada a lei implacável que nos ensinou...

Agora, numa dessas construções simples, onde os quartos são exíguos, os corredores tão estreitos que não é possível duas pessoas passarem de frente, no cômodo maior vi trabalhando Avrov, nosso comandante da praça. Em volta de sua escrivaninha, uma tela de baterias telefônicas, cujas campainhas irritantes não cessam de tocar. Avrov é jovem. Trinta e cinco anos, talvez. Rosto franco, largo no alto e acabando em ponta no queixo anguloso. Rosto de traços finos, tipo camponês refinado. Suas pupilas me pareceram cinzentas. Não sei mais se, enquanto falamos, elas se fixaram em mim. Gotas de suor lhe escorriam das têmporas sobre as veias inchadas. O colarinho da túnica estava desabotoado como se o homem, para quem o comando se tomava uma tarefa física dura, lutasse contra uma sensação de sufocação. É a cidade, pensei, que a cada pulsação de suas veias ele sente sufocar-se...

Saindo dali, um camarada me mostrou uma planta de Petrogrado com vários pontos assinalados com marcas de lápis azul. Essa planta foi tomada uma noite destas a 15 minutos deste estado-maior. Os pontos marcados indicam onde o inimigo interno pretendia nos atacar.

A VIRADA

Essas coisas só são possíveis na Rússia. Essas coisas somente são possíveis em momento de revolução. Durante os furacões há súbitas calmarias. Eis que se faz a calma onde a tempestade estava mais violenta. Principalmente nas regiões tropicais, onde a vida intensa, ardente, febril apressa-se incessantemente a morrer e a renascer, dizem que essas bruscas mudanças são maravilhosas. A esplêndida luz do sol banha as planícies e as florestas que, um momento antes, eram atravessadas por ventos loucos, fustigadas pelos aguaceiros, sacudida pela fúria dos elementos... O imprevisto reconquista seus direitos fantásticos nas sociedades vítimas do desencadeamento de forças adversas.

*Le temps normal n'existant plus
Pour les coeurs fous et résolus
De ces foules hyperboliques.**

* Não mais existindo o tempo normal
Para os corações loucos e decididos
Dessas multidões hiperbólicas.

Esses belos versos de Verhaeren me vêm à lembrança, enquanto penso no contraste prodigioso desta vida russa de hoje com toda a vida normal da atualidade no mundo "civilizado" - ou aqui mesmo, há não mais de dois anos.

Esta manhã, dia 30, a alteração total da situação - que se esboçava de dois dias para cá - torna-se mais clara e firme. Petrogrado está salva! A república vermelha está salva! Em três extensas frentes de batalha, uma série de vitórias, de tal modo inesperadas e inexplicáveis para o profano que parecem fruto de milagre, inverteu a situação.

Kransnoie-Selo, Pavlovsk, Tsarkoie e Gatchina, nas vizinhanças de Petrogrado, foram retomadas. A partir de então, os bandos "brancos" terão de recuar apressadamente até Yamburgo ou Narva. Além disso, as comunicações estão ameaçadas pela cavalaria vermelha que, tendo reconquistado Luga, ameaça Gdov, covil até então inacessível do "exército nacional".

Da frente de guerra do sul, as notícias são semelhantes... A iniciativa das operações pertencem a nós: Orel e Voronege são retomadas, a ofensiva de Denikin está indiscutivelmente batida. As tropas vermelhas avançam sobre Kursk.

E lá ao longe, na frente de guerra da Sibéria, para além dos picos dos Urais, o exército comunista, que acaba de reconquistar Tobolsk, empreende uma ofensiva na direção de Omsk.

E somos um país faminto, esgotado por mais de cinco terríveis anos; há cerca de dois anos, estamos submetidos a um bloqueio que não permite que entre no país sequer um carregamento de linha, sequer uma lata de conserva; somos o povo mais sacrificado, mais mal nutrido, mais mal vestido, mais mal aquecido da terra. Em nossas ruas, cavalos caem e morrem de fome (e às vezes pessoas também). Para que servem os tanques ingleses e franceses, as missões militares internacionais?

Os estrategistas europeus e os políticos de gabinete que, há dois anos já, não cessam de prever, para "dentro de oito dias", o enforcamento de Lenin e de Trotsky, não compreenderão nada. Pois é psicologicamente impossível para eles compreender alguma coisa da revolução. Nutridos com a cultura burguesa "normal", incapazes de compreender as razões históricas profundas da guerra de classes em que entraram às cegas, mais incapazes ainda de conceber, com seus cérebros medíocres e seus corações ressecados, a realidade de uma vontade de classe, buscaram explicações infantis para esta nova fase do grande drama revolucionário.

Que "estados-maiores alemães" vão eles inventar para colocar à frente de nossas tropas vermelhas? Que fuzileiros chineses ou letonianos, para mandar defender Petrogrado?

Ora, um certo número do *Pravda*, cuja segunda página é totalmente dedicada aos necrológicos, fornecerá algum dia à história a chave muito simples do enigma. O *Pravda* enumera alguns dos que acabaram de tombar na frente de batalha de Petrogrado, militantes de elite em meio a multidões de heróis. É Justin Juk, operário das fábricas de Schlüsselburg, anarco-sindicalista, comissário de uma unidade, morto na fronteira finlandesa; Vladimir Mazin, intelectual, ex-menchevique, redator em *A Internacional Comunista*, comissário da 6. divisão, morto em Kípen; o operário comunista Tchekalov, e outros, e mais outros...

Todos esses, terão eles marchado porque alguém os mobilizou? Mas a mobilização, foram eles que a fizeram: há 10 anos, para alguns há 20 anos, esses homens ofereceram sua liberdade, sua vida, à obra revolucionária. Previam e aceitavam este desfecho. E quando homens como esses conduzem um povo que defende os interesses vitais, as conquistas recentemente obtidas de uma revolução social, quando eles mesmos fazem tudo, tudo: o trabalho nas fábricas, estradas de ferro, estados-maiores, escolas - e a guerra -, certamente é possível que os matem, mas não os poderão vencer.

O ESFORÇO DO PARTIDO

Como estas, observadas na rua, nestes dias difíceis, explicam muita coisa. Enquanto comunistas hesitantes desapareciam, os comitês distritais da cidade recebiam, em meio ao perigo, vários milhares de novas adesões. Pelo menos destas não se pode dizer que eram interessadas. Constituem testemunho indiscutível de devotamento e de confiança em relação ao regime dos soviets, defendido pelo partido bolchevique. E o que significavam na prática essas adesões, vim a compreender quando vi, diante da sede de um comitê, uma centena de operárias e de funcionárias modestas, vestidas pobremente como as mulheres que trabalham, enfileirar-se para uma chamada nominal, antes de partir para a frente de batalha... Para a frente de batalha, onde deviam se comportar muito bem. Assim, podem nos faltar medicamentos, ataduras, padiolas - porque isso puderam tomar de nós -, mas não nos falta a dedicação das mulheres. Ou seja, o essencial.

O partido todo despendeu um imenso esforço, com a sustentação da população operária em seu conjunto, isto é, de todos os elementos ativos da população. Este esforço e as causas sociais e morais que o determinam são a explicação de tudo. Neste momento, o partido é a única organização capaz de estimular, de canalizar e de dirigir as energias que acabam de vencer (e observe-se, aliás, essa sua situação única, ele a mantém ditatorialmente); porém, não deixa de ser verdade que elas também existem fora dele, que não representam sua força senão porque as representa com conhecimento de causa, numa palavra, que ele é apenas um dos meios da revolução, de certo modo a mais potente alavanca do proletariado. Verdade esta tão mais evidente pois a revolução se utiliza também dos adversários do partido...

O partido? Durante muito tempo tenho procurado definir seu papel em relação à classe e à revolução. Aqui, em horas como estas, esse papel se mostra com toda a clareza. O partido é, de certo modo, o sistema nervoso da classe. Ao mesmo tempo, a consciência e a organização física, atuante, de todas as forças esparsas do proletariado, que muitas vezes ignoram a si mesmas e muitas vezes permanecem latentes ou se expressam de maneira contraditória.

OS ANARQUISTAS

Este é o momento de registrar que os anarquistas, a Federação Anarquista de Petrogrado, com escasso número de militantes para poder haver dado o melhor de suas forças à múltiplas frentes de batalha e ao Partido Comunista Bolchevique, esteve, nestes dias graves, como ao tempo de Kerenski, inteiramente ao lado do partido. Não sem espírito de crítica, não sem atritos. O manifesto anarquista publicado em cartazes pela ruas começava por uma alusão - ao mesmo tempo muito merecida e terrivelmente injusta - aos "soldados, mobilizados sob vara, que debandam diante do inimigo", e convocava os revolucionários a colaborar livremente, como guerrilheiros, para a defesa de Petrogrado. E foram guerrilheiros anarquistas, organizados em dois ou três grupos de elite, cuja força vinha da estreita harmonia entre eles, os que estiveram em seus postos em primeiro lugar. Durante a primeira noite de alerta (24 ou 25 de outu-

bro), foram os anarquistas, quase os únicos a estarem perfeitamente preparados, que vieram, por curiosa ironia das circunstâncias, a ocupar, para eventualmente defendê-la, a sede do *Pravda*, cujo marxismo intransigente lhes era frequentemente hostil. Que dizer disto, senão que, diante do inimigo comum, a grande família revolucionária - onde existem tantos irmãos inimigos entre si - é uma só: senão que, nos instantes mais graves, o instinto da classe se sobrepõe aos desvios ideológicos e ao espírito sectário?

Nesses momentos de luta, as mais importantes divergências de opinião tornam-se secundárias: trata-se da própria vida da primeira sociedade socialista...

UM GESTO

No entanto, o espírito anarquista - com seus eternos impulsos em direção à utopia e suas habituais consequências práticas desastrosas - não deixa de manter os direitos sobre os seus, mesmo quando o bom senso o domina. A propósito disso, eis um episódio bem significativo.

O estado-maior do Corpo dos Voluntários Anarquistas tinha sua sede a cinco minutos do cais Nicolas, em um apartamento destruído situado no térreo de um alto edifício cinzento. Geralmente entrava quem queria nesse clube anarquista, onde o único controle que se exercia era o das relações pessoais. Quando se organizaram para a luta, veio quem quis. Vieram alguns desconhecidos. "Nós também somos anarquistas", disseram, "contra todo poder, contra toda autoridade, pela revolução total!" A grande família daquelas centenas de idealistas os acolheu sem estranhar. Eles receberam sua parte de balas e de granadas. Um dia, por acaso, alguns camaradas encontraram bombas no clube, muito provavelmente destinadas a fazê-lo ir para os ares. As suspeitas caíram sobre dois dos recém-vindos. Aqui começa o dilema absurdo entre o anarquismo e a realidade. Os suspeitos foram detidos, foram trancados. À porta do quarto que lhes servia de cela, foi colocado um sentinela armado. Foram interrogados. Foram julgados. Os anarquistas que o faziam estavam assombrados e aflitos por ter de fazê-lo. "Eis-nos *tchekistas*", diziam eles, sorrindo desolados. Percebiam a necessidade brutal de tir de sua generosa metafísica (*Não julgarás!*). Mas o caso era grave. Dois brancos confessaram -

ou praticamente o fizeram.

Executá-los? Com Makhno, não se teria levado cinco segundos para decidir. Os anarquistas de Petrogrado, para se livrar da dificuldade, adotaram a mais claudicante das decisões: decidiram remeter os dois suspeitos ao comandante militar da praça. Nenhum deles tinha dúvidas, em seu foro íntimo, de que isso faria com que fossem imediatamente fuzilados.

Meu bom camarada B. foi encarregado de conduzi-los à fortaleza de Pedro-e-Paulo. Magro, tuberculoso, intensamente ativo, atento, alerta, eloqüente, confuso, com belos olhos azuis, muito pueril e cintilante de entusiasmo, B... cumprira, em sua longa vida de revolucionário, dez anos de trabalhos forçados. Tinha uma coragem a toda prova e uma tal lealdade, que o Soviete de Petrogrado depositava nele toda a confiança. Foi ele mesmo que me contou a singular emoção que o afligiu ao ver-se, de revólver à cinta, sentado diante de dois prisioneiros pálidos, dentro do automóvel que se encaminhava para a Pedro-e-Paulo, prisão e morte desses homens.

De vez em quando olhava através das janelas do automóvel a rua por onde passavam. E eis que se lembrou do dia em que, detido ele próprio, levavam-no, do mesmo modo, para aquela mesma fortaleza, através dessas mesmas ruas. Chegava-se à ponte da Trindade. Já se podia ver, contra o céu, acima das casamatas, o campanário dourado de Pedro-e-Paulo. "E agora sou eu, eu que estou levando para lá homens que vão ver executados!", pensava B... arrepiado. Pareceu que ia sufocar. Estavam chegando.

"Pare!", gritou para o motorista.

O automóvel se deteve a 200 metros do portal da cidadela. B... devia estar mais alterado do que seus prisioneiros. Abriu bruscamente a porta do carro, fez um gesto na direção da rua deserta: "Vão embora!"

"Você não pode imaginar", dizia-me ele depois, "o alívio que experimentei naquele momento..."

Sim. Em certo sentido, compreendo esse gesto. Não sofri eu também anos de prisão? Mas esse gesto me parece louco, de uma loucura bem libertária. Não é um crime deixar partir terroristas brancos nas ruas de Petrogrado vermelha?

Por menos freqüente que tivesse sido, esse tipo de generosidade teria significado o suicídio da revolução. Para a salvação de uma revolução é necessária a firmeza implacável de um Dzerjinsk - aliás, ele também um antigo forçado.

... Seis semanas se passaram desde aqueles dias de pesadelo e de epopéia. A vitória dos vermelhos se confirmou de maneira magnífica. O segundo aniversário da Revolução de

Outubro pôde ser comemorado, sobriamente, numa atmosfera de força e de confiança.

Em 40 dias mais ou menos, desde a Sibéria ocidental até Tomsk e a Ucrânia - Kiev, Karkov, Poltava - e até o Don, foram reconquistados.

O que resta do "exército nacional" do governo do noroeste debate-se sob os muros de Narva entre tenazes de ferro, e em certos jornais russos-brancos da Finlândia comenta-se livremente a derrota de Yudenitch. Imperícia do comando, burocratismo, arbitrariedade, ditadura dos graduados, imprevidência. Assim ela é explicada. Ao chegar a Gatchina, longe de poder alimentar a população que acabavam de "libertar", os brancos não tinham mais pão nem para eles mesmos. Assim, no brejo minúsculo em que coaxam os sapos do antigo regime, que, também eles, "querem um rei", todos os erros do tsarismo, os erros de Liao-Yang, de Tsu-Shima, da Polónia, da Galícia, da Romênia têm novamente início. Esses exilados, como os de antanho, nada aprendem, nada esquecem.

Mas eles nos ensinaram a erguer barricadas: nas cercanias de Smolny, um verdadeiro forte feito de sacos de terra, provido, no centro, de um poste telefônico blindado, ainda está esperando os dois canhões que acabaram de lhe tirar. Agora, ele está coberto de neve. E são de um pitoresco algo épico todas essas fortificações - que sugerem a idéia de uma rebelião previdente e sábia - espalhadas pela cidade infinitamente calma sob seu manto de neve.

PETROGRADO, NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1919.

YUDENITCH

O QUE SE PASSOU DO OUTRO LADO DA FRENTE DE BATALHA?

Sobre a "batalha de Petrogrado", possuímos dois livros escritos por nossos inimigos. Um, ilegível, é do general-maior A.-P. Rodzianko; o outro, *Às Portas de Petrogrado*, denso e confuso, é de Kirdetsov, que fez a campanha na qualidade de diretor de um periódico branco oficioso. Este oferece documentação abundante e esclarecedora.

DENTRO DO CÍRCULO DE FERRO E FOGO

No verão de 1919, esta era a situação militar da República dos Sovietes. Os generais Miller e Ironside, apoiados por tropas inglesas e norte-americanas, ocupam Arkhangel, Murmansk e descem até Chenkursk. Os letonianos, com a ajuda dos veteranos de von der Goltz, acabam de tomar Riga. Os poloneses ocupam Mosyr. Koltchak marcha sobre Samara e Kazan. Denikin ocupa o Kuban, o Don e continua avançando. Petluria, Makhno e Grigoriev devastam a Ucrânia. Entre Narva e Pskov, a sudoeste de Petrogrado, o exército branco do noroeste, comandado pelos bandidos Rodzianko (general-maior) e Bulak-Balakhovitch, domina a zona rural. A 1 de janeiro, a frota inglesa fez sua aparição no golfo da Finlândia, pondo a pique um destróier vermelho e capturando dois outros, o *Spartacus* e o *Astroil*, que o almirante Kovan havia conflado ao governo estoniano. O círculo de ferro e de fogo está completo, fechado. Lord Churchill e Pichon estão chelos de esperança. "Os bolcheviques, nós os venceremos!" "*Todos os socialistas*", escreveu Kirdetsov, "são a favor da intervenção."

Em maio-junho, Rodzianko tenta um ataque de surpresa contra Petrogrado. Suas tropas compõem-se de oficiais reacionários, de mercenários russos do conde Liven, equipados e treinados por von der Goltz, e de cavaleiros de Bulak-Bala-

khovitch. O exército nacional do noroeste toma Pskov, Yamburgo, Gdov, assinalando com enforcados o caminho por onde passava. Guerra de bandidos, guerra de traição: o regimento vermelho de Semenov, corrompido pelos socialistas-revolucionários, degola seus comissários e se passa para o lado dos brancos; o forte de Krasnaia-Gorka lhes é entregue por oficiais que haviam simulado aderir aos soviets¹.

A 14 de junho, uma ordem do almirante Koltchak, governador supremo, nomeia Yudenitch generalíssimo do noroeste. Yudenitch? Era o herói - por acaso - de Erzerum. "Um senhor de cerca de 50 anos, gordo e atarracado, com um pescoço de touro e longos bigodes", figura, aliás, sem mérito algum, limitado, incapaz de uma iniciativa ou de um brilho de inteligência. Porém, sabendo obedecer quando se tratava de restabelecer a ordem. O perfeito carrasco eventual. Ele vive em Helsingfors, rodeado de antigos notáveis da reação russa: Kartachev, Kuzmin-Karavaev, em meio à "irrespirável atmosfera de espionagem criada pelos agentes da Entente". Por trás dele, duas altas autoridades: Koltchak, que ensanguenta a Sibéria, e a Conferência Nacional de Paris, espécie de governo *in partibus* no exílio, onde convivem os antigos lacaios do tsarismo, Sazonov e Lvolski - os homens de 1 de agosto de 1914 -, o ex-terrorista socialista-revolucionário Savinkov, os ex-embaixadores de Keresnki, Behmetiev e Maklakov, o velho sábio "revolucionário" Tchaicovski...; em suma, todas as reações coligadas. Um torpedeiro francês conduz Yudenitch até suas tropas, de Helsingfors até a Estônia.

A FINLÂNDIA E A ESTÔNIA

A fronteira finlandesa encontra-se a 40 km de Petrogrado e a fronteira estoniana, a 120. Na Finlândia, o poder é exercido pelo carrasco Mannerheim, desde que reprimiu atrocemente a insurreição comunista de 1918. Suas milícias brancas contam com 120 mil homens aguerridos e superiormente armados. Os alemães, cuja ajuda fora antes solicitada pelo presidente da república, Svinhufvud, deixaram, ao partir, estoques de armas e de munições. Oficiais franceses da missão Etiévant organizam seu estado-maior. Contudo,

1. Fiz um relato desses acontecimentos em um dos Cahiers du Travail publicados em 1921: "Pendant la Guerre Civile", Librairie du Travail.

a preocupação predominante da Finlândia é garantir a independência nacional. Ela não se esquece de que Kerenski havia nomeado um governador-geral para ela e que os bolcheviques, ao contrário, reconheceram-lhe o direito de dispor de si mesma. Habilidade decisiva, como se verá. O interesse de classe, o ódio contra o vermelho, impelem a Finlândia branca a colaborar na tomada de Petrogrado. Mas e depois? Que poder se instalará na capital russa? Como monarquistas, Kartachev e Kuzmin-Karavaev, conselheiros de Yudenitch, recusam-se, do mesmo modo que o almirante Koltchak, a reconhecer a independência da Finlândia, reconhecida, no entanto, pela França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. Democrática, a Conferência de Paris lhe opõe a mesma recusa. "Apenas a futura assembleia constituinte par-russa terá competência para atribuir a independência aos estados limítrofes da Rússia", esta é a fórmula polida, diplomática, de uma recusa irredutível. Saqueadores desavergonhados, os burgueses da Finlândia, contrariando todo direito, apoderaram-se dos navios russos em seus portos, dos bens russos (até mesmo os da Cruz Vermelha) em seu território. Assim é que entendem o respeito à propriedade privada. Qualquer governo burguês instaurado em Petrogrado os faria prestar contas disso. Não será melhor deixar que a Rússia se consuma em lutas intestinas e aproveitar-se de sua fraqueza? Essa posição, considerada sábia, só é combatida pelos industriais e comerciantes que viviam outrora do comércio com a Rússia, à qual vendiam papel e da qual compravam trigo, que, depois disso, lhes é vendido caro pelos Estados Unidos. A Finlândia está, pois, perplexa. Tem também razões para temer sua própria classe operária, derrotada mas ainda temível. Ela hesita em se empenhar a fundo contra os bolcheviques, mas permite a ação, na Karélia, de seus aventureiros, seus estudantes imperialistas, os bandos de Elven Greye, sistematicamente derrotados pelos comunistas.

A situação é análoga na Estônia. Aqui, a república deve sua existência à Inglaterra - e teve de pagá-la caro. "Não fossem as intervenções enérgicas de Clemenceau e os ingleses se apoderariam das ilhas de Oesel e de Dago" (G. Kir-detsov). Os social-democratas são influentes no gabinete de coalizão. Um deles, Rey, preside a assembleia constituinte. A Estônia, pela voz de estadistas que acabava de descobrir para si - Tennison, Piip, Poska - inquieta-se com as reticências da Conferência de Paris e dos conselheiros de Yudenitch. Exige que, após a queda dos bolcheviques, lhes sejam garantidas a paz e a autonomia. Entre os exilados brancos, ninguém pensa assim. O socialista-popular Tchaikovski diz rudemente um dia aos plenipotenciários estonianos: "A Rússia precisa de Reval".

O bloco da reação burguesa, constituído contra o bolche-

vismo, está, pois, minado por contradições internas irreduzíveis. Nem os pequeno-burgueses estonianos e finlandeses podem renunciar a sua independência nacional, nem os grandes e pequenos burgueses russos podem renunciar a suas ambições imperialistas. O conflito das influências inglesa e francesa no Báltico e a rigidez desajeitada dos chefes da reação russa completam o comprometimento da coesão dos brancos.

O GENERAL INGLÊS MARCH

Essas contradições são por demais profundas para que possam ser resolvidas por meio de negociações. Os vermelhos, enquanto isso, trabalham e a situação na frente de combate torna-se desesperada.

Intervém, então, o general inglês March.

Até aquele momento, Yudenitch exercera uma ditadura incontestada. A pedido da Conferência Política de Helsingfors, a França exerce pressão sobre a Finlândia, para onde envia tanques e aviões. De Nova York, Hoover abastece o exército russo do noroeste por conta do futuro governo provisório, reservando-se o controle da distribuição dos víveres. Porém, tudo periclitava. Ora, é preciso agir rapidamente - tomar Petrogrado - pois os estonianos não escondem que farão a paz com os bolcheviques (que lhes haviam oferecido isso), de preferência a recomençar uma campanha de inverno.

O general March decide resolver rapidamente todas as dificuldades, exatamente como faria no Sudão ou na Pérsia, porém segundo boas e antigas tradições democráticas. A 10 de agosto, convoca - com antecedência de uma hora - a comparecerem a sua casa alguns notáveis russos de Reval... e lhes dá 40 minutos para que constituam um governo democrático. Aqueles senhores se curvam. Forma-se o governo do noroeste. Lianosov, grande industrial, produtor de petróleo, é seu presidente, rodeado de intelectuais e de socialistas (dois mencheviques e dois socialistas-revolucionários). Yudenitch fica com a pasta da Guerra.

O soldado inglês impõe o programa desse governo: poder popular (é claro!), solução da questão agrária pela constituinte, legislação social e jornada de 8 horas (!), liberdades democráticas e reconhecimento da independência da Estônia. Além disso, os ministros escrevem, dirigindo-se aos soldados do exército: "Não somos um governo de capitalistas e

de proprietários. Representamos todas as classes da sociedade. Não toleraremos o retorno ao antigo regime", o que demonstra que a propaganda comunista predomina, mesmo desse lado da frente de batalha. Koltchak e a Conferência de Paris não ficarão contentes. Mas o general March e os estonianos estão satisfeitos e, no momento, isso é o que mais importa.

Em Pskov, o capitão inglês Peary-Gordon organizava, nesse interim, uma conferência democrática. Era mesmo necessário emancipar os russos!

UM GOVERNO DEMOCRÁTICO

Nada mais desolador do que o espetáculo do governo do noroeste. Não possuía território, ou quase nenhum território: o retalho da Rússia ocupado pelo exército branco era zona militar governada pelo generalíssimo Yudenitch; não tinha sequer um cêntimo; não tinha poder algum. Seus ministros distribuem, eles próprios, seus manifestos aos soldados e estão contentes por serem tolerados, apesar de sua linguagem liberal.

A história de suas finanças é totalmente digna de pena. Koltchak concedeu a Yudenitch - antes da formação do governo que prefere ignorar - a quantia de 900.000 libras esterlinas, depositada num banco de Londres. Yudenitch se apressa em emitir 500 milhões de rublos-papel. O governo dá a entender que essas cédulas são garantidas, não pelos recursos depositados na Inglaterra, mas pela própria Inglaterra, provocando um cruel desmentido do *Foreign Office*. Depois passa a viver dessas cédulas, enquanto Yudenitch gasta os recursos - com tal imprevidência que, quando da derrota, já não tinha em caixa mais do que 250 mil libras (e o armamento, as munições e os víveres eram fornecidos pelos aliados a crédito, na conta da futura Rússia). As cédulas *Yudenki* foram vendidas, ao final da aventura, a peso de papel, para uma fábrica de papel estoniana....

E o que se passa no território do noroeste? Deixemos que o relate Kirdetsov, confidente dos ministros de Reval. Em região libertada dos bolcheviques, eram aplicadas as leis em vigor em tempo de guerra nos países inimigos ocupados. "É uma bacanal e é a ruína quase completa. Por toda parte, a arbitrariedade dos chefes de bandos..." O exército vende por preço elevado, à população faminta, a farinha norte-ameri-

cana... que não lhe pertence, pois foi comprada por um Conselho de Estado. Em Pskov, Bulak-Balakhovitch fabrica notas falsas de Kerenski. Em Yamburgo, Pskov e Gdov, pessoas suspeitas de simpatizar-se com os vermelhos são executadas em plena rua; são centenas delas, torturadas e, depois, enforcadas. Na zona rural, requisitam-se trigo, batatas, gado.

UM EXÉRCITO NACIONAL

É o exército? Ele é indigente, miserável, saqueado por uma intendência composta exclusivamente de ladrões e imbecis. Os fardamentos, enviados em grande quantidade pelos aliados, são utilizados para vestir os civis da retaguarda; na frente de batalha, metade dos homens vive em farrapos. Para 18 mil combatentes, dispunha-se de 109 mil pares de calçados, seis vezes mais do que o necessário: metade dos soldados não recebeu calçado algum. Na retaguarda, os depósitos de víveres estavam atulhados de conservas: mas os soldados passavam fome. Escroque, ou juguete complacente de escroques, o general Ivanov, chefe da Intendência, solicitava víveres para 200 mil homens, quando, no total, tinha 70 mil bocas. Pois, para 18 mil combatentes mal alimentados, mais de 50 mil "mobilizados" ou civis dispensados do serviço militar comiam bem na retaguarda. Os transportes eram deficientes. Incúria: haviam sido comprados caminhões, mas não combustíveis! Depois, comprou-se combustível em Copenhague, mas tarde demais e a preços ruinosos. Do mesmo modo, compraram-se aviões que foram pagos, mas nunca foram entregues. Todos esses abusos foram, posteriormente, descobertos por uma Comissão de Revisão de Contas, à qual não restou, após pagar as dívidas do exército, senão 5 milhões de marcos estonianos.

Esse pequeno exército de roubados e esse grande exército de roubadores tinha 53 generais em atividade, entre os quais figuram o ex-atamã Krasnov, Glazenap e o típico Vladimirov (cujo nome verdadeiro era Novogrebelsky). Este, muito influente, era o chefe da polícia política e da contra-espionagem.

Às vezes, ele publicava falsos manifestos do Conselho Revolucionário do Exército Vermelho. Elaborou antecipadamente a relação dos indesejáveis que não teriam permissão para entrar em Petrogrado. Aconselhou Yudenitch a nela incluir to-

do o governo. Formou equipes de homens de confiança, que dispunham de automóveis, encarregados de praticar em Petrogrado, a partir da entrada dos brancos, a pequena carnificina necessária.

A VITÓRIA E O DESMORONAMENTO

A ofensiva teve início a 28 de setembro, com um ataque de tanques coroado de êxito (os ingleses haviam enviado seis tanques). A 6 de outubro, após uma marcha vitoriosa sem interrupção, os brancos chegaram às portas de Petrogrado, em Gatchina. Depois, tomaram Tsarkoie-Selo. Yudenitch, confiante no êxito, ordenou que se enviassem urgentemente víveres para Petrogrado.

Um exame de especuladores e de homens de rapina já se abatia sobre os arrabaldes de Petrogrado. O representante de um consórcio de bancos ingleses chegava para organizar na capital um banco emissor anglo-russo. Imóveis da Nevski eram vendidos e comprados. Os negócios atingiam o auge. O marco estoniano caía; os *yudenki* subiam.

Durante aqueles mesmos dias, Denikin chegava a Orel, ameaçava os arsenais de Tula, derradeiro bastião de Moscou. Desejosa de participar da pilhagem iminente, a Finlândia ia atacar. O social-democrata Horn, membro do governo do noroeste, influenciava a opinião finlandesa. A Finlândia somente exigia o reembolso, garantido pelos aliados, de seus custos de campanha, ou seja, 50 milhões de francos: negócios são negócios...

E subitamente, de um dia para o outro, a 20 de outubro, após o êxito do dia 19, veio a derrota militar.

"/.../ Os bolcheviques revelaram a habilidade diabólica com que se livram das mais difíceis situações, por meio de uma propaganda intensiva e de vigorosas ações militares, enquanto que nosso exército jamais estava preparado /.../. Em Petrogrado, contrariando as estimativas de Yudenitch, não se verificaram nem distúrbios, nem greves, porque nem os operários, nem a democracia da cidade estavam realmente convencidos de que o governo do noroeste lhes trouxesse a *Liberdade, o Pão e o Poder Popular*. Ao contrário, Trotsky teve rápido êxito em concentrar as reservas convocadas de

toda parte e em formar batalhões operários comunistas entusiastas. Segundo testemunhos do estado-maior de Yudenitch, esses batalhões, os marinheiros e os aspirantes se bateram como leões /.../" Kirdetsov, de quem reproduzi as linhas acima, fala também da "energia devoradora de Trotsky". A 20 de outubro, os vermelhos assumiram a ofensiva em Pulkovo, a poucos quilômetros de Petrogrado.

"Após nossos primeiros êxitos", escreveu ainda Kirdetsov, "tivéramos a sensação de uma vitória fácil a seguir. Foi um júbilo generalizado. Em contraposição, aos primeiros reveses, o comando ficou completamente atarantado." A ligação era deploravelmente precária. Yudenitch não sabia onde se encontravam suas diversas unidades. A derrota o pegou desprevenido.

Os vermelhos esboçam um movimento duplo, contornando ao norte por Krasnaia-Korba e ao sul por Dno. A 8 de novembro, Gdov foi tomada. A 14, Yamburgo. Yudenitch abandonou a frente de batalha, transmitindo o comando a Glazenap. Os estonianos que decididamente querem a paz com os soviets desarmam o que resta do exército branco estafado, faminto e desmoralizado. Quatorze mil tifosos lotam os lazaretos e os cemitérios. Os válidos são recolhidos a campos de concentração, sem abrigo, à temperatura de 7 graus negativos - ou enviados para o trabalho nas florestas, em condições de escravos.

AS CAUSAS

Por que esse desmoronamento? Os autores em que nos baseamos se queixam da inação da frota inglesa e da atividade inesperada da frota vermelha; da imprevidência de Yudenitch; do ataque do *condottiere* monarquista russo-alemão Bermont-Avalov contra Riga, que obrigou os estonianos a se voltarem para esse novo inimigo; e das rivalidades entre os generais brancos. Citam o general Vietranko que, encarregado de cortar, em Tosno, a ferrovia entre Petrogrado e Moscou, preferiu marchar sobre Petrogrado para que ninguém lhe passasse à frente nisso, e deixou o caminho livre para os reforços pedidos por Trotsky.

Sem dúvida, todos esses fatores tiveram importância. Mas sabemos de muita coisa para percebermos outras causas imediatas diversas importantes - e outras causas profundas -

da derrocada dos brancos.

Seria insensato acreditar-se que um pequeno exército de casta (de casta militar), dirigido por homens do antigo regime, que não mereciam sequer a confiança da burguesia, tendo à frente um velho imbecil de gaiões, investido de autoridade ilimitada, trazendo de volta os supícios do antigo regime, seus policiais execrados, sua burocracia senil e seus costumes que se haviam tornado intoleráveis pelas deformações e exageros dos tempos da guerra, pudesse vencer uma grande cidade operária, onde milhares e milhares de pobres estavam conscientes de estarem lutando ao mesmo tempo pela própria vida e por seu ideal.

O exército de Yudenitch não tinha por trás de si senão a pequena Estônia hostil. Petrogrado tinha atrás de si a imensa Rússia vermelha. - Naquele, havia aventureiros, mercenários, uma casta, um rebanho sombrio de soldados impelidos para o abatedouro. Neste, uma classe revolucionária consciente. - Naquele, o velho Yudenitch, o carrasco Rodzianko, insignificantes Glazenap e Vladimirov; neste, Trotsky, Avrov, encarregando a juventude e a energia, os comunistas.

Finalmente, por suas divisões internas, pelas rivalidades intestinas inerentes à sociedade capitalista, por todas as taras do antigo regime pelo qual era oprimida, a contra-revolução russa, em Petrogrado como em outras partes, estava irremediavelmente condenada por antecipação. Além disso, defrontava-se com a maior força material e moral do século: os interesses e a consciência de uma classe à qual pertence o futuro. A frota inglesa não interveio porque a opinião operária inglesa não teria tolerado sua intervenção.

Tudo isso está prenhe de ensinamentos. Saliente-se a total impotência da democracia na contra-revolução, bem como a participação e o papel dos *socialistas* no governo do noeste.

VICTOR SERGE

Serge, melhor do que ninguém, caracterizou a si mesmo: "Nasci por acaso em Bruxelas (1890), nas estradas do mundo, pois meus pais, em busca do pão cotidiano e das boas bibliotecas, viajavam entre Londres, Paris, Suíça e Bélgica. Em nossos pequenos alojamentos improvisados, havia sempre, nas paredes, retratos de enforcados. As conversas dos adultos se referiam a processos, execuções, evasões, a caminhos da Sibéria..."

"É de perceber que pouco interesse tenho de falar de mim mesmo. /.../ a pessoa humana aparece-me como um valor muito elevado, mas integrado à sociedade e à história. A experiência e o pensamento de um homem só têm significado digno de ser retido nesse sentido."

"Minhas inclinações sempre me levaram ao trabalho intelectual. Poucas satisfações me parecem tão grandes quanto as de compreender e exprimir. Provavelmente é aos meus livros que mais me apego, mas produzi muito menos do que o desejaria, apressadamente, sem poder me reler, lutando. Meus livros tiveram um destino singular. Na minha primeira pátria, a Rússia, e exatamente porque eu pretendia servi-la sem mentiras, foram proibidos, todos, antes mesmo de serem publicados. /.../ Em contraposição, minha história dos inícios da revolução, publicada em Paris e Madri, faz parte dos três ou quatro trabalhos honestos e relativamente completos sobre uma época cujos documentos foram destruídos, as memórias falsificadas e as testemunhas fuziladas..."

"...insisto em considerar o pensamento crítico e lúcido como uma necessidade absoluta, como um imperativo categórico ao qual não é possível se subtrair sem se degradar e fazer mal à coletividade, além de ser a fonte de elevadas satisfações... Melhores épocas virão, talvez estejam próximas. Trata-se de resistir e se manter até lá."

O autor de *Memórias de Um Revolucionário* (fragmentos acima, C. das Letras/1987) morreu também no exílio em 1947 no México, deixando uma obra de dezenas de volumes que incursiona, de um lado, pela ensaística histórica, literária e política, e, de outro, por diversos gêneros literários.

A ENSAIO dele já publicou *TROTSKY - Vida e Morte* (1992) e *Literatura e Revolução* - Cadernos Ensaio IV) - (1989).

HOMEM/TRABALHO/SOCIABILIDADE

ensaio

REVISTA DE FILOSOFIA/POLÍTICA/CIÊNCIA DA HISTÓRIA

178 / ensaio

FILOSOFIA/POLÍTICA/CIÊNCIA DA HISTÓRIA

A SUCESSÃO NA CRISE E A CRISE NA ESQUERDA
J. Chasin



CONSTITUINTE E REVOLUÇÃO
Florestan Fernandes

- István Mészáros
- Georg Lukács
- Ernest Mandel
- Carlos Eduardo O. Berriel
- Octávio Ianni
- José Paulo Bandeira da Silveira
- Lígia Maria Osório
- Ivo Tonet
- Michael Löwy
- Gabriel Vargas Lozano
- Sérgio A. Lessa Filho
- Mário Duayer
- Francisco José Soares Teixeira
- Ester Vasman

- A EXPLOÇÃO DA SIDERÚRGICA
Depoimento de Juares Antunes



10 ANOS DE CRÍTICA E PESQUISA



editora ensaio

MOVIMENTO DE IDÉIAS/IDÉIAS EM MOVIMENTO

cadernos
ensaio
SÉRIE GRANDE FORMATO

1. **Marx Hoje** *Volume Um*
J. Chasin (Organizador)
2. **Marx Hoje** *Volume Dois (A sair)*
J. Chasin (Organizador)
3. **Crônica de Marx**
Maximilien Rubel
4. **Mário de Andrade Hoje**
Carlos E. Berriel (Organizador)
5. **Crônicas da Comuna**
Escritores Franceses
6. **Trotsky Hoje**
Oswaldo Coggiola (Organizador)
7. **Pensamento Vivido** *(A sair)*
Georg Lukács

cadernos
ensaio
SÉRIE PEQUENO FORMATO

- I. **A Burguesia e a Contra-Revolução**
Karl Marx
- II. **A Necessidade do Controle Social**
I. Mészáros
- III. **O Romance como Epopéia Burguesa** *(A sair)*
G. Lukács
- IV. **Literatura e Revolução**
V. Serge
- V. **Produção Destrutiva e Estado Capitalista**
I. Mészáros
- VI. **O Pensamento Vivo de Karl Marx**
L. Trotsky
- VII. **O Socialismo Jurídico**
F. Engels e K. Kautsky
- VIII. **Socialismo X Mercado**
E. Mandel
- IX. **A Teoria Marxiana do Valor-Trabalho**
Maria Lúcia Ferreira
- X. **Redescobrimo Marx** *(A sair)*
J.Chasin/Ester Vaisman e Outros



editora ensaio
ESTANTE DO PENSAMENTO CRÍTICO

* **ISTVÁN MÉSZÁROS**

FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL

* **ISTVÁN MÉSZÁROS**

A OBRA DE SARTRE - BUSCA DA LIBERDADE

* **JEFFREY HERF**

O MODERNISMO REACIONÁRIO

* **FRANÇOIS DOSSE**

HISTÓRIA DO ESTRUTURALISMO

* **FRANÇOIS DOSSE**

A HISTÓRIA EM MIGALHAS

* **MONIZ BANDEIRA**

ESTADO NACIONAL
E POLÍTICA INTERNACIONAL
NA AMÉRICA LATINA

* **MONIZ BANDEIRA**

DO IDEAL SOCIALISTA AO SOCIALISMO REAL:
A REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA

* **H.P.O. LISSAGARAY**

HISTÓRIA DA COMUNA DE 1871

* **ERNEST MANDEL**

A CRISE DO CAPITAL

* **LUC FERRY/ALAIN RENAUT**

PENSAMENTO 68

* **VICTOR SERGE**

TROTSKY - VIDA E MORTE

* **VICTOR SERGE**

ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

editora ensaio
ESTANTE LITERÁRIA

* **GOETHE**

OS ANOS DE APRENDIZAGEM
DE WILHELM MEISTER

* **HEINRICH MANN**

A JUVENTUDE DO REI HENRIQUE IV

* **LESAGE**

HISTÓRIA DE GIL BLAS DE SANTILLANA



O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

ANOTAÇÕES

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

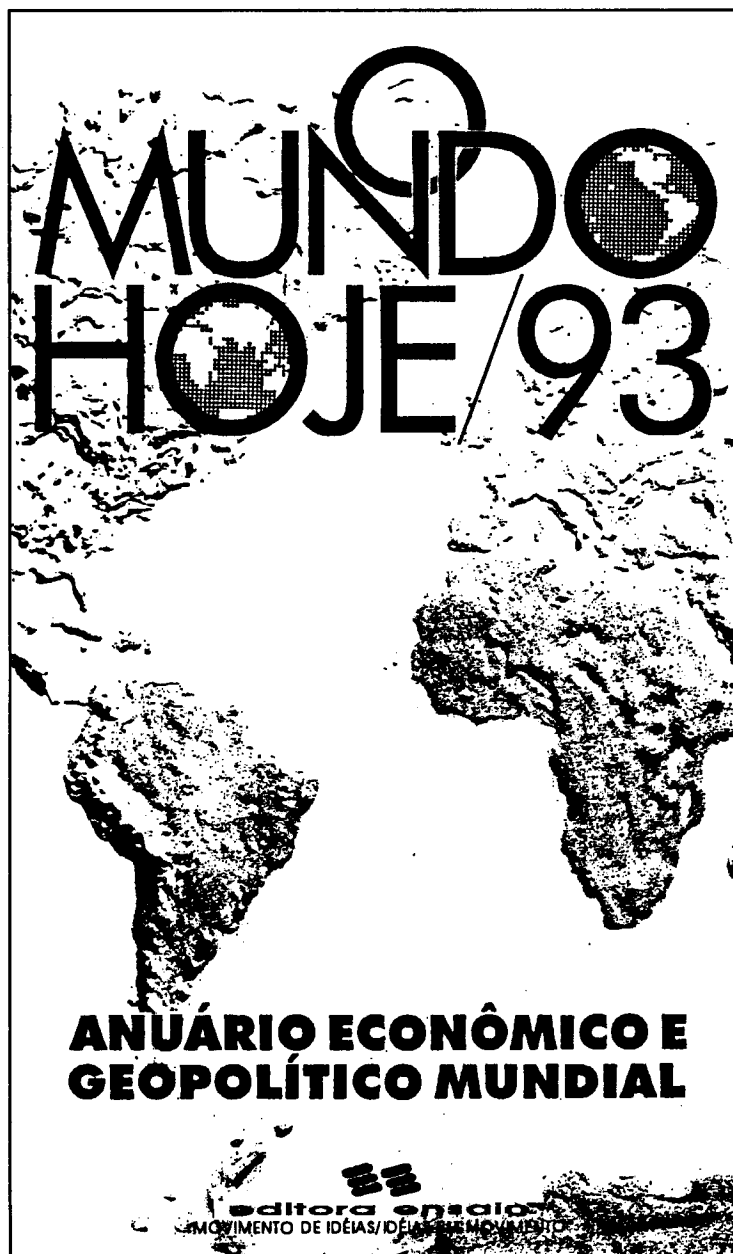
ANOTAÇÕES

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

ANOTAÇÕES

O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA

ANOTAÇÕES



SIM !

QUERO RECEBER

- sempre em primeira mão -
os materiais informativos da Editora Ensaio
que sejam do meu interesse.
PARA TANTO ENVIO - PREENCHIDO - ESTE CUPOM.

NOME

DATA DE NASCIMENTO PROFISSÃO

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

..... CEP

CIDADE ESTADO TELEFONE

1 - DOS LIVROS DA EDITORA ENSAIO CONHEÇO OS ABAIXO ASSINALADOS:

- 1 - FILOSOFIA, IDEOLOGIA E CIÊNCIA SOCIAL
* *ISTVÁN MÉSZÁROS*
- 2 - A OBRA DE SARTRE
* *ISTVÁN MÉSZÁROS*
- 3 - O MODERNISMO REACIONÁRIO
* *JEFFREY HERF*
- 4 - HISTÓRIA DO ESTRUTURALISMO
* *FRANÇOIS DOSSE*
- 5 - A HISTÓRIA EM MIGALHAS
* *FRANÇOIS DOSSE*
- 6 - ESTADO NACIONAL E POLÍTICA INTERNACIONAL NA AMÉRICA LATINA
* *MONIZ BANDEIRA*
- 7 - DO IDEAL SOCIALISTA AO SOCIALISMO REAL: A REUNIFICAÇÃO DA ALEMANHA
* *MONIZ BANDEIRA*
- 8 - HISTÓRIA DA COMUNA 1871
* *H.P.O. LISSAGARAY*
- 9 - A CRISE DO CAPITAL
* *ERNEST MANDEL*
- 10 - PENSAMENTO 68
* *LUC FERRY/ALAIN RENAULT*
- 11 - TROTSKY - VIDA E MORTE
* *VICTOR SERGE*
- 12 - ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA
* *VICTOR SERGE*
- 13 - OS ANOS DE APRENDIZADO DE WILHELM MEISTER
* *GOETHE*
- 14 - A JUVENTUDE DO REI HENRIQUE IV
* *HEINRICH MANN*
- 15 - HISTÓRIA DE GIL BLAS SANTILLANA
* *LESAGE*
- 16 - O MUNDO HOJE/93
* *ANUÁRIO ECONÔMICO E GEOPOLÍTICO MUNDIAL*

2 - DOS CADERNOS ENSAIO - SÉRIE PEQUENO FORMATO -
CONHEÇO OS ABAIXO ASSINALADOS:

I - II - III - IV - V -
VI - VII - VIII - IX - X -

3 - DOS CADERNOS ENSAIO - SÉRIE GRANDE FORMATO - CO-
NHEÇO OS ABAIXO ASSINALADOS:

1 - 2 - 3 - 4 - 5 -

4 - OS MELHORES VOLUMES PUBLICADOS SÃO:

LIVROS

PEQUENO FORMATO

GRANDE FORMATO

5) CRÍTICAS E SUGESTÕES:

6) MEUS INTERESSES DE LEITURA SÃO:

LITERATURA HISTÓRIA ECONOMIA

ASSUNTOS TÉCNICOS - QUAIS?

FILOSOFIA SOCIOLOGIA POLÍTICA

RELIGIÃO MEDICINA ECOLOGIA

SEXUALIDADE HUMORISMO QUADRINHOS

DATA/...../..... ASSINATURA

ENVIE HOJE MESMO PARA
editora ensaio
R. Tupi, 784 - 01233-000 - São Paulo - SP

O Ano I da Revolução Russa

fez recordar os melhores traços da Comuna de Paris, como pareceu que os iria ultrapassar em consistência e duração.

Não foi o que aconteceu, nem poderia ter acontecido, sem que esse desfecho possa ser compreendido como surpreendente para os grandes homens que lá estavam à frente dos acontecimentos, já que, desde o começo, depositavam todas as esperanças na revolução européia que não veio. Vieram, isto sim, as ondas sucessivas de impasses e a conseqüente impossibilidade de se mover com acerto. E daí para frente, já degenerescendo, foi o encadeamento de erros, cada vez mais brutalmente medíocres e sinistros.

Victor Serge põe em evidência, com toda razão, inúmeros enganos de avaliação e perspectiva, muitos erros práticos de graves conseqüências. O que é muito valioso, dada sua autoridade intelectual e probidade revolucionária, para suscitar as reflexões hoje indispensáveis. Mas, *sina* dos tempos em curso, ele próprio se equivoca em pontos cruciais; por exemplo, quando sustenta que "A transformação do mundo se realiza na confusão das instituições, dos movimentos e das crenças, sem o advento da consciência clara, sem o advento de um humanismo renovado, e até mesmo pondo em perigo todos os valores, todas as esperanças dos homens", ou ainda, ao declarar "que a grande maioria do povo russo se dá conta perfeitamente da impostura do socialismo oficial. Não sendo possível retorno algum ao antigo regime ou mesmo ao grande capitalismo, devido o alto grau de desenvolvimento atingido pela produção estatizada /.../ a democracia russa não poderia senão sanear, refinar e reorganizar, em benefício dos produtores, a produção socializada". Com a perspectiva histórica de hoje, pouco menos de meio século depois da morte de Serge, podemos bem avaliar a insubsistência da última asserção, e a distorção ainda mais séria da primeira.

Sina do nosso tempo... A evidência, ainda uma vez, é que todos tem errado, sem exceção. Erros diversos e desiguais em peso e implicações, mais ou menos funestos, muitas vezes tolos e outras tantas hediondos, mas todos formadores desta cordilheira de falácias que é o século XX.

Eis a sùmula pétrea do novecentos a ser escavada. A humanidade rejeitou, com toda a razão, a contrafação do leste europeu e de seus congêneres, mas ainda não foi capaz de compreender a lógica da tragédia, pela qual está visceralmente engessada. Motivo mais do que suficiente para que O ANO I DA REVOLUÇÃO RUSSA seja uma leitura obrigatória.

J. CHASIN

Impresso em offset

H GRÁFICA
EDITORA
HAMBURG

Rua Bogaert, 64
Vila Vermelha — São Paulo
Fone: 946-0233
CEP 04298-020

com filmes fornecidos pelo editor